

200.71

Ar25

CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA

ARQUIVO

MARIANO

ACADEMICO

(1924 a 1927)

BAHIA-1928

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

ARCHIVO MARIANO ACADEMICO

CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA

ARQUIVO
MARIANO
ACADEMICO

(1924 a 1927)

BAHIA
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO
Rua da Misericórdia N 1

1928



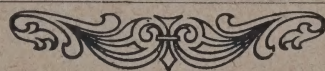
200.71
Ar25

A'. MOCIDADE. ACADEMICA
DA. BAHIA
E. DE. TODO. O. BRASIL
NVM. ANCEIO. SINCERO
DE. VÊ-LA. ESTREITADA. COMNOSCO
EM. AMPLEXO. FRATERNAL
PVGNANDO. PELOS. MESMOS. IDEAES
DE. FÉ. DE. SCIENCIA. E. DE. PATRIOTISMO
QVE. O. ARCHIVO. MARIANO. ACADEMICO
REGISTA. NAS. SVAS. CHRONICAS
E. DEFENDE. NAS. SVAS. LVCVBRAÇÕES
OS. ESTVDANTES. DOS. CVRSOS. SVPERIORES
DA BAHIA
FILIADOS NA. CONGREGAÇÃO. MARIANA
ACADEMICA
E. NO. CIRCVLO. CATHOLICO. DE. ESTVDOS
O. D. C.

latim am mro



INDICE



ÍNDICE

DEDICATORIA	V
O NOSSO PRIMEIRO VOLUME	1
JUIZOS DA IMPRENSA	5
Uma obra de Religião e de valor (Editorial do <i>Diario de Noticias</i>)	7
A obra cathólica da mocidade (de Arthur Ramos, no <i>Diario da Bahia</i>)	11
Espírito de Moços (de Benedicto Cardoso, no <i>Diario da Bahia</i>)	15
Plumas (de J. M. Leal de Macedo, na <i>Fa- milia</i>)	19
Archivo Mariano Académico (da Redacção dos <i>Legionarios das Missões</i>)	23
Congregação Mariana Académica (de Soa- res de Azevedo, nas <i>Vozes de Petropolis</i>)	25
Archivo Mariano Académico (da Redacção da <i>Civiltà Cattolica</i>)	35
Item (de J. A. M., na <i>Broteria</i>)	37
A Congregação Academica da Bahia (da Red. dos <i>Cahiers de Notre Dame</i>)	39
Transformismo, Lexicographia e Linguis- tica (de Antenor Nascentes, no <i>Correio da Manhã</i>)	45
PRIMEIRA PARTE — CHRONICAS (1924 a . 1927)	49
I. CHRONICA DA C. M. A.	51
Vida Interna da Congregação	53
Secções da C. M. A.	55
Actividade externa dos Congregados	56

II

Deixando o mundo	58
Impressões de ausentes	59
Encomios de juizes competentes	61
O anniversario do nosso Director em 24 e 25	64
Conclusão de Maio em 24 e 25	64
D. Augusto Alvaro da Silva	70
Estudantes de Coimbra	73
Ordem publica no Brasil	74
Excursão a Itaparica	74
Peregrinação Brasileira a Roma	76
Utilidade Publica Federal	77
Solemnidades Religiosas — Eleições de 1924	79
Eleições de 1925	81
Exercicios Espirituaes Fechados	84
Eleições de 1926	86
As Secções da C. M. A., em 1926	88
Passamento do Ir. Lourenço Pereira	89
Morte de D. Amelia Rodrigues	90
A festa Marial de 26	91
Congresso das Vocações Sacerdotaes	92
O artigo de Maria Desideria, nas <i>Vozes de Petropolis</i>	93
Contra o projecto de lei do Divorcio	101
A perseguição Mexicana	101
Jubileu do Anno Santo	101
Centenario Aloysiano	102
A saudação de Costa Candal, em Roma....	113
Exercicios Fechados de 26	118
Anno de 27 — Abertura e Eleições	119
Após a Peregrinação Mariana	121
Conclusão de Maio em 27	122
Oitavo turno de Exercicios fechados.....	123
A Campanha em favor da Moralidade....	124
O Pic-nic na Pituba	130
A festa Patronal de 27	131
Bibliotheca	132
II. CHRONICA DO C. C. E. M. A.....	135
O Circulo em 1924 e 1925	137
A Conferencia do Dr. Placido de Mello.....	137
Outras Sessões	145
Socios Bemfeitores	146

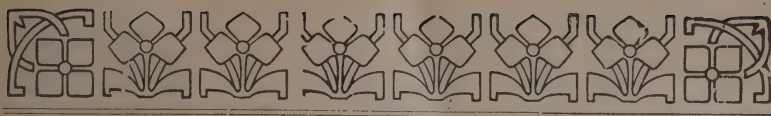
Directorias	146
O Circulo em 1926	147
Conselho em 1926 e 1927	148
Os trabalhos em 27	149
Primeiro Decennio	149
Yves de la Brière	150
Anniversario do nosso Director	151
III. CHRONICA DO P. M. A.	153
O quadriennio de 24 a 27.	155
O S. João	155
Benemerencias	157
Pagina de Saudade	159
IV. RELATORIOS DAS SESSÕES	161
Do C. C. E. M. A., por Octacilio de C. Lopes	163
Nota sobre o A. da O., de Thales de Azevedo	165
Do P. M. A., por A. de Freitas Paim	167
Da Conferencia Vicentina, por Francisco	
Leite Netto	169
Da Commissão de Catequese, por Gilberto	
Cerqueira Lima	173
Da Secção de Hospitaes, por Antonio Lyrio	
Callou	179
Da Secção de Aulas Nocturnas, por Joaquim	
de Araujo Lima	181
Do Gabinete de Leitura, por José Fernando	
Vianna	911
SEGUNDA PARTE — DISSERTAÇÕES E AL-	
LOCUÇÕES	
A' sombra do Catholicismo, pelo Dr. Anisio	
Spinola Teixeira	197
A imprensa, do ponto de vista social, pelo	
Acad. Octacilio de C. Lopes	217
"Per ardua surgo!"—"Per crucem ad lu-	
cem!", pelo P. Luiz G. Cabral S. J.	243
Renascimento Marial da Juventude Maria-	
na, pelo Acad. Raul Velloso Saraiva ...	255
Religião e Patria, poesia do P. Luiz G. Ca-	
bral S. J.	267

IV

"Acies ordinata", pelo Dr. Anísio Spinola Teixeira	275
Bolchevismd, pelo Acad. Thales de Azevedo	287
Na data Patriótica de 7 de Setembro, pelo Acad. Thales de Azevedo	303
Economia, pelo Acad. Joaquim de Araujo Lima	309
Panoramas, pelo P. Luiz G. Cabral, S. J. ...	327
Jacques Rivière, pelo Dr. Anísio Spinola Teixeira	337
Pethion de Villar humorista, pelo Acad. Octacilio de C. Lopes	351
Que tem sido o nosso Circulo, pelo Acad. Octacilio de C. Lopes	381
Insinuações de prophylaxia na bocca das creanças, pelo Cir. Dent. Raphael Valverde	389
Os catholicos e o Papa, pelo Doutorando Thales de Azevedo	397
Congregações Marianas e Vocações Sacerdotaes, pelo Acad. Octacilio de C. Lopes	403
A falta de Sacerdotes no sertão, pelo Acad. Joaquim de Araujo Lima	423
A proposito de Indianologia e Toponymia do Brazil, pelo Dr. Theodoro Sampaio	445
O P. Torrend e o Livro, pelo Doutorando Octacilio de C. Lopes	461
Ao R. P. Camillo Torrend, pelo Doutorando Thales de Azevedo	467
O Ceará e os Cearenses, pelo Acad. J. B. Saraiva Leão	473
Au R. P. Yves de la Brière, pelo P. Luiz G. Cabral, S. J.	493
L'Action Catholique et le rôle des élites, pelo P. Yves de la Brière, S. J.	499
Merci! pelo Dr. A. B. de Vasconcellos Queiroz	513
Protestos e silencio, pelo Doutorando Octacilio de C. Lopes	521
Bolchevismos, pelo Doutorando Thales de Azevedo	529

Felicitações, pelo Doutorando Octacilio de C. Lopes	537
Obrigado! pelo Doutorando Thales de Aze- vedo	545
Da Odontologia, pelo Odontolando Julio Lobo	551
APPENDICE	565
A' memoria de João Martins Carvalho, pelo Eng. ^o Antonio Bulcão	565
O feminismo e o lar, por D. Amelia Rodri- gues	569

A. M. D. G.



O NOSSO PRIMEIRO VOLUME

Foi acolhido com muita sympathia, sobretudo nos meios intellectuaes, o 1.º volume do nosso "Archivo", referente ao periodo de 1916 a 1923.

A' amisade desinteressada do saudoso Senador Dr. Eduardo Gomes Ferreira Velloso devemos o ter sido apresentado á Assembléa do Estado o Memorial sollicitando a publicação, por conta do Governo, dos factos da Congregação Mariana Academica, e de todo o movimento das suas obras sociaes, bem como a edição *in extenso* dos trabalhos apresentados no Circulo de Estudos.

Transcrevemos esse Memorial do "Diario da Assembléa" de 12 de Julho de 1922:

Exmo. Senhor Presidente e mais Membros do Senado da Bahia.

"A CONGREGAÇÃO MARIANA, para ACADEMICOS de ESCOLAS SUPERIORES, em conformidade com o determinado nas suas regras, sobre a fundação de secções sociaes e de estudo, e com o fim de alargar a esphera do seu zelo, resolveu fundar entre os Academicos que frequentam as Faculdades Superiores da Bahia um Circulo de Estudos com o nome de CIRCULO CATHOLICO DE ESTUDOS DA MOÇIDADE ACADEMICA" (De art. 1.º dos Estatutos).

Não menos que a Congregação Mariana Academica, da qual é Secção, este CIRCULO DE ESTUDOS, que está funcçãoando desde 1917, tem sido de notorio proveito para a cultura intellectual, moral e civica da Mocidade nos Cursos Superiores desta Capital.

“Tendo em mira um ideal patriotico de progresso, dignidade e energia no meio social Brasileiro, propõe-se o Circulo imprimir em si e nos outros uma orientação intellectual e moral plenamente sã.” (Art. 5.º).

Para este fim, o Circulo tem reuniões mensaes, onde, além de uma exposição do Director, são lidas dissertações originaes de Academicos, terminadas pela discussão calorosa das idéas e argumentos nellas expendidos.

Ora, seria de grande alcance, não só para perpetuar esses estudos, mas para dar maior brio ao trabalho pessoal desta mocidade Academica, que houvesse uma Revista em que essas dissertações se archivassem.

O Circulo porém não dispõe de recursos para taes publicações. Por este motivo:

considerando que esta Aggremação é notoriamente benemerita da cultura intellectual, moral e civica dos Estudantes das Escolas Superiores;

considerando que não poucas summidades do meio Bahiano, entre as quaes numerosos Cathedraticos das Escolas Superiores, lhe garantiram a importancia, honrando-a com inscrever-se nella, como o prova o Annuario annexo;

considerando que as dissertações do Circulo versam sobre problemas variadissimos, na especialidade de cada Faculdade e na generalidade das questões sociaes e patrioticas;

a CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA e o CIRCULO CATHOLICO DE ESTUDOS, a ella annexo, veem pedir, como valioso auxilio para os seus esforços patrioticos e civilizadores que, visto ser muito dispendiosa a publicação de uma Revista mensal, seja ao menos editado á custa do Estado um volume annual, approximadamente em papel, typo, dimensões e numero de paginas, como um numero de Révista do Instituto Geo-

graphico e Historico da Bahia, no qual, uma vez por anno sequer, se dê conta do movimento da CONGREGAÇÃO e do CIRCULO no respectivo exercicio annual, e se publiquem os trabalhos lidos e discutidos durante o mesmo exercicio.

Sala das Sessões da C. M. A. e do C. C. E. M. A.

O Director da Congregação Mariana (a) *P. Luiz Gonzaga Cabral*.

Convertido em *Projecto*, approvado após as discussões regimentaes e sancionado pelo Exmo. Governador, Dr. José Joaquim Seabra, fez parte da lei Orçamentaria para 1923.

Pela ordem chronologica, com que foram apparecendo, transcrevemos as opiniões com que nos honraram alguns illustres criticos nacionaes e estrangeiros.

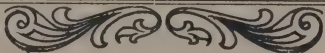
A todos o nosso reconhecido agradecimento pelas palavras de conselho, incentivo e parabem que se dignaram enviar-nos.





JUIZOS DA IMPRENSA NACIONAL E ESTRANGEIRA

Sobre o Nosso Primeiro Volume





Uma obra de religião e de valor

A CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA ATRAVÉS DO SEU "ARCHIVO"

(Do *Diario de Noticias* da Bahia de 19 de Junho de 1925)

Haverá, por ahi, ainda, nestas terras da Bahia, quem ignore o esforço, o trabalho e a dedicação do Rvmo. padre Cabral S. J. uma das precipuas e mais respeitaveis figuras do clero luso-brasileiro, em favor da mocidade, pelo seu trilhar no caminho do bem, do dever, da honra, do respeito e da religião?

Quem não conhece a Congregação Mariana Academica, nas suas differentes secções, nas suas varias classes e subdivisões, destinadas a encaminhar os moços, fortalecer-lhes o animo, esclarecer-lhes as idéas religiosas, em summa, cimentar-lhes a organização de verdadeiros christãos?

Todos conhecem, por certo, a obra bemfazeja e nobre deste espirito eminentemente disciplinador, que sabe querer e dirigir, e que em poucos annos tem conseguido exercer a mais salutar influencia sobre a mocidade de nossas academias, transformando-lhe os habitos salutarmente.

^ Não possuindo ainda uma década de vida, a Congregação Mariana Academica, pois foi fundada em 10 de Maio de 1916 pelo

Revmo. Padre Antonio Maria Alves S. J. numa das salas do Collegio Antonio Vieira, os seus frutos já se espalham em messe farta e alviçareira, desdobrando-se em sementeira promissora, tudo pelos esforços do illustre jesuita Padre Cabral, pois, no anno seguinte, 1917, lhe entregavam a instituição recém-fundada.

Dahi para cá tem sido um progredir ininterrupto.

Nesse mesmo anno, cria a Congregação o Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, “com vida independente, embora a ella filiado”, composto de academicos congregados e não congregados e destinado a ser um nucleo de cultura intellectual, scientifica e literaria.

Para tal fim, em cada sessão deve “ser lido um trabalho composto por um dos socios e este arguido por outro consocio, em ordem a fomentar o gosto pelos assumptos mais elevados da cultura humana”.

Com o dobar do tempo vão se multiplicando as secções da Congregação, á proporção que se fortalece a obra.

E’ assim que, em 1920, se funda o “Pensionato Mariano Academico”. Sobre o seu valor, ouçamos o proprio mentor dos congregados: “Ha quasi tres annos que essa obra me preocupava sobremaneira. Conseguiramos formarr um escol precioso na Congregação; mas o escol não basta; é mister preservar a maioria, dos perigos de ambiente que podiam originar defecções, ou quando menos manter na vulgaridade espiritos capazes de uma media relativamente alta de virtude”.

E foi desse geito, que com o resultado pecuniario de um festival e com o encontro de “casa em condições excepçionaes de numero de janellas, bom ar, facil accommodação, proximidade das varias escolas”, se fundou ao Campo da Polvora o “Pensionato Academico”, destinado a ministrar aos congregados “uma habitação physica e moralmente hygienica”.

Para ter-se idéa dos progressos da C. M. A. basta pensar-se que em 1916 o numero de seus socios era de 8 estudantes, e, em 1923, de mais de 100, tendo muitos já formados, espalhados pelo Brasil afóra; que, em 1922, já era proprietario do predio ao Campo da Polvora onde funcçiona o Pensionato; que o numero

de suas secções se multiplicou em nada menos de 10, sendo dignas de registo as do Apostolado da Oração, de Catechese ás crianças pobres, de Conferencia Vicentina e de Acção Hospitalar, cujos nomes bem lhes definem os designios.

E' esta a obra singular, extraordinária, inestimavel que se descreve e cujo valor se aquilata nas paginas do "Archivo Mariano Academico", vindas agora a lume em alentado tomo, referente aos annos de 1916 a 1923. Agradecemos o exemplar enviado a esta Redacção.

O livro está dividido em duas partes: a primeira compagina as chronicas ou relatorios da Congregação e de suas respectivas secções, nos annos supra referidos; na segunda se conteem as dissertações e allocuções proferidas no Centro Catholico de Estudos.

Bem merecem lidas e meditadas estas paginas, cheias de exemplos de trabalho, edificante registo de uma instituição respeitavel, maxime em uma terra, como a nossa, em que a iniciativa é um otivo de mofa, e a dedicação e a luta por uma causa são tanta vez malbaratadas e incomprehendidas.





A Obra Catholica da Mocidade

(Do *Diario da Bahia*, de 19 de Junho de 1925)

Emquanto tantos moços das nossas escolas superiores vivem a futilizar-se, numa displicencia criminosa, a estiolar-se vãmente nas tricas do pedibolio, ou quando não, a alardear uma falsa cultura daquella perigosa “meia-ciencia” de que fala o philosopho francês, arrotando paradoxos nas portas dos cafés — outro grupo, que hoje constitue legião, estuda e trabalha.

Conseguiram, est’outros, isolar-se da promiscuidade enervante dos futeis e dos despreoccupados, acordando para uma vida nova de meditação e de trabalho proficuo.

Não malbaratam o seu precioso tempo nas discussões de mundanismo, com o ar “blasé” das “crianças do jazz”; nem possuem a enfatuação dos arautos de uma sciencia mal digerida.

São moços que cursam as nossas escolas superiores, e cujo exemplo já se converteu numa lição edificante para os seus collegas universitarios.

Quero referir-me aos jovens da “Congregação Mariana Academica”, que, de ha nove annos, veem pugnando por um ideal elevado, pela religião e pela moral.

Dirige-os essa individualidade inconfundivel do Revmo. Pa-

dre Gonzaga Cabral, um espirito superior de philosopho e de artista, que, verdadeiro "*meneur*" de intelligencias e de caracteres, vem joeirando actividades, esquadrinhando vocações, lendo fundo no coração dos moços, concitando-os á dignificação do trabalho espiritual, e á sublimação dos sentimentos e dos actos.

Agora, decorridos nove annos de actividade, julgada superiormente esta obra pela experiencia dos doutos, apontada como monumento duradouro, forte e bello, que não mais derrubam os embates furiosos do siroco, reúnem os moços os seus trabalhos em livro, o "*Archivo Mariano Academico*".

Por ahi se tem os esclarecimentos do que tem sido esta instituição gigantesca, e a sua finalidade transparece grandiosa e brilhante.

Não são meros suggestionados ou fanaticos os jovens que constituem esta phalange.

Ali está o escol intellectual das Faculdades de Ensino Superior.

Dirão: E'o conflicto entre a religião e a sciencia?! Não ha incompatibilidade de vistas entre ellas?!...

Acho que a sedição questão do conflicto scientifico-religioso desaparece se adoptarmos aquelle ponto de vista que o professor Grasset defende em "*Les limites de la biologie*" (V. pgs. 153 e sgs.).

A sciencia tem a sua actividade propria, os seus methodos, os seus limites.

A religião abraça outro campo de pesquisas.

O professor de Montpellier considera, assim, a Biologia e a Theologia separadas em seus dominios. "Não se contradizem, mas completam-se".

E o scienista poderá "ir, successivamente" ao seu laboratorio e ao seu oratorio".

Quasi semelhantes a estas são as considerações de Emilio Boutroux (*Science et Religion*, pgs 228 e sgs.) e outros eminentes pensadores, para quem a sciencia tem os seus limites naturaes na experiencia.

Para além, são os dominios vedados de "terra incognita"

onde bailam diante dos nossos olhos cansados os eternos problemas que veem desafiando a argúcia humana — a essência da matéria e da força, a origem do movimento, a origem da sensação simples, a liberdade da vontade — e que Du Bois Raymond reputou insolúveis num discurso celebre e muito citado.

Diante dessa região do mysterio e do absoluto, o homem pára, esfalfado e humilhado, curvando a cerviz ao peso do “ignorabimus”, murmurando o “que sçais-je?” de Montaigne, e pedindo á crença o que a experiencia não mais póde dar-lhe.

O conhecimento humano tem, pois, limites, além dos quaes reside o dominio vastissimo das crenças...

E estas admiramo-las pela obra ethica politica e social entre os povos.

Nesse ponto, nenhuma, como a catholica, tem contribuído mais para a depuração dos costumes, a formação de caracteres, e a cultura de intelligencias, disciplinando-as a um fim util de melhoramento das condições humanas.

Haja vista o que, na Bahia, tem feito a colmeia do Padre Cabral, e analysemos a sua actividade incansavel através das paginas do seu “Archivo”.

O “Archivo Mariano Academico”, de sete annos de trabalho — 1916 a 1923 — é um alentado volume de 648 paginas. Da sua essência diz muito bem o seu illustre prefaciador: “...livro que é ao mesmo tempo o “Archivo” das nossas “Memorias de Familia”, e dos seus “primeiros tentames no trabalho pessoal pelos campos da Religião e da Moral, da Sciencia e da Arte, das dedicações sociaes e das Solicitudes Patrioticas...”

O “Archivo” está dividido em duas partes. A primeira, que traz o título geral de “chronicas”, diz-nos da fundação e historia da “Congregação Mariana Academica”, do “Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica”, da “Commissão de Catequese” e do “Pensionato Mariano Academico”.

Percorrendo estas paginas, vemos o que tem sido o trabalho formidavel dessas instituições, sempre sob o olhar esclarecido e amigo do Padre Cabral.

Na segunda parte, se acham reunidos os estudos da moci-

dade — “Dissertação e Allocuções” do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica.

Este “Circulo”, fundado em 1917 como uma secção da “Congregação Mariana Academica”, e composto de socios congregados e não congregados, “propunha-se, reza a sua chronica, por meio de sessões, em que fosse lido um trabalho composto por um dos socios e este arguido por outro consocio, fomentar o gosto pelos assumptos mais elevados da cultura humana”.

Lá estão, no “Archivo”, ventilados os mais variados assumptos, de sciencia, de religião, de philosophia, de esthetica, de litteratura, de moral.

Não saberia destacar este ou aquelle trabalho dentre outros, visto como tratam de materias varias e differentes no seu conteúdo.

E quer tratem de questões linguisticas, ou biologicas, ou religiosas, quer se ventilem materias de arte, ou litteratura; quer se não descurem ainda os problemas economicos e sociaes; são todos os assumptos abordados com largueza de vistas, e farta documentação, traduzindo todo o esforço e cultura dos seus jovens autores.

Estão de parabens, pois, esses moços da “Congregação Mariana Academica” e o seu admiravel Director, cuja obra se identifica com a sua personalidade, unidos como estão uma e outro pelo mesmo laço inquebrantavel de amor ao estudo, visando o ideal elevadissimo da Verdade e da Fé, que sobrepara em suas consciencias de heróis como a propria razão de ser da existencia humana.

ARTHUR RAMOS



Espirito de Moços

ARCHIVO MARIANO ACADEMICO

(*Diario da Bahia*, 22|9|25).

E' esta a epigraphé sob que veio á luz o interessante volume de que me occupo neste momento.

Obra variada, de texto fartamente documentada, poderia figurar ao lado das melhores que nos têm apparecido, por ultimo, no mercado litero-scientifico, entulhando as livrarias numa per-dularidade feliz de intelligencias fecundas.

Esta obra tem sido exalada varias vezes, e eu agora o faço, convicto das altas virtudes que ornam o espirito superiormente religioso do Padre Luiz Gonzaga Cabral, que ora rege os destinos da Congregação Mariana Academica, entre nós, graças ao qual a mocidade victoriosa vai ensaiando os seus primeiros passos na luta pelo ideal.

Melhor recommendação não poderiam trazer os seus congregados. Aquelle Padre, sobre ser uma das cabeças mais cultas da Bahia, é um tolerante e um bom, — tolerancia e bondade que são, ao mesmo tempo, as melhores e mais lidimas exteriorisações

e da sabedoria. Pois é este pulso seguro que dirige a bussola da fé no ar encapellado da descrença contemporânea...

* * *

O Archivo Mariano Academico é collaborado por uma pleiade de bellos talentos, alguns dos quaes já conseguiram ultrapassar as nossas fronteiras. E não se pense que estou aqui a elogiar banalmente.

Herbert Fortes é um dos legítimos valores da nova geração de intellectuaes bahianos. Haja vista os assumptos que elle ventila, — philosophia, linguística, etc., onde se descobre, quase sempre, uma laboriosa intelligencia ao serviço de uma nobre causa. Capacidade de synthese, profunda intuição, argumentação segura, acuidade de conceitos, percuciencia, equilibrio, methodo, tudo o que se póde exigir de um pensador que se inicia cheio de possibilidades, possui este moço com tamanhas vantagens, que a gente fica a pensar, se, de facto, em semelhante meio, póde conseguir-se tanto discernimento, tanto fundo, tanta logica! Como philologo é o mesmo — inconfundivel.

Ao em vez de ser, como se dá sempre com os nossos grammaticographos, um compilador de velhos alfarrabios vernaculos, é um commentador subtilissimo, quase sempre interessante, ás vezes ironico, como neste trecho que transcrevo como exemplo:— “A crase no Brasil morreu! Ninguem a usa entre nós com inteira correccão todos lhe ignoram a alma, e por isso — “o sintoma é evidente, patognomónico”, — generalizou-se na lingua do nosso povo uma serie de consequencias glotologicas inconscientes, organicas, fataes, que põem a descoberto a natureza de sua morte: a crase portugueza desapareceu victima de esfacelo!” — E’ autentico — prendendo a attenção dos leitores com a sua graça espontanea mesmo em assumptos aridos como são, em geral, os que se prendem á philologia.

Outro valor que se nos mostra patente é Anisio Teixeira, actual inspector do nosso ensino. O seu discurso sobre a “In-

fluencia dos Jesuitas” é uma pagina forte, de documentação cerrada e largueza de vistas, revelando sempre um espirito bem formado, altamente catholico.

Anisio Teixeira estuda as varias e beneficas influencias do jesuitismo no Brasil — a intellectual, a pedagogica, a missionaria, — mostrando-se incisivo, ironico, mordaz, sempre que vae de encontro á chamada literatura anti-jesuitica, “filha do odio e da inveja”, como elle a define. Leiam commigo estas linhas tiradas ao acaso: — “De facto, da vastissima literatura anti-jesuitica é a parte romantica a mais conhecida. A calumniã fez-se mais velada, mais subtil e mais efficaz: romantiso^u-se. E assim trajada foi correr mundo. A todos visitou. A todos no fundo dalma deixou cahir uma gotinha da sua peçonha. — “E assim por deante, é o mesmo commentador seguro de si, forte de pulso e de retina, consciante da verdade que defende.

Outro ainda se nos depara, Felipe Freitas, na sua conferencia — “Um alicerce pedagogico” —, talento esvoaçante e instavel, mas talento verdadeiro, como poucos na nova geração o possuem, este moço discorre sobre um thema importantissimo, como seja o da instrucção primaria e secundaria, mormente daquella que constitue a base de todo o organismo social.

Estuda a fé encarada sob o ponto de vista da sua influencia directa na educação da mocidade, e chega ás conclusões de Gil-otin, que aconselha a necessidade de uma crença profunda, de uma concepção religiosa do mundo, contra o materialismo reinante. Seria longo e fastidioso, não a mim, mas aos que me lêem, traçar o perfil, ligeiro embora, de cada um dos que contribuíram, com os fructos da intelligencia e do trabalho para o engrandecimento deste “Archivo”. Vale enumerar, todavia, dentre elles, Octacilio Lopes, intelligencia promissora, Berillo Neves, Leão Sampaio, Luiz Ribeiro, e muitos outros, que me não acodem á mente, no instante em que rabisco. Em synthese, a obra é grandiosa. Parabens, pois ao Padre Luiz Gonzaga Cabral, por tão louvavel empreendimento.

BENEDICTO CARDOSO.



Plumas

ESPECIAL PARA "A FAMÍLIA"

Em 1916 fundava-se na Bahia, no Collegio Antonio Vieira (dos Jesuitas), a Congregação Mariana Academica, com cinco academicos.

Cinco academicos. Numero reduzidissimo mas, que querem, para ser congregado era necessario commungar frequentemente e isso não era commum entre futuros doutores. Cêdo, porém, Deus louvado, augmentou esse numero que, em 1922, subia a mais de 100, incluindo os 32 espalhados por todo o Brasil.

Quem estas linhas escreve lembra-se com saudade da "Republica Thebaida" (917) onde o Herbert com as suas narrações phantasiosas, o Sampaio que tanto "precisava estudar" e perdia grande parte do seu tempo á janella, por causa da visinha loura, o R. Macedo da Menina Verde, o Berillo da Morena fatal... canigical, o Chicão do pyjama, de gola larga e Zé Elias, o rico, que formavam o nucleo, se tratavam como irmãos, rindo e *brigando* a todo o momento em fortissimas discussões.

Desta "Republica" sahia para a missa e communhão, todos os domingos, a quase totalidade. O Mac ia tambem, era o da paixão recolhida, o que interrompera os estudos e pertencia a duas gerações, era o velho.

O Padre Cabral soube e poudé dar-nos a nota da intellectua-
lidade, a qual somente podia resoar na alma da mocidade das es-
colas levando-a ao conhecimento de Deus e portanto á pratica da
virtude.

O seu aposento, no Collegio Antonio Vieira, tornou-se uma
continuação das suas bellas aulas de philosophia. Ah! quão pou-
cas lições ouvi!... mas ensinaram-se a soletrar o Simbaldi.

Eu queria dar uma noticia sobre o livro "Archivo Mariano
Academico" (Imprensa Official do Estado, 1925), mas não
posso.

Parece-me coisa superior ás minhas forças essa tarefa, pois,
para desempenha-la a meu gosto, queria ao mesmo tempo falar
dos meus amigos para, mandando-lhes este jornal, dar-lhes uma
prova de que não me esqueço delles".

O volume de 648 paginas, em que estão os trabalhos dos mo-
ços catholicos, tem um grande valor.

Não só esses trabalhos encerram um louvavel esforço e exha-
lam o perfume suave das illusões productivas da mocidade, como
tem ainda o valor intrinseco das verdades scientificas achadas
pelos seus autores.

Esse livro tem um valor inestimavel; eu poderei, por exem-
plo, amparado pela minha sinceridade, discordar publicamente das
opiniões que ali se acham exaradas: mas não poderei esquecer
que todas essas paginas devem ter sido lidas completamente por
Maria Santissima.

Seria até bom que tivesse pensado nisso certo collaborador
que combateu, um, tanto acrimoniosamente e com feição nitida-
mente pessoal, idéas e falhas que accidentalmente estão encar-
nadas em determinada pessoa.

A acrimonia não adianta nada.

Nas réplicas póde ser tolerada, em certos casos, mas, pre-
visto que os adversarios não estejam offendendo a Deus com os
seus escriptos, não são razoaveis os que a empregam numa pri-
meira investida.

O "Archivo Mariano Academico" enfeixa além de uma colle-
ção de *Chronicas* (da Congregação, do Circulo de Estudos, da
Commissão de Catequese, do Pensionato Academico) as *Confe-*

rencias e Allocuções da autoria dos academicos, abrangendo um periodo de 7 annos.

Evitando referencias sobre o conteúdo do "Archivo", que se poderiam tornar interminaveis, aproveitamos o ensejo para recommendarmos o livro aos sacerdotes, em particular aos vigarios.

Creio que em presença do artistico volume e depois de o lerem, elles terão a bella vontade de chefiar um movimento, que dê igual fructo.

Theophilo Ottoni, 11—10—25.

José Maria Leal de Macedo.



Archivo Mariano Academico

Do "LEGIONARIOS DAS MISSÕES" da Bahia, em 15 de Novembro de 1925:

Nesse dia houve uns momentos de alvoroço nas prateleiras da nossa bibliotheca. As revistas de missões que nos trazem as narrações singelas dos missionarios, os episodios de fome, guerra, pobreza, que acontecem, dia a dia nos campos missonarios, onde o dono do campo esparramou seus operarios, os livros, brochuras, folhetos, todos emfim arredaram-se, acotovelaram-se, cada qual mais atarefado, para fazer as honras das modestas prateleiras a um hospede illustre que pedia agasalho.

Vinha recommendado pela amizade, apresentava riquissimo escritorio onde refulgiam finas joias de familia, promettia copia abundantissima de ensinamentos e amenas horas passadas no seu convivio. Foi recebido, de braços abertos. De coração aberto agradecemos a bôa hora que nol-o trouxe e a mão amiga que nol-o mandou. Desde esse dia temos na nossa bibliotheca dos Legionarios o valioso e agigantado "Archivo Mariano Academico".

Com os nossos agradecimentos vão os nossos parabens, engrinaldados pela admiração e sympathia que despertaram em nós as alentadas iniciativas da Juventude Mariana Academica.

Nas singelas prateleiras da bibliotheca dos Legionarios, o

“Archivo Mariano Academico” veio infundir novos alentos aos que se sentiam já cançados, que por vezes se approximavam demasiadamente das beiras do desalento. Taes os missionarios alquebrados pelo peso dos trabalhos e dos annos, embora o amago do coração esteja sempre recheiado de juvenil enthusiasmo.

Ao folhear do “Archivo Mariano Academico”, lembrem-se, Legionarios, que podem e devem contar com a Juventude Mariana, assim como Deus, para arrimo e descanso dos seus missionarios, alquebrados pelas fadigas do apostolado, póde e misericordiosamente quer contar com os seus Legionarios.





*Grupo da Congregação Mariana Acadêmica
(1924)*



Salão da Congregação Mariana Acadêmica
(Rua do Portão da Piedade, 42)



Congregação Mariana Academica

Das "*Vozes de Petropolis*", de 16 de Novembro de 1925:

(A. Soares de Azevedo)

Já me foi dito de uma feita que o catholicismo no Brasil é differente do catholicismo no resto do mundo. Foi-me dito sem muito cuidado com a expressão e talvez em crise de desalento, desses desalentos que não raro pesam sobre as mais santas empresas. Que o catholicismo no Brasil se resume no Credo, olhando de soslaio para os Mandamentos. Que é o sentimento, não é a acção. Que commove as almas, como um scenario brilhante de um drama pathetico, mas tem muito pouco de doutrina, muito de nervos, muito pouco de constructor.

Não me faz mossa, porque nós herdamos — não sei de quem — o triste habito de appôr adversativas a tudo, de nada achar consoante os nossos desejos, de serrazinar em torno das proprias delicadezas d'alma.

Um paiz como o nosso não abriga apenas um caldeamento de raças, tambem dá guarida a uma alluvião de tendencias. Si a um agglomerado se pôde applicar o "cada cabeça cada sentença"; que dizer desta barafunda em que vivemos, cada um com a sua

opinião formada, mesmo em campos que exigem vozes unisonas e movimentos isóchronos?

Partido catholico e não partido catholico, empresa independente e empresa dependente; luta e paz; “Deus é brasileiro” e “è preciso acabar com esta comedia”; ataque á maçonaria e silencio em volta da maçonaria; isto deve ser assim, isto deve ser assado — ai! quantas vezes perco o meu rico tempo a ouvir sugestões, e programmas, e alvitres, e questiunculas *de lana caprina!*

Mas ha um caso que teima em ficar de pé, um caso que affecta todos os demais, e que se apresenta como base de todos elles: ha muito quem seja catholico sem se saber muito bem por quê. E aqui desanda a pyrotechnica das lamurias:

“Procissões, discursos, sessões sollemnes, bríndes, presentinhos, theatrinhos, congressinhos, jornaezinhos... pois não é verdade? Quem póde com isto?”

Em mais verdes annos, fui dos Jeremias. Tambem achei que estava tudo perdido. E, aquillo era brandir armas, gritar desabaladamente, que até parecia vir o mundo abaixo, e quantas vezes nós, moços e inexperientes, acreditavamos que estava em nossas mãos a salvação do Brasil...

Mas os annos vão passando, e a gente vae-se modificando, á custa da experiencia e de vêr melhor. Evolve-se.

Aprende-se a vêr mais claro.

Coitados dos Bispos! Que bello credito devem elles apresentar ao Supremo Juiz, feito de objurgatorias, de invectivas, de intempestivos zelos, de juizos temerarios, de um rôr de coisas que indirectamente lhes moviamos!

Mas não se trabalhará acaso no Brasil *como se deve trabalhar*, isto é, com a tactica accomodada aos tempos, com a sciencia e a prudencia necessarias para lidar com estes homens de hoje? Ah! eu creio piamente que se está trabalhando muito no Brasil moderno, apesar da alluvião de tendências contrarias, apesar de todos os obices que nós mesmos nos oppomos uns aos outros, mais do que os que nos oppõem os mais encarniçados adversarios.

Venho agora de um banho de consolação,

Ah! sim, trabalha-se, e trabalha-se muito, sem fogos de artifício, sem o estardalhaço das tardes de feira, sem as parangonas vistosas, sem retumbantes clarins.

O Sr. Miguel Calmon, ministro da Agricultura, não ha muito teve occasião de se exprimir nestes termos, a respeito do que está occorrendo na Bahia:

“Quer saber uma impressão gratissima que trouxe da minha ultima estadia na antiga capital dos tempos coloniaes? Foi a orientação que ali tomou a Mocidade das Escolas Superiores. Lembro-me, do ambiente de menos respeito, de descrença e até de jacobinismo, que noutros tempos, que não vão longe, quasi era de moda, entre os rapazes que então cursavam as Faculdades.

Pois bem: fui achar uma atmospherá de respeitosa distincção, de seriedade moral, de criteriosas convicções catholicas; mais ainda: de illustrada piedade. É uma grande esperança para a Bahia e para o Brasil inteiro. Ora, toda esta transformação, que tem um repercutir tão benefico sobre a mentalidade geral das Escolas Superiores, mesmo entre os que não fazem parte do grupo a que me refiro, provém de uma organização de enorme alcance, que está prosperando na Bahia, com o nome de *Congregação Mariana Academica*”.

Ahi está. E, no entanto, quantos são os brasileiros que sabem da existencia, na Bahia, de uma Congregação Mariana Academica?... Eu, de mim, confesso que sabia existir, mas ignorava o que fazia... Pois esta obra de Deus, que tão calorosas palavras mereceu ao ministro, vem desde 1916, nem mais nem menos.

Não será acaso lictio suppôr que muito outro bem se está commettendo por esse paiz afóra sem que o saibamos? O Brasil é grande, as communicações são difficeis e morosas, e muitas almas ainda ha que se sentem bem na penumbra da modestia christã, quasi anonymas, quasi ignoradas. Não se deve, pois, dizer do catholicismo no Brasil pelo que se vê, mas tambem pelo que se não vê. As dedicações são muitas e grandes, o heroismo não rasga sêdas, nem rufa tambores.

O que se está fazendo agora na Bahia é uma coisa admiravel, porque é a Egreja a acompanhar os passos dos estudantes e

a deixá-los carinhosamente, mas de espirito bem formado, no limiar dessa vida publicã, em que a alma tantas vèzes tropeça, si é que não chega a perder-se irremediavelmente. Ministra-se o medicamento na occasião em que elle se faz mais preciso, quando a mocidade chega tonta á encruzilhada da vida, quando tudo são sonhos, solicitações, arremetidas.

O estudante de Medicina, ao abrir um cadaver para estudar, quantas vèzes não vê diante de si, como um tremendo ponto de interrogação, o mysterio da morte e a grandeza de além-tumulo?

O estudante de Dirêito, ao compulsar os velhos codigos e ordenações, ao ouvir a explanação de diversos systemas philosophicos, quantas vezes se não deterá, indeciso, hesitante, diante de tantos problemas que lhe apresentam para resolver, de tantos caminhos que o convidam a perlustrar?

Ainda agora o libertario Dr. Joaquim Pimenta, que tanto mal tem feito a tantas almas, com os seus escriptos incendiarios e os seus discursos fogosos, descreve, pelo "Correio da Manhã", o que foi a sua transição do crente, coroinha, catholico praticante, para o atheu, anarchista que é hoje. Foi em Fortaleza, tratando com professores atheus, lendo autores condemnados pela Igreja, que apostatou da Religião. Foi no tempo de estudante que se perdeu. Quantos não são os rapazes que vêm puros, crentes, das suas roças, dos seus sertões, das suas fazendas, das suas villas de provincia, para o Rio, para S. Paulo, e aqui se perdem irremediavelmente.

Os Jesuitas da Bahia não tardaram em descobrir a origem do mal. Não basta que se acompanhe a creança até á primeira communhão, talvez mesmo até ao exame vestibular. E' preciso estar junto della através dos proprios cursos superiores, quando occorrem mais perigos e maiores, quando é mais sensivel a curiosidade, e o orgulho humano mais propenso á duvida e á negação.

Ahi está porque appareceu na Bahia esta obra de tão auspicioso futuro em prol dos elevados ideaes de fé, de sciencia e de patriotismo. Nella se formam almas para a Verdade, para a Beleza e para a Virtude.

E' ao Revmo. P. Luiz Gonzaga Cabral, um dos mais scin-

tillantes espiritos portuguezes, e um dos mais bellos oradores da lingua commum, um dos mais doutos sacerdotes de que se ufana a Companhia de Jesus, que se está devendo, que está devendo o Brasil de hoje a fecundissima actuação da Congregação Mariana Academica. Dentro della, graças a Deus, cabem todas as modalidades do apostolado: é a acção hospitalar, é a conferencia vicentina, é o circulo de estudos, é a imprensa, é a catechese ás creanças, é o Apostolado da Oração, é uma infinidade de obras que se ajustam, que se completam, que se harmonizam para a grande obra de preservação e perseverança da nossa mocidade estudiosa. Como essa, tão completa como essa, tão efficiente como essa tão prospera, não conheço outra no Paiz.

O "Archivo Mariano Academico", que fico devendo á gentileza daquelle douto Jesuita, é um grande volume de 650 paginas (23 x 16), onde se diz de todas as obras já levadas a cabo, desde 1916 a 1923, pela valorosa Congregação Mariana Academica. Della vejo que sahiu em 1917 o "Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica", fundado pelo R. P. Cabral, "centro de reunião mais vincadamente de cultura intellectual, scientifica e litteraria".

Propunha-se, por meio de sessões em que fosse lido um trabalho composto por um dos socios, e este arguido por outro consocio, fomentar o gosto pelos assumptos mais elevados da cultura humana. Com effeito, deveriam os trabalhos versar quanto possivel questões, que de momento interessassem a intellectualidade, de preferencia estudos relacionados com as respectivas especialidades, e em que de algum modo se attingisse a sua possivel leição apologetica. Depois, uma Bibliotheca! O programma tem sido cumprido á risca e numerosas conterências tem sido feitas, por academicos de engenharia, pharmacia, direito, medicina, commercio, etc., etc., para um auditorio vasto.

Podia eu ainda referir-me á Commissão de Catechese, si me sobejasse espaço e tempo, que, fundada em 1921, já muito bons serviços tem prestado. Muitas creanças fizeram a primeira communhão, outras ensaiaram canticos sacros, outras receberam roupas. Mas, o que mais me enthusiasmoü foi decerto a criação do

Pensionato Mariano Academico, casa destinada aos membros da Congregação que quizessem aproveitar-lhe as vantagens, conformando-se com as condições nelle estabelecidas, afim de lhes fornecer habitação physica e moralmente hygienica, evitando-lhes assim o contagio pernicioso das chamadas “republicas”. A idéa do R. P. Cabra não cahiu em terra sáfara. Começaram a chover os applausos e começaram a chover os donativos. Em 1 de Julho de 1920 funcionava em casa alugada o *Pensionato Mariano Academico*.

Mas era indispensavel uma casa propria. Estendendo a mão de porta em porta, obtiveram-se perto de trinta contos de réis.

E, em 1 de Março de 1923, comprava-se a casa do Tinguí, 42, ao Campo da Polvora.

As conferencias que a C. M. A. tem realizado mostram bem o grau de cultura dos conferencistas e a excellente orientação que lhes está sendo dada. Por curiosidade transcreverei aqui o titulo de algumas dellas: “Transformismo, Linguística e Lexico”, “Apostillas ao Diccionario de Candido de Figueiredo”, “Estudos e Reflexões sobre Lingua Portuguesa”, “As obras catholicas da Mocidade”, “Infecção e immuidade”, “Vida e Alma”, “Da influencia do christianismo sobre a Arte”, “Industrias Agricolas no Brasil”, “Verdade do Sentimento Religioso estudado na utilidade do mesmo”, “Dante Alighieri”, “Influencia do cinema na Sociedade”, “A educação começa de casa”, “O ensino Agrícola”, “Influencia dos Jesuitas”, “Caixas ruraes e cooperativas”, “O Darwinismo”.

Mas não se vá suppôr que a acção catholica se resuma, na capital da Bahia, em discursos e conferencias. Não são estes mais do que um torneio de espirito, uma ou outra pausa que se faz em aturados trabalhos de apostolado. Do Pensionato Academico já sahiram tres brasileiros, rumo da Europa, onde foram começar o seu noviciado na Companhia de Jesus. Os outros, a maior parte, espalham-se pelo paiz, nas mais variadas profissões, e em companhia delles, agindo junto delles, orientando-os, vae esse mesmo espirito de cavallaria christan em que se formavam na C. M. A. São ex-alumnos de Medicina, Engenharia, Pharmacia, Direito,

Escolas Agricolas, Odontologia, Commercio, Conservatorio. Cae um outro a meio da jornada, mas, mesmo ao cahir, não lhe anda longe o espirito da Congregação, como o attesta a doença e morte de um antigo alumno do Collegio Antonio Vieira, de quem diz o R. P. Cabral em phrases muito sentidas :

“Um Congregado antigo alumno nosso, com grande sentimento da familia, que era sinceramente piedosa, deixava olvidar um tanto o que na formação de casa e do Collegio se habituara a praticar; era natural consequencia disso o afastamento da Congregação. Aparecia contudo de longe em longe, com um olhar meio compromettido, no qual ainda assim se atraçoava a saudade. Adoeceu gravemente, e a familia mandou-o a umas aguas do Sul do Paiz. Peorou. Uma tia e uma irmã, que o acompanhavam pensaram em reconduzil-o a casa, ao menos para morrer nos braços da mãe. Impossivel! ao chegar ao Rio, a doença fizera taes progressos, que ali mesmo acamou de vez. Dois antigos Congregados meus que residiam no Rio, avisados da estada d'elle ali, fizeram-lhe a mais fraternal e carinhosa companhia. Um delles estabeleceu-se-lhe á cabeceira ininterrompidamente, dia e noite.

Nem o seu exame final de 6.º anno de Medicina, nem as theses de doutoramento o dissuadiram do seu mistér de irmã de Caridade. Deixou tudo para Março. No entretanto o doente mostrava-se, nos seus ultimos dias, digno da querida Congregação; fallava nella com frequencia e ternura, pediu-lhe puzessem ao pescoço a fita de Congregado, que não mais largou até morrer; confessou-se e commungou, levando-lhe para esse fim o seu Congregado assistente um Padre da Companhia, chamado do Externato Santo Ignacio; encarregou os presentes de communicarem á sua querida Mãe quanto lhe era doloroso não a ter ali naquella hora; a todos pediu perdão dos seus desvarios e insistiu em que pedia especialmente perdão a sua Mãe. Pouco antes, tendo sabido que estava á venda uma obra do P. Prat. sobre a theologia de S. Paulo, lembrou-se de me ter ouvido que esse Padre fôra meu Professor, e teve a delicadeza de comprar o volume para m'o offerecer. — “Quero escrever nelle uma dedicatoria de gratidão, por meu proprio punho, disse: mas o livro hade ir encadernado”

— Mandou-o encadernar com primor. Quando voltou do encadernador, já o querido Congregado tinha passado a melhor vida. Morreu com os mais fervorosos sentimentos de filho de Maria. O volume do P. Prat cá está na Bibliotheca da Congregação a testemunhar, por mais uma forma quanto são preciosos os fructos colhidos no nosso pomar bemdito”.

Eis ahi está como a C. M. A. influe no espirito dos seus estudantes. Ora, sabendo-se quanto é vasto o meio academico da Bahia e como o proprio Estado é um ninho de primorosas intelligencias, que no paiz tem dado os melhores parlamentares, estadistas, medicos, advogados e engenheiros, sabendo-se como os bahianos se acham lindamente representados em todos os Estados brasileiros e sobretudo na Capital Federal, pôde-se avaliar do extraordinario bem canalizado por aquella Congregação, em que os Padres Jesuitas poem os seus melhores desvelos.

Estes Jesuitas portuguezes, aliás, têm trabalhado muito e têm mostrado que *sabem trabalhar*. O Portugal dos ultimos trinta annos, com as revoluções liberaes, as commoções politicas, e depois o regicidio, a perseguição religiosa e a Republica, endureceram-lhes a fibra, deram-lhes, si possivel, uma mais exacta noção das necessidades dos tempos presentes, do que é preciso fazer *hoje com estes homens*. A Egreja não muda, mas pôde evoluir. Os processos podem deixar de ser os mesmos; mas é o mesmo o alvo a attingir e o espirito de fé que a todos anima. Os catholicos portuguezes reconhecem hoje que têm um pedaço de culpa nos acontecimentos de 1908 e 1910. As Ordens e Congregações Religiosas talvez que tivessem accordado um pouco tarde para as grandes lutas reivindicadoras, os embates da imprensa e da tribuna. Muito poucos annos de imprensa e de comicios, numa pavorosa campanha de descredito da Egreja e das instituições monarchicas, deram aos republicanos e á maçonaria uma retumbante victoria. Acordou-se um pouco tarde para a resistencia, e o proprio clero secular parece ter reconhecido agora que não adiantou coisa alguma a desconfiança em que foram descaridosamente envolvidas as Ordens e Congregações Religiosas. Mesmo quando desesperadora a si-

tuação, e os Jesuitas desde 1908, se viram obrigados a calçar a luva e a brandira espada com mais animo e mais expostos á offensiva inimiga, mesmo então se viu que os Jesuitas, si lhes dão campo, *sabem trabalhar* nelle, como ninguém. Nas investigações scientificas, temo-los ainda ardorosos e incansaveis. Na educação da mocidade, basta citar os dois magnificos collegios que dirigem no Recife e na Bahia. E a escola Apostolica projectada para Batúrité, no Ceará, parece que vae ser outro grande titulo de benemerencia, outro dever de gratidão do Brasil aos Jesuitas.

Não se atendo ao horario das suas aulas e á disciplina dos recreios e dormitorios de seus collegios, temo-los tambem na acção social, desenvolvendo uma invejavel actividade, revolucionando as almas, indô buscar a mocidade aos lares para a entregar á sociedade com uma formação completa, entregá-la crente e patriota, segura nas suas attitudes, consciante dos seus actos, illustrada, piedosa, amiga da sciencia, com vistas largas e coração no alto.

Não se enganou, pois, o Ministro Miguel Calmon, nem se estão enganando as familias bahianas, com este espectaculo de illustrada piedade que a Bahia nos offerece. Trata-se de alguma coisa grandiosa, em que só não attentam os que vivem solicitados pelas preoccupações terrenas, os negocios, a politica, eu sei lá! a vida material de todos os dias. Mas eu vejo, no meio de tantos negros, pontos luminosos que annunciam grandes claridades proximas. Vejo que a Egreja no Brasil não deve ser, não póde ser, não é o sentimentalismo, a theatralidade, o apparato que lhe attribuem os maus e os inconscientes. E' alguma coisa de mais solido, de mais amavel, de divino. E', por exemplo, a Congregação Mariana. Academica, na sua modestia de violeta, no seu recato, na sua falta de publicidade, de reclamo, preparando a geração de amanhã *como ella deve ser preparada*; dando-lhe cabedaes, amparando-a, forrando-a de patriotismo e de fé, mas não de patriotismo e de fé que se diluam ao primeiro contacto com os interesses terrenos, que se esquentem e desmandem no entrechoque das paixões, mas que se conservem sempre firmes nos seus anseios, nobres nos seus fins, adaptados ás condições de vida social, moral e espirital. E' para que o Congregado não o seja apenas nos bancos academicos,

mas também na administração pública, nas profissões liberaes, nas responsabilidades da familia, no lidar com a sociedade. Eis a fabrica do Homem-Christão.

Foi na Bahia que D. João VI, a conselho do Visconde de Cayrú, abriu os portos brasileiros ao commercio internacional. Parece que ao Padre Cabral está cabendo agora o papel de novo bandeirante, que nos vae rasgar mais dilatados horizontes á mocidade academica de hoje, o Brasil de amanhã. Di-lo o Ministro Miguel Calmon. “E’ uma grande esperanza para a Bahia e para o Brasil inteiro... E’ uma organização de enorme alcance”.

Soares d’Azevedo



Congregação Mariana Académica (Bahia) Archivo Mariano Academico (1916 a 1923) etc.

Tradução de um Artigo publicado em italiano na importante revista de Roma "La Civiltà Cattolica".

(Anno 77.º — 1926, Vol. I, Quad. 1814 — 16 - 1 - 26)

E' com prazer que damos conhecimento aos nossos leitores deste bello volume, não só, porque elle offerece um exemplo dignissimo de ser imitado, mas tambem porque é uma prova persuasiva, dos fructos, que se podem colher por meio da Congregações Marianas, entre a juventude estudiosa, quando são dirigidas segundo o fim e o espirito das suas regras. Não é maravilha, como parece ás vezes julgar-se entre nós, que entre a juventude universitaria, as Congregações Marianas colham fructos assim abundantes e manifestos; porque, esta idade, cheia de ardores para todas as empresas nobres, quando não desviada pelas paixões irrefreadas, ou pelo gelo da incredulidade, é a mais propria para alcançar os fins que se propõem as Congregações.

Os padres da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal, obrigados, como é sabido, a abandonarem a patria, após a Revolução de 1910, encontraram vastissimo campo de actividade apostolica na parte septentrional do Brasil, enquanto já trabalhavam

no centro e no sul os seus irmãos italianos (Provincia Romana) e allemães.

Ora, dentre as mais bellas obras de zelo e religião, instituidas e promovidas, na cidade da Bahia, pelos padres do Collegio "Antonio Vieira", tem incontestavelmente logar de destaque a Congregação, ali erecta em 1916, expressamente para os jovens, que frequentam os cursos academicos desta importante cidade. O bello volume, que aqui apresentamos, offerece-nos um quadro magnifico de quanto se fez, na Congregação e pela Congregação universitaria, no seu primeiro septennio.

Divide-se o volume em duas partes: a primeira com as *Chronicas* diversas desses primeiros sete annos, a segunda com as *Dissertações e discursos*. A Chronica da Congregação propriamente dita, mostra-nos a prudente e sabia cautela do zeloso fundador, Revmo. Padre Reitor Antonio M. Alves, no começar os trabalhos (1916) por um pequenissimo numero de estudantes escolhidos da Universidade da Bahia: dois de medicina, dois de engenharia e um de direito. Sob a orientação do Revmo. Padre Cabral, outr'ora Provincial de Portugal, succedendo no anno seguinte ao Padre Alves, na direcção, a Congregação augmentou em numero e nas obras promovidas com zelo, como o demonstram exuberantemente a *Chronica do Circulo de estudos*, a da *Commissão de Catechese* e finalmente a do *Pensionato Mariano Academico*.

E' uma verdadeira consolação, lerem-se os importantes themas escriptos em eruditas e attrahentes conferencias, apresentadas pelos jovens: *Influencia do Christianismo na arte*; *Industria agricola no Brasil*; *O sentimento religioso*; *Dante*; *Influencia social do cinema*; *Caixas ruraes*; *Darwinismo*; etc., etc. A seriedade no estudo é um dos fructos evidentes da piedade verdadeira e solidida, que a juventude vae haurir nas Congregações Marianas.

Não faltam algumas illustrações, entre as quaes as dos fundadores, dos Congregados fallecidos, etc.



Archivo Mariano Academico

Da revista "Broteria", de Portugal; Abril de 1926:

"E' um bello volume que nos apresenta a Congregação Mariana Academica da Bahia. Nêle temos uma prova palpavel do muito de que são capazes as energias juvenis, quando bem orientadas. Tendo começado a 10 de Maio de 1916 apenas com cinco Academicos, a Congregação foi-se desenvolvendo rapidamente, a ponto de em 1922 o annuario mostrar a existencia de 101 Congregados e 6 Candidatos. Dêstes 107, estão espalhados pelo Brasil 32. Os restantes 75 frequentam: 34, Medicina; 10, Engenharia; 5, Direito; 5, Commercio; 3, Pharmacia; 2, Odontologia; 2, Belas Artes; 10, Preparatorios; além de 2 Engenheiros, 1 Bacharel e 1 Dentista. A par deste desenvolvimento em número, vemos a Congregação intensificar, dia a dia a sua vida. Assim, em Agosto de 1917 funda um "Circulo Catolico de Estudos da Mocidade Academica"; em 1921 organiza a "Commissão de Catequese", tendo conseguido antes em 1920 a creação do "Pensionato Mariano Academico". E' este desenvolvimento que o "Archivo Mariano Academico" nos descreve na primeira parte; na segunda, insere as dissertações e allocuções apresentadas no C. C. E. M. A. (Circulo Catolico de Estudos da Mocidade Academica) desde 1917 a 1923. De touo o livro depreende-se a obra ingente de elevação moral que a Congregação Mariana Academica está levando a cabo no meio

Academico da Bahia. Parabens aos valentes Congregados que não receíam que o brilho da sua fé lhes deslustre o brilho da sciencia! parabens ao R. P. Antonio Maria Alves que foi o primeiro a despertar energias latentes! parabens ao R. P. Luiz Gonzaga Cabral que com a sua acção persistente, com as luzes de sua intelligencia e com o seu zêlo de apostolo infatigavel tão acertadamente tem encaminhado essas energias.

A Redacção da *Broteria* agradece penhorada e exemplar que a C. M. A. se dignou ofertar-lhe.

J. A. M.



A Congregação Acadêmica da Bahia

(BRASIL)

Da revista "*Cahiers Notre Dame*" — (Strasburg — 7 Outubro 1926).

Os leitores dos *Cahiers Notre Dame* estimarão sem duvida ter noticias de uma Congregação Acadêmica, cujo fervor e actividade está exercendo uma influencia benefica entre os intellectuaes da immensa e sympathica Republica Federativa da America do Sul: os Estados Unidos do Brasil.

Esta Congregação Mariana, instituida em 1916 para os Estudantes dos Cursos Superiores de Direito, Engenharia e Medicina da Bahia, tem realizado, neste primeiro decennio da sua vida collectiva, um plano de acção methodicamente progressivo, sob os multiplos pontos de vista religioso, intellectual, social e de beneficencia. A sua vida de piedade tem-se desenvolvido com tenacissima constancia nas reuniões ordinarias, que se repetem fielmente cada semana, nas sessões festivas, correspondentes ás principaes solemidades Mariaes, na assidua frequencia dos Sacramentos, e na desassombrada manifestação dos seus sentimentos religiosos.

Os Academicos reúnem-se todos os Domingos para a Missa das 7 1/2 na Igreja do Collegio da Companhia de Jesus; terminada a Acção de Graças depois da Communhão passam ao salão

da Congregação, onde, lida a acta da sessão precedente e um trecho da Historia ou das Regras das Congregações Marianas, assistem a uma palestra do Director, na qual se lhes vae ministrando uma solida formação apologetica, ascetica e de acção social. Tractados depois em commum os assumptos de interesse para a Congregação, encerra-se a sessão, tomando juntos café os que Commungaram, que são sempre muitos.

O Director dispõe de algumas horas por dia para attender em particular os Academicos; e á noite, das 7 1/2 ás 8 1/2 recebe em commum um grupo reduzido de Congregados. os quaes, como escola da Congregação, são fermento bemdito para levedar toda a massa. Mensalmente a consulta discute os assumptos que mais podem interessar a Congregação, e faz como o balanço do andamento della no mês que precedeu.

Quando em 1916 se formou o primeiro nucleo de Congregados, tão pequenino que não passavam de 5, as difficuldades do meio Academico eram grandes. Nas varias Escolas os fundadores houveram de arcar com quotidianos dichotes, sarcasmos, ou quando menos epigrammas, aos quaes tiveram a hombridade de respelir de frente erguida. A opposição foi diminuindo, com o crescer da Congregação em numero e influencia. Hoje póde dizer-se que estão em terreno conquistado. Os cinco fundadores teem se multiplicado tão abençoadamente, que hoje ascende o numero de Congregados a cerca de 150. Muitos, espalhados já por todo o vasto Brasil, occupando, em suas terras respectivas, as mais brilhantes posições, fazem descer do alto o exemplo do catholicismo pratico e da frequencia dos Sacramentos, arrastando com seu exemplo á sagrada Mesa muitos que a indifferença ou a rotina tivera por longos annos afastados della. Uns dedicaram-se ás luctas da penna e houve-os até que crearam e mantiveram um jornal catholico de doutrina e de combate.

A sua coragem e sympathica attitude nas Escolas Superiores, attrahiu, não só os Collegas, mas os proprios Cathedricos, que frequentes vezes se teem manifestado, com elogio publico para a Congregação. Por occasião da defêsa solemne de theses para os Dotoramentos, não raro aproveitaram o ensejo para se referirem

com enthusiasmo e gratidão á Aggregração Mariana a que se ufanavam de pertencer; e até o deixaram impresso nas paginas dos seus livros.

Entre as secções creadas pela Congregação, teve particular importancia o *Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica*; no qual, alem dos Estudantes se alistaram alguns dos mais distinctos Cathedraticos das Faculdades da Bahia. O grupo destes foi augmentando, e já é actualmente em numero de 24. O Circulo reúne ao menos uma vez por mês; um dos Academicos apresenta um trabalho original, geralmente relacionado com a sua especialidade, mas quanto possivel de interesse apologetico, patriotico ou moral. Estabelece-se em seguida o debate com o arguente para isso designado. O Padre Director falla depois, focando hem o duplo aspecto da discussão e dissertando por fim sobre um assumpto de utilidade para todos os membros do Circulo. Por vezes falla tambem algum dos Cathedraticos.

Alem da secção do *Circulo Catholico*, tem a Congregação Academica as seguintes: *Catequese ás Crianças Pobres* ensinada pelos Estudantes, *Conferencia Vicentina*, *Visita de Hospitaes*, *Commissão de Redacção do Archivo Academico*, *Secção de Correspondencia* com outras Congregações Marianas, *Secção de Apostolado da Oraçào*, *Secção para propaganda de Exercicios Espirituaes Fechados*, *Commissão de Festas e Relações Sociaes* e finalmente *Pensionato Mariano Academico*, obra de transcendente alcance, mormente para Estudantes cujas familias não residem na Bahia.

Toda esta expansão da Congregação da Bahia só tem podido realizar-se á custa de tenacissima perseverança e custosos sacrificios. Mas é para louvar muito a Deus e Maria Santissima o copioso fructo de salvação que tem podido recolher-se.

O Estado da Bahia, pela sua Assembléa Legislativa, já votou em favor da Congregação Mariana Academica um subsidio annual de 10 contos de réis para auxilio das suas obras, com o qual já foi possivel dar á Bibliotheca um desenvolvimento maior, enriquecendo-a com Revistas de importancia para os seus estudos religiosos e para as especialidades correspondentes a cada uma das

Escolas Superiores. O Parlamento Federal vae tambem reconhecer de Utilidade Publica a Congregação Academica, para que ella possa alargar ainda mais a sua acção beneficente. Graças a estes recursos, conta ella abrir este anno aulas nocturnas para operarios, em que ensinarão gratuitamente os Congregados.

Felizmente, em meio de toda esta actividade a *Congregação Mariana Academica da Bahia* tem collocado sempre em primeira linha o seu character de obra de piedade e sanctificação; e são abundantes os factos verdadeiramente consoladores neste sentido, que se vão archivando em seus Annaes. Estes são publicados na Imprensa Official, a expensas do Estado, em consequencia da lei votada ha dois annos pela Assembléa Legislativa, a favor da Congregação. O primeiro volume, apparecido o anno passado, um tomo de 648 paginas, com estatisticas e illustrações, abrange, na 1.^a Parte, as *Chronicas*, tanto da Congregação, como de cada uma das suas secções, e na 2.^a parte as dissertações, discursos e allocuções originaes dos Congregados, apresentadas nas suas reuniões ordinarias e festivas. Destas ultimas é particularmente brilhante a que todos os annos se celebra na Conclusão do Mês de Maria. Nestes ultimòs annos o *Gabinete Português de Leitura* da Bahia cedeu gentilmente á Congregação o deslumbrante salão do seu edificio Manuelino, para essas sessões solemnes, duas das quaes foram presididas conjunctamente pelo Governador do Estado, Dr. Francisco Marques de Góes Calmon e pelo Arcebispo Primás, D. Augusto Alvaro da Silva. Na mēsa da Presidencia honraram a festa da Congregação todos os membros do Governo, e na assistencia achava-se toda a mais distincta sociedade bahiana. O desassombro sympathico com que em seus discursos e poesias os Academicos faziam gala da sua fé e da sua piedade filial para com Nossa Senhora, honrando-se com apparecerem todos, no meio daquella brilhante Sociedade com a medalha de Congregados suspenso pela sua fita azul, não foi o menor encanto daquellas reuniões, em que essa briosa mocidade se impõe cada vez mais á estima e sympathia dos elementos mais influentes da intellectualidade bahiana. E' empenho sincero de todos que formam a Con-

gregação testemunhar, por esta forma, como por todos os demais exercicios da sua multipla actividade, a sua devoção filial á Padroeira que escolheram por Mãe e Rainha sua, *Nossa Senhora*.

A CONGREGAÇÃO ACADEMICA DA BAHIA

N. B. — A revista official para os Directores das Congregações Marianas, publicada em Nova York deu um extenso artigo com o mesmo titulo deste em Dezembro de 1926. Não o traduzimos do inglês, por ser quasi identico ao dos *cahiers Notre Dame* que, nas paginas immediatamente precedentes, traduzimos do francês.





Transformismo, Lexicographia e Linguística

Do "*Correio da Manhã*", do Rio—27—II—27.

No "*Archivo da Congregação Mariana Academica*" (Bahia, 1924) o Dr. Herbert Parentes Fortes publicou um interessante estudo sobre transformismo, lexicographia, e outras questões philologicas.

O trabaho revela grande estudo e erudição, da parte do seu autor.

Com a cultura ministrada por um curso de medicina, das questões biologicas ligadas á origem e evolução da especie passa elle para o dominio menos positivo da linguagem.

"Este scientista (Le Bon) acredita na variação das especies mineraes, e entre outros factos cita em favor de sua hypothese o phenomeno da alotropia chimica. Mas as transformações não são calculadamente separadas, ou, se quizerdes, ajuntadas em uma cadeia ininterrupta. Ha de haver condições que as facilitem e outras que as retardem ou cohibam; foi, porém, no estudo das linguas que melhores argumentos achei para elle. Esse caso, bem n'ó sei, não é exactamente o mesmo. Mas não ignoraes, e estou convencido que o sabeis muito melhor do que eu, não ignoraes, digo, que os factores que presidem á transformação das linguas, são

com excepção de alguns, os mesmos que regulam a transformação das especies animaes e vegetaes.

Em taes condições, tirar argumentos com que corroborar uma pela outra, não é coisa descabida”.

Estes periodos claramente revelam a maneira de o autor encarar o transformismo linguistico.

A parte lexicographica é uma critica ao Diccionario de Candido de Figueiredo (2.^a edição).

O Diccionario de Candido de Figueiredo é uma cabeça de turco onde todos os estudiosos da philologia gostam de experimentar força.

Não direi que seja obra perfeita, muitas lacunas e senões contém, mas o que não se pôde negar é a extraordinaria capacidade do autor e a sua bôa intenção.

Têm-me parecido um tanto duras as criticas apparecidas em nosso paiz.

Admitto que seja como disse um critico, um vocabulario esqueletico, insufficientissimo.

Mas este vocabulario de qualquer modo ha de ser a base de qualquer trabalho lexicographico serio **que** seja emprehendido sobre a lingua portugueza.

Impreciso nas significações, falho na documentação, com estes e outros defeitos, tem o grande merito de ser o repositorio em que se encontram por ordem as palavras da nossa lingua.

Concordo em que os neologismos devem ser documentados com citações dos passos em que se encontrem.

Muitos desses neologismos, aliás, são creações de grandes escriptores, os quaes não crearam raizes na lingua e só appareirão quando algum autor novel, desejoso de salientar-se, os quizer empregar.

Não importa; o diccionario tem o dever de consignar o candelal completo da lingua.

Devó dizer que este trabalho de documentação levado ao extremo é de uma inutilidade a toda prova. O tempo que se gasta nelle podia ser melhor aproveitado.

De momento sou incapaz de lembrar-me de passos onde tenha

encontrado as palavras mais communs da lingua portugueza, e não posso deixar de gabar a paciencia daquelles que percorrem paginas e paginas dos clássicos para encontrar uma citação, embora procure de outro modo aproveitar o meu tempo.

Na terceira parte do seu trabalho o autor ventilla duas questões de alto valor: o nacionalismo linguistico e a crase.

Batê-se elle pela vitalidade do portuguez no Brasil, em sua evolução no meio americano, independente de Portugal.

Em Portugal as peculiaridades do falar do Brasil são provincialismos (?). Devemos em retribuição ensinar a lingua com o saine brasileiro e, attenta a independencia de evolução em nosso meio, considerar viciosas as peculiaridades luzitanas.

Com effeito, o brasileiro que abrir a vogal *a* do preterito perfeito do indicativo, *amámos*, por exemplo, praticará um luzitanismo, assim como o que no verbo *valer* disser *val* e não *vale*, que é como todos dizemos. Outro tanto farão os que collocarem os pronomes arrevesadamente á luzitana, em contraposição com o uso do nosso meio.

Na questão da crase ha um ponto que não têm frisado devidamente os autores que se occupam della.

Os numerosos erros nesse assumpto são devidos á artificialidade da disciplina grammatical, que não encontra apoio na lingua.

Nós pronunciamos sem crase e escrevemos com ella.

Dahi uma das duas: ou o individuo escreve como pronuncia e não colloca no *a* o accentto, ou quer escrever certo e vae collocando accentos a torto e a direito.

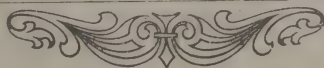
O *a* accentuado, sendo proclitico, não recebe accentto tonico e na maior parte do Brasil, na qual não existe *a* pretonico aberto, fica surdo, o que traz a incerteza.

Por toda a obra do Dr. Herbert Fortes passa uma vibração que bem mostra, ao lado da cultura, um grande amor ao idioma do grande Ruy, de Bilac e de Machado de Assis.

PRIMEIRA PARTE



CHRONICAS



(1924 a 1927)

I
CHRONICA

— DA —

Congregação Mariana Academica

(C. M. A.)

1924 a 1927



Chronica da Congregação Mariana Academica em 1924 e 1925

VIDA INTERNA DA CONGREGAÇÃO

Notaveis continuaram a ser os fructos colhidos pela C. M. A. no seu labor incansavel de Apostolado entre a Mocidade estudiosa da Bahia, e no espirito de solida piedade, de aproveitado estudo e zelosa efficiencia dos nossos Congregados.

E' ardua a tarefa, vae-se, porém, ganhando terreno aos poucos nos meios Academicos.

Muitos veem á C. M. A. trazidos pelos principios hauridos na vida christã dos tempos de familia; outros tiveram como efficaç attractivo o salutar exemplo de Congregados mais antigos; e a quantos não tinha de ante-mão inclinado para o nosso gremio o vantajoso conceito que delle tinham formado, pela reputação com que a C. M. A. já vinha sendo conhecida e fallada na Bahia, por todo este vasto Brasil e até no estrangeiro?

Quasi todos os que ainda não nos pertencem são nossos, quando menos, pelo respeito e pela sympathia.

O illustre deputado estadual Dr. Hermes Lima exprimia-se assim num artigo que publicou no Diario da Bahia de 8 de Junho de 1924, intitulado "A Forja".

"Esses rapazes se acham hoje arregimentados num circulo ca-

tholico de Estudos, cuja presidencia cabe neste momento a essa destacada figura da actual geração, que é Anísio Teixeira, e cujo director é o Revmo. Padre Cabral.

Circulo Catholico?...

Não fica sendo isso nem menos nobre, nem menos util.

A bandeira religiosa a que esses meus queridos companheiros de jornada, finda para uns e a findar-se para outros, se recolhem abroquelados por convicções, dá sombra que baste para que elles sejam, na Bahia contemporanea, o sangue novo e puro do seu organismo.

Elles estão exercendo a religião como um sacerdocio, um dever social a cumprir.

E' uma obra de sinceridade e bôa vontade, para onde todos podemos carrear a **pedra do nosso esforço.**"

Como este, muitos exemplos ha, quer na conversa com os collegas, quer na apreciação externada perante o nosso Director, que, embora não se sintam dispostos a inscrever-se na aggregriação que este dirige, vem contudo receber um conselho, trocar duas palavras de prosa amena, na hora, em que S. Revma. recebe por grupos os Academicos, das 7 1/2 ás 8 1/2 da noite, no seu gabinete de trabalho.

A proposito do "cinema", como graciosamente é denominada e já correntemente conhecida entre os Congregados e amigos do R. P. Cabral esta hora da noite, destacamos do discurso de S. Revma. pronunciado na Festa Marial de 31 de Maio de 1924 a seguinte passagem: "Naquelle nosso C. A. V., em que o novo edificio tão ardorosamente desejado ainda não pôde ter seu começo, e onde perdura ainda aquelle hybridismo architectonico de povoação rural, no meio de um amontoado de casas, communicando-se **pelos** quintaes, ha um pobre quarto, de menos de 5 metros de comprimento por 2 1/2 de largo, trepado no esconso de uma agua furtada, ao qual dá accesso uma escadinha puida e acanhada, cuja clareboia unica é formada por três frestas vidradas em telha-vã. A esse quarto concorrem diariamente numerosos estudantes de engenharia, direito, medicina, pharmacia, odontologia, commercio, bellas-artes, umas vezes em visitas particulares pelo dia adiante,



Padroeira da C. M. A.

outras vezes em pequenos grupos — verdadeiro escol desta sãdã: mocidade — que, á noite, das 7 1|2 ás 8 1|2 vão, como elles dizem, *ao Cinema*.

Assim se convidam não raro para essa hora rápida de serão, em que de facto passam na conversa numerosos e variados *films* de assumpto religioso ou apologético, social ou patriotico, litterario ou critico, philosophico, scientifico ou artistico, e sobretudo, **moral e amistososo**.

Não poucos dos convidados chegam, pela primeira vez, convencidos de que vão assistir a uma sessão gratuita de cinema no Collegio Antonio Vieira, visto o laconismo intencional dos Collegas de série, que lhes perguntam com naturalidade se **querem ir com elles ao Cinema**.

Nessas palestras intimas, a alma da mocidade trasborda no convívio despretencioso de um amigo, dando-lhe ensejo — lisamente o posso testemunhar — não só de communicar-lhes elle a sua reduzida bagagem de conhecimentos, na qual felizmente o tempo, os apontamentos e a experiencia vingam compensar o que falta ao valor pessoal, mas tambem não raro de receber elle por sua vez daquella mocidade brilhante elementos de saber com que as suas especializações os enriquecem”.

SECÇÕES DA C. M. A.

Não menor foi o trabalho interno da Congregação nestes dois annos, **por meio das suas utilissimas secções religiosas e obras sociaes**.

O Apostolado da Oração presidido em 1924 pelo Engenheiro Jayme Gonçalves Cerqueira Lima e em 1925 pelo Academico de Odontologia Francisco Leite Netto, trabalhou muito, procurando dar á C. M. A. uma verdadeira secção Eucharistica, **zelando a frequencia e o fervor das Communhões - Reparadoras** Além das secções de Communhão semanal, organizadas para Academicos de Escolas Superiores na Capella da Congregação, muitos se approximaram da sagrada Mêsã em Egrejas Paroquiaes e Conventuaes da cidade. Varios tem sido os Révmos. Vigarios e

capellães que sobre o assumpto teem manifestado a sua edificação e alegria, ao fallarem com membros da Congregação Mariana.

A Commissão de Catequese da C. M. A. deve ser mais que nenhuma outra subsecção, querida entre nós, não só pela importancia transcendente que tem para o bem das creanças, a quem ministra a doutrina, como pelo resultado social da approximação das classes; em que por certo não são as classes illustradas as que menos saém lucrando.

Mas não foi somente a Commissão respectiva quem dentro da Congregação promoveu a instrucção, catequetica dos filhos do povo. E' do dominio publico o quanto se interessou por esse assumpto, vital para a sã pedagogia no Brasil, um dos mais distinctos membros da C. M. A. actualmente presidente do seu Circulo de Estudos. Pena é que o artigo da nova lei de Instrucção facultando o ensino religioso nas escolas, tenha sossobrado na discussão, a despeito da approvação das camaras municipaes, genuinas representantes do pensamento popular, as quaes quasi sem excepção se tinham manifestado favoraveis áquelle artigo nas respostas ao telegramma de consulta enviado pelo Director Geral da Instrucção Publica, Dr. Anisio Spinola Teixeira.

ACTIVIDADE EXTERNA DE CONGREGADOS

E já que citámos este nome, não podemos deixar de salientar, como uma honra para a C. M. A., a sua posição, á qual acima alludimos.

Graças ao seu apurmo moral, á sua envergadura intellectual e á sua invulgar erudição, mereceu a justa confiança do Chefe de Estado, que o elevou ao mais proeminente cargo da gerarquia do ensino, com a circumstancia de contar o promovido 25 annos apenas.

Foi o proprio Sr. Governador quem sublinhou o facto, dirigindo-se ao nosso Director, por occasião da festa da Arvore em Setembro de 1924.

Após o brilhante discurso pronunciado pelo Dr. Anisio, o Dr. Góes Calmon dirige-se ao R. P. Cabral e felicita-o pela formação

intellectual é moral deste jovem, esperança brilhante do Brasil de amanhã.

Embora tenha passado os ultimos annos da sua vida academica no Rio de Janeiro, vivia entretanto para a Congregação e para os seus ideaes, e logo aqui chegado tornou-se um grande collaborador, e propagandista do bom nome e trabalhos da nossa Congregação.

Ao referir-nos ás posições que vão tomando os *formados* moralmente por ella, não podemos olvidar o exemplo de trabalho insano, no campo vastissimo da imprensa do Rio, de um dos do 1.º grupo da C. M. A. na sua fundação, o Pharmaceutico Berilo da Fonseca Neves. Escrevia elle ao R. P. Cabral, do Rio com data de 15 de Maio de 1925.

“Dedico-me exclusivamente á vida intellectual: alem de leccionar Historia e Literatura em um bom collegio desta capital, continuo como redactor effectivo do “Jornal do Commercio”, “Rio-Jornal”, “A Cruz” (orgão do Arcebispo), “O Paiz” (para o qual entrei recentemente, escolhido por D. Sebastião Leme para dirigir a respectiva secção religiosa), “O Careta”, e como collaborador da “Ordem” (revista do Centro D. Vital), da “Revista Social”, da “Gazeta de Noticias”, da “União”, do “Pharol” e de outros jornaes e revistas do Rio.

Disse-me o director do “Paiz”, ha dias, que não conhece nenhum rapaz da minha idade que se dedique á imprensa tanto como eu. Por conhecer já os meus trabalhos para o “Jornal do Commercio” convidou-me, não só para fazer a secção religiosa do “Paiz”, como ainda para escrever um artigo por semana e fazer dois “suelos” por dia.

Em outros jornaes estaria tambem collaborando, se não fôra a escassez do tempo. Avalie o meu querido amigo e mestre, que escrevo de dez a doze horas por dia, trabalhando sem descontinuar quatro a cinco horas, ás vezes!

Eu proprio admiro a minha resistencia physica.

Mas, em compensação, pouco tempo me sobra para as diversões do espirito. Mal tenho tempo de ler os jornaes para colher *assumpto*.”

Na lista dos Congregados que, exercendo actualmente a sua

actividade em outros campos, foram contudo formados pela C. M. A., não podemos ommittir aquelles que tiveram a dita de serem chamados ao Estado Religioso.

DEIXANDO O MUNDO

Na chronica dos annos passados já assignalamos a partida para o Noviciado da Companhia de Jesus, de algumas gloriosas principias da Congregação.

Lá se lhes foi juntar o nosso fervoroso Congregado, Segundannista de Medicina José Torres Costa, que partiu no "Arlanza" em 19 de Maio de 1925, deixando grandes saudades entre os Congregados, pelo seu trato sympathico, e pela sua serenidade de espirito constantemente egual a si mesma.

Lia-se bem, essa saudade no rosto dos numerosos Congregados que o foram despedir ao caes, exaltando-o por esse acto generoso de sacrificio, após longos mezes de profundo meditar sobre a conveniencia de uma resolução de tamanha transcendencia.

A proposito das suas impressões de entrada, transcrevemos umas linhas da sua primeira carta:

"Dizer o que senti ao chegar aqui, ou melhor, desde que comecei a tratar com os Nossos, é impossivel; porem confesso que não foi o que julgara, pois fazia uma ideia, e a realidade encontré-a muito differente; julguei que o prazer que se podia sentir em vestir uma roupeta da Companhia, em poder dizer:—eu sou jesuita— fosse grande, porem felizmente não o é: este prazer é mais do que enorme, é immenso, não ha palavras que o definam, não ha quem o classifique.

Quem vive no mundo e não tem experiencia do que isto seja, não póde fazer da vida religiosa uma ideia justa, por mais optimista que seja.

Aqui, encontrei-me logo com os 4 conterraneos que de tudo o que respeita á C. M. A. procuraram saber pormenores, e noticias minuciosas de cada um.

Estão tambem aqui dois noviços naturaes da India, que como os demais são exemplo de piedade e edificação, pelo que, em

um tal meio me vejo envergonhado e humilhado (felizmente), pois não me é possível imital-os por mais que para isso trabalhe”.

IMPRESSÕES DE AUSENTES

Citemos mais alguns trechos, mimosos pelo encanto de singeleza como estão redigidos, daquelles que longe’ daqui, pela necessidade de se expandirem nos ramos da sua actividade profissional, recordam com saudade os tempos vividos na Congregação:

De um Cirurgião Dentista formado ha 4 annos:—“Vive ainda em meu coração a querida Congregação Mariana Academica e não me esqueço dos momentos felizes que tive no Pensionato do Campo da Polvora.

Não me esqueço dos meus deveres religiosos e, onde chego e por onde ando, faço valer as minhas qualidades de christão e mais de “Filho de Maria”.

De outro Congregado hoje distincto medico, referindo-se a uma carta que lhe escrevêra o nosso Director:—“Cartas como aquella equivalem a uma injeccão de sulfato de esparteina, ou de um outro qualquer energico cardiotônico. Li-a meditando, e recordando as saudosas Sessões do “Cinema”, onde lucrei mais do que lucraria com 10 annos de leituras espirituaes”.

Do Rio escreve um Congregado cursando a Faculdade de Medicina: “Não posso deixar de recordar com uma grande quantidade de saudades, aquella hora sempre curta do bom *cinema* que eu não sabia aproveitar. Quantas noites não durmo a pensar naquellas ingenuas palestras tão cheias de saber e virtude, embora com o rotulo da simplicidade.

E estas recordações todas me fazem bem, e não raro me veem aos olhos lagrimas que purificam a alma, e então sinto o “paradoxo da tristeza alegre”.

Ainda algumas linhas dos que, ao afastarem-se do nosso meio após a sua formatura, deixam perpetuado nas paginas das suas theses o amôr á Congregação e o reconhecimento pelos beneficios della recebidos para a sua formação moral e christã.

“Desde o início da nossa vida academica, alistámo-nos nas fileiras da Congregação Mariana, obra de vulto, que por si só, retrata os prodígios de energia e de zelo de um sacerdote illustre, apóstolo da mocidade, que para nós foi sempre amigo, mestre e conselheiro neste longo percurso de seis annos.

Pois bém: credor, por tantos titulos de benemerencia, da gratidão de muitos, quizeramos encontrar buril que insculpissem em relevo, o quanto de grato nos vae n'alma para com o Revmo. Padre Luiz Gonzaga Cabral S. J. pela solida formação moral que nos ministrou e pelo robustecimento que deu á nossa fé, herança sagrada que queremos guardar intacta como a recebemos de nossos maiores”. Estas linhas são da these do Dr. Salvador de Castro Barbosa. Presidente da Congregação em 1921, 22 e 24, o qual consagra a primeira dedicatória da sua these a Jesus, Maria, José.

De outro Congregado, o Dr. João Marcellino de Oliveira, transcrevemos esta passagem. “Ao Padre Luiz Gonzaga Cabral S. J., cavalleiro do bem, alma de justo, coração de larguezas infinitas, perfeito modelo de sacerdote, incansavel propugnador pelo soerguimento da mocidade brasileira, reflexo-aurifulgente da obra dos Jesuitas: a minha estima cordial e distincta.

A Congregação Mariana Academica... meus votos de sempre crescente bem, com a promessa sincera de obedecer-lhe os ensinamentos”.

Estas citações demonstram que esses nossos queridos ausentes vivem ainda do que viveram; e continuam lá de longe a fazer bem aos Congregados que por aqui seguem seu edificante labor. E' indubitavelmente salutar a impressão causada pela leitura de trechos como estes nas sessões dos Domingos e pela sua repetição tantas vezes solicitada na intimidade das palestras com o Director ou no convivio fraternal da hora do “cinema”.

Seria como um tonico, não que lhes restituísse forças perdidas, mas que lhes acordasse as energias latentes de desassombrados e decididos, que tanta vez teem tido oportunidade de mostrar.

Basta citar as occasiões — hoje felizmente já raras — em que nas Escolas se lhes desfecha ainda alguma farpa, mais hu-

moristica do que malévola. A resposta tem sido tão opportunamente acertada, que tira ao epigrammista a vontade de repetir a sorte.

Tambem são bôa prova desta decisão e desassombro as occasiões em que brilhantemente se apresentam em publico com suas fitas e seu estandarte nas procissões de *Corpus Christi* e noutras circumstancias solemnes, como ainda este anno, na entrada triumphal do novo Primás, o Exmo. Sr. D. Augusto Alvaro da Silva.

Nesse dia foi concedida á C. M. A. a distincção de formar a guarda de honra, nada menos que na escadaria da Cathedral sendo-lhe designada toda a linha da frente.

Não busca a nossa aggremação essas posições de destaque pela honra que d'ahi lhe possa advir; mas alegra-se com esses enfejos de manifestar sem rebuço os seus sentimentos catholicos. **Afinal o seu desideratum é rechristianizar a sociedade, particularmente por meio dos elementos intellectuaes. E vae-o conseguindo. Tem-no proclamado mais de uma auctoridade competente.**

ENCOMIOS DE JUIZES COMPETENTES

Já no 1.º volume tocava esse ponto o R. P. Luiz Gonzaga Cabral S. J., referindo-se no "Limiar do Archivo" á conversa que tivera com o eminente catholico Dr. Andrade Bezerra a proposito da opinião que a este emittira sobre o assumpto o Dr. Miguel Calmon, Ministro da Agricultura.

Estimulou tambem os nossos brios e justifica os nossos agradecimentos o que de nós disse no Rio o Dr. Placido de Mello abnegado apostolo e organizador das Caixas Reiffeisen.

Mais penhorantes ainda foram as manifestações de carinho do illustre Governador da Bahia, o Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, para com a mocidade da nossa Congregação, manifestações que puderam apreciar todos aquelles que assistiram ás Festas Mariaes de 31 de Maio de 1924 e 1925.

Na primeira, presidida por S. Exa., foi-lhe entregue o Diploma de Socio Honorario do C. C. M. A.

Falando, ao concluir a sessão, o Sr. Dr. Governador disse.

achar-se satisfeito em presidir aquella reunião e deu os seus calorosos parabens aos Congregados Academicos, não tanto pelo desempenho brilhante dos numeros que lhes couberam na solemnidade, quanto, muito principalmente, pela formosa victoria do respeito humano com que ostentavam ao peito publicamente as suas insignias mariaes. Só isso era para elles uma recommendação de rapazes decididos e convictos da sua fé.

Na segunda festa, a de 1925, o nosso venerando e muito querido Arcebispo Primás externou entusiasticamente a opinião que de nós formava no brilhante improviso com que encerrou a *tertulia*.

A grande poetisa D. Amelia Rodrigues, numa conferencia sobre “Acção Social”, pronunciada na Associação das Senhoras Brasileiras no Rio, tem estas palavras referindo-se á nossa Congregação: “Na minha terra, a Bahia gloriosa, existe desde alguns annos, uma obra, não identica, mas semelhante. Fundaram os zelosos padres Jesuitas a Congregação Mariana Academica, com o seu nunca assás louvado Circulo de Estudos, que funciona no Collegio Antonio Vieira. Dirige tudo, admiravelmente, o egregio padre Luiz Cabral, tão celebre no mundo catholico.

O Circulo de Estudos, que tem por objectivo ora a especialização dos estudos Superiores, ora a discussão de assumptos litterarios, scientificos, patrioticos ou apologeticos: realiza sessões maravilhosamente interessantes, em que os Academicos desfazem objecções dadas, sob o ponto de vista scientifico moderno.

Conta já grande numero de estudantes das escolas superiores de Medicina, Direito e Polytechnica, e como socios honorarios muitos professores dessas escolas, autorizados scientistas dos quaes alguns receberam, por influencia de taes estudos, os primeiros alcores do seu regresso ao catholicismo integral.

Mas o que era sobretudo meu intuito é informar-vos que o senhor Padre Luiz Cabral, para evitar o perigo de residirem seus congregados em pensões duvidosas ou más, desejou e conseguiu obter-lhes casa propria. Adaptou um grande predio ao novo fim, e lá está o Pensionato Mariano Academico cheio de rapazes catholicos praticos, objecto do mais especial desvelo do seu director.

O ideal deste é ampliar a obra, estabelecer no predio salões de conferencias, bibliothecas e bilhar, terreno para jogos, tudo, enfim, quanto possa enriquecê-lo de attrativos e de meios indirectos para chamar a sympathia dos jovens, capazes de receberem **sadia orientação.**”

Estas e outras vozes auctorizadas proclamaram dentro e fóra da Bahia a **efficacia operosa** da C. M. A. para a **rechristianização pratica** do meio brasileiro, de que a Secção de Catechese é apenas uma das applicações.

Outra commissão que faz jus a maior divulgação dos seus esforços é a de *Visita aos Pobres*.

Deu-lhe superior incremento o seu presidente de 24 o Congregado Academico Waldemar Conrado Veiga; e este anno seguiu-lhe as pisadas, continuando-lhe os resultados beneficos, o Doutorando Clovis Moreira da Cunha.

As reuniões fazem-se semanalmente com toda a pontualidade. Ali se discutem os interesses espirituaes e temporaes das familias pobres por essa commissão soccorridas; ali se fazem piedosas orações pelos pobres que lhe estão confiados; d’ali saem os Congregados ás visitas domiciliaries. E não é apenas uma consolação, o que elles levam nessas visitas; umas vezes são **esmo-las** em remedios, roupas ou comida, para o que obteem o **auxilio** da benemerita Despesa dos Pobres, dirigida pela Conferencia de S. Vicente de Paulo; outras vezes são os **tostões** que a sacola recolhe cada domingo, na generosa cotização das suas magras bolsas de estudantes; outras ainda o pão espiritual por meio de um conselho, de uma reconciliação matrimonial, de um chamamento á pratica dos sacramentos, de um regresso salutar após algum transviar-se do caminho da fé.

A’s secções do *Apostolado da Oração*, da *Catequese* e de *Visita dos Pobres* ajuntemos a de *Participações e Festas*, que mais directamente se relacionam com a apresentação da Congregação no meio social, ponto este que não podia deixar de fazer parte do programma da C. M. A.

Durante os annos de que fallamos teve a C. M. A. duas grandes festas publicas e duas gozadas em encantadora intimidade.

As segundas foram nos dois annos de 24 e 25 o anniversario, no 1.º de Outubro, do benemerito e incansavel apostolo da mocidade, o Director da C. M. A., R. P. Luiz Gonzaga Cabral S. J.

O ANNIVERSARIO DO NOSSO DIRECTOR

A' noite, em sessão conjuncta, realizaram a C. M. A. e o C. E. M. A. uma reunião solmene, na qual foram pronunciados discursos e recitativos, alguns dos quaes vão insertos na parte destinada ás "Allocuções".

Num e outro anno, não faltou a estas festas a parte encantadora de piedade, realizada na Capella da Congregação, com a Santa Missa e a Communhão geral dos Congregados por intenção de S. Revma.

Associou-se ás homenagens por nós tributadas, o escol da sociedade bahiana e os numerosos filhos espirituaes, que do R. P. Cabral recebem desvelos verdadeiramente paternaes, nas diversas associações que S. Revma. dirige no C. A. V.

CONCLUSÃO DE MAIO

As festas publicas foram para solemnizar a Conclusão do Mês de Maria, respectivamente, no dia 31 de Maio de cada um dos dois annos. Realizaram-se no salão nobre do Gabinete Português de Leitura, cuja directoria tem sido gentilissima para com a C. M. A., e merece os nossos mais reconhecidos agradecimentos.

Deu-nos a insigne honra de presidir á festa Marial de 1924 o Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, que se achava ladeado por pessoas de alta representação social, quer no governo, quer nas lettras, nas sciencias e nas classes conservadoras.

O auditorio era muito selecto, não faltando nelle uma porcentagem elevada de senhoras, entre as quaes a Exma. Esposa do

Sr. Governador do Estado, D. Julietta Prazeres de Góes Calmon, cuja presença muito nos sensibilizou.

O programma, cuidadosamente elaborado, teve applaudido desempenho. Eil-o:

C. M. A e C. C. E. M. A.

DESPEDIDA DE MAIO

Sessão conjunta da Congregação Mariana Academica e do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, para a conclusão do Mês de Maria, sob a presidência do Exmo. Sr. Dr. F. M. de Góes Calmon, D. D. Governador do Estado

BAHIA — Salão Nobre do Gabinete Português de Leitura

Sabbado, 31 de Maio de 1924, ás 19 1/2 horas

PROGRAMMA

Abertura — Hymno das Congregações Marianas — Quartetto e Côro.

O Nosso Preito Annual — Allocução do Director da C. M. A. e C. E.

Phantasia — Da Tosca de Puccini, pelo Academico Luiz Didier, 2.º Secretario do C. E.

Uma só familia — Breve Allocução pelo Doutorando Salvador de C. Barbosa, Presidente da C. M. A.

Avé Maria de Gounod — Solo de Tenor, pelo Doutorando Annibal Azevedo, do C. E.

Para uma nova orientação — Pelo Dr. Anisio S. Teixeira, Presidente do C. E.

Echos de Maio, Tercetto pelos Academicos J. Teixeira, H. Porto e L. Didier do C. E.

Os Quarenta de Maria — Poesia, pelo Academico Joaquim d'A. Lima, da C. M. A.

O' Joia Primorosa! — Poesia de João de Deus, Musica do Maestro Costa Pereira, Sólo de Barytono e Coros.

Conclusão — Adeus a Maio — Quartetto e Côro.

A. M. D. G.

Já acima nos referimos ás palavras significativas do Sr. Dr. Governador antes de encerrar a sessão.

A FESTA MARIAL DE 1925

Para aqui transcrevemos a local do *Diario Official* de 3 de Junho, em que se descreve esta interessante commemoração annual.

“No salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura, realizou-se no domingo ultimo a sessão promovida pela Congregação Mariana Academica e Circulo de Estudos da Mocidade Academica, para conclusão do mez de Maria.

O salão apresentava vistosa ornamentação de flôres naturaes, destacando-se o rico estandarte da C. Mariana Academica, atraz da presidencia, sobre o fundo de rico reposteiro de velludo.

A's 20 horas, S. Exa. Revma. o Sr. D. Augusto Alvaro, Arcebispo desta Archidiocese, acompanhado de Monsenhôr Anisio Esteves e Padre José Andrade, compareceu á séde da antiga instituição, sendo recebido sob estrepitosa salva de palmas. Os alumnos do Collegio Antonio Vieira e os moços das duas sociedades promotoras da reunião formaram em alas á passagem do preclaro metropolitano.

Momentos após, dava entrada no recinto o Sr. Dr. Góes Calmon, Governador do Estado, acompanhado de sua Exma. Consorte.

Os jovens congregados e os membros do Circulo de Estudos novamente formaram em alas para dar passagem á primeira autoridade do Estado, vibrando toda a assistencia em calorosa salva de palmas.

A sessão realizou-se em seguida, occupando os logares de

honra os Srs. Arcebispo D. Augusto Alvaro e Dr. Góes Calmon, Governador do Estado, tendo á direita os Srs. Capitão de Fragata Cunha Menezes, Capitão dos Portos; Cons. Braulio Xavier, Secretario do Interior, e Dr. Anisio Teixeira, Inspéctor Geral do Ensino; e á esquerda os Srs. Dr. Theophilo Falcão, Secretario da Fazenda; Austricliano de Carvalho, Secretario da Agricultura, Cons. Junqueira Ayres, Presidente do Tribunal de Contas, e o Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura.

Aberta a sessão, teve logo inicio o programma, que foi cumprido á risca e agradou plenamente tanto a parte musical e coral como os discursos do R. Padre Luiz Gonzaga Cabral, S. J., Director da Congregação e do Circulo, Dr. Anisio Spinola Teixeira, Inspector Geral do Ensino e Presidente do Circulo, e do Academico de Engenharia Raul Velloso Saraiva.

O academico Mosart de Alencar interpretou o “Crucifix”, de Faure, com voz bem timbrada, attingindo sem esforço as notas agudas do seu naipe de tenor.

O Revmo. Padre Cabral, com admiravel expressão, cantou a “Marina” do seu condiscipulo José Saavedra, sobre um idyllio do poeta catalão Jacintho Verdaguer, traduzido por Seraphim Gomes, S. J.

Os côros a vozes de homens (Congregados Academicos) e de creanças (Alumnos do Collegio Antonio Vieira) muito bons.

Ao piano estava o academico de Medicina Luiz Didier, que não só acompanhou todos os numeros de musica e de canto, como executou com maestria o numero “Scherzo Mariale”.

Chamou sympathicamente a attenção a môdestia do Sr. D. Augusto, ao fazerem-lhe a surpresa de recitar-lhe antigas poesias suas sobre Maria Santissima. Disseram-nas com expressão os academicos de Medicina Luiz Rogerio, Alexandre Leal e Rosalvo Ferraz.

Ao Dr. Governador do Estado declamou o Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima uma poesia, de autoria do Padre Cabral, minuciosamente allusiva á estreita união entre a “Religião e a Patria”, tão expressivamente symbolizada nas recentes sollemnidades para a recepção do novo Primaz,

Executado o programma supra, usou da palavra o Revmo. Padre Cabral, que, ao terminar o seu eloquente discurso, agradeceu a comparencia, e offereceu a S. Exa. Revma. o Sr. Arcebispo o Diploma de socio honorario.

S. Exa. Revma. agradeceu em brilhante oração.

O secretario particular do R. P. Cabral foi buscar e reconduziu ao Palacio Archiepiscopal o Sr. D. Augusto, no landaulet da Exma. Familia Catharino que gentilmente o cedêra para esse fim.

Demos agora a palavra ao *Diario da Bahia de 3 de Junho de 1925*.

“Realizou-se, no domingo ultimo, no salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura, a sessão solemne promovida pelo “Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica” e pela “Congregação Mariana Academica”, para encerramento do Mez Mariano.

O salão onde se effectuou a brilhante festa, apresentava magnifico aspecto, com linda ornamentação de flôres naturaes, vendo-se ao fundo o rico estandarte da Congregação Mariana.

A's 20 horas chegou ao palacete da praça 13 de Maio, S. Exa. Revma. o Sr. Arcebispo Primaz, D. Augusto Alvaro da Silva, acompanhado do seu secretario, Monsenhor Anisio Esteves e do Padre José Andrade.

S. Exa. foi recebido na escadaria nobre do edificio pelos congregados e pelos alumnos do Collegio Antonio Vieira, que formaram em alas á sua passagem, saudando-o com entusiasticas palmas.

Logo após, dava entrada no recinto o Governador do Estado, Dr. F. M. de Góes Calmon, acompanhado de sua Exma. esposa.

Teve inicio, em seguida, a sessão, occupando os logares de honra o Exmo. Sr. Arcebispo Primaz e o Governador do Estado, tendo á direita os Srs. Capitão de Fragata Cunha Menezes, Capitão dos Portos; Conselheiro Braulio Xavier, Secretario do Interior e Dr. Anisio Teixeira, Inspector Geral do Ensino; e á esquerda os Srs. Dr. Theophilo Falcão, Secretario da Fazenda, Dr. Austricliano de Carvalho, Secretario da Agricultura, Con-

selheiro Junqueira Ayres, Presidente do Tribunal de Contas e o presidente do Gabinete Portuguez de Leitura.

Aberta a sessão, teve inicio o programma, que constou de magnificos numeros de canto, piano e declamação, vivamente applaudidos pela *élite* que enchia o vasto salão do Gabinete Portuguez.

O eminente orador sacro Padre Luiz Gonzaga Cabral, director das associações promotoras da festa, proferiu um fulgurante discurso sobre o thema: *Per ardua surgo—Per crucem ad Lucem*.

As ultimas palavras do notavel jesuita foram abafadas por entusiastica salva de palmas.

Tambem foi vivamente applaudida a oração do Dr. Anísio Spinola Teixeira, Inspector Geral do Ensino e presidente do Circulo Catholico de Estudos.

Por fim, falou em eloquente improviso o Sr. Arcebispo Primaz, que foi ouvido de pé. S. Exa. Revma. felicitou vivamente o digno, director e os associados das duas brilhantes aggremações pelo esplendor daquella festa, e, particularmente, pelos resultados beneficos da obra por ellas empreendida, e que se vêem, notoriamente evidenciados no renascimento actual da mocidade bahiana.

Assim terminou a magnifica festa, em que mais uma vez se patenteou a superior orientação do Revmo. Padre Cabral, na vida das duas beneficas sociedades, que fundou, num surto de carinho para com a mocidade estudiosa, que vê sempre nelle a figura esclarecida e amada de um mestre”.

O programma desempenhado foi o que abaixo transcrevemos.

C. M. A e C. C. E. M. A.

DESPEDIDA DE MAIO

Sessão conjuncta da Congregação Mariana Academica e do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, para conclusão do mês de Maria; sob a Presidência do Exmo. Revmo. Sr. Ar-

cebispo, Primás, D. Augusto Alvaro da Silva e do Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Francisco M. de Góes Calmon.

BAHIA — Salão nobre do Gabinete Português de Leitura
Domingo, 31 de Maio de 1925, ás 20 horas exactas

PROGRAMMA

Abertura — Ao Estandarte Mariano — Tercetto e Côro.

“Per Ardua Surgo” — “Per Crucem Ad Lucem” — Allocução do Director da C. M. A.

Scherzo Mariale — Tercetto — Os Academicos João Teixeira, Humberto Porto e Luiz Didier, do C. E.

Versos Mariaes do Actual Primás — Os Academicos Luiz Rogerio, Rosalvo Ferraz e Alexandre Leal, da C. M. A.

Salve Estrelia de Bonança! — Tercetto e Côro.

Renascimento Marial da Juventude Bahiana — Discurso do Academico Raul Saraiva, da C. M. A.

Nossa Senhora do Brasil — Sólo de Tenor pelo Academico Mozart de Alencar, do C. E.

Religião e Patria — Oitavas ao illustre Governador do Estado pelo Academico Joaquim Lima, da C. M. A.

Marina — Idylio para Barytono, pelo Director do C. E.

Acies Ordinata — Um titulo marial opportuno — Dr. Anisio Teixeira, Presidente do C. E.

Conclusão — Hymno da Congregação — Tercetto e Côro.

A. M. D. G.

Assignalemos ainda algum outro acontecimento mais notavel destes dois annos.

D. AUGUSTO ALVARO DA SILVA

A’ recepção do novo Primás do Brasil, o Senhor D. Augusto Alvaro da Silva, compareceu a Congregação, incorporada.

No dia da chegada esteve a bordo do *Avon* o 2.º Assistente

da Congregação, Thales Azevedo e o secretario particular do R. P. Cabral, Albino Fernandes Filho, que aprêsentaram as primeiras saudações a S. Exa. Revma.

No caes uma numerosissima commissão, com o R. P. Cabral, representavam a Congregação.

No dia da entrada triumphal compareceu a Congregação em corpo gesto com o seu estandarte. Espectaculo imponente foi este, em que milhares de pessoas aclamavam o novo Prelado numa insólita vibração de enthusiasmo, desde o Mosteiro de S. Bento até á Cathedral Basilica do Salvador.

O dia amanhecera lindo. Desusado movimento alegrava a cidade. A pouco e pouco vinham dispondo-se os collegios em duas alas. Pelas 8 horas sahiu o cortejo da Igreja Abbacial de S. Bento. Foi uma verdadeira estrada triumphal.

A ornamentação das ruas, da qual se destacava o imponente arco da Praça Cástro Alves, a affluencia do povo, a polychromia dos trajes nas senhoras e nas crianças, a ininterrompida chuva de flôres jogadas das janellas e varandas e das filas compactas da população escolar que sorria e aclamava com estrepitosas palmas, de ambos os lados das ruas, tudo isto polvilhado de oiro pelo sol esplendido de u'a manhã primaveril, deu ao desenrolar do cortejo. um scenario condigno d'elle. A's varas do pallio iam as principaes auctoridades, inclusive o Exmo. Sr. Governador, que deixava lêr no rosto a satisfação de que estava possuido.

A' entrada da Cathedral foram prestadas ao illustre Primás, pelo batalhão ali postado as continencias de estylo.

Findo o Te-Deum, realizou-se a cerimonia da submissão, á qual não faltaram, um por um, todos os Congregados, com suas lindas insignias, formados em semi-circulo na Capella-Mór.

A' entrada do Palacio Archiepiscopal fez a C. M. A. uma carinhosa ovação a Sua Exma. Revma.

Conduzido até á Sala do Throno novamente foi ovacionado o illustre prelado, não esquecendo o significativo viva do eminente Governador do Estado á "Santa Igreja Catholica".

Ao despedirem-se os Congregados, a cada um dos que lhe

beijavam o anel o Sr. Arcebispo dirigia uma palavra ora de parabens, ora de convite a trabalharem com elle no resurgimento catholico desta terra querida.

Muitas vezes depois dirigiu-se Sua Exa. Revma. ao R. P. Cabral, dizendo que contava com o nosso trabalho para o auxiliarmos. Escusado é dizer que para tão apostolico pedido a C. M. A. hypothecava não só o seu apoio, como a sua incondicional dedicação.

De ha muito nos prendem laços de estima e reconhecimento ao Senhor D. Augusto, esse bonissimo pastor já tão estimado do seu novel rebanho, figura tão bem definida pelo Dr. Martagão Gesteira, no seu discurso por ocasião do banquete de despedida do magisterio ao Dr. Pinto de Carvalho, em Julho de 1925, com estas felizes palavras: “príncipe magnifico da nossa Igreja, pastor que, pela seducção encantadora do seu verbo convincente e pela attração irresistivel da sua magnanima bondade, parece admiravelmente bemfadado a victorioso arrebanhador de ovelhas tremalhadas...

Quando lançámos em 1923 a ideia da aquisição da casa onde funciona o Pensionato Mariano Academico, foi Sua Exa. Revma., então Bispo da Barra, dos primeiros a attender a tão elevado emprehendimento.

Logo que soubemos da auspiciosa nomeação de Sua Exa. Revma. para a Sé Primacial do Brasil, endereçamos-lhe expressivo telegramma de parabens e testemunho de inteira submissão.

Fomos honrados com a seguinte resposta:

Cidade da Barra, 24 de Janeiro de 1925.

Padre Cabral

Transmitta á Congregação Mariana Academica e ao Circulo de Estudos da Mocidade os meus agradecimentos pelas felicitações enviadas, quando foi de minha eleição para Arcebispo da Bahia.

Peço a Deus que frutifiquem, em edificação e bem das almas, os bons sentimentos desses moços, a quem mando a minha ben-

ção, como garantia da promessa de ajudal-os, uma vez na Bahia, a trabalhar sempre para o bem da Religião e “Ad maiorem Dei Gloriam”.

(a) *Augusto*, Bispo.

ESTUDANTES DE COIMBRA

Não passemos sem alguma referencia o que foi o banquete aos brilhantes academicos da Tuna da Universidade de Coimbra, de passagem nesta cidade.

Embora não se trate de uma festa em que tomasse parte a Congregação como tal, não pôde contudo deixar de interessar os nossos annaes, tanto pela honra que nella foi feita ao nosso Director, como pelas constantes e sympathicas referencias da juventude coimbrã á nossa obra.

Convidado para orador official do banquete o R. P. Cabral, S. Revma. foi cumulado da mais entusiastica e fidalga distincção. No brinde, recordando os tempos em que em Portugal mensalmente ia a Coimbra fallar aos estudantes, disse que a sua acção aqui se continuava no mesmo campo, e referiu-se demorada e carinhosamente á Congregação Mariana Academica, ao seu Pensionato, ao Circulo de Estudos e á Commissão de Catequese.

A resposta do Dr. Angelo Cesar, escolhido para interpretar daquelles sympathicos rapazes foi uma explosão de enthusiasmo e amizade para com o nosso Director e estas suas obras, de que o Archivo Mariano Academico é o repositorio. Houve vivas prolongadissimos, palmas, hurrahs; e tão de coração brotava aquella manifestação, que até houve lagrimas. A Congregação Mariana Academica levaram-na aquelles brilhantes moços, na sua grande maioria fervorosamente catholicos, tanto no coração, que os exemplares do “Annuario” de 1925 e do “Archivo Mariano Academico” eram por elles disputados com singela e confiante importunação.

No fim do banquete todos rodeavam o R. P. Cabral, para que

lhes escrevesse uma palavra nos livros offerecidos, ou para que ceixasse a sua assignatura nas fitas distinctivas das faculdades a que pertenciam.

Ao reembarque acompanharam o R. P. Cabral os Congregados Academicos Manoel Ito da Rocha, Manoel de Vasconcellos Martins e Nino Magno Baptista, que corresponderam na despedida ás gentilezas de que a nossa aggremação foi alvo por parte da scintillante pleiade da velha Universidade.

ORDEM PUBLICA NO BRASIL

Após os dias agitados de S. Paulo, que fizeram pulsar mais anciosos os corações Brasileiros, a Congregação Mariana Academica, embora sem nenhum intuito politico, pois se presa de manter-se alheia a todo o partidarismo, coherente com o espirito de ordem e paz de que a nossa Congregação é pioneira, como associação de character não só religioso, mas social, enviou a Sua Excellencia o Sr. Presidente da Republica por intermedio do nosso Director, um telegramma de congratulações, ao qual o primeiro magistrado da Nação se dignou responder directamente nestes honrosos termos: Do Palacio Cattete, Official — 6 — 8 — 1924. Padre Cabral — Collegio Antonio Vieira — Bahia — Queira acceitar e transmittir meus agradecimentos os mais sinceros pelas congratulações trazidas por seu telegramma. A todos retribuo vivamente enviando saudações cordiaes. (a) *Arthur Bernardes*.

EXCURSÃO A ITAPARICA

Quando recebemos do Senhor D. Augusto, nosso venerando Arcebispo, convite para a Communhão geral na Basilica do Salvador, em dia de Corpus-Christi, já era demasiadamente tarde para podermos avisar a todos os Congregados.

Entretanto madrugou na Cathedral um grupo de Congregados que durante a Missa de Sua Exa. Revma. tomou parte no Banquete Eucharistico.

Aproveitou o R. P. Cabral o ensejo de mostrar a sua satis-

facção pela louvavel acquiescencia ao convite, e organizou uma excursão a Itaparica, para a qual o R. P. Antonio da Costa e Oliveira Pinto S. J., distinctissimo Reitor do C. A. V., pôz á disposição dos Congregados a linda Chacara que lá possui o collegio.

A S. Revma., digamo-lo de passagem, devemos a linda imagem de Nossa Senhora de Lourdes, imitação de marfim, que preside ás reuniões no Salão da C. M. A. Trouxe-a o R. P. Pinto, então Superior da Missão da Companhia de Jesus no Brasil Septentrional, quando de sua viagem a Roma em 1920. Ao passar em Lourdes, lembrou-se da nossa Congregação, trazendo-nos de lá aquella preciosa prenda.

Nesta excursão a Itaparica, além de nos franquear a linda estancia cognominada "*Sítio do Veneravel Anchieta*", cedeu-nos e activo e habil *Vatel* vieirense, o Irmão Vaz, e offereceu-se para todos os gastos precisos, inclusive as passagens.

Não deixou perder mais este ensejo para as suas gentilezas generosas a infatigavel e dedicadissima Senhora, a quem tanto devem já as obras da nossa Congregação: D. Candida Pinto Dias, offerecendo-nos mimosas sobremesas, premios para o jogo do Loto e o elegante chocolatezinho da tarde. Completou a lista dos que naquella excursão nos obsequiaram o nosso bemfeitor e amigo Sr. Albino Fernandes Pereira, que enviou genuino português da sua garrafeira.

Foi tal a cordealidade ali reinante e tão excepcional, que não podemos fugir a consignar no nosso Archivo este agradável registro.

Ali todos eram verdadeiros irmãos. Não houve a mínima sombra que perturbasse a alegria daquelle passeio.

No dia 13 de Julho de 1925, pela 16 horas, embarcamos no vapor da carreira, R. P. Cabral, R. P. Pinheiro (representando o R. P. Reitor do C. A. V.), os Congregados Alberto Sinay Neves, Alexandre Leal Costa, Cornelio Teixeira Azevedo, Coquelin Leal Costa, Elsior Joelviro Coutinho, Joaquim de Araujo Lima, Lino Cardoso do Valle, Manoel de Vasconcellos Martins,

Raul Velloso Saraiva e o secretario do nosso Director, Albino Fernandes Filho.

Chegamos pelas 18 horas. Esse resto do dia, após succulento jantar, foi para arrumações. No dia seguinte pela manhã depois da missa, em que commungaram todos os excursionistas, visitamos detidamente a Chacara. Seguiram-se banhos de mar, exercicios de remo e o primoroso banquete, em que reinou a mais fraternal e entusiastica alegria. A' noitinha passeamos pela cidade visitando em companhia do Reverendo Vigario, P. Antonio Monteiro a elegante matriz em via de artistica remodelação.

Ficou combinado que do anno vindouro em diante se procurasse organizar para a C. M. A. um passeio annual para ligar mais os laços de fraternidade, como succedeu por fórma tão impressionante nesta excursão.

PEREGRINAÇÃO BRASILEIRA-A ROMA

•Acompanhando o Senhor Arcebispo Primás D. Augusto Alvaro da Silva, seguiu em Peregrinação a Roma, por ocasião do Jubileu do Anno Santo, o Dr. Anísio Spinola Teixeira. Este nosso Congregado, accedendo em ser nosso representante nessa peregrinação, foi portador da seguinte credencial.

A Congregação da Immaculada Conceição e S. José para Academicos das Escolas Superiores da Bahia (Brasil), conhecida pelo nome de "Congregação Mariana Academica", accreditada officialmente como seu representante na Peregrinação Brasileira do Anno Santo a Roma e a qualquer outro Santuario da Christandade, por onde venha a passar, o Congregado Doutor Anísio Spinola Teixeira, Director Geral da Instrução Publica no Estado da Bahia e Presidente do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, dando-lhe plenos poderes para a representar, testemunhar em nome della os sentimentos de filial dedicação de cada um de seus membros e da collectividade para com a Santa Igreja Catholica e seu Augusto Chefe, o Nosso Santo Padre o Papa, Sua Santidade Pio XI, bem como ser o intermediario entre seus Irmãos em Maria Santissima e todos aquelles

que vivem em communhão de ideaes com as Congregações Marianas:

E para esse fim lhe passamos estas Lettras Credenciaes assignadas pelo Director, Presidente e Secretario da Congregação

Dado na Congregação aos 31 de Julho do Anno Santo de 1925, festa de Santo Ignacio de Loyola.

O Director, (a) *P. Luiz Gonzaga Cabral S. J.*

O Presidente, (a) *João Kfoury.*

O Secretario, (a) *Pedro Cerqueira Falcão.*

UTILIDADE PUBLICA FEDERAL

Ao Senado Federal o illustre representante da Bahia Exmo. Sr. Dr. Pedro Francisco Rodrigues do Lago apresentou um projecto de lei reconhecendo de *utilidade publica* a Congregação Mariana Academica. S. Exa. fundamentou-o com estudada justificação que mais abaixo transcrevemos.

Esse projecto deu entrada na sessão de 13 de Julho de 1925, encontrando-se neste momento na Camara onde aguarda 1.^a discussão.

No Senado salientaram-se para a boa marcha do projecto, além do seu distincto auctor, os Senhores Senadores Lopes Gonçalves, de Sergipe; Antonio Massa, da Parahyba e Conde Paulo de Frontin, do Districto Federal, os dois primeiros, respectivamente, relatores nas Commissões de Constituição e Justiça e Legislação.

Na Camara, o Deputado Dr. Daniel de Mello, de Pernambuco, foi o judicioso relator da Commissão de Constituição e Justiça.

Entretanto não tem sido sómente dentro do Parlamento que se tem trabalhado para obtermos este desideratum.

Ao Exmo. Sr. Dr. Mauricio Graccho Cardoso, insigne Presidente do Estado de Sergipe, somos devedores de finesas que não poderemos esquecer. S. Exa. immediatamente acquiescendo ao nosso pedido, telegraphu á sua bancada como a varios amigos de outras representações. Além disso deu-nos a honra da communição dos passos que dera em prol do nosso projecto.

O nosso 1.º Presidente, Engenheiro João de Vasconcellos Martins, de passagem para o Rio, obsequiosamente se promptificou a ser portador dos documentos precisos para justificação, á qual abrimos espaço:

JUSTIFICAÇÃO

Exmos. Srs. e Illustres Membros do Congresso Nacional.

A Congregação Mariana Academica, para estudantes de Escolas Superiores da Bahia, fundada em 10 de Maio de 1916:

considerando que, nò breve espaço de 9 annos, grandes tem sido os desultados por ella obtidos em prol do progresso moral e intellectual da mocidade estudiosa da Bahia;

considerando que tem tomado tão florescente desenvolvimento, que o grupozinho inicial de 5 academicos cresceu hoje a mais de cem, como o provam os Annuarios annêxos;

considerando quão notorios tem sido os fructos obtidos por meio da Casa de Estudantes intitulada Pensionato Mariano Academico, por ella fundada em 1.º de Julho de 1920;

considerando que são geraes as sympathias que essa obra tem despertado, como se verificou no bom acolhimento da subscrição para a compra da casa onde funciona o dito Pensionato Mariano Academico;

considerando que, pela sua secção de estudos, intitulada Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, tem sido manifesto o proveito para a cultura intellectual, moral e civica da mocidade dos Cursos Superiores desta capital por meio de reuniões mensaes, onde, além de uma exposição do Director, são lidas dissertações originaes de academicos, terminadas pela discussão calorosa das ideas e argumentos nellas expendidos;

considerando que o mesmo Circulo de Estudos tem em mira um ideal patriotico de progresso, dignidade e energia no meio social brasileiro, propondo-se os seus membros imprimir em si e nos outros uma orientação intellectual e moral plenamente sã;

considerando que não poucas summidades do meio bahiano, entre as quaes numerosos Cathedricos das Escolas Superiores,



Dr. Salvador Barbosa
Presidente da C. M. A. em 1924

lhe garantiram a importancia, honrando-o com inscrever-se nelle, como o provam os Annuarios annexos;

considerando que pela sua secção de Catequese tem distribuido ás creancinhas pobres, além do pão espiritual dos ensinamentos christãos, civicos, moraes e intellectuaes, roupas, livros e outros recursos;

considerando que, pela sua secção de Hospitaes, tem levado mimos materiaes e consolo espiritual aos enfermos;

considerando que, pela sua secção de Visita aos Pobres, tem feito o nobilitante papel de levar á pobreza envergonhada as esmolas que pessoalmente recolhe das mãos de pessoas generosas e as que semanalmente recolhe por espontaneas cotizações entre seus membros;

considerando que o Governo Federal, quando da vinda do estandarte da aggremação, attendendo aos beneficios desta associação, lhe concedeu isenção de direitos;

considerando que a Assembléa Geral do Estado da Bahia já lhe concedeu, por motivo de abnegados serviços á sua causa publica, editar na Imprensa Official um volume annual intitulado "Arquivo Mariano Academico", no qual se dá conta do movimento da Congregação Mariana Academica, Circulo de Estudos e mais obras sociaes daquella dependentes, e onde se publicam os trabalhos pronunciados e discutidos durante o respectivo exercicio annual, como prova o 1.º volume, sahido recentemente, e que vae annexo a este memorial;

julga de toda justiça a votação de uma lei reconhecendo de utilidade publica para todos os effeitos a Congregação Mariana Academica da Bahia.

SOLEMNIDADES RELIGIOSAS

Em 1924 abriu a Congregação o seu exercicio, em 27 de Abril, realizando-se as eleições em 4 de Maio — Na festa do "Patrocinio de S. José" e 11 de Maio tomaram posse os novos dignitarios seguintes:

Presidente — Salvador Castro Barbosa, 6 M.

Assistentes — Carlos Cohim Ribeiro da Silva, 5 E. e Jayme Cerqueira Lima, 5 E.

Secretarios — Thales Olympio Góes de Azevedo, 3 M. e Carlos Reis, 2 E.

Instructores — João Kfoury, 5 M. e M. Mello Machado, 5 M.

Thesoureiro — Fernando C. Santos, 5 M.

Zeladores do Culto — Pedro Falcão, 1 M. e Pio Sampaio, 1 M.

Bibliothecario — Gilberto Cerqueira Lima, 1 O.

Orador — José Faria Góes Sobrinho, 6 M.

Leitores — Paulo Fernandes, 2 M. e Brand Lima, 2 M.

Apontador — Fernando C. Santos, 5 M.

Administrador do P. M. A. — Salvador Castro Barbosa, 6 M.

PRESIDENTES DAS SECÇÕES DA C. M. A. ABAIXO INDICADAS:

I — Apostolado da Oração

Jayme Cerqueira Lima, 5 E.

II — Catequese

Joaquim Araujo Lima, 1 E.

III — Conferencias Vicentinas

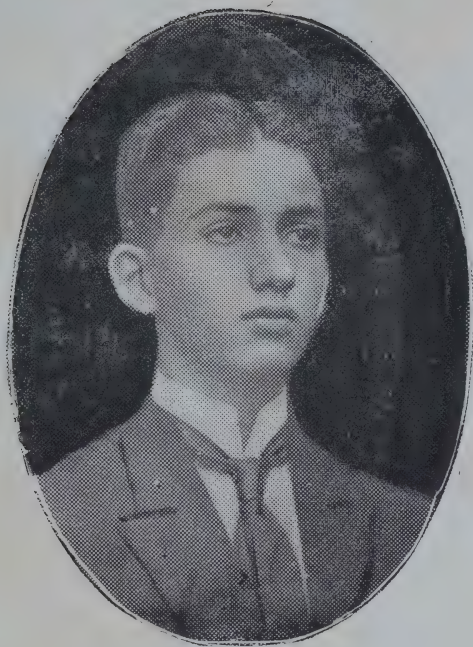
Waldemar Conrado Veiga, 1 E.

IV — Acção hospitalar

Manuel Mello Machado, 5 M.

V — Circulo de estudos (C. C. E. M. A.)

Bacharel Anisio S. Teixeira,



Dr. João Kfoury
Presidente da C. M. A. em 1925

VI — Gabinete de leitura

Carlos Cohim R. da Silva, 5 E.

VII — Archivo e Chronica

Thales Olympio Góes de Azevedo, 3 M.

VIII — Correspondencia e Participações

Octacilio Carvalho Lopes, 3 M.

IX — Festas

Joaquim Araujo Lima, 1 E.

Nessa festa entraram 4 Congregados e 9 Candidatos, sendo transferidos 9 Congregados de outras Congregações canonicamente aggregados á Prima Primaria de Roma.

Em 15 de Agosto, festa da Assumpção de N.^a Senhora, entraram 6 Congregados e 4 Candidatos, sendo transferidos 3.

Em 8 de Dezembro entraram 1 Congregado e 2 Candidatos.

Essa festa, a Patronal, teve a presença de varios Socios honorarios.

Foi, sem duvida, uma das suas notas mais impressionantes a confraternização de Cathedrauticos e Academicos na Sagrada Mêsda da Communhão.

Em 1925

A abertura foi em 19 de Abril, as eleições em 26 de Abril e em 2 de Maio festa do Patrocinio de S. José, padroeiro secundario da Congregação, tomou posse o novo Conselho assim formado:

Presidente — João Kfoury, 6 M.

Assistentes — Manoel Mello Machado, 6 M. e Thales Olympio Góes de Azevedo, 4 M.

Secretarios — Pedro Falcão, 2 M. e Brand Alves Lima, 3 M.

Instructores — Raul Velloso Saraiva, 4 E. e Pio Sampaio, 3 M.

Thesoureiro — Joaquim Araujo Lima, 2 E.

Zeladores do Culto — Aristoteles Calazans Simões, 2 M. e Manoel V. Martins, 1 I.

Bibliothecario — Alexandre Leal Costa, 1 M.

Leitor — Adriano Bernardes Baptista, 2 D.

PRESIDENTES DAS SECÇÕES DA C. M. A. ABAIXO INDICADAS:

I — Apostolado da Oração

Francisco Leite Netto, 2 O.

II — Catequese

Rosalvo Ferraz de Araujo, 2 M.

III — Conferencias Vicentinas

Raul Velloso Saraiva, 4 E.

IV — Acção hospitalar

Clovis Moreira da Cunha, 6 M.

V — Circulo de estudos (C. C. E. M. A.)

Bacharel Anisio Spinola Teixeira.

VI — Gabinete de leitura

Gilberto Cerqueira Lima, 2 O.

VII — Archivo e Chronica

Luiz Rogerio de Souza, 4 M.

VIII e X — Correspondencia e Participações

Rosalvo Ferraz de Araujo, 2 M.

IX — Festas

Pedro Cerqueira Falcão, 2 M.

Na festa da Assumpção, 15 de Agosto, houve a seguinte **modificação** no quadro dos Dignitarios:

1.º Assistente — Pio Sampaio, 3 M.

Sub-Instructor — Ruy Maranhão, 1 M.

Vicé-Zelador do Culto — Alberto Sinay Neves, 1 E.

Vicé-Bibliothecario — Julio Lôbo, 1 O.

Vicé-Leitor — Eduardo Sá Pereira da Silva Moreira, 2.º E.

Apontador — Manoel Vasconcellos Martins, 1 I.

Presidente das Secções seguintes:

Conferencias Vicentinas — Clovis Moreira da Cunha, 6 M.

Acção Hospitalar — Clemente Guimarães, 5 M.

Archivo e Chronica — Octacilio de Carvalho Lopes, 4 M.

Correspondência e Participações — Luiz Rogerio de Souza,
4 M.

Festas — Gustavo Sá Pereira da Silva Moreira, 4 E.

Nesse mesmo dia entraram 5 Congregados, 5 Candidatos e
3 Aspirantes; foram transferidos 6.

Em 18 de Outubro, festa de S. Lucas, padroeiro dos medicos,
o Vice-Secretario Pio Sampaio, Academico de Medicina, foi **em-**
possado no cargo de 2.º Assistente, sendo eleito para o seu **antigo**
cargo o Doutorando Heraclito Freitas.

Nesse dia entraram 2 Congregados, 3 Candidatos e foi 1 transferido.

A consulta de 25 de Outubro nomeou para o cargo de 1.º Assistente o Academico de Engenharia Raul Velloso Saraiva, que devia tomar posse em 1.º de Novembro seguinte, festa de Todos os Santos. Tendo se visto obrigado a estar ausente da capital nessa data, foi-lhe dada a investidura do novo cargo pelo P. Director na sacristia da Capella, sendo testemunhas do acto o Presidente e o Vice-Secretario da Congregação. O novo Assistente por unanime decisão da Consulta continuou no cargo que occupava de Instructor da C. M. A.

A' festa Patronal em 8 de Dezembro compareceram os Socios Honorarios e Benefactores, Exmos. Srs. Dr. Theophilo Borges Falcão, Secretario de Estado do Thesouro e Fazenda; Dr. José Allioni, Lente da Escola Polytechnica; José da Costa Magalhães, Secretario do Gabinete Português de Leitura; Dr. Manoel Pirajá da Silva, Lente da Faculdade de Medicina; Dr. Mario Peixoto, Lente da Faculdade de Medicina; Conselheiro Dr. Ponciano de Oliveira, Lente da Faculdade de Direito e Desembargador do Superior Tribunal de Justiça; Prof. Sylvio Deolindo Fróes, Director do Conservatorio de Musica e Dr. Thomaz Guerreiro de Castro, Lente da Faculdade de Direito.

EXERCICIOS ESPIRITUAES FECHADOS

Grupo dos que tomaram parte nos Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio, promovidos pela Congregação Mariana Academica, de 25 de Junho a 1 de Julho.

5.º Turno em 1924

Alberto Sinay Neves, c. E.

Alexandre Leal, c. M.

Alvaro F. da Cunha, G.

Antonio Borges da Silva, 1 M.



Crucifixo artistico de bronze do salão da C. M. A.

Aziz Maron, G.
Clemente Guimarães, 4 M.
Domingos Vieira, c. M.
Eduardo da Silva Moreira, 1 E.
Elsior J. Coutinho, c. Ph.
Esdras Sampaio, G.
Gilberto C. Lima, 1 O.
Gustavo da Silva Moreira, 3 E.
José F. Góes Sobrinho, 6 M.
José F. Paim, c. D.
José Mangieri Junior, c. M.
José Torres Costa, 2 M.
Manuel J. Barros, c. E.
Manuel V. Martins, 1 I.
Octacilio C. Lopes, 3 M.
Pedro C. Falcão, 1 M.
Raul V. Saraiva, 3 E.
Rosálvo F. Araújo, 1 M.
Salvador C. Barbosa, 6 M.
Sebastião A. Ramos, 3 D.
Thales G. de Azevedo, 3 M.

6.º Turno em 1925

Alberto Sinay Neves, 1 E.
Alexandre Leal Costa, 1 M.
Alvaro Fernandes da Cunha, C.
Aziz Maron, G.
Coquelin Leal Costa, c. A.
Cornelio Teixeira de Azevedo, 1 E.
Eduardo Sá Pereira da Silva Moreira, 2 E.
Elsior Joelviro Coutinho, c. Ph.
Getulio Baptista de Rezende, c. E.
Gustavo Sá Pereira da Silva Moreira, 4 E.
Joaquim de Araújo Lima, 2 E.
Manuel Vasconcellos Martins, 1 I.
Pio Sampaio, 3 M.

Raul Velloso Saraiva, 4 E.
Rosalvo Ferraz de Araujo, 2 M.
Thomaz Emmanuel Girdwood, 1 M.

A. M. D. G.

EM 1926

A NOVA MESA

Reunida a Congregação, após o intervalo das férias, no dia 11 de Abril (Domingo de Paschoela), e feitas as eleições no dia 18, celebrou-se a posse das dignidades no dia 25. Damos a seguir os nomes dos Congregados eleitos para o Conselho, assim como para os demais cargos da Congregação, incluindo as Presidencias das varias Secções:

CONSELHO

Presidente — Engenheirando Raul Velloso Saraiva.
1.º Assistente — Octacilio de Carvalho Lopes, 5 M.
2.º Assistente — Adriano Bernardes Baptista, 3 D.
Secretario — Pedro de Cerqueira Falcão, 3 M.
Instructor — Rosalvo Ferraz de Araujo, 2 M.
Thesoureiro — Alberto Sinay Neves, 2 E.
Consultores — Joaquim de Araujo Lima, 3 E.; Alexandre Leal Costa, 2 M.; Francisco Leite Netto, 3 O.; Eduardo Sá Pereira da S. Moreira, 3 E. e Julio Pedreira Lôbo, 2 O.

DIGNITARIOS

Instructor no P. M. A. — Joaquim de Araujo Lima, 3 E.
Vice-Secretario — Eduardo Sá P. da Silva Moreira, 3 E.
Bibliothecario — Alexandre Leal Costa, 2 M.
Vice-Bibliothecario — Julio Pedreira Lôbo, 2 O.
Zelador do Culto — Francisco Theodulo Avelino, 2 M.
Leitor — Antonio Lyrio Callou, 2 M.



Engenheiro Raul Velloso Saraiva
Presidente da C. M. A. em 1926

PRESIDENTES DAS SECÇÕES DA C. M. A.

I — Apostolado da Oração e Exercícios Espirituaes

Engenheirando Raul Velloso Saraiva.

II — Circulo de Estudos (C. C. E. M. A.)

Octacilio de Carvalho Lopes, 5 M.

III — Gabinete de Leitura

Gilberto Cerqueira Lima, 3 O.

IV — Pensionato Mariano Academico

Joaquim de Araujo Lima, 3 E.

*V — Correspondencia e Redacção do Archivo
Mariano Academico*

Octacilio de Carvalho Lopes, 5 M.

VI — Relações Sociaes e Festas

Adriano Bernardes Baptista, 3 D.

*VII — Catequese, Instrucção e Assistencia ás
Crianças Pobres*

Gilberto Cerqueira Lima, 3 O.

*VIII — Assistencia e Visita aos Pobres pela Conferencia
Vicentina*

Francisco Leite Netto, 3 O.

IX — Assistencia aos Enfermos nos Hospitaes

Aristoteles Calazans Simões, 3 M.

X — Aulas Nocturnas

Alberto Sinay Neves, 2 E.

AS SECÇÕES DA C. M. A.

A C. M. A. com razão póde contar este anno de 1926 entre os maiores da sua acção social, se é que não foi o maior.

Todas as suas secções funcionaram com rara actividade.

O “Gabinete de Leitura” muito progrediu, graças á solicitude do Dr. Herbert Parentes Fortes. Este dedicadissimo Congregado sempre desejara obter na C. M. A. um local onde diariamente viessem estudar os congregados e socios do Circulo, utilizando-se da nossa bibliotheca e de revistas technicas das respectivas faculdades.

Com o subsidio votado pela assembléa conseguimos installar convenientemente o Salão de Leitura, concorrendo para a sua boa iluminação o mesmo congregado e o não menos dedicado ex-Presidente da C. M. A., Engenheiro Carlos Cohim Ribeiro da Silva.

Ambos concorreram, além disso, com assignaturas de revistas e o Dr. Herbert conseguiu que pessoas amigas assignassem para o Gabinete de Leitura bem fornecido de optimo e variado material formação, estudo e consulta.

Por intermedio da activa Commissão Vicentina, que traballou em sessões semanaes, distribuiu-se a parte do subsidio a ella destinada; e muitas casas nacionaes e estrangeiras nos enviaram gratuitamente medicamentos de suas especialidades, além de revistas gratuitas de medicina que vieram enriquecer o nosso Gabinete de Leitura.

A Commissão de Catequese preparou a 1.^a Communhão das

creanças e distribuiu-lhes roupas, ensinando-lhes além do catecismo as primeiras letras e rudimentos de arithmetica.

Offerecido pelos distinctos alumnos da 1.^a Divisão do Collegio Antonio Vieira e seu infatigavel Prefeito R. P. Antonio Faria S. J., tiveram os meninos da Catequese um primoroso bôdo que se realizou em 29 de Agosto.

Sobreleva, entretanto neste anno, pela sua alta importancia social, o inicio das Aulas Nocturnas aos Operarios. Para o notavel exito que tiveram, muito concorreram como Professores os Congregados Academicos Joaquim de Araujo Lima (Lingua Portuguesa), Gustavo Sá Pereira (Desenho e Lição de coisas), Raul Velloso Saraiva (Arithmetica), Alexandre Leal Costa (Historia do Brasil e Geographia) e Eduardo Sá Pereira (idem).

O R. P. Joseph Foulquier S. J. promptificou-se para o ensino do Catecismo. A frequencia dos 23 operarios que se inscreveram foi muito assidua. Aos que a tiveram melhor distribuiram-se no fim do anno premios, que elles muito apreciaram.

Tambem graças ao subsidio remodelamos com nova pintura o Salão da C. M. A.; melhorou-se a illuminação, como acima dissemos; adquirimos uma mēsa de metro de largo por tres de comprimento para as revistas; dois armarios novos para a Bibliotheca, donde foram a encadernar perto de cem volumes e confeccionaram-se dois lindos quadros para os retratos dos Presidentes da Congregação e do Circulo e mais dois que encerram todos os grupos photographicos do 1.^o decennio: num os Exercicios Espirituaes; no outro os grupos annuaes de 8 de Dezembro.

Este delicado trabalho dos quatro quadros foi primorosamente executado, graças á gentileza do R. P. Oscar Peixoto S. J., illustre Professor do Collegio Antonio Vieira.

IRMÃO LOURENÇO PEREIRA

Falando deste Collegio acode-nos uma data luctuosa para a nossa Congregação. Foi a perda, para tudo quanto requeria mãos de fada, do bondoso Ir. Lourenço Pereira S. J., fallecido placidamente no Senhor em 10 de Abril.

Estimava-nos com extremado carinho e lh'o retribuíamos num sincero reconhecimento. Com esmero, já proverbial nelle, cuidava da nossa Bandeira, que assim logrou vencer até hoje os precalços do clima e da poeira.

Além do voto de pesar formulado na Acta das sessões, a C. M. A. por uma delegação apresentou os sentimentos de pesar ao R. P. Reitor do Collegio e acompanhou os despojos do saudoso e bemquisto velhinho.

D. AMELIA RODRIGUES

Além deste tão dedicado amigo, o nosso canteiro de saudade conta neste anno mais a grande poetisa bahiana D. Amelia Rodrigues, que no osculo do Senhor passou a melhor vida aos 22 de Agosto.

Esta Senhora, cujos dotes de intelligencia lhe assignaram um logar primacial entre as escriptoras brasileiras, foi para nós de uma dedicação, que não perdia ensejo de interessar-se por tudo o que se referia ás nossas obras sociaes.

Foi a alma do primeiro movimento em favor do Pensionato, na Comissão de Senhoras Pró-Marianos Academicos, commissão de que foi Secretaria.

Na noite de 27 de Outubro de 1921, durante o festival promovido na Associação dos Empregados do Commercio pela Commissão de que fazia parte, leu a sua magistral conferencia intitulada "O Feminismo e o lar", que inserimos, como documento de excepcional relevo para as nossas memorias, nas paginas deste mesmo volume.

Apenas sabida a sua doença, um grupo numeroso de Congregados, presidido pelo nosso Director, dirigiu-se em visita á casa da enferma; chegou, porém, no proprio momento em que D. Amelia entregava a sua bella alma a Deus.

Aos funeraes, a Congregação fez-se representar numerosa, e na primeira sessão do Circulo de Estudos depois do seu passamento foi-lhe prestada sentida homenagem.

A FESTA MARIAL DE 31 DE MAIO

Como nos annos anteriores, correu com muito brilhantismo, já pelo programma desempenhado, já pela assistencia numerosa e selecta, não faltando a ella o elemento official, pelas suas figuras mais representativas. Sua Excellencia o Sr. Governador do Estado, a quem sobreveio ligeiro encommodo, fez-se representar pelo Dr. Anisio Spinola Teixeira, Director Geral da Instrucção Publica, que veio acompanhado pelo Ajudante de Ordens do Sr. Dr. Góes Calmon.

Além do representante do Chefe do Estado, tomaram parte na mēsa os Exmos. Srs. Secretarios de Estado do Interior e da Fazenda, Commandante da Região Militar, Capitão do Porto, Presidente do Tribunal de Contas e Presidente do Gabinete Português de Leitura.

Pépetuemos nās paginas do nosso *Archivo Mariano Académico* o Programma da festa Marial de 1926.

PROGRAMMA

Abertura — A' Bandeira! — Vozes, Flauta, Violinos e Piano.

O Nosso Primeiro Decennio — Allocução do Director da C. M.

A., R. P. Luiz Gonzaga Cabral, S. J.

Sextetto da Tuna da C. M. A. — Academicos Pedro Falcão,

Cleóbulo Sant'Anna, Pacheco de Andrade, Coquelin Costa,

Mosart Alencar e Joaquim Lima.

Leituras Sérias — Allocução do Academico de Direito Adriano Bernardes.

Madonna! — Solo de Tenor pelo Academico de Medicina Mosart Alencar.

Intervallo — Novelletten, opus 116 de Schumann — ao Piano, pelo Doutorando Oswaldo Muylaert.

Sextetto da Tuna da C. M. A. — Os Academicos supra-mencionados.

Estandarte da Congregação — Poesia do Academico de Engenharia, Joaquim Lima.

Invocação á Virgem — Solos, Coros, Violinos e Piano.

Allocução do Dr. Anisio Teixeira, Director Geral da Instrucção Publica da Bahia.

Conclusão — Hymno dos Congregados — Vozes. Violino e Piano.

CONGRESSO DAS VOCAÇÕES

No 1.º Congresso das Vocações Sacerdotaes, em boa hora convocado pelo Exmo. Sr. Arcebispo Primás, teve lugar saliente a nossa Congregação, a qual ficou encarregada do dia da Mocidade, 21 de Setembro.

Realizado de 12 a 19 desse mês, marcou como um acontecimento grande entre os maiores nos fastos religiosos e sociaes da Bahia.

A elle compareceram varios Srs. Arcebispos e Bispos e entre elles o Exmo. Sr. Arcebispo-Bispo de Villa Real, em Portugal.

O Governo do Estado associou-se a elle da maneira mais brilhante, comparecendo o Governador do Estado, pessoalmente ou por delegação, a todas as sessões solemnes; e num dos dias do Congresso offereceu, no Palacio da Acclamação, um banquete ao Episcopado, sendo trocados nessa occasião significativos brindes. Além disso offereceu um concerto na Praça Rio Branco, no encerramento do Congresso, mandando illuminar nessa noite os edificios publicos.

O Presidentê da C. M. A., como membro da Comissão organisadora, tomou parte nas reuniões.

No dia 21 realizou-se pela manhã na Igreja Cathedral a missa, celebrada pelo Secretario do Sr. Arcebispo-Bispo de Villa Real, que ao evangelho dirigiu á Mocidade formosa allocução.

A essa missa, na qual commungaram, além dos nossos Con-

gregados, muitos jovens, taes como os da edificante Congregação Mariana de S. Luiz, com séde no Convento de S. Francisco, seguiu-se a exposição do S. S. Sacramento.

Durante a exposição, vieram dar guardâ de honra, sucessivamente, os Collegios Antonio Vieira, S. Salvador, Salesianos, N. Senhora da Victoria dos Irs. Maristas, Ypiranga, Orphãos de S. Joaquim, Liga da Restauração dos Ideaes, Liga da Communhão Frequente de S. Bento, Congregação Mariana de Nazareth e uma turma da Escola de Aprendizizes Marinheiros.

A bênçã foi dada pelo Exm^o. e Revmo. Sr. D. Ricardo Villela, D. D. Bispo de Nazareth, que foi acompanhado até ao automovel á portã da Basilica por todos os jovens presentes.

A' tarde realizou-se a sessão de estudos, no Gabinete Português de Leitura, da qual nos dá magnifica resenha "Maria Desideria" na Vozes de Petropolis.

UMA TARDE DO CONGRESSO DAS Vocações SACERDOTAES

I

Acabo de viver uma tarde de commoções profundas.

E' a tarde do dia marcado pelas folhinhas para inicio da primavera — primavera essa sempre problematica á proximidade dos tropicos, — 21 de Setembro; era tambem escolhido pelos estudantes das escolas superiores como o *seu dia* de festas e folguedos.

Tambem o Congresso das Vocações Sacerdotaes quiz que o "dia da primavera" fosse o "dia da mocidade". Occuparam a tribuna dois oradores, dois rapazes da Congregação Mariana Academica, e foi isso o bastante para que se possa aquilatar do que vale a elite da nossa mocidade e o quanto della podemos esperar.

Conheci eu ha alguns annos, antes da minha primeira ausencia da Bahia, um punhado desses rapazes destemidos e valorosos. Lembro-me ainda de um entre muitos, hoje distincto medico em

S. Paulo, que eu via commungar diariamente na capella dos Irmãos Maristas e, mais tarde, quando academico de Medicina, vi abandonar uma festa onde se dansava para comparecer a um exercício de piedade. Um outro, este engenheiro, casado hoje, quando foi da grande parada militar realizada no Rio, em Setembro de 1917, durante a viagem de três dias, por mar, não se desdourava de, apesar da moda dos companheiros, ajoelhar-se todas as noites no camarote e recitar o terço de Nossa Senhora.

Conhecera eu essa vitalidade e esses exemplos, mas já delles me havia esquecido com o correr dos annos. Naquella tarde magnifica de primavera, como o são todas as nossas tardes de verão, tive um reviver de recordações, um descortinar de horizontes novos, immensos. Vi o quanto podemos e o quanto ainda mais poderemos valer, si o quizessemos comprehender e se trabalhássemos todos em favor dos moços!

Deram a nota, nesta semana do Congresso, as sessões femininas de estudos; o vasto salão da Escola Normal sempre á cunha. Deram a nota, é verdade, mas nenhuma fez vibrar os accordes das almas jovens e entusiastas, como as harmonias da esperança e conforto tangidas, naquella tarde azul, pelos rapazes que dirige e encaminha o Rev. P. Gonzaga Cabral.

Santo Deus! ter-me-ia feito eu poeta, eu? E' que lá havia poesia, e mais que poesia, prenuncios de realidade animadora. Depois, quem não se acostumou já a ver as mulheres doces e obedientes a quanto gesto grande e nobre seja esboçado? E os rapazes, como parecem feitos de uma outra argilla, commovem sempre, quando os vemos iguaes a nós, que não passamos de simples mulheres, mas "embalamos nos nossos braços os destinos do mundo".

Os homens, apesar de toda a sua *superioridade*, ao que me conste, não embalam coisa nenhuma e muito menos os destinos do mundo. Os rapazes da Congregação Mariana Academica, porém, fizeram-me pensar que, si elles não se vêm reclinar connosco á borda dos berços onde dorme o futuro, poderão offerecer-nos um braço amigo e um pulso forte que ampare o vae-vem dos berços que embalamos.

II

A sessão masculina do Congresso, confiada á mocidade academica, foi, como já disse, uma revelação, para quem de perto não lhe seguia o movimento.

Deu-lhe inicio um academico do 5.º anno de Medicina e vice-presidente da Congregação, Octacilio de Carvalho Lopes. De sua these brilhante, “A Congregação Mariana e as Vocações”, transcrevo um trecho publicado no “Diario do Congresso”:

“Eu posso affirmar com segurança, depois de um convivio diario de cinco annos com os moços da Congregação Mariana Academica, cinco annos que passaram com rapidez inacreditavel, que em nenhuma parte se encontram amizades tão sinceras e tão fecundas.

E eu tenho tambem outros tantos annos de convivio com um numero incomparavelmente maior de contemporaneos meus, que cursam comigo a mesma Faculdade de Medicina, onde lutamos pelo mesmo ideal de sciencia.

Mas na Congregação Mariana Academica existe mais do que simples amizade verdadeira. E isto porque todos têm as mesmas esperanças, afagadas pela mesma fé; isto porque são os mesmos os ideaes; isto porque, mais ainda que a amizade de cada um, está o amor de Deus entre elles. E quando parece que, por estar entre elles, os distanciaria, separando-os, longe de os afastar, une-os mais ainda. A amizade é mais pura porque é desinteressada. Não os envolvem os laços da desconfiança; não os acalentam as miragens falsas do sensualismo; não os confundem as attitudes duvidosas.

Emfim, a amizade é mais pura, porque ali se cultiva a virtude. E a virtude é a alma da amizade.

Nas Congregações formam-se élites. Nas Congregações aprendemos a meditar no conhecimento proprio e a ver que ao homem foi reservado logar de destaque nes-

te mundo que habitamos e por isso mesmo devemos conservar a fronte sempre erguida e deixar a lama para debaixo dos pés. Vemos que o homem impera e reina na terra: tudo é delle, tudo para elle foi feito. Como pois baixar á podridão da materia e viver com a consciencia mergulhada eternamente na carne; elle que mede a distancia das estrellas e o volume da terra, o peso de cada astro e o tamanho do protozoario; elle que calcula a intensidade da luz e o brilho das estrellas; elle cuja intelligencia sobe até Deus, conhecendo-o e amando-o com o coração cheio de gratidão e de promessa; elle que calcula e pensa, que prolonga a vida, allivia a dôr e consola os enfermos; elle que desvenda os mysterios da sciencia e illumina a noite das idéas!

Homem! és o mesmo a viver enlameado na tristeza da materia?

O' homem, sonda os atomos e as molleculas, levanta-te e fuge das miserias do peccado!

Ampãremos as Congregações Marianas, que trabalham para dar ao Brasil uma familia christã.

Trabalhemos na grande obra de christianizar o Brasil, auxiliando assim ao sacerdote, que, no dizer de Amelia Rodrigues, *é o ponto inicial, o alpha e o omega, o principio, o meio e o fim da vida christã, que sem elle não existe.*

III

Em seguida, falou um terceirannista de Engenharia. Não lhe conhecia siquer o nome e, ao vê-lo subir á tribuna, singela e modestamente, apenas contive, á flor dos labios, uma pergunta: "Quem é?"

È, como me advinhando o pensamento, o orador começou:

"Senhores, ao subir eu a esta tribuna, uma pergunta deve occorrer a todos vós: — Quem é? de onde vem? para onde vae?"

E, *mathematicamente*, gyrando em torno desta progressão, entremeando aqui e ali um termo tecnico, a realçar o seu discurso, elle falou, explicou quem era — um filho do sertão — a que vinha — em nome do sertão pedir padres para o seu povo.

Um parenthesis muito pessoal, si m'o permittem. Eu que, um dia, vendo numa manha invernosa um vigario do sertão cavalgar leguas, sob chuva impiedosa, para binar num logarejo distante, empenhei minha penna para escrever em favor dos padres e pedir padres, eu senti que, naquella hora de vibrações, minha alma vibrava numa communhão de ideaes e de vistas, com aquelle moço sertanejo que, mais desassombradamente, com mais vida, com mais amor do que jámais eu o fizera, num grito de angustia e de supplica, pedia, implorava padres para o seu sertão.

Era para si, para elle proprio que pedia, porque, dizia, amanha, quando estivesse no desempenho de sua missão, a abrir estradas e assentar trilhos, no sertão ignoto, não queria que, quando lhe soasse a hora derradeira, faltasse á sua cabeceira um sacerdote que lhe cerrasse christãmente os olhos.

Falou, como só sabe falar quem de perto conhece essa miseria e essa chaga, do abandono e isolamento em qu evive o padre no sertão, sem um esteio que o ampare quando vacillar, sem um peito amigo onde chorar quando cahir uma primeira vez, baldo de forças para se levantar.

E, em chegando ao ultimo termo de sua progressão, o mathematico tornou-se profunda e acabadamente philosophico. Em phrases curtas e mathematicamente convincentes, falou da immortalidade da alma e da finalidade do homem| Mas, que faço eu? Como querer citar, apenas de memoria, topicos dessa conferencia, a mais profunda de quantas ouvi, e, talvez, de quantas foram ditas, por leigos, nesse congresso?

A Congregação Mariana Academica, que se pode orgulhar de já ter dado á Egreja cinco florinhas, cinco sacerdotes, se póde tambem orgulhar dos seus actuaes combatentes: elles o merecem. Os leitores das "Vozes" só poderão lucrar si conseguirem, na sua integra, como o desejo, a publicação da esplendida conferencia de Joaquim de Araujo Lima.

IV

Venhamos agora ás resoluções praticas.

O primeiro conferencista propõe, o que mostra nelle a verdadeira comprehensão da vida interior, a diffusão das congregações marianas em todas as parochias e a organização regular de retiros fechados para rapazes. Assim espera elle que, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, não tardarão a nascer almas de apóstolos e quiçá de sacerdotes.

Da segunda conferencia transcrevo o fecho, cujo texto foi publicado no “Diario do Congresso”. É pena foi que, por angustia de espaço, mais não houvesse vindo a lume.

“Como os trabalhos feitos pelo Congresso exigem a parte pratica das conclusões, lanço aqui algumas idéas visando principalmente a classe academica.

Para que surtam effeito esses trabalhos, mais ou menos theoricos, do Congresso, é mistér robustecerem-se no espirito dos jovens catholicos as seguintes proposições que lhes aponto:

I. ser exemplar nos cumprimentos dos preceitos da Igreja;

II. Não ter receio em qualquer occasião propicia de se mostrar catholico;

III. Tirar 10 minutos por dia para leituras apologeticas;

IV. Conhecendo alguem que por ventura tencione abraçar o sacerdocio, ter com elle palestras em que demonstre o seu apoio, procurando com seus amigos envolvê-lo numa atmospheria sadia, enaltecendo quanto merece o clero;

V. Influir benevolmente o mais que fôr possivel junto aos paes que sejam contrarios ou indifferentes ás idéas de sacerdocio em seus filhos;

VI. Fazer alliança com os sacerdotes do interior, prestigiando-os quanto lhês esteja ao alcance.

— Assim, estejamos certos, trabalhará também a classe academica para o levantamento do edificio, cuja planta nos offerece o primeiro congresso das Vocações Sacerdotaes, na Bahia”.

V

Fechando a sessão falou o Exmo. Sr. Bispo de Aracajú, uma figura veneranda e paternal. Quantas palavras teria dito S. Exa. o Sr. Bispo? Não sei... As lagrimas bailavam-me nos olhos... Sentimentalismo de mulher? O Sr. Reitor do Seminario de Fortaleza, Padre Guilherme Wassen, com muito menos motivo, numa das sessões femininas de estudos, teve a voz embargada pelos soluços e não pôde falar... E eu pude ainda falar e... mentir.

Como a minha companheira me olhasse maliciosa: — Mas choras, creatura? — aponte-lhe os vitraes gothicos, por onde se coavam uns raios dourados, e murmurei:

— Foi o sol.

Não, eu não menti. Fôra o sol, um sol radiante que se não filtrava por vitraes gothicos, mas através da mocidade promissora e bem dirigida dos moços da Congregação Mariana Academica.

Maria Desideria

Na sessão solemne da noite por nimia gentileza do illustre Sr. Arcebispo Primás foram os proprios Autores dos trabalhos apresentados na sessão de estudos desse dia, os que leram pessoalmente na tribuna as suas conclusões, acompanhando-as de ligeiras considerações, entusiasticamente acolhidas pela brilhante assembléa.

Ao R. Conego João de Barros Uchôa, da Archidiocese de S. Paulo, coube a sympathica tarefa de saudar a Mocidade, agradecendo-lhe em vibrantes palavras, recebidas com uma salva de palmas, o Presidente da nossa Congregação, Raul Velloso Saraiva.

No dia do encerramento e durante o Concerto offerecido pelo Governo do Estado, Suas Exas. os Srs. Arcebispos e Bispos gos-

tosamente annuíram em deixar suas assignaturas para a C. M. A. numa das lembranças distribuidas no Congresso. Tambem a esse precioso documento, que se acha em logar de destaque no nosso Salão, ajuntou o seu autographo o Exmo. Sr. Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, D. D. Governador do Estado.

Por essa occasião offereceu-se a cada um dos Exmos. Prelados um exemplar do 1.º Volume do Archivo Mariano Academico e dos Annuarios e estatutos da C. M. A. e do C. C. E. M. A.

Suas Exas. penhoraram-nos e confundiram-nos cumulando com honrosas referencias a nossa Congregação, a qual quasi por todos era já conhecida, até em muitas particularidades das mais consoladoras da nossa vida.

Queremos deixar exarados aqui os nomes dos preclaros antistites a quem somos devedôres daquella gentileza :

D. Augusto Alvaro da Silva, Arcebispo da Bahia e Primás do Brasil :

D. Adaucto de Miranda Henriques, Arcebispo da Parahyba;

D. Santino Coutinho, Arcebispo de Alagôas;

D. Miguel Valverde, Arcebispo de Recife e Olinda;

D. Antonio Cabral, Arcebispo de Bello Horizonte;

D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo - Bispo de Villa Real (Portugal);

D. José Thomás Gomes da Silva, Bispo de Aracajú;

D. Antonio Malan, Bispo de Petrolina;

D. Manoel de Paiva, Bispo de Ilhéos;

D. Ricardo Villela, Bispo de Nazareth;

D. João Tavares de Moura, Bispo de Garanhuns;

D. Severino Vieira de Mello, Bispo de Therezina;

D. Sebastião Thomás, Bispo de Araguaya;

D. Rupert Rudolph, Abbade Mitrado de S. Bento.

A primeira sessão da C. M. A. posterior ao Congresso, foi presidida pelo meritíssimo Sr. D. José Thomás Gomes da Silva, Bispo de Aracajú.

Celebrou a missa o R. Conego João de Barros Uchôa.

Na modesta homenagem que se seguiu no salão da C. M. A., quizemos tributar nossa gratidão ao Senhor Bispo, pelas pala-

vras com que nos dera parabens na sessão de estudos do dia 21 presidida por Sua Exa. Revma.; ao Revmo. Conego João Uchôa as palavras carinhosas com que nos saudara na mesma data, durante a sessão solemne da noite.

O R. P. Cabral disse da nossa gratidão e saudou os dois illustres homenageados, que responderam em apostolicos e vibrantes improvisos.

Commovido o nosso Socio Honorario, Dr. Alfredo Magalhães, Cathedratico de Medicina e Director da Escola Normal, que com o Revmo. Conego Uchôa, secretariava a sessão, pronunciou lindissimas palavras de incentivo aos nossos jovens, contando sympathicamente alguns factos intimos da sua vida de moço, quando se converteu integralmente para os nossos ideaes sagrados.

CONTRA O PROJECTO DA LEI DO DIVORCIO

Na occasião em que todo o Brasil por intermedio das suas varias classes, protestou com vehemencia contra a ideia de apresentar ao Congresso o projecto do divorcio, ajuntou a C. M. A. o seu grito de alarme.

Fundamentaram brillantemente o telegramma enviado ao Congresso Nacional os nossos ardorosos Congregados Dr. Herbert Parentes Fortes e Academico Thales Olympio Góes de Azevedo.

A PERSEGUIÇÃO MEXICANA

O mesmo Congregado Thales Azevedo levou a cabo com enthusiasmo um protesto solemne de toda a Congregação contra a nefanda perseguição aos Catholicos Mexicanos feita pelo governo maçonico, que agora rege os destinos daquelle paiz.

JUBILEU DO ANNO SANTO

Por convite do nosso venerando Primás compareceu a Congregação á primeira Procissão do Jubileu do Anno Santo. A essa manifestação de fé e piedade, presidida por Sua Exa. Revma.,

apresentaram-se com seu estandarte os nossos Congregados, e muitos dos nossos Lentes Cathedraticos, Socios do Circulo de Estudos. Foi um acto commovedor e no dizer de quantos o presenciaram, imponente.

As festas de 15 de Agosto e a Patronal de 8 de Dezembro decorreram brilhantes com muitas admissões de Congregados e Candidatos.

A esta ultima, como nos annos anteriores, associaram-se os Socios Honorarios do C. E., abeirando-se da Sagrada Mêsã e fazendo parte do grupo photographico tirado nesse dia, segundo a nossa tradição annual.

Um facto impressionante tornou mais solenne a festa patronal deste anno. Foi a consagração com que nos unimos em espirito ás que em Roma teem sido feitas neste anno, junto ao tumulto de S. Luiz Gonzaga. Foi solemnemente pronunciada ante o altar-mór da nossa Capella, por toda a Congregação, pelos Lentes Cathedraticos e Socios Bemfeitores ali presentes, e por bom numero de jovens de outras Congregações Marianas, que se tinham reunido a nós.

CENTENARIO ALOYSIANO

Constituiu-se além disso um grupo de jovens que acudindo pressurosos ao especial convite do Summo Pontifice Pio XI, foram a Roma em companhia do nosso Director, para na categoria de *Legados Marianos*, festejarem o Centenario da canonisação dos angelicos jovens, S. Luiz Gonzaga e Santo Estandislaw Kostka.

Nessa peregrinação, cujas memorias um dos peregrinos escreveu na revista "Legionarios das Missões", e das quaes vae ser dada, em volume á parte, uma edição profusamente illustrada, reuniram-se milhares de jovens de todas as nações, que aclamaram enthusiasmicamente os sympathicos patronos da juventude. —

Antes desta jornada gloriosa foi um convite dirigido á Mocidade do Norte do Brasil.

Sua Santidade, possuido de intenso jubilo pelo esplendoroso successo, mandou por intermedio do M. R. P. Geral da Compa-

nhia, Wlodoimiro Ledóckowski, um commovido agradecimento a todos os peregrinos.

Os que daqui foram replicaram com vibrante acto de submissão á Santa Igreja Catholica, Apostolica Romana, da qual o Santo Padre é o Augusto Chefe.

Damos a seguir os documentos á que acima nos referimos.

Carta do Exmo. Cardeal Gaspari, Secretario de Estado de Sua Santidade, ao M. R. P. Geral da Companhia de Jesus

Ao Muito Reverendo Padre Wlodoimiro Ledóckowski,
Preposito Geral da Companhia de Jesus,
Do Vaticano, 28 de Janeiro de 1927.
Muito Reverendo Padre.

Os sentimentos de filial devoção, apresentados ao Santo Padre pelos alumnos dos Collegios dos Padres Jesuitas, vindos a Roma, sob a direcção dos seus amados Directores e Mestres, por occasião das festas centenarias Aloysianas, foram extraordinariamente gratos a Sua Santidade. A's devotas expressões de suas almas, ás flôres espirituaes, quizeram elles accrescentar ainda prendas; e assim, para não citar senão algumas, os jovens de lingua germanica, além de dois cálices menores, offertaram um bello calix, com uma affectuosa inscripção latina; os colombianos uma placa de oiro com cruz de pedras preciosas e o brazão da Colombia, ao passo que os Peruanos offereceram uma rosa de oiro e prata, com reliquias de Santa Rosa de Lima, sua celeste Padroeira.

Sua Santidade nos sentimentos de terna devoção que com tão suave consolação sua lhe consagram os seus filhos de tão longinquas paragens, reconhece claramente o trabalho assiduo, zeloso e illustrado dos benemeritos Padres da Companhia de Jesus, á qual se deve outrosim o exito magnifico das festas Marianas.

E' por isso que, por intermedio de Vossa Paternidade quer Sua Santidade fazer chegar áquelles bons educadores e áquelles dilectos jovens o Seu vivo reconhecimento, e ao mesmo tempo a expressão da Sua paternal complacencia pelos copiosos fructos de

Apostolado que a Benemerita Companhia de Jesus obtem neste delicado campo da sua fervida actividade.

Sua Santidade, em prova da sua gratidão e como penhor de copiosas benções do Senhor, envia a Vossa Paternidade, aos bons Padres e aos caros jovens a Benção Apostólica.

Aproveito com prazer o ensejo de reafirmar-me, com sentimentos de sincera e distincta estima,

De Vossa Paternidade Revma. affectuosissimo
no Senhor

P. Card. Gaspari

De uma circular do Muito Reverendo Padre Geral da Companhia de Jesus, que acompanhava a carta precedente, extrahimos os seguintes periodos:

“Até que ponto o Summo Pontifice se alegrou com a vinda de tantos jovens acudindo de todas as partes do mundo a Roma para as festas Aloysianas, repetidas vezes o significou claramente naquelles dias, mórmente quando a todos acolheu carinhosamente, como sem duvida os proprios peregrinos o terão referido ao regressarem a suas Patrias respectivas...

Não pareceu, porem, isto, bastante ao Santo Padre para patentear os sentimentos de Sua alma para com cada um daquelles jovens e para com a Companhia, e dignou-se enviar-me a Epistola de que transmitto a copia inclusa, para ser communicada aos Padres e jovens que fizeram a peregrinação Romana...

Em verdade espero, como já o testemunhei ao agradecer a Sua Santidade, que esta viagem a Roma terá gravado mais profundamente na alma dos Peregrinos o amor e a piedade filial para com a Santa Sé e a Santa Madre Egreja...

Roma, 7 de Fevereiro de 1927.

Wlodo miro Ledóckowski

Preposito Geral da Companhia de Jesus”.

DISCURSO DE SUA SANTIDADE PIO XI AOS CONGREGADOS E JOVENS
CATHOLICOS POR OCCASIÃO DA PEREGRINAÇÃO
INTERNACIONAL A ROMA

Não vos admireis, dilectíssimos jovens, vós que sois os predilectos desta familia universal que o Coração de Jesus confiou aos nossos cuidados, não vos admireis de que tão demoradamente vos contemple e de que como se fosseis um só vos abrace com todo o affecto do coração.

Porquanto tão formosa nos parece esta escolhidíssima multidão de nossos filhos que gostoso fazemos nossas as palavras do antigo Patriarcha Isaac: “Eis que o perfume de meus filhos é como o perfume de um campo cheio de fructos ao qual o Senhor abençoou”.

Com grande gosto e de todo o coração vos dizemos também aquéllas formosas palavras: Salvete flores”, flores da vida, flores da idade, e talvez também flores de martyrio. A vós me dirijo em primeiro logar e vos saúdo, oh jovens que viestes das longínquas plagas do Mexico. Salve flores de martyres; filhos de martyres e talvez também vós mesmos, martyres! Honra a vós, honra á vossa patria, honra a vossos Bispos e Pastores, aos vossos Sacerdotes e ao vosso povo, que sustenta com admiração de todo o Orbe tão glorioso combate em prol da Gloria de Deus, do reino de Christo, da liberdade da Igreja e da dignidade e salvação das almas. Salve filhos e irmãos de martyres! communique estas nossas saudações com as premicias das nossas bênçãos a vossos compatricios, quando em breve voltardes para as vossas terras.

Saúdo-vos depois a vós, dilectíssimos filhos da Polonia que acudistes a Roma attrahidos não só pela fragrancia das açucenas aloysianas, mas também pelas de vosso pequeno e innocentíssimo anjo, Estanislau, gloria da vossa patria, a mais jovem e innocente flor de virtude e o benjamin de todos os Santos Confessores.

Uma saudação muito particular aos que viestes de mais longe. Tomamos em justa consideração as incommodidades que tivestes

de supportar e apreciamos summamente o terdes vindo com tanta generosidade a Roma, afim de visitar o vosso Pae, ouvir os seus conselhos e vêr o sepulchro de Luiz.

Finalmente saúdo-vos a vós todos os que por serdes mais jovens, sois mais caros ao nosso coração, como flores e esperanças da Igreja e mais amados de Jesus Christo.

Todos vós nos sois caríssimos, porque, chamados por Luiz, com a vossa presença testemunhaes o vosso amor para com elle e para com a angelica virtude da pureza, que é nos jovens a rainha das virtudes.

Aspirastes o suave perfume desta virtude, e com vossa presença estaes dizendo que viestes para a honrar, no exemplar ideal de Luiz Gonzaga. Por isso mais uma vez vos saúdo, porque vos mostraes amantes de Luiz e amantes da angelica virtude.

E pois esta vossa concurrencia tão numerosa me convida a fallar-vos — apesar de ter já gastado tanto tempo em saudar-vos, ainda que com gosto saudaria e desejaria conhecer a cada um em particular —; uma só coisa vos direi que nosso coração paterno não pôde omittir, tratando-se de assumpto de tanta importancia; e é que estareis sempre seguros de perigo se fôrdes sempre amadores da pureza de Luiz e cuidardes sempre desta virtude, porque ella é realmente a rainha das virtudes. Com ella vem todas as outras e, ella ausente, todas as mais se enfraquecem e perigam.

A pureza é a luz da intelligencia, a pureza é a generosidade do coração, a pureza é a saúde e vigor dos proprios membros do corpo. A pureza é um dom preciosissimo; e, porque é preciosissimo, não se guarda sem grande difficuldade. Dahi vem o ser necessario, para guardar a pureza, orar, orar sempre, orar com fervor, para obterdes essa graça. Por isso aquelle rei sapientissimo dizia: “Sabendo eu que não podia ser casto, se Deus não m'o concedesse, e que pertence á Sabedoria até o saber de donde nos vem este dom, acudi a Deus e pedi lh'o de todo o coração”.

E' absolutamente necessaria a graça de Deus para conservar a pureza. Fique profundissimamente gravado na vossa alma que

sem a graça é impossível guardar a pureza, e que esta graça não se póde obter sem oração.

Orae e vigiae!

Vigiae e orae!

Porque a oração nos alcança o que é só de Deus, isto é, o auxílio necessario ás forças humanas, ou melhor á humana fraqueza: E' preciso pois vigiar para guardar a pureza.

Com que especie de guarda? omnimoda, dilectissimos jovens, com guarda interna e com guarda externa; porque viveis no mundo, e porque no meio do mundo é que se passa a vossa vida. O mundo está cheio de futilidade e fascinação, como o mesmo autor sagrado disse por inspiração divina: "A fascinação e a futilidade perturbam o recto juizo, e a concupiscencia transtorna o recto sentir".

Guardae-vos, pois, do mundo porque o mundo dispõe de uma seducção perigosa e esta seducção póde nalgumas occasiões ser mais forte que vós. Necessaria vos é a guarda exterior dos sentidos, e necessaria é tambem a guarda interior é mais ainda a vigilancia interna, de modo que tudo em vós seja puro até o que mais se occulta aos olhares dos homens, porque nos olhares de Deus nada escapa. Occupai o vosso tempo o melhor que puderdes; ponde a devida diligencia no cumprimento exacto dos vossos deveres e dos vossos officios e até no trabalho manual, porque este é como que uma participação da expiação divina, que offereceu ao seu Eterno Pae Christo Jesus. No trabalho tendes o verdadeiro proveito do tempo, no trabalho a verdadeira expiação, no trabalho a penitencia corporal.

Mas a tudo isto é preciso accrescentar outro meio de summa importancia para guardar a pureza, que é a humildade... Porque, se não sois humildes, nem sequer sentireis a necessidade daquelle auxilio indispensavel da graça e não vos acautelareis dos perigos interiores e exteriores.

O soberbo, o petulante não nota o perigo, não nota a sua pro-

pria insufficiencia, ainda quando está lavrando a sua propria ruina.

Sêde humildes, como foi humilde o vosso Luiz, que com tão grande abundancia de dons divinos e no meio de tantas riquezas e possuindo tão magnifica e egregia natureza, tendo diante de seus olhos uma senda esplendida no mundo quíz antes servir a Deus em estado humilde, e, renunciando a todas as coisas, esconder-se e ser ignorado.

Perseverai, pois, na oração, na vigilancia e na humildade.

Uma coisa vos falta ainda para a perfeição da vossa vida e é a caridade. Pedi a Deus a caridade com toda a vossa alma; aquella caridade em que se abrasou o coração de Christo, a caridade que exhala o coração purissimo de Maria, a caridade verdadeira, a caridade mutua, a caridade sacrificada, activa e generosa. Ponde, pois — e isto vos digo em ultimo lugar para que o mediteis — ponde vossa pureza ao abrigo da caridade.

O vosso S. Luiz sendo como era, purissimo, vigilantissimo, summamente dado á oração, como morreu? martyr da caridade, quando, no contagio da peste, sacrificou sua vida para soccorrer aos empestados.

Estas são as coisas que quero leveis da minha parte, como recommendações paternaes, isto é, o que vos encareço, isto o que desejo guardeis com toda a diligencia. Se o fizerdes, sereis verdadeiros discipulos de Luiz e Estanislau, vossos modelos e protectores. Esta é a formosura da vossa juventude. Esta a flor preciosissima e o formoso fulgor com que resplandeceis na igreja de Deus.

Nada mais temos que accrescentar, senão a Nossa bençã paterna e apostolica que viestes buscar. E esta bençã vo-la damos de todo o nosso coração, em primeiro lugar a quantos estaes aqui presentes, e depois a todos os nossos filhos e irmãos vossos que pertencem a vossas familias, e a todos os que estão inscriptos nas associações, congregações, circulos e instituições que vós tão gallhardamente representaes. Desça a nossa bençã de modo particular sobre aquelles mesmos circulos ou congregações, nos quaes vós mesmos militaes, assim como vossas cidades, regiões, familias, sobre vossos paes, vossos estudos, vossos trabalhos e tudo

aquillo sobre que vós desejais que desça a nossa bençã, sobre isso tudo queremos tambem Nós que ella desça. Desça nossa bençã sobre os mais jovens d'entre vós, sobre estas flores primavera, sobre esses meninos tão caros ao Nosso coração. Mas não esqueçais aos que tendes em vossas familias de mais idade, a vossos veteranos, a vossos velhos e talvez enfermos, que não soffrem de outra enfermidade que a velhice, e que talvez precisam mais de uma bençã consolatoria...

E esta bençã paternal, que vos damos, desça tambem sobre os desejos e intenções que cada um de vós tem em seu coração e permaneça sempre convosco e vos acompanhe em todos os caminhos da vossa vida como penhor das bençãs divinas.

Convite dirigido á Mocidade Brasileira:

PEREGRINAÇÃO DE JUVENTUDE CATHOLICA BRASILEIRA A ROMA PARA AS GRANDIOSAS FESTAS DO 2.º CENTENARIO DA CANONIZAÇÃO DOS SANTOS JOVENS LUIZ GONZAGA E ESTANISLAU KOSTKA

I — Convite do Papa

SUA SANTIDADE PIO XI, na sua Epistola Apostolica de 13 de Junho do corrente anno, dirigida ao M. R. P. Wlodoimiro Ledóchowski, Preposito Geral da Companhia, convidava, com graves e insistentes palavras a juventude catholica de todo o mundo, particularmente a que está alistada nas Congregações Marianas, das quaes o mesmo Preposito Geral é o Supremo Director, e a que se applica aos estudos nas Universidades, Seminarios, Collegios, Institutos e Escolas governadas pela Companhia, para tomarem parte nas grandiosas solemnidades que, na Basilica Vaticana, se vão celebrar aos 31 de Dezembro em honra dos Santos Protectores da Mocidade e Angelicos filhos da mesma Companhia de Jesus, Luiz Gonzaga e Estanislau Kostka.

II — *Juventude Brasileira*

Na carta aos Provinciaes da Companhia em todo o Orbe, dirigida pelo citado Preposito Geral em 8 de Setembro, depois de urgir a propaganda do alistamento da juventude para essa peregrinação de Roma, na qual o Santo Padre deseja ter, não só uma romaria piedosa, mas um juramento de bandeiras, celebrado “junto das cinzas de S. Luiz e em torno á Cathedra de S. Pedro”, por uma pleiade de novos que ali “fiquem, por dizê-lô assim, armados cavalleiros pelo proprio Papa, afim de voltarem ás suas patrias aguerridos defensores dos altos ideaes religiosos, sociaes e patrioticos”; insiste nomeadamente sobre a juventude da nossa America, recommendando que, apezar da distancia, que não permittirá talvez peregrinações de muito elevado numero, não falem contudo grupos de jovens que representem dignamente cada uma das nacionalidades da America, tanto Septentrional, como Meridional. Não podemos, portanto, levar a bem, nós os Brasileiros, que fique a nossa Patria querida em posição de inferioridade com relação á Argentina, Chile e outros paizes que se farão brillantemente representar em Roma.

III — *O grupo promovido pela Missão da Companhia de Jesus no Norte do Brasil*

A Companhia de Jesus que actualmente exerce o seu apostolado nos Estados Septentrionaes da Republica Brasileira convida, pois, para formarem um grupo de peregrinos os membros das suas Congregações de Jovens e os alumnos internos ou externos, actuaes ou antigos dos seus collegios, que não tenham impedimentos para realizarem a viagem, como são os Academicos já formados, os alumnos que teem exames de promoção os quaes já estarão terminados na partida da peregrinação e talvez tambem algum Academico de Escolas Superiores ou Gymnasiaes cujos exames só se venham a effectuar em Março, ou que os tenham terminado antes de 4 de Dezembro.

IV — *Projecto da Viagem* (1)

O esboço feito para a viagem dos Congregados e alumnos, comporta uma demora de 2 meses e 7 dias, a contar de 4 de Dezembro (embarque na Bahia a bordo do Leonardo da Vinci), até 10 de Fevereiro (desembarque na mesma Bahia a bordo do Andes). Neste primeiro esboço, ainda dependente de ultteriores informações, seria este approximadamente o trajecto: Da Bahia (4-XII) a Napoles (17-XII); demora de 2 ou 3 dias em Napoles (Vesuvio, Pompeia, Herculano; estaremos, pois, em Napoles na época exacta do grande milagre annual da liquefacção do sangue de S. Januario); de Napoles (20-XII) a Roma (mesmo dia); demora de 12 dias em Roma, assistindo lá ás festas do Natal e ás cerimonias do Centenario de S. Luiz e Sto. Estanslau em 31-XII; partida de Roma (2-1) para Paris (3-1); demora em Paris 5 dias; partida de Paris (9-1) para Lourdes (10-1); demora de 2 dias em Lourdes; partida de Lourdes (12-1) para Loyola (14-1); partida de Loyola (17-1) para Oya a visitarem os seus collegas Brasileiros ali residentes, demora de 2 dias em Oya, seguindo no dia 20 para o Collegio de La Guardia, donde, após 2 dias de demora, seguirão para o Porto (demora de 3 ou 4 dias) e dahi para Lisbôa (demora de 4 ou 5 dias); ahi se effectuará no dia 31 de Janeiro o embarque para a Bahia.

V — *Despesas*

O gasto total de um viajante, incluindo as duas travessias do Atlantico em excellentes segundas classes dos dois paquetes ita-

(1) Este projecto foi modificado, substituindo-se ao primeiro o seguinte itinerario: Bahia, Recife, Las Palmas, Lisbôa, Vigo, Cherbourg, Lisieux, Paris, Versailles, Turim, Roma, Napoles, Pompeia, Vesuvio, Capri, Florença, Bolonha, Veneza, Padua, Milão, Genova, Nice, Monaco, Monte Carlo, Lourdes, San Sebastian, Loyola, Bilbão, Burgos, Manresa, Barcellona, Saragoça, Madrid, Toledo, Escorial, Truy, Oya, La Guardia, Porto, Lisbôa, Las Palmas, Recife e Bahia.

liano e inglês, todos os trajectos de estradas de ferro nas confortaveis segundas classes da Europa, as estadias em cada uma das paragens comprehendendo hospedagem, comidas, bondes etc., e a quota parte de contribuição de todos os peregrinos para o religioso que lhes servirá de guia, está orçado entre 6 e 7 contos. Convém, no entretanto, contar com a quantia maxima de 7 contos para fazer face aos imprevistos possiveis nas grandes viagens. Tudo o que sobrar das despesas communs será proporcionalmente restituído. Refere-se esta clausula áquelles de cuja administração toma a responsabilidade o religioso que os acompanha. E' evidente que se algum peregrino quizesse fazer despesas extraordinarias, como seriam roupas ou outros objectos de valor, isso teria que ser á parte.

VI — Inscrições

Os peregrinos devem ter dado os seus nomes ao Director da Peregrinação Aloysiana (Coqueiros da Piedade, 3) o mais tardar até ao dia 15 de Novembro. Os que forem menores devem entregar um documento escripto de seus paes ou tutores, em que se declare ficar o menor confiado á direcção do Religioso mandado pela Companhia de Jesus, para ser d'elle responsavel até á chegada á Bahia. A quantia correspondente a cada um dos menores tambem será entregue ao dito religioso para della igualmente se responsabilizar. Os maiores de 21 annos e aquelles a quem as familias queiram deixar responsaveis pela administração do dinheiro entregarão apenas a quota parte do Director da Peregrinação, a qual, no caso de serem 10 ou 12 os peregrinos, será de 500\$000 réis; se o grupo fôr mais numeroso, será proporcionalmente menor.

VII — Direcção da Peregrinação

O religioso designado pelos Superiores para acompanhar e dirigir a Peregrinação Aloysiana é o P. Luiz Gonzaga Cabral, S. J.

Bahia, 24 de Outubro de 1926.

Honramos as paginas do nosso *Archivo*, com a brilhante allocução, pronunciada no *Collegio Português* de Roma, pelo vibrante orador, SR. A. DA COSTA CANDAL, em honra dos nossos Peregrinos, e da nossa Patria, o Brasil.

Exmo. Revmo. Senhor;

Revmos. Senhores;

Meus amigos:

Pediram-me ainda não há 24 horas para vir aqui saudar-vos, agradecer a vossa presença, dizer duas palavras amigas, expressar a estes sympathicos brasileiros os sentimentos dos alumnos do Collegio Português em Roma.

Eu, sem attender a que o tempo, entrecortado pelos quefares escolares, mal deixava uma aberta para escrever duas coisas, que seriam necessariamente descersidas e sem geito, acedi. Não ia falar a irmãos? Se assim era, elles perdoariam a rudeza da forma pela profundidade do sentir. E—quem sabe?—talvez o coração consiga mais do que a intelligência poderia obter com os esforços que envidasse. Um coração, que sinceramente fale, encontra sempre um eco; e de tanto nem sempre se pode gloriar a intelligência.

Começo por agradecer a gentileza da vossa visita. Fizestes senem vir aqui, a êste cantinho de Portugal, a êste pedaço do seu grande coração, a sentir um pouco em comunhão co mos filhos da que foi Mãe da vossa Patria. Fizestes bem, porque, se me não engana o coração, sairemos daqui com um amor reciproco mais aviventado e mais sentido; nós amaremos o Brasil na amabilidade dos filhos que nos manda, vós vereis melhor, por debaixo da rudeza franca, mas amiga, dos nossos sentimentos, a ternura máscula da vossa Avó. Da vossa sim, porque se a Patria Portuguesa é Mãe da vossa Pátria, vós sois netos de Portugal. E quem não ama as Avós? E não tereis razão para amar essa Avó fecunda — que toda de vós se orgulha — que repartiu convosco os seus herois e os seus Santos, que vos ensinou e deu a sua lingua

que vos aleitou da sua Fé ardente, que regou com o seu sangue o vosso berço, que vos ungiu da sua força, guiando os vossos passos para a glória? E não tereis razão de vos orgulhar duma Avó que senhareou o Mundo: que talhou a golpes de montante, pontapeando além fronteiras a Mourama, esse rincão florido a que o poeta chamou o Jardim da Europa; que mostrou á Espanha um B. Nuno e ao mundo os Pachecos, os Gamas, os Albuquerque, os Cabrais, que deu á Igreja um Antonio de Lisboa, um João de Deus, um Inacio de Azevedo; que, achando a terra péquena para o seu esforço, fez dos mares estradas dos seus navios e achou poucos os cabos para os seus padrões; que deu ás letras um Camões e um Vieira; que purpureou a terra com o sangue dos seus Mártires e ensopou os continentes, com os suores dos seus missionários?

Mas, direis, — não desfalece essa Pátria num estertor final, marasmada na contemplação do passado?

— Não, meus amigos. Portugal não quer morrer, não pode, não há-de perecer a terra de Santa Maria e do Santissimo Sacramento.

Essa Bandeira que passou gloriosa o mundo ao lado da Cruz entre hosanas de triumpho, que desdobrou as suas pregas sagradas a todos os ventos, que foi para tantos povos o símbolo da Fé e da Civilização, o ínclito pendão das quinas não pode ir para um museu como qualquer velharia, há-de continuar a tremular abençoada nos Cinco Continentes, da Madeira até Angola, de Moçambique a Diu, de Goa a Macau, de Timor a Lisboa.

Onde a prova, direis?

— Ide a Portugal auscultar o latejar fremente dos corações da geração que surge, e *sentireis*; deixai resvalar no cairel da cova a geração que finda, e *vereis* uma Pátria Nova!

Essa juventude cujo coração se desfibra contemplando os males presentes, desenganada dos políticos de qualquer côr, deixando como cadáveres uns, acautelando-se dos outros como perigosos, ouvindo a voz do Papa, a única voz de verdade, há-de criar dias novos a Portugal. Esta transformação, já firmemente esboçada, começa do alto, dos corpos de escol. Já temos um

Episcopado que é apresentado no Vaticano como modelo, de cuja união, disse há dias o Santo Padre, “recebo a maior consolação”.

A transformação será lenta, mas segura.

Se entretanto ouvirdes alguém rir-se de nós, dizei-lhe que já no berço brandiamos com braço seguro a espada de Affonso Henriques: que na meninice brincámos com os árabes e desinfestámos delles a Península; que na adolescência os fomos ferir no coração: e na virilidade demos ao Mundo, mundos novos, talhámos com a ponta da espada, na melhor parte da America, um belo coração, onde nos retratamos e a que demos o nome de Santa Cruz, levámos a Fé á Africa, a cultura e civilização europeia á Asia e á Oceania.

Dizei-lhes que, se filhos indignos laceram este manto de glórias, Portugal tem jus pelo menos ao respeito do mundo. No melhor pano cai uma nódoa. E se desmerecemos hoje, ninguém fez mais nem melhor no passado. Se entre portugueses “alguns traidores houve algumas vezes”, Portugal não é isso! 1910 custou o sangue a dois mártires, vêde bem; só a dois. A perseguição foi terrível, os sofrimentos muitos. Era a hora sinistra das lójas e do poder das trevas, mas a Igreja só perdeu dois filhos.

A brandura dos nossos costumes, o respeito pela vida, o horror do sangue, estes belos sentimentos que vos legámos, não se tem desmentido nas maiores crises.

Dizei ás nações, que nos accusam, que leiam as respectivas histórias e nos venham depois acusar. Verão que o sangue derramado nas nossas convulsões políticas é uma gota nos mares duma Revolução Francêsa, das guerras religiosas da Inglaterra e Alemanha, das lutas socialistas da Rússia, da Hungria e tantas outras nações convulsionadas. Não falo de quantitativo, mas de crueldade e ferócia. Tudo considerado não tememos confrontos.

Mas por onde ando eu? Deixe falar o coração...

Disse-vos que fizestes bem vindo aqui, mas a vossa vinda não foi um dever, foi uma gentileza; por isso vos agradecemos e vos queremos dizer quanto nos sentimos honrados por termos recebido esta embaixada do Brasil glorioso, acolhendo-a com

amor, para lhe pagar, em certo modo, na vossa pessoa, a gentileza com que recebe os nossos irmãos, com que honra e aplaude os nossos artistas. O Brasil nunca se desmente!

Não há muito o mundo acordou sentindo um ruflar triumphal de azas; ergueu a cabeça e viu a Cruz de Christo, vívida, a sangrar no Ceu, a mesma que cristianizára meio mundo. Era o véiho Portugal que passava unindo-se ao Brasil num vôo de épica grandeza, marcando nos Ceus a esteira dos seus altos destínos. E os heroís, que se haviam desprendido dos braços e dos corações dos seus irmãos, foram cair em corações e em braços igualmente ternos, igualmente amigos.

Ainda hoje o Brasil junca de flôres, alcatifa de carinhos o caminho do ilustre Arcebispo-Bispo de Villa Real.

Oradores, actores, literatos, jornalistas, músicos, pintores todos colhem no Brasil os aplausos mais apreciados, as saudades mais perenes.

E' que o Brasil nunca se desmente.

Etu não sei que sedução, que estranho condão a vossa terra exerce sobre nós. Se a Pátria se nos mostra ingrata, corremos institivamente aos braços da vossa, refugiamo-nos no seu coração, pois se ella é uma continuação da que deixamos com tanta *saudade!*

Sim, porque o portugûês, que soube achar tão bela palavra—e que só a vós a deu—ex aure-lhe o arcano sentido e, ainda que perseguido por seus irmãos, nunca esquece ou desama a linda terra que o viu nascer.

Pela vossa glória, meus Amigos, pelo vosso progresso, pela vossa felicidade em que nos revemos, que nos consola, que quasi julgamos nossa, *obrigados!*

Pela vossa hospitalidade verdadeiramente cristã e amiga, pela vossa proverbial gentileza, *muito obrigados!* Mas ao mesmo tempo:

Bemvindos!

Agora sim! Agora vos quero eu saudar! Contra a usança natural, deixei a saudação para o fim. E' que eu quero que esta

saudação seja um canto de glória que leveis nos vossos ouvidos, que guardeis nos vossos corações,

Eu vos saúdo pois, e em vós saúdo a Juventude Católica Brasileira, saúdo o Brasil todo. Saúdo-o em vós, a optima das suas partes, a sua esperança fagueira, o seu risonho futuro, a pujança exuberante da sua vida.

A optima parte, disse.

Pois não é a juventude a melhor parte duma Pátria? e a melhor parte dessa parte não é a juventude católica?

Não exagerei então.

Sim eu quero saudar o Brasil essa mansão de sonho, de luz e de côr, esse paraíso terreal de beleza, fecundidade e harmonias.... essa nação imensa e opulenta, de lindas cidades, de florestas sem par, de rios que são mares, de terra que é ouro, de portos acolhedores e deslumbrantes, de montanhas soberbas e umbrosas...., essa terra da promessa, de fructos opimos, de flôres de maravilha, duma flora e duma fauna que são uma fantasia ardente, um mostruário colossal das infinitas riquezas da Omnipotencia Divina.

Eu quero saudar o Brasil a Nação Gloriosa que tem marcado o seu lugar no concêrto dos povos, amada dos portugueses, temida e invejada de muitos, respeitada de todos...

Essa Nação cuja história pouco mais que secular, é um tecido maravilhoso de glórias, heroísmos e benemerências.

Eu quero saudar o Brasil que deu à Igreja Bispos como D. Vital e D. Antonio de Macedo Costa; e os dá ainda, como o Cardial Arcoverde, D. Sebastião Leme, D. Augusto Alvaro da Silva e tantos outros. O Brasil que deu *às letras*: Gonçalves Dias, Afonso Celso, Machado de Assis, Coelho Neto, Carlos de Laet, Jackson Figueiredo;—

ao fôro: um Ruy Barbosa;

à música: um Carlos Gomes;

à política: Bom Retiro, Epitacio Pessoa, Rio Branco, Sant'Angelo;

às armas: Herval e o Conde de Eu;

aos mares: o Barão de Amazonas;
aos ares: um Santos Dumont.

Eu quero saudar essa Nação herdeira lídima das tradições do povo fidelíssimo, onde o Catolicismo se desenvolve como em terreno seu, onde germinam, florescem e fructificam todas as iniciativas generosas.

Saúdo o pendão auri-vêrde que tudo isto representa: o *aureo* da felicidade no presente, o *vêrde* da esperança no futuro, um e outro enquadrando o ceu lapislazuli da paz, do seu viver estreitado, do fulgor da sua glória.

Eu saúdo a nação irmã num augúrio fervente de que a nossa união seja cada vez mais estreita e amiga.

Levai, caríssimos jovens, à vossa terra, aos vossos compatriotas as saudações e a amizade dos alunos do Colégio Português de Roma e nelas a saudação e a amizade do Velho e Glorioso Portugal.

A. Costa Candal.

Antes de passarmos á chronica de 1927, archivemos ainda o catálogo annual dos

EXERCICIOS ESPIRITUAES FECHADOS

promovidos pela

CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA

Grupo dos que tomaram parte no 7.º turno

(De 25-IV a 1-VII—1926)

Alberto Sinay Neves, E.

Albino Fernandes Filho, C.

Alexandre Leal Costa, 2 M.

Bacharel Anísio Spinola Teixeira



Dr. Thales Azevedo
Presidente da C. M. A. em 1927

Antonio de Mello Vieira, G.
Aziz Maron, G.
Candido Colombo Cerqueira, G.
Coquelin Leal Costa, 1 Mec.
Eduardo Sá Pereira da Silva Moreira, 3 E.
Gilberto Cerqueira Lima, 3 O.
Gustavo Sá Pereira da Silva Moreira, 5 E.
Henrique Jucundino Galvão, G.
Dr. Herbert Parentes Fortes
João Freitas Rezende, 1 M.
Joaquim de Araujo Lima, 3 E.
Maximiano da Matta Teixeira, G.
Octacilio de Carvalho Lopes, 5 M.
Oswaldo Pirajá, G.
Rosalvo Ferraz de Araujo, 2 M.
Sebastião Dias da Silva, 3 M.
Ulysses Loureiro Luna, G.
Thales Góes de Azevedo, 5 M.

ANNO DE 1927

REABERTURA E ELEIÇÕES

Reabriu-se a Congregação no Domingo da Paschoela, 17 de Abril, como é de tradição. No dia 24, occorreu a eleição dos novos dignitarios, cuja posse foi solememente realizada no dia 1 de Maio.

O Conselho eleito foi o seguinte:

Presidente — Doutorando Thales Góes de Azevedo.

1.º Assistente — Adriano Bernardes Baptista, D.

2.º Assistente — Doutorando Octacilio de Carvalho Lopes.

Secretario — Joaquim de Araujo Lima, E.
Instructor — Rosalvo Ferraz de Araujo, M.
Thesoureiro — Eduardo Sá Pereira da Silva Moreira, E.
Consultores — Antonio Lyrio Callou, M. e José Antonio
Freitas Paim, D.

DIGNITARIOS

Vice-Secretario — Aristóteles Calazans Simões, M.
Bibliothecario — Helio Simões, M.
Vice-Bibliothecario — Carlos Alberto da Costa Neves, M.
Leitor — Aziz Fernando Maron, D.

Após a eleição do Conselho e dos Dignitarios, foi feita a
escolha dos Presidentes de secções.

PRESIDENTES DAS SECÇÕES DA C. M. A.

I. *Apostolado da Oração e Exercícios Espirituaes:*

Doutorando Thales Góes Azevedo.

II. *Circulo de Estudos (C. C. E. M. A.):*

Doutorando Octacilio de Carvalho Lopes.

III. *Gabinete de Leitura:*

José Fernando Vianna, M.

IV. *Pensionato Mariano Academico:*

José Antonio de Freitas Paim, D.

V. *Correspondencia e Redacção do Archivo Mariano Academico:*

Adriano Bernardes Baptista, D.

VI. *Relações Sociaes e Festas:*

Doutorando Octacilio de Carvalho Lopes.

VII. *Catechese, Instrucção e Assistencia ás Crianças Pobres:*

Heli de Almeida Sampaio, M.

VIII. *Assistencia e Visitas aos Pobres pela Conferencia Vicentina:*

Dirceu Possidio Coelho, E.

IX. *Assistencia aos Enfermos nos Hospitaes:*

Antonio Lyrio Callou, M.

X. *Aulas Nocturnas:*

Doutorando Thales Góes Azevedo.

APÓS A PEREGRINAÇÃO MARIANA

Nas suas primeiras sessões, a C. M. A. teve o prazer de ouvir as interessantes palestras do Padre Cabral, sobre a Peregrinação a Roma, na qual tomaram parte alguns jovens Bahianos. Foram para nós de subida consolação os conceitos elogiosos que, acerca da Congregação Mariana Academica da Bahia, os Peregrinos escutaram tantas vezes, na sua passagem pela Europa.

Em Roma, sobretudo, tiveram essas referencias mais elevada significação, pela importancia das pessoas, de cujos labios as recolheram.

No Secretariado Central das Congregações Marianas, na Cúria Generalicia da Companhia de Jesus, e no proprio Vaticano as ouviu commovida a Deputação Aloysiana da Bahia; mórmente quando, dirigindo-se ao Santo Padre o Muito Reverendo

P. Ledóchowski, Geral da Companhia, e assignalando a Sua Santidade a obra de regeneração religiosa e social que effectuara um grupo de estudantes das Escolas Superiores da Bahia, chefiados pelo eminente Jesuita que ali estava a seus pés, Pio XI se dignou conceder-nos, com palavras de carinho ao P. Cabral, a sua benção Pontificia.

CONCLUSÃO DE MAIO

No dia 31 de Maio realizou-se a sessão conjuncta da C. M. A. e do Circulo de Estudos, para o encerramento do mês de Maria. A festa litterario-musical esteve, como sempre, brilliantissima, patenteando-se ali ao publico, sem ostentação, mas tambem sem respeito humanos, o amor dos Congregados á sua Santissima Padroeira.

Damos a seguir a nota publicada, aos 2 de Junho pelo *O Imparcial* sobre a festa dessa noite:

31 DE MAIO DE 1927

A FESTA MARIAL DA CONGREGAÇÃO MARIANA ACADEMICA

Conforme estava annuciado, realizou-se, ante-hontem, a sessão solenne do encerramento do mez de Maio, promovida pela Congregação Mariana Academica e seu Circulo de Estudos.

A's 20 horas e meia, estando repleto o salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura, assumiu a presidencia, abrindo a sessão, o Exmo. Sr. Secretario da Agricultura, representando o Sr. Dr. Governador do Estado. Constituiram a mesa o representante do Commandante da Região, o Director interino da Instrucção Publica, os Directores do Gabinete Portuguez e os dois Presidentes da Congregação e do Circulo.

Franqueada a palavra, discursaram os Doutorandos Octacilio Lopes, Thales de Azevedo e o Dr. Faria Góes.

O academico de engenharia Joaquim de Araujo Lima recitou versos de sua lavra.

Do programma musical encarregaram-se a tuna da C. M. A. e o orpheon do Collegio Antonio Vieira.

O Padre Cabral cantou com maestria o trecho "Joia Primorosa" e o violinista Sr. Antonio de Aguiar Marques tocou com muita expressão, a "Serenata", de G. Braga.

E, assim, num ambiente de intimidade e crença, terminou a sessão de encerramento do mez mariano, havendo momentos antes, feito um admiravel improviso de agradecimento, o Revdo. Padre Cabral. Ainda falou, por ultimo, o Dr. Nelson Spinoia Teixeira, enaltecendo a obra da Congregação e do Circulo de Estudos.

OITAVO TURNO DE EXERCICIOS FECHADOS

De 25 de Junho a 1 de Julho foi levado a effeito o oitavo turno de Exercicios Espirituaes, os quaes se realizaram na Roça do Veneravel Anchieta, que possuem em Itaparica os Padres Jesuitas.

Dirigiu este anno os Exercícios o Revmo. P. Camillo Torrenda, em virtude de estar o Padre Cabral fazendo o seu Retiro annual.

Os Exercitantes que tomaram parte no referido turno foram os seguintes: Adriano Bernardes Baptista, D.; Aurelio Riquet Nogueira, M., Alberto Sinay Neves, E., Abdon V. dos Santos, M., Alvaro Fernandes da Cunha, M., Antonio A. Marques, G., Antonio Vieira de Mello, G., Alfredo Fraga Gomes, Coquelin Leal Costa, Mec.; Candido Colombo Cerqueira, G., Carlos Alberto da Costa Neves, M., Eduardo Sá Pereira Silva Moreira, E.; Cirurgião Dentista Gilberto Cerqueira Lima, Heli de Almeida Sampaio, M.; Henrique Jucundino Galvão, M.; Dr. Herbert Parentes Fortes, Jayme Pamponet de Cerqueira, M.; João Benício Castello Branco, M.; Joaquim Pinheiro Gomes, Mario Alcantara, M.; Douto-

randos Octacílio de Carvalho Lopes e Thales Góes de Azevedo, Oswaldo de Almeida Sampaio, G.; Rosalvo Ferraz Araujo, M. e Raymundo Fontes Lima, M.

De grande fructo espirital foi esse turno, como o revelava, sem hesitação possível, o ambiente de intenso fervor sobrenatural que se respirava no tracto íntimo dos Exercitantes, após o Retiro. A alegria trasbordante, que para logo se communicava de uns aos outros, não era o menos sympathico dos symptomas reveladores daquelle estado de alma, a que o P. Torrend conseguira inocular o mais sadio dos optimismos.

E para que não faltasse, nessa maravilhosa escola de altos ideaes que são os Exercícios, a nota sublime da perfeição Evangelica, duas vocações religiosas ali se confirmaram, naquelles dias saudosísimos, as de Antonio Borges, quartannista de Medicina e de Abdon Valerio dos Santos, primeirannista da mesma Faculdade. Dir-se-ia que, ao sopro da brisa benéfica da historica Itaparica, sazouaram em fructos opimos as resoluções heroicas dos dois generosos cearenses, que pouco depois embarcavam para Oya, na Catholica Hespanha, Noviciado actual da Provincia Portuguesa da Companhia de Jesus, para iniciarem o seu tirocinio religioso sob a bandeira do egregio Auctor dos Exercícios Espirituaes, Santo Ignacio de Loyola.

No ultimo dia do Retiro (1.º de Julho) foram os Exercitantes commungar em corpo gesto na Matriz da cidade, onde lhes, dirigiu uma formosa pratica-saudação o Reverendo Vigario, Padre Antonio Monteiro que em seu proprio nome e no do povo de Itaparica se congratulou pela presença ali em globo, daquelle brioso grupo da Congregação, demonstrando assim ser ella uma grande força de realisação catholica.

A CAMPANHA EM FAVOR DA MORALIDADE

Tendo o congregado, Dr. Herbert Fortes, defendido em sessão da C. M. A., a necessidade duma campanha, promovida em conjuncto, pelas Congregações da Bahia, contra o commercio de revistas, estampas e demais publicações de character immoral.

foi essa idéa abraçada com zelo pelos congregados, que se empenharam em participar ás outras Congregações da Capital, a sua decisão, e pedir-lhes, a comparticipação em tão relevante obra; no que foram attendidos com sympathico enthusiasmo.

Resolveu-se então procurar o Exmo. Governador do Estado, para lhe entregar, em mãos, um manifesto, protestando contra tal propaganda deleteria e pedindo a attenção de Sua Excellencia para o emprehendimento de saneamento social, em que se empenhava a Congregação Academica.

Realizou-se a audiencia governamental no Palacio Rio Branco, no dia 26 de Agosto.

Apresentaram-se em grande numero os congregados Academicos e commissões de outras Congregações Marianas da Capital. A' exposição vibrante do Presidente da C. M. A., Doutorando Thales Góes, respondeu o Sr. Governador, louvando-se na iniciativa da Congregação, e promettendo auxilia-la, em tão meritoria accção.

O "Diario Official" de 27 de Agosto externou-se a respeito, nos seguintes termos:

Numerosa commissão de moços, em nome da Congregação Mariana Academica, Congregação Mariana de São Luiz, e Congregações Marianas das Parochias de Nazareth e Sant'Anna, procurou, hontem o Senhor Governador do Estado, que a recebeu gentilmente no palacio Rio Branco.

Pelo Doutorando Thales Azevedo, explicado ligeiramente o motivo por que as referidas Sociedades procuravam S. Exa., entregou-lhe o seguinte memorial, que elle mesmo redigira e que S. Exa. prometteu ler com a devida attenção:

Exmo. Sr. Governador do Estado.

Este grupo de jovens, que representam a *Congregação Mariana Academica*, a *Congregação Mariana de S. Luiz*, a *Associação dos antigos alumnos dos Salesianos* e as *Congregações Marianas das parochias de Nazareth e de Sant'Anna*; vêm pleitear do Poder Executivo do Estado, uma medida de elevado alcance para o bem publico da Bahia.

Esses moços, crentes na efficiencia do seu esforço, confiados no vigor das suas forças, estribados na seriedade e nobreza de seus ideaes, fazem de cada gesto um acto de patriotismo. Tudo que colhem no escrinião das riquezas de fé, — desde a minima virtude até á tempera rija e inflexivel para o trabalho e a adversidade, transportam-no para o terreno do civismo, recolhem-no ao cofre das impereciveis glorias nacionaes.

Assim, em sessão de 10 do corrente, a *Congregação Mariana Academica*, entre revoltada e triste, resolveu trazer, de concerto com outras associações, de rapazes catholicos da cidade, o seu vehemente protesto a V. Ex., contra a onda infecta de immoralidade que vae inundando o nosso meio social. Onde quer que o nosso olhar descance, proposita da ou casualmente, depara motivos de asco, de repulsa, de indignação. A pornographia alastra-se, contaminando todos os recantos da urbs. e ultrajando-a.

Revolta e alarma a impunidade e o cynismo com que os mercadores da honra affrontam o pudor publico, expondo á venda nos pontos mais frequentados, as suas infames revistas de humorismo sensual, os seus romances de lascivia, os seus postaes immundos do chamado nú artistico, os seus provocantes cartazes annunciando filmes e comedias libidinosas. Isso tudo posto em frente ao olhar desprevenido e curioso de collegiaes, de meninas e mocinhas, de senhoras e cavalheiros respeitaveis e venerandos, a plantar-lhes no coração a semente da luxuria, com as suas tremendas consequencias moraes e materiaes. E' o desfibramento da raça, pela alma e pelo corpo, que se põe á venda nas vitrinas publicas, é a propaganda contra a ordem e o respeito á sociedade, que se faz impunemente; é o attentado ultrajante á honra e ao caracter de um povo, que se pratica do modo mais cynico. Espectaculo de miserias e fraquezas, escola de vícios e indignidade, tribuna da anarchia e impudicia, vestibulo de hospitaes e carceres; abertos de par em par, portas largas, entrada franca, appellos suggestivos e capciosos á curiosidade, á inexperiencia e á imprudencia de innocentes e de fracos!

O vicio desafiando a virtude; a molleza provocando a fortaleza; a desvergonha escarnecendo do caracter!

Resolvemos, pois, gritar contra o inimigo, essa lamentavel e repellente sensualidade, que pretende invadir-nos a familia para destruil-a e abysmal-a na decadencia, no desmoronamento, no cháos da debandada desenfreada para uma nova barbaria.

A policia da Bahia tem capacidade moral e juridica para agir contra os responsaveis por esse crime contra a sociedade; ella persegue os seductores, os raptore, os ladrões da honra, os intoxicadores, os contrabandistas, os assassinos, todos que de qualquer maneira attentam contra a segurança e a tranquillidade publicas. Ha mezes, agiu energicamente contra um periodico ascoroso desta cidade, obrigando-o a desaparecer da circulação.

Agora, Exmo. Sr. Governador, é o momento dellá manifestar-se uma vez mais, pelo seu departamento encarregado dos costumes, prohibindo a exposição e a vendagem publica dessas publicações pornographicas, lôdo da literatura e lixo da imprensa nacional, que ameaçam reduzir-nos a uma raça de sensuaes e doentes, incapazes para a virtude e o trabalho, indignos da felicidade e da vida.

A Bahia de bom senso, cada dia respeita mais e estima com maior carinho a sua policia de costumes: que ao nosso appello, antes, á vehemente exigencia nossa, ella suba mais um degráo na grandeza inapreciavel da sua finalidade.

O mundo inteiro movimenta-se contra a invasão da immoralidade. A França, sempre á frente da civilização, dirige a lucta.

Em Agosto de 1923 conseguiu ella reunir em Genebra uma conferencia internacional contra a propaganda e o commercio das publicações pornographicas; trinta e cinco nações participaram nessa conferencia, adoptando todas as medidas approvadas.

Na Camara franceza, em 26 de Março de 1925, um deputado perguntava ao Governo se estava apto a fazer a repressão dos ultrages aos bons costumes; no dia seguinte, pelo jornal official respondia o Ministro da Justiça, dando conta das suas ultimas providencias; entre essas estava o direito dado ás associações de utilidade publica de accusar e perseguir os editores de publicações obscenas.

Por uma nota do serviço de 17 de Dezembro de 1924, o Mi-

nisterio das Finanças ameaçou de cassar as licenças para commerciar, aos vendedores de artigos para fumantes que expuzessem em suas montras postaes licenciosos. A prefeitura de Seine (Paris), em 13 de Março de 1924, publicou um aviso em que declarava que, nos kiosques, "art. 9.º — São notadamente interdittas: — a venda de cartões postaes illustrados; a exposição e venda de todas as publicações, brochuras, imagens, illustrações consideradas immoraes pela Auctoridade. O prefeito de policia de Paris, em 31 de Dezembro de 1925, deu instrucções ao serviço de policia municipal e judiciana para que lhe notificassem todas as brochuras, publicações, gravuras, etc., vendidas ou expostas nos kiosques de jornaes e cujo character licencioso se affirmasse perigoso para a moralidade publica.

Mas além disso, dezenas de vezes os tribunaes do paiz, em Paris, Dijon, Donai, etc. se têm manifestado condemnado a multas e á prisão, os editores e vendedores de publicações obscenas. A Compagnie de Chemins de Fer de l'Est, a pedido de vinte seis mil habitantes de Reims, prohibiu a vendagem de treze periodicos pornographicos em suas estações; a Cie. C. F. du Nord, interdictou duas publicações; a Cie. Chemins de Fer Belges, interdictou tres revistas. As Associações dos paes de familia em Toulouse e St. Etienne, obtiveram medidas semelhantes das respectivas prefeituras.

Na Allemanha, não é menor o rigor do governo. A lei de "Protecção á juventude contra as publicações immoraes", posta em vigor a 7 de Janeiro de 1927, determina que, "com o fim de proteger a juventude, se estabelecerá uma lista das publicações immoraes. Desde o momento em que figurem na lista, essas publicações, serão submettidas ás restricções seguintes:

1. Não poderão ser annunciadas, nem offerecidas e não se poderão apresentar ao publico boletins de assignatura das mesmas;

2. Não poderão ser transportadas de uma casa para outra, vendidas ou offerecidas na via publica, nem expostas em vitrinas ou mesmo no interior dos estabelecimentos;

3. Não poderão ser vendidas nem remetidas aos menores de 18 annos.

As autoridades do Reich dos Estados e das communes têm o dever de vigiar para que nenhuma dessas publicações immoraes seja accessivel aos menores”.

Quanto aos films e aos theatros, identicas providencias se tomaram em varios paizes. Na França, o prefeito de Bordeaux, decretou que haja rigorosa censura e que (“Art. 2, de 11 de Março de 1925), se a peça ou filme fôr de natureza a determinar desordens, particularmente em razão de seu character licencioso, sua representação será interdicta ou não será autorizada senão sob reserva formal da suppressão das passagens julgadas immoraes ou perniciosas á ordem publica”.

Nos Estados Unidos foi instituido ultimamente o julgamento de determinados filmes pelo systema de jurys. Mesmo no Brasil, no Rio, por exemplo, a policia, de quando em vez, solidada por associações ou particulares, tem agido contra a imprensa e o cinema pornographicos.

Não será, pois, inedita nem para extranhar uma energica providencia da nossa policia de costumes contra essa vaga de lama, que nos acena com o afogamento do caracter e da mais valiosa tradição moral.

O povo da Bahia apoiará sem duvida a V. Exa., com o seu incondicional e unanime applauso; e se V. Exa. tiver de lutar com a resistencia dos condescendentes e dos inimigos do bem, terá na consciencia a convicção inapagavel de que fez por livrar da perdição e da desgraça a milhares de filhos deste abençoado sólo da Bahia.

26 de Agosto de 1927.

C. Cohim Ribeiro, Ruy R. Barros, Joaquim de Araujo Lima, Dirceu de Possidio Coelho, Jayme Pamponet de Cerqueira, Mozart de Alencar, Benicio de Castello Branco, Thales de Azevedo, Aurelio Riquet Nogueira, Rosalvo Ferraz de Araujo, Samuel Varjão Junior, Aristides C. Guimarães, Herbert P. Fortes, João

Baptista Saraiva Leão, José Antonio de Freitas Paim, João dos Santos Rezende, José Cavalcante, Heladio Marques de Carvalho, Vivaldo Barbosa dos Santos, Antonio Lyrio Callou, Gilberto G. Cerqueira Lima, Octacilio Lopes, Adriano Bernardes Baptista.

O PIC-NIC DA PITUBA

Em conformidade com o que está estipulado, a respeito de *Excursões* nos Estatutos da C. M. A., e com o fim de fomentar o espirito de fraternal camaradagem entre os Congregados, organizou-se neste anno, em Setembro um *pic-nic* na Pituba. Foi um dia de transbordante alegria, que estreitou mais ainda os laços de amizade que ligam entre si os Congregados Academicos.

A partida effectuou-se logo nos primeiros bondes que seguiram para Amaralina.

A's 7 horas reunimo-nos piedosamente na Capella de Nossa Senhora da Luz, onde recebemos a Sagrada Communhão na Missa celebrada pelo nosso Director, o qual nos fez uma vibrante pratica, toda repleta de allusões ás alegrias daquelle dia.

O serviço do café foi em casa do Exmo. Sr. Juvencio da Silva, que nos cumulou de attensões. As delicadas insistencias desse distincto cavalheiro, em quem pudemos contar desse esse dia mais um primoroso amigo, obrigaram-nos a desistir de uma sombra já escolhida para o lanche; tivemo-lo ás 12 horas nas amplas varandas do seu palacete.

A's 3 da tarde, depois de pormenorizada visita aos terrenos daquelle futura cidade, já delineada pelo nosso illustre consocio, Dr. Theodoro Sampaio, regressamos á cidade, com a reconfortante saudade de um dia feliz e santamente passado.

O PRIMEIRO DE OUTUBRO

O anniversario do nosso Revmo. Director, P. Luiz Gonzaga Cabral, no dia 1.º de Outubro, foi ainda uma vez, commemorado com intimidade amiga e captivante. Houve, pela manhã, Communhão geral dos congregados, em acção de graças, pela



Distintivos dos Dignatarios da C. M. A.

passagem de tão auspicioso dia, e á noite em sessão conjuncta da C. M. A. e do C. C. E. M. A., uma significativa homenagem ao illustre anniversariante. Falaram os doutorandos Thales Azevedo e Octacílio Lopes, respectivamente, presidentes da Congregação e do Circulo, terminando pela offerta dum mimo.

Em bello improviso agradeceu o Padre Cabral, lembrando as phrases generosas daquelles, que o tinham precedido na tribuna; e commentando com sympathica oportunidade as numerosas allusões intimas daquella noite. Uma salva de palmas, souo ao ecoarem as ultimas palavras do seu discurso.

A FESTA PATRONAL DE 1927

A 8 de Dezembro realizou-se a festa patronal da C. M. A., com um brilhantismo não ultrapassado pelos annos anteriores. A Capella do Collegio Antonio Vieira, achava-se lindamente ornamentada, sobresahindo o altar-mór, onde se encontra a imagem de N. S. da Conceição. Antes da missa, houve solemne admissão de congregados e candidatos e ainda algumas transferencias de membros até ahí pertencentes a outras Congregações Canonicas, que transitavam para a nossa.

Foi particularmente solemne o momento do compromisso de fidelidade ás doutrinas da Egreja, em particular, contra as sociedades secretas por ella condemnadas, pronunciado de pé na capella mór, fazendo circulo em volta da Bandeira os Socios Cathedraticos e Bemfeitores, Congregados recentemente Formados e os novos membros da Congregação. Em seguida á Missa e Communhão geral, reuniram-se todos em fraternal camaradagem á mesa do café, improvisada no Salão da C. M. A. Ahi, tomou a palavra o Dr. Octacílio Lopes, que fez um rapido esboço da vida do C. C. E. M. A. durante o ultimo anno. Ao terminar o presidente do Circulo, tomou o Padre Cabral a palavra, saudandô, em nome dos congregados os que acabavam de concluir a sua formatura e iam deixar, com tão reciproca saudade, a Congregação. Foram palavras repassadas de amor e de fé no futuro. Que trabalhassem pelo ideal de todo congregado e fossem feli-

izes, tudo isso desejavam com todo o affecto aos recém-formados e a Congregação. Respondeu, em nome dos que partiam da Congregação, o Dr. Thales Azevedo, que em commovido discurso, rememorou os bellos instantes vividos em tão util quão ennobrecedora companhia.

Terminado o café, foi tirado o grupo photographico de todos os presentes, inclusive, os professores das Escolas, que se dignaram comparecer á festa da Padroeira da C. M. A., compartilhando, assim, com os seus discipulos, dos primores da tocante festividade.

Completaremos estas notas sobre o exercicio de 1927 na Congregação Mariana Academica com o breve relatorio, dirigido ao Presidente da Congregação, pelo Bibliothecario Helio Simões.

Sr. Presidente da Congregação Mariana Academica,

Ao pedido dirigido por V. S., Senhor Presidente, a todos os encarregados das diversas secções desta Congregação no sentido de vos enviarem o seu relatorio, o mais breve e numerico possivel, correspondo gostosamente passando ás vossas mãos o Relatorio da Bibliotheca.

A Bibliotheca da Congregação Mariana conta actualmente ao todo 670 volumes assim discriminados nas suas quatro secções:

a) Religião

a) Biblica	13
b) Ascetica	68
c) Apologetica	81
d) Hagiographica	39
Total	201

b) Sciencias

a) Philosophia	28
b) Historia	120
c) Sociologia	48
d) Pedagogia	47
e) Medicina	64
f) Exactas	5
g) Juridicas e sociaes	6
Total	293

c) Lettras

a) Prosa	134
b) Verso	30
c) Critica	6
d) Didactica	1
Total	171

d) Encyclopedia

Total	4
-------------	---

Lucrou este anno a Bibliotheca da Congregação uma magnifica collecção de livros escolhidos, com a preciosa dadiva do tão illustre quão venerando sacerdote bahiano, Monsenhor Basilio Pereira, o illustre escriptor e exegeta, que sempre dedicou á Congregação Academica o estimulo da sua admiração e amizade, culminou agora na sua dedicação para com os moços estudiosos, offerecendo-lhes nada menos que uma bôa, sinão a melhor por-

ção dos seus livros, aquelles mesmos em que aprofundou e esclareceu outrora nas vigílias da sua brilhante pujança a sabedoria e a virtude que lhe ornaram hoje a velhice gloriosa.

Profundamente reconhecidos ao seu venerando bemfeitor, os congregados academicos saberão aproveitar-se da inestimável ddiva, não esquecendo jamais o exemplo de quem os presenteou.

Helio Simões

II
CHRONICA

—DO—

**Circulo Cathólico de Estudos da
Mocidade Academica**

(C. C. E. M. A.)

1924 a 1927



Chronica do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica em 1924 e 1925

No anno de 1924, devido ao estado anormal da cidade com a epidemia do typho e em razão de outras circumstancias imprevisitas, não teve o C. C. E. M. A. mais que tres sessões: a das eleições a sessão solemne de 31 de Maio, e a Conferencia do Academico de Medicina, Octacilio de Carvalho Lopes, sobre o thema "Influencia Social da Imprensa".

Em 1925, porém, regularizou-se melhor o funcionamento do Circulo, entre cujas Conferencias se destacou, como a de maior importancia, pelas circumstancias, que a revestiram, a de 3 de Fevereiro. Nella fallou o illustre publicista, Dr. Placido de Mello, sobre "Caixas Raiffeisen". Presidiu á sessão o Sr. Dr. Governador do Estado. Transcrevemos o que sobre essa reunião disseram alguns jornaes desta cidade.

Do Diario Official de 5 de Fevereiro de 1925:

Realizou-se ante-hontem, ás oito horas da noite, conforme estava marcada, a conferencia feita pelo Dr. Placido de Mello, no Gabinete Portuguez de Leitura, sobre as vantagens da creação de

caixas ruraes neste Estado, para realização de uma perfeita obra social.

Sob a presidencia do Dr. Governador, e com a presença da Exma. Esposa de S. Exa., dos Secretários do Estado, Commandante da Região, autoridades outras e selecta assistencia, foi aberta a sessão, tendo S. Exa. em ligeiras palavras declarado a importancia de tal assumpto neste momento, em que o Dr. Placido de Mello, com a competencia e o patriotismo que todos lhe reconhecem, vinha ao nosso Estado, instalar, como victoriosamente já installara em nove importantes cidades do Interior, as caixas ruraes, instituições francamente progressitas e que no Estado do Rio vinham dando magníficos resultados, podendo citar como modelar a da cidade de Friburgo, emprehendimento que representava a realização dos nobres idéas do Dr. Placido de Mello.

Deu a palavra ao Dr. Anisio Teixeira, para fazer a apresentação do illustre conferencista, que dentro em pouco com a sua eloquência e perfeito conhecimento do assumpto iria ser ouvido por tão selecto e distincto auditorio.

Assomou, então, á tribuna, o Dr. Anisio Teixeira, que, proferindo um formoso discurso, disse quanto era proveitosa para o Paiz a acção que vinha desenvolvendo o Dr. Placido de Mello, cheio de fé e reunindo os triumphos que tão brilhantemente tem alcançado com a realização completa dos seus ideaes de civismo, num concurso efficiente e benemerito á grandeza da Patria.

Que os applausos, o carinho com que fôra recebido o Dr. Placido de Mello no interior do Estado e o apoio immediato que em toda parte encontrara na instituição das caixas ruraes, bem exprimiam o acerto e a feliz iniciativa do Dr. Governador, convidando-o a vir á Bahia, porque aqui o terreno era generoso para a semente, que havia de fecundar, surgindo arvores maravilhosas do bem, a cujas sombras se abrigariam certamente aquelles que viessem a precisar do auxilio da communhão social.

Era uma obra do bem, que se levantava e jamais pereceria, alicerçada em principios poderosos e sãos.

Em seguida, iniciou a sua conferencia, sempre acompanhada

e ouvida com toda a attenção pelo auditorio, o Dr. Placido de Mello.

Dissertando, por mais de uma hora sobre o assumpto, expoz com eloquencia e clareza as vantagens das caixas ruraes, os seus fins e o seu valor, como uma instituição feliz á communhão social.

Mostrou o papel que ella tem representado nos paizes mais adeantados do mundo, a sua marcha victoriosa no Estado do Rio e que, na Bahia, assim tambem seria, e isso afirmava, porque aqui encontrou o campo preparado pela acção progressista e patriótica do seu Governador.

Que agradecia a S. Exa. a quem rendia as homenagens da sua admiração, o affecto com que fôra acolhido, numa cordialidade que se estendera até o seu lar, pelo quê, elle ficava devendo a S. Exa. sincera e inapagavel gratidão.

Que a demonstração de que a Bahia sabia comprehender as vantagens das Caixas Ruraes estava na que fôra instituida em Itabuna, pelo Dr. Salomão Dantas, a qual em menos de dois mezes reunia em deposito noventa e sete contos de réis!

A sua tarefa havia sido apenas de semear, porque não precisaria de cuidados a terra que tão bem sabia e podia produzir.

Terminou o Dr. Placido de Mello, cheio de fé no futuro grandioso do Brasil, fé catholica, fé civica, que é a vida da nacionalidade triumphante e do Brasil unido e forte.

Recitando bellos versos da sua lavra e recebendo os maiores applausos da assistência, terminou o Dr. Placido de Mello a sua bella conferencia.

Em seguida usou da palavra, produzindo um admiravel improviso, o Padre Cabral, que agradeceu ao Sr. Dr. Governador do Estado a honra de ter presidido áquella sessão, na qual o *Círculo de Estudo* recebera e ouvira, com a maior satisfação as sabias palavras do Dr. Placido de Mello, que ali, tambem honraya aquella casa, aceitando o convite para fazer a conferencia.

Do Diario da Bahia de 5 de Fevereiro de 1925:

A CONFERENCIA DO DR. PLACIDO DE MELLO

A SESSÃO PRESIDIDA PELO DR. GOVERNADOR E O DISCURSO
DO DR. ANISIO TEIXEIRA

O trabalho fecundo de diffusão das Caixas Raiffeisen na Bahia, teve ante-hontem o seu fecho brilhante com a sessão do Circulo Catholico da Mocidade no Gabinete Portuguez de Leitura.

O Sr. Dr. Governador do Estado a cuja patriotica iniciativa se deve a vida á Bahia d oapostolo da obra central do credito agricola, o Dr. Placido Mello, deu á referida sessão o cunho official de sua presença.

O Dr. Anisio Teixeira, presidente do Circulo e Inspector Geral do Ensino, de cujo discurso destacamos o trecho abaixo, fez a apresentação do Dr. Placido de Mello ao auditorio selecto.

Em seguida o conferencista inicia a exposição da obra das Caixas Raiffeisen nos seus lineamentos e pormenores, salientando os seus effeitos maravilhosos e rapidos, na lueta que logo se estabelece entre a usura e o jogo desinteressado, facil e caridoso do capital.

Recapitula o seu trabalho na Bahia, todo de resultados immediatos e de grandes esperanças futuras, em abono do que, conta estarem fundadas dez caixas no interior, todas remirando-se no exemplo da de Itabuna cujo movimento de dois mezes foi de mais de 90 contos.

O Dr. Placido de Mello tem oportunidade de agradecer vivamente ao Dr. Governador do Estado seu apoio forte e carinhoso á obra iniciada sob os seus melhores auspícios.

O conferencista, terminando, recita versos de sua lavra, muito applaudido, como em tdo o seu trabalho.

O Padre Cabral, Director do Circulo, succede-lhe na tribuna, agradecendo ao orador, á assembléa e ao Dr. Governador do Estado o brilho daquella reunião,



Dr. Anísio Spínola Teixeira

Encerrando a sessão, o Dr. Góes Calmon, disse do quanto lhe era sympathica a obra das Caixas Raiffeisen como serviço de assistencia á agricultura e esforço effectivo para a solidariedade social.

Destacamos do bello discurso do Dr. Anísio Teixeira o trecho seguinte :

Foi larga e agitada a vossa actividade.

Catholico ardente, para quem as convicções não são qualquer cousa de serenamente abstracto, mas uma parte viva de si mesmo, que urge por se realizar e estender a sua influencia, fôstes naturalmente um apóstolo.

A vida com as suas communs preocupações e a sua vulgar finalidade parecia-vos um supplicio sem sentido.

A vida havia de ser um méro instrumento da vossa obra.

A formosa inquietação que vos salteou então, vos fez partilhar de muitas luctas.

Poeta inspirado, publicista cheio de successos, conferencista applaudido, em toda essa luminosa actividade o desejo de restaurar no Brasil a perfeita ordem christã communicou á vossa obra essa força doutrinaria de pensamento definido e alto, tão rara e preciosa em nossa terra.

Mas, como éreis homem da realizações, não vos bastou a actividade intellectual, máo grado a sua repercussão na consciencia dos vossos patrícios.

A actividade social vos arrebatou para uma obra economica cujo desmedido alcance vae a experiencia irresponsavelmente demonstrando.

As cooperaticas de credito, que a Allemanha creou, pela intelligencia nobre de um dos seus filhos, tiveram no Brasil o seu Raiffeisen.

Sabemos o que foi o vosso labor. O Brasil é um campo sáfaro para as actividades sociaes.

Não vos entibiaram, porém, o animo forte os sacrificios que incessantemente vos visitaram. Não houve derrotas que vos enfraquecessem a vontade.

De todos os tropeços, de todos os inesperados abandonos, de

todos os insucessos, de toda a dolorosa experiencia que constitue, entre nós, o tirocinio do homem de acção, ieis construindo o edificio dessa personalidade rara e querida de luctador, alegre e jovialmente victorioso.

Não guardastes das asperézas do caminho a cicatriz de uma unica tristeza.

Não vos fizeram amargo as amarguras da estrada.

Não vos mechanizaram a alma as brutalidades inevitaveis da lucta.

Toda a força interior vos ficou intacta, fonte da mesma alegria, da mesma serenidade, das mesmas virtudes de homem bom, de homem christão.

Escapastes, assim, ao mais facil escolho, no Brasil, do homem de acção.

Por isto que elle é raro, em um meio de indifferente marasmo, o seu isolamento o torna aspero, secco, intratavel, homem mechanico que age com angulosidade rispida das machinas.

Vingastes, pelo contrario, a feliz conciliação entre o homem interior e o homem de realizações.

Um profundo dissidio entre a vida intellectual e a vida politica do paiz, bem como outros vicios de educação da intelligencia nacional, têm concorrido para que sejam mais difficeis taes exemplos.

Os nossos intellectuaes caracterisavam-se por uma risonha indifferença para com a vida brasileira.

A obra e lição, de fantasia, de méro encantamento cerebral predomina em nossa litteratura.

A actividade intellectual organizadora da vida nacional tem-nos faltado.

Hoje, é que se caminha vivamente para essa obra.

A intelligencia e a cultura já não se constituem membros de nenhuma Academia de Esquecidos, nem se isolam na torre de marfim de um verdadeiro sybaritismo intellectual, do alto do qual verdadeiros mandarins do espirito, nos mandam as suas ironias e os seus versos.

Hoje são muitas os que desejam nobremente collaborar na obra nacional.

E' a geração da consolidação da nacionalidade.

O Dr. Placido de Mello é um modelo desses brasileiros de hoje, homens de intelligencia, de fé e de acção, que vão emprehender a restauração do Brasil na ordem brasileira e christã.

Nós, os moços da Bahia, companheiros de lides e de sonhos, vos enviamos com a nossa saudação, um pouco de nossa alma.

A obra das Caixas Raiffeisen, vasto quadro onde encerrastes a vossa acção, terá, em cada um de nós, um pequeno collaborador de sua prosperidade na Bahia."

Chegado ao Rio o Dr. Placido de Mello apresentou ao Ministro da Agricultura um relatorio do qual transcrevemos estas linhas:

Uma conferencia publica — Por iniciativa do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica e com a Presidencia do Governador do Estado, Dr. Francisco M. de Góes Calmon, que para maior honra minha, se fez acompanhar de sua distinctissima senhora, realizei, ás 8 horas da noite, de 3 de Fevereiro, uma conferencia de propaganda, no Gabinete Portuguez de Leitura.

O salão ficou repleto. Tomaram assento, na mesa, de um lado e de outro da presidencia, os Srs. Coronel Trajano Moreira, Chefe da Região Militar; Conselheiro Bráulio Xavier, Secretario do Interior; Dr. Austricliano de Carvalho, Secretario da Agricultura; Dr. Alfredo de Magalhães, Director da Escola Normal e outros vultos da maior representação no Estado.

Fallaram nessa noite, além do conferencista, o Sr. Dr. Góes Calmon, abrindo e encerrando a reunião (S. Exa. emprestou aos meus trabalhos uma significação muito acima da que me era dado esperar); o Sr. Dr. Anísio Teixeira, Inspector Geral do Ensino, muito suspeito em seus elogios porque já eramos como velhos amigos (foi nos vermos e nos amarmos); e o Revmo. Sr. Padre Luiz Gonzaga Cabral, Director do Circulo, que foi gentil em demasia para commigo. E'que elle sabe que eu sou filho da Companhia de Jesus, senão dos que mais a honram, com segurança dos que mais a veneram e estimam. O famoso jesuita, num improvisado empolgante, reivindicou para a Ordem a gloria de já haver praticado, em suas reduções do periodo colonial, o sys-

tema Raiffeisen. Terminou promettendo todo o apoio de seus jovens associados, muitos delles então em ferias e, por isso, ausentes, á obra reformadora das Caixas Ruraes.

Da minha conferencia, aproveitarei aqui apenas uma passagem: aquella em que lembrei a minha primeira viagem á Bahia, em 1902, a quando do enterramento do Dr. Manoel Victorino, em cujos funeraes representei o Circulo de Academicos Catholicos do Rio de Janeiro. (V. Exa., em verdes annos, iniciava então sua gloriosa carreira publica, cheia de serviços ao Brasil, como Secretario da Agricultura do Governador Dr. Severino Vieira).

Em plena bahia de Maragogipe, encontrei-me certa manhã com o nosso condiscipulo Dr. Sampaio Corrêa, hoje Senador da Republica. Fôra elle estudar as possibilidades das quedas do Paraguassú, ora aproveitadas pela Usina de Bananeiras no impulsionamento e maravilhosa remodelação industrial e artistica da cidade do Salvador.

Vinte e tres annos mais tarde, descia eu o mesmo valle, ficando as primeiras estacas de uma empreza infinitamente mais poderosa, — a do credito agrícola pelas Caixas Raiffeisen — destinadas a transformarem não sómente uma cidade, mas um Estado inteiro, em realizações, para a medida de cujos estupendos resultados falhariam sempre os melhores processos de averiguação scientifica.

As caixas Raiffeisen valem mais do que ás cachoeiras de Paulo Affonso. Daquellas provirão recursos para o aproveitamento destas em favor da grandeza material e moral dos sertões da Bahia.

A sessão do Gabinete Portuguez de Leitura foi a mais bella consagração que tem recebido até hoje o meu obscuro apostotado social. A palavra official de um Governador, da estatura patriotica do Sr. Dr. Góes Calmon: os votos de animação que me dirigiu o maior prégador que Portugal tem produzido nestes ultimos seculos; as mimosas homenagens do meu querido amigo, que é uma gloria da nova intellectualidade bahiana e a



*Grupo da Congregação Mariana Acadêmica
(1925)*

quem deixei confiada, — como a um *alter ego*, — a minha obra na Bahia, — tudo isso me commoveu em extremo.

Daqui lhes direi, como já lhes disse na Bahia (e elles sabem que lhes digo tudo) : — *Quid retribuam?*

Assignalemos, além desta Conferencia, mais as seguintes, realizadas tambem em 1925.

O academico de Medicina Thales Olympio Góes de Azevedo fallou sobre “Bolschevismo”.

Sobre “Notas de Eugenia” dissertou o academico de Medicina Luiz da França Marques.

Nessa mesma sessão, que era commemorativa do 7 de Setembro, fallou tambem o academico de Engenharia Raul Velloso Saraiva sobre “Patriotismo na C. M. A.”.

O Dr. Alfredo de Magalhães, ao terminar o orador do dia a sua conferencia “Notas de Eugenia”, deu os parabens á Congregação e Circulo, dizendo achar-se satisfeito por vêr finalmente acceite e propugnado pela juventude um ideal pelo qual desde moço batalhava a despeito do antagonismo que contra essa mentalidade então era de moda nos meios academicos.

Finalmente o Dr. Freire Filho, referindo-se á data patriótica commemorada, rememorou as glorias da terra de seus avós terminando com um viva a Portugal!

O academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima fez tambem neste anno uma Conferencia sobre “Economia”, que interessou vivamente.

Nessa sessão foi recebido como socio honorario o Dr. Augusto Lopes Pontes, Lente da Escola de Odontologia, fazendo o discurso de saudação o academico de Odontologia Gilberto Cerqueira Lima.

Além do Dr. Lopes Pontes, deu-nos a honra da inclusão do seu nome na mesma lista dos Socios Honorarios o Exmo. Sr. D. Augusto Alvaro da Silva, Arcebispo Primás do Brasil, ao qual foi solememente entregue o Diploma, na Festa Marial de 31 de Maio de 1925.

SOCIOS BEMFEITORES

Em 3 de Julho de 1924, anniversario natalicio do Exmo. Sr. Commendador Bernardo Martins Catharino, pela generosidade com que auxiliou as nossas obras, foi-lhe entregue o diploma de Socio Bemfeitor.

Em 3 de Dezembro de 1925 inscrevemos na lista dos nossos bemfeitores o Exmo. Sr. Dr. Theophilo Borges Falcão, Secretario de Estado do Thesouro e Fazenda, que tão efficientemente se interessou pela concessão da subvencão votada pela Assembléa Legislativa do Estado, para manutenção das obras sociaes da Congregação.

Inscreveram-se tambem os Exmos. Srs. Carlos Kiappe Pereira da Silva e Pedro Pinheiro, distinctos membros do alto commercio bahiano.

O Circulo foi dirigido em 1924 pelo seguinte Conselho:

Presidente — Bacharel Anisio Spinola Teixeira.

Vice-Presidente — Octacilio Carvalho Lopes, 3 M.

1.º Secretario — Thales Azevedo, 3 M.

2.º Secretario — Luiz Didier, 3 M.

Thesoureiro — Carlos Cohim Ribeiro, 5 E.

Bibliothecario — Jayme Cerqueira Lima, 5 E.

Orador — Doutorando José Faria Góes Sobrinho.

E em 1925 por este outro:

Presidente — Bacharel Anisio Spinola Teixeira.

Vice-Presidente — Dr. Herbert Parentes Fortes.

1.º Secretario — Thales Azevedo, 4 M.

2.º Secretario — Luiz Rogerio de Souza, 4 M.

Bibliothecario — Alexandre Leal Costa, 1 M.

Thesoureiro — Joaquim de Araujo Lima, 2 E.

Orador — Raul Velloso Saraiva, 4 E.

Tendo-se exonerado no decorrer do anno o 1.º Secretario,

foi eleito para o substituir o Academico de Medicina Octacilio de Carvalho Lopes.

EM 1926

Do Circulo neste anno não podemos dizer melhor do que assignalar o numero de trabalhos apresentados durante este exercicio, que o destacam pelo de maior actividade, em nossos Annaes.

E' de justiça salientar o esforço e dedicação do actual presidente, Academico de Medicina Octacilio de Carvalho Lopes.

Com solemnidade pela primeira vez realizada neste dia, celebrou-se o 9.º anniversario do C. C. E. M. A. Eis o convite e respectivo programma brilhantemente desempenhado:

CIRCULO CATHOLICO DE ESTUDOS DA MOCIDADE ACADEMICA

C. C. E. M. A.

Fundado em 27 de Agosto de 1917

Portão da Piedade, 42 — Bahia - Brasil

O "Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica" tem a honra de convidar a V. Exa. e Exma. Familia para a Sessão Commemorativa do 9.º anniversario da sua fundação, que se realizará na séde do "Circulo" (Rua do Portão da Piedade, 42), no dia 27 do corrente, Sexta-feira, ás 19 1/2 horas exactas.

Bahia, 23 de Agosto de 1926.

PROGRAMMA

"O que tem sido o nosso Circulo" — O Academico de Medicina Octacilio de Carvalho Lopes, Presidente do C. C. E. M. A.

"Insinuações de prophylaxia na bocca das creanças" — O Cirurgião Dentista Raphael José Valverde.

“Rimas” — O Academico de Engenharia Joaquim A. Lima, Orador Official do C. C. E. M. A.

“Os Catholicos e o Papa” (*a proposito do Mexico*) — O Academico de Medicina Thales Olimpio Góes de Azevedo.

“Allocação” — O Director do C. C. E. M. A., R. P. Luiz Gonzaga Cabral, S. J.

No Sabbado, 19 de Agosto realizou-se uma sessão de Homenagem ao nosso saudosissimo Socio Honorario, o Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão (Péthion de Villar).

Dissertou nella o Presidente do Circulo, Academico de Medicina Octacilio de Carvalho Lopes sobre Pethion como humorista; estudando particularmente os “*Capetinhas azues*”. A reunião foi talvez a mais concorrida do Circulo. A familia do pranteado poeta, lente da Faculdade de Medicina, Deputado Estadual e fervoroso Catholico, occupava os primeiros logares do nosso Salão. Só nos faltava ali a nobre e distinctissima viuva do Homenageado, que se achava ausente, na Europa.

Fez elegantemente a arguição o Dr. Eduardo Vianna; e o nosso Director, recitou formosissimas poesias de Egas Moniz, entremeando-as de interessantes notas historicas, anedocticas e criticas.

Foi tambem do Exercicio de 1926 (em 29 de Maio) a palpitante conferencia do Academico de Medicina Acyr Alves Leite, sobre “A psycho-analyse de Freud”, vibrantemente arguida pelo Doutorando Paiva Farias.

CONSELHO EM 1926

Presidente — Octacilio de Carvalho Lopes, 5 M.

Vice-Presidente — Engenheirando Raul Velloso Saraiva.

1.º Secretario — Pedro Cerqueira Falcão, 3 M.

2.º Secretario — Doutorando Clemente Guimarães.

Thesoureiro — Alberto Sinay Neves, 2 E.

Bibliothecario — Alexandre Leal Costa, 2 M.

Orador — Joaquim de Araujo Lima, 3 E.



Dr. Octacílio Lopes

Presidente do C. C. E. M. A. em 1926 e 1927

ANNO DE 1927

A NOVA MESA

Realizou-se, no dia 8 de Maio, a eleição do novo Conselho, que havia de dirigir os destinos do C. C. E. M. A., no anno de 1927. A chapa eleita foi a seguinte:

Presidente — Doutorando Octacilio de Carvalho Lopes.
Vice-Presidente — Doutorando Thales Góes de Azevedo.
1.º Secretario — Joaquim de Araújo Lima, E.
2.º Secretario — Antonio Lyrio Callou, M.
Thesoureiro — Eduardo Sá Pereira S. Moreira, E.
Bibliothecario — Helio Simões, M.
Orador — Adriano Bernardes Baptista. D.

OS TRABALHOS DO ANNO

O Circulo não desmentiu no anno de 1927, o seu passado, já cheio de serviços prestados á intelligencia e á fé.

Foi um dos seus annos mais fertes em trabalhos e reuniões.

A sua primeira sessão, foi a 31 de Maio, em conjuncto, com a C. M. A., para o encerramento do mês de Maio.

Foi sessão solemnnissima, no salão do Gabinete Protuguês de Leitura, presidida pelo Dr. Nelson Spinola Teixeira, muito digno Secretario da Agricultura, representante do Governador do Estado. Falaram o R. P. Cabral, o Dr. José de Faria Góes e os academicos Joaquim Lima, Thales Azevedo e Octacilio Lopes.

CONCLUSÃO DO PRIMEIRO DECENNIO

O anno de 1927, trazia para o Circulo, uma data auspiciosa, — o completar do seu primeiro decennio de vida; por isso mesmo, quiz levar a effeito, uma commemoração que fosse digna de tão marcante ephemeride.

Justo era que o Circulo de Estudos abrilhantasse o fecho d'um periodo, onde por uma década, soubera firmar a sua efficiencia e o seu prestigio no ambiente social, em que vive.

Realizou-se com este fim uma festa litteraria e musical, no salão nobre da Associação dos Empregados do Commercio. O programma consistiu de allocuções allusivas á data, pronunciadas pelo Director do Circulo, R. P. Cabral e pelos Presidentes das duas aggremações, Octacilio Lopes, do Circulo e Thales Azevedo, da Congregação. Fallaram tambem o Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima e o Dr. Herbert Fortes, um dos antigos Presidentes do C. E.

Entremearam-se lindos numeros de Musica, executados, pela eximia pianista D. Georgina Salles e seu esposo, o primoroso violinista Sr. Camerino Salles.

São egualmente deste anno de 27 as Conferências: do illustre naturalista R. P. Camillo Torrend, em 4 de Agosto, sobre “Idéas que matam e idéas que vivificam”; do eminente historiador Dr. Theodoro Sampaio, sobre “Indianologia e toponymia brasileiras”, em 29 de Julho; e do Presidente da C. M. A., Doutorando Thales de Azevedo, sobre “A medicina entre os selvagens do Brasil”, em 21 do mesmo mês.

IVES DE LA BRIERE

O dia 21 de Setembro, ficou sendo tambem para o Circulo, uma data memoravel.

Ouviu a palavra abalizada e sabia do grande jesuita francês, P. Yves de la Brière.

O illustre internacionalista, professor da Universidade Catholica de Paris, fôra convidado, por intermedio, do seu eminente compatriota, P. Torrend, para fazer, para o Circulo, uma das suas conferencias, que havia de realizar na Bahia.

A conferencia foi lida no salão nobre do Gabinete Português de Leitura, onde se continha a custo grande numero de pessoas, ávida de ouvirem tão grandes ensinamentos.

Quem saudou o grande jurista catholico foi o R. P. Cabral,

que no idioma francês, em que é mestre, traçou a figura do seu irmão de habito. Logo depois assomou á tribuna o P. Yves de la Brière, que prendeu o auditorio com as palavras eloquentes da sua grandiosa conferencia.

ANNIVERSARIO DO NOSSO DIRECTOR

No dia 1.º de Outubro, reuniu-se ainda, o Circulo, á Congregação para festejar o anniversario natalicio do P. Cabral, reunião de sabor intimo e de invejavel amizade.



III
CHRONICA

—DO—

Pensionato Mariano Academico

(P. M. A.)

1924 a 1927



Chronica do Pensionato Mariano Academico

EM 1924, 1925, 1926 E 1927

Sem incidente digno de nota correu normalmente a vida do P. M. A. nestes quatro annos.

Em 1924 o Doutorando Salvador de Castro Barbosa, Presidente da C. M. A. administrou o Pensionato.

Por ter concluido o seu curso medico, substituiu-o em 1925 e 1926 o Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima, succedendo-lhe em 1927 o Academico de Direito José Antonio de Freitas Paim.

Como em annos anteriores foi cheio de sympathia o acolhimento dado pela nossa alta sociedade ao tradicional pedido dos estudantes, por occasião das festas, de S. João. Damos, a titulo de curiosidade, a poesia distribuida pelo Pensionato nas festas Joanninas de 1924:

SÃO JOÃO DE 1924

Pôr mais que o Campo da Pólvara
Lembre em seu nome as bombardas,
Os trabucos e espingardas,
A escopeta e o canhão;

Por mais que o Campo dos Mártires
Lembre da forca os tormentos
E os crueis fusilamentos
De tempos que já lá vão;

Hoje á flôr dos Académicos
Fornece grata hospedagem;
E alegre camaradagem
Reune a muitos num lar.
Junto ao Tinguý a República
Da juventude Mariana
Numa familia se irmana,
Em redor de um mesmo altar.

E se o altar rodeiam fêrvidos,
Rodeiam tambem a mêsa,
Sem vislumbres de tristeza,
Em convívios fraternaes;
São alegres nossos ágapes,
E entre a expansão mais sádía,
O riso franco esfusía
Num telintar de cristaes.

E inda mais que em qualquer época,
Taes alegrias confere-as
O ledo tempo das ferias,
As ferias do São João.
Então, sobre toalha alvíssima,
Dôce, fructas, queijos, flores,
Vinhos, cervejas, licores,
Novo jubilo nos dão.

Por isso, ao vermos já próximo
O vinte e quatro de Junho,
Para dar-lhe o alegre cunho
Da festa do Precursor,

Congregados Academicos
Vimos pedir aos amigos
Tanto novos como antigos
Do seu affecto o penhor.

Venha a sobremêsa clássica
De saborosa cangica,
E o vinho que tonifica,
Porto e Champagne a espumar,
Venham empadas finissimas,
Sandwiches, pasteis, croquettes,
Venham doces e sorvetes,
Venham fructas de além-mar.

E com taes mimos opíparos
A nossa gente Mariana
Ao toast erguerá ufana
As taças, em forte hurráh,
Brindando com voz unísona,
Por vosso affecto captiva,
Um entusiastico viva
Que S. João abençoará!

BENEMERENCIAS

O Exmo. Sr. Commendador Bernardo Martins Catharino, concorreu em 1924 para os melhoramentos do P. M. A. com a somma de 3 contos de réis, além dos 5 já assignalados no 1.º volume. Em 1926 auxiliou as reparações feitas no predio com mais 2 contos; o que perfez a generosa quantia de 10 contos de réis.

Por esse motivo é com razão acrédôr da maxima gratidão da Congregação Academica, que o considera como o mais benemerito dos Bemfeitores de suas obras sociaes.

Trouxeram-nos tambem as suas dadivas, durante esse periodo de 1924 a 1927, o Exmo. Sr. Commendador Raymundo Pereira de Magalhães, 1:000\$000; o Exmo. Sr. Coronel João Baptista

Machado, 2:000\$000; Exmo. Sr. Ricardo Pinto Leite Mello Gouveia, 200\$000; Exma. Sra. D. Amelia Rodrigues, 200\$000 e o Exmo. e Revmo. Sr. D. Miguel de Lima Valverde, Arcebispo de Pernambuco, 100\$000.

O Major Flavio Baptista de Rezende mandou-nos em 1914 e 1925, 200\$000 de cada vez, como já assignálamos no 1.º volume. Este nosso distincto bemfeitor prometera todos os annos mandar essa quantidade, até perfazer 1 conto; somma que effectivamente fez com a prestação de 1927.

Uma religiosa portugêsa, cuja familia se interessa muito pela C. M. A., por occasião dos seus ultimos votos, dispôz de algumas importancias para varias obras sociaes, cabendo ao P. M. A. a quantia de 550\$000.



Pagina de Saudade

D. JERONYMO THOME' DA SILVA, Arcebispo da Bahia, Primás do Brasil — Socio Honorario do C. C. E. M. A. — † Bahia, 20 de Fevereiro de 1925.

DR. EGAS MONIZ BARRETTO DE ARAGÃO, Lente da Faculdade de Medicina — Socio Honorario do C. C. E. M. A. — † Bahia, 8 de Novembro de 1924.

Capitão de Fragata ARTHUR DE SACCADURA FREIRE CABRAL, da Marinha Portuguesa — Socio Honorario do C. C. E. M. A. — † Ostende 1924.

ANTONIO CARLOS ALMEIDA GOUVEIA, da Faculdade de Medicina — Socio activo do C. C. E. M. A. — † Bahia, 1924.

Conselheiro DR. ANTONIO CARNEIRO DA ROCHA, Lente e Director da Faculdade de Direito — Socio Honorario do C. C. E. M. A. — † Bahia, 30 de Setembro de 1925.

MARCIONILLO CIRNE DANTAS, da Escola Polytechnica — Socio activo do C. C. M. A. — † Bahia, 16 de Maio de 1926.

R. I. P.



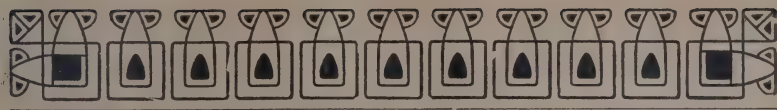


IV

Relatorios de Secções

Apresentados por seus respectivos
Presidentes

1924 a 1927



Relatorio apresentado pelo Presidente do C. C. E. M. A. na festa Patronal da Congregação, a 8 de Dezembro de 1927

O Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica parece não ter desmentido no anno corrente de 1927 as suas bellas tradições de trabalho e de brilhantismo.

Pela ordem chronologica foram as seguintes as reuniões realizadas:

31 de Maio — No salão nobre do Gabinete Português de Leitura, presidida pelo Dr. Nelson Teixeira, D. D. Representante do Dr. Governador do Estado; nessa sessão falaram os seguintes oradores: Dr. José Faria Góes, academicos Joaquim Lima, Thales de Azevedo, Octacilio Lopes e Padre Luiz Gonzaga Cabral.

21 de Junho — Na séde do Circulo falou o Doutorando Thales de Azevedo sobre "A Medicina entre os Selvagens do Brasil";

29 de Julho — Na séde do Circulo — Conferencia do eminente escriptor Dr. Theodoro Sampaio sobre o thema "Indiano-logia e Toponimia".

4 de Agosto — na séde do Circulo — Conferencia do illustre naturalista P. Camillo Torrend sobre "Idéas que matam — Idéas que vivificam". Na mesma sessão falaram, respectivamente, em nome da Congregação Mariana Academica e do Circulo, homenageando o eminente conferencista, os Doutorandos Thales de Azevedo e Octacilio Lopes.

13 de Agosto — Na séde do Circulo — Duas conferencias: “O Ceará e os Cearenses”, pelo academico João Baptista Saraiva Leão, e “O Ideal Contra-Revolucionario e Jackson de Figueiredo”, pelo academico José Fernandes Domingues Carneiro.

26 de Agosto — No salão nobre da Associação dos Empregados do Commercio — Sessão solenne, commemorativa do primeiro decenio do Circulo, presidida pelo eminente Governador do Estado, Dr. F. M. de Góes Calmon. Falaram os seguintes oradores; Doutorando Octacilio Lopes, Dr. Herbert Parentes Fortes, academico Joaquim de Araujo Lima, doutorando Thales de Azevedo e R. P. Luiz Gonzaga Cabral. Tomaram parte nessa sessão executando magnificos numeros musicaes, a Exma. Sra. D. Georgina Salles e seu esposo Sr. Camerino Salles, bem como os distinctos alumnos do Collegio Antonio Vieira, Antonio de Aguiar Marqués (violino), Affonso Maron (item) e Fernando da Fonseca Schmidt (piano).

21 de Setembro — Sessão solenne no salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura. Teve o Circulo incontestavelmente o seu maior dia de gloria, conseguindo que fizesse, sob o seu patrocínio, uma conferencia, o R. P. Yves de La Brière, o grande internacionalista catholico, professor de Direito Internacional na Universidade Catholica de Paris, Secretario Geral da Sociedade Internacional de Juristas Catholicos que funciona em Genebra ao lado da Liga das Nações, e redactor da revista de fama mundial *Les Etudes*. Recebeu o grande orador em nome do Circulo o R. P. Luiz Gonzaga Cabral. A sessão foi presidida pelo Dr. Nelson Teixeira, illustre Secretario de Estado, representando o Sr. Governador.

1 de Outubro — Na séde do Circulo — Sessão conjuncta da C. M. A. e do C. C. E. M. A., em homenagem ao nosso incansavel e insubstituivel P. Cabral, pela passagem do seu anniversario. Falaram os seguintes oradores: Doutorandos Thales de Azevedo e Octacilio Lopes, academico Joaquim Lima e R. P. Luiz Gonzaga Cabral.

3 de Novembro — Na séde do Circulo — Conferencia do



*Estatua do Coração de Jesus enthronizada no Salão da
C. M. A.*

Odontologista Julio Lobo sobre o thema "Odontologia e Medicina".

Para todas essas sessões em numero de 9 foram expedidos convites cuja collecção completa está na Secretaria do Circulo.

Vale salientar o interesse que essas sessões despertaram, traduzido **no grande** numero de pessoas da nossa mais alta sociedade, que sempre nos honram com sua presença.

Como se vê, a nossa brilhante associação teve um anno cheio de trabalhos interessantissimos e valiosos. Parece mesmo que em dez annos de vida, nenhum sobrepuja em brilho o que agora finda.

Permitta Deus que o Padre Cabral possa por muito tempo ainda emprestar o seu esforço e o seu valor de mestre inigualavel no mister afanoso e delicado de dirigir essas duas sociedades, que querem ter um papel importante na christianização da Bahia: a Congregação e o Circulo.

Bahia, 8 de Dezembro de 1927.

Octacilio de Carvalho Lopes

NOTA SOBRE O APOSTOLADO DA ORAÇÃO NA C. M. A.

(ANNO DE 1927)

A Communhão Reparadora (3.º grau do A. da O.) teve neste anno a sua organização propria na C. M. A.

O grupo de Commungantes formava uma secção semanal, em que tomavam parte os seguintes Congregados:

Segunda-feira — Thales de Azevedo.

Terça-feira — Francisco da Costa Tourinho e Edgard Pires da Veiga.

Quarta-feira — Joaquim Araujo Lima e Antonio Lyrio Callou.

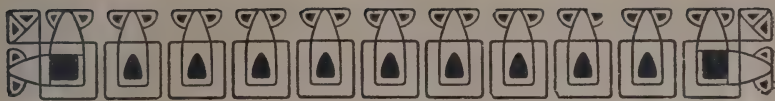
Quinta-feira — Dirceu de Possidio Coelho e Alberto Souza Oliveira.

Sexta-feira — Gilberto Lyra, Adriano Bernardes, Ruy Maranhão do Rego Barros.

Sabbado — Octacilio C. Lopes, Mario de Alcantara, Coque-
lin Leal Costa e Nelson Correia.

O Presidente da Commissão, *Thales de Azevedo*.





Relatorio do Pensionato Mariano Academico

(1927)

No dia 1.º de Janeiro de 1927, assumiram a gerencia do P. M. A., a Sr.^a D. Maria Izabel da Conceição Fortunato e o Sr. José Fortunato, casados e de nacionalidade portugueza.

Melhorou sensivelmente com esta nova direcção o P. M. A., especialmente na alimentação. Ficou desde então elevada a pensão a 170\$000. Chegou o Pensionato a ter até á factura deste relatorio 13 pensionistas.

No dia 27 de Fevereiro foi victima de perigosa queda o congregado Jayme Pamponet de Cerqueira, que desabou de um sapotiseiro, deixando poucas esperanças de resistir aos soffrimentos consequentes, o que muito consternou todo o P. M. A. Foi tratado com grande carinho e, apezar do desengano ter chegado a ponto de lhe serem administrados os ultimos Sacramentos, depois de recorrermos á protecção do Céu, interpondo os merecimentos desse grande religioso, modelo de austeridade, zelo e fervor, que foi o Padre Antonio de Azevedo, S. J., fallecido no Collegio Antonio Vieira, o mesmo de quem disse o Senhor Arcebispo Coadjuutor do Rio, D. Sebastião Leme:—“peçam-lhe milagres, para poder introduzir-se a causa da sua Beatificação”—; com grande alegria de todos nós, Jayme Pamponet de Cerqueira appareceu na manhã seguinte quase sem febre, e, transportado para a clinica do

Dr. Menandro, onde foi tratado com toda a solicitude e proficiência, acha-se hoje em perfeita saúde.

O Mês de Maria foi celebrado no P. M. A., com preces diarias á Santissima Virgem, que resávamos em commum ás 6 1/2 horas da tarde, accrescendo ao fervor dos outros annos o cuidado da Sr.^a Gerente, ornando o nosso oratorio com primoroso carinho.

O São João correu com a mesma alegria dos annos anteriores; fomos sympathicamente obsequiados pela sociedade generosa desta Capital.

Não é possível esquecer a passagem por aqui dos academicos de Medicina Antonio Borges e Abdon Valerio dos Santos, aspirantes á Companhia de Jesus, que tantas saudades nos deixaram.

No dia 1.^o de Julho, anniversario da fundação do P. M. A. e volta de Manresa, foi servido um fraternal almoço, em que nos honraram com as suas presenças o Revmo. P. Monteiro, digno vigario de Itaparica, que foi de muita gentileza para com os exercitantes; o Revmo. P. Camillo Torrend S. J., prégador dos Santos Exercicios; o Revmo. P. Cabral S. J., nosso Director, que tambem acabava o seu Retiro annual. Não deve passar despercebida a presença do Exmo. Sr. Joaquim Pinheiro Gomes, vindo expressamente do Maranhão, para tomar parte nos Exercicios. Acompanhou-nos tambem á mesa o Sr. Eng. Alfredo Fraga Gomes, muito digno Secretario do C. A. V., que tambem fizera o Retiro commosco.

Em começos de Agosto foi concedida a passagem do fio telephonico que serve á casa do Sr. Manoel Amado Bahia sem compromisso algum para o P. M. A.

Finalmente, nos ultimos menses de 1927 foram-se dispondo as coisas para se emprehender durante as férias uma reforma importante no prédio do Campo da Polvora. Mas como as obras realizadas e a benemerencia com que o emprehendimento foi auxiliado só vieram a effeito depois de entrado o anno de 1928, ficam reservadas para o terceiro volume do nosso *Archivo*.

José Paim, Presidente do P. M. A.



Relatorio da Conferencia Vicentina no anno de 1926

A Conferencia Vicentina de S. Ignacio de Loyola installada aos 17 de Agosto de 1924, sob a presidencia de honra do incansavel jesuita, P. Cabral, iniciou desde então com grande proficuidade os seus trabalhos, não perdendo nunca de vista o seu duplo fim de contribuir para a santificação dos confrades e alliviar a humanidade soffredora.

Aos 16 de Maio de 1926 houve a primeira sessão do exercicio, com a comparencia de alguns confrades, ficando desde então assentados os nossos planos de acção, sobre visitas ás familias desherdadas pela sorte, auxilios não somente materiaes, senão também e principalmente de conforto moral.

De então para cá a nossa actividade foi-se ampliando progressivamente, graças á boa vontade e dedicação dos nossos confrades, e á generosidade de pessoas amigas.

Fomos informados de que a nossa Conferencia tinha direito a uma parte da subvenção dada pelo Governo do Estado á C. M. A. por constituirmos um dos agrupamentos de obras sociaes da mesma Congregação. Esta porção do subsidio reunida ao saldo do anno anterior formava uma quantia sufficiente para que podessemos modestamente attender ás necessida-

des dos nossos soccorridos. Faltava-nos porém informação sobre famílias que realmente necessitassem do nosso auxilio. Obtínhamos porém pouco depois, por intermedio da Irmã Maria, do Collegio da Providencia, uma grande lista, contendo nomes de famílias numerosas, carecidas de soccorro.

Desde essa epocha comprometemo-nos a pagar as mesadas correspondentes ao aluguel de um cubiculo, ao Campo da Polvora, para abrigo de um velho com 109 annos de idade.

Durante o anno de 1926, foram visitados e soccorridos pela C. S. I. L. 16 famílias, ás quaes se distribuiram cartões para aquisição de viveres na Dispensa de S. Vicente de Paulo.

Esponetaneamente nos offertaram seus serviços medicos os Drs. Herbert Fortes e Antonio Saraiva, os quaes tiveram oppor-tunidade de effectivar estes offerecimentos por mais de uma vez.

Correspondendo ao pedido por nós feito a numerosas casas de productos pharmaceuticos, tanto do Brasil como do Estrangeiro, generosamente nos enviaram as suas especialidades as seguintes casas: A Chimica Industrial Bayer-Meister-Lucius do Rio de Janeiro, por intermedio do Sr. Rodolpho de Oliveira, seu encarregado nesta cidade; o Laboratorio Paulista de Biologia: Parke, Davis & Comp., do Rio; Granado & Comp., tambem do Rio; e dessa mesma Capital, apesar de não serem industriaes nem representantes, attendendo ao elevado fim da nossa aggremação os Srs. Fernandes Malmo & Comp., da Casa Saldanha. Do Estrangeiro recebemos alguns productos enviados pelo Laboratorio Brunot, pelo Pharmaceutico Dr. Bengué e pelos Laboratorios A. Bailly de Paris; aos quaes todos aqui deixamos consignado o nosso sincero agradecimento.

O Exmo. Sr. Commendador Bernardo Martins Catharino offereceu-nos a quantia de duzentos mil réis para auxiliar os nossos soccorros aos pobres.

Tivemos ensejo de levar a bom termo o assumpto de uma carta dirigida ao nosso Director, pedindo informes sobre um rapaz vindo de Portugal, que na Bahia constituiria familia e que aqui viera a fallecer.

O nosso movimento financeiro foi, neste exercício, o seguinte:

Receita

Saldo do anno anterior	115\$000
Dinheiro arrecadado nas reuniões	74\$700
Do Commendador Martins Catharino	200\$000
Da subvenção á C. M. A.....	300\$000
Quota recebida de S. Vicente de Paulo.....	113\$600
Esmolas	9\$400
	812\$700

Despeza

Cartões resgatados	485\$800
Dinheiro distribuido	178\$000
Receitas aviadas	25\$900
Alugueis do velho Honorio	64\$000
Festas do Natal	60\$000
	812\$700

Bahia, 8 de Dezembro de 1926.

Francisco Leite,

Presidente da Comissão Vicentina.



Relatorio da Commissão de Catequese ás Creanças Pobres da Commissão Mariana Academica do anno de 1926

No anno de 1926 esteve a Commissão de Catechése confiada ao acad. Gilberto Cerqueira Lima, 3.º O, começando a funcionar no dia 31 de Maio para inscripção dos primeiros catechumenos.

Matricularam-se 30 creanças, alumnos de algumas escolas publicas das proximidades da Sala da C. M. A., e houve uma frequencia media de 15, com grandes oscillações. Logo de inicio se distribuiram 26 catecismos, e até o fim do anno distribuiram-se mais 23, num total de 49, o que se explica pelo descuido incorrigivel da maioria dos meninos.

As aulas realizaram-se pontualmente, nas segundas, quartas e sextas-feiras, ás 16 horas, na sala de reuniões da C. M. A. O methodo nellas adoptado foi este:—em primeiro lugar, foram ensinadas as principaes orações (Padre Nosso, Ave-Maria, Credo, Salve Rainha, etc.), illustradas com explicações cuidadas e singelas; a seguir, fez-se o ensino da Doutrina, tambem por meio de explanações. Uma vez por semana, contou a Commissão com o auxilio do Rev. Pe. José Pequito, S. J., que se encarregou de parte do ensino, concorrendo grandemente para o desiderato em vista.

Com o fito de attrahir maior numero de creanças ás aulas, varios meios foram postos em pratica, com proveito variavel.

Taes foram: merendas uma vez por semana, premios (bolas de gude, medalhas e imagens sagradas, bombas, etc.) e jogos, nos pátios do Collegio A. Vieira.

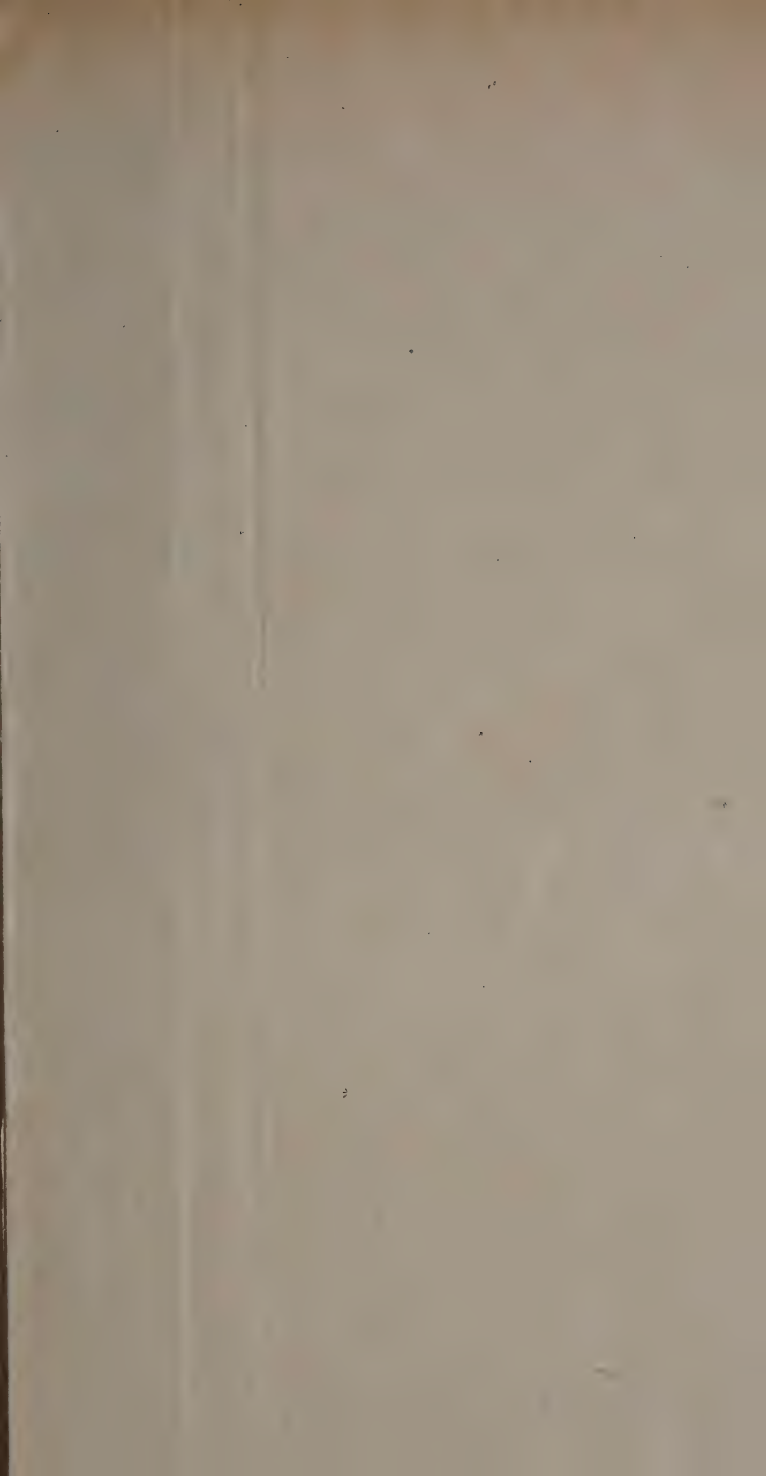
Dos 30 matriculados já 12 haviam feito a 1.^a Communhão; os restantes foram cuidadosamente preparados, em Outubro verificou-se estarem aptos apenas 14, que compareceram á Sagrada Mesa no dia 7 de Novembro, em companhia de alguns que renovavam então a Communhão.

Por ocasião de preparar os catechumenos para a solemnidade referida, distribuiram-se 15 cortes de fazenda de brim, dos quaes 10 brancos e 5 listados de côres diversas, além de algumas roupas usadas, offerecidas por pessoas amigas da C. M. A.; 36 pares de calçados branco e 25 pares de meias brancas. Resta que accrescentemos aqui algumas notas, extrahidas do Livro de Registro de Matriculas e da Thesouraria da C. C. P.

I—BALANÇO

	<i>Despesa</i>	<i>Receita</i>
31. Maio Recebido do Rev. Director da C. M. A.....		10\$000
31. Maio 1 lapis	400	
" 1 caderno de papel pautado	400	
" 1 caderno para Registro de matriculas	2\$500	
77 Junho Merenda	2\$000	
7. Junho Offerta de um Congregado ...		20\$000
1. Julho 1. bola para foot-ball	14\$000	
1. Julho 50 catecismos	4\$000	
19. Julho Bolas de gude	1\$000	
3. Outubro 19 metros de brim branco de 1\$500	28\$500	
3. Outubro 10 pares de sapatos a 10\$000	100\$000	
3. Outubro 3 pares de sapatos a 10\$000	30\$000	

10. Outubro	8 pares de sapatos a 9\$000	72\$000	
"	24 mts. de brim a 1\$500...	37\$000	
"	7 pares de meias a 1\$500...	10\$500	
"	18 pares de meias a 2\$000..	36\$000	
16. Outubro	Recebido do Rev. Director		
	da C. M. A.....		300\$000
10 Novembro	Idem		8\$300
		338\$300	338\$300



Meninos da Catequese da Congregação Mariana Academica em 1926

N.	Nomes	Filiação	Residencia	Edade	Matricula	Observações
1	Manoel Albino dos Santos	Oscar M. Santos e Enequina L. Silva	Polytheama de Cima, 12	2—Julho—1915	34—Maio—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
2	Edgar Soares	Abilio Soares — Elisa Soares	Ladeira da Fonte, 28 Polytheama de Cima.	18—Novembro—1915 18 annos	9—Junho—1926 2—Junho—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926 Já fez a 1.ª Communhão.
3	Jorge do Sacramento	—	—	—	—	Idem.
4	Joventino B. Mattos	José A. Mattos e Secundina D. de Jesus	Ladeira da Fonte, 26. Idem.	20—Novembro—1917 28—Novembro—1919	9—Junho—1926 9—Junho—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926. Ainda não fez a 1.ª Communhão.
5	José Bispo dos Santos	Idem	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
6	Octavio das Neves de Jesus	A. Simphronio Neves e M. Marcelina de Jesus	Ladeira das Hortas, 6.	12—Fevereiro—1911	23—Julho—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
7	Waldemar Vianna	Oscar Vianna e Maria de Jesus	Ladeira das Hortas, 9. Faisca, 1.	3—Outubro—1914 25—Novembro—1918	23—Julho—1926. 23—Julho—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926 Não estava apto para a 1.ª Comm.
8	Belmiro Fonseca	Lydia M. Fonseca.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
9	Claudionor H. Santos	Wenceslau Santos e Maria S. Pedro	Fazenda Garcia.	10 annos.	23—Julho—1926.	Preparo insufficiente.
10	Humberto B. R. Passos Silva ..	Ed. R. Passos e Constancia R. Passos	Garcia, 65.	29—Março—1917	23—Julho—1926.	1.ª Communhão a 8 — 6 — 1926.
11	Antonio José Vianna	Oscar Vianna e Maria de Jesus	Ladeira das Hortas, 6.	26—Julho—1909.	30—Julho—1926.	Fez 1.ª Communhão anteriormente.
12	Carlos Motta Coelho	J. Motta Coelho e Leonidia Silva	Tijollo, 41.	11 annos.	4—Agosto—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
13	Simão David Santos	Pedro José David e Rosa David	Piedade, 37. Idem.	10 annos. 8—Março—1914.	4—Agosto—1926. 4—Agosto—1926.	1.ª Communhão anteriormente. Idem.
14	José David Santos	Idem	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
15	Edgard Costa	Arminda Leite	Polytheama.	11 annos.	4—Agosto—1926.	Idem.
16	Ivo M. C. Santos	Julia Vaz Santos	Avenida Santo Antonio.	9 annos.	4—Agosto—1926.	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
17	Milton José Santos	A. Jacintho Santos e Octavia Santos	Gambôa.	8 annos.	6—Agosto—1926.	1.ª Communhão anteriormente.
18	M. Faustino Netto	M. Faustino e M. Carmo Faustino	Bom Gosto do Canella.	21—Abril—1917.	22—Outubro—1926	Não preparado.
19	Antonio Vital Santos	F. M. Santos e Julia V. Santos	Rua Chile, 1.	11—Junho—1914.	3—Outubro—1926	1.ª Communhão anteriormente.
20	Antonio de Sant'Anna	Galdino Sant'Anna e Mathilde S. Pedro	Graça.	10 annos.	23—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
21	Manoel Herculano	J. Alex. Carvalho e Elelvina R. Sanches	São Raymundo, 12.	19—Agosto—1916	23—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
22	Carlos Bacellar Chagas	Galdino Sant'Anna e Mathilde S. Pedro	Graça.	12 annos.	23—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926.
23	Mario Pereira da Silva	Wenceslau Santos e Maria S. Pedro	Garcia.	9 annos.	25—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926
24	Victalino W. Miranda	Salustiano Chagas e Zulmira Chagas	Rua 65, n. 59 C. Bom Gosto do Canella.	4—Outubro—1915 2—Outubro—1917	25—Outubro—1926 28—Outubro—1926	1.ª Communhão anteriormente. 1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926
25	Osorio de Sant'Anna	Maria P. da Silva	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
26	Geraldo A. dos Santos	Vital C. Miranda e Bemvinda M. Miranda	Polytheama de Baixo, 7.	15—Novembro—1917	28—Outubro—1926	1.ª Communhão anteriormente.
27	Jorge A. dos Santos	Alcides F. Sant'Anna e Alexandrina F. Sant'Anna	Ladeira da Fonte, 24. Polytheama de Cima.	15—Março—1914 21—Agosto—1916	28—Outubro—1926 28—Outubro—1926	Idem. Idem.
28	Lourival Nery	M. Alves Santos	Idem.	23—Março—1912	28—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926
29	Manoel de Sant'Anna	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.	Idem.
30	José Ribas Sanches	Guilherme F. Nery e Donata C. Nery	Protestantes, 21.	21—Julho—1918	28—Outubro—1926	1.ª Communhão em 7 — 11 — 1926

O Presidente

HERBERTO C. CERQUEIRA LIMA



Relatorio da Secção de Hospitaes

(ANNO DE 1927)

Obrigado a apresentar um relatorio desta secção, vi-me na difficuldade de fazê-lo, pela ausencia de factos que viessem de certo modo positivar algum esforço meu.

Com effeito, não seria facil inserir aqui os relevantes beneficios prestados aos doentes pelos congregados, maximé pelos internos das varias clinicas; a uns, amenizando-lhes as dores, dando-lhes um conselho amigo, trazendo-lhes emfim uma consolação ao seu doloroso estado; a outros, inculcando-lhes o verdadeiro espirito christão, robustecendo-lhes a fé, alentando-lhes a esperanza, fazendo-lhes reaccender pelos sacramentos a caridade.

Accresce ainda que no Hospital de S. Isabel, onde mais intensa era a acção, substituiu-se, ao antigo serviço das enfermeiras leigas, a dedicação altamente efficiente das Religiosas, tornando-se assim, mesmo por medida de coherencia, muito menos necessaria a intervenção dos Congregados.

Faz-se mister salientar, de um modo especial, o interesse que tomou o Sr. Presidente, Dr. Thales de Azevedo, pelo bem estar dos doentes da enfermaria S. Martha, donde é interno, distri-

buindo alli varias revistas catholicas, entre estas, muitos numeros do Mensageiro do Coração de Jesus.

Conseguiu ainda fazer o baptisado de uma creança, da qual foi elle proprio o padrinho. Assignalarei ainda, no Hospital do Isolamento, a assistencia religiosa prestada a um Congregado, graças á providente intervenção de outro Irmão seu da C. M. A.

Bahia, Novembro de 1927.

Antonio Lyrio Callou

Presidente da secção de Hospitales



Relatorio da Secção de Aulas Nocturnas

(ANNOS DE 1926 E 1927)

Teve esta secção da C. M. A. os seus inicios no anno de 1926, com a seguinte distribuição de materias pela semana:

Segunda-feira: Instrucção Religiosa — Professor: R. P. Foulquier.

Terça-feira: Lingua Patria — Professor: Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima.

Quarta-feira: Geographia e Historia — Professor: Academico de Medicina Alexandre Leal Costa.

Quinta-feira: Arithmetica e Desenho — Professor: Academico de Engenharia Raul Velloso Saraiva.

Sexta-feira: Hygiene e lição de coisas — Professor: Academico de Engenharia Gustavo Sá Pereira.

Sabbado: Lingua Patria — Professor: Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima.

Frequentaram as aulas 23 alumnos, cujos nomes, idades e profissões constam da seguinte estatística:

1 Apollinario José Ribeiro — 21 annos de idade — Profissão, jardineiro,

- 2 Chríspim Pimentel — 16 annos de idade — Profissão, serviço domestico.
- 3 Manoel Barros de Moraes — 17 annos de idade — Profissão, jardineiro.
- 4 Severiano da Conceição — 17 annos de idade — Profissão, serviço domestico.
- 5 Calixto de Almeida — 17 annos de idade — Profissão, Item.
- 6 Laurentino Costa — 20 annos de idade — Profissão, item.
- 7 Salatiel Barbosa dos Santos — 14 annos de idade — Profissão, item.
- 8 José Lourenço dos Santos — 21 annos de idade — Profissão, marceneiro.
- 10 Antonio Anhelô da Silva — 18 annos de idade — Profissão, ajudante de chauffeur.
- 11 Renato Santos — 15 annos de idade — Profissão, caixeiro.
- 12 Antonio de Oliveira — 15 annos de idade — Profissão, item.
- 13 Julio Wanderley Soares — 38 annos de idade — Profissão, item.
- 14 Quintino Santos Nery — 18 annos de idade — Profissão, sapateiro.
- 15 Oswaldo Rodopiano Oliveira — 17 annos de idade — Profissão, caxeiro.
- 16 Antonio Pacifico dos Santos — 29 annos de idade — Profissão, continuo.
- 17 Climerio Cabral Ribeiro — 17 annos de idade — Profissão, caixeiro.
- 18 Bento Pereira — 24 annos de idade — Profissão, continuo.
- 19 Ovidio Sodrê de Lima — 26 annos de idade — Profissão, carapina.
- 20 Domingos José Ribeiro — 18 annos de idade — Profissão, domestica.
- 21 Antonino Manoel da Silva — 16 annos de idade — Profissão, item.
- 22 Aureliano Pereira da Silva — 18 annos de idade — Profissão, caixeiro.

23 Waldemar Ovidio Barbosa — 18 annos de idade — Profissão, mechanico.

O nosso Registro de matricula, assignala, além desses dados, a morada de cada um, a sua entrada para o curso nocturno, e os premios que lhe foram conferidos.

No anno de 1927 a matricula subiu de 23 a 43 operários. Damos, como para o anno precedente, a lista dos Professores e a estatistica dos nomes, idades e profissões:

Segunda-feira: Instrucção Religiosa e Hygiene — Professor: Doutorando Thalés Olympio Góes de Azevedo.

Terça-feira: Arithmetica e Desenho — Professores: Academicos de Medicina e de Mechanica Alexandre e Coquelin Leal Costa

Quarta-feira: Geographia e Historia — Professor: Academico de Direito Adriano Bernardes Baptista.

Quinta-feira — Lingua Patria — Professor: Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima.

Sexta-feira: Arithmetica e Desenho — Professores: Academicos de Medicina e de Mechanica Alexandre e Coquelin Leal Costa.

Sabbado: Lingua Patria — Professor: Academico de Engenharia Joaquim de Araujo Lima.

MATRICULA

- 1 Apollinario José Ribeiro — 22 annos de idade — Profissão, jardineiro.
- 2 Chrispim Pimentel — 17 annos de idade — Profissão, domestico.
- 3 Manoel Barros de Moraes — 17 annos de idade — Profissão, chauffeur.
- 4 Severiano da Conceição — 18 annos de idade — Profissão, domestico.
- 5 Calixto de Almeida — 18 annos de idade — Profissão, item.

- 6 Laurentino Costa — 21 annos de idade — Profissão, ítem.
- 7 José Lourenço dos Santos — 22 annos de idade — Profissão, marceneiro.
- 8 Salatiel Barbosa dos Santos — 15 annos de idade — Profissão, domestico.
- 9 Jackson Magalhães — 19 annos de idade e — Profissão, Caixeiro.
- 10 Antonio Amado da Silva — 19 annos de idade — Profissão Ajudante de Chauffeur.
- 11 Renato Santos — 16 annos de idade — Profissão, Caixeiro.
- 12 Waldemar Ovidio Barbosa — 19 annos de idade — Profissão, Mechanico.
- 13 Jovelino Rodrigues Souza — 22 annos de idade — Profissão, Operario.
- 14 Quintino Santos Nery — 19 annos de idade — Profissão, sapateiro.
- 15 Nemesio Baptista Martins — 19 annos de idade — Profissão, Caixeiro.
- 16 Antonio Pacifico dos Santos — 30 annos de idade — Profissão, continuo.
- 17 Osmundo Luiz Gonçalves — 16 annos de idade — Profissão, sapateiro.
- 18 Bento Pereira — 24 annos de idade — Profissão, continuo.
- 19 José Assis Siqueira — 18 annos de idade — Profissão, domestico.
- 20 Thomaz José dos Santos — 22 annos de idade — Profissão, carapina.
- 21 Praxedes Fernandes — 18 annos de idade — Profissão, continuo.
- 22 Aureliano Pereira da Silva — 19 annos de idade — Profissão, domestico.
- 23 Abilio Joaquim do Nascimento — 18 annos de idade — Profissão, serrador.
- 24 Anacleto Ribeiro de Jesus — 18 annos de idade — Profissão, encanador.

- 25 Pedro Ferreira Motta — 24 annos de idade — Profissão, jardineiro.
- 26 Julio Honorato de Jesus — 18 annos de idade — Profissão, continuo.
- 27 Antonio Brito de Sá — 25 annos de idade — Profissão, vendedor.
- 28 Americo Ferreira de Carvalho — 16 anos de idade — Profissão, sapateiro.
- 29 Mauricio Ferreira Motta — 21 annos de idade — Profissão, empregado de garage.
- 30 Evaristo José dos Santos — 20 annos de idade Profissão, ajudante pedreiro.
- 31 Nicolau Calasans — 20 annos de idade — Profissão, Domestico.
- 32 Izidio Costa — 25 annos de idade — Profissão, sapateiro.
- 33 José Costa — 19 annos de idade — Profissão, carpinteiro.
- 34 Edgard Oliveira Coelho — 18 annos de idade — Profissão, caixeiro.
- 35 Alfredo Barros Filho — 14 annos de idade — Profissão, alfaiate.
- 36 Severiano Gomes Peixoto — 25 annos de idade — Profissão, alfaiate.
- 37 Americo Manoel dos Santos — 20 annos de idade — Profissão, jardineiro.
- 38 Eucario Pinto. Caldas — 19 annos de idade — Profissão, mechanico.
- 39 Waldemar da Silva Ribeiro — 20 annos de idade — Profissão, pedreiro.
- 40 Francisco Mathias de Araujo — 17 annos de idade — Profissão, domestico.
- 41 José Correia de Souza — 24 annos de idade — Profissão, polidor.
- 42 Demerval Adeus. — 12 annos de idade — Profissão, caixeiro.
- 43 Feliciano Manoel dos Santos — 19 annos de idade Profissão, domestico.

A maior difficuldade destas aulas nocturnas é obter a assiduidade na presença. Por esse motivo se instituíram os premios de Assistencia, competindo o 1.º premio de assiduidade a Apollinario José Ribeiro;

- o 2.º a Chrispim Pimentel;
- o 3.º a Bento Pereira;
- o 4.º a Quintino Santos Nery;
- o 5.º a Severiano da Conceição;
- o 6.º a Calixto de Almeida;
- o 7.º a Domingos José Ribeiro;
- o 8.º a Jackson de Magalhães, já fallecido.

A distribuição de premios fez-se por um processo singelo e familiar. Os objectos estavam expostos sobre a mesa do salão de leitura; e, á medida que por sua ordem eram proclamados os campeões de assiduidade, cada um escolhia o que mais lhe agradava.

Para se fazer alguma ideia da intervenção do Presidente da Secção na syndicancia das aulas damos a seguir dois planos de aulas apresentados pelos Professores; um do professor de Hygiene e Religião de 1927. Finalmente uma *nota informativa* do Professor de Português.

HYGIENE

Hygiene em Geral

Gustavo Sá Pereira — 1926

Meios naturaes:

athmosphera
agua
solo.

Meios artificiaes:

habitação
vestuario.

Alimentação:

alimentos solidos
alimentos liquidos
inconvenientes da alimentação defeituosa.

Hygiene Corporal:

cuidado com o corpo
trabalhos physicos (exercicios).

Hygiene Industrial e Profissional:

perigos de intoxicação pelos materiaes empregados.
influencia das ferramentas e perigos a que se expõem.

C. M. A.

CURSOS NOCTURNOS AOS OPERARIOS

1.º *Semestre de 1927*

Hygiene:

Houve as seguintes aulas:

9 de Maio — Alimentação; Hygiene geral.

23 de Maio — Respiração.

28 de Maio — Opilação (Leitura e explicação de um artigo
em "Saude Publica", do D. N. S. P.).

11 de Julho — Luz.

25 de Julho — Syphilis.

Total — 5 lições.

Frequencia média — 5,8.

Religião:

16 de Maio — Mandamentos de Deus.

30 de Maio — Mandamentos da Igreja.

6 de Junho — Sacramentos.

18 de Julho — A Missa.

Total — 4 lições.

Frequencia média — 10,7.

Nota — O numero reduzido de lições explica-se pelo facto de só haver 1 h. por semana para as duas materias.

Bahia, 31 de Julho de 1927.

Thales de Azevedo

Professor de Hygiene e de Religião

4.º ann. Med.

Bahia, 14 de Agosto de 1927.

NOTA SOBRE A AULA NOCTURNA DE PORTUGUÊS

Retomei as aulas aos operarios no dia 2 de Junho, dando-as nas quintas-feiras e nos sabbados.

Matricularam-se 18 rapazes.

Dois falleceram.

As aulas têm sido essencialmente praticas. Explicações mais ou menos materialisadas dos elementos de grammatica, leitura, dictado e composição epistolar e descriptiva: cartas aos paes, chegada do Jahú, etc.

Posso affirmar que ha aproveitamento, pois não têm apparecido ultimamente essas arremettidas inconscientes contra a grammatica. Assim, a um novato perguntando eu: "Chapeu tem feminino?" — Respondeu-me promptamente: "Tem, sim Senhor. — Perguntei-lhe então. "Qual é? Olhando fixamente para o logar onde estava o chapeu, respondeu meio vacillante: "E' o cabide".

Não tinha, pois, a menor noção de genero, o que demonstrou quando lhe argui: “Você é do genero masculino ou do feminino?” Resposta: “Do feminino”.

Ora, essa ignorancia boçal póde dizer-se que acabou, o que quer dizer aproveitamento.

Apresento aqui as medias dos mais assiduos:

Praxedes Fernandes — 7,33.

Quintino Santos — 6,33.

Chrispim Pimentel — 6,33.

Apollinario Ribeiro — 6.

Nicolau Calazans — 5.

Severiano Conceição — 4.

Ahi fica ligeira relação do andamento da aula a meu cargo.

Joaquim de Araujo Lima



Relatorio do Presidente do Salão de Leitura

DO C. C. E. M. A.

Revistas recebidas:

A) Cultura geral:

- 1 Broteria — Portugal (cedida pelo Director da C. M. A.).
- 2 Etudes — Paris (cedida pelo Collegio Antonio Vieira).
- 3 Razon y Fé — Madrid (idem).
- 4 Revista Social — Rio (assignatura da C. M. A.).
- 5 Vozes de Petropolis — E. do Rio (idem).
- 6 Legionarios das Missões — Bahia (idem).
- 7 Les dossiers de l'action populaire — Paris (idem).
- 8 Ecos da Missão de Schiu-Hing — China (gratuita).

B) Philosophia:

- 9 Revue de Métaphysique et de Morale — Paris (assign. da C. M. A.).
- 10 Revue de Philosophie — Paris (assign. da familia Matheus dos Santos).

C) Religião:

- 11 Mensageiro do Coração de Jesus — Rio (assig. da C. M. A.).
- 12 Mensageiro do Coração de Jesus — Braga (idem).
- 13 Legionarios de Maria — Pará (idem).
- 14 Mensageiro da Fé — Bahia (idem).
- 15 Vozes Marianas — Bahia (idem).
- 16 Revue des Objections — Paris (idem).
- 17 Mensageiro de Maria — Valença (idem).

D) Medicina:

- 18 Presse Médicale — Paris (idem).
- 19 L'avenir médicale français — Paris (assig. da C. M. A.).
- 20 Monde médical — Paris (gratuita).
- 21 Archivos de Biologia — S. Paulo (idem).
- 22 Archivo Riedel — Berlim (idem).
- 23 Clinique de Laboratoire — Paris (idem).
- 24 Biologie Médicale — Paris (idem).
- 25 Medicina Clinica — Rio (idem).
- 26 Boletim sanitario do Departamento Nacional de Saude Publica (idem).

E) Pharmacia:

- 27 Boletim pharmaceutico — Rio (idem).

F) Engenharia:

- 28 Revista Brasileira de Engenharia — Rio (assig. da C. M. A.).
- 29 Génie Civil — Paris (ass. do Engenheiro Carlos Cohim).

G) Commercio:

- O Mercado de Exportação — Allemanha (gratuita).

Jornaes:

O Monitor — Ilhéos.

Todos os exemplares recebidos se encontram á disposição dos interessados, na mesa de nosso Salão de Leitura. Lá se encontram também, os livros novos adquiridos pela Bibliotheca da C. M. A. durante alguns dias, e, constantemente, um numero do Annuário da C. M. A.

Revistas a assignar:

Revistas do Instituto dos Advogados da Bahia.

Revista da Língua Portuguesa — Rio.

Bahia, 7 de Agosto de 1927.

José Fernando Vianna

Presidente da Secção Gabinete de Leitura



SEGUNDA PARTE



DISSERTAÇÕES E ALLOCUÇÕES



1924 a 1927

A' SOMBRA DO CATHOLICISMO

Discurso pronunciado na Festa Marial de 1924 em 31 de Maio no
Salão nobre do Gabinete Português de Leitura

PELO

Dr. Anísio Spinola Teixeira

Director Geral da Instrucção Publica da
Bahia e Presidente do C. C. E. M. A.



A' Sombra do Catholicismo

A formação intellectual do brasileiro inaugurou-se á sombra dos grandes principios catholicos.

No scenario distante do Brasil na epoca do descobrimento e da conquista, alteiam-se, esbatidos na lenda que os torna mais formosos, como os verdadeiros descobridores e os verdadeiros conquistadores, os vultos severos e ardentes de Anchieta e Nobrega.

Elles é que embalaram a nacionalidade nascente, naquelle periodo obscuro da primeira colonização, quando o encontro das duas raças, européa e indigena, na virgindade perturbadora do Brasil, communicou aos homens e ás cousas o furor pagão de que nos fallam os auctores, como nota dominante do tempo.

Por entre o desencadear das paixões e dos instinctos que caracterizou a barbaria das conquistas, Anchieta e Nobrega, com os seus companheiros, foram os rehabilitadores dos direitos da intelligencia e do coração, redimindo a epoca com a bondade espirital de suas doutrinas.

A nacionalidade brasileira emergia do seio confuso do paiz, mal descoberto, em seus traços geraes de povo christão, graças á força de orientação intellectual e moral daquelles sacerdotes.

A colonização, em tres longos seculos desdobrou-se sob essa disciplina espirital da Egreja.

Formava-se a grande corrente do catholicismo, que imprêgnou toda nacionalidade brasileira.

De norte a sul, a raça escrevia nas lendas piedosas dos centros de peregrinação, a historia de sua formação essencialmente christã.

E porque a religião acompanha o homem na hora triste do soffrimento e no minuto fecundo da alegria, confortando-o, alentando-o, penetrando-o de philosophia e de resignação — o brasileiro iniciava-se nos mysterios do catholicismo, profundamente, acolhendo-os dentro do seu coração e de sua propria alma.

A sua fé nascia da sua carne e do seu sangue, penetrando-lhe intelligencia, vontade e sensibilidade, formando-lhe, plasmando-lhe a vida interior e occulta do espirito.

Não é um systema philosophico que pôde formar uma nacionalidade.

A uma philosophia podemos adherir. Mas, ella não nos dá a notação interior, aquelle sentido intimo e definitivo da vida.

A religião, ao contrario, coincide connosco. Tem caminhos seus para nos arrebatâr os sentimentos mais de dentro e mais nossos.

Não nos deixamos aborrecer e pensamos sentimos e queremos dentro do seu pensar, do seu sentir e do seu querer.

Formou-se, assim, a alma brasileira.

E este substracto religioso de nossa raça ficou, para sempre, a profunda realidade nacional.

Foi com esse lastro espirital, longamente adquirido, que o Brasil apprehendeu descuidado e impetuoso a obra de sua expansão.

Resistiu contra a dominação estrangeira. A raça adolescente teve ali o seu tirocinio de autonomia. Enquanto a metropole accordava com o inimigo planos que dariam á Hollanda “aquillo que lhe pertencia” o brasileiro defendia, quasi só, com o seu sangue, a integridade do paiz.

A tragedia desta guerra formidavel, iniciando o povo brasileiro no sentimento de emancipação, abriu para o paiz um cyclo de actividade inesperada.

Tremularam por elle, as “bandeiras” admiraveis, para a epopéa consagradora da raça, que foi a penetração dos nossos ser-tões.

O paulista marcava na ousadia aventureira de suas “entra-das” as fronteiras do paiz.

Mas, o Brasil não perdia, ainda ahi, o elemento obscuro e civilizador que o formara.

As bandeiras tumultuosas da conquista succediam e, ás ve-zes, precediam as bandeiras da civilização.

São aquelles mesmos Anchietas e Nobregas, as figuras enno-brecedoras da epoca, que acompanham, redimindo-a, a obra des-assombrada e barbara do “mameluco”.

Nas cabildas desertas e por vezes incendiadas, elles chega-vam sozinhos e humildes para abençoar.

Venciam o odio e o furôr do indigena e semeavam, com a cruz, as consolações e as doutrinas renovadoras da religião. Plan-tavam, como diz Ronald de Carvalho, “as raizes do catholicismo no coração da terra”.

Em todo esse longo periodo de colonização quasi não houve outra actividade intellectual ou doutrinaria.

Não sabia das grandes luctas da intelligencia e da consci-encia religiosa, que a Reforma desencadeara sobre a Europa.

O brasileiro formou-se sob a orientação dominadora e quasi unica do pensamento catholico.

O feiticismo negro ou indio, formas rudimentares de reli-gião, exerciam influencia modesta e limitada.

Quando, pois, no Brasil, com a independencia, alvorecia para o paiz um periodo legitimamente nacional de manifestações de intelligencia, o pensamento brasileiro não se voltou para as ques-tões doutrinarias ou os problemas philosophicos, mas, natural-mente, para as bellezas commovedoras do paiz bello e jovem.

Por muito tempo, se é que ainda o não somos, fomos pura-mente poetas e litteratos.

A philosophia não tentou sinão accidentalmente a intelligen-cia brasileira.

Mas se a philosophia como especulação doutrinaria nos foi

estranha, a philosophia, como disciplina espiritual, como concepção da vida, participou intimamente, e nem podia deixar de o fazer, da actividade intellectual do paiz. Nesse sentido a philosophia é o clima da intelligencia, o seu proprio ambiente. Todo escriptor collabora em alguma, nella forma e orienta o seu espirito.

Aquelles altos dominios do pensamento são como que os depositarios das idéas, de onde parte invariavelmente qualquer outra indagação, seja poetica ou litteraria.

E' neste sentido que vamos delinear rapidamente o evolver do pensamento brasileiro e apontar as suas directrizes actuaes e modernas.

* * *

O pensamento brasileiro acompanhou a distancia, o pensamento europeu e sobretudo o pensamento francez.

Quando surgiram as primeiras manifestações pessoaes de nossa litteratura, vicejava, pela Europa, plenamente victorioso o romantismo. O romantismo foi, assim, a nossa primeira escola intellectual. Nella abriram as azas de estreantes os nossos poetas.

Soffreram os nossos avós desse curioso mal de chamar as cousas por nomes que ellas não têm. Mas, o romantismo tem, como qualquer escola litteraria, as suas raizes philosophicas.

Era o filho litterario da Encyclopedia.

E como a vida do pensamento se encadêa mais logicamente do que julgamos, é em Descartes que devemos buscar a origem primaria da formidavel crise mental do seculo XVIII.

No pensamento limitado e unilinear de Descarte, é que se continha o primeiro germen do racionalismo encyclopedico.

Descartes era um mathematico. A sua obra de philosopho foi a obra rectilinea de um geometra. Deformou espantosamente o homem, enquadrando-o em formulas mathematicas.

Nesse sentido o seculo dezoito não fez mais do que desenvolver-lhe os principios e as idéas. As doutrinas têm vida objectiva

e os filhos de nossas idéas, por vezes, nos assombram e nós torturam.

O racionalismo estava em germen no cartesianismo.

Voltaire foi o vulgarizador de Descartes. E não vos espanteis disto. A obra da Revolução foi, sobretudo, a obra contra o Homem.

E Descartes foi o primeiro desconhecedor do Homem. Falta á sua obra profundamente, essencialmente, o sentido humano. Mutilando, diminuindo o homem, preparou o seculo dezoito. As premissas eram cartesianas. Coube a Voltaire disparar as conclusões.

E ellas chegaram como um terremoto, desencadeando uma revolução, amassando em sangue o seu pensamento.

Nessa obra desmedida contra si mesma, quando a humanidade abdicava de suas verdades, para soffrer a longa e dolorosa experiencia do racionalismo, ó pungente ironia, o homem julgou-se, mais uma vez, deus.

Aquelles temíveis ideologos que enscenavam a tragedia sem par, fascinados por abstracções acabrunhadoramente inúteis, e tentados do velho orgulho humano, do mesmo orgulho que escreveu a lenda de Prometheu e creou o drama da torre de Babel, sonhavam a salvação do homem pelo homem.

Triste utopia de pygmeus.

A historia do homem sobre a terra é a historia da sua irrepreavel necessidade divina.

Essa corrida para Deus é a nota mais universal e mais profunda da vida do homem.

O proprio vocabulo — eu-ego — dir-se-hhia que o insinúa eloquentemente *Ego* por pouco é *egeo* = *preciso*.

De sorte que o homem não póde abrir a bocca para pronunciar essa palavra pequenina e extraordinaria, principio e fim de todo o seu incommensuravel orgulho, sem ouvir, invencivel a voz de sua insufficiencia, do seu incuravel incompleto, da sua imperfeição... *Precisa... precisa*, elle é o grande necessitado, o que *procura* sempre, insaciavelmente, neste desterro doloroso da existencia... Procurar é o teu destino, inquieto sempre, sem-

pre insatisfeito e incontentado, atraz de “je ne sais quelle chose perdue qu’il n’a jamais connue”.

Elle ignora o que procura, mas descansa quando se encontra com Deus. Deus é o seu fim ultimo, para o qual o homem tende com o determinismo de todo o seu ser.

O seculo dezoito empreheuden a obra da revolta contra Deus. Revoltar-se, porém, contra Deus, é revoltar-se contra si mesmo.

O afastamento de Deus é a desaggregação lenta e irremediavel do homem.

Mas, sigamos a intelligencia nessa via dolorosa do atheismo.

Passando o cataclysmo da revolução, sello da obra desesperada do homem para se libertar de Deus, succedeu um periodo de fadiga e cansaço.

A obra da intelligencia parece que sossobrava, e o mundo teve em Napoleão, o empresario inesperado das grandes scenas militares que descansaram e apaziguaram aparentemente o homem.

O seculo XIX alvoreceu sob o tinir insolente das espadas, que escreviam esse entre-acto ironico e surprehendente do periodo napoleonico.

O homem, entretanto, não renegara os dogmas plantados com o sangue da Revolução, na sua consciencia, como os principios renovadores do mundo contemporaneo.

O quasi repentino despertar da sciencia experimental renovou-lhe a febre das esperanças insensatas.

No fundo o que já havia era a decepção dolorosa da alma humana privada das suas fontes de vida. Era o reinado da duvida, o inicio desse conflicto, em que a intelligencia se debatia triste e desalentadamente, entre a realidade e a philosophia, entre a vida e as suas aspirações.

As maravilhas da sciencia põem uma nota de esperança nas sombrias magnificencias dessa epoca de inquietação melancolica.

A sciencia viria dar ao homem o antigo equilibrio e o antigo esplendor das epocas de fé.

A religião da sciencia salvaria o homem.

Esses aspectos extremos da philosophia encyclopedica attingiam-nos em cheio.

Soffriamos quasi inconscientemente a mentalidade européa

E tivemos Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, Castro Alves, todos, mais ou menos, dominados pelo romantismo, sentimentaes e insatisfeitos, feridos como seu irmão europeu do mal irreparavel de viver.

Depois, diante das promessas incomparaveis da sciencia fomos deterministas ou naturalistas.

Mas, nem a extravagancia do romantismo, nem a brutalidade do naturalismo, nem o sonho desmedido da sciencia davam ao homem inquieto e triste a solução dos unicos problemas inevitaveis, do seu destino e de sua felicidade.

Diante da fallencia de todos os sonhos, da fallencia do proprio destino, a intelligencia cantou esse hymno de desespero e de dôr que os grandes espiritos do seculo XIX nos fizeram ouvir.

* * *

Joseph de Maistre affirmou, certa vez, que dentre as muitas permissões concedidas por Deus á humanidade, não fôra incluída a do suicídio. A humanidade não conseguirá extinguir-se.

A philosophia racionalista desthronara a philosophia constructora e espiritualista.

O pensamento humano, filho inquieto da duvida, depois de todas as suas promessas falliu desoladoramente. O homem buscou, por toda parte, uma palavra de esclarecimento para o seu destino. A philosophia e a sciencia encadeadas a um relativismo deficiente e torturante, abdicavam das suas funcções orientadoras. A religião e o pensamento divino, obscurecidos por ellas, já não offerciam o antigo ponto de apoio á sensibilidade ou á intelligencia

Pelo ar, em uma anarchia inutil e caprichosa, esvoaçavam doutrinas inquietas e confusas, dando uma agitação sombria a este espectaculo obscuro de civilização em banca-rôta. A patria e o sentimento social viam-se desfeitos, rebaixados, substituídos pelos sonhos vagos de um doutrinarmismo dissolvente.

Por entre essas ruínas o homem arrastava a vida como num castigo sem sentido...

Tem-se a impressão de que vai a humanidade desaparecer, que tudo vai acabar...

São, entretanto, formidáveis os recursos do homem.

Do meado do século XIX para cá, assistimos a uma verdadeira reabilitação do pensamento e da intelligencia humana.

Vamos vêr se a acompanhamos nessa marcha ascensional para as antigas e sempre renovadas fontes de vida.

* * *

Apenas, aparentemente nos afastamos do Brasil. Commentando o pensamento francez, fazemos tambem o commentario do pensamento brasileiro.

* * *

Nesse periodo perturbador da vida intellectual da humanidade, que succedeu á Revolução, Taine e Renan representam bem a sensibilidade de sua epoca.

Acceitando a obra da revolução na sua parte negativa, isto é, na parte em que renegava as velhas verdades da philosophia christã, ambos procuraram na sciencia o segredo do destino humano. Na phrase de M. Barrès o grande esforço dessa geração foi a passagem do absoluto ao relativo.

Buscaram ambos construir com os dogmas novos da sciencia outra doutrina, que dêsse ao homem o repouso que affirmavam não poder já dar-lhe a religião e que a phiilosophia do século XVIII não conseguira trazer.

A lucta desses dois espiritos foi para realizarem, fóra do dogma religioso, da revelação e do sobrenatural, essa religião da sciencia, com as virtudes e sem as difficuldades da religião revelada. Consideravam intransponivel o abysmo entre a religião e a mentalidade scientifica moderna.

Renan apprehendeu, para isto, apear de sua divindade a

Jesus, descel-o á terra e apresental-o aos homens como o maior e o mais santo dos philosophos. Fazer um christianismo natural, para dizermos assim.

Não renegava a crença, nem os dogmas. Descia-os do sobrenatural. Humanizava-os.

Taine estudava, analysava o homem com o methodo de sua sciencia, buscando, como o outro, uma hypothese natural para esse formidavel enigma humano.

Sobre a geração dos philosophos de 89, apresentavam uma superioridade: pareciam sinceros. De ambos ficou uma lição e um progresso.

A sciencia com todos os seus desenganos irreparaveis communicavam á obra ascetica e ardente de Taine um profundo desalento.

O determinismo scientifico conduzia irremediavelmente ao pessimismo.

Renan, debalde procurou illudir-se. Toda a sua obra é um aceno para esse paiz encantado da crença e da fé.

A sua irreligiosidade não conseguiu esconder uma irremissivel nostalgia da religião, que se “deixara de reinar sobre a sua intelligencia, continuava a reinar sobre a sua sensibilidade”.

E elle buscava, então, no vago, na fantasia, na deliciosa incerteza do seu pensamento a illusão do espiritualismo.

Taine mais sincero, mais logico, mais verdadeiro tem na sua obra escripta com o seu proprio sangue o grito final da intelligencia desenganada da verdade.

O desespero sombrio e desalentado de um e o diletantismo incoherente e illogico de outro são os dois poderosos documentos da prova commovente que dão Taine e Renan dos erros e deficiencias de sua epoca.

* * *

São elles que nos permitem, com segurança duas conclusões:

1.^a) é indispensavel ao homem a crença segura e sem vacillações

numa verdade que lhe satisfaça a intelligencia, commande a vontade e oriente a sensibilidade, 2.º) A sciencia não póde alcançar essa verdade.

* * *

Vamos vêr como a geração, que succede a Taine e Renan, colhem de sua obra essas conclusões.

* * *

Citaremos Maurice Barrès e Ch. Maurras, como dois casos que nos parecem mais typicos e representativos.

* * *

Discipulos de Taine e Renan revivem a obra dos mestres, que reabilitam, com um passo mais para frente na márchã ascensional, para a verdade.

* * *

Maurice Barrès é um dos inquietos mais commoventes do fim desse fatigado seculo XIX. Os seus livros juvenis são realmente, perturbadores.

Voltado sobre si mesmo, num desejo insaciavel de analyse e de indagação interior, examina cruelmente todas as devastações com que uma epoca de duvida e incerteza fere a sua alma.

O seu espirito passa e repassa, essa epoca, em seus livros, nas suas grandezas e nas suas deficiencias, nos momentos subteis de satisfação e nas horas longas em que a eterna incognita do destino do homem o perturba e o martyrisa.

Das suas especulações insaciaveis, esmagado pelo pessimismo determinista da sciencia e pelo fluctuante pensamento de Renan, incerto e vago conclue desalentadoramente:

“Nul homme réfléchi peut espérer...”

Desalento a que junta este conselho de busca inútil e, porque não dizer?... insensata:

“chercher continuellement la paix et le bonheur avec la conviction qu'on ne les trouvera jamais, c'est toute la solution que je propose...”

“Quando me procuras é que já me encontraste”.

PASCAL

Para esse espirito chegar a conclusões de tal ordem é preciso que lhe tenham faltado todas as fontes da vida e que se sinta irremissivelmente perdido.

A taboa que elle atira ao homem é um recurso de naufrago.

O mais inquietante em tudo isto, é que, salteie a vida humana semelhante resultado, quando a civilização culmina nos seus extremos progressos.

E' que ha, por certo, uma grande lei desconhecida pela nossa civilização, como lembra Bourget a proposito de Amiel, outro inquieto de intelligencia e de coração.

Mas, Barrés, nascido da Lorena, de uma raça de rectidão de character e bom senso, apprehende a sua cura.

Fica de pé a sua incuravel descrença na intelligencia, mas elle busca pela vontade “uma razão heroica de viver”.

Desilludido de uma verdade objectiva á qual possa adherir, com esta mesma razão desthronada e inquieta, vae se ligar ás doutrinas e ás theorias, pelo que ellas lhe poderem dar de emoção, de impulso, de *moral*. O fundo das doutrinas não o commove.

Só o fascina o resultado, a capacidade emotiva daquella verdade ou daquelle erro.

Este pragmatismo radical, salutar no caso individual, leva-o ao que elle chama: — uma *concepção historica* da vida.

A sensibilidade profunda desse escriptor admiravel, resignado á abdicção do raciocinio, *acceita* a vida, *accommoda-se* á realidade.

Das suas meditações obscuras e tristes sobre o eu, elle começa a retirar uma disciplina de vida, e mais do que isto, um sentido social da vida :

“Le moi soumis à l'analyse un peu sérieusement s'anéantit et ne laisse que la société, dont il est l'éphémère produit”.

Reconheço que para a obra de salvação de Barrès concorrem circumstancias de hereditariedade e de raça. A anarchia mental não podia ter sobre elle a posse que teria sobre outros.

Naquelle desabar de todos os principios e de todas as verdades elle conservou sempre um secreto desgosto para com as vulgaridades do seculo.

O sentimento do divino perturbou-o sempre. Insatisfeito, e incapaz de voltar á plenitude do sentimento religioso, Barrès alimenta-se das migalhas de divino que lhe ficaram das gerações anteriores.

Pobre, irremissivelmente pobre de consolação e de socego, faltam-lhe mesmo as leis mais elementares da intelligencia e da vida.

A sua incapacidade de attingir a verdade tem qualquer cousa de irreparavel.

“La meilleure dialectique, diz elle, et les plus complètes demonstrations ne sauraient me fixer”...

E ainda :

“On s'efforcerait vainement d'établir la vérité par la raison seule, puisque intelligence peut toujours trouver un nouveau motif de remettre les choses en question”.

Anti-intellectualista, sceptico e relativista salva, por uma

disciplina interior natural, longo tempo experimentada nas reflexões intermináveis sobre o eu.

Das civilizações anteriores, da vida luminosa e forte dos homens do passado, esse moderno revê, como destroços de naufrágios, em si mesmo, a segurança de alguns princípios, a sombra de uma fé religiosa salvadora e, por vezes, o optimismo sadio das raças vigorosas de onde provinha...

Profundamente sincero Barrès não se recusa a recolher os restos dessas riquezas antigas e encontra-se com uma philosophia social, no culto da tradição, da terra e dos mortos.

E' a sua *concepção historica* da vida.

“Je me place dans une collectivité em peu plus longue que mon individu; je m'invente une destination plus raisonnable que ma chétive carrière. A' force d'humiliations, ma pensée, d'abors si fière d'être libre, arrive à constater sa dépendance de cette terre et de ces morts, qui, bien avant que j'y naquisse, l'ont commandé jusque dans ses nuances”.

E em outra parte, luminosamente conciso, aconselha essa concepção :

“Mettre éternellement nos pas dans les pas de nos prédécesseurs...”

A sua emoção encontra nessa doutrina a sua primeira segurança. Ha sempre uma grande melancolia nessas conquistas feitas de abdição e de humilhações que elle aceitava sem bem comprehender e um pouco por esse grande fundo de emoção que era a nota dominante das doutrinas que buscava.

“C'est tout un vertige délicieux, où l'individu se défait pour se ressaisir dans la famille, dans la race, dans la nation...”

diz elle, ainda a respeito da sua concepção historica da vida.

Barrès retirou, pois, do seu scepticismo e do seu determinismo, uma verdade pratica e empirica, porém, salutar.

Negando uma verdade universal, incapaz de dar o assentimento da sua intelligencia ao dogma, continuando no perpetuo enigma da vida, sincero, entretanto e de bôa vontade, Barrès *accommoda-se* ao real e acceta tudo que lhe dê disciplina e methodo moral.

E' um pouco o preceito do Evangelho. Conheçamos a arvore pelos seus fructos.

De posse desse methodo, a vida intellectual de Barrès é uma adhesão commovida, apesar de incompleta, (porque elle não adhere ao fundo das doutrinas), a tudo que existe de nobre para o coração e a tudo que existe de elevado para a intelligencia.

A *idea tradicional franceza e catholica* é o corpo final, em torno do qual, demoradamente, pacientemente, fôrma a sua philosophia e a sua doutrina.

Doutrina e philosophia que terão sempre esta deficiencia fundamental, de não ter o assentimento impessoal da intelligencia.

Subjectiva, essencialmente subjectiva, será sempre preciso, como já disse alguém, um *acto de fé* para adherirmos á philosophia barresiana ou então que passeiemos a intelligencia e a sensibilidade pelos caminhos longos e incertos por onde Barrès foi collhendo o seu fragmento de verdades...

* * *

Maurras por outros caminhos, mas estimulando pelos mesmos motivos chega a conclusões identicas.

Um e outro têm por unico tormento "*curar-se da anarchia*".

Maurras é, em todo caso, um exemplo mais sadio e menos perturbador.

Desenganado e desencantado com as doutrinas incoherentes do dilettantismo renaniano, a intelligencia de Maurras arrastada pela necessidade irresistivel da verdade, não abdica inteiramente da razão, lança-a a serviço de uma verificação empirica das leis da natureza e da vida.

A razão tem nessa verificação a sua função específica. E Maurras, como Barrès, chega á conclusão da necessidade do catholicismo para salvar a sociedade contemporanea.

O primeiro, reconhecendo-o como *verdadeiro*, como lei social, e individual; o segundo reconhecendo-o sobre o santo, desde que não póde fallar de verdade, quem não tem sobre as cousas senão “des vues concrètes”.

Um e outro não são mais do que precursôres.

Mesmo para Maurras, a verdade do catholicismo não é a verdade integral, a verdade última e extrema:

“Dans la poursuite de la verité première et dernière, diz elle, je n'ai pas trouvé ce que je cherchais... Je n'ai pas abouti...”

O catholicismo é verdadeiro e necessario para a salvação da sociedade contemporanea — é a sua última conclusão.

Barrès confessa similhantemente:

“L'oeuvre, selon le Christ et l'Eglise je ne l'ai pas promise, et on ne l'attends pas de moi. Mais je prétends, pas mes moyens propres, par une certaine beauté, une certaine harmonie, par quelque chose de noble et de fier faire oeuvre religieuse”.

* * *

Chegaram assim esses dois altos representantes da última geração, passo por passo, em uma lenta e dolorosa libertação, ao limiar do catholicismo.

Conductores do povo de Deus pelos desertos da duvida, repetindo o destino de Moysés, parece, que cae sobre elles uma prohibição inexplicavel de penetrar na Chanaan libertadora.

Avistam a Egreja, saboreiam-lhe a distancia, a sombra, o recolhimento, o conforto, a paz...

Mas, parece que qualquer cousa de irreparavel separa a intelligencia desses modernos da verdade.

“Mon intelligence, dizia Barrès, se refuse à croire à une Révélation, alors même qu'elle reconnait l'utilité de l'admettre?”

E não temos todos nós a experiencia deste facto? Certos intellectuaes não possuem realmente, apozar de sua innegavel sinceridade uma difficuldade quasi invencivel de crêr?

* * *

Mas, a difficuldade de crêr vae passando. São os ultimos passos a vencer.

O homem realiza a sua entrada em Chanaan. Tem sido longa a sua prece. Todo o século XIX foi a historia da busca de uma religião. O século XX será o século da reconciliação da humanidade com Deus. Todos sentem que caminhamos para ahi.

* * *

Já não digo eu na França e na Europa, mas no nosso Brasil, a grande actividade intellectual moderna encaminha-se para uma solução plena da vida, que só o catholicismo lhe poderá dar.

E' a conclusão de um evolver semelhante ao francez.

O Brasil soffreu egualmente o demorado martyrio da *anarchia mental*.

Do romantismo ao naturalismo e ao symbolismo representamos, a distancia, a mesma tragedia da intelligencia.

A philosophia da duvida e da desillusão onde teve um fiel mais triste e mais melancolico do que em Machado de Assis? O pessimismo desesperado de Alvares de Azevedo não reproduz, entre nós, o drama sombrio do *satanismo* de Baudelaire?

Cortadas as fontes da vida e do sentimento religioso, a nostalgia da creança não dominou certa parte de nossa litteratura?

Apenas menos profundos, nós eramos menos torturados. O racionalismo materialista a muita gente satisfazia dando-lhe uma

paz de espirito, realmente acabrunhadora. O positivismo chegou a ser um reino encantado de almas eleitas. Mas sempre acredito que a nação o soffreu e o supportou por essa bondade visceral do brasileiro, que o faz não contrariar...

Politicamente dominou em um momento de estupor nacional, em que acceitariamos até o feiticismo.

Foi esse o maior erro brasileiro, que só a nossa incurável inercia espiritual nós faz conservar indefinidamente.

Entretanto, reconheçamos que a redempção mental do brasileiro, mesmo politica, se está elaborando nas altas espheras intellectuaes.

As nossas élites encaminham-se para um espiritualismo reabilitador.

A figura formidavel de Ruy apontou como o grande mal moderno: o dissidio entre Deus e a sociedade.

E todo esse seculo XIX, torturado para voltar a Deus, pelos caminhos difficeis da intelligencia moderna, repercutiu no Brasil, nas suas altas e commoventes conclusões.

Hoje, a mentalidade contemporanea completa a obra dos Barrès e dos Maurras.

Rehabilitou-se a intelligencia para a acquisição de uma verdade objectiva, á qual o nosso espirito ha de adherir vigorosamente.

A philosophia é hoje a sciencia da verdade e não "aquella sublimação de ideas" destinadas somente a dar intensidade á vida.

O problema do bem está contido no problema da verdade.

O pragmatismo não nos basta. Nem a esthetica de Renan, nem o nacionalismo catholico de Barrès, nem o catholicismo exterior e social de Maurras satisfazem a febre de nossa intelligencia, anciosa de verdade completa e integral.

Queremos repousar da longa inquietação de quasi dois seculos na verdade adquirida pacientemente, integralmente pela intelligencia.

O appello ao sentimento ou ao patriotismo creando uma noção de ordem facultativa não tem senão uma força illusoria e passageira.

Precisamos de principios verdadeiros e universaes, que recebam a plena adhesão de nossa intelligencia e commandem a nossa vontade e a nossa sensibilidade.

* * *

Mais do que a salvação pela esthetica de Graça Aranha, é um documento do momento intellectual brasileiro esse livro corajoso de Renato de Almeida.

O Fausto encara, de frente, a solução dos grandes problemas eternos por cuja solução anciamos.

Ronald de Carvalho é outro precursor. Nestor Victor, Oliveira Vianna collaboram na grande obra.

No esforço por sermos nós mesmos, que caracteriza a feição actual da actividade da intelligencia brasileira, nós vamo-nos encontrar com o catholicismo.

Porque o catholicismo não é uma explicação, uma doutrina ou uma moral: é a propria lei do homem.

Buscamos a nossa autonomia ethnica e mental.

Temos o culto da Terra brasileira, donde ha de surgir uma civilização brasileira.

Nessa terra brasileira corre, porém, profundamente, possuida pela propria raça o sentimento catholico.

O catholicismo informa profundamente o nosso paiz.

E dentro d'elle é que se vae erguer “gerada em nossa carne e fructo do nosso sangue” a civilização latino-americana.

* * *

E neste Circulo Catholico de Estudos, nós que já descansamos na verdade integral, a que adherimos fortemente, que repuzemos o espirito nas suas bases essenciaes, que comprehendemos e amamos a vida, o *tumulto insensato* de Barrès, nós, para quem ella tem um sentido nobre e altissimo, trabalhemos pela realização da civilização brasileira, na orientação nova e grande que apontamos, com o enthusiasmo, a generosidade e o esplendor da nossa plenitude espiritual.

“A Imprensa do ponto de vista Social”

Trabalho apresentado ao C. C. E. M. A.

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Octacilio de Carvalho Lopes

AOS 27 DE JULHO DE 1924.



“A Imprensa do ponto de vista Social”

Como realizar o desejo fascinante que imprime ao nosso século o aspecto luminoso das grandes lutas pelas conquistas tormentosas do saber?

A estrada a seguir, abriu-a facilitando-nos a investida, preparando-nos a victoria, o invento magistral de Gutemberg, uma das forças maiores que a terra possui, a Imprensa, a grande defensora da humanidade, propagadora do bem que espalha o saber e combate a ignorancia, quando bôa; destrôe as civilizações, empesta a familia, corrompe a virtude, envenena a verdade, fomenta intrigas, estimula o vicio, combate a moral, dissemina o mal, arruina-nos a alma, quando má.

E' Bandeira de paz e Estandarte de guerra!

Ariete e Muralha, Lança e Escudo!

Muito mais facil, é, sem duvida, persuadir o mal e desseminalo, do que o bem. Assim é, que, si cotejarmos o mal produzido por um certo numero de livros máos com o bem que possa produzir o mesmo numero de livros bons, veremos que vae muita distancia de um para outro: emquanto o fruto colhido nos bons é relativamente pequeno, o máo alastra-se rapidamente, entoxicando a alma e talvez o corpo.

Pois não se dá o mesmo com os medicamentos em que os

venenos fulminam, matam repentinamente, enquanto os tónicos exercem lentamente, vagarosamente o seu effeito salutar?

Pois não é mais facil descer que subir? Atirae um côpo para baixo e vereis que elle percorre o espaço com muito mais facilidade e em menor tempo, do que se fosse atirado para cima, com a mesma fôrça.

O caminho do bem é uma ascensão: quem o percorre, olha sempre para o alto e, á medida que se aproxima do fim, vae-se tornando cada vez maior aos olhos de quem lá já se encontra. Os que estão em baixo, por uma illusão de optica, acham que diminue de tamanho, pelo espaço cada vez maior que os distancia.

“A literatura de uma nação é sempre a biographia de sua humanidade”, dizia Lord Lytton. Si assim é, a nossa biographia longe de nos lisonjear, envergonha-nos. E’ que no Brasil uma grande corrente intellectual está desviada dos verdadeiros principios, capazes de elevar o conceito duma nação robusta no espirito estrangeiro.

Sob a fôrma de livros, milhares de obras, envenenadas, estão em exposição permanente nas nossas livrarias.

Sob a fôrma de jornal e revista, temos a imprensa afastada da sua meta propria, com noticiario especializado nos factos mais indecorosos, narrativas minuciosas de vergonhosos *pedaços de vida*, factos macabros e horriveis que somente servem para excitar a imaginação já desviada de muitos, que vivem mergulhados no lôdo da deshonra e da descrença!

E’ um depoimento inconteste contra os nossos costumes e contra a nossa honra, pois quando de futuro fôrem manuseados esses jornaes de hoje, o juizo que poderão formar da nossa época será p peor, porque no dizer de Macaulay “a unica historia verdadeira de um povo encontra-se nos seus jornaes”.

Infelizmente é grande o numero dos que pensam com Macaulay... Não fossem os jornaes, muita vez, o repertorio de toda a mentira! Mas os vindoiros, nelles é que procurarão a nossa historia e embora falsa, ali é que a encontrarão. Julgamento erroneo, é verdade, porém tido como verdadeiro.

“O desempoeirar e manusear de jornaes é um desentulhar

Pompeias soterradas: é o restaurar, comprehender e interpretar o espirito do passado; é vêr agitar-se como se vivas foram, as gerações que a morte immobilizara”. (1).

A nossa literatura, salvas excepções que existem — e ainda bem que em numero absoluto não tão poucas — é fraca em todos os sentidos, a começar pela moral. Alem disso está dividida em dois grupos, um aparentemente superior ao outro.

Existe incontestavelmente, no Brasil, uma aparente superioridade do sul sobre o norte.

Realmente, todos os esforços, quer literarios, quer artisticos, tentados no norte, têm sido por demais infrutiferos.

O intellectual nortista é sempre olhado com despeito, ás vezes com inveja e desprezo, pelos collegas do sul. Alem disto, não existe, talvez por falta de propaganda ou de estímulo, o entusiasmo vibrante que fortalece os fracos e encorajá os fortes, fazendo-os capazes de levar de vencida os mais arduos obstáculos.

Por esta razão, talvez, o numero de letrados no norte é menor do que no sul, ou pelo menos estes são mais conhecidos do que aquelles, que vivem, na maior parte, escondidos na humildade gloriosa de uma officina ou de um gabinete de estudo.

Mas o nortista é inconfundivel: em qualquer parte, conquista logo a supremacia da intelligencia.

No sul, elle quasi sempre vence. Ao passo que no norte, por falta de um intercambio intellectual, não raro se desvia das letras, vencido pela falta de constancia, ou continúa na derróta espinhosa, redigindo e amontoando os escriptos, até que um dia a morte o arraste, e os seus preciosissimos papeis sejam atirados ao limbo das coisas inuteis...

E' quasi sempre assim!

Tambem a proporção de analphabetos é grande e a mediocridade impéra. A mediocridade não supporta as obras de arte;

(1) Carlos Porto Carreiro — “A Imprensa no Brasil”.

prefere as façanhas de “Nick Carter”, em livros de sabor problemático.

A essas literaturas, sómente leva a palma, a literatura immoral, que para o mediocre tem mais valor do que os mesmos romances triviaes de sentimentalismo baixo e desprezível.

E’ que a mediocridade não entende as obras de arte.

Pena é que homens da estofa de Humberto de Campos, cujo talento incontestavel já deu á literatura patria mais de um livro de valôr, occupem tão mal a sua intelligencia fulgurante, abarrotando estantes e livrarias com livros indecorosos, affrontando mesmo o brio nacional, quando poderiam talhar verdadeiras obras de arte que lhes perpetuariam o nome e honrariam a patria. Mas a mediocridade sequiosa de coisas más, admira-lhes a falsa arte e esgota-lhes os volumes aos milhares.

E’ rendoso o negocio, não ha duvida, mas é um prejuizo para a honra e um desrespeito á familia.

E’ deprimente e triste o modo pelo qual Humberto de Campos faz literatura. Vergonhoso. As suas anedotas são grosseirissimas, relatadas com cynismo que elle procura cobrir com um véo que mais parece um molambo sujo e esfarrapado.

O peor é que esses escriptores chamados *elegantes*, procuram o assumpto pôdre das suas paginas perniciosas, no amago do nosso meio social, contribuindo assim para que paizes estrangeiros que já nos olham com um certo ar de desprezo requintado, encontrem nisso mais um titulo para rebaixar o nosso credito de povo são. Mas a falsa arte de vestir com côres berrantes as historiazinhas apimentadas do nosso povo, algumas dellas innocentes, é, por elle renovada com malicia mal encoberta, não durará muito: morrerá com o seu dono, si não o anteceder.

A obra de Humberto de Campos é enorme, é vastissima, mas... só tem tamanho. E’ uma bôlha de sabão em proporções gigantescas: muito irisada por fóra, mas por dentro... vazia... e de pouca duração.

Humberto, o escriptor mais immoral, da nossa lingua, é o verdadeiro typo do “moderno” descripto por Costallat, seu companheiro de férias. Este, porém, é mais *moderno* ainda. Parece

até que o *estudo* que publicou no seu livro “Modernos” é o fruto duma auto-observação psychologica.

Escriptor nevrotico, excessivamente nevrotico, Costallat é o representante legitimo dos modernos e ridiculos almofadinhas de sua epoca.

Não ha negar que a literatura de um povo exerce influencia enorm esobre o seu nervosismo e sua moral. E’ de que nos precisamos precaver nesta epoca de imitadores. Fugamos da França com Baudilaire ou com Musset, dois nervosos sonhadores, para não falar em Zola, a quem Mantegazza chamou de *nevrotico dos nevroticos*, “que fez entrar na literatura até o sentido embryonal do olfacto, fazendo falar os queijos, e que na audacia das descrições cada vez vae esmiuçando mais, de modo que o nú é para elle a nota pudica”, alem da qual o seu chamado *naturalismo* se compraz em investigações anatomicas nauseabundas para temperamentos sadiamente Moraes. (2)

Tambem a literatura nevrotica vae occupando logar na nossa terra, onde encontra o apoio da mediocridade voluptuosa.

Mas o nervosismo da literatura constitue um facto particularmente instinctivo nos paizes protestantes, onde são constantes as criticas e as lutas religiosas.

A este respeito diz o Dr. Beard:

“O protestantismo com as suas subdivisões nas tantas seitas que o retalham, é um elemento que contribue para favorecer as doenças nervosas do nosso tempo.

“Nenhum paiz catholico tem, como aquelles, eguaes elementos de nervosismo, por isso que nos paizes catholicos o que na religião pode ser oneroso é um peso suportado pela Igreja. Nos paizes protestantes, pelo contrario, esse peso carrega sobre cada individuo. Daqui

(2) Cfr. Paulo Mantegazza — “O Seculo Nevrotico”.

provém as duvidas, as controversias e o antagonismo entre individuos duma mesma seita e entre as Igrejas...” (3).

O resultado é esse nervosismo ridiculo que vemos espalhar-se a cada dia mais.

Benjamin Costallat não é só um nervoso *raffiné*, frequentador das rodas do Alvear, mas o reflexo vivo da *educação* que recebeu em Paris, o que para elle é tamanha gloria que nol-o revela a cada instante, como si isto constituisse a melhor das apresentações.

Os seus contos são lidos com emoção sempre crescente, não pela belleza do enredo, ou da fórmula, mas pela paradoxal originalidade na escolha do vocabulario. As paginas dos seus livros são esponjas que chupam ao dicionario todos os termos capazes de expressar o bulir de vermes nos typos que descrevem. Assim é que não ha uma só pagina do “Modernos” em que não se encontrem, mesmo sem formar sentido, as palavras: *nervoso*, *sensual*, *hystérico*, *voluptuoso* e *neurasthenico*. É uma verdadeira epidemia sómente justificavel pela escola por elle seguida: o *Futurismo*, esta *arte* seria, leve, imperceptivel, cujo caracteristico principal — pelo menos como a entendo — é receber de vontade, com os braços abertos, carinhosamente, tudo aquillo que as escolas literarias ou artisticas recusaram ou enxotaram.

O Futurismo admite todos os absurdos, até mesmo que “u’a moça vestida de vermelho” seja comparada a “um punhal ensanguentado”. Assim é que Costallat, “ante a brancura da praia e a innocência das velas”, sente o “forte cheiro de um peixe, aberto, cynico, ironico, impossivel, manhosamente em decomposição...” (4)

(3) Citado por P. Mantegazza — “O Seculo Nevrotico”.

(4) Benjamin Costallat — “Modernos”.

Pouco depois ouve “o murmurio sensual de insectos hystericos” e o barulho de um “automovel decrepito” (5)

Afinal, isto é dos “olhos de quem vê” e dos “ouvidos de quem ouve”. Não passa de *futurismo*.

Os livros de Costallat têm todos — pois se são para commercio! — bonitas encadernações com suggestivas gravuras de que elle se serve para *enrolar* o comprador. Em “Modernos”, deixa completamente desprezadas, trinta e tantas paginas de papel muito grosso, umas completamente em branco, outras com o nome da casa editora... que é elle proprio, no que faz muito bem.

As paginas dos seus livros são apparentemente grandes, mas é que os typos por elle usados, e as vinhetas encarnadas, são enormes, como enorme é a largura das entrelinhas.

E’ um commercio como outro qualquer...

E os seus livros vôm das livrarias...

E’ o escriptor que tem alcançado maior numero de edições no Brasil.

“Mademoiselle Cinema”, outro livro de escandalo que elle faz questão de apellidar de “La Garçone” brasileira (6), por es-

Este livro alcançou, em pequeno espaço de tempo, uma tiragem de 500.000 exemplares só na lingua franceza, não contando as numerosas traducções em grande numero de linguas. No Brasil, por espirito de imitação de tudo que é francês, já alcançou o successo de uma tiragem de mais de trinta mil exemplares.

Mas, isso são triumphos passageiros. A sua obra ha de ruir em breve. Não lhe sobreviverá, pois é superficial, tão futil como os individuos que formam a sociedade que a applaude e elogia.

Afinal, Costallat não póde ignorar-o: seus admiradores mal discriminarão um livro seu de um *goad*. Não serão capazes de dizer que um é a futilidade praticada com as mãos, enquanto a outra é a mesma futilidade praticada com os pés.

(5) Ibidem.

(6) “La Garçonne” é o titulo dum romance de escandalo publicado por Victor Marguerite, que provocou a sua expulsão da Legião de Honra.

Eu sei perfeitamente que Benjamin Costallat por interesse proprio, prefere leitores pouco exigentes que aceitem sua explicação: querer corrigir o mal com o proprio mal; querer curar as nossas chagas sociaes, expondo-as aos olhares curiosos; querer matar a concupiscencia dos libertinos, mostrando-lhe a photographia dos seus desejos. Costallat assim não cura o corpo, e mata a alma. E' como se quizesse saciar o estomago dum faminto mostrando-lhe de longe comidas appetitosas!

Costallat, porém, tem applausos.

Mas a posteridade não se contenta com esses applausos. Exige mais.

O que elle quer é fazer escandalo.

E' muito facil.

Si se póde fazer escandalo e ganhar nome com muito pouco esforço, por que razão se ha elle de preocupar em fazer um livro em que tenha de gastar muito tempo e esforço, sem grandes probabilidades de exito?

Seria deixar o certo pelo duvidoso.

E isso não lhe convem.

Almachio Diniz, quando quiz fazer nome, publicou "A Carne de Jesus".

Tambem Forjaz de Sampaio, publicando as "Palavras Cynicas", em edições successivas, fez nome.

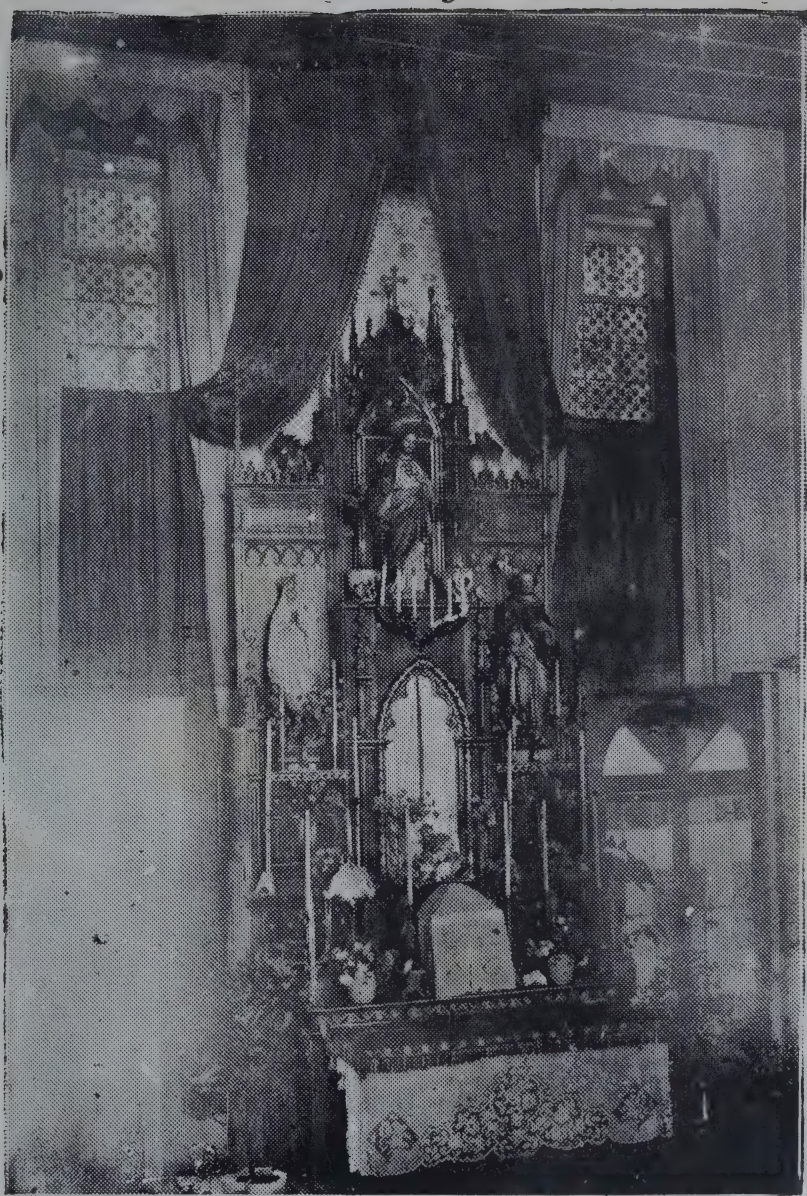
Mas de que nos serviria a nós o nome que elles têm?

E' uma coisa que depende exclusivamente de consciencia. — Faltam-lhe os meios para fazer-se conhecido? Publique um livro de escandalo.

Ahi está Menotti Del Picchia que prefaciando um livro proprio, escreveu com esperteza uma especie de aviso:

"Aos phariseus do preconceito, aos ingenuos e aos sinceramente pudicos, só peço uma coisa: Não abram este livro". (7)

(7) Menotti Del Picchia — "Lais".



Capella do C. A. V.
"Onde tem as suas reuniões a C. M. A.)

Era o bastante. Estava feita a propaganda.

Pouco tempo passou e surgiu “Lais” em segunda edição, com uma nota — também de propaganda — da casa editora:

“O favor com que o publico paulista recebeu “Lais” fez com que se esgotasse nesta capital em menos de vinte dias toda a sua primeira edição de dois mil exemplares”. (8)

E se ha quem não precise de meios illicitos, como esse, para vencer, nesse meio está sem duvida Menotti Del Picchia. Prova-o de sobejo o seu primoroso poema “Juca Mulato”.

Vou repetir aqui o que algures rabisquei depois da leitura desse livro:

SYMBOLO TRIUMPHAL

“Esta vida é um punhal com dois gumes fataes
Não amar, é soffrer; amar, é soffrer mais!”

MENOTTI.

Maupassant affirmou, um dia, cheio de convicção e quiça com pessimismo, que o homem só é sincero diante de duas coisas: do amor e da morte.

Do amor também? Sim! Os que mentem em amor não amam. fingem. E estes são poucos... mas apesar disso, sempre são descobertos.

Creio mesmo que Maupassant foi sincero naquella phrase. E por isso é que ao terminar a leitura de “Juca Mulato”, o primoroso poema de Menotti Del Picchia, fiquei a meditar e a pensar, procurando responder a uma pergunta que eu sentia formada no meu cerebro a envolver-me a imaginação, irrequieta e persistente.

(8) Ibidem.

Não haverá na historia triste de “Juca Mulato”, alguma coisa da historia de Menotti?

E á imaginação vem-me o typo do humilimo “Juca” “o genio triste da nossa raça e da nossa gente”. Recordo a sua dôr, a infortunada paixão rubra e violenta, pela filha da “patrôa” e ouço o seu soluço e a sua voz:

“Choras... no mundo inclemente,
Só não chora quem não soffre,
Só não soffre quem não sente...”

E “Juca Mulato” soffre a dôr de ser humilde...

Todo o poema de Menotti é assim cheio de lagrimas, de vidas, de incertezas.

As “Lamentações” são um primor.
Nellas ha verdade e ha sentimento:

“Amor?
Receios, desejos
promessas de paraísos,
depois sonho, depois riso,
depois beijos!

Depois...

E depois, amada?
depois dôres sem remedio
depois pranto, depois tédio!
depois... nada!”

Pagina de ouro!
E o amor de “Juca” aniquila-o. Triste e só!

O seu cavallo, o “pigarço”, o seu unico amigo, que entendia tudo o que lhe dizia, até esse ficou desprezado, “Juca” resolve ir ao feiticeiro. Consulta a Roque, que tem

“...ramos de arruda; urtiga; água benta
uma faca que alguém me enterra mais no peito
figas para evitar tudo, que é coisa feita...”

e nada consegue. Cada vez mais sente a chama do amor:

“Parece o seu fulgor, quando o fito direito,
uma faca que alguém enterra mais no meu peito,
veneno que se bebe em rutilos crystaes,
e sabendo que mata, eu quero beber mais...”

A unica palavra do feiticeiro foi uma punhalada no coração
— “Juca Mulato! Esquece o olhar inatingivel!”

“Não ha cura, ai de ti! para o amor impossivel...
Arranco a lepra ao corpo; extirpo da alma o tédio;
Só para o mal de amor, nunca encontrei remedio...”

A peçonha da cobra eu curo..., Quem soubber.
Cure o veneno que ha no olhar de uma mulher!”

E Roque, como unico remedio, aconselha o esquecimento.
Mas “Juca” sente que

“Esquecer um amor dóe tanto que parece
que a gente vae matando um filho que estremece,
ouvindo, com terror, no peito, este estribilho:
“Tu não sabes cruel que matas o teu filho?”
E, quando se estrangula, aos seus gemidos loucos,
a gente quer que viva e vae matando aos poucos!
Foge! arrasta contigo esta tortura immensa
que o remedio é peor do que a propria doença”.

.....
A “Voz das coisas” é sublime. “Juca Mulato” para esquecer
quer fugir. E’ quando ouve a voz das coisas, E’ a floresta quem

fala: “Queres tu nos deixar, filho desnaturado?” E o cedro pergunta: “Tu não sabes perverso que foi de um galho meu que fizeram teu berço?” E a torrente; Juca, fui eu quem deu a água do teu baptismo”. Uma estrella: “Fui eu que illuminei a tua chόça escura”. “Os ramos nos espaços, pareciam querer apertar¹ entre os braços”:

“Filho da matta, vem! Não fomos nós, ó Juca,
o arco do teu bodge; as grades da arapuca,
o varejão do barco e essa lenha sequinha
que de noite estalou no fogo da cosinha?”

E Juca ouviu a terra:

Juca Mulato, és meu! Não fujas que eu te sigo...
onde estejam teus pés, eu estarei contigo.
Tudo é nada, illusão! Por sobre toda a esphera
ha uma cova que se abre, ha um ventre que espera...

.....

...Não fujas o tormento...
Só por meio da dôr se alcança o esquecimento.
Não vás. Aqui serão teus dias mais serenos,
que na terra natal a propria dôr doe menos...
E fica que é melhor morrer (ai bem sei eu!)
no pedaço de terra em que a gente nasceu!”

E Juca se conforma com o Coqueiro:

“Coqueiro! eu te comprehendo o sonho inatingivel,
queres subir ao céu, mas prende-te a raíz...
O destino que tens de querer o impossivel,
é igual a este meu de querer ser feliz”.

Pobre “Juca Mulato! Symbolo triumphal de martyres de amor!

“O homem foi sempre assim... E sua ingenuidade
teme levar consigo o proprio sonho a esmo,
e occulta-o, sem saber se depois o achará...

E quando vae buscar sua felicidade,
elle qué poderia encontral-a em si mesmo,
escondeu-a tão bem, que nem sabe onde está!”

.....

“...E “Juca Mulato” revê montado no seu cavallo, o plantio
verde, o cafezal verdê. Vive de novo porque esquece. Esquecer é
viver.

Nesse “Juca Mulato” ha algo da alma de Menotti. Não ti-
vesse sentido o coração em lagrimas e não conseguiria fazer de
Juca um symbolo; não conseguiria traçar aquelle perfil da alma
bem mais difficil que o perfil do corpo. A sua penna traçou-o.

Não ha quem possa fingir tão bem uma dôr! E’ mais facil
rir quando o coração soluç. Não; não posso deixar de vêr na
dôr de “Juca”, alguma coisa de real, de positivo. Será que “Juca”
e Menotti se irmanam, se confundem?

A tristeza do poema escripto todo elle sob os raios ruivos e
quentes de um sol tropicalissimo, abrazador, que tudo inunda e
transborda de alegria e vibração, diz-nos que elle foi inspirado
numa dôr cruciante e verdadeira, fantasiada admiravelmente e
immortalizada num Symbolo Triumphal: “Juca Mulato”.

* * *

A nossa litteratura está cheia de obras que são servidas ás
vezes, com ingenuidade, outras, com prazer, principalmente pela
mocidade, pois na mocidade é que o homem, mais facilmente levado
pela fraqueza natural, se deixa prender e fascinar.

Tambem outras vezes é o effeito de um livro lido acciden-
talmente; pois como dizia Gergent, “un livre peut décider du sort
d’un enfant”. E São Basilio affirmava que “os ensinamentos co-

lhidos nessa idade gravam-se no intimo da alma pela facilidade que tem esta em receber as primeiras impressões:

Musset, o poeta elegante e névrotico, escreveu:

“Le coeur de l’homme vierge est un vase profond;
Lorsque la première eau qu’on y verse est impure,
La mer y enterrerait sans laver la souillure,
Car l’abême est immense et la tache est au fond...”

E dentre todos os livros, os que mais impressionam a alma sensível de moço, são os romances, dos quaes São Francisco de Sales disse que “São como os cogumelos: os melhores nada valem”.

Talvez pela monotonia e trivialidade do assumpto, o romance estraga o gosto literario, pois vae desobrigando o leitor a raciocinar, habitua-o á magia fascinante das fantasias, desprezando os notáveis e opulentos trabalhos de arte magistral de eminentes pensadores.

A leitura é uma força; como todas as forças, a falsa orientação pôde transvia-la.

O romance é a leitura preferida no mundo inteiro. Em todas as bibliothecas de todos os paizes do mundo, o romance occupa o primeiro plano. Na França, é o que mais se lê, attestam-no as estatisticas. (9)

O mesmo no Brasil.

Os frutos dos romances são multiplos e variados. Muitos delles têm desviado vidas em flôr para o caminho do lôdo.

(9) Na bibliotheca de Clamar, entre 12.416 volumes consultados, 9.625 são romances; em Montrouge, entre 12.225 volumes lidos num anno, figuram 10.826 romances; o mesmo em Saint-Omer, onde em 10.539 volumes, 9.069, ou seja a quasi totalidade, consultados eram romances, tambem em Vincennes, entre 19.359 volumes figuram 15.955 romances emprestados num só anno. (*Les Dossiers de L’action populaire — Les lectures —* n. 5).

O Professor M. Peireu, ex-Director de uma escola medica, na Belgica, apresentou em 1910, ao 3.º Congresso Internacional de Educação, reunido naquelle anno em Bruxellas, um trabalho sobre os suicidios de jovens e creanças e suas causas. Citando M. Jacquart, escreve o Prof. Peireu: "o numero de suicidios officialmente verificados na Europa, durante o seculo XIX, elevou-se a um milhão e tresentos mil em algarismos redondos". Alguns moralistas allemães acham que não seria exagerado o numero de dois milhões. (10)

"Só no Imperio Allemão desde a sua fundação até 1903, contavam-se mais de trezentos mil suicidios.

Em 1905, houve na Belgica, 918...

Em França, o numero de jovens suicidas ultrapassou o de todos os outros paizes".

A literatura immoral, diz o Prof. Peireu — é uma das maiores causas de perdição. Os romances modernos são, na maioria, incoherente trama de aventuras amorosas, em que se falseiam os sentimentos, obras proprias para excitar a curiosidade ou a descripção, e em que é o vicio pintado com seductor colorido, tornando-se attrahente, ao passo que a virtude só apparece na sombra.

Attribuem, certos moralistas, o suicidio, a um accesso de loucura. As estatisticas provam pelo contrario, que mais remotas causas existem e que elle é consequente de uma mentalidade particular durante largo tempo preparada pela leitura de livros máos.

A' leitura perigosa, cumpre-me juntar muitas brochuras e jornaes que exaltam a imaginação dos jovens. Extrahimos alguns commentarios de um jornal, a proposito do horrivel drama de *Jully* (França), commettido por dois moços de 16 annos... José J..., um dos assassinos comprava os romances de aventuras de *Nick Carter* e de *Buffalo-Bill* e poz-se um dia a organizar com alguns camaradas uma expedição ás florestas da região...

Nas familias dos assassinos precoces, tão tristemente célebres, todos se sentem acabrunhados de vergonha e dôr, e unani-

memente são apontadas as leituras romanesecas de José J..., que ainda as emprestava aos jovens, seus companheiros, como a causa da horrivel desgraça. Esse jovem era freguez assiduo do kiosque da estação de Ramont. Ali ia comprar *Sherlock Holmes*, *Nick Carter* e outros romances extravagantes e sanguinolentos, que lhe enlouqueceram a imaginação e amadureceram para o assassinio esse adolescente de 16 annos". (11)

E' indiscutivel a influencia da leitura.

Anthero de Quental, na auto-biographia dirigida a W. Storck, confessa que o motivo da sua deserção da fé catholica, na qual fôra educado e encaminhado, foi "alem do orgulho e dos desregramentos da mocidade, a leitura de pessimas obras a que se entregára com verdadeiro fanatismo".

Quanta gente tem visitado o Castello d'If, para vêr os apsentos do heróe de Dumas no "*Conde de Monte Christo*"? No entanto, Edmond Dantés é méra fantazia.

O "Werther", de Goethe tem produzido uma verdadeira epidemia de suicidios, uma *wertherite* como a denominou um criminalista.

O Padre Abel, Jesuita, dizia ter conhecido "três suicidas levados a tal desgraça pela leitura desse livro". (12)

Assim é que "Voltaire faz voltairianos; Goethe, wertherianos; Byron, byronianos; Leopardi, leopardinios; Lamartine, lamartinianos; Hugo, hugolattras; Sand, sandistas; Tolstoi, tolstoi-anos". (13)

Os livros de aventuras policiaes, esses então prendem a attenção de tal fórma, que o leitor despresa, por ella, outra qualquer distração. E assim é que pouco a pouco, com a cabeça cheia de imaginações doentias, os mais fracos, julgam-se logo capazes de descobrir crimes; e eis outros tantos Quixotes em luta accessa com os moinhos de vento. Dessa inferioridade de leituras resulta falta

(11) Idem, Ibidem.

(12) Idem, Ibidem.

(13) P. Préal — "Crimes et suicides passionels".

de cultura que caracteriza tanto moço de hoje, nas suas conversações trivialíssimas.

O que ha de mais, o que ha de sobra, é muita casca... mas falta o miolo.

“Nossa sociedade dá a idéa de um embriagado montado numa cavalgada, que ora cõe para a direita, ora para a esquerda; e o equilibrio é-lhe impossível”.

Neste caso o alcool são os taes livros.

A revista “As Vozes de Petropolis”, publicou, ha tempos, alguns exemplos que são citados pelo notavel religioso franciscano, Frei Pedro Sinzig, no seu monumental trabalho intitulado “Atravez dos Romances”. Entre elles, citarei alguns:

— “Humberto Z., de onze annos de idade, e Bruno V., de dez annos, foram presos por um policia quando roubavam numa casa de Berlim; confessaram por entre lagrimas que queriam apenas ganhar dinheiro para poderem lêr a continuação de *Nick Carter*, que os deixára surpresos”.

— “O rico fazendeiro Pedro Balú, de Varena (Bulgaria), devido á leitura insensata de *Nick Carter* e quejandas publicações, enlouqueceu. Julgando ser assassino e detective ao mesmo tempo, matou a mulher e dois filhos, denunciando-se em seguida a si mesmo, em carta assignada “Sherlock Holmes”.

— Em Bucarest, Rumania, menos de onze e treze annos de idade, alumnos do Lyceu Lazar, formaram uma liga criminal, instigados pela leitura de *Nick Carter*, etc. Negando-se o menino Zaran a fazer parte della, o seu condiscipulo Georgesco Valcéa, encarregado pelos outros, desfechou-lhe um tiro”. (14)

Accrescentemos ainda alguns frutos dessa literatura condemnavel:

Gervasio Baudie, guilhotinado em Montievo, escreveu antes de morrer:

(14) F. Pedro Sinzig — “Através dos romances”.

“Je n'ai aucun droit de rapeller a qui que se so t
ses devoirs; mais du moins j'ai celui de dire que sans les
mauvais livres, je ne me serais jamais rendu aussi cri-
minel!...” (15)

E' a confissão arrependida de uma victima que ao pé do ca-
dafalso, proferiu estas ultimas palavras de dôr e arrependimento:

“Je vais paraitre devant Dieu; jeunes gens..., pre-
nez exemple de moi, retirez-vous à temps de mauvai-
ses compagnies, ne vous laissez pas égarer par les lectu-
res dangereuses...” (16)

Como estes, grande numero de infelizes confessam que os
romances foram a causa dos seus crimes.

Voltaire, reconhecendo o progresso do mal que elle implan-
tára na sua patria pela literatura corrompida e nefanda, exclamou:

“C'est le livre que a tout fait”. Tinha razão. E mais razão
ainda tinha Victor Hugo de aconselhar num dos seus momentos
de consciencia, a uma jovem que adorava os livros de Voltaire:

“Hélas! Si ta main chaste ouvrait ce livre infâme,
Tu sentirais soudain Dieu mourir dans ton âme!
Ce soir tu pencherais ton front triste et boudeur,
Et demain tu rirais de la sainte pudeur”.

Agora é a confissão de J. Jacques Rousseau:

“Eu não olho para nenhum dos meus escriptos sem
temer; em logar de instruir, corrompo; em logar de ali-
mentar, enveneno; não sou mais do que um scelerado!”

(15) “Qui lisez vous” — Pgs. 74 - 75.

(16) Idem, Ibidem.

Tendo visto uma das suas proprias obras em mãos de sua filha, Diderot arrancou-lh'a, prohibindo-a de abrir qualquer livro de sua autoria.

O Dr. Esmeraldino Bandeira, lente illustre da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tem sobre a “Influencia do Jornal e do Livro no crime e no julgamento”, uma pagina bellissima e erudita que nós honramos de reproduzir aqui. Ei-la:

“Lucian Mosiset, a panegyrista exaltada de *Lacenaire*, formou o seu character criminal na leitura dos livros e jornaes. Troppan, confessou ao Padre Crozes que a causa da sua profunda desmoralização foi a leitura de romances. Thomas, o assassino de André Folichon, era um grande leitor dos romances judiciarios. Jacquard, escrevendo a seu irmão sobre o crime de Julez, declarou que foi a leitura de certos romances, alliada á falta de reflexão, que o perdeu. Lemire informa: “leio muitas novellas e nunca vi a descripção do meu crime”. Pranzini, ao assassinar uma das suas victimas, Marie Rignault, tinha acabado de lêr na novella “Le joueur” o trecho em que o amante de uma *cocotte* a mata para se apropriar de 2.500 francos. E elle reproduziu e reeditou esse caso. Quando o chefe de policia de Paris, M. Giron, penetrou na alcova de Marie Rignault, encontrou sobre uma estante, a pouca distancia do cadaver, a citada novella, precisamente aberta na pagina relativa á scena do assassinio.

A quadrilha criminosa formada de Abbadie, Gilles e Cupidon, praticou o excidio da familia Tullemier, em Montreuil, precisamente suggestionada pelo “Assomoir”, que então se levava á scena no Theatro “Ambigu-Comique”.

O Joalheiro parisiense Julio B., ao acabar de lêr a “Bête Humaine”, sentiu impulsos homicidas e teve de ser encerrado num manicomio”. (17)

Si compararmos as boas consequencias da Revolução Francesa, com as grandes desgraças que ella trouxe á França, veremos quanto essas sobrepujam áquellas.

O sangue jorrou aos borbotões, envolvendo a França toda numa athmosphera vermelha.

Na guilhotina, muitas cabeças saltaram golpeadas; os trucidados, fôram muitissimos. “De 10 de Junho de 1794 a 27 de Julho de 1795, caíram sob a guilhotina 1376 cabeças”. (18)

De 1789 a 1796, foram promulgadas 10.000 leis e não havia lei, mas anarchia”. (19):

Qual a causa disso tudo? Os livros maus, a má imprensa, responde a Historia.

Voltaire, Rosseau, Charles de Secondat, D'Alembert, Diderot, si podessem erguer-se das suas cinzas haveriam de confessa-lo; vão ainda mais longe os effeitos da Revolução Francêsa, que trouxe consigo a falsa educação sem Deus.

A França victimada pela falta de crença dos seus filhos, soffreu a consequencia desastrada da pregação inconsciente do falso Dever sem Deus, incutindo longo tempo na imaginação embryonaria da juventude, que frequentava as escolas daquella época sem moral, tão tristes consequencias, cujo reflexo alcançou bom numero de annos.

Numa época em que se aprendia na escola que “o patriotismo é um crime”, que “o exerdito é uma terrível reunião de ladrões e ignorantes”, que o “soldado não passa de uma creatura feroz e sanguinaria”, foi nessa época que Madame Paul Bert, viuva do celebre pedagogogo, protestando pela imprensa contra a irritante exclusão dos compendios do seu glorioso esposo, da lista dos livros escolares, recebeu dos editores, a seguinte resposta:

“Minha senhora, não se devem nem se podem mais editar livros patrioticos em França”. (20)

(18) F. Pedro Sinzig — “Atravéz dos romances”.

(19) Idem.

(20) Dr. Egas Montiz — “Problema de Educação Nacional e de Instrucção Publica”.

Sabeis a razão de não poderem ser editados os livros de Paul Bert? E' simples: falavam em Deus; e Deus não podia entrar nas escolas de França. Seria um crime! "Deus é a ignorancia, Deus é a tyrannia e a miseria; Deus é o mal". (21)

E o livro que mesmo por alto falasse em Deus, seria prohibido!

Effeitos da Revolução Francêsa.

Frutos das sementes lançadas pelos livros de Rousseau.

"Causas pequenas, consequencias grandes"

"C'est le livre"! Exclamaria Voltaire.

Deixemos porém a França e olhemos para o Brasil. Como já dissemos, a nossa literatura segue passo a passo a influencia francêsa. E' o nosso espirito de imitação.

Os livros preferidos, são máos, embora exista muita coisa boa pelas livrarias. Mas essa boa parte vive occulta por detrás da grande maioria. Mesmo porque em nós impera a mediocridade, mediocres são os leitores, mediocres os escriptores.

Contribue para isto, a falta de editores.

Como já tivemos oportunidade de dizer, ha uma parte, talvez a melhor, da intellectualidade brasileira, escondida, por falta de propaganda e de editores.

Os editores que temos, não escolhem as obras de valor, as obras de arte, pois estas não dão resultado monetario, e isto é o indispensavel.

Os nossos editores, esmeram-se mais pelo trabalho material, procurando dar ao livro, bom ou mau, uma feição exterior agradável e elegante: quanto ao miolo, não se incommodam. Eis porque é, relativamente má a nossa literatura.

Intelligencia não falta no Brasileiro. Uma terra que deu Ruy de Castro Alves, Tobias e Gonçalves Dias, Nabuco e tantos mais, não póde queixar-se de falta de intelligencias.

(21) Idem. Isto apezar das idéas furiosamente anticlericaes do mesmo Paul Bert.

O Dr. Egas Moniz, numa bellissima pagina sobre a intelligencia do brasileiro, diz: “Apenas conheço, na Historia Universal do espirito humano, um povo que possua semelhante facilidade para aprender: o japonês”. (22)

Não é, portanto, falta de intelligencia mas de um pouco de moral christã que lhes ensine que o dever está acima de tudo, que elle é a voz de Deus na consciencia humana e que “nem a Opinião nem o Interesse devem dominar o Dever, porque a Opinião pôde ser fallaz e o Interesse desorientado”.

“A Opinião pôde ser enorme, o Interesse pôde ser colossal; mas o Dever é Magestático” (Egas Moniz).

Se Monteiro Lobato pensasse assim, por certo não escreveria a alguém que lhe faláva em publicar uma obra bôa, aquellas palavras que sobram para um juizo perfeito que delle se queira formar.

Diz o editor paulista:

“Faze um romance sobre banditismo, em que haja muita proeza e sangue, um enredo como nas fitas americanas. Depois, lê á creada da tua casa, melhor se fôr analphabeta.

Se ella gostar, manda: que eu te pagarei bem pago”. (23)

E assim Monteiro Lobato diz que o leitor brasileiro tem o mesmo gosto artistico que uma das nossas creadas, mais ainda se ella fôr analphabeta.

Chega a irritar!

Não devemos silenciar o nosso modo de pensar neste assumpto, simplesmente porque sabemos que a maioria pensa de modo contrario.

(22) Dr. Egas Moniz — Idem.

(23) Saboya Ribeiro — “Literatura Provinciana” (Artigo publicado na primeira pagina do *Diario da Bahia* de 30 — IV — 924).

Calar é consentir.

E' nosso dever combater o que é máo.

Lutar é dos fortes. E a mocidade é forte.

* * *

Combatamos o mal com o bem e teremos cumprido a nossa missão. A Imprensa póde deixar de ser esta geradora de crimes, para ser o guia seguro dos nossos ideaes.

Cerremos luta contra “as ruínas amontoadas pelo mau livro e as iniquidades que como mancha gordurenta, alastram no papel com algumas gottas de tinta venenosa”. (24)

Convençamo-nos da veracidade de Schopenhauer quando diz que “dos bons livros nunca poderemos ler de mais, assim como dos máus livros nunca poderemos lêr de menos”.

Verdade de singelo bom senso, mas também de solida philosophia.

Sigamos o conselho do mesmo Schopenhauer. Não concorramos para a disseminação do que é mau, lutemos pelo contrario, com todas as forças do coração e do espirito!

A Imprensa não surgiu para o mal. O seu ideal é nobre, santo!

“Um bom livro é sempre um bom amigo”.

E lá diz o poeta:

“E' como a luz do sol, sempre maravilhosa!”

E quem nega a força que tem a Imprensa quando i estrada fascinante do bem?

A Imprensa póde fazer de um peccador um saplo basta; e esse exemplo toca-nos a nós brasileir

(24) P. Luiz Gonzaga Cabral S. J. —
sos”, I vol., p. 132.

perto, do que poderiam fazê-lo suspeitar os longes do espaço que o separavam da America e os longes do tempo que o separam da nossa época hodierna. Ora ouvi.

Sem Ignacio de Loyola, não teria tido o Brasil a guiar-lhe os passos vacillantes da sua infancia nacional aquelles como indigetes dos nossos primordios historicos que foram os Nobregas e Anchieta e a pleiade dos que os acompanharam e seguiram.

Sem Ignacio de Loyola, não teria o meu Brasil de hoje a grande felicidade de vêr a sua mocidade futura, os homens que amanhã commandarão o seu destino, guiados por um homem que se occulta por baixo da modestia de uma roupeta negra, sem conseguir esquivar-se aos applausos da sua propria luminosidade, porque afinal a modestia do Padre Luiz Gonzaga Cabral, é o polimento de seu grande talento.

Pois bem. Ignacio de Loyola é o fruto de uma bôa leitura, e por meio d'elle podemos dizer que os primeiros educadores do Brasil, que ainda hoje proseguem na sua obra maravilhosa, foram os frutos sazoados da Imprensa.

Temos assim, a Imprensa combatendo o mal e espalhando o bem.

Neste sentido bem podemos saudar com enthusiasmo a imperecivel invenção de Guttemberg! Palládio da Liberdade! Timoneiro do futuro! Labaro do bem! Salve!

A mocidade gloriosa do meu Brasil, não consente que te transformem em algemas do progresso! Nós somos a mocidade, e á mocidade cabe libertar-te.

Octacilio de Carvalho Lopes

“Per ardua surgó!”

“Per cruceu ad lucem!”

ALLOCUCÃO DO

R. P. Luiz Gonzaga Cabral S. J.

NA DESPEDIDA DE MAIO

(Gabinete Português de Leitura, 31-V-1925)



“PER ARDUA SURGO!”

“PER CRUCEM AD LUCEM!”

Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo Primás.

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado.

Illustres Representantes do Mundo Official.

Gentilissima Directoria deste Gabinete.

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Sob o docel de côres nacionaes que, á entrada da Cathedral, o vento agitava, num fremito de jubilo, parára o imponentissimo cortejo do novo Primás do Brasil.

A Cidade, que já fizera ouvir a sua voz collectiva nos applausos da primeira marcha triumphal, ia agora exprimir-se em monólogo, pelos lábios do seu intérprete official.

O Senhor D. Augusto, num improviso magnifico, approximou habilmente a legenda do seu brazão de armas da legenda tradicional do escudo da Bahia.

E não ha duvida que a approximação era feliz.

Per ardua surgo e *per crucem ad lucem* são duas formulas da mesma ideia. E' sempre o *esforço* para a *victoria*, ou esta se symbolize no attingir das cumiadas — *surgo*, pelo agreste da encosta — *per ardua*; ou se corôe de resplendores no Thabor da

plena luz — *ad lucem*, alcançando essas regiões pela subida ao Calvário — *per crucem*.

Afinal tem que ser esta a vocação dos christãos, porque não foi outra a vocação de Christo. Expressamente o disse elle aos dois discipulos de Emmaús: — “Por ventura não cumpria que Christo soffresse, para assim entrar na sua gloria?” —

Mas, até prescindindo da lei sobrenatural, tal é a condição de toda a obra de valor.

Que bem o diz a philosophia popular naquella expressão profunda e compendiosa:

“cada coisa ~~vale~~ o que custa”.

Neste sentido, bem podiam a Congregação Mariana Académica e o Circulo Cathólico de estudos da Mocidade Académica fazer seus os lemmas da Bahia e do seu Primás.

O nosso caminho é costa-arriba; mas, por isso mesmo, percorrê-lo é subir: *per ardua surgo*! A nossa estrada é a que a Imitação de Christo chama a Estrada Real da Santa Cruz; mas o terminus desta jornada é a posse da plena luz *per crucem ad lucem*!

São estes, meus Senhores, os dois aspectos que me apraz recordar hoje, aos pés de Maria, nesta sessão commemorativa do encerramento de Maio, em que a Congregação e o Circulo fazem — por dizê-lo assim — o seu balanço annual.

Feição ascensional e feição luminosa do nosso progredir: *surgo... ad lucem*.

Ah, Senhores, como este dualismo é Marial!

Celebrando a Igreja as glorias de Maria Santissima, applica-lhe aquella comparação do inspirado poeta dos “*Cantares*”: *quasi aurora consurgens*!

Subindo — *consurgens* — ahi temos o *surgo*;

como aurora — *quasi aurora* — ahi temos o *ad lucem*.

Rasteira e talvez escondida, como a violeta no alfôbre, serpeia pelo solo a hera em busca do tronco esbelto a que se arrime. Mas, depois que lhe lançou os braços, como se daquelle amplexo

haurisse pujança e vida, sobe, sobe, graciosa no ondular do caule radiculado, verdejante na pompa de suas lanceoladas folhas; e, saldando com o seu mesmo crescer a divida contrahida, vae adorando o tronco em que se ampara, primeiro com os circulos successivos de que o vae cingindo como de outras tantas corôas, depois com a opulencia luxuriante da folhagem de que lhe tece a tunica esmeraldina.

Tal se me afigura, Senhores, a marcha ascensional das obras Mariaes dos Académicos Bahianos: *surgio!*

Aquella que a Igreja proclama *Cedro do Libano e Palmeira de Cadés*, a excelsa Virgem Padroeira nossa, longe de carecer de nós, é ella quem nos offerece, arrimo, sustentaculo, haste aprumada da terra ao ceu, para ser o amparo da nossa marcha ascensional para Deus.

Digna-se contudo o Cedro, digna-se a Palmeira aceitar como se fôra adorno seu, o vicejar da herazinha, que afinal encontra a seiva na propria arvore que a sustenta.

Pois bem, Senhores: violêtazinha humilde, herazinha rasteira, tal foi sem dúvida a pequenina planta que, em 10 de Maio de 1916, apontou recatada na meia luz de uma salêta modesta do Collégio Antonio Vieira.

Os Congregados Academicos eram então cinco apenas, aos quaes se ajuntaram mais três, perfazendo o número de 8 fundadores, cujos retratos o nosso Archivo conserva no grupo correspondente ao anno de 1916. Em 1917 eram 15; em 1918, data da primeira publicação do "Annuario", 33. Em 1919 já se contavam 79; em 20 subiam a 85; em 21 a 104; em 22 a 107. Em 1923 baixavam a 101, para finalmente em 1924 atingirem a somma de 122, que já a estas horas foi muito ultrapassada.

Como tereis reparado, o augmento foi constante, excepto no anno de 1923, em que houve a differença de menos seis.

Devo contudo assignalar que essa diminuição apparente con-signa afinal mais um verdadeiro progresso, pois se originou de ter a Congregação fixado normas efficazes relativas á exigencia da pontualidade ás reuniões semanaes e de fidelidade na frequencia dos Sacramentos, para que não pudesse vir a insinuar-se, na

querida Congregação Académica, o perigo de tantas outras aggre-miações, a saber: a inscripção grégaria em vez de seleccionada, e a frequencia nominal em vez de effectiva.

Mas o *surgo* do C. M. A. não foi somente a subida de número; foi sobretudo a subida de acção: acção *intensa* e acção *multiforme*, e, por qualquer destes aspectos, sempre ascensional, *surgo*.

Melhor que ninguém posso eu testemunhar-vo-lo, Senhores, porque mais que ninguém tenho sido eu a testemunha, oxalá também algum tanto o propulsor dessa intensidade de acção.

Oito annos ha que um conjuncto de circumstancias, na apparencia desconnexas, na realidade enfeixadas pelo fio de oiro da Providencia, me fez lançar raizes nesta terra da Bahia, por tai forma identificado em ideaes, em affecto, em dedicação, em trabalho, com a ardorosa e sympathica mocidade das suas Escolas Superiores, que este grupo de rapazes, nos quaes o Brasil tem postos os olhares e as esperanças, como naturalmente se me affigura ser a minha propria familia.

Vivo os seus labores e os seus projectos, as suas saudades e os seus sonhos, os seus receios e os seus triumphos, as suas alegrias e também — quando por excepção as ha — as suas tristezas; vivo sobretudo as *lidas* intellectuaes de sua ascensão luminosa para as cumiadas da Fé, e as *lides* moraes de suas jornadas bélicas para as pugnas do dever.

Tenho sentido pairar-me nos lábios o sorriso — mais entusiasmado que vaidoso — pelo desabrochar dessas intelligencias brillhantes a empregarem-se de luz; e tenho sentido humedecerem-se-me as palpebras com suáves lágrimas, ante o espectáculo reconfortante dos seus heroismos precoces.

Reconfortante, sim meus Senhores; e bem preciso me era esse reconforto! Exilado de uma Patria — e que Patria! — que eu estremecia e que, á medida que o exilio se prolonga, estremeço sempre mais, exilado della, mas — notae bem — não exilado por ella; pois a Patria não era um punhado de homens que renegaram e perseguiram o que a Patria tinha de mais bello, de mais sagrado, de mais glorioso, de mais tradicional; e por isso mesmo de mais

seu e de mais ella mesma; exilado pois, não por ella, mas exilado por amor della, visto que, graças a Deus, o meu crime e o de meus Irmãos foi termos dado tudo, termos sacrificado tudo, para empregarmos forças, saúde, actividade e vida, no continente, ao bem do seu povo e da sua mocidade, no ultramar á evangelização e civilização dos selvagens; arrancados assim violentamente ás nossas obras queridas e ao campo do nosso apostolado, como não havia de ser-nos grato poder ao menos offerecer o nosso ministerio Sacerdotal e pedagogico á nação irmã, que nos acolheu com tamanho carinho e na qual breve encontrámos uma segunda patria?

Ora esta acção coube-me a mim exercê-la principalmente no meio desta Mocidade das escolas superiores da Bahia.

Para que seja intensa, todo o alvo a que atira é fazer de cada Congregado um superlativo de Catholico; e neste intuito a nenhuma industria damos de mão para realizar essa alta pedagogia da intelligencia e da imaginação, do coração e da vontade. Desde a uncção penetrante das ceremonias liturgicas em recolhimento sincero da oração até á lição intellectual por todas as suas formas: gabinete de leitura e salão de revistas, prelecções apologeticas e debates polemicos, palestras familiares e discursos oratorios; desde as reuniões plenarias de cada semana até aos collóquios intimos das pequenas reuniões diárias. Fallando destes ultimos, tomei eu a liberdade, faz hoje um anno, neste mesmo salão, de trazer para a publicidade deste brilhante auditorio, uns pormenores que mais poderiam parecer confidencias. Tão longe estou porém de os ter por censuráveis, que vou reincidir em vo-los communicar, pedindo licença, não para citar-me, que a tanto não tem jus a minha pouquidade, mas para repetir-me despre-tenaciosamente.

“Naquelle nosso C. A. V., em que o novo edificio, tão arduosamente desejado, ainda não pôde ter seu começo, e onde perdura ainda aquelle hybridismo architectónico de povoação rural; no meio de um amontoado de casas, communicando-se pelos quintaes, ha um pobre quarto de menos de 5 metros de comprido, por 2 1/2 de largo, trepado no esconso de uma agua furtada, ao

qual dá accesso uma escadinha puida e acanhiada, cuja claraboia única é formada por três frestas vidradas em telha-vã.

A esse quarto concorrem diariamente numerosos estudantes de engenharia, direito, medicina, pharmacia, odontologia, commercio, bellas-artes, umas vezes em visitas particulares pelo dia adiante, outras vezes em pequenos grupos — verdadeiro escol desta sadia mocidade — que á noite, das 7 1/2 ás 8 1/2, vão (como elles dizem) *ao cinema*.

Assim se convidam não raro para essa hora rápida de serão, em que de facto passam na conversa numerosos *films* de assumpto religioso ou apologético, social ou patriotico, litterário ou critico, philosophico, scientifico ou artistico, e sobretudo moral e amistosito.

Não poucos dos convidados chegam, pela primeira vez, convencidos de que vão assistir a uma sessão gratuita de cinema, no Collegio Antonio Vieira, visto o laconismo intencional dos collegas de série, que lhes perguntam se querem ir com elles ao cinema.

Nessas palestras intimas, a alma da mocidade transborda no convivio despretencioso de um amigo, dando-lhe ensejo — lisa-mente o posso testemunhar — não só de communicar-lhes elle a sua reduzida bagagem de conhecimentos, na qual felizmente o tempo, os apontamentos e a experiencia vingam compensar o que falta ao valor pessoal; mas tambem não raro de receber elle, por sua vez, daquella mocidade brilhante, elementos de saber com que as suas especializações os enriquecem”.

Só assim, alicerçadas as crenças na base sólida das convicções, podem resistir aos embates do racionalismo pseudo-scientifico, e movimentar uma vida pautada pelo dever, victoriosa ante as seducções da paixão e serenamente possuidora da alegria christã, na paz venturosa da consciencia.

Encartados assim nessa herança doutrinal do Evangelho, os jovens de cultivo intellectual superior serão como naturalmente apóstolos.

A sua acção desenfastiadamente moralizadora alargar-se-ha em mais dilatada esphera; e os dirigentes de amanhã imprimirão.

á Sociedade essa orientação de honestidade intemerata, de preferencia dada ao que é sério sobre o que é leviano, e de generoso desinteresse, que só pôdem resolver o problema social e nacional, problema alfim insolúvel emquanto durar o predomínio do egoismo e da futilidade; emquanto faltar o esforço ascensional que ha-de levar-nos ás cumiadas radiosas: *surgó! ad lucem!*

Completa-se esta pedagogia do alto ensino cathólico pelos trabalhos pessoases do *Circulo de Estudos*, fundado pela Congregação Mariana Académica e filiado nella.

Interessantissimas têem sido as dissertações apresentadas no Circulo por seus auctores e calorosamente discutidas pelos Académicos para isso designados. A maior parte dessas dissertações serão dadas a lume no primeiro tomo, publicado este anno, do *Archivo Mariano Académico*.

A todas estas manifestações de cultura e exercicio intellectual, vêm sobrelevar, nesta querida Mocidade, as múltiplas obras sociaes que já desabrocharam, como frutos opimos, dentro deste vergel Mariano das Escolas Superiores, na Cidade do Salvador.

Refiro-me á obra das *Catequesees em favor das Creações pobres*, á Secção de visita aos Pobres, e Conferencia Vincentina em beneficio dos doentes e necessitados, ás secções de chrónica, correspondência e serviço hospitalar; refiro-me sobretudo e mais que tudo ao *Pensionato Mariano Académico*, aquella de todas as nossas obras que eu considero como de maior alcance, e para cuja prosperidade nunca acharei demasiados todos os meus esforços, todas as minhas fadigas, todos os meus sacrificios; o *Pensionato Mariano Académico*, que assegura á mocidade ali reunida, numa camaradagem verdadeiramente fraterna, uma atmosphera de prophylaxia moral e de cavalheirosa distincção, que, longe de diminuir, favorece e intensifica a intimidade leal e intensamente alegre de um lar, onde convivessem membros de uma só familia; o *Pensionato Mariano Académico*, para cujo progresso, melhoramentos, conforto, e constante desenvolver, não me cansarei de pedir o favor generoso dos Governos e dos Particulares, na certeza de que tudo quanto fizerem para assegurar-lhe o futuro próprio de uma obra desafogada e estavelmente constituida,

tudo será preparar para a Patria o mais efficaz dos beneficios: um escol de intellectuaes, modelares na probidade austera, no desinteresse pessoal, no amor ao trabalho, na dedicação omnimodas, no espirito genuino do Christianismo, e por isso mesmo no único patriotismo que não é *snóbico e chauvinista*, mas efficientemente brasileiro, isto é: assegurador para o Brasil de amanhã de homens que lhe dêem uma vida nacional, integralmente de honra immaculada e de realização fecunda, em todos os ramos de verdadeiro progresso.

Minhas Senhoras e meus Senhores. Um ideal ao mesmo tempo tão uno e tão complexo, se eu apenas pusesse os olhos na pequenez do obreiro que o tem trazido entre mãos, seria para desalentar e esmorecer. Felizmente a meditação assídua do Evangelho já me habituou aos estylos de Deus: realizar obras grandes com pequenissimos instrumentos!

Não desalentei, pois; e sobram-me razões de alegrar-me.

Em 7 annos tem-se feito muito, Deus louvado! Ninguém mais acabrunhado de gratissima surpresa, ao verificar o que já se realizou, do que eu mesmo, que bem vejo quanto a minha minúscula personalidade seria ridiculamente improporcionada para taes resultados.

Exmo. Sr. Dr. Góes Calmon, Muito Digno Governador do Estado!

V.^a Ex.^a faz parte do grupo de 26 cathedráticos que honraram o Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Académica, inscrevendo-se nelle como Socios Honorários.

Humilde Director destas obras de Juventude na Bahia aprobeitei, o anno passado, em circumstancia identica, a occasião de dar público testemunho do nosso reconhecimento, entregando a V.^a Ex.^a o Diploma de Honra da nossa Aggremiação.

Este anno renovou-nos V.^a Ex.^a a honra de vir presidir em pessoa a nossa festa. E' mais uma noite, que ficará memorável nos Fastos intimos da Juventude Marial das Escolas Superiores da Bahia. Mas neste anno de 1925, a nossa Presidencia é duplamente honrada, porque, ao lado da Suprema auctoridade do Estado, eu vejo, a sancitificá-la, para dar-lhe bem o cunho que mais

compete a este anno Santo, o virtuoso Prelado que a Divina Providencia concedeu á Bahia como a melhor das prendas. A festa que nos reúne não podia ser mais opportuna para esta dupla Presidencia.

E' a nossa homenagem annual á Celeste Padroeira da Congregação Mariana Académica e do Circulo Cathólico de Estudos, Padroeira querida, que o é tambem do nosso Brasil, e da nossa Bahia.

E' a despedida de Maio, em que já vem sendo tradição entre nós fazer-se a sessão conjuncta da Congregação e do Circulo, numa Tertúlia íntima para encerramento do mês das Flores.

Maio saudoso! Maio de rosas e assucenas! Maio de madrugadas riosas e de poentes afogueados! Maio de sorrisos e de affectos, de conselhos e de súplicas, de promessas e de esperanças, de poesia e de cantares! Maio de thronos floridos e de velas crepitantes, de toalhas rendilhadas e de thuribulos fumegantes! Maio da Virgem! Maio da Mãe de Deus e nossa Mãe! Maio saudoso, salve!

Este SALVE é o resumo da sessão desta noite: é uma saudação a maria, saudação que é um acto publico da vossa fé, ó Mocidade Cathólica das Escolas Superiores da Bahia! saudação que é uma saudade dos 31 dias passados junto ás aras de Maria! saudação que é uma prece a implorar o patrocínio da Virgem, para a Igreja e para a Patria; e para os Representantes de uma e outra que aqui vemos honrando a nossa festa e estimulando os nossos brios

Mas se a nossa Saudação á Virgem nesta despedida de Maio tem o valor de uma prece, não deixa tambem de ter, como sempre, o valor de uma affirmação solemne de principios e de uma manifestação da vitalidade por parte da Congregação Mariana Académica e do Circulo Cathólico de Estudos. Uma e outra Instituição aproveitam o ensejo de agradecer á illustre Directoria do Gabinete Português de Leitura o ter-nos tornado possível, com a gentileza da sua generosa hospitalidade, a muito maior publicidade data neste formosissimo salão áquella affirmação de principios e a esta manifestação de vitalidade,

Seja esta vitalidade a realização constante do ideal duplo da Religião e da Patria que vim recordar-vos esta noite ao apontar-vos os lemmas suggestivos dos dois braços da nossa Bahia e do seu Primás:

Per ardua surgo! Per crucem ad lucem!

Disse.



Renascimento Marial da Juventude Bahiana

Discurso do Congregado Academico de Engenharia

Raul Velloso Saraiva,

pronunciado em a noite de Domingo, 31 de Maio
de 1925, na festa Marial da Congregação
Mariana Academica, no salão nobre do Gabinete
Português de Leitura.



Renascimento Marial da Juventude Bahiana

Exmo. e Revmo. Sr. D. Augusto Alvaro da Silva, Meritissimo Arcebispo da Bahia e Primás do Brasil, Exmo. Sr. Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, legitimos representantes da Igreja Catholica e do Estado da Bahia — Querido Padre Director da C. M. A. — Minhas Senhoras — Meus Senhores.

Nas condições em que surgiu a Congregação Mariana Academica da Bahia foi talvez seu principal realce o do contraste.

Num meio em que tantos, e tantos, na mocidade academica, primavam pela falta de Religião, proclamavam sem reboço a sua incredulidade e julgavam de bom tom o positivismo retrógrado, ou essa incoherencia feita de contradicções, que se chama livre-pensamento; não deixava de ter um certo sabôrzinho exotico a appareição de pequenina grei reaccionaria.

Não ha duvida que a opposição era flagrante. Se ainda hoje deparamos aqui e ali com reliquias ancestraes de sympathias comtistas; que seria quando era mais proxima a influencia dos iniciadores do actual regimen, culpados como Benjamin Constant, pela inserção do lemma positivista na nossa bandeira?

Com esses restos de positivismo, mesclava-se em muitos um prurido de racionalismo, em que era de moda negar a perfeita harmonia entre a Religião e a Sciencia, como se as mais rígorosas

estatísticas não tivessem já demonstrado irrefutavelmente que a porcentagem dos homens de fé, entre os maximos propulsores das sciencias, deixa a perder de vista a infima minoria dos incredulos que figuram nesta lista de glorias.

Bem sei que algumas excepções havia já então, que não partilhavam esses ideaes negativistas, se é que este sympathico nome de ideal se póde dar ao decadentismo de quem só destróe sem construir. Mas esses mesmos elementos de sadia orientatção não chegavam a formar uma reacção organizada, que dêsse impulso efficaz a uma corrente de opinião.

Já não fallo de alguns catholicos de rotulo, que só são vistos nas igrejas para representações officiaes, festivas ou funerarias, quando não é para as profanarem com frivolidade e mundanismo, de que por vezes são theatro ceremonias religiosas de sua natureza tão respeitaveis como o Mez de Maria e a Santa Missa.

Infelizmente, exemplares desses ainda não desapareceram de todo, como nem os christãos de palavra e catholicos por conveniencia, para quem symbolo e decalogo hão de soffrer amputações pela selecção arbitraria dos seus caprichos: sacramentos sem confissão, virtudes sem penitencia, mandamentos sem preceito de castidade, vida futura sem penas eternas.

Tal era, Senhores, com pouca differença, o meio academico em que nasceu a nossa querida Congregação.

Foi então que um grupo de rapazes corajosos se reuniram em volta de um admiravel religioso, que agora, com mais de 60 annos, acaba de partir para a China a consagrar-se á salvação das almas naquella longinque e ardua missão, o R. P. Antonio Maria Alves, da Companhia de Jesus.

A Congregação Mariana Academica foi fundada por elle e por elle entregue mezes depois á direcção do admiravel Padre Cabral, que hoje a governa com ardôr e carinho:

Teve a nossa Congregação os melhores resultados para a orientação moral e religiosa da mocidade academica. Os mais antigos dentre nós ainda se lembram da estranheza e hostilidade com que os primeiros congregados eram recebidos entre o corpo discente das faculdades.

Mas, foram elles, á custa de não poucos sacrificios, os que nos conquistaram a situação de respeito e camaradagem que hoje gratamente verificamos na grande maioria dos nossos collegas. E, contudo, é bem notoria a differença da nova mentalidade e da nova pratica religiosa.

Quem pensava, outr'ora, no meio Academico, em frequencia de Sacramentos ou em retiros espirituaes fechados?

E hoje, perto de 100 estudantes das Escolas Superiores vão ajoelhar-se desassombradamente á mesa da Communhão, com frequencia nunca menos de mensal, para muitos hebdomadaria e para um grupo integralmente fervoroso com frequencia diaria.

Os Exercicios de Santo Ignacio, feitos annualmente por espaço de 7 dias começados, (5 dias inteiros), com todo o rigor de silencio, recolhimento e séria meditação, congregam todos os annos um alentado escol de academicos, com o generoso sacrificio da parte das suas ferias de S. João.

Nasceu a congregação com 5 membros; e apenas com 7 annos de vida, conta 124 congregados, incluindo os diplomados que entre nós fortaleceram sua fé e dispersos por todo o Brasil exercem, de norte a sul, a sua influencia benefica.

Quantos desses foram convertidos pela propria Congregação, vindos alguns de bem longe para os nossos ideaes, vivendo hoje intensamente as nossas alegrias, vibrando com os nossos projectos, edificando-nos com suas virtudes e realizando o formosissimo typo de verdadeiros apóstolos, alguns delles até de austeros religiosos.

Que differença, Senhores, hontem e hoje!

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado; faz hoje um anno que V. Exa. dirigindo-nos a palavra neste mesmo recinto, nos felicitava "mais ainda que pelo valor litterario e documental dos trabalhos em prosa e verso (foram palavras de V. Exa.) pela coragem com que todos aqui nos apresentamos em pleno salão com as nossas fitas mariaes ao pescoço e as nossas medalhas da Virgem Maria ao peito e sobre o coração".

Do mesmo modo, minhas Senhoras e meus Senhores, nos vêdes aqui este anno, reunidos em volta do nosso estandarte, que

é a bandeira da SS. Virgem e São José; este mesmo estandarte querido, que as nossas vozes saudaram na abertura desta sessão e a cujo fluctuar, desassombradamente atravessamos as avenidas da cidade, ouvindo as mais das vezes o concerto dos louvores e das sympathias da Bahia culta, da Bahia pensamento.

Alguma vez tambem ouvimos o dichote de algum cretino, incapaz de comprehender ideal religioso; mas esse leva de ordinario a esmola de uma resposta opportuna, que poderia figurar nalguma collecção de espirituosas farpas.

Senhores, as Congregações Marianas resumem a sua vida nesta trilogia fecunda: Piedade, Estudo e Acção.

A Piedade, fonte viva de graças do Senhor, é a pedra fundamental das associações religiosas e a maior força para a vida interna dos associados.

A sua influencia sobre a formação moral dos jovens, por muito que eu a encarecesse, não chegaria a dizer-vos tudo o que a experiencia propria nos revela de seus incomparaveis thesouros.

As maiores conquistas, as mais notaveis transformações moraes, concede-as Deus á verdadeira piedade.

Senhores, todos os que nos presamos de catholicos estamos familiarizados com esta verdade: Nenhum homem, por mais puro e forte que seja, póde, por suas proprias forças evitar grandes erros, nem conservar-se puro sem a Graça de Deus.

Esta força e esta graça são conquistadas sómente pela piedade, piedade — recolhimento, piedade — oração, piedade — frequencia de Sacramentos.

Esta virtude, felizmente, até hoje, não foi esquecida pela Congregação Mariana Academica da Bahia.

Mas piedade sem alardes espetaculosos; e ao mesmo tempo sem timidez cobardes e sim com desassombro e fervor.

Os exemplos de desassombro na piedade da nossa querida Congregação são numerosos; alguns delles podereis lê-los, meus Senhores, nas chronicas publicadas no 1.º volume do nosso "Archivo Marianó Academico" sahido do prélo da Imprensa Official e posto á venda em beneficio das nossas obras sociaes.

Foram nelles actores e protagonistas, ora alguns dos activos

congregados academicos, ora os diplomados pelas Escolas e formados moralmente pela nossa aggremação.

Felizmente estes ultimos não podemos chamal-os de ex-nossos.

Quantos delles agora nò nosso meio, frequentam as nossas reuniões semanaes e fazem connosco os Exercicios Espirituaes Fechados.

Mas aquelles que, pela conquista da vida, nos foram roubados para longe, continuam tambem a ser nossos, não nos esquecem nas cartas com que se fazem presentes ao nosso meio, nem sobretudo na continuação da piedade, adquirida na nossa benemerita congregação.

No emtanto, Senhores, grande parte da Bahia desconhece isto, e é preciso que ella o saiba, que ella vibre connosco, e partilhe do nosso bem, não para orgulho dos congregados que praticam estes actos, mas para que o bom nome da Congregação estimule a muitos outros e seja uma força efficaz para a catholização pratica do nosso Estado.

E' preciso que se saiba que nas Igrejas da Cidade do Salvador, principalmente naquella humilde capella do Collegio dos Jesuitas, a Bahia culta, a Bahia intellectual se confessa e communga sem respeitos humanos, na pessoa dos Academicos de todas as Faculdades, bem como dos medicos, dos engenheiros, dos bachareis e até dos lentes das nossas Escolas Superiores.

Mas, queridos patricios, se tudo isto é pouco para o que ambiciona o nosso zelo, deixae que nos voltemos para Aquella em quem temos posto toda a nossa confiança.

Virgem Maria, cuja imagem aqui tenho deante dos olhos, bordada a matiz sobre o nosso estandarte; trazei a esta mesma pratica tantos dos nossos collegas e amigos ainda indifferentes: fortalecei-lhes a fé e dae-lhes o zelo d verdadeiros apostolos!

O segundo elemento vital de uma Congregação Mariana é o estudo, applicação do espirito para a conquista da sciencia.

Ora, Senhores, a Bahia, berço de grandes intellectuaes, terra de afamadas Escolas Superiores, não podia ter uma congregação

que se descuidasse dos estudos e devido a isto a nossa tem se preoccupado delles com afincio.

Para isto fundou o Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, gremio em que seus membros apresentam trabalhos scientificos de suas respectivas especialidades, que em sessões publicas são discutidos por outros que previamente as puderam lêr e ponderar.

O C. E. da nossa Congregação annuncia-se para o presente exercicio, particularmente auspicioso, visto que a inscripção de Conferencias ultrapassando em brio e numero ao dos annos anteriores promette não uma sessão mensal, mas 2 sessões por mez até ás ferias de Dezembro.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo, não quero deixar de informar a V. Exa. Revma. que muitos desses trabalhos são sobre a Sciencia de Deus, sobre a Religião ou ao menos versam assumptos das nossas Faculdades respectivas, em suas relações com a Verdade revelada, contribuindo assim para formar em nós zelosos apóstolos da causa de Deus, pelo pensamento, pela palavra e pelo escripto.

Essa, Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz, é uma das nossas mais ardentes aspirações, sermos os defensores da Santa Igreja, os soldados, embora sem galões vistosos, nem patentes de categoria, no campo de batalha!

Este grupo de rapazes faz questão de declarar a V. Exa. Revma. que póde contar com elles com certos a seu lado para a defesa da nossa Mãe a Santa Igreja Catholica.

Finalmente a acção.

Agora é a vós que me diriço, queridos congregados e pre-sados irmãos em Maria Santissima.

Depois de piedosos e estudiosos, depois de armazenarmos a fé, a graça de Deus e a sciencia, podemos partir sem receio, devemos ir avante e sermos homens de acção; mas de acção decidida e intemerata.

O nosso papel, no "*Renascimento Marial da Juventude Bahiana*", é importante; mas, os grandes movimentos transformadores,

para lograrem effeito, necessitam, de homens que não se poupem a sacrificios, numa palavra: de homens de acção.

Entre as idéas transformadoras, as mais importantes e difficeis são as da Religião, principalmente quando esta Religião exige sacrificios generosos e quando para triumphar é preciso combater e combater muito.

Ora, a quem melhor que a nós, os novos, incumbe este brio em terçar as armas sem desanimo nem pusillanimidade?

Senhores! o apostolado da nossa terra deve ser realizado pela Juventude Academica Marial.

Ha-de ser Marial por amor e ha-de ser Marial por astucia. Ninguem me condemne antes de me ouvir.

Por amor, disse, porque Maria, como Mãe nossa muito querida, é quem nos faz irmãos em Jesus; e quem nega, meus Senhores, quem póde negar seu amor a tão bôa e tão santa Mãe?

Por amor, porque o que este sentimento não conseguir modificar e transformar nenhuma força ha que o possa realizar.

E disse tambem por *astucia*, porque, quando queremos obter favores de alguem altamente collocado, em vez de irmos directamente a elle, vamos por intermedio do amigo, do parente, do prestigiado. Mas, quando este prestigiado, este amigo, este parente é a propria Mãe do magnate, então, sim, nos damos por mais venturosos, seguros e confiados.

Senhores, quiz Deus em sua Providencia que com Elle se desse o mesmo, os favores pedidos por intermedio da Sua Santa Mãe são mais efficaizmente concedidos.

Eis a astucia a que alludia ha pouco, pedir a Deus por intermedio de Maria; mas astucia santa, astucia ensinada pelo proprio Deus e que constitue uma das lidimas glorias de Sua Mãe Santissima.

* * *

O nosso apostolado deve ser da juventude academica.

O homem que atravessa virtuoso e puro a juventude, idade das grandes conquistas do espirito, mas tambem das grandes ba-

talhas da Alma, terá o resto da vida, n'uma consequencia logica, da virtude e da pureza, conquistadas nessa pedagogia da mocidade.

Portanto, senhores, muito importa que seja da juventude o nosso apostolado na Bahia, principalmente da juventude estudiosa e ainda mais da que frequenta as Escolas Superiores.

Já observou Tanqueray que: "A virtude de um paiz se mede pela juventude".

Por isso um dos ardorosos ideaes da nossa Congregação é purificar a mocidade estudiosa da Bahia, os futuros dirigentes da Nação, a intellectualidade vindoura, a cabeça pensante do paiz de amanhã. Esta mocidade purificada será a salvação da Patria e o baluarte da Religião Catholica.

Para tão grande transformação são precisos homens de acção, de trabalho, de abnegação; e estes queremos ser, nós congregados, ainda mal que em tão pequeno numero para tão vasta empresa.

Mas, não receeis, repetirei com o Divino Mestre: não receeis pequenina grei; avante! avante!

Façamo-nos respeitar pela vida de virtude; convençamos pelo exemplo; e breve passaremos de poucos a muitos.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Primaz.

Estes queremos ser:

Apostolos pela palavra convincente da verdade, refutadora dos erros, incitadora do bem e pregadora da virtude.

Apostolos pelo jornalismo, jornalismo desassombrado e não o jornalismo do dinheiro e do respeito humano.

Apostolos, lutando a favor dos grandes movimentos moralizadores, guerreiros valentes e heróes, contra os envenenadores das consciencias.

Eis os homens, Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, que a Congregação Mariana Academica quer preparar para a defesa e engrandecimento da Patria.

São os medicos competentes, que, combatendo as doenças, fertilizam a raça.

São os engenheiros honestos e notaveis, que construindo honradamente, espalham a civilização, a industria, o commercio.

São os bachareis eruditos na defesa da lei, da justiça e todos os interesses da Pátria;

São os apóstolos do verdadeiro Patriotismo, sendo as sentinellas avançadas contra os inimigos da mesma Pátria, principalmente contra alguns brasileiros que querem despedaçal-a e desmoralisal-a com revoltas sem elevadas aspirações, revoltas de odios pessoais e de conquista de fortuna e de posições; homens sem intuitos de desinteressado patriotismo, impacientes de todo jugo, sonhando por independência a licença intemperante, sem respeito á auctoridade, sem abnegação para sacrificarem seus interesses particulares ao bem commum e universal.

Neste resumo da vida interna e externa da Congregação para Academicos de Escolas Superiores não tive em mira louvores a pessoas, e por isso mesmo não offendi a modestia de ninguém.

Tive apenas occasião de apontar de relance os actos da Congregação, não para elevál-a em plano superior ás outras associações congeneres, mas para tomar dahi ensejo para glorificar a Benditissima inspiradora dessas acções, a nossa Mãe Santíssima.

Hoje, na festa do encerramento do seu mez, eu quiz offerecer em nome dos meus collegas e irmãos, um presente de gratidão á Celeste Padroeira do Brasil, e nenhum podia ser melhor que esta corôa espiritual.

Pobres são as flôres, porque enfim são nossas; boninas simples que não teem nem o deslumbramento de côr, nem a opulencia de grandeza que admiramos nas rosas bem cultivadas.

Mas, ao mesmo tempo, parece-me poder dizer que tambem são ricas e bellas porque são vossas; vossas porque é vosso o Cantreiro — a Congregação Mariana Academica, vosso o jardim — o vastissimo jardim das Congregações aggregadas por todo o mundo á Prima Primaria de Roma.

Aceitae-as, pois, oh! Virgem Immaculada, como mimo filial do encerramento de Maio, dae-nos em tronco a vossa benção maternal, para que, este Renascimento Marial da Juventude Bahiana, cresça, medre, vá por diante com ineffavel gozo da Religião, proveito intenso do Brasil, nossa Pátria, e gloria singular de nossa amada Bahia.

Religião e Pátria

Ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, D. D.
Governador do Estado da Bahia.

Poesia do R. P. Luiz Gonzaga Cabral S. J.,

Recitada na Festa Marial de 31 de Maio de 1925,

PELO ACADEMICO DE ENGENHARIA

Joaquim de Araujo Lima



Religião e Patria

Bem ao cimo, a arquear-se, a cúpula
Do tri-secular mosteiro;
Rampa abaixo, um povo inteiro,
Respeitoso, alas a abrir;
Do sol aos ardentes ósculos,
Por aureas franjas orlados,
Brilham do Pallio os brócados,,
Que as auras vem sacudir.

Mil a mil chovem as pétalas,
Echôam salvas de palmas,
Vibram mais ainda as almas
Acclamando o seu Pastor.
De repente, á turba innúmera,
Junto ao Primás se depara,
Do Pallio empunhando a vara
O nobre Governador.

A esbelta estatura aprúma-se,
Grave o passo, segue avante,
E da expressão radiante
Transborda gozo viváz,

E' que em ti, bastão e báculo
Vão, Bahia, lado a lado,
Bem como o Chefe do Estado,
Do Brasil junto ao Primás

Emblema expressivo e authenticico
Dessa alliança perfeita,
Que, sem confusões, estreita
A Patria e a Religião:
Duas joias num escriptorio,
Duas pétalas num lyrio,
Duas chammes em um cirio,
Dois estos num coração.

Após a sanha tyrannica
Dos Neros e Dioclecianos,
Vieram da Paz os annos
Para a Egreja e os filhos seus.
Sobre a corôa do Império
Pôs a Cruz fulgor divino,
E o sceptro de Constantino
Inclinou-se aos pés de Deus.

Num só abraço estreitaram-se
Estado e Egreja, e na Europa
Por toda a parte se topa
O fructo dessa União:
Brotam as normas juridicas,
Nórtendo-as a lei eterna,
Brotam a cultura moderna,
Brotam a civilização.

Em dia porém fatidico,
Transformou-se aquelle abraço
Nos apertos de um barão
Para a Egreja estrangalar.

O Sacerdocio e o Império
Em vez da opíma permuta
De seus bens, entram em lucta
Tantas vezes secular.

E quando, com nome hypócrita,
Por líberaes se alardeiam
Seitas que a Roma guerreiam,
Fingindo respeito e amor;
Prefere a Egreja Cathólica
Desligar-se-lhes do abraço,
Por que não chegue a ser laço
Que lhe entorpeça o vigor.

Livre então do Beneplácito
E de intrusas ingerencias,
Taes armas a Egreja vence-as
Soffrendo a separação.
Mas nesse regime-hypóthese,
Valha ao menos o respeito
Com que o Estado affirma o preito
A' fé de toda a nação.

Neste preito, ó minha Pátria!
Quem te leva a dianteira?
Pôdes, erguida a viseira,
Campear entre as nações.
Teus primores diplomáticos
De fidalgo protocólo
Ecoaram de polo a polo
Dos crentes nos corações.

Comtigo, Brasil, a unisono
Com tua diplomacia,
Está concorde a Bahia
E se não, olhae! olhae!

Eis numa só presidencia
Os dois poderes unidos...
Hoje, como em tempos idos,
Tractamos a Deus por Pae!

E unidos no templo viram-nos
Da Primacial entre as telas,
E entre os cristaes e baixelas
Do Paço da Acclamação;
Unidos, ao sol esplendido
De um dia de Primavera,
A' turba que se agglomera
Dando o exemplo da união.

E ao Chefe do Estado ouviram-no,
Com radiante intimativa,
Soltar commovido viva
Junto ao trono do Primás:
"A' Santa Egreja Cathólica!"
Traduzindo a alma bahiana,
Fez vibrar o seu hosanna,
Sem medo ao zoilo mordaz.

Oh! bem haja o emblema authenticco
Dessa alliança perfeita,
Que, sem confusões, estreita
A Patria e a Religião:
Duas joias num escriptorio,
Duas pétalas num lyrio,
Duas chammas em um cirio,
Dois estos num coração!

“Acies ordinata”

Discurso pronunciado na Festa Marial de 1925, em 31 de Maio, no
salão nobre do Gabinete Português de Leitura

PELO

Dr. Anísio Spinola Teixeira



“**Acies ordinata**”

As circumstancias desta sessão, nitidamente marial, levaram-me a intitular as paginas que se vão lêr com um epitheto mariano que a muitos deve ter intrigado.

Acies ordinata — Um titulo marial opportuno — E esta restricção, se limita o titulo geral, não o esclarece.

Acies ordinata — são palavras dos Cantares — *castrorum acies ordinata* — dirigidas á Sulamita trigueira e bella, e applicadas pela Igreja a Maria: — exercito em ordem de batalha; palavras que, aliás, expressam aptissimamente os fins apostolicos desse exercito epiritual que é uma Congregação Mariana.

No pequeno estudo que fizemos, esse titulo foi escolhido porque resume de um modo frisante duas noções — acção e ordem — acção robusta e prompta a desencadear, — ordem rigida, especifica, cimentada de submissão e disciplina.

Ora, acção e ordem são os caracteristicos das élites que se estão aqui formando, á sombra dessa organização epiritual das congregações marianas.

Presidindo, no anno social que hoje iniciamos, a uma *secção de estudos* da Congregação — pareceu-me opportuno bordar alguns commentarios sobre — ordem e acção intellectuaes.

A exiguidade do tempo que me foi reservada para estas pa-

ginas seja o fundamento da minha excusa e o motivo do vosso perdão á obscuridade ou incerteza de algumas dellas.

* * *

A ordem e disciplina do pensamento, por isso que preparam a ordem e disciplina da acção, são factos de amplitude e alcances incomparaveis.

Muito feliz me sentiria se lograsse precisar aqui, historicamente, até que ponto a intelligencia realizou essa ordem e disciplina e quaes as razões actuaes para crêr ou descrêr em uma epoca de equilibrio e segurança da intelligencia.

* * *

Limitemos as nossas indagações á idade moderna.

A Idade Media foi um periodo excepcional, que os inquietos deste seculo difficilmente poderemos comprehender.

Os estudos de philosophia medieval, iniciados com singular successo em Paris e dirigidos principalmente pelo grande Etienne Gilson, procuram accentuar o vigôr excepcional daquellas intelligencias austeras, perdidas somente de paixão pela verdade, mas de uma paixão ordenada, lucida e obediente.

Conhecedores severos de si mesmos e certos de que não ha ordem de mais facil transgressão, do que a ordem intellectual, aquelles philosophos se apoiavam e se sustentavam prudentemente na grande força organizada da Egreja.

Sustentados, apoiados pela Egreja, puderam, sem o perigo da extravagancia, do erro, da indisciplina e da desordem, tentar os mais audaciosos vôos da intelligencia.

Ahi o segredo da grandeza de uma epoca, para quem os fortes estudos actuaes estão reivindicando um dos primeiros logares na historia.

* * *

A nossa entrada na vida moderna faz-se pelo periodo encantador do renascimento, repentinamente florescer das velhas raizes da

espírito hellenico na civilização occidental, longo tempo trabalhada pelo ascetismo intellectual da meia-idade.

E' um periodo brilhante do espirito humano, em que a intelligencia teve uma realêza ephemera e mais apparente do que real.

Os poetas e os principes sonharam um reino amavel do espirito.

Erram os que desejam distanciar o renascimento da idade media pelo abysmo de uma transformação.

A continuidade historica desses dous periodos é perfeita.

Sem a severa disciplina intellectual da idade media não seria possivel o desafogado mas ordenado desabrochar dos filões antigos do hellenismo.

O renascimento foi assim um periodo de festa para o espirito, em que os excessos ou as indisciplinas não poderam trazer o caracteristico das perturbadas phases de transição.

Sobretudo, e vale examinar este ponto, a intelligencia tinha um papel subordinado neste reinado das artes, da belleza e do bom gosto.

Havia um conjuncto de verdades longamente estudadas e adquiridas que constituiam o regimento desta sociedade.

As verdades moraes e religiosas constituiam um codigo conhecido e legitimo que governava o espirito.

A intelligencia tinha a actividade elegante de tornar amavel a vida.

Nem de longe lhe passava o sonho de reconstituir o mundo

Vivia-se afinal uma epoca de ordem, de equilibrio, de tranquillidade mental.

Entretanto, parece que se repetiu ali uma grande lei intellectual e moral, estudada por Bourget no seu *Le démon da midi*. resumida nas ultimas palavras desse forte e bello livro: — é preciso viver como pensamos, sinão cêdo ou tarde viremos a pensar como vivemos.

Charles Maurras, explicando exactamente a feição caracteristica da actividade intellectual e litteraria dessa epoca, cita o

facto de um poeta que se reunia com os seus amigos para offercer libações a Baccho e ás musas e mesmo sacrificar-lhe um pequeno cordeiro, mas que tem o cuidado de especificar que tudo aquillo faziam como divertimento e méro jogo litterario.

Entretanto, não se corôa um joven inutilmente das rosas da fabula, sem que a secreta complacencia do seu espirito pelas festas pagãs, use e corrompa, pouco a pouco, a integridade de suas doutrinas.

Maurras não tem razão em julgar tão innocentes os jogos pagãos de renascimento.

A feição espirital daquellas festas operava pela sensibilidade na intelligencia.

E a ordem, o equilibrio salubre, herdado do forte e livre periodo medieval, passo a passo se corrompia e usava, ao contacto do hellenismo facilmente paganisavel do renascimento.

Dahi o que poderiamos chamar a decadencia dessa epoca, culminada em uma crise da intelligencia religiosa.

A crise da sensibilidade levou á degradação dos costumes e esta preparou ou permittiu a crise dos principios.

A reforma teve, ahi pelo menos, a sua occasião.

Nasceu com a reforma a desordem mental que ainda hoje soffremos.

O gesto de Luthero foi o gesto da intelligencia que se julgou omnipotente.

Attentae bem que o catholicismo havia dado á intelligencia o sentimento da sua medida e dos seus limites.

A verdade elemental e inicial do catholicismo é de que a intelligencia é uma força restricta, que é preciso organizar-se, conhecer-se, medir-se, que precisa eminentemente, para me servir de um barbarismo expressivo, de um *contrôle*.

A reforma pelo livre exame installou a indisciplina.

Acceitando o criterio da consciencia individual para a verdade, realizou a mais grosseira obra de anarchia mental, que podemos imaginar.



*Quadro da Congregação Mariana Acadêmica
(Aquarella)*

A consciencia de cada um facilmente se põe a unisono com a fantasia de cada um. Nesse terreno fugidio e inconsistente da intelligencia individual, toda obra ha de ser fugidia e inconsistente.

A questão religiosa, ruidosamente inaugurada com a reforma, dividiu a civilisação occidental em dous mundos mentaes diversos.

Por circumstancias e motivos, que não vale agora estudar, o protestantismo expandiu-se pelos paizes saxonicos e o catholicismo fixou-se nos paizes latinos.

A lucta empenhada foi severa e sem verificarmos até que medida a victoria dos paizes latinos foi completa, podemos revêr esse forte seculo XVII, que se seguiu ao periodo perturbado pela maior crise religiosa do mundo occidental, com um sereno orgulho.

Foi o seculo da razão e do equilibrio.

Continuaria, talvez, a trabalhar surdamente no espirito humano a inquietação religiosa. Mas, essa inquietação era distante e apagada.

O que florescia victoriosamente era um forte e livre espirito de ordem e de disciplina.

Póde se appellidar, no sentido legitimo da palavra, o seculo XVII, o seculo classico da humanidade, pela grande fortaleza do "espirito de auctoridade e de aristocracia" que o dominou.

O espirito de auctoridade e de aristocracia é o grande poder organizador de um estado.

Sobre essa base que é a terra firme da intelligencia, a actividade espirital de um povo expande-se e irradia livre e submissa.

Não extranheis a formula profundamente verdadeira — livre e submissa.

O espirito classico é um espirito de ordem, de classificação, de categorias.

Ficou a intelligencia livre para se mover, ir e vir, praticar todas as audacias, todas as originalidades, dentro das condições por ella mesma assentadas e reconhecidas.

A intelligencia tem as suas leis, leis que a servem e que são a condição do seu vigor, da sua belleza, da sua liberdade.

Essas leis eram firmes no seculo XVII.

Osons...

Mais inventer n'est pas, en un brusque abandon,

Blessar la verité...

Por isto o seculo XVII foi, por excellencia o seculo catholico da idade moderna.

Os seus vigorosos espiritos constituem para os estudiosos de mentalidade liberta de preconceitos a mais saudavel companhia intellectual.

A intelligencia conserva o seu papel subordinado de uma nobre mas não omnimoda actividade.

De verdade ella alimenta e distráe os espiritos, eleva-os, consola-os, cria um ambiente superior para as sensibilidades, mas ainda não lhe tocou o desvairo de governar o mundo e ser a unica força omnipotente e creadora.

Estava reservado ao seculo XVIII esta hypertrophia insensata da intelligencia.

Para dizer sobre o seculo XVIII, devemos ir a essa França, naquella epoca, como talvez hoje, cabeça influente e quasi todo-poderosa da civilização occidental.

O espirito revolucionario refluira para os paizes saxonicos. Os paizes latinos haviam retomado os fundamentos classicos de sua civilização.

Mas, não sei se pela ausencia de grandes intelligencias vigorosas, se por algum defeito da educação mental dos espiritos, a França e na França Paris, viu-se dominada por tres intelligencias singulares — a de Voltaire, a de Montesquieu e a de Rousseau — um philosopho, vá lá o nome, um politico e um poeta.

Secretas affinidades fizeram da obra desses tres homens quasi que uma unica obra.

Os dois primeiros trouxeram de sua viagem á Inglaterra os elementos para a sua prédica.

Intelligencias cultivadas, e a de Voltaire extraordinariamente brilhante, puderam implantar, em uma epoca intellectual fraca, uma hegemonia que trabalhou fortemente o espirito francês.

O outro, o genôvez, o poeta, coroou essa hegemonia. Foi a figura central da prègação revolucionaria.

Prègaram uma nova factura politica intellectual, moral e religiosa do mundo.

A palavra de orde mde Rousseau foi o regresso á natureza. A destruição singela de tudo que a civilização, a intelligencia, o labor espiritual do homem havia feito.

Poderíamos, de alguma sorte, dizer que foi a epoca de ouro da intelligencia, no sentido do seu dominio sobre os espiritos, se na hegemonia intellectual se pudesse prescindir da orientação para a verdade ou para o erro.

O unico governo de intellectuaes que tivemos no mundo, foi o desses tres ideologos fuliginosos do seculo XVIII sobre uma sociedade rebaixada e empequenecida pelo desprezo do bom senso e da razão.

A prègação venceu em toda linha.

Essas tres intelligencias exerceram sobre a França uma dictadura mental absoluta e generalizada.

A revolução já se tinha cumprido em todos os espiritos, quando foi effectivada pelos pequeninos factos do famoso 14 de Julho.

De tal sorte se tinha imposto a palavra escripta dos intellectuaes da epoca, de tal sorte dominada a litteratura dos Voltaires e Rousseaus, que um dos espiritos mais vigorosos do nosso tempo poudé dizer, que o successor dos Bourbons foi o homem de letras.

A revolução francesa foi a continuadora logica do espirito da reforma, novamente trazido á França pelos grandes *deracinés* que foram Voltaire e Montesquieu, apaixonados pelas novidades mediocres que estudaram incompletamente na Inglaterra; e Rousseau, pobrezinho sem patria, autodidacta ingenuo que verificara que a perfeição se encontra no estado selvagem e a lucidez e penetração intellectual no ignorante.

Para o objecto do nosso estudo, o que vale, porém, observar é que a intelligencia a quem fôra entregue o mundo para o refazer a seu bel prazer, commettia o mais formidavel disparate de todos os tempos, com a maior obra de ideologia politica e moral que podemos conceber.

O periodo napoleonico com que se descerra o seculo XIX é a consolidação do espirito revolucionario.

A litteratura dos poetas se faz codigo, constituição e leis.

Em nome da liberdade se desconhecera todas as leis naturaes da razão, da terra e da raça, e se implantou, definitivamente, com o espirito individualista o reinado da desordem intellectual e moral.

Mas, o seculo XIX é um formoso seculo para surpresas.

Existe, o que poderíamos muito bem chamar, uma pedagogia do seculo XIX; pedagogia que é sempre uma refutação á obra da intelligencia desarvorada

O facto especifico do seculo XIX é o seu desenvolvimento economico, industrial e scientifico.

Apezar da famosa anarchia espiritual, a civilização obedecia ás suas leis reaes de progresso.

E é exactamente esse desenvolvimento material que mette onibros á empreza de desmentir trecho a trecho a intelligencia litteraria dos escriptores.

“Tudo o que surprehendia a Força das Cousas a Intelligencia litteraria por sua vez o desconhecia ou contestava methodicamente”.

Esse contraste longamente continuado realizou, como era inevitavel, um verdadeiro divorcio entre o intellectual ou o homem que defendia os pseudo-interesses da intelligencia e o homem de negocios ou de governo que defendia os interesses nacionaes.

A victoria cabendo effectivamente sempre ao mais forte, o homem de letras passou a ser na sociedade uma figura secundaria, sem prestigio e sem acção.

Persistindo no velho ideologismo de sempre a intelligencia em vez de se submeter ao mundo novo de realidades que o cir-

cum dava, encerrou-se em cenáculos, ou fez-se especificadamente revolucionaria.

Não era já o valor intrinseco da intelligencia que cotava em cheque, era a sua actuação no mundo, era a pertinacia no seu individualismo, na sua fantazia, na sua *histeria*, como chegaram, certa vez, lucidamente a denominar o furôr e a raiva do seu ir-realismo.

Romantismo e symbolismo são os nomes que successivamente vae recebendo essa litteratura isolada e divorciada das realidades.

A sciencia experimental, por sua vez, desenvolvendo-se ao lado das outras forças economicas e financeiras da civilização, nessa epoca de disturbio, permittiu inducções precipitadas que levaram a intelligencia a novos erros.

O relativismo unilinear do espirito scientifico, concluindo por um determinismo mechanico de todos os phenomenos, negou, a realidade mais podrosa da vida humana: — a realidade divina.

Por todòs os lados a desordem mental enfraquecia, limitava e decapitava a intelligencia.

Afinal em um longo periodo predominou o anti-intellectualismo. A intelligencia foi ferida no seu valor intrinseco; desconhecera-m-lhe a faculdade de attingir a verdade.

O longo tirocinio de erros, de equivocos, de deploravel fraqueza da intelligencia levou-a a um descredito elementar.

Installou-se uma desconfiança ingenita na intelligencia.

Os poetas e os litteratos continuavam a prègação ideológica e revolucionaria contra a familia, contra a patria e contra o estado.

O gráo avançado da humanidade não permittia, diziam, a noção estreita de patria e de familia, acompanhada das competições entre nacionalidades e das guerras.

— A Força das cousas responde com a Grande Guerra. A grande guerra faz-se acompanhar de um resurgimento de todos os nacionalismos e de todas as idéas que apoiam e sustentam o individuo — a familia, a patria, a religião.

Mas, cheguemos lentamente ás conclusões desse inquieto seculo XIX, cuja acção desfaz completamente as utopias do seculo XVIII.

Entretanto, por uma desconcertante fraqueza philosophica, todos os prejuizos liberaes e ideologicos resistiram ao desmentido dos factos.

A guerra, esta guerra assustadoramente ironica, que se chamou em relação a todas as guerras, a grande guerra, fechou com uma demonstração formidavel, por absurdo, o longo e inquietante arrazoado.

O seculo, que se inaugura com esse final assombroso de uma epocha, é uma pagina cheia de apprehensões e de esperanças.

A humanidade intenta um verdadeiro processo de revisão de todas as suas conquistas, verdadeiras ou presumidas.

Nunca foi tão grande, nem tão sincera a inquietação da intelligencia.

Procura-se reconstruir em politica, em moral, em sciencia, em arte e em religião.

A audacia dos homens no furôr dessas reconstrucções é inaudita.

Todas as extravagancias são acceitas*, para pouco depois serem recusadas.

Ha uma sinceridade hipertrophiada em tudo examinar, tudo experimentar, tudo saber, embora para depois tudo repellir.

Mas, o preconceito e o ideologismo são lucidamente odiados.

O homem procura a realidade. Realidade moral, realidade politica, realidade espirital; é a realidade o seu sonho e o seu desejo.

E atira-se a isto com as mais audaciosas franquezas.

Acompanhar a marcha da litteratura moderna é dar-se a gente á mais espantosa e desconcertante das gymnasticas intellectuaes e moraes.

Os modernos andam sobre abysmos.

O tirocinio brutal da guerra, sobretudo na Europa, creou uma epocha nova para a intelligencia.

Os homens querem *ser* completamente, inteiramente, sem restricções, sem limites.

A mais perigosa das tentativas é a de tudo conciliar.

Ordem pagã, ordem christã, tudo se confunde na sensibilidade singular e desvairada do moderno.

Só a seita, a divisão o horroriza.

Em tudo querem ir até o fim...

Querem viver a vida superlativamente.

Nunca se pensou tanto, nunca se escreveu tanto, nunca tanto se imaginou, nunca se viveu tão amarguradamente e tão furiosamente.

Vivemos uma hora extrema e inverosímil da intelligencia.

Em meio de toda essa inquietação que parece envolver um desespero virtual do espirito, como uma pausa de esperança na desolação do observador, ha os exemplos confortadores dos que já se fixaram, dos que já encontraram, dos que comprehenderam a vida, dos que possuiram uma doutrina.

E, essa doutrina, confirmando-se a velha asserção de Comte — “é preciso urgir com todos os que acreditam em Deus para voltarem ao catholicismo, em nome da razão e da moral” — essa doutrina tem sido o catholicismo, o catholicismo que na phrase de um outro positivista “traz consigo a ordem natural da humanidade”.

* * *

A ordem natural da humanidade: é por vós que suspiram todos os inquietos desse inquieto seculo.

Pobre moderno, exaltado e bom, castiga um pouco o teu entusiasmo halucinado, volta ás leis do teu espirito e do teu coração.

E' a ordem que procuras. Traz-me todos os teus desejos, todos os teus sonhos, todos os teus desvarios, deixa que elles se esclareçam, se organizem e se classifiquem na minha disciplina, disciplina que é condição, medida e força de tua liberdade!...

E nós aqui, os que vivemos apoiados e sustentados pela doutrina catholica, nós que estamos com a ordem natural da huma-

nidade, empenhemos os nossos enthusiasmo fortes, porque disciplinados, nessa obra de restauração do mundo espirital e mental, do nosso tempo e do nosso Brasil, que vive como todos os paizes a mesma grande crise.

Castrorum acies ordinata — como um exercito em ordem de batalha — sejamos pela vigorosa liberdade e sadio equilibrio do nosso espirito, os obedientes e bravos cavalleiros da ordem brasileira.

Submettidos á terra brasileira, submettidos á raça brasileira, submettidos á religião brasileira, havemos de erguer livre e forte a serena civilização brasileira.



BOLCHEVISMO

Conferencia apresentada ao C. C. E. M. na sessão de 26
de Agosto de 1925

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Thales de Azevedo



O BOLCHEVISMO

O anno de 1917 foi para o povo russo o anno das grandes esperanças. Sujeito de ha seculos á *Knuteracia* dos Czares, que se traduzia na tyrannia das leis e no absolutismo dos altos dignatarios do Imperio, escorchado pela fome, desorganizado e cheio de fadigas em consequencia da Grande Guerra, recebeu enthu-siasta e vibrante de regosijo a revolução chefiada por Kerensky.

A 14 de Março de 1917 o ultimo Czar da Russia, Nicolau II, era deposto e levado ao carcere, para mais tarde ser trucidado com toda a sua familia; o espectro negro de Rasputin era apagado e cessava a sua mystica influencia no Palacio de Kremlin. Kerensky subia ao poder, inda ao ruido das batalhas que travara com as tropas do Estado, e as ruas de Petrogrado (1) não estavam em calma e elle já dictava normas diversas de vida á velha gente soffredora.

Mas os dias da nova organização passaram rapidos. Aproveitando-se da oportunidade, os marxistas faziam intensa propaganda dos seus principios sociologicos, prègando uma outra revolução. E a 13 de Novembro do mesmo anno, seis mezes depois da victoria, as forças dominantes eram derrotadas pelos *verme-lhos*, a cuja frente se erguia Wladmir Ilich Ulianof (Lenine), o

(1) Antiga S. Petersburgo; hoje Lenígrado.

mais apóstolo da nova era. Kerensky fugia acovardado e Lenine passava a pontificar.

Então, operou-se no vastíssimo imperio moscovita a mais brusca e radical transformação, de que já foi o mundo testemunha. O celebrado “Deus do Bolchevismo”, logo após a derrubada do Knut e do sceptro do Czar, installava nas neves de sua patria o regimen da mais abominavel barbaria. Começavam as perseguições mais odientas á parte abastada da sociedade. A “Gazeta Krasnaja” chegou a escrever, em edição de 31 de Agosto de 1918, o seguinte: “Os interesses da revolução exigem o aniquilamento physico da burguezia. Façamos do nosso coração uma arma que temperamos no fogo do soffrimento e da lucta sangrenta pela liberdade. Tornaremos os nossos corações sombrios, rudes, insensíveis; não havemos de tremer á vista do mar de sangue inimigo que faremos correr. Sem quartel, sem teñor, destruiremos os nossos inimigos; elles se hão de afogar no proprio sangue... Que o sangue da burguezia corra em torrentes! Mais sangue, tanto sangue quanto fôr possível” (3) R’ claro que um desbragamento tal não podia ser bem acceito, nem adoptado pelo bom senso, e á vista disso Lenine e os bolchevistas levantaram as suas armas assassinas contra as crenças religiosas do povo.

A campanha de odio cahiu primeiramente sobre a communidade maior e mais forte; foi atacada em primeiro golpe a igreja nacional. Innumeros templos orthodoxos foram fechados, alguns feitos officinas e quarteis; foi decretada a prisão e a execução de um numero incalculavel de sacerdotes, muitos dos quaes foram morrer sob o frio da Siberia; os sermões ficaram sujeitos á censura do governo, para que nada se dissesse contra as utopias e as injustiças do communismo.

O Patriarcha moscovita, Thikon, fallecido ha mezes fóra da patria, banido, foi encarcerado no Mosteiro de Donskoy, permanecendo incommunicavel mezes a fio, obrigado até a assignar documentos contrarios á sua fé e aos seus costumes administra-

(2) Apud Sombard cit. por Tristão de Athayde, *O Jornal*, Rio, 2 — 9 — 925.

tivos. Entre as paredes daquelle convento, o velho levita russo soffreu as maiores humilhações. Os vexames a que foi sujeito chegaram ao extremo de lhe modificarem para peor o regimen alimentar, porquanto “no fim de Agosto de 1918, havia em Petrogrado, quatro classes alimentares: primeira categoria, guardas vermelhos e operarios; segunda, pequenos empregados e domesticos; terceira, funcionarios (antigos); quarta, intellectuaes e burguezes”. (3)

Quando já ia encaminhada a lucta para a destruição do credo nacional e dois padres orthodoxos apostatas haviam inventado uma nova religião ao gosto dos vermelhos, foi começada a campanha contra os catholicos.

Ao modo como procedera antes com o Patriarcha Thikon, o *Soviet* exigiu de Mons. Cieplak, Arcebispo Primaz da Russia, a entrega dos thesouros dos templos, e como o alto dignatario catholico dissesse que tudo entregaria, menos os vasos eucharisticos, o que só faria com permissão que requereria ao Papa, foi preso com mais dezoito sacerdotes que a elle se juntavam na justissima resistencia.

Tambem os templos catholicos foram assaltados e os seus curas convidados a adherir á nova organização religiosa.

Apezar, porém, das ameaças e arremetidas dos vermelhos, diz o Capitão inglez, Francis Mc. Cullagh que foram “os sacerdotes catholicos, os unicos que durante o terror russo não interromperam seu serviço religioso, nem o modificaram” e emquanto “alguns dos padres orthodoxos agiram como instrumentos de sua vontade, só a Igreja catholica permaneceu incorruptivel, invulneravel, solida como uma rocha”.

Mons. Cieplak e os dezoito sacerdotes com elle aprisionados foram levados a um ignominioso julgamento, durante o qual não lhes foi permittida defesa e só se timbrou em insultar-os vilmente. Não fôra a intervenção de varias nações (4) e aquelles

(3) Jules Renault — *La Pedagogie des Bolchévistes*, pag. 16.

(4) Intervenção motivada pelo livro “The Bolschevick persecution of Christianity”, do Capt. Fr. Mc Cullagh, notavel correspondente jornalista inglez.

martyres teriam sido levados á força. Inda assim lá ficaram alguns em masmorras e ao arcebispo foi concedida liberdade sob condição de emigrar; Mons. Budkiewicz, depois de semanas de soffrimentos, foi assassinado numa prisão.

A tal ponto chegou o odio dos communistas, contra a fé, que até meados de 1925 foram executados pela *Tscheka* (Tribunal) 28 arcebispos e bispos e cerca de 1.200 padres de diversos credos.

Mas contra tanto crime era impossivel, inacreditavel mesmo, que se não protestasse; assim os elementos mais moderados do partido, entre elles homens de real influencia, como Tchitcherine, Krassine e Litvinov, levantaram o seu protesto. "Em meio dessas circumstancias os bolchevistas começaram a se convencer de que a sua unica esperança repousa nos proprios vermelhos, que haviam recrutado pela propaganda, e nos jovens que haviam educado nas idéas anti-christãs". (5)

"O regimen bolchevista não tem necessidade nem de intellectuaes, nem de homens de caracter, como a revolução franceza não necessitava de sabios". (6) Maximo Gorki dizia: — "Substituímos a autocracia dos selvagens". (7)

Lenine acreditava que "sobre cem bolchevistas, pôde se contar um só verdadeiro bolchevista convicto, sessenta imbecis e trinta e nove sclerados". (8)

Por tudo isso, a *Republica Federativa dos Soviets* é hoje a nação em que menos segura se tem a vida e para prova basta attentar no que segue. Desde a implantação do bolchevismo, foram executados pela *Tscheka*, segundo nota official, além dos religiosos alludidos, 6.575 professores e mestres, 8.800 medicos e seus auxiliares, cerca de 19.000 officiaes, 250.000 soldados, 48.500

(5) Fr. Mc. Cullagh — "*The Bolchevick Persecution of Christianity*", pg. 12.

(6) J. Renault — op. cit.

(7) Apud J. Renault — op. cit., pg. 27.

(8) Id. id. pg. 28.

agentes de policia, 12.950 proprietarios ruraes, 355.250 pessoas de profissões liberaes, 192.350 trabalhadores e cerca de 800.000 camponezes — um total de 1.755.000 e tantas victimas!

Segundo informação do *Commissariado do Povo para a Justiça*, de 1 de Janeiro a 25 de Março de 1928 (menos de três meses) foram saqueadas 44.207 residencias e 26.317 armazéns. No mesmo periodo foram communicados ao *Commissariado* de Petrogrado 574.315 ataques armados nas ruas, roubos, etc. (9)

A par do combate directo á religião, foi instituido o ensino official do atheismo. O jornal "Bezbozhnik" (O Atheu), em Janeiro de 1923 dizia: "Acabamos com os Czares da terra; agora vamos contra os do céu".

Um outro órgão sovietista, o "Pravda", proclamava que "religião e communismo são incompativeis" e preconizava: — "Devemos devotar mais seria attenção á propaganda anti-religiosa". O Prof. Sarolea, da Universidade de Edimburgo, declara, nas suas *Impressões da Russia sovietica*, que "a originalidade e a singularidade do bolchevismo está nisto, que conforme a absoluta incompatibilidade entre christianismo e communismo: — um communista como tal proclama-se inimigo de Jesus Christo". (10)

Mc. Cullagh diz que "os bolchevistas são atheistas militantes" e chega a ver no bolchevismo o Anti-Christo da revelação.

O Codigo Criminal do Soviet reza em sua clausula 121: — "O ensino de crencas religiosas nos estabelecimentos do Estado ou nos privados a crencas de tenra idade e menores é passivel da pena de trabalhos forçados por um periodo não excedendo um anno".

Seguindo essa orientação, o *Commissariado de Instrução Publica*, em circular de 26 de Dezembro de 1922, declarava que "a religião é a brutalisação do povo. A educação deve ser dirigida de modo a apagar do espirito do povo essa humilhação e essa idiotia".

Lunatcharsky, chefe do *Commissariado* referido, pelo Natal

(9) Tristão de Athayde, *O Jornal*, Rio — art. cit.

(10) Fr. Mc. Cullagh, op cit.

de 1928 felicitava nestes termos ao “Bézbozhnik”: — “De todo o meu coração desejo ao Bezbozhnik novas victorias no anno vindouro, — victorias contra o hediondo espectro de Deus, que na verdade infelicitou a humanidade em too o curso da historia”. (11) Além de tudo isso, estabeleceu-se nas escolas a mais intrincada desordem, determinando o governo que não houvesse themas para os alumnos e que estes tivessem voto na escolha dos professores e dos programmes; nas mesmas classes misturaram-se as creanças de ambos os sexos. Essa ultima medida visava augmentar-lhes a liberdade e construir as bases do amor livre, que o Estado prega e patrocina.

Inda hoje “são organizadas contra-procissões em todos os dias santos, com os maiores escarneos ás cousas sagradas, figuras escarnecedoras de Jesus, insultos á Virgem, bustos caricaturaes de Budha e Mahomet, tudo misturado, para obter o effeito mais grotesco possivel”. (12).

A’ vista de crimes tão revoltantes, de attentados tão sacrilegos ás creanças de um povo e á civilização, encontramos a lutar contra essa avalanche maldita os orthodoxos e os catholicos.

Comprehende-se que, embora separados pelo schisma, se dessem as mãos nos mesmos combates; alem de ambos christãos, marchavam para uma approximação, qual a que se verifica nestes tempos com os anglicanos (13). Effectivamente o Patriarcha Phikon era um admirador da Igreja catholica, e ha quem affirme que “uma união entre as duas egrejas era seu sonho, e estava trabalhando para isso, quando os bolchevistas começaram a perseguil-o por motivo de sua fé e suas opiniões politicas, em que viam perigo para seu movimento. Voltando para a Russia, depois de dizer adeu s á America, Thikon esteve algumas semanas em Roma, onde teve muito boa impressão de tudo que alli viu. Teria

(11) Apud. Fr. Mc. Cullagh, op. cit.

(12) Apud. Sombard cit, por T. Athayde, art. cit.

(13) Originada pelo *Oxford movement*, em fins do ultimo seculo.

gostado de obter uma audiência com o Papa, mas quando procurou obter licença, esta lhe foi negada pelo procurador do Santo Synodo.

Esteve, porém, com varios Cardeaes, entre os quaes o Card. Ledochowsky, que era prefeito da Propaganda, e uma amizade real se formou entre essas duas notaveis personalidades. Thikon gostava de relembrar suas palestras com o Cardeal polaco, durante as quaes a questão de uma possível união das suas respectivas egrejas foi discutida” (14)

“Quando o arcebispo catholico, Cieplak, foi julgado e condemnado á morte, Thikon enviou-lhe sua benção e a expressão do desgosto de não poderem viver, para verem o que tanto haviam ambos desejado, — uma união entre a Russia Orthodoxa e Roma Catholica”. (15)

Emquanto as duas grandes massas religiosas se debatiam entre as garras sangrentas dos vermelhos, uma triste seita protestante, talvez a mais espalhada na America e que mais activa e cheia de recursos economicos procura estender a sua propaganda, a igreja baptista, representa o papel mais repellente e ascoroso naquelle scenario de crimes e de ignominias. Ao tempo em que no carcere e nos tribunaes os sacerdotes das outras religiões se mortificavam por amor á civilização, á moral, á ordem, sob os maus tractos e as injurias dos communistas, o *Congresso Federal dos Baptistas*, reunido na mesma Russia a 8 de Dezembro de 1923, sentenciava:

— “Este Congresso reafirma a attitudo leal dos Baptistas ao Governo Sovietico desde o primeiro momento de sua existencia e, conhecendo seus reaes e honestos esforços para proteger os interesses do Trabalho, considera inadmissivel aos Baptistas participarem em uniões e organizações empenhadas na queda do regimen existente, ou tomarem parte em qualquer especie de attitudo anti-governamental, em agitações ou propaganda oral ou escripta. Este Congresso declara que qualquer Baptista accusado

(14) Catherine Radzwill, *The Cominonweal*, 29— 4 — 1925.

(15) Cath. Radzwill, art. cit.

dos mencionados actos será por isso considerado excluído da comunidade Baptista, e será pessoalmente responsavel perante a lei". (16)

Aqui temos a maneira por que aquella seita pretende evangelizar o mundo, fazendo a apologia franca e official da corrupção, da anarchia, do anti-christianismo!

Christãos a combaterem a Christo...

* * *

O combate ao bolchevismo, entre nós, inda que pareça irrisorio pela quasi ausencia daquelle mal, é um dever que a todos se impõe. A Russia foi a primeira victima da loucura collectiva do communismo; e parece-nos á vista de outras opiniões e de factos, que anda muito enganado Guglielmo Ferrero em crer que o bolchevismo "é um negocio exclusivamente russo, uma mudança de regimen politico, que não poderá servir de exemplo aos paizes da Europa occidental". (17) Diz Catharina Rodzwill, antiga dama da corte moscovita, jornalista na America, que "para julgar do bolchevismo e entender as razões do seu facil successo, é preciso conhecer a Russia e ter estudado seu desenvolvimento politico e historico, o que poucas pessoas se dão ao incommodo de fazer. A Russia era um collosso artificial, sustentado por meios artificiaes, e somente graças a numerosos elementos extranhos que ella continha.

Por si, ella não representava senão selvageria e falta de instrucção geral, cultura, moral e educação".

"Havia produzido grandes espiritos, grandes homens, grandes artistas, grandes escriptores, mas esses homens, esses artistas, esses escriptores pertenciam a um pequeno grupo privilegiado, tão elevado intellectualmente quanto um ser humano podia estar elevado, graças á peculiar construcção do edificio de seu paiz. Tira um grupo separado das massas por um abysmo".

(16) Apud. "Isvezia", cit. por Mc. Cullagh.

(17) Guglielmo Ferrero — Illustr. française — 23—5—925.

“Aquillo era um chaos, em que o temor de Deus ha muito não existia, e onde as creanças eram educadas não só na ignorancia, como no despreso da existencia da Divindade”.

“O camponez russo não era instruído; vivia na mais escura ignorancia...” (18)

O Rev. Augustine von Galen considera “injusto falar do Bolchevismo como sendo uma fôrma peculiar de loucura russa, porque os russos foram, infelizmente, as primeiras victimas de sua effectiva applicação” (19) e Mons. Pons é de opinião que o bolchevismo é “um dos innumeros ensaios revolucionarios, o ultimo em data, que o homem tentou para se livrar das injustiças e desigualdades sociaes, e attingir a felicidade perfeita, cujo sonho não cessa de agital-o”. (20)

Pelas sós razões citadas vemos claramente quão facil é a propagação do communismo pelo resto do mundo, mesmo porque “nada ha mais contagioso do que o bolchevismo”. (21)

As classes pobres, operarias, entre nós carecem da minima assistencia, quer sob o ponto de vista moral, quer pelo lado material. As leis do trabalho no Brasil inda não são fixas, nem mereceram attenção dos responsaveis.

“O ensino de letras, os estudos secundarios e superiores monopolizaram sempre as attensões e os zelos de todos que governaram o Brasil até hoje”. (22) Agora que o governo nacional acaba de reformar a instrucção, vê-se bem flagrante um erro gravissimo que o Sr. Frota Pessoa, Secretario Geral da Instrucção no Districto Federal, põe em foco numa carta ao Deputado Fidelis Reis.

Alem de descurar da alphabetização, o poder competente menospreza o adestramento profissional.

Refere-se elle ao artigo 28 da lei de ensino de 13 de Janeiro de 1925:

(18) Cath. Radzwill — The Commonweal — 24—4—925.

(19) Apud. Cath. Radziwill, art. cit.

(20) Apud. J. Renault, op. cit.

(21) Cath. Radzwill, art. cit.

(22) Frota Pessoa, *O Jornal*, Rio — 13 — 8 — 925.

“O ensino profissional, a cargo do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores será ministrado:

I — No Instituto Benjamin Constant para cegos;

II — No Instituto dos Surdos Mudos;

III — Na Escola Quinze de Novembro para menores abandonados do sexo masculino;

IV — Nos estabelecimentos que, para o mesmo fim, forem creados ou mandados subordinar ao Departamento Nacional de Ensino”.

“E’ preciso dizer que o dever do governo é outro, que não o que elle estipulou na Reforma, que seu grande e principal dever é este: cuidar da massa dos incapazes e dar-lhe valor pela educação em proveito do Paiz. O problema nacional deste momento, no que toca á educação, está circumscripto: dar aos brasileiros que não aspiram a ser doutores a technica de uma profissão, collocal-os em condições de poderem trabalhar, para assim dar incremento á riqueza publica”. (23) E que vemos? Uma lei que só cuida de uma parte minima do povo: — os cegos, os surdos-mudos, os abandonados! Assim o auctor da nova lei considera que só devem ter instrucção profissional os infelizes que a molestia e a desdita macularam. Os demais, fortes, robustos, dispostos, intelligentes, — esses podem continuar na rotina que herdamos das eras coloniaes.

Mas nada disso vêm os grandes sabios, que pontificam no poder. Obsecados pelo brilho falso e inutil das élites, os organizadores do ensino nacional esquecem que somos um povo, que tem 70 % de analphabetos. Ha muito quem seja de opinião que uma instrucção elementar, uma simples alphabetização só póde redundar na producção de meio-sabios, mais prejudiciaes que os analphabetos. “Mas é certo que bem melhor será conhecer as primeiras letras que ser analphabeto e que pela instrucção elementar é que se inicia a educação mental e mesmo a technica”. (24)

(23) Frota Pessoa, art. cit.

(24) Frota Pessoa — A educação e a rotina, pg. 20.

E' necessario que nos convençamos de que o bolchevista vem para o meio da plebe, descalço e suarento, empunhando o martello e a plaina, e faz a sua propaganda dentro das officinas, ao ruido das machinas, entre a poeira das construcções. No entanto, se quizermos combater o virus formidavel da desordem, não havemos de achar quem queira ir, de avental e blusa, prègar as doutrinas verdadeiramente populares, quaes as entendem o boni-senso e a Igreja.

Os homens da élite, os *guardas da sciencia* não quererão descer além das tribunas das academias e dos salões elegantes, nem das folhas da imprensa! Essas vozes não chegam aos pobres ouvidos da plebe; sèrvem, quando muito, para a fama do auctor mas não terão nunca a efficiencia da propaganda incisiva de que se valem os experimentados da revolução. Não é só isso: — com a alphabetização, o povo receberá muito mais facilmente a palavra de Deus e os seus ensinamentos, cuja falta tanto se tem apontado como factor de peso na determinação da revolução communista russa.

Se o campo é infelizmente fertil e vasto entre nós, faz-se mister não esquecermos, que já Lénine annunciava: — “Os bolchevistas lançarão o incendio que ha de abraçar não só a Rússia, mas ainda o mundo inteiro”.

Para isso, o *Soviet* organisou o seu serviço de propaganda, no exterior, com Tchikcherine e Rodek á frente.

“Onde a sociedade actual está fortemente assentada, apesar de tudo, a propaganda faz-se entre o povo contra os governos. Onde a sociedade não existe e os governos ou os chefes é que têm a força toda nas mãos, — é aos governos e a esses chefes que os soviets se alliam.

Assim se diversifica a propaganda revolucionaria communista na Asia ou Africa e na Europa ou America.

Na Europa e America, a dissolução social é prègada entre as massas. Os alliados de Moscow, os agentes da III.^a Internacional nos paizes do occidente estão entre as multidões proletarias, entre os soldados, entre os camponezes, entre a população

negra dos Estados Unidos, entre o povo enfim. E' uma propaganda de baixo para cima".

"Na Asia e na Africa, a coisa é opposta. Como a sociedade organizada em geral não existe e portanto o povo, as massas não têm força (um povo só é "forte", quando socialmente organizado) é aos governos que os soviets se dirigem. E' a Kemal Pachá, é a Abd-el-krim (Marrocos é uma extensão da Asia), é ao Emir do Afghanistan, é aos generaes chinezes revolucionarios (pois na China nem governo nem povo têm a força, e apenas os caudilhos militares), é ao Governo Persa, é aos chefes nacionalistas hindús (pois o "governo" na India é a Inglaterra, e portanto o inimigo politico maximo dos soviets), — é, portanto, aos chefes e não ao povo que os soviets se alliam" (25)

Os recentes movimentos verificados no Mexico deixam entrever claramente influencia bolchevista. Basta saber que o grande instigador e patrocinador dos disturbios alludidos, que redundaram na formação, por dois sacerdotes apostatas, de uma Igreja Catholica Mexicana, o elemento pensante, o cabeça, se pôde dizer, foi o Presidente Calles, admirador e intimo amigo de Lenine!

Em Abril do anno corrente, escrevia Lord Birkenhead: "A sombra dos excessos communistas estendeu-se este mez sobre a Europa. Os lugubres excessos de Sofia, onde os communistas bulgaros fizeram explodir uma bomba durante uma cerimonia commemorativa na Cathedral, chamaram mais uma vez a attenção para a corrente de propaganda e de violencia que procede de Moscow. O governo bulgaro affirma ter provas de que os communistas de Sofia trabalhavam sob as ordens directas da III.^a Internacional, organização que não é mais que a sombra do governo dos soviets. O Estado Maior do governo russo é accusado de ter arrebatado planos de um levante geral e a esquadra dos soviets de ter desembarcado armas para os communistas locais pelos portos do Mar Negro.

(25) Tristão de Athayde — O Communismo — *O Jornal*, Rio, 16 — 8 — 925.

Quasi ao mesmo tempo deram-se violencias communistas na Alemanha e na França.

No primeiro paiz tres communistas foram condemnados á morte por assassinato e por terem conspirado contra as vidas de personagens em evidencia.

Um dos prisioneiros confessou que recebia 40.000 libras por anno da Embaixada Russa de Berlim para os seus fins revolucionarios". (26)

De tudo o que fica exposto, que devemos concluir? Que o bolchevismo é um perigo mundial e contra elle nos devemos precaver. Lenine morreu em Janeiro de 924, mas não podemos esquecer as palavras sinistras do chefe do *Departamento sovietico das agitações*: — Lenine morreu; o Leninismo, porém, viverá para sempre". (27)

Não seja, porém, essa prophesia tetrica razão para desanimo, nem temores. Confiemos em nossas forças, utilizando-as immediatamente na lucta preventiva contra a invasão do nosso Brasil, tão caro, por essa fórmula nova de dissolução social.

A nós, moços e catholicos, incumbe essa tarefa gloriosa.

(26) Lord Birkenhead — *O Jornal*, Rio, 27—4—925.

(27) Morris Gordin, *O Jornal*, Rio, — Maio 925.

Allocução

Para a data Patriótica de 7 de Setembro

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Thales de Azevedo



Allocução para a data Patriótica de 7 de Setembro

Exmo. e Revmo. Sr. P. Director,

Meus collegas.

Congregaram-nos aqui dois idéaes, em prol dos quaes nos propuzemos lutar, ideaes que o activo e illustrado escriptor catholico, Alcebiades Delamare, reuniu á sombra de duas bandeiras, — catholicismo e brazilidade.

Essa luta nós a temos sustentado, desde 1916, com enthusiasmo e com coragem, sem interrupções e sem desfalecimentos, ora animados pelas incitações do nosso estimado fundador, o P. Antonio Maria Alves, ora impellidos pelo enthusiasmo robusto e communicativo do actual Director da C. M. A., o tão nosso Padre Cabral.

E se em toda essa luta não tem faltado sacrificios e asperezas, as compensações por sua vez não se nos têm furtado, copiosas e grandes.

Sim; se por um lado tivemos que combater e nos sacrificar contra os erros e os preconceitos de um meio academico quasi desprovido de educação christã, por outro lado muitos dos nossos condiscipulos, que eram antes as nossas preocupações e as nos-

sas tristezas, são hoje as alegrias e as esperanças que nos confortam e animam a proseguir: — muitos delles batem-se hoje connosco, nas mesmas fileiras, pelo triumpho e pelo imperio dos mesmos idéaes; outros resistem ainda ao chamamento de Deus e da Pátria, vacillando entre a tranquillidade real duma consciencia christã e a illusão duma paz sem Deus, vacillando entre a verdadeira concepção de amor patrio e as incertezas dum civismo sem principios.

Mas não nos contentemos com isso. Embora já tenhamos conquistado largo campo, resta-nos conquistar os que ainda se esquivam á luz da verdade, receiosos alguns e enganados outros; ainda não podemos depôr as nossas armas, pois cumpre-nos alcançar a victoria completa. E quando houvermos empolgado toda a mocidade bahiana, e não somente essa, mas a de todo o Brasil, quando houvermos radicado na mente e no coração de todos os nossos condiscipulos a fé em Christo e o amor decidido e incondicional a esta Patria tão grande, teremos um Brasil livre e glorioso, digno do nome que lhe é proprio de Terra da Santa Cruz.

No dia maior dos brasileiros, em que se commemora a victoria final da idéa que mais agitou o nosso povo, hoje que celebramos todos aquelles herões que se deram inteiramente á Patria pela sua Independencia, a 7 de Setembro, é muito opportuno que revivamos em nossa memoria esse dever de todos nós, que é bater-nos pelo catholicismo e pela brazilidade. Os Congregados Academicos da Bahia têm dado muito do seu esforço no cumprimento da obrigação que se impuzeram desde que foram consagrados como taes; mas o nosso proprio zêlo nos impele naturalmente a querer fazer mais e mais; o nosso proprio entusiasmo de moços nos convida a intensificar a nossa actividade no meio social em que vivemos.

Revigoremos, portanto, o nosso ardor combativo, retemperemos o nosso animo e forcemos a nossa perseverança, para maior efficiencia do nosso trabalho.

Espalha-se agora por todo o immenso territorio fértil e acolhedor do patrio torrão uma litteratura ascorosa que visa afas-

tar-nos da moral solida, garantia unica do nosso progresso; o protestantismo americano intenta plantar em nossa sociedade as raizes desnacionalisadoras das centenas de seitas que corrompem cada dia a moral dos Estados Unidos, o espiritismo enfeita-se com titulos e roupagens aparentemente scientificos, pretendendo interessar a intellectualidade.

Tudo isso, ergue-se deante de nós como outros tantos obstaculos que devemos abatêr, afim de podermos levar até seu termino a pugna em que nos empenhamos. Lônge, porém, de desanimar, longe de debandar ou desertar, cresçamos na confiança em nossas forças, certos de que somos ajudados por Deus.

Propaguemos a bôa imprensa — o livro bom e o jornal sadio e bem intencionado; interesseemos os nossos condiscipulos no estudo das bellezas e das verdades do catholicismo, demos-lhes a conhecer a contribuição innegualavel do christianismo na formação do Brasil.

Alarguemos e intensifiquemos a influencia da C. M. A. com a nossa palavra opportuna e convicta e com o nosso exemplo constante e inabalavel. Assim teremos cumprido a nossa Missão de servir e glorificar a Deus e construir um Brasil forte e grande.

Seja a mocidade de fâcto a esperanza do futuro e não somente um optimismo de papel e de palavras; seja fructifera a actividade que desenvolvemos, porque de nós, os moços catholicos, os congregados, é que pôde esperar legitimamente a Patria. Estreitemos, pois, os laços da nossa intimidade fraternal e somemos as nossas energias; que teremos melhor honrado a memoria dos martyres da Independencia, do que ficando nesse indifferentismo que importa num crime contra nós mesmos.

E se formos perseverantes nessa porfia, asseguraremos ao nosso Brasil tão querido um futuro brilhante de paz e de prosperidade, paz e prosperidade que a nós mesmos estão reservadas para gosar, porque os brasileiros somos nós, os que comprehendemos os nossos deveres para com Deus e com a sociedade, e que não só os entendemos, porém, o que é mais meritorio, os praticamos integralmente de coração.

Então, nunca mais nos será arrebatada das mãos essa han-

deira gloriosa, "symbolo augusto da grandeza do nosso povo essa bandeira que nunca tremulou senão victoriosa e que representa toda a riqueza que se comprehende entre o arroio Chuy e o Oyapock. Veremos, então, de que é capaz a alma brasileira, quando conf a na direcção divina e na fé em si mesma.

Avante, brasileiros!

7 — 9 — 1925.

Thales Azevedo

ECONOMIA

Conferencia lida na sessão do C. C. E. M. A.
aos 22 de Outubro de 1925

Pelo Academico de Engenharia

Joaquim de Araujo Lima



ECONOMIA

Revmo. P. Cabral,
Illustre directoria,
DD. Mestres,
Distinctos collegas.

Socios do Circulo, Congregados Marianos, e por isso mesmo catholicos praticantes, deveis possuir e cultivar a virtude da paciencia. Porque a deveis possuir, ides ouvir-me; porque a deveis cultivar, ouvir-me-heis até o fim.

Eu ia chamar a isto que vou lêr-vos: um trabalho; de algum modo é trabalho, o compilar, extrahir de um livro copias de suas paginas mais interessantes; trabalho, porque consumiu alguma energia e algum tempo, reflexos embora da energia e do tempo empregados por Samuel Smiles no seu tratado de Economia.

Alguem dirá que é extravagante a escolha do assumpto que tento abordar, muitos dirão que elle não se adapta ao nosso meio scientifico e litterario.

Pensarão bem, talvez, mas ninguem me negará a utilidade deste estudo.

E' um thema essencialmente pratico o da economia, e não exigirá gasto de litteratura ao pobre mendigo litterato, que, no seu tirocinio de engenheiro, parece viver de algarismos. Referir-

me-ci á economia individual ou domestica, que é a que mais nos interessa.

Para facilidade do nosso estudo, dividamo-lo:

Em 1.º lugar vejamos o que se deve comprehender por economia.

Em 2.º lugar, ponderemos a necessidade da economia.

Em 3.º lugar, indiquemos os meios para economizar e os resultados da economia.

O que é a economia

Não se trata aqui da mão cerrada, nem “do velho judeu avarento e mesquinho” de Guerra Junqueiro.

Economizar, não é encarcerar o dinheiro, nem muito menos encarcerar-o para enterrar-o.

Economizar, é usar bem, gastar com proveito, aquillo que com fadiga adquirimos. Economizar é a arte de utilizar o dinheiro para a consecução de um posto donde possamos distender as mãos aos desprotegidos da sorte.

Ouçamos o que diz George Herber: “Sê economico, mas não avarento; consagra o que tens, ás tuas necéssidades, á tua honra, ao teu amigo, porque o homem de bem nunca regateia o dinheiro. Ganhas para viver? pois vive e faz uso do dinheiro; se assim não fizeres, poderá parecer que o não adquiriste.

O uso conveniente do dinheiro faz que elle não seja um desprezível punhado de terra.

Cousa notavel, observou alguem: muitas das mais bellas qualidades da natureza humana, estão intimamente ligadas ao uso racional do dinheiro, taes como a generosidade, a honestidade, a iustica e o desinteresse pessoal; por outro lado e em contraposição, existe a avareza, a fraude, a injustica, o egoismo, fructos pécors do amor desordenado do ganho; para não fallar da incuria, da extravagancia e da imprevidencia, outros tantos vicios dos que abusam ou não sabem usar dos bens da fortuna. Tem muita razão o critico. Mas ainda não é tudo.

A arte de economizar, o entender e executar a economia é

coisa difficil. Até porque as portas de sahida para o dinheiro são muitas; e de entrada ha geralmente só uma: o trabalho. Mutuas, loterias, sobretudo heranças e legados são casos esporádicos, com que não se póde contar. A entrada normal do dinheiro é o trabalho.

Esse trabalho deve ser de cada um. “Um nobre coração, diz Barron, recusa viver como um zangão á custa do trabalho alheio, colher como o verme o seu alimento nos celleiros publicos, ou apoderar-se, como o tubarão, da prêsa que se lhe põe diante.”

Quer que o seu bem estar seja o resultado da propria actividade; e, longe de sentir-se humilhado com o labutar, lembra-se que não ha profissão, desde a enxada até ao sceptro, que não exija muito trabalho do espirito, ou do corpo, ou ainda de corpo e de espirito. O homem ocioso é machina enferrujada que para nada serve; e, no meio de seus semelhantes, é um fardo para todos: torna-se aborrecido a si e aos outros; é uma inutilidade, cuja falta ninguem ha de sentir. Nem sequer lhe vem ao animo examinar o adagio: *Todo homem prevenido vale por dois*. Pelo contrario, para que vale o ocioso? Olvida o passado, mal se occupa do presente, nada guarda para o futuro. Quanto entra, tanto sae. Dahi a triste consequencia: viver de expedientes, dia a dia. Ou cavalheiro de industria, ou empenhador de quantos objectos lhe foram confiados.

E essa magra somma que possam pingar as casas de penhores não é facil adivinhar se irá transformar-se em alchool que requeima o organismo, se em fumo que se esvae, se em fichas do jogo que acabará por arruiná-lo a elle e á familia.

E assim se vão desbaratando os bens; assim se vão englobando dividas insaldáveis que lhe preparam um futuro tempestuoso de infelicidade.

Duas palavras agora sobre a:

Necessidade da economia

E’ manifesta; todo homem de character, que não se der á vida de sacrificio na pobreza do claustro, procura a sua independencia.

E' um thesouro mettido a sete chaves num cofre, mas: que quem deveras o quizer, póde abril-o com uma só chave: a economia. Refiro-me sempre á economia sã, liberal, bem comprehendida, filha de um character recto; porque a economia avára e sórdida essa degenera os animos e não gera a paz. E quem ha ahi que não anhele pela paz? Ora essa paz, meus senhores, suppõe a independencia e o bem estar, indispensavel até ao bom andamento physico do individuo.

E como podereis obter essa independencia e esse relativo conforto, se a falta de economia vos reduzir á condição de quem não póde contar com os seus recursos proprios, forçado a collocar-se numa como tutela alheia? Onde está a independencia? E o conforto onde está, se o esbanjamento, esvasiando os cofres, vos inhihiu de fornecêrdes a vossa dispensa e cosinha, o vosso bragal e guarda-roupa?

E', pois, necessaria, indispensavel a economia ao individuo. E porque, do bem estar destes depende o da familia, e do bem estar das familias, depende o das nações; que será da nação sem a economia na familia? que será da familia sem a economia na vida particular?

Meus amigos, não ha um de vós que não idealize um futuro prospero para o nosso muito querido Brasil. Ora, o Brasil é a nação; é esse enorme agrupamento de familias; e cada familia é um conjuncto de individuos. Se esses forem o que devem ser, trabalharão conjunctamente pela independencia de cada familia a que pertencem, e a sempre desejada independencia das familias trará como consequencia immediata a independencia economica da nossa Patria!

E porque alludi acima ao vosso bragal e guarda-roupa, não deixarei de referir-me á necessidade da economia, particularmente no vestir.

Occupo-me somente dos jovens, que é o grupo que neste momento mais directamente nos interessa.

Alguns ha, para quem a bolsa paterna está sempre patente, e que não têm contudo gosto artistico no trajar. Carregam sobre si uma fortuna, mas tão mal aproveitada que, por onde passam,

chovem os epigrammas. Para elles só vale o *caro*, embora seja *caricato*.

Outros, com pequena despesa, obtem na propria simplicidade uma distincção irreprehensivel.

No tempo contudo que vamos atravessando, não ha porque insistir com a mocidade para levá-la á pratica do bem-vestir. Pelo contrario, mais vale moderar-lhe os arrebatamentos pelos requintes de *toilette*, quando mais não seja, para atenuar a idéa de que o lucro dos Brasileiros não dá para fato e calçado.

Reprovo, e todos estarão commigo, essa cegueira infrene de tantissimos moços pela moda hodierna, exagerando-a, chegando, como alguns que encontramos desoccupados pelas avenidas da cidade, a um papel tristemente comico. A decencia no trajar, ainda segundo a moda, ninguem a reprova. Mas para assim andar,—voltemos ao nosso ponto,—algun sacrificio se tem de fazer. Mais uma vez se patenteia aqui a necessidade da economia.

Ha, porém, outro argumento que faz subir de ponto essa necessidade.

Sabido é que a vida se compõe de momentos felizes e momentos adversos. Necessario se torna, pois, prever para prover. Assim encheirou José no Egypto nos sete annos das vaccas gordas para os sete annos das vaccas magras.

Que bem o diz o povo: “Mais vale um *bem fiz eu*, do que um *se eu soubera*”!

O *se eu soubera* chegará alfim para o imprevidente, acabrunhador e sempre tardio.

Pelo contrario, o *pé de meia*, o deposito reservado para os imprevistos e os extraordinarios, provocará a seu tempo um delicioso *bem fiz eu*!

Não nos dá disso exemplo o proprio instincto dos animaes inferiores, como as formigas? Quantas cigarras por esse mundo fóra, que, por passarem os verões a cantar despreoccupadas, passam os invernos a carpir-se desprovidas!

Uma doença, um accidente imprevisto, uma occasião inesperada e vantajosa de compra, um soccorro apportuno a um amigo, tudo são vozes a lembrar-nos a necessidade de economia.

Emfim, meus amigos, clama por ella o progresso, a melhora de condições. Sem a economia, ainda quando não houvesse o retrocesso, o desandar do roda da prosperidade, que são consequências, a bem dizer, infalliveis, haveria ao menos o marcar passo, sem avanço ossivel, para sair hoje da mediocridade de hontem, para compensar amanhã os desconfortos de hoje.

Meios e resultados

Duas palavras agora sobre os meios para combater a prodigalidade e concluiremos com os resultados da economia.

Antes de tudo, ouçamos a palavra abalisada do nosso Ruy: “Não sei pedir dinheiro a ninguem, ainda mesmo em restituição do que me tomam, ou em pagamento do que me toca.

Não devo, não cobro, não peço: é a minha norma.

Crêdores, graças a Deus, não tenho. Dos meus devedores não arrecado. Aos meus clientes não solicito. Com o prumo na despesa, o estribo no trabalho, e a fé na Providencia, que até hoje me tem valido, capricho em não me exceder, para não necessitar, e em não necessitar para não faltar aos meus, nem estender a mão a estranhos.

Não tenho de meu, senão para viver como pae de familia laborioso e sobrecarregado. Mas, mercê daquelle que me tem continuado com as forças para labutar hoje de tão bom grado e tão sem cansaço como em moço, vivo, sem me humilhar, nem incommodar a outrem. Comecei honrando a memoria de meu pae, e espero acabar, deixando honrada a minha. Isto, porém, não porque tenha a bossa de bom agenciador nos meus interesses pecuniarios, mas porque nunca me escasseou que fazer, e tudo o que ganho, se encaminha para o meu lar”. (*Paginas 324 e 325 das Cartas politicas e litterarias*).

Relembremos ainda uma vez o *não devo, não cobro, não peço* de Ruy.

Não devo; é o ideal. Não cobro; norma sympathica de um compassivo. Não peço; nobresa e firmeza de character. Vale bem a pena tomarem a Ruy esta norma aquelles que ainda se não propuzeram ter a sua.

Concluamos com umas ligeiras notas praticas para economizar.

Em primeiro logar é necessario banir da indole brasileira, geralmente abstracta, francamente morosa, o “não te rales”, o “tanto se me dá como se me deu”, o “Deus dará”, e outras tantas formulas frias desse desleixo innato á zona torrida... brasileira. Daqui para o completo abandono do “*agere contra*” nem sequer um passo é necessario dar, pois naturalmente se cae de um no outro. O dizer “Não” nas occasiões necessarias; mas um “Não” viril, decisivo, resolutivo, é a unica salvação de quem o profere, em determinados campos da luta: no alcoolismo como na injustiça, no egoismo, como na extravagancia, na incuria como na lascivia. E qual é o resultado daquelles que não dizendo “Não” a si mesmos, satisfazem aos amigos do seu? Desses amigos, nem um só lhe saberá agradecer, nem um só o lastimará, nem um só o ajudará. Aqui, um “Non”, não é a vibora de que falla Vieira, mas um real amigo, um salvador. E o homem que agrada a todos, pecuniariamente fallando, é um famoso inimigo de si mesmo. Um “não” dado a tempo, é uma facada no “eu” egoista e insensato a quem não devemos dar treguas, com quem devemos ser asperrimos, duros, intransigentes. Pena é que não possamos pesar a virtude que traz um “Não” e a virtude que ha no dominio do “Eu”.

E a impontualidade, meus amigos? E’ um outro inimigo da economia, a quem devemos declarar acerrima guerra.

Entrar despercebidamente pelas horas mortas da noite, não ter a energia precisa para saltar da cama, quando se está deitado, (e seja dito de passagem que o velhinho Ruy affirmava que nunca o sol dera com elle na cama), — faltar impunemente ás promessas e compromissos, são acções imperdoaveis, devidas talvez á traça corrosiva da distracção.

Passemos agora ás coisas péqueninas”:

“The sober comfort, all the peace wich springs
From the large aggregate of little things;
On these small cares, of daughter, wife, or friend,
The almost sacred joys of Home depend”.

Hannah More

O conforto moderado, toda a tranquillidade do casal, dependem desses mil nadas, desses pequeninos cuidados de filha, de esposa, de amigo; conjuncto dos mais sagrados prazeres do lar.

“Know when to spend and when to spare,
And when to buy thou shalt ne’er be bare”.

“Sabe quanto has de gastar, quanto has de poupar e quando has de comprar; e nunca estarás desprevenido”.

“Aquelle que despreza as pequenas cousas pouco a pouco cairá nas grandes” — diz o Ecclesiastico.

“O descuido das pequenas coisas é o rochedo sobre o qual se tem despedaçado uma grande parte da raça humana. A vida humana é formada de uma successão de pequenos acontecimentos cada um dos quaes tem relativamente pouca importancia; contudo, a felicidade e o exito de todo homem, depende do modo como elle trata esses minimos acontecimentos”. Ora, sabido como é, que o successo de um homem na vida, será proporcional aos seus esforços e á importancia que elle der ás coisas mais pequeninas, porque não o fará?

O deixar passar as pequeninas coisas, tem arruinado fortunas, empresas, vidas. O gasto continuo com ninharias, traz a fallencia; o não ligar importancia ao descanso da noite e o desprezo ás pequeninas enfermidades, é muita vez causa de morte; uma pequenina goteira pôde deitar a baixo uma parede; um edificio pôde ruir com uma falha no alicerce.

Ouvi agora quanto é frisante este caso: Por falta de um cravo, cahiu a ferradura de um cavallo em que um soldado levava um plano de combate, do batalhão de seu general, a um reforço distante; perdida a ferradura, atrazou-se o animal, e com elle o cavalleiro que cahiu prisioneiro, com o plano da luta; e este conhecido e frustado, seguiu-se a victoria do adversario.

Passé agora cada um ao estudo minucioso de sua pessoa e examine o seu estado moral e social. Qual a razão de encontrarmos entre homens do mesmo ordenado as mais variadas

condições? Uns entregam os seus ganhos ao jogo, outros ao alcool, outros aos amigos, outros, e são os peores, á vida libidinosa, numa desenvoltura deprimente. Nem uma pessoa sobre dez tem a prudencia de privar-se de prazeres ephemeros, nocivos, ou vergonhosos, para bem de sua casa e de sua familia; eis a razão. O exceder-se o individuo nos seus gastos, não o póde levar senão á fallencia. Nada fere mais uma alma sensivel do que o ter de contrahir dividas. Uns ha que as contraem com a mesma serenidade e hypocrisia com que deixam escapar dos labios um sorriso.

Estão neste caso os que querem ostentar riquezas, sejam ou não sejam ricos,

Pouco se lhes dá que o dinheiro, mesmo antes de recebido, deva pertencer a outro; soffra o logista, soffra o alfaiate, soffra o sapateiro, soffra embora um coração oprimido; se os olhares extranhos folgam de o ver assim, folga-se, ou antes. arremeda-se uma felicidade que não existe.

“Assim é que muitos se precipitam na miseria com os olhos abertos, sem mais desculpas do que o estúpido temor da *sociedade*. Se pelo contrario o homem, dominando os seus instinctos, lucha pela economia, vae adquirindo aos poucos o “habito de economizar”; naturalmente lhe virá tambem aos poucos invadindo o lar, o aroma da felicidade que enleva o espirito, guiando-o para o amor de Deus.

Mas até aqui referi-me ao homem... precisamente para deixar agora á mulher um lugar de destaque em que a possamos estudar tambem.

“Aos quinze annos, a mulher ainda é do ceu; não pertence a ninguém, motivo porque todos a querem”, diz Victorino Palhares. “A serenidade do semblante é tão celeste, o olhar tão puro, o sorriso tão doce, a voz tão melodiosa, que a aurora doura-lhe a fronte, a estrella mira-se em seus olhos, o orvalho busca seus labios, o silencio pede-lhe uma palavra.

O céu reserva-lhe o que tem de mais suave em suas luzes, a terra o que tem de mais tranquillo em suas sombras”. Nessa idade tem ella; “Os olhos fixos no livrinho verde e o pensamento im-

merso na amplidão azul; o corpo meio tremulo revela a fixidez da alma no extasis”...

Mas Palhares fallava assim da mulher no seculo 19; poderemos dizer o mesmo da mulher do seculo 20?

Ainda mal que as excepções são tantas que fundamentam uma regra inteiramente diversa. A menina de quinze annos, já não é o lyrio candido, e sim a doida mariposa que busca a chamma para se queimar.

Inconstante, orgulhosa, frivola, voluntariosa, preocupada com os excessos da moda, traja e vive “à la garçonne”; que admira se o delirio da moda leva os homens a apreciá-las pelo que trajam e não pelo que são. A extravagancia do vestuario e quasi que a indecencia do traje substituíram a singela belleza feminina.

Wordworts descreveu uma vez, em retrato de primoroso desenho, a mulher perfeita.

Aonde iremos nós buscar hoje a mulher perfeita? Não na creatura pintada, decotada, encurtada de roupagens a bradarem pelas suas côres berrantes — com o cabello postiço, sobrancelhas postiças, carmin dos labios postiço, tudo postiço!

Alheias a que deverão ser a base de toda a prosperidade domestica, acostumam-se de tenra idade á vida frivola da rua, ás lições malignas do baile. Educadas com noções falsas da vida, e ensinadas a apreciar o homem, de preferencia pela sua apparencia exterior, não lhe observam o valor intrinseco, o character, a educação, e vão terminar afogadas num mar de lagrimas. Geralmente prodigas, os ganhos do marido escapar-se-hão de suas mãos como agua em cantaro sem fundo, como os das Danaides.

Ouvi, meus amigos, e dissei-me se fallo mal ou se ando correcto ao esboçar a maneira de a maior parte dos jovens de hoje reflectirem no casamento:

Foi num baile — quem sabe? — que um lindo rosto, um porte elegante, uns olhos fascinadores decidiram uma resolução precipitada. Dançou-se. Após a dança, o *flirt*; depois a còrte, o pedido, o noivado, o casamento. Até ahi, tudo enlevo. Chegou

a hora de ser vista mais de perto aquella que fascinara. Tem ella de principiar o governo da casa.

Immediatamente chega o reconhecimento do novo estado, e quem a escolheu encontra-se na realidade da vida. Vão sendo abandonadas as fantasias tão encantadoras dos namorados, vem o arrependimento, vem a desillusão, vem a tristeza.

Os olhos fascinadores transformam-se em duas fontes perennes de lagrimas, as quaes, sulcando o rostinho lindo darão duas vallas que o “rouge” não consegue encobrir. E o resultado? Ou se desquitam, ou o joven tem que atural-a com a mesma indulgencia com que vós me estaes aturando agora.

O jovem deve procurar na menina a educação caseira, o porte, a delicadeza, a bondade.

Uma linda alma vale mais que um rosto lindo; porque melhor que a formosura é a virtude christã; e esta sobre ser a garantia da verdadeira economia domestica, é parcialmente essa mesma economia, pois tambem ella, elevada pelo sobrenatural é uma virtude christã.

Passemos agora um lance d'olhos sobre outra categoria social, que merece tambem assignalada em materia de economia. Refiro-me aos scientistas, talvez até a notaveis economistas theoricos. Homens ha que pelo seu saber chegaram a ser luzeiros da sciencia, da litteratura e das artes e que para infelicidade sua foram tambem luzeiros na prodigalidade. Sabiam tudo, afóra que o homem para não contrahir dividas, para não descer a uma degradação moral, para manter emfim a sua independencia, só tem um meio que é: viver dentro de suas posses.

Bacon já de tenros annos começara a exceder-se, tornando-se depois com suas dividas um perpetuo cubiqador de dinheiro. Homens ha com genio especial para questões financeiras de grande escala e no entanto, arruinam-se na administração de seus negocios particulares.

Pitt é um exemplo; administrou as finanças nacionaes durante um periodo de difficuldades sem exemplo, e no entanto elle proprio, andava sempre individado. Por sua morte a nação teve

de votar £ 40.000 para satisfazer ás reclamações de seus credores.

Lord Melville, esse então era tão prodigo no governar seus proprios interesses como o dinheiro publico.

Fox foi um enorme devedor, principalmente pela paixão do jogo, o maior vicio da alta sociedade de seu tempo. Segundo Gibbon, numa assentada de 24 horas consecutivas de jogo, perdera Fox 11.000 libras esterlinas. Selwyn, em virtude das perdas em que o via sempre, apellidou-o de Carlos o Martyr. Sheridan, viveu de dividas, e desbaratou a fortuna de duas esposas; a da primeira, de £ 1.600 numa excursão de 6 semanas a Bath; e a da segunda que subira a L. 5.000, vendo-se na indigencia, motivo pelo qual se entregou á litteratura, deixando-nos "Os miseraveis" entre seus maravilhosos dramas.

Mirabeau foi um temivel perdulario. Dirigiu os poderes do estado, mas foi tão estravagante que ao morrer ficou devendo ao alfaiate o fato com que se casara.

Lamartine consumiu varias fortunas, chegando á andar de chapeu na mão a pedir esmolas. Os 200.000 francos que lhe deixava o curso de litteratura, ao cahirem em sua mão, desapareceriam como a gotta dagua que cae numa chapa ardente.

Não vamos, porém, cuidar que a modesta posição financeira de muitos homens de sciencia seja sempre a consequencia responsavel de perdularios culposos.

Muitos foram pobres, mas tiveram a necessaria prudencia para observar os limites de suas posses.

Kepler luctou a vida inteira contra a pobreza, principalmente por andar sempre atrasado o seu ordenado como primeiro mathematico do Imperador d'Allemanha.

Leibnitz deixou após si uma grande somma de dividas.

Spinoza, Dalton, Faraday foram relativamente pobres.

Lagrange chegara a dizer que se tivesse sido rico, provavelmente não viria a ser mathematico.

Entre os artistas encontramos tambem valentes luctadores como Jan Steen, Van Dyck e Rembrandt.

Entre os poetas e prosadores, vemos: Camões, Shakespeare, Ben Johson, Bocage, Spencer, Milton, Gregorio de Mattos, alguns dos Mineiros, Savage, Sterne, Churchill, Goldsmith.

E' deste ultimo, a seguinte carta ao seu irmão Henry, com respeito á carreira de seu filho: "Ensine, meu rico irmão ao seu filho, a economia. Que o exemplo de seu pobre e voluvel tio seja posto sob os seus olhos. Aprendi nos livros a ser desinteressado e generoso, antes de saber pela experiencia a necessidade de ser prudente. Tinha contrahido os habitos e as noções de um philosopho enquanto me expunha aos insidiosos accessos do sacrificio; e muitas vezes em ser, até nas minhas apuradas finanças, caritativo em excesso, esqueci as regras da justiça, e colloquei-me na mesma situação do desgraçado que me agradecia as minhas liberalidades".

Byron dizia, que antes de completar os 20 annos, já tinha apezar-lhes sobre os hombros dez mil libras de dividas. Ao publicar o primeiro canto de "Child Harold", apresentou a copia ao Sr. Dallas declarando que nunca receberia dinheiro pelos seus scriptos, resolução que elle depois prudemente abandonou.

Foot recebera de sua mãe uma carta nestes termos: "Querido Sam, estou na prisão por dividas, — vem e soccorre a tua adorada mãe". Respondeu-lhe elle: "Querida mãe, estou no mesmo caso; o que impede que o desejo seja cumprido á sua adorada mãe pelo seu affectuoso filho".

O mais bello exemplo talvez, de uma tenacidade herculea, de um character nobilissimo, temol-o em Walter Scott.

Permittam-me a leitura de duas paginas que vi a seu respeito: "Edificara Abbotsford, fora feito Lord e era senhor de seu condado, julgando-se rico, quando o infortunio veio bater-lhe á porta, fallindo assim a firma Constable. "E' muito duro" disse elle quando a triste noticia lhe chegou aos ouvidos, é muito triste perder deste modo todo o trabalho duma existencia, e ficar por fim um homem pobre. Mas se Deus me der saude e força por mais alguns annos, não tenho duvida alguma de que tudo recuperarei: "Todos o julgaram arruinado, e elle mesmo se considerou como tal. Mas a sua coragem nunca o abandonou. Quando os seus

credores lhe propuzeram uma concordata, o seu sentimento de honra prohibiu-lhe de os attender. Não, senhores, respondeu”.

Apezar das dividas terem sido contrahidas por outros, elle tornou-se legalmente o responsavel; e forte no seu principio de integridade, determinou, se podesse, pagal-as todas até ao ultimo ceutil. E dedicou-se a essa empresa: mas custou-lhe a vida.

Desfez-se da sua casa de campo e dos moveis, entregou os seus bens pessoaes afim de garantir os seus credores, e comprometteu-se a amortizar uma somma annual pelas suas dividas passivas; o que fez, emprehendendo novas obras literarias, algumas das quaes de grande importancia e cuja execução, ainda que o habilitasse a solver uma grande parte de sua divida, accrescentaram pouco a pouco a sua reputação. Uma das suas primeiras tarefas foi a sua “Vida de Napoleão Bonaparte” em nove volumes, que escreveu, no meio de trabalho, tristeza e ruina, em tres mezes, — recebendo por isso cerca de quatorze mil libras.

Apezar de atacado de paralyisia, continuou escrevendo até que, depois de quatro annos, tinha já saldado dois terços da divida de que era responsavel, — facto provavelmente sem exemplo na historia das lettras. Os sacrificios e esforços que fez durante os ultimos annos da sua vida, já paralytico e mal podendo segurar a penna, collocaram Scott na situação de um verdadeiro heroe. Supportou tudo até ao fim com um espirito indomavel

Quando o seu medico o reprehendia pelo seu excessivo trabalho intellectual, respondia-lhe: “Se tivesse de estar ocioso, enlouqueceria; em comparação disso, a morte não é um perigo que me faça desviar do meu rumo”. Pouco depois do seu fatal ataque, quando estava sentado meio dormitando numa cadeira sobre a relva em frente da casa de Abbotsford, levantou-se repentinamente, atirou fóra as mantas que o cobriam e exclamou: “Isto é uma triste ociosidade. Levem-me para o meu quarto, e procurem as chaves da minha carteira”. Levaram-o para o seu escriptorio e puzeram defronte delle pennas e papel. Mas não poudo suster a penna; não poudo escrever, e as lagrimas corriam-lhe pelo rosto abaixo. O espirito não estava vencido, porém as forças corpo-

raes estavam exaustas e destruidas; e por fim quando morreu, tinha adormecido — como uma creança.

Scott sentiu como todas as almas bem formadas, que a pobreza é uma carga muito mais leve de supportar do que uma divida.

Ahi tendes meus amigos um exemplo de economia.

Sirva-vos elle para lição e proveito, é o que vos deseja este vosso pequenissimo amigo.

Fallei-vos ao começâr, de uma economia sã, liberal; sim, embora pareça que não, esse adjectivo qualifica muito bem o substantivo. A economia deve ser generosa mas não de generosidade: egual á daquelle que roubou um carneiro, e em nome de Deus deu os pés aos pobres.

Se é natural a existencia da caridade no coração humano, mais natural ainda deve ser ella num coração que vive no amor de Deus, num coração catholico. A caridade é uma virtude, e a virtude não é privativa deste ou daquelle.

Deus que a collocou no mundo, quiz que todos a pudessem praticar. Um rico muitissimas vezes é menos caridoso que um pobre, um infeliz que nada tem de seu. Assim como o descanso alegra o corpo, assim tambem a virtude alegra a alma, tornando-a mais sympathica ao seu Creador.

E comnosco temos ainda o estimulante de ser a caridade a virtude mais suave ao praticar-se. Contudo deve ella andar sempre a par de um certo cuidado, porque pode acontecer que na melhor bôa vontade uma pessoa faça mal a outra.

O mero doador de dinheiro muito pouco fará obra de philanthropia, porque ha pessoas não educadas, ociosas, que tendo como certo o seu sustento, não se esforçam por adquirir um modo de vida menos humilhante. Devemos ajudar os pobres a se valerem a si mesmos, pois se se der dinheiro a um homem sem que elle tenha de trabalhar para obtel-o, em breve elle o reclamará como um direito. E' necessario apurar como La Fontaine:

“Il est bon d'être charitable
Mais envers qui? c'est là le point.

Hoc opus, hic labor est — ahi é que está o *busillis*. Quando ha, porém, interesse da parte do esmolér, a simples perspectiva da generosidade, fal-o esquecer as vicissitudes da bôa acção.

E agora, meus amigos, como é que me desculparei eu, se pré-gando a economia vos fiz desbaratar tanto tempo em me ouvir, sendo tão conhecido nosso o velho dictado inglez: "Time is money"?

Fostes generosos commigo, viestes honrar-me com a vossa presença e se perdestes o tempo, ao menos fica-me o direito de reconhecer que vos fiz um bem: o de passardes por uma heroica mortificação durante meia hora.

Mil vezes agradecido, mas é meu desejo que, até certo ponto, essa mortificação perdure, e que não deixe nunca de ferir os vossos delicados ouvidos a minha voz roufenha, bradando ainda:

Economia!... economia!...

Bahia, 22 de Outubro de 1925.

Joaquim de Araujo Lima

PANORAMAS

ALLOCUÇÃO DO

R. P. Luiz Gonzaga Cabral S. J.

Director do C. M. A. e do C. C. E. M. A. na
festa Marial de 31—V--1926

REALIZADA NO

Salão Nobre do Gabinete Português de Leitura



PANORAMAS

Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado

Presadíssima Juventude Académica

Minhas Senhoras e meus Senhores

Aos 28 de Janeiro de 1917, após quasi duas semanas de uma travessia, que pela vez primeira me separava da Europa natal; depois de ter experimentado a impressão concentradora daquelle deserto monotonamente sublime que os grandes Poetas traduziram em seus versos com terminologia estranhamente uniforme: Virgilio: "*Mare undique et undique coelum*" — Ovidio: "*Coelum undique et undique pontus*" — Camões: "*Não vimos enfim mais que mar e ceu*"; ao terminar a derradeira noite de bordo, que a expectativa do *terminus* quasi transformou numa ininterrompida vigília; a luz argêntea-e-rósea da madrugada começou a desenhar, ante meus olhos extasiados, os contornos do vosso maravilhoso recôncavo. Primeiro indecisamente esfumado pela neblina que as águas vaporavam como ténue cortinado de gaze, depois vincadamente repuxado em alto relêvo nas orlas de oiro dos seus areaes, e nas catadupas de esmeraldas que a ramaria opulenta debruçava a espelhar-se no crystal do lagamar, e no alvejar do casario a trepar graciosamente irregular pelas encostas, e no

enrubescer dos telhados que purpureavam a unisono com o afoguear do nascente e no scintillar deslumbrante das vidraças a responderem ardentes aos ósculos do sol que as beijava com seus raios de ouro.

A entrada na Bahia é um deslumbramento! Natureza e civilização, num abraço, que três annos mais tarde vi renovado com aspectos tão diversos dos daqui, no panorama do Rio a mirar-se na Bahia de Guanabára, natureza e civilização mesclavam as suas pinceladas mágicas para dar ao quadro uma polychromia que desafia toda a descripção.

Mal cuidava eu, ao deixar-me enlevavr com o scenário, nessa primeira hora de Brasil, que dez annos depois, relanceando de conjuncto a encenação do decennio inteiro, eu experimentaria uma impressão incomparavelmente mais encantadora, com o panorama psychológico e social, do que a tivera então com o panorama physico.

A alma humana, que Santo Agostinho chamou *um mundo pequeno num mundo grande*, e que Vieira, com expressão paradoxal mas profunda, chamou *um mundo grande num mundo pequeno*, não admira que tenha os seus panoramas mais deleitosos para o olhar do espirito, do que são para o olhar do corpo os grandes scenários da natureza.

E se na tela vastissima das almas humanas ha ainda uma aberta de paisagem mais encantadora para o psychólogo, esta é sem duvida a alma da mocidade.

Bem como na minha primeira entrada pela Bahia de Todos os Santos, tambem ali a luz, que doira a mocidade é luz de aurora, clarão suave, sem o estuar requeimante dos meios-dias da virilidade e sem a melancholia arroxeadada dos poentes da velhice; tambem ali são de lagamar as águas, sem o rôlo agitado dos grandes vae-vens da vida, lamina polida de vasto espelho, onde se podem reflectir as múltiplas visões — tantas vezes miragens! — que envolvem a juventude em seus longes e pertos; tambem ali são de esmeralda as côlchas que se debruçam nos varandins das collinas, porque o verde da esperanza entorna a sua tonalidade serena por essa idade, talvez por isso chamada o verdor dos annos;



Grupo da Congregação Mariana Acadêmica
(1926)

é também na alma juvenil que se deparam as pinceladas de carmin, afogueadas pela púrpura do horizonte oriental, no enrubescer do amor primeiro, feliz quando é o tingir-se com o sangue puro de um affecto immaculado, e não o córar com a vergonha de uma depravação inconfessável!

Como no panorama da Cidade do Salvador que me enlevou recém-vindo, ao esmeraldino do arvorêdo e ao rubro dos telhados se mesclava a scintillação dos cristaes beijados pelo sol; também nestes panoramas dalma, que em dez annos me enterneceram o olhar sollicito, ao verde da esperança e ao encarnado do amor se allia, polvilhando-os de brilhantina, a fúlgida luz que doira esta juventude com os esplendores da verdade e da sciência.

E para que, á payságem que neste decennio se desenrolou constante a meus olhos, nem sequer faltassem os aspectos do casario, que na hora de lançar ferro eu contemplava, ó Bahia, alcançado nas prégas do teu amphitheatro; também nas escarpas cusadas e nos cumes banhados de luz das vossas consciencias, ó juventude estremecida, o maior prazer do meu coração de pae era admirar a labuta constante em que se empenharam e desempenharam vossas energias, cavando fundamentos, lançando alicerces, erguendo muros, arqueando abóbadas, aprumando torres, afilando flechas ou boleando cúpulas, numa azáfama corajosa de assegurar á construcção a pertuidade pela solidez, sem lhe descurar a elegancia pelo primor da esthética.

Assim vira eu, no relancear da chegada, cyclópicos os paredões na ladeira da Montanha; desafiadora dos seculos a cantaria da Cathedral; esbelto o zimbório de S. Bento; perfurando o azul duas a duas as torres das Egrejas coloniaes; e rendilhando filigranas a decoração moderna do Palácio do Governo e as colunnatas clássicas que delle vêem descendo encosta abaixo.

E' que, no scenário da alma juvenil, mais encantadora que outros aspectos capazes de enlevar, é aquella empreza de construcção da virtude, que a linguagem christã com tão feliz vocábulo chama: — *edificação*.

Sim, meus Senhores, formação do carácter pela virtude é uma pujante obra de constructor, é realizar um edificio que deve

ser monumental pela grandeza, perenne pela duração, mimoso pela delicadeza; numa palavra: é *edificar*. E que edificio, meus Deus! Se a architectura hellénica deixou á posteridade a ousada fórmula: *aeternitati aedifico*, enganou-se, porque, como lá disse o poeta, *Mors etiam saxis nominibusque venit*, tambem chega a morte ás pedras e ás inscripções nellas gravadas! Ao passo que, das construcções dalma, póde sem encarecimento dizer-se *aeternitati aedifico*, porque nem a aza do tempo as roça, nem o raio as lasca, nem o ariete as abala, nem o canhão as desmorona! O tempo da vida os edifica; a eternidade as immortaliza! Só uma alavanca tem força para as transformar em ruína: o abuso da própria liberdade.

Ora, tudo isto presenceei eu na pleiade de almas juvenis que nestes dez annos conversei e tractei, como Director da C. M. A. e do C. C. E. M. A.

E, á medida que via com saudade a partida de muitos delles, alargando-se-me o horizonte em mais vastas proporções que as da Bahia, desenrolava-se o panorama do Brasil inteiro; e fui vendo esta mocidade dispersar ao longe por todo elle.

Eram os que do amphitheatro do Terreiro, ou das bancadas da Polytechnica, ou dos cursos da Faculdade de Direito iam exercer a clinica ou manejar o bisturi, abrir pharmácias ou montar gabinetes dentários, delinear estradas ou construir linhas férreas, defender interesses em risco e innocencias calumniadas, ou promover a repressão do crime e zelar a prosperidade pública; eram os que dos Institutos de Bellas Artes, de Commércio, de Agricultura ou de Indústria partiam a desenvolver por essa Patria muito amada a riqueza e o bom gosto, o progresso e a civilização.

E, volvendo de novo os olhos á sementeira bemdita de generosidade e honradez, de amor ao estudo e sobretudo de amor á virtude, que, na Congregação Mariana Académica e no Circulo Cathólico de Estudos da Mocidade Académica, preparára esses moços para realizadores efficazes da esperança que nelles depositára a Nação, eu não podia reprimir este grito dalma: Brasil querido! segunda Pátria do meu coração de Português, exulta! põe os olhos nessa mocidade.

Muito mais que os edificios materiaes, com que se enriquecem e aformoseiam as tuas cidades, mais até que a opulência com que verdejam teus campos e collinas mais que as raças seleccionadas que se criam nos teus pastios, muito mais impôrta dar ao pais cidadãos honrados e prestimosos, cujos ideaes sejam levantados, cuja probidade não se dobre aos cálculos mesquinhos, do interesse, cuja pureza de vida seja uma lição de belleza moral em meio podridão deste novo paganismo, cujo amor ao trabalho vá saneando a indolência e o descaso em que se dilúem as energias de uma raça, e sobretudo cuja fé robusta e illustrada contraste com tanta superstição deprimente, cuja piedade destemida e sincera imprima um justo ferrête de censura practica na cobardia masculina do respeito humano, enervador de caracteres e desviador de benções de Deus!

Senhores! este resultado é mais transcendente que o de uma instituição de beneficencia, aliás louvável. Porque é desses moços intemeratos e fortes, instruídos e crentes, que hão de brotar, pelo Brasil fóra, as sementeiras intérmimas de beneficencia e de regeneração, de pedagogia e de alta cultura, de progresso e de religião.

Ora, Senhores, o testemunho das maiores competências na intellectualidade Bahiana não tem regateado elogios á transformação já operada no grupo sympáthico destes rapazes, e por meio delles no ambiente social em que actúam.

O nosso *Archivo Mariano Académico*, cujo 1.º volume de 650 páginas já saiu a lume no anno passado, dos prêlos da Imprensa Official, e cujo 2.º volume sairá dentro em breve, ambos postos á venda em favor da Congregação Académica, o nosso *Archivo* contem révelações imprevistas sobre a acção omnimoda destes *novos*, tanto na Capital e Estado da Bahia, como ao longe, nos mais Estados da União.

E, se em vez de pôr os olhos na acção individual de cada Congregado, durante este primeiro decennio, quiséssemos fazer o balanço das obras organizadas com feição associativa no seio desta familia — que como tal consideramos e amamos a Congregação,

pois todos nella nos temos por irmãos — mais razão leremos para nos regosijarmos com a nossa primeira Década.

Como associação caracteristicamente de piedade organizou uma secção propria de Apostolado da Oração, que no presente anno se completou pela secção de Exercícios Fechados, que nas mais adiantadas nações, são hoje o meio efficaz por excellencia do aperfeiçoamento moral, ineio a que até Protestantes recorrem com edificante docilidade.

Como associação Académica, organizou o Circulo de Estudos, que tão notável campo de acção abriu nestes ultimos 7 annos aos trabalhos intellectuaes, e cujas fileiras se viram honradas com o alistamento de 30 illustres cathedrauticos das varias Escolas Superiores.

A secção de *Chróica*, alem dos dois volumes a que ha pouco alludi, completa-se com a secção de *Correspondencia* para contri-buir não pouco a crear no nosso meio um grupo de escriptores treinados na exteriorização das ideias pela cultura do verdadeiro estylo, não palavroso e ôcco, mas substancioso e singelo.

Com motivo das relações sociaes derivadas da nossa propria situação na Bahia, estabeleceram-se as secções de *Festas e Participações*.

Mas foi sobretudo sob o ponto de vista especial do zelo, da caridade e da beneficencia que a nossa aggremação se expandiu numa fecundidade, que é a garantia da efficácia operosa da Congregação.

A secção de *catequese, ensino e assistencia* ás creanças pobres apresentou já dois succulentos relatorios, em que os factos e os algarismos se juntaram para demonstrar que não ficámos em meras palavras nesse importante problema da approximação das classes.

Este anno foi remodelada a secção, tendo iniciado seus trabalhos com auspicioso núcleo de crianças.

A esta mesma acção social tende a Secção de *Visita domiciliar aos doentes pobres*, bem como a de *Acção hospitalar*.

Accrescentou-se no presente exercicio a *Secção de Aulas Nocturnas gratuitas aos Operarios*, em que os próprios Académicos são desinteressadamente os professores das varias materias.

Corno vêdes, Senhores, ao observador que vê desenrolar-se ante seus olhos o panorama do 1.º Decennio da Congregação Mariana Académica não faltam motivos para enlevar-se nelle com maior razão da que eu tive para extasiar-me, no momento da chegada á Bahia, ante o panorama physico do seu esplendido re-côncavo!

Não quero, Senhores, demorar por mais tempo a vossa paciente benevolencia.

Resta-me apenas, antes de baixar desta tribuna, testemunhar, em nome da Congregação Mariana Academica, a profunda gratidão de que neste dia mais uma vez somos devedores aos que estimulam com sua sympathia os empreendimentos desta briosa juventude; desde o Governo do Estado, aqui tão brilhantemente representado, até á distinctissima e tão numerosa assistencia, na qual o escol da sociedade Bahiana veio dar-nos o apoio da sua carinhosa solidariedade, com a presença dos seus intellectuaes, mais admirados, da sua mocidade mais vibrante, das Damas e Cavalheiros mais prestigiosos e respeitados.

E porque a festa é caracteristicamente Marial, á Virgem Santissima Padroeira da nossa Congregação suba o preito da nossa gratidão de filhos, por se ter Ella mostrao para comnosco verdadeira Mãe.



Jacques Rivière

DISSERTAÇÃO DO

Dr. Anísio Spinola Teixeira

Director Geral da Instrução

Na Sessão conjuncta da C. M. A. e do C. A.

AOS 31-V-1926



Jacques Rivière

Ha um anno procurei eu entreter-vos, aqui, com algumas considerações sobre Renan, Barrès e Maurras, buscando demonstrar como esses tres escriptores hãviam realizado uma verdadeira marcha ascencional do racionalismo para um tal ou qual espiritualismo, do qual se devia logicamente chegar até á religião.

Qualquer que tenha sido a influencia desses espiritos com relação aos que os precederam, foi ainda muito incompleta.

Ao lado da influencia barresiana, dois outros escriptores Claudel e Péquy exerciam uma acção mais profunda e mais espiritual, que vinha de certo modo concluir o impulso religioso commandado por toda a obra de Barrès.

Vamos, hoje, deter-nos em um exame, ligeiro que seja, pois a directoria do C. C. E. M. A. não me consente por mais de 15 minutos nesta tribuna, de um dos espiritos da geração actual que melhor resume a acção conjuncta dessas correntes espirituaes: Jacques Rivière.

Rivière morreu ha pouco mais de um anno, com 38 annos de idade e atravez da *Nouvelle Revue Française*, que dirigiu por mais de seis annos, legitimo guia intellectual de um grupo representativo de moços de espirito e de coração.

Aos vinte annos, queimava-se dentro dessa alta intelligencia a mais irresistivel das inquietações.

Discipulo de Barrès e de Gide e discipulo sobretudo dos livros, Rivière synthetizava até ao paroxismo essa crise metaphysicac que fére a todos os que, desamparados de uma educação methodica e tradicional, respiramos o ambiente perturbado da vida mental contemporanea.

Se Barrès lhe havia ensinado o sentido espirital das cousas, aquelle sensualismo religioso do grande escriptor, não lhe soccegava o coração sedento de certeza. A imprecisão religiosa de Barrès era uma bebida irritantemente deliciosa para sua intelligencia generosa e inquieta.

Maurras, egualmene, com a sua doutrina da ordem e da auctoridade, tão visinhas do atheismo positivista, não podia tranquilizar um espirito sequioso de uma verdade interior que o apaziguasse. (1)

Rivière procurou, então, Claudel.

Claudel era um convertido de ontem, mas um convertido integral, um convertido que se tornara immediatamente apostolo e missionario”.

O seu acto de fé nada tem de commum com a lenta e longa ascensão barresiana.

Foi repentino e integral.

Eu cri, diz Claudel, com uma tal força de adhesão, um tal arrebatamento de todo o meu ser, com uma tão poderosa convicção, uma certeza que não deixava logar a duvida alguma, que, depois, todos os livros, todos os argumentos, todos os acasos de uma vida agitada não poderam abalar a minha fé, nem, mesmo, verdadeiramente tocar nella”.

Foi como se por longos annos lhe tivesse sido cerrada a porta da verdade, que se abriu nesse dia de 25 de Dezembro de 1886, de par em par.

Por um desses mysterios da graça, á sua intelligencia foi poupado o doloroso sacrificio de uma readaptação que é sempre penosa e lenta.

(1) A verdade para Maurras é mais social do que individual.

Os seus olhos habituaram-se, immediatamente, á nova luz.

Foi, assim, a esse Claudel, crente e apóstolo, que, em 1907, Rivière dirigiu uma carta que é uma supplica commovente para o “ajudar a encontrar a Deus”.

Fazia um anno que Rivière admirava apaixonadamente a obra de Claudel.

A sua carta, carta dos vinte annos, está cheia de exuberancias, de demasias, de indecisões e de afflicção.

Esse temperamento apaixonado e serio conta-se assim a Claudel:

“Quem eu sou? Vinte annos, como toda a gente, sem felicidade nem infelicidade especial; mas uma inquietação, uma inquietação terrível, que véla dentro de mim, e me arrebatava sem cessar e sem cessar me impede de acalmar; uma inquietação que ora me suspende em transportes de volúpia, ora em transportes de desespero, uma inquietação infatigavel. Busquei os livros. Muitos me seduziram e só os amei como irmãos mais velhos e que sabiam mais.

Acreditei nelles. Mas, a minha inquietação avisa-me para não me deter, não me dar por satisfeito, para dilacerar o meu amôr e soffrer e buscar e ansiar ainda. Julguei, então, que poderia, como todo moço, comprazer-me, ao menos, na minha incerteza, delectar-me em um refinado desencantamento”.

E Barrès com seu “culto do desejo,” atordoou-o depois.

Mas, sobreveiu-lhe novamente a ansiedade.

E Gide, o immoralista, tomou-o pela mão e ensinou-o a procurar todas as satisfações e todas as posses.

“E eu parti, diz elle, á procura das cousas e da felicidade que ellas não encerram”.

A *perpetua decepção* que o acolheu por toda parte não o des-

alentou, até ao dia em que conheceu Claudel e durante um anno lhe devorou a obra serena e religiosa.

Mas, a sua inquietação não adormeceu, antes se sobressaltou ainda mais com a “serenidade admiravel, a força, a certeza, a alegria” da obra claudeliana.

A lucidez dessa grande intelligência apprehende então a analyse dos motivos que o afastaram e o afastam do christianismo.

“Duas cousas me impediam de ser christão: o sentimento da *realidade do nada*, a *complacencia* no meu desespero”.

E esse neophito-criança tocou, por assim dizer, com o dedo nas duas causas profundas, que um experimentado director espi-ritual poderia indicar como o mal moderno.

Effectivamente, não será o maior obstaculo á fé catholica e positiva, a essa fé actuante, esse sentimento de generalizada descrença, de scepticismo e de indifferença a que os russos souberam tão appropriadamente chamar de *nililismo*, e que é um sentimento tão do nosso tempo e da nossa gente?

A generosidade, a bôa fé, a humildade, que são tão imprescindiveis a toda crença, não são visceralmente incompativeis com esse sentimento da *desnecessidade*, da *sem-razão*, da *inutilidade* de todo o esforço, de todo o sentimento, de todo prazer e de toda sensação?

O sentimento da *realidade do nada* é a forma especifica do desespero moderno. E’ a destruição dos valores e a coincidencia do Bem e do Mal, é o anniquillamento de toda a certeza e é, mais do que isto, a incapacidade de toda a certeza.

E a complacencia nas tristeza e no desespero é o traço ter-rivel que sulca o rosto de tantos dos nossos contemporaneos com o estigma da condemnação.

Claudel responde a esse appello apaixonado e desordenado com uma carta de confessor, cheia de affirmações e sem argumen-tos.

Tambem eu creio, que precisamos menos de demonstração, do que de humildade.

E’ preciso, que venhas; diz essa alma admiravel de Claudel.

E conta-lhe o que será ser catholico: “não julgues que te vaes diminuir: pelo contrario serás admiravelmente augmentado”.

E como Rivière lhe tinha dito que um dos seus receios era que a religião lhe seja o fim da *investigação* e da *lucta*, Claudel retruca, affectuoso e profundo:

“Ah! meu caro amigo, o dia em que receberes a Deus, terás o hospede que não te deixará nunca em repouso. Será o grande fermento que quebra todos os vasos, será a lucta, a lucta contra as paixões, contra as trevas do espirito, mas não a lucta em que se é vencido, mas aquella em que se é vencedor”.

E essa carta admiravel de segurança, de bôa fé e de persuasão affirmativa conclue, marcando um encontro na Mesa da Communhão.

* * *

Aquellas palavras sinceras, lançaram Rivière em uma grande perturbação. Secretamente esse homem de letras ainda em botão julgava que Claudel lhe respondesse... litterariamente.

As palavras serias e “impiedosamente” meigas do poeta quasi o desorientaram. E voltou o turbilhão das confissões e das contradicções, quasi brutaes, porque sempre lhe havia de parecer a essa alma profundamente nobre que não estava sendo sincera com o coração simples de Claudel.

“Sou tão ondulante, tão fugitivo, diz elle. Vario como o movimento dos olhos. Estou aqui e, num momento já não estou. Ha dois dias que te escrevi e já estou mudado. A angustia que julgava me hãvias definitivamente, inspirado, evapora-se. Recaio na minha terrível indifferença, em minha detestavel inercia. Reler a tua carta é um mal estar para mim. Já não sinto o esforço de detestação, a abominação de mim mesmo, o tu-

multo, o desejo que te dizia. Apenas um socego infame e a obscuridade que se restabelece.

Crê-me, estou perdido.

Ha alguma cousa em mim de gasto, uma lassidão, uma incapacidade de contenção, uma impotencia profunda.

Os livros complicaram tudo, os livros de que tens tanta razão de me dizer que não creia nelles, os livros que eu errei em amar tanto.

Foram elles, os mesmos que indicava na primeira carta, (sobretudo Barrès) que desenvolveram em mim essa fatal disposição para a preguiça.

Habituei-me a contemplar minha vida, em vez de a viver, a gosar do acaso de minhas emoções sem querer commandal-as, a separar os meus actos do meu pensamento e a abandonal-os como cousas vis. Eis o grande mal.

Com Barrès eu pensei que peccar por acção não era peccar, que o verdadeiro crime era o do pensamento. Não soube ligar minha alma á minha vida. Por isso, é que, embora tenha sempre guardado, mesmo fóra do christianismo, uma alta moral, não me preocupei em pratical-a, em adaptar-lhe a minha actividade, mas deixei-me indignamente, baixamente correr.

E agora, não posso ter essa especie de vontade sobre minha vida que me seria indispensavel para fazer-me christão”.

Meus senhores, essa lucida confissão que não me pude furtar a citar tão longamente, não representa o estado de espirito de tantos dos nossos companheiros que se recusam “a cohibir-se, a constranger-se, a entrar no unico caminho” que é o do christianismo?

Tambem, a Rivière esse UNICO aterrorizava-o.

Porque razão, perguntava elle a si mesmo, ha-de a verdade ser unica? Cada religião lhe parecia “uma maneira espe-

cialmente apta que Deus emprega para fallar a uma raça". "Que o christianismo seja a mais bella elocução; mas, a "única" não o podia admittir.

E porque motivo a renuncia, a selecção rigorosa do que floresce dentro de nós? porque dizer *não* a um sem numero de convites que nos solicitam de toda a parte?

E, sem rebufos, uma por uma, Rivière indicava nitidamente as suas difficuldades de crêr.

"Imagine que eu sou aquelle para quem toda belleza é uma suffocação, a quem a verificação de cada cousa enche de uma sensação deliciosa, de uma plenitude acabrunhadora.

E o desejo de viver todo integralmente e sem limitações arrebatava-o.

Mas, no fundo era tão "forte, tão verdadeiro o seu desejo de certeza e tão violento o seu desejo de sinceridade" que, lá esteve, nesse dia frio e doloroso, na Egreja ouvindo missa.

A correspondencia com que lhe vem em soccorro Claudel está semeada das mesmas *palavras irrefutaveis* de antes.

"E' a grande fermentação dos vinte annos de que depende o vinho de toda a vida", diz-lhe Claudel.

E detem-se a refutar, um por um os seus equivocos, as suas duvidas, a dar-lhe os mesmos conselhos praticos, pascalianos para a conversão, concluindo: "ou te tornas christão, ou, como tantos outros, os prazeres e s trabalhos da vida curar-te-ão rapidamente de toda inquietação metaphysica. Muitos me escrevem, mas poucos têm a coragem de preferir a sua salvação ao seu orgulho".

Esta carta cruza-se com uma de Rivière, singular coincidência, em que elle se confessava o mais orgulhoso dos homens, como tal não lhe sendo possivel a conversão.

"Recuso preferir Deus a mim. Elle não nos póde exigir sinão o perfeito e integral desenvolvimento de nós mesmos".

Todo esse temperamento joven repelle e treme diante da “verdade inexoravel e de todas as acceitações e renunciás que ella implica”.

E Claudel, paternal,

“Se tens o coração doente (*si tu as mal coeur*)
é que alguma cousa em Rivière não é como deveria ser”.

Mas é longa e difficil a marcha para a conversão.

A proxima carta emprehende uma discussão philosophica. A questão da ordem, o problema do objectivo e do subjectivo tornam os dois contendores affectivos.

“Por mais que se faça, diz por fim Claudel, não poderei nunca tornar-te evidente a verdade catholica, porque Deus não quer que ella o seja e exige de nós um esforço de vontade generoso e livre para abraçal-a”.

E a dialectica continua cerrada, mas infelizmente inutil.

Ah! meus senhores, verdadeiramente a grande obra de hoje ha de ser a de rehabilitar a intelligencia.

Aliás, a verdade ficará subjectiva e individual. Só a crença no valor da intelligencia póde dar objectividade e universalidade á verdade que ella adquirir.

Eu não me converterei sesão por uma força interior, se me converter algum dia, é o que diz, porem, Rivière e o que hão de dizer todos quantos forem feridos dessa desconfiança da intelligencia.

Claudel, agora, substitue a philosophia, pelo terço que reza diariamente por intenção de Rivière.

A correspondencia toma a seguir um tom mais tranquillo.

A obra de Claudel estudada por Jacques Rivière serve indirectamente a um verdadeiro debate das questões religiosas.

Claudel nada deixou escapar.

A acção entre esses dous espiritos tão modernos vae augmentar com a convivencia pessoal.

Depois do noivado de Rivière, são dois os que pedem todas as noites a vinda de Deus; a sua entrada para professor de philosophia de um collegio catholico e a lenta e profunda acção de Claudel e da graça concluem a obra formosissima.

No Natal de 1913, Rivière procura o alimento espiritual da eucharistia.

Um anno depois, em Setembro de 1914 estava Rivière prisioneiro dos allemães e tres annos de captivo e de provação iam “verdadeiramente lançá-lo nos braços de Deus”.

Nesses tres annos é que floresce toda a sementeira plantada nos dois annos dolorosos, em que elle esteve á procura de Deus.

Tres annos de solidão, tres annos de retiro, um retiro fechado e severissimo, tres annos de face a face com Deus, como diz Claudel.

E Rivière, nesses longos 36 mezes, para fugir á monotonia e á fadiga do captivo emprehe, com alguns companheiros, uma serie de “palestras”. E sobre que iria conversar Rivière? Sobre Deus. Esse livro bemfazejo e surpreendente que acaba de ser editado — *A' la trace de Dieu*, é composto na sua 1.^a parte das notas de Rivière para as suas palestras sobre Deus e na segunda das notas, de um grande plano de *Apologetica Christã*, idéa que lhe nasceu das palestras religiosas com que elle entretinha o seu espirito e o dos companheiros.

Meus senhores, existe qualquer cousa de commum nos filhos de uma mesma geração que, ainda que divergentes nas idéas e nos principios, faz que tenhamos uma sympathia especial, comprehensiva e benevolente para com os que nasceram em nosso tempo.

Esse livro commovente de Rivière para nenhum de nós deixa de ter um interesse prodigioso.

Ha um tal corpo-a-corpo nas suas paginas com as nossas difficuldades, as nossas indecisões, as nossas coragens — percorre-o um tal sentido de sinceridade lucida e visceral, que o lemos com essa comprehensão pessoal e quasi intima com que leriamos o nosso diário.

Por muito tempo percorri as suas paginas, sobretudo da 2.^a parte, as das suas notas pessoaes, dos seus cadernos de captiveiro afim de procurar alguma cousa para vos lêr. Tudo é tão lindo, que vos não posso citar nada. Lêde-o e vereis. E vereis como toda a correspondencia entre Claudel e Rivière renasce ahí, cheia de luz.

Ainda um dia hei de estudar convosco essa acção positiva, exterior da *graça* sobre a nossa intelligencia.

Então, já não será extraordinario ouvirmos desse rebelde e ardente Rivière que affirmava não poder preferir Deus a si proprio, as palavras que tomo ao acaso de um livro?:

“Dia de Paschoa. Inexprimivel bem-estar. Verdadeiramente sobrenatural. Não o havia ainda conhecido: o repouso, a fé, a esperanza misturados em um só estado delicioso. Eu vos agradeço, meu Deus, porque me escutastes e porque vos dignastes habitar em mim”.

Estes traços rapidos e incompletos com que procurei fixar a “peregrinação da Intelligencia” de Rivière para Deus, não têm outra pretensão que a de vos communicar a profunda sympathia que nos merece essa juvenil figura de moderno e de christão.

A sua vida vale por um “ensinamento” e uma “parabola”.

E’ a lucta de uma sensibilidade e de uma intelligencia contra uma epocha que traiu suas velhas e profundas raizes christans.

E’ a restauração de Christo em uma intelligencia — restauração longa, penosa, difficil e severa.

Não bastaram sete annos de duvidas, de discussões, de vae-vens, em que Rivière se debateu melancolica e nobremente.

A graça tem exigencias supremas para visitar uma alma.

Essa Providencia tão visivel na teia inverosimil da vida de Rivière ia arrastal-o á solidão religiosa do captiveiro, onde elle foi, então, soffrer “esta directa operação sobre a alma, operação mais de cirurgia que de medicina, em que por meio “de supressão, de pressão e de purificação” se lhe talhou a verdadeira medida espiritual.

Mas, porque vivemos em uma epocha em que a fé representa uma revolta, porque tudo conspira contra a nossa verdade interior, desde a chamada sciencia e cultura modernas até ás mais insignificantes ramificações dessa civilização occidental — Rivière volta a França para mais uma vez lhe ser dada uma grande parte de soffrimento.

Premido pelas necessidades urgentes da vida, forçado a esse trabalho intellectual tão miseravelmente remunerado, mas de que devia viver — Rivière addia indeterminadamente o seu apostoliado....

Sete annos febris que ainda vive, sete annos em que trabalhou dispersamente, “com todas as suas forças divididas” sob “a pressão crescente das obrigações, das difficuldades e da falta de dinheiro” não lhe permittiram fallar de Deus.

Tudo isto me parece uma lição e um exemplo.

O catholico é no seio da vida moderna um elemento de contradição palpitante.

Mas não lhe cabe conformar a sua vida com a dessa civilização desorientada, que elle deve soffrer, mas não acceitar.

Toda a sua acção deve ser um appello interminavel á ordem, ao bem, á verdade, um appello a Christo.

Por isso a responsabilidade do christão nestes dias de tibieza e incredulidade adivinha-se na responsabilidade dos primeiros discipulos da Egreja.

Da nossa vida e da nossa palavra, deve partir sempre um ensinamento e um exemplo.

Nós possuímos — o caminho, a verdade e a vida — procuremos espalhar o nosso thesouro e a nossa felicidade.

O documento Rivière é mais um roteiro para conhecermos os desvios e as difficuldades com que a graça visita as almas modernas.

Tenhamos, entretanto, constantemente o proposito de sermos os collaboradores de Deus nessa obra de rechristianização da nossa cultura.

Esse movimento está hoje auxiliado por tudo que representa um trabalho de “REHABILITAÇÃO” ESPIRITUAL DA NOSSA EPOCHA.

trabalho que é levado a effeito pela maior parte dos espiritos modernos, espiritos “de uma formação muito differente — litteratos, poetas, philosophos e criticos — mas que se verifica estarem avançando sob o mesmo signal e prepararem uma mesma colheita”.

A esta epocha nova que se preparã, como uma supplica e um desejo, dirigamos as palavras nobres de Saint-Beuve:

“Oh! si um dia, em nossa bella patria, nos sentissemos felizes, sinceramente felizes de a ella pertencermos; si, sobretudo as almas juvenis tocadas de um bom espirito, cheias deste contentamento louvavel e salutar que não enquadra um orgulho pueril, antes, accrescenta á vida imaginação, se sentissem felizes de viver em um tempo, em um regime social que permittisse e favorecesse todos os formosos desenvolvimentos da humanidade — si não se constituissem, desde o principio, em revolta, em rebeldia, em azedume, em magia ou em esperança de uma epocha que já passou ou que está por vir; si ellas consentissem em distribuir e dirigir todas as suas forças no largo leito aberto diante dellas; — oh! então o equilibrio entre os talentos e o meio, entre o espirito e o regime social achar-se-ia restabelecido”.

“Assim teriamos ordem, harmonia, proporção e um nobre fim e meios faceis e uma coragem maior para o alcançarmos”.

E’ para essa epocha que marchamos; esse nobre e obscuro Circulo de que fazemos parte, com orgulho, hoje no seu decimo anno de existencia, collabora nessa grande e alta obra em favor da felicidade espirital do futuro.

Não terminemos, pois, a nossa festa sem prestar uma commovida homenagem de admiração, de apreço e de affeição profunda ao espirito que nos guia, nos anima e dá o sentido de nossa obra, com a tenacidade e a perseverança de uma vontade de chefe com a delicadeza, a amisade, o affecto de um coração de pae, e com a clareza, superioridade e nobreza, de uma intelligencia de verdadeiro mestre.

Ao Padre Cabral — a expressão do nosso grande e do nosso juvenil reconhecimento.

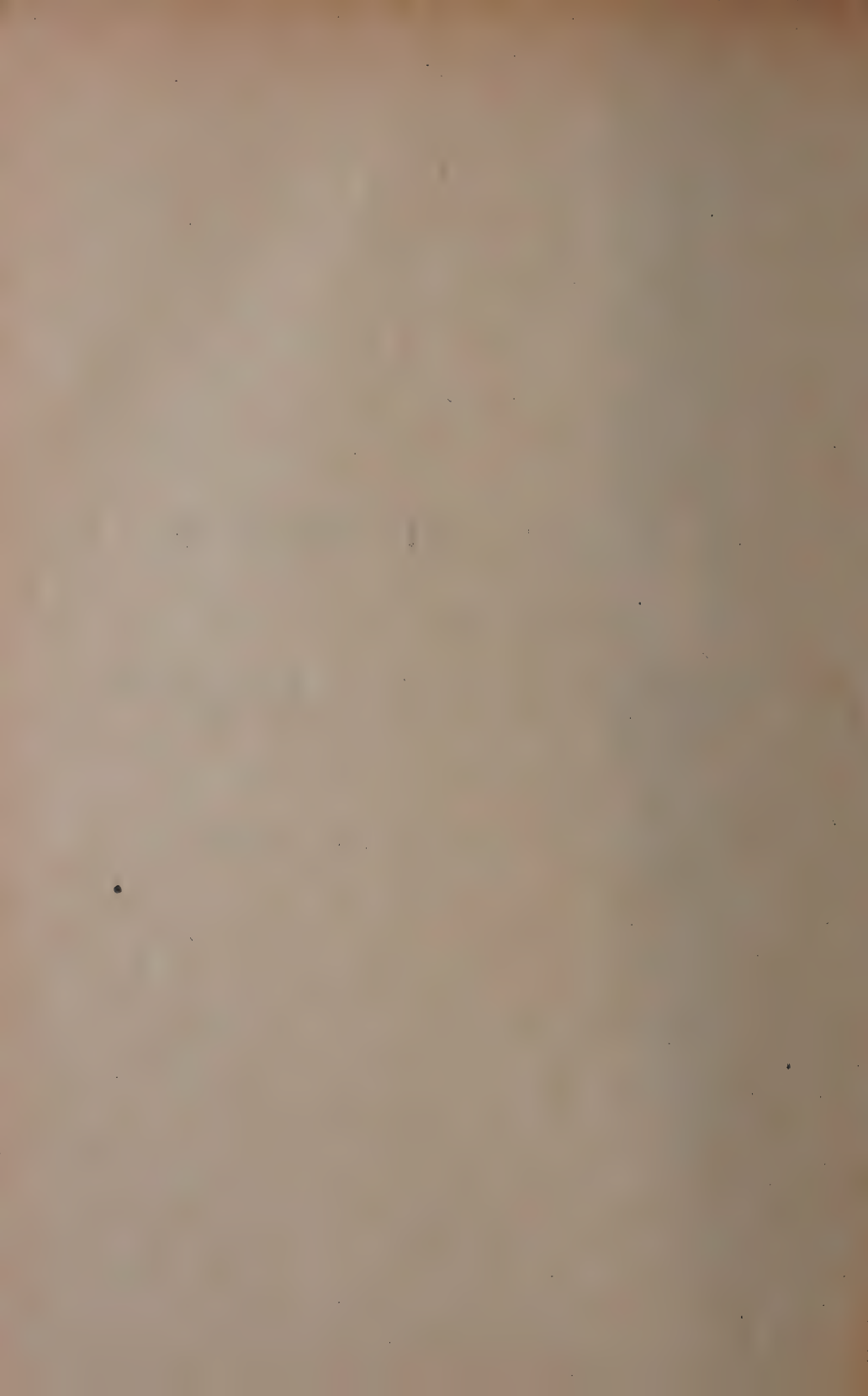
Pethion de Villar Humorista

(«CAPETINHAS AZUES»)

Trabalho apresentado ao “Círculo Catholico de Estudos da
Mocidade Academica”, no dia 7 de Agosto de 1926

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Octacilio de Carvalho Lopes





1ª PARTE

O Homem de Letras

Não nos acostumamos com a morte, apesar de phenomeno tão natural como a propria vida. Olhamo-la sempre indecisos e medrosos. Tememos a morte porque nella está o mysterio de todos os tempos. E este mysterio torna-sê cada vez mais trevoso para quem despreza os auxílios da visão sobrenatural. Quem se arma porém da forte lampada da fé, vê mais longe; a vista alcança mais e o mysterio se atenua. Percebemos então que no ponto dantes tão escuro, nasce nma luz tenue que cresce á medida que a fé se desenvolve.

Para o crente a morte é a vida. E por isso é que a igreja festeja os seus santos no anniversario da sua morte. Para a igreja, elles começam a viver no dia da morte.

Bemditá religião a nossa que nos consola e nos sublima com o balsamo sagrado da esperanza!

Mas com o morto querido não parte o nosso affecto todo inteiro nem se extingue o nosso amor. Fica a Saudade. E por isso é que passados quasi dois annos do desaparecimento de Pethion de Villar do meio dos vivos, a Bahia ainda o pranteia e com ella o "Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica", que perdeu nelle um socio honorario dos mais amados.

E não é mal que recordemos o passado. Vivemos no presente, mas não podemos esquecer o passado. O passado é para nós o escriptorio onde encontramos os diamantes mais offuscantes da intelligencia. Lá é que vamos encontrar sepultados, mas nem por isso esquecidos, os grandes espiritos, os nossos companheiros nas horas enfastiadas de insomnia. Elles animam-nos com o exemplo de tenacidade, confortam-nos com amor nas horas mais toldadas da vida.

Delles é que sabemos o caminho que devemos palmilhar; vemo-nos ás vezes tão perto delles, que duvidamos da morte. Sentimo-los nossos, ao nosso lado, conhecemos a su'alma pura, e quando nos lembramos que já não existem, que são cinza e não os podemos vêr, falar-lhes, ouvir-lhes a voz, quedamo-nos humilhados deante da morte. Mas nem por isso deixamos de lhes querer mais e mais ainda.

Vivemos no presente, mas não podemos esquecer o passado. "E' tal o prestigio do passado que nunca nos enjoa recordá-lo, e quasi sempre o invejamos, por mais confusa e ennevoadamente que a sua imagem seja transmittida" (Alberto d'Oliveira).

Lembremos pois o nosso morto saudoso que tanto honrou com o seu nome e com o seu exemplo, esta sociedade de moços catholicos.

Amo a obra de Pethion de Villar pela emoção esthetica que sempre me proporciona. Cada vez a comprehendo melhor e acho-a mais admiravel na sua simplicidade, encantadora quer nas paysagens maravilhosas, nas aguarellas vivas que nos pinta, quer nos motivos philosophicos que lhe definem a individualidade, quer nos vãos altaneiros de sua imaginação singular, cuja espontaneidade do affecto é mais uma razão para que lhe admiremos o genio e lhe dignifiquemos a gloria.

Desejou sempre a grandeza para o seu Brasil; e que elle progredisse "dentro das fronteiras que Portugal não se descuidara de traçar-lhe e guardar-lhe, com paternal e obstinada providencia", queria um Brasil glorioso, e por isso trabalhou muito quando jovem e foi o *leader* da sua classe e fundador do "Club Republicano Academico".

Depois, como mestre, compreendeu que a força mais poderosa é a da brandura. E a brandura foi sempre su'arma. Com essa arma poderosa Pethion venceu e conquistou o coração dos seus discipulos. Com todo o formoso cabedal adquirido pela experiencia e pelo estudo, fazia gosto vê-lo a aconselhar os discipulos dilectos. Psychologo, conhecia profundamente o coração humano, as suas virtudes e os seus defeitos. Amparava as virtudes e perdoava os defeitos, procurando explicá-los como coisas da mocidade irreflectida, erros que o seu optimismo dizia passariam com a reflexão, a qual viria com a idade.

Homem de sciencia, Egas Moniz foi professor da nossa Faculdade de Medicina e escreveu magnificas monographias das quaes destaco a "*Arsenotherapie da Syphilis*". Prosador e critico, deixou-nos o mais completo estudo que existe em lingua portuguesa sobre os "*Problemas de educação nacional e de instrucção publica*". Politico, foi duas vezes deputado.

Poeta, Pethion de Villar foi no dizer de Affonso Celso, "o maior que a Bahia tem produzido depois de Castro Alves, a quem é superior pela variedade de aptidões e pela extensão da cultura".

Percorreu todas as escolas literarias do seu tempo e sempre com o mesmo brilho. Sobre este aspecto do seu talento admiravel, Carlos Chiacchio na Bahia e Afranio Peixoto na Academia Brasileira de Letras, no Rio, consagraram-lhe monographias excellentes.

Carlos Chiacchio estudou o poeta com larga e serena visão, com perspicacissimo olhar de conjuncto, em estylo admiravel, conseguiu no dizer de Castellar Sampaio "realizar um prodigio — encadear nuvens — ou, antes, fixar o continuo no fugidio, achar o sentido da poesia de Pethion de Villar, dispersa nas revistas, nos albuns, nos jornaes". E não sei quem em identicas circumstancias conseguiria realizar, como Chiacchio, tão ponderada critica. Assim, referindo-se ao Hymno á Noite, de Pethion, Chiacchio affirma que "Leopardi, Chateaubriand, Lamartine, Musset, Pierre Loti, Victor Hugo, D'Annunzio souberam cantar a noite. Nenhum disse, porém, nada mais alto do que esta grandiosa evo-

cação; “e afirma”: Não conhecemos, em letras de genio, nenhum surto de maior belleza no assumpto”.

Estudou o poeta atravez dos seus escriptos na lingua portuguesa e francêsa não esquecendo a facilidade com que elle manejava o italiano, o alemão, o hespanhol; o conhecimento invulgar que tinha do latim e de varias outras linguas, o que lhe permittiu escrever o curioso soneto em quatoze idiomas differentes, dedicado a Aloysio de Carvalho, correspondendo cada idioma a um verso.

Chiacchio affirma:

“Pethion de Villar, pelo relevo singular de sua cultura, pelas tendencias multiplicadas de seu engenhro, pela technica vibrante de seus rithmos, pelo enriquecimento continuo de valores e, sobretudo, pela figura excepcional e unica de cohesão entre as varias literaturas que representou, deve ser considerado o precursor das melhores idéas em arte literaria destes ultimos tempos, por excellencia do symbolismo fracês, que floreceu, no Brasil, de 1900.

Depois de Chiaccio, Afranio Peixoto, na Academia Brasileira de Letras. O seu discurso sobre Pethion de Villar foi um hymno de louvores ao “grande poeta, dotado desse dom raro de governar e dirigir os rithmos e as rimas e não governado e dirigido por uns e por outras, como succede ao meão poeta; illogicamente elle entretanto, não o quiz ser, escondeu num pseudonymo, affirmou-se medico, professor, creio quiz ser politico, não reuniu sequer em livro os versos admiraveis que fez; e são elles vingadoramente, que lhe darão posteridade”.

“A Poesia era um automatismo seu, mau grado delle, poder-se-ia dizer. Quizera dissimular-se; não comprometter o proprio nome heraldico, fadado ao professorado, á clinica, á politica. Mas lá vinha o poeta, a poetar. Foi preciso arranjar-lhe um disfarce; d’ahi o pseudonymo, por um estratagemma innocente enganava a censura da razão, que contrariava o poeta: a poesia vinha-lhe, lendo a de outrem, estrangeira e peregrina e sentindo que podia fazer igual ou melhor. Então saia-lhe o disfarce da paraphrase ou da traducção”.

E Afranio diz depois: “Não podendo fugir ao seu meio, ao seu tempo, e a essa sugestão que nelle levava até á paraphrase, Pethion de Villar seria parnasiano dos que mais soberbamente cultivariam o soneto, a hobrear-se ás vezes, com Bilac e Alberto de Oliveira, com uma ousadia de rimas e gemmas preciosas de expressão, que não tem parelha, ainda comparado aos mestres francezes”.

Duas monographias, pois, sobre a obra de Pethion de Villar. Duas criticas feitas a um critico, medico, e poeta, por dois criticos tambem medicos, tambem poetas, Carlos Chiacchio e Afranio Peixoto, completaram-se quasi!

Não quero esquecer a carta aberta a Carlos Chiacchio publicada pelo joven Egas Moniz Junior, na qual agradecendo a brilhante monographia procurava esclarecer alguns pontos de referencia ao seu presado mestre e pae extremosissimo.

Foi tambem uma bella pagina de critica, escripta, interessante coincidencia, ainda, por um medico que tambem é fino e inspirado poeta.

Mas ainda não está completo o estudo desse grande espirito que a Bahia pranteia e procuramos celebrar neste momento. Não me refiro ao medico, ao politico, ou ao professor, mas ao poeta notavel por todos os titulos.

Quero estudar um aspecto ainda quasi desconhecido do espirito de Pethion de Villar.

Bem sei que não é facil a tarefa. Tratar de um Poeta sobre o qual já ouvimos Carlos Chiacchio e Afranio Peixoto!

Perdoem-me elles a ousadia!

Sei que não bastam palavras, não bastam phrases; são precisos hymnos! e não de um lyrismo balbuciente... Sou pequenino demais junto de Pethion de Villar.

Sinto que as palavras saem com difficuldade, a imaginação tolda-se-me numa nuvem de receio, e a vista encandeia-se com a miasiez de luz que de repente se projecta sobre mim, a cegarme, a confundir-me,

E á imaginação correm, passam, vão e voltam, confusas umas, luminosas outras, paginas e paginas estonteantes, que nos obrigam a amar e a querer com toda a alma a esse acrobata das ideas, a esse general das letras que venceu batalhas gloriosas tendo por arma a intelligencia, por soldado a penna e por campo de luta o silencio de um gabinete.





2ª PARTE

Capetinhas Azues

Apenas os intimos de Pethion conheciam a feição humorística da sua obra poetica.

Pois foi tambem humorista!

Não ousou affirmar que fosse humorista notavel. Mas para que não fique esquecida esta face do prisma do seu espirito privilegiado, é que quero lembrá-la.

Na verdade ella já estava esquecida. Poucos sabem que Pethion de Villar escreveu humorismo e que tencionava publicar os seus versos num livro “Capetinhas Azues” que chegou a annunciar.

Nem Carlos Chiacchio, nem Afranio Peixoto, nem Egas Moniz Junior, assim como outros que escreveram sobre o poeta, ninguém nos falou do humorista que tambem o foi, e em certas occasiões primoroso.

Chiacchio apenas citando os livros promettidos por Pethion include “Capetinhas Azues” sem contudo adeantar alguma coisa a tal respeito. Foi criticado o literato, o scientista, o poeta lyrico, symbolista, condoreiro, parnasiano; mas faltou o humorista.

O livro de humorismo “Capetinhas Azues” seria formado da collecção de versos publicados com o mesmo titulo no *Diario de Noticias* da Bahia no ultimo anno do seculo passado e no primeiro do actual, Eram assignados com o pseudonymo de Diavolino.

Eis os versos de apresentação publicados em 22 de Agosto de 1899:

Capetinhas Azues

.....
Devo agora apresentar
Os meus mil e um capetas;
Ver-se um é vê-los todos:
Bons rapazes, muito dados,
De uma elegancia sem par,
Sublimes nas piruetas,
Joviaes, porém de modos
Um pouquinho atravessados.
Quando a cauda se lhes pisa...
Armados sempre de setta
Que a malicia aguça e visa,
Attingir sabem a méta
Que lhes aponta o ridiculo
E o seu riso infernal
E' o riso de Loppicolo
Na bocca de Juvenal.

A leitora em seu *boudoir*
Ha de ás vezes destas linhas
De repente ver saltar
Alguns dos meus capetinhas:
Este, dentro do dedal,
Espindo acorado;
Outro de pé, triumphal,
Na lança do cortinado;
Aquelle abrindo curioso
A caixinha de costura;
Tendo, porém, sempre o goso
De, ao correr da travessura,
Provocar uma risada...

E a promessa foi cumprida, poi aos versos de estréa, succederam outros de ironia ferrenha e satyra causticante.

Exemplifiquemos :

Definição dos médicos

Relojoeiros do relógio humano
Que a nossa bolsa noite e dia engorda.
Jamais, coitados, acertar, conseguem
Com a chave que á vida nos dá corda.

Definição do Amor

O amor é um outeiro feio e lindo ;
Dum lado alegre e do outro miserando :
Todo aquelle que o sobe vae sorrindo,
Todo aquelle que o desce vem chorando.

No dia de finados

Fui hontem visitar os cemiterios,
Cheios de flores e de covas caras,
Vi mentiras sem conta pelos tumulos
E muita hypocrisia pelas caras.

Li bellos epitaphios laudatorios
“Bom esposo”, “Bom pae”, aqui e ali ;
Verdadeiros alguns, eu não duvido,
“A’ minha bôa sogra”, só não li.

Estou em cheio no assumpto : Pethion de Villar humorista, “surprehendedor de contradicções”.

E isto é proprio do humorista. “Interessa-o apenas o contrario : poder sarjar na seriedade das cousas o traço comico, inalienavel e irreductivel do ridiculo” (Sud Mennuncci).

Assim é que elle nos apparece nesta Receita que lhe deu um velho politico ao perguntar-lhe que devia fazer para entrar na politica sem susto.

Todos os dias, em jejum, engula
Um sapo vivo e antes de deitar,
Veja se pôde uma barata fula
Ou na falta, uma aranha c'ranguejeira,
Sem uma só careta, mastigar.

Faça isto, seis mezes, em fieira;
Se não lançar, se o não levar o diabo.
Pôde aprender sem custo
O seu olamiré de cabo a rabo,
Pôde entrar na politica sem susto.

Agora, é com as mulheres. E nem de longe se julgue que **ahi** vae o pensamento do poeta, mas como ficou promettido na apresentação :

...o goso

De ao correr da travessura,
Provocar uma risada...

Psychologia das mulheres

Nas mulheres não se sabe
(De cem annos mesmo ao cabo),
Onde o anjo principia,
Onde se acaba o diabo.

Epigramma

Quando vejo, deslumbrado,
Qualquer mulher velha e feia
Que por marido inda aneia,
Carregada de brilhantes,

Penso logo, escabreado,
Nesses pharões scintilantes,
Que entre os abrolhos despontam
Lá de longe aos navegantes.

* Muito mais ironico, porém, é quando escreve sobre estes quatro versos que elle diz serem de um distincto poeta:

“Quando valsando, nos salões, te fito
Com tuas lindas pombas, feiticeira,
Com teu talhe gentil de bananeira,
Leve, inda mais leve, que um mosquito”.

Os poetas ás vezes têm lembranças
Que parecem abortos da natura
Se não fossem asneiras:
Ontem, um comparava as negras tranças
Da noiva com um feixe de capim;
Outro, em estrophes brancas e ronceiras,
O nariz da formosa creatura
Com as velhas pyramides do Egypto.

Agora, este maldito,
Do alto daquella quadra estropeada,
Vem comparar a pobre namorada
Com uma bananeira e um mosquito.

Se eu não usasse calças, bigodeira,
E outras coisas, emfim, se eu mulher fosse,
Por Deus nosso Senhor, jámais soffrera,
Ao ramerrão de rimas claudicantes,
Das versalhadas na gangorra doce,
Ser noiva de poetas semelhantes.

Nem é menos irónico nestes versos:

Flor de Enxofre (1) é um capêta
Que mette o bedelho em tudo.
Ouviu num baile — o abelhudo,
Duma quadrilha no fim:
(Não será d'elle uma pêta?)
Alguem perguntar assim:

— Vamos dansar, Henriqueta,
Uma polka de “Xopin”?

E assim Pethion de Villar sustentou por muito tempo, quasi dois annos, a secção dos “Capetinhas Azues” no *Diário de Noticias*. Elle proprio reconhece a difficuldade de produzir incondicionalmente todos os dias uma columna de humorismo:

Isto de fazer versos todo dia,
Quer tenha, quer não tenha inspiração,
Parece brincadeira e todavia
E' uma desgraçada occupação!

Nem sempre a Musa está para massadas,
Nem sempre a rima quer subir á tona;
Se não é o assumpto que nos falta
E' a verve que estúpida resona!

Mil vezes antes ir plantar batatas,
Torcer da porca o rabo,
Macacos pentear, chupar baratas,
Levar logo o diabo!...

Não quero crer porém que fosse isso de escrever diariamente grande obstaculo a uma penna como a de Pethion.

(1) O “chefe dos capetinhas”.

Vão aqui mais algumas amostras da verve do poeta universalista, propositadamente sem commentarios:

.....

Fervet opus, terga sonant murris,
Fit "Deus nos acuda", reinat cacete,
Descomponenda abalatum tapa
A ventis unis et mare sanguineum
Et olho semper ora rubenti.
Esfrangalhanur vestes, huic aba casaco
Rasgatur, haec manga arrancatur,
Multa camisa collarinho orbata ficat
Stat multa janellis gens casum spectans
Folgansque videre barulhum...

.....

Oração para antes de se deitar

Livra-me Senhor Deus Omnipotente
Dos meus amigos, manda-os bugiar...
Que dos meus inimigos facilmente
Me saberei livrar!

Um bom conselho

Não te deixes levar pelo primeiro riso,
Não te deixes levar pela primeira lagrima.
Irmão, intende bem!
A hyena sabe rir como qualquer donzella,
Como qualquer creança o crocodilho perfido
Chorar sabe tambem!

Reccita para fazer a "Opinião Publica"

Cem mil gadanhos, mas de engrossadores,
Garras de abutre, linguas de serpentes,
Intrigas mil, jornaes mexiriqueiros,
Pulmões de ferro e gestos vehementes;

Cem arrobas de asneiras bem táludas,
Compradas no balcão da fatuidade
Bombas de estylo, phrases compassadas:
Patria, Direito, Lei, Fraternidade!

Queixadas fabulosas de oradores,
Burras abertas como gargalhadas,
Toneladas de incenso, palmas, flores,
Gloriosas bandeiras desfraldadas.

Misture, mexa bem, deixe ferver,
Quanto mais turva a droga milagrosa
Tanto melhor, leitor, deixe crescer,
Deixe a borra subir tumultuosa.

E... *Prompto! Em guarda, os garfos aguçados,*
A mesa do festim póde deitar,
Toque o zabumba, chame os convidados,
Está quetinho o esplendido manjar!

O anniversario do Governador

Hoje é dia de gala: eu quero uma casaca,
Botinas de oleado e rimas bem tafues,
Já mandei atrellar ao meu *coupé* de lacca
A parrelha ideal dos meus arcos azues.

Enquanto Flor de Enxofre attentamente estica
Desta minha bandurra as seis cordas de luz,
O meu Soneto calça as luvas de pellica
E põe na botoeira uma rosa de truz.

Já sei que vão dizer: “Olé!... Que figurão!...”
E as moças vão ficar rendidas de paixão
Fitando o meu bigode escuro e torcidinho.

“Assim perliquitete aonde vae, o senhor?”
Pergunta deslumbrado o meu caro leitor.
“Aonde vou?... Vou filar o chá do meu padrinho”.

Como se faz um Soneto

Pediste-me um soneto, cara amante:
Por Deus! é duro o empenho em que me metto!
Quatorze versos dizem que é soneto...
Não sei; ou bem ou mal vão trez adeante.

E esta? Aqui pensei não ter consoante
E no meio estou já deste quartetto...
Ah! Se alcançar o proximo tercetto,
Nos quartettos não vejo o que me espante.

No primeiro tercetto vou entrando;
Desconfio que entrei com pé direito,
Porque com este verso o vou fechando.

Eis-me emfim no segundo. Olha! Suspeito
Que estou os treze versos acabando...
Vê bem se são quatorze... Orá está feito!

O Calor destes ultimos dias e a quebradeira

Tudo offega, tudo abafa,
Com ares de mequetrefe,
Da lufa-lufa na estafa,
Da quebradeira ao tabefe!
Toda cara se encafifa
Desta má vida na rifa,
Se um bagarote não bifa;
Para ganhar a farofa,
Com este calôr de estufa,
O que a gente não se esbofa,
O que não súa, não bufa!

É como esses muitos versos poderia citar.

Naquella epoca fizeram successo os “Capetinhas Azues” e eram saboreados mesmo fóra da Bahia como nol-o diz o proprio autor numia das paginas que ora divulgamos:

(A lisongeira e animadora transcripção dos “Capetinhas Azues” em varios jornaes brasileiros).

Falando seriamente:
Era até hoje o pensamento meu
Que esta secção liam unicamente
O revisor, o typographo e eu.

Do sul ao norte vejo todavia
Que são transcriptos todos os meus versos;
O que enche este meu peito de alegria
É de bilis a bocca dos perversos.

Ia acabar, mas vou continuar,
Cheio de orgulho e de satisfação,
A tilintar meu estro crystallino,
Já que merece tanta acceitação
O versalhador de Diabolino.

Muitas producções não despertarão hoje a curiosidade, pois escriptos como foram naquella epoca para certos leitores, tiveram apenas interesse transitorio.

Comtudo quero destacar algumas dellas.

Publicavam os jornaes um annuncio das *drogas milagrosas* de Souza Soares que achou por bem baptisar os seus productos pharmaceuticos com palavras que tinham obrigatoriamente o suffixo *ina*.

O Poeta viu nisso um motivo para uma pagina a mais dos "Capetinhas Azues".

Para febres — Febrilina;
Para os nervos — Nevrosina;
Para o buxo — Estomachina;
Para o peito — Respirina;
Para a pelle — Epidermina;
Para os rins — Urinarina;
Para o ventre — Intestinina;
Para as dores — Doridina;
Para os fracos — Forticina.

São drogas estas divinas,
Infalliveis, superfinas
E muito menos ferinas
Que as da velha Medicina,
Assim como a strychnina,
A oxyphenacetina,
A paranitrophenina,
A methylacetilina,
A oxymethylinizina,
A atropina, a cocaina
E as drogas todas em *ina*
Que do Amazonas á China
Das gazetas a buzina
A humanidade azucrína.

Ah! Se o Soares atina
Pr'a curar a triste sina
Dos que soffrem da supina
Quebradeira viperina,
Ah! Se o Soares atina
Com a "Quebradeiririna"!

Depois, foi sobre um telegramma publicado num jornal a proposito de um pedido de divorcio pela mulher de um commerciante nos Estados Unidos, allegando que "o marido a forçava a tomar tres banhos de agua gelada todos os dias. E não só a obrigava a isso como durante o dia quando a apanhava a geito, deramava-lhe, sobre a cabeça, garrafas de agua-fria".

Ora já se viu disso?...
Tomar dagua gelada todo o dia,
Tres banhos, no inverno e no verão,
Ou por bem ou por mal, disposta ou não;
Que insolita mania!

E para refrescar ainda mais,
Garrafas dagua fria, inseparadamente,
Sobre a cabeça — tome lá você!
Endefluxada e fria eternamente!...

Faz muito bem mandando embora o *bicho*,
Com seus banhos e tudo:
Marido nunca foi bomba d'esguicho
E casamento nunca foi entrudo!...

E o humorista em tudo encontrava um moivo de troça:

A correcção das pulgas no Theatro

As pulgas do theatro S. João
São doudas pela musica
E duma inexcédível correcção.

Ontem gostaram do concerto tanto
Que se esqueceram de morder a gente,
Misericordiosissimamente
Occultas da poeira sob o manto.

O Sino do relógio da Municipalidade

Todas as vezes que ancioso,
Desta Municipalidade
Ouço na torre badalar
O sino lugubre e fanhoso,
(*Tle ten ten! Tle ten ten!*)
Não sei porque, dá-me vontade,
Dá-me vontade de chorar.

Parece a voz de quem não tem
Dentro do bolso um só vintem.

O Piano do vapor inglês "Orisa"

Ontem estive num paquete inglês :
Entre outras coisas vi, (parece pêta),
Numa das bellas salas do convez,
Um piano sebento e desdentado,
Com o pedal quebrado,
Amarrado a lembrar um boi carêta,
Num cabo da grossura do meu braço.
Nelle tocando um pobre passageiro
Tinha as pernas cruzadas sobre o laço.

.....

Se fosse num paquete brasileiro...

*A proposito duma guerra provavel entre a Inglaterra
e o Transvaal*

Zumbe o mosquito — o Transvaal,
Bufa a baleia — a Inglaterra!
A lei da força é que val,
Zumbe o mosquito — o Transvaal
Que combate desigual!
Quem vencerá nessa guerra?
Zumbe o mosquito — o Transvaal,
Bufa a baleia — a Inglaterra!

Se na venta da baleia
O mosquito se introduz,
Póde a coisa ficar feia,
Se na venta da baleia
O bicharoco esperneja...
Que espirro monstro, Jesus!
Se na venta da baleia
O mosquito se introduz...

.....
*A um distincto cavalleiro que diz não gostar do que
eu escrevo*

Se gostasse você do que eu escrevo,
(Que magua para mim se fosse o inverso),
Por Deus Nosso Senhor quebrava a penna

E nunca mais escreveria um verso.

Sud Mennucci, falando dos humoristas, diz: "Perdoam tudo... mas ridicularizam tudo e numa tão harmoniosa fusão desses dois antagonicos elementos, que só os imbecis, até agora, se negaram a lhes render homenagem ao talento".

Pethion de Villar apparece de quando em vez um tantinho ferino e mordaz. Assim é que aproveitando-se duma noticia de jornal que a respeito dum incendio dizia que “aos primeiros signaes de fogo acudiu promptamente o corpo de bombeiros municipaes, com a bomba a vapor já de fogo acceso e que a principio houve falta dagua”, escreve:

Quando a bomba trabalha, não tem agua,
Quando tem agua a bomba não trabalha...
E lá se vae embora a nossa casa
Como se acaso fosse maravilha!

Bêenza-se o chafariz, benza-se a bomba,
Mandem chamar um padre... isso é feitiço!
Deixemo'-nos de graça; o caso é serio
Acabe-se com isso...

Hoje é a minha casa que se queima,
Amanhã é a sua!...
Alem do fogo esborondar-nos tudo,
Ver-se obrigado a gente a dar ás pernas,
Em fraldas de camisa pela rua,
Com a mulher e os filhos,
Da labarêda á luz vermelha e crúa!

Deixemo'-nos d'historias!... venha o padre!
Artes do cão só agua benta espalha;
Ora já se viu disso?...
Quando a bomba trabalha, não tem agua,
Quando tem agua a bomba não trabalha!

Depois foi uma resposta a um artigo de jornal. “O Petiz”. achou que o artigo de fundo do *Diario de Noticias*, sobre o Dr. Domingos Freire, não passou “de uma orgia de palavras e sesquipedaes, impropria do logar de honra da folha e injuriosa á memoria do illustre morto”.

E eis a resposta mordaz e esmagadora cuja verve sã da mais pura ironia foi inexcedível:

Zé Pororóca — o tabaréo pesado
Ao regressar da feira,
Foi visitar um certo bacharel...
Este caiu n'asneira
De offerecer ao tabaréo suado
Um calice de fino Moscatel.

Fazendo uma careta, escabreado,
Tenta o matuto o liquido tragar...
Mas depressa cuspindo no sobrado,
Diz com um riso alvar:
— Não presta a xaropada! Isto é meisinha,
Seu doutô, voismincê deixa de graça...
Mande vir no caneco da cosinha
Um gole de cachaça.

“O Petiz” faz lembrar esse matuto
Que o paladar perdeu com a zurrapa...
Ao ramerrão do seu estylo bruto,
Sem sal, sem arte e sem orthographia,
Sempre e choutar sobre sellim da *chapa*.
E' o Zé Pororóca d'*A Bahia*...

Por isso quando encontra, de repente,
Vinho duma outra pipa, coisa fina,
Champagne ou Malvazia,
Elle que unicamente
A cuia da zurrapa só empina,
Estranha; e logo exclama descontente:
— Não presta... E' porcaria!

Tambem não escapou do azorrague do seu humorismo sadic sem as falsificações que lhe quer imprimir a escola de Humberto de Campos, o Gymnasio da Bahia:

O horario do Gymnasio

Eu tenho visto coisas bem difficeis:
Quadrupedes virarem cidadãos,
A Sé mettida na Misericordia,
Mãos fazendo de pés e pés de mãos!

Mas tudo isto é bobagem, meus leitores;
Ha coisa de mais alta engenharia:
— Organizar definitivamente
O horario do Gymnasio da Bahia —

Para encerrar esta serie de commentarios levissimos, reservei “Coisas de Myope” que tinha as preferencias do autor ou pelo menos lhe ficáram mais gravadas na lembrança, pois mais de uma vez eu ouvi na intimidade do lar a repetir como recordação verdadeira da sua adolescencia esta historieta que passou para o verso como “Coisas de Myope”.

Pois não é o diabo a myopia?...

Ontem passava eu ás seis e meia,
Por certa rua, eis quando — que alegria!
A' janella julguei vêr debruçada
Aquella pela qual suspira e aneia
Noite e dia a minha alma apaixonada.

Cumprimeitei-a respeitosamente;
E ufano, jovial, incontinente
Ia apertar-me a mão...

Mas de repente envergonhado esbarro!

.....

Não era a minha amada, leitor não,
Era um moringue — um moringão de barro.



3ª PARTE

O Catholico Praticante

Bem podia encerrar com a apresentação dos “Capetinhas Azues” a minha palestra. Mas devo uma explicação. Estou falando no Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica, sobre a personalidade de um poeta, notavel catholico, que honrava esta sociedade como seu socio honorario.

Faz quasi dois annos que desapareceu do nosso meio essa figura inconfundivel de Pethion de Villar. E ainda conservo frescas na minha memoria, estas palavras ouvidas, na hora derradeira da despedida, dos labios do orador que falou em nome das Congregações do Gymnasio da Bahia e da Faculdade de Medicina, hoje meu illustre e sabio mestre a quem acato e admiro pela sua intelligencia e seu saber:

“O homem, surprehendido diariamente pelas conquistas da Morte, busca em toda a parte um consolo para a sua fraqueza e é sempre sob o manto da Religião de Jesus que elle se abriga, para arrastar com mais paciencia a charrúa da vida.

A Religião nos ensina a esperar pela vida eterna, dando-nos a enganadora promessa de um despertar, que me parece, mais de soffrimentos que de venturas”.

Tambem a impressão desagradabilissima que essas palavras

me causaram naquelle momento, conservo-o ainda hoje, lamentando aquellas idéas terem sido expostas num momento em que uma familia desolada, de sentimentos profundamente christão, devia ter tido o desconsolo amargo de não poder reprimi-las.

Mas o proprio Pethion de Villar já deixára neste soneto de marmore, a resposta magistral:

Os Galés da dúvida

Eu bem sei que debaixo destes céos
Ha muita gente desgarrada e triste
Que não póde affirmar: “existe Deus”.
E não ousa dizer: “Deus não existe”.

Que vida atroz! Que miseranda sorte
A dos galés da Duvida sombria,
Que sobre o abysmo lugubre da morte
Se debruça tremendo, noite e dia!

Como que negras azas obumbraram
O coração dos novos Prometheus,
Que da sciencia os caucastos galgaram;

Supplicio infindo a que ninguem resiste:
Não se poder gritar: “Existe Deus!”
E não se ousar dizer “Deus não existe!”.

Como explicar que dois homens de talento, estudiosos, vejam a mesma cousa de maneira tão diversa?

E’ que um estudou profundamente o christianismo, comprehendeu-o, julgou-o desprevenidamente, acceitou-o como verdadeiro como acceitaria uma theoria scientifica qualquer, depois de estudal-a e comprehendel-a. O outro talvez não se desse ainda a tal trabalho.

O Visconde de Azevedo dirigindo-se a Camillo Castello Branco numa carta que serviu de prefácio a “A Divindade de Jesus” procura explicar de outro modo essas divergencias:

“Asseguro a V. que nunca me custou a comprehender que um homem de talento fosse atheu, materialista, ou sceptico, porque enfim são infinitamente variados os modos pelos quaes o espirito humano vê e percebe as coisas, e devemos adorar submissamente o Creador que por occultos designios permittiu á creatura estes deploraveis desvios, e ao menos conceder aos alumnos daquellas doutrinas a qualidade de logicos toleraveis, visto que nada admittem acima da sua razão; sendo só para notar-se nelles a contradicção quando se animam pelo genio da propaganda, porque os principios philosophicos da incerteza, ou da duvida, que adoptam, parecem-se na propagação com o fôgo, que quanto mais se propaga mais destróe”.

E assim, termino estes désalinhavados commentarios sobre a parte da obra ainda quasi inedita de Pethion de Villar.

Quero, porém, que o fecho seja de ouro, para que de algum modo se apague o resaibo que certamente ficou dos meus commentarios frios e sem brilho.

E’ o “Credo” que photographa admiravelmente a alma de Pethion de Villar e é ao mesmo tempo a sua mais legitima profissão de fé:

“Credo”

Não! não, pertenço á grey dos que o pavor consome;
Do cynico e do atheu repugna-me a vertigem;
Tenho uma crença de aço e ahi encontro a origem
Da força que heroizou os fortes de meu nome.

O covarde blasphema; e enquanto foge e a ruga
Da angustia e do terror lhe bestializa a fronte,
Ergo o olhar, sinto o Céu, vejo largo o horizonte
E passo além! Não sou dos que a vida subjuga.

Sei que devo cantar e canto. E' a minha fé.
Sei que devo lutar e luto. E' a minha lei.
P'ra terminar meu hymno e ter coragem, sei

Que me basta fitar a Cruz onde, de pé,
Christo me dá o exemplo; em meu robusto seio
Nunca a duvida e o medo hão de imperar. Eu creio!...



Que tem sido o nosso Circulo?

Discurso lido no dia 27 de Agosto de 1926 na
sessão commemorativa do nono
anniversario do

“Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica”,

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Octacilio de Carvalho Lopes



Que tem sido o nosso Circulo?

Facto interessantissimo, que de certo já tem sido observado por todas as pessoas que de longe sequer entreolharam o assumpto; é sem duvida a volta da intellectualidade para Deus.

E é tanto maior a significação desse facto, quando vemos que por sua vez augmenta de proporção o anticlericalismo em certa *massa* popular que ainda se enthusiasma com “as pancadas de uma mesinha redonda” ou com “as palavras desconexas de um medium não esmurrado como se deve”. (Papini).

Mas o escol intellectual, a mocidade cultivada, que ha algumas decadas se orgulhava de *independencia de pensamento*, e exaltava o seu scepticismo, espontaneamente agora é a mesma mocidade que se volta orgulhosa para o christianismo.

E a affirmação é unanime de que a plenitude do christianismo encontramo-la no catholicismo.

E’ a restauração dos ideaes, feita pela mocidade que quer uma geração séria, espiritualista, rica de amor e sensibilidade. E’ a reacção que se está começando a sentir. Reacção contra o marasmo espirital dos que negam por escola, sem consciencia.

E não se trata apenas de um sentimentalismo vago, inspirado num desses momentos de ardor que fazem a mocidade capaz dos mais formidaveis rasgos de heroismo e tambem pôdem levá-la ao grão mais baixo da deshonra. Não, o que vemos é o que se pôde

chamar sentimentalismo consciente desenvolvido e gerado pouco a pouco ao correr e ao succeder continuo e sem pausa de gerações e gerações. E' o que podemos chamar "mysticismo intellectual".

Já vae longe o tempo em que era ridiculo, aos olhos de tantos, ser religioso um intellectual. E não tenho duvida em affirmar que agora o contrario é que se pôde dizer: ridiculo é o intellectual que não é religioso.

E' a necessidade da fé que se manifesta, que se acentúa ainda mais, quando ella é amparada pela aza verde da esperança.

Não é raro porem que no meio desse renascimento da mocidade intellectual, encontremos alguns espiritos refractarios ainda. E isto é até uma necessidade! E' a necessidade das discordancias!

Um dia, quando a fé lhes penetrar na alma, lá ficará de vez; e então arrastarão para o seu grupo, uotros tantos que tambem não cessarão mais de crêr e de praticar.

A' mediocridade da formação religiosa nos collegios é que devemos a dispersão de tantos que poderiam e deviam estar á frente do movimento idealista. E por isso mesmo é que encontramos mais constancia e devotamento nos que depois de andarem algum tempo sem ponto fixo de chegada, voltaram ao ponto de partida para então tomarem rumo certo: são os convertidos, na verdade, os mais heroicos, os mais constantes.

Nós bem sabemos que a mediania do espirito publico se orienta nas suas crenças—e isto não é de agora—pelo pensamento dos intellectuaes contemporaneos de maior influencia.

E essa razão é grande de mais para exigir da mocidade intellectual uma trilha segura, sem duvidas e artificios.

E foi firmado, não só nessa necessidade premente de assegurar a acção futura da nossa intellectualidade jovem, mas tambem na de formar intelligencias, que esse espirito sempre novo do Padre Cabral organizou e fundou este "Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica", que hoje commemora o seu nono anno de existencia.

Quasi que eu estava dispensado de dizer o que é e o que faz esta sociedade de moços, matriculados nas diversas faculdades de,

ensino superior, da Bahia, que tem ao lado a incentivar-lhe as energias esses exemplos salutarissimos dos mais antigos, hoje já formados, e, o que é mais, um grupo generoso de professores das nossas faculdades superiores, o que a Bahia tem de mais alto nas suas figuras intellectuaes, que combattendo pelos mesmos ideaes quizeram collaborar connosco na mesma obra, podendo isso trazer para nós até um sentimentozinho menos elogiavel, qual o da vaidade.

Fal-o-ei, porém, em linhas geraes.

Não ha quem desconheça o valor que tem a mutualidade de coopeção para attingir-se um mesmo fim, principalmente entre moços, mudando e afastando algumas vezes ideas que temos imprecisas na mente, vivificando-as, avivando-as.

E' o que talvez se pudesse dizer "pensar em conjuncto".

E não tem sido outra coisa o nosso Circulo, senão uma escola admiravel, seguramente dirigida por um homem admiravel.

Escola, affirmamos, de pensamento, escola de estylo, escola de instrucção, escola de patriotismo, escola de amor, escola de iniciativa, e o que é mais, e o que é tudo, escola de catholicidade e de apostolado.

Não é propriamente uma escola de piedade pois esta está em cheio nos moldes da "Congregação Mariana Academica" de que o Circulo é méra dependencia.

Formar e organizar escola na sociedade christã, é o fim da Congregação Mariana Acadêmica.

Formar e organizar um escola de intellectualidade christã é o fim dessa pequena cellula que é o Circulo.

E como tem marchado até hoje o nosso Circulo para alcançar o seu fim? — Tem seguido, sem ceder uma linha dos seus estatutos, e nada mais.

A primeira condição para a sociedade alcançar a victoria é antes de tudo *Interessar*. E o nosso Circulo realizando sessões literarias, scientificas, moraes, o vae conseguindo, a julgar pela assistencia muitas vezes numerosa e sempre selecta.

Aqui têm sido tratados e desenvolvidos os themas mais interessantes e opportunos como sejam, para não citar muitos:

Linguistica, Philosophia, Medicina, Commercio, Arte, Agricultura, Moral, Ascetica, Critica e problemas sociaes.

Assim é que destaco de Herbert Fortes. Os estudos de português e a “Verdade do sentimento religioso”; “Vida e Alma”, de Leão Sampaio; “Da Influencia do Christianismo sobre a Arte”, de Guilherme de Azevedo Ribeiro; “Dante Alighieri”, de Luiz Ribeiro Senna; os estudos de Agricultura de Antonio Azevedo; o “Darwinismo”, de José Monteiro Sampaio e a “Influencia dos Jesuitas”, de Anísio S. Teixeira.

Cito ao acaso, á medida que me vêm á memoria, provavelmente devendo, por essa mesma razão, faltar muita coisa boa, aqui lida e aqui commentada e discutida.

Vê-se, pois, que não tem sido de todo inactiva a vida do Circulo.

E’ natural que de quando em vez os animos se arrefeçam e o thermometro da actividade oscille; felizmente vem a reacção immediata e ao periodo que ameaça a invernoia, succede a primavera, o estio, e o outono, com suas flores, suas messes e seus pomares.

Felizmente não nos falta amor para com essa obra que tem alma e vive.

Luctamos a favor de um fim santo que gera em nós uma vontade insistente de vencer pela intelligencia a proveito mutuo, pondo em exercicio todas as forças que nos podem aperfeiçoar e desenvolver a vontade.

O amor é indispensavel. Sómente elle conduzirá o Circulo á victoria certa do seu ideal, que é vêr toda a mocidade academica brasileira estreitada num mesmo amplexo fraternal, pugnando pelos mesmos ideaes de fé, de sciencia e de patriotismo” que aqui nos congregam.

E para isso o Circulo vê em cada um dos seus membros um apostolo e espera a sua contribuição, ainda que seja esta a só virtude simples do exemplo.

Procurando dizer o que tem sido o nosso Circulo, não nos esqueceremos de frizar que elle tem contribuido grandemente para que a nossa mocidade intellectual, volvendo os olhos para o

christianismo, seja não sómente uma élite moral, mas uma élite moral e intellectual.

Da influencia do Circulo no nosso meio já o disse na sua linguagem encantadora, a saudosa poetisa bahiana D. Amelia Rodrigues, que faz poucos dias desapareceu do meio dos vivos.

Essa brilhante escriptora catholica, o maior cerebro feminino que ha gerado essa terra fecundissima da Bahia, num artigo que no "Mensageiro da Fé" publicou sobre o Circulo e que se acha transcripto no primeiro volume do nosso "Archivo Mariano Academico", escreve:

"Já se vê, pois, qual a magnitude, a belleza, a utilidade da obra em começo. Ella vem satisfazer a uma necessidade indiscutivel no meio culto de nossa capital, onde não falta ainda quem julgue de "bom tom" scientifico negar as verdades catholicas e dellas zombar sem as conhecer, sem as estudar, como se a fé fosse brincadeira de creança, ou miragem phantastica no deserto da ignorancia".

Nesses nove annos de lucta, o Circulo tem augmentado consideravelmente o numero de associados. Mas não é isso que nos faz esquecer dos antigos companheiros de trabalho, muitos dos quaes, hoje formados, estão dispersos por estas vastas terras do Brasil.

Com mais razão ainda, são nesse momento de festa lembrados com mais carinho, aquell'outros que partiram de vez, para não mais voltar, aquelles que já não vivem.

* * *

Ao terminar este meu discurso desalinhavado, quero as minhas ultimas palavras sejam de profundo agradecimento a essa Companhia de Jesus, sob cujo tecto nos achamos amparados, a essa mesmissima Companhia de Jesus que colonizou o Brasil, desbravou os seus sertões e lhe guiou os primeiros passos na estrada da liberdade e do progresso.

Eis, pois, na obscuridade da minha linguagem pobre, o que tem sido o nosso Circulo, o que tem procurado realizar esta sociedade de moços catholicos, quaes as suas esperanças e os seus desejos, reflectidos e amparados na confiança que temos nesse espirito sempre moço e sempre admiravel do nosso Padre Cabral.

Bahia, 27 de Agosto de 1926.

Octacilio de C. Lopes.

Insinuações de Prophylaxia da bocca das crianças

COMMUNICAÇÃO FEITA PELO

Cirurgião-Dentista Raphael José Valverde

na sessão do C. C. E. M. A. aos 27
de Agosto de 1927



Insinuações de Prophylaxia da bocca das crianças

Presados Consócios,

Meus Senhores.

Ao apresentar-me no meio de vós para vos fazer uma ligeira Comunicação sobre "*Prophylaxia na bocca das creanças*", preferia fazel-o em sessão particular, cuja data não trouxesse consigo o dever de uma commemoração quasi festiva.

Com effeito, pelo character technico do assumpto, pela feição aridamente condensada de uma *Comunicação*, que nem soffre a larguêsa de uma conferencia nem o enthusiasmo de uma allocução, nem o burilado de um discurso academico, ficava a minha humilde palavra mais opportunamente recatada numa das nossas reuniões ordinarias de estudo.

Marcaram-me, porém, para o dia 27 de Agosto, e o Soldado não discute ordens; marcha, quando ouve ordem para marchar.

Velho proloquio é, referendado universalmente pela sabedoria popular, que "mais vale prevenir que remediar".

E' para obtemperar a este prudentissimo dictame que venho assignalar aqui a importancia, da *Prophylaxia na bocca das creanças*.

Não é pequena falta — fallemos logo de principio com a franqueza rude e a lealdade sem rebuços que é timbre do nosso Circulo — não é pequena falta a que comettem os paes de fa-

mília em não se importarem e desleixarem de maneira tão censurável a prophylaxia preventiva na bocca dos seus filhinhos.

Pois não é de uma efficacia maravilhosa este corte que damos a tantas molestias que assolam o mundo; muitas das quaes se originam da falta da prophylaxia buccal?

Como sabeis Senhores, do mau estado em que se acha um ou mais dentes, ou ainda dos defeitos congenitos dos mesmos dentes procedem não raro as estomatites, os vícios de conformação, traumatismo, lesões inflammatorias, lesões ulcerosas, tumores, etc., etc.

Aos paes de familia compete fazer desde cêdo a hygiene na bocca das creanças.

Mas, por isso mesmo, aos Cirurgiões-Dentistas incumbe o dever de, por meio de prudente propaganda, annuncios, boletins, revistas, fazerem ver a necessidade desta prophylaxia.

Não procedem assim os Medicos conscienciosos dando publicidade aos meios mais aptos para evitar certas e determinadas molestias, mormente no campo de sua especialidade respectiva? Qual a razão de não fazerem o mesmo no seu ramo os cirurgiões-Dentistas, porquanto só podem vir dessa propaganda, beneficios para os que soffrêm e até interesse para a propria classe?

Qual a obrigação que tem um pae no que diz respeito a prophylaxia buccal na creança?

Si cada um dos chefes de familia se desse ao diminuto trabalho de fiscalisar ao menos uma vez por semana a bocca de seus filhos, se nas casas de educação, mormente aquellas em que o serviço de enfermaria está organizado, se fosse fazendo, por exemplo, todos os sabbados um exame na bocca dos alumnos; se, quando nestas se apresentassem vestigios de caries ou outros defeitos, mandassem que seus filhos ou discipulos procurassem um circunscrito dentista competente, talvez que mais tarde não tivessem o desprazer de ver que alguns delles foram levados á tumba, contaminados de tal ou qual molestia, só por não haver cuidadosa prophylaxia buccal.

Uma das condições indispensaveis para precaver tamanhos males, é a destruição de preconceitos enraizados, entre os quaes

assignalarei como dos mais frequentes estes dois: primeiramente o pouco apreço que se faz do papel desempenhado em toda a economia physiologica por cada um destes pequeninos instrumentos de mastigação que, muitos tão levianamente estão sempre promptos a arrancar, apenas sentem dôres de que pretendem desembaraçar-se promptamente. Em segundo lugar o mêdo quasi supersticioso do dentista.

Geralmente quando uma creancinha em nosso meio é atacada de uma carie e o dente doe, a preocupação immediata em casa é a da extracção; tratando-se de um mollar o dentista que o arranque, tratando-se de incisivos ou caninos a operação é ainda mais rudimentar. Effectua-se mesmo em casa; procura-se um cordãozinho fino e forte trazido dias antes pelo carteiro a atar um embrulhosinho do correio; prende-se ao dente com laçada e nó, dá-se um empurrão forte... e dente fóra.

Resultado, menos um elemento de mastigação, complicando-se já desde cêdo o estomago que é forçado a duplicar a sua actividade e vem mais tarde a contrahir talvez serias enfermidades. Outras vezes nem tratamento nem sequer extracção. Vae-se deixando o dente cariado na bocca da creança, e a mastigação vae-se fazendo nos pontos aonde não se sente a dôr; desenvolvendo-se assim os microbios da carie pelos outros dentes e o que é mais grave ainda pelo tubo intestinal. Perguntar-me-hão talvez, de que resultam estas caries tão precoces. Respondo que muitas vezes da irremediavel perda das substancias calcarias, outras vezes da falta de asepsia, por não se obrigar a creança a usar a sua escova com o respectivo pó ou sabão, fazendo esta asepsia duas vezes ao dia, lembrando tambem que a creança passe cordas ou fios de sêda pelos dentes para assim poder tirar o detricto.

E sem estas precauções como podemos conservar os dentes?

Duas palavras agora sobre o segundo preconceito a que alludi acima: O pavor ao Dentista.

Seriam, cuido eu, modelos valiosos para caricaturistas amadores, os gestos de terror, os rictus faciaes, os esgasiamentos oculares com que a maior parte das creanças de hoje acolhem a encenação de um gabinete Dentario.

Si vem acompanhados de pae ou mãe, para que o dentista trabalhe é necessario que aquelles segurem os braços dos pequenos, subjugando-os á viva força e o dentista applique com toda a calma precisa um abre-bocca para assim tel-a aberta. E porque tanto terror? porque as creanças não estão habituadas a conviverem com o Gabinete Dentario e não tem ideia de que o dentista vai fazer-lhes um bem e não um mal; é esta a razão porque muitas creanças julgam o dentista um algoz, tira-dentes provido de instrumentos infernaes de supplicio.

Se ponderassemos que 90 % da população mundial, padece de carie dentaria certo que a ninguem pareceria de mais o fallar e escrever a meúde e com rigôr contra o lamentavel desleixo com que innumeras familias descutam a prophylaxia buccal.

Não quero encerrar esta breve e despretenciosa *communição* sem reforçar com mais um dado importante o que acima disse sobre a facilidade em cortar o *nó gordio* dos soffrimentos dentaes com o golpe radical mas irremediavel das extracções.

Não se devem de fórma alguma extrahir dentes em creanças, sem que previamente fique demonstrada a absoluta inutilidade delles.

Esses intersticios na dentadura, virão mais tarde prejudicar a articulação o que já por si é um inconveniente grave. Ha, porém, outra consequencia deploravel. E' que os dentes da segunda dentição encontrando os espaços vazios correspondentes ás extracções vão se encaminhando para lá, desviando-se, portanto, as mais das vezes, da sua posição normal, a unica favorecedora da commodidade e até da elegancia.

Finalmente não deixarei de assignalar os gravissimos corollarios que deste descaso na prophylaxia buccal affirmam como evidentes as melhores revistas da especialidade; os estudos e observações feitas nas creanças descobrem com frequencia que das lesões dentarias derivam innumeros desarranjos das faculdades mentaes, epilepsias, demencia precoce, perturbações nervosas, que vem a privar a Patria, a Egreja, a Sociedade daquelles que poderiam ser grandes homens no futuro para engrandecimento das tres.

Juntemos a isto outro resultado mais funesto ainda. Quantas bocças innocentinhas, por negligencia ou ignorancia se tornam terreno apto para os bacillos da tuberculose! (Cock).

Ora, Senhores, á vista de tão aterroradoras consequencias, quem não deplorará que a prophylaxia na bocca das creanças da Bahia seja tão descurada e quasi desconhecida?

Posso fallar por experiencia propria, pois tenho observado em quasi todas as creanças que encontro diariamente, a grande falta da prophylaxia buccal.

Minhas Senhoras e meus Senhores, vou encerrar estas breves palavras pedindo-vos que sejamos cohesos em propagar entre nós a prophylaxia buccal nas creanças, certos de que por este meio teremos bem merecido da Sociedade e da nossa Patria querida.

A estes motivos humanitarios e patrioticos poderá ainda accrescentar-se um motivo religioso?

Ah, Senhores, deixae que o meu ponto final seja, mais ainda que o do Cirurgião-Dentista, o do catholico que acima de tudo pressa a sua fé, e de preferencia a todos os titulos e pergaminhos se ufana dos seus diplomas de Congregado Mariano e Membro do Circulo Catholico de Estudos, cuja data de fundação commemoramos hoje.

Quando em cumprimento de um dever profissional me occupo de remediar e mais ainda prevenir os males que podem ter na bocca a sua sementeira nefasta, não posso esquecer que é alli, sob a abobada do veu palatino, dentro da arcada dupla formada pelo marfim dentario, que, descerrando os labios catholicos, irá poisar como num tabernculo a Hostia sacrosanta, Jesus Eucharistico.

Poderá haver, minhas senhoras e meus senhores, mais nobre e sublime motivo para que todos se esmerem na prophylaxia buccal?

E' a intenção da piedade, elevando á maior culminação do Divino, uma diligencia e um cuidado que já mereceria a nossa attenção como mero preceito de hygiene.

Tenho dito.

Raphael José Valverde



Os Catholicos e o Papa

(A proposito da questão do Mexico)

Allocução do Presidente da C. M. A.

Doutorando Thales de Azevedo

Em 27 de Agosto de 1927



Os Catholicos e o Papa

(A PROPOSITO DA QUESTÃO DO MEXICO)

Nessa triste questão religiosa do Mexico, o Presidente Calles, atordoado com os protestos que de toda parte surgem contra sua politica intolerante, teve uma explosão de indignação que bem vale commentada: — *No Mexico quem manda é o Governo, e não o Papa!*

Eis ahi uma sentença que nada diz de novo, por enunciar uma verdade de ha muito conhecida, se considerarmos a intromissão do Papa nos negocios administrativos de qualquer nação, mas que fica muito por provar no terreno da moral.

A Santa Sé, mesmo onde tem o seu Nuncio, não pretende na minima proporção influir na politica; o seu interesse é unicamente fazer prevalecer, em todas as questões privadas e internacionaes dos povos, a moral redemptora de Christo. E tanto assim é que, desde a sua instituição o Papado limita rigorosamente a sua intervenção em negocios temporaes ao interesse da paz universal: o Vigario de Chiso, só levanta a sua voz quando ha discordia e imminencia de lucta.

Sempre que a guerra, das peores calamidades a mais deploravel, divide ou está para separar os homens, surge o arbitro imparcial e sereno do Vaticano, acena para o mundo com a sua dex-

tra abençoadora, considera a questão em seu aspecto moral, **sem** perder de vista os interesses de qualquer ordem dos contendores, **e profere a sentença pacificadora**, bebida nas paginas magnificas do Evangelho.

Porque falta aos ultimos conselhos das nações a autoridade veneranda do Papa é que talvez desde 1914 até hoje o mundo **não** conseguiu paz verdadeira... Não corre mais sangue de combatentes nos campos da velha Europa, já não ha saques, depredações, fuzilamentos, mas ha opressão, coacção e sobretudo uma tremenda insegurança, um formidavel desequilibrio... Os estadistas de hoje parece que vêm no Chefe do Catholicismo um perigo invencivel, e por isso o afastam, quando se tracta de aspirações de **masiado** contestaveis de seus governos ou de planos gananciosos dos seus capitalistas. Por isso preferem as suas pequenas reuniões de **pa-**lestras e debates estereis e intérminos em torno da calumnia da Civilisação. E' por isso que o mundo só colheu até **agora** **amargas** decepções, cujo fructo será, certamente, nova discordia, novo choque, uma guerra nova e aterradora!

Dizia o nosso grande Joaquim Nabuco que

“Não ha governo no mundo que possa ter a pretensão de que o Papa, ao estabelecer um principio de **mo-**ral universal, pare para considerar si esse principio **está** de accordo ou em conflicto com os interesses politicos desse governo”.

Eis ahi porque os catholicos mexicanos têm sabido ouvir a palavra vivificante do Papa. Mas é necessario notar que essa **sua** mal interpretada ingerencia nos negocios particulares de uma **na-**ção, visa antes de tudo prestigiar a ordem constitucional, a **me-**nos que essa seja injusta! E é o caso do Mexico..., cuja **igno-**miniosa Constituição vae de encontro ao direito divino e ao **pro-**prio direito dos homens! Ainda a 5 deste mez, em sessão do Instituto da Ordem dos Advogados do Rio se disse que o actual **pro-**cedimento do governo do Mexico entristece a consciencia juridica do Brasil.

O Papa é o soberano de milhões e milhões de crentes porque **é o fiel porta-voz de Deus!**

E' por isso que cada catholico vê nelle o unico representante legitimo do fundador do Christianismo; é por isso que só nos arraiaes da Igreja existe essa disciplina magnifica que lhe assegura atravez dos seculos a Unidade.

Eu quizera saber dizer-vos a minha immensa admiração por essa disciplina ferrea, inflexivel e sobretudo suave e desejavel; eu tenho para mim que na organização da Igreja nada é tão bello, tão grandioso, quanto essa harmonia de gestos e attitudes, que a cada passo estamos a surprehender nas paginas da sua historia.

Em materia de consciencia está a convicção a dizer-nos que mais que a ninguem é ao Papa que devemos ouvir!

E' em Roma, naquella taça sagrada da Verdade, que todos os catholicos devem beber a palavra sublime de Deus; o Vaticano majestoso e as soberbas Basilicas da cidade santa são o symbolo da Santidade, da Catholicidade e da Unidade da nossa fé.

No dia em que os povos do rebanho catholico não mais quizerem ouvir e acatar a voz do Papa, nesse dia entristecedor, que o proprio Deus não permittirá desponte, nesse dia haverá divisão, esphacelamento, morte; deixa de existir a Igreja de Jesus Christo para haver a desordem, a tribulação, o chãos...

A legião de Christo, porém, jamais esquecerá o papel magnifico do Summo Pontifice, nem o seu dever de filha para com o successor directo de São Pedro.

Unamo-nos, pois, todos com Roma, sem receios de errar, na obra da evangelização do mundo. Deixemos que haja discordia, lucta, desespero entre os inimigos de Deus e de sua cohorte na terra; mas nessa haja cohesão, fraternidade e, acima do mais, disciplina, disciplina convicta e de bôa vontade; essa soberana disciplina que é a gloria maior da Igreja Catholica Apostolica Romana.

No Mexico, no Brasil, em toda a parte mandam os governos respectivos, mas na consciencia catholica manda a Igreja, pelo Papa, manda Deus, pela fé!

Congregações Marianas e Vocações Sacerdotaes

PELO ACADEMICO DE MEDICINA

Octacilio de Carvalho Lopes

Conferencia pronunciada na secção masculina de estudos do 1.º Congresso das Vocações Sacerdotaes reunida no Gabinete Português de Leitura. As conclusões foram lidas pelo autor na Sessão Solemne dessa noite na Cathedral Basilica do Salvador.

EM 21 DE SETEMBRO DE 1926



Congregações Marianas e Vocações Sacerdotaes

Exmos. e Revmos. Senhores (1),

Colendos Membros do Clero,

Minhas Senhoras,

Meus Senhores.

Ao descerrar os meus labios de moço para vos falar desse assumpto magnifico de Vocações Sacerdotaes e Congregações Marianas, peço licença para declarar que estou certo de que qualquer de vós o trataria com mais belleza, com mais clareza. Ninguem o faria, porém, com mais carinho. E isto porque estou ligado pelo coração a uma dessas associações, fundadas pela Companhia de Jesus, que por tantos titulos já é credora da nossa admiração e da gratidão brasileira.

Se essa legião heroica de filhos de Loyola não tivesse dado á Igreja outras provas — e estas incontaveis — de amor e sacrificio na defesa da religião, esta da fundação das Congregações Marianas seria bastatnte para torna-la insigne e honrada na mesma defesa.

(1) D. José Thomaz, Bispo de Aracajú e D. Attico, Bispo de Santa Maria, que presidiam naquelle dia á secção de estudos.

Dividindo-as e analysando-as a saudosa Poetisa Brasileira D. Amelia Rodrigues, escreveu que as Congregações Marianas constituem um penhor de regeneração do Brasil.

“Ellas se me afiguram ramos novos, carregados de flores e folhas reluzentes, no tronco de velha arvore torcida pelos vendavaes; ou arrebões de ouro vivo e purpura régia, entre rolos de nuvens pretas, no firmamento”.

Cultivar o escól intellectual nos conhecimentos da religião, eis um problema de solução difficil.

Quando a nossa intellectualidade se achar toda ella reunida num mesmo grupo, sob uma só bandeira, a massa ha de segui-la.

Mas a solução do problema, ainda uma vez, é difficil. Falta-nos os meios.

Não temos padres. Os poucos que existem mal têm tempo para cuidar das almas soffredoras; vivem no meio desse paiz immenso a espalhar um pouco da luz sagrada, passam os dias a percorrer leguas e leguas de sertão quasi deshabitado, a attender com os ultimos sacramentos ao miseravel agonisante. Os poucos que permanecem nas cidades episcopaes mal dão conta dos fatigantissimos trabalhos do magisterio.

Eis porque não tem o clero podido occupar-se com mais carinho das classes intellectuaes, da elite.

Mas apesar disso vemos que a volta da intellectualidade para Deus é hoje um facto.

E este renascimento pleno do espiritualismo é em grande parte o fruto opimo das Congregações Marianas.

Os seus membros pelo exemplo nobre das suas acções claras e pelo esforço de trabalho proprio que faz de cada um um apostolo, entendem bém que a parcella pequenina de contribuição que cada socio possa levar, terá effeito para a obra total.

E quantas vezes o trabalho de um se desdobra em raizes numerosas, em ramos multiplos sem que elle proprio o saiba? E' o que acontece não raro. Um rapaz pela simples virtude do exemplo consegue que um amigo intimo volte as vistas para o mesmo alvo.

Acontece então que este amigo convertido tem alma de apóstolo e em pouco tempo innumerados outros, numa **progressão geométrica**, sob sua **influência**, **convertem-se**. Donde veio a semente senão do primeiro? Como? Pelo exemplo e pela amizade.

Louis Rouzic no seu “Ensaio sobre a Amizade” define esta como “o encontro de duas almas atraídas por mutua sympathia e unindo-se para conceber e realizar o mesmo ideal de beleza moral e aperfeiçoamento mutuo”.

“Muitas vezes, diz Rouzic, os dois amigos têm a mesma nobreza e a mesma generosidade; o mesmo amor do bem e a mesma coragem na luta; ajudam-se mutuamente e avançam mais depressa. Outras vezes um delles é mais fraco e procura apoiar-se no mais forte afim de se tornar mais firme e seguro”.

E Rouzic affirma que “celebrar amizade não é fazer *har* vã de poesia, mas obra fecunda de apóstolado”.

Foi essa mesma idea que levou Maurice Rão real, que “amizade de homens, é **collaboração** del ter provocado pela

E os exemplos multiplicam-se *na* vez a influencia da con-

François Jammes agradece *o* voca a do seu amigo Bordeu. A amizade a sua volta para *o*omé. A de Bavier, Lucien Lobel!

versão de François estudo “Ma Conversion” escreve:

de Péquy a Deus e a François Jammes, minha conversão.

Pela fria manhã de inverno partiamos para a caça e fiquei impressionado diante de tom com que o Jammes dissera: *como é fascinadora esta figura do Christo! Quanto me attrahe!*

Fiquei preocupado e continuei a pensar muito. Poucos mezes após, eu admirava o fervor de F. Jammes. Não pensava absolutamente em seguir o caminho do meu amigo. Sentia complacencia no estado do meu espirito *indulgente* e subtil.

Entretanto o abalo foi salutar. A conversão de uma pessoa querida é um *apello*. E’ a perturbação que vem tirar a tranquillidade, uma intinativa a que nos consideremos a nós mesmos, sem complacencia.

Por mais que resistamos é preciso ceder”. (2)

E diz José Sotte:

“Depois de outros, antes de outros, eu voltei pelos vinculos da salvação commum; uns attrahem os outros, e todos se elevam ao céo; é a lei da vida... a lei do esforço.

Uns entram, outros estão ás portas, hesitantes...”

São conversões essas realizadas sob o influxo do exemplo e da amizade.

E é bem certo que “toda amizade comporta um apostolado”.

E eu vos posso affirmar com segurança, depois de um convívio diario de cinco annos com os moços da Congregação Mariana Academica, cinco annos que se passaram com rapidez inacreditavel, que em nenhuma outra parte se encontram amizades tão sinceras e tão fecundas. E eu tenho tambem outros tantos annos de convívio com um numero incomparavelmente maior de contemporaneos meus que cursam conmigo a mesma Faculdade de Medicina, onde lutamos pelo mesmo ideal de sciencia.

Na Congregação Mariana Academica existe mesmo muito mais do que simples amizade, existe a irmandade verdadeira.

E isto porque têm todos as mesmas esperanças, afagadas pela mesma fé; isto, porque são os mesmos os ideaes; isto, porque acima da amizade de cada um está o amor de Deus a separá-los. Mas a separação ali é paradoxal: longe de os affastar, une-os mais ainda. A amizade é mais pura porque é desinteressada.

Não os envolvem os laços da desconfiança; não os acalentam as miragens falsas do sensualismo; não os confundem as attitudes duvidosas.

Emfim é mais pura a amizade porque ali se cultiva a virtude.

(2) Citado pelo P. Heliodoro Pires no artigo intitulado “A Renascença do Espiritualismo”, publicado na revista “Vozes de Petropolis”.

É a virtude é a fonte e “a alma da amizade”. Cumpre-se sem **sacrifício**, espontaneamente, naturalmente a regra commum a todás as Congregações Marianas, que diz:

“Um filho predilecto de Maria deve presar-se de ganhar os corações dos companheiros para o amor de tão santa mãe, inspirar-lhes a estima da Congregação, e edificá-los em tudo e em toda a parte”.

Eis a sociedade desses jovens, que se querem “isolar da turba perversida e perversora, viver num ambiente seu, todo impregnado de aromas saudaveis e fortalecedores. Unem-se, cerram fileiras, amam-se fraternalmente; o seu foco central é o sacerdote”.

Nas Congregações formam-se elites. Nas Congregações aprendemos a meditar no conhecimento proprio e a vêr que ao homem foi reservado logar de destaque neste mundo que habitamos e por isso devemos conservar a fronte sempre levantada e deixar a lama para debaixo dos pés. Vemos que o homem na terra impera e reina; tudo é delle, tudo para elle foi feito. Como, pois, baixar á podridão da matéria e viver com a consciencia mergulhada eternamente na carne, elle que mede a distancia das estrellas e o volume da terra; o peso de cada astro e o tamanho do protózoario; elle que calcula a intensidade da luz e o brilho das estrellas; elle cuja intelligencia sóbe até Deus conhecendo-o, comparando-o a si e amando-o com o coração cheio de gratidão e de promessas; elle que calcula e pensa, que prolonga a vida, allivia a dor e consola os enfermos; elle que desvenda os mysterios da sciencia e illumina a noite das idéas!

Homem! E's o mesmo a viver sempre enlameado na tristeza da materia!

O' homem que sondas os atomos e as molleculas, levanta-te e foge das miserias do peccado!

Amparemos, Senhores, as Congregações Marianas que trabalham para dar ao Brasil uma só sociedade, uma familia christã.

Auxiliemo-las neste momento em que temos a impressão geral de um retorno ao paganismo. Os costumes parecem dia a dia

impregnar-se de impiedade. E a luxúria entra em delírio na arena do triumpho.

Só ha um meio de combate possível: a formação religiosa.

E para isso precisamos de maior numero de sacerdotes. E' o que procura fazer sabiamente o nosso sympathico e sabio D. Augusto. Em quem a Bahia social deposita todo o seu futuro e toda a sua confiança de soerguimento moral.

E o Congresso das Vocações Sacerdotaes será abençoado.

E as vocações se multiplicarão. Aprenderemos a vêr no sacerdote "o ponto inicial, o alpha e o omega, o principio, o meio e o fim da vida christã, que sem elle não existe. E', pois, o maior thesouro que a terra contem, porque sem elle Jesus não desce ao tabernaculo, não se consagra e sacrifica no altar, não alimenta as almas!... Sem elle não ha Egreja, não ha fé, não ha sacramentos, não ha céu!..." (Amelia Rodrigues).

Apenas os maus combatem os sacerdotes, já o notara Taine, que apesar de positivista escreveu um dia: "Eis uma coisa curiosa e notavel: — todos os velhacos, todos os desordeiros, todos os bebados, ladrões, todos os homens baixos e vis, são inimigos dos padres.

Ao contrario, os homens honrados, os homens de bem, as pessoas caridosas, honestas, estimaveis, delicadas, são quasi sempre sympathicas aos padres e respeitosas para com elles". (3)

Não é só do sociologo e estheta positivista esta interessante observação; mas é tambem nossa, porque a razão e o sentimento o inculcam a cada um de nós.

Muito natural é a razão de sairem das élites moraes, as vocações para o sacerdocio.

E é justo que de um escól religioso onde melhor se estudam as questões de fé e se aprofundam os problemas de maximo interesse na religião, enfim de um escól, onde se cultiva não só o espirito de piedade, mas tambem a critica verdadeiramente scientifica e sincera dos evangelhos, saiam as vocações para a vida

(3) Citado por Seroius — "As Vocações Sacerdotaes".

mais perfeita e para o sacerdócio. Pelo menos nascerá o amor ao apostolado e a vontade de vencer-se a si mesmo e também aos outros; e então teremos o apostolado leigo, fructuosissimo num paiz como o nosso, onde são pouquissimos os sacerdotes, onde o clero é insufficientissimo, pesando sobre cada sacerdote a responsabilidade tremenda de muitos milhares de almas.

— Formar esses apostolos leigos é o que têm feito as Congregações Marianas.

Pelas regras que as dirigem, podemos calcular o valor dessas obras.

As Congregações Marianas são um fóco de apostolado, cujo influxo se faz sentir directamente na familia e na sociedade onde é notavel a **influencia que exercem**.

Alem disso, “na defesa dos sãos principios é por natureza a Congregação um baluarte da fé e da razão.

A obediencia completa á autoridade ecclesiastica, o conhecimento mais profunda da religião, o manejo das armas apologeticas nas Academias e Circulos, fazem de cada **congregado um combatente dextro e valoroso**”.

E sendo afinal um congregado um homem formado para o combate social, armado duma fé inabalavel sustentada por uma solida formação intellectual e uma orientação segura, será com toda a certeza o mais precioso auxiliar do sacerdote na luta quotidiana em prol da Igreja.

E a segurança dessa formação está nas **regras communs que regem a todas as Congregações Marianas**.

Dizem essas mesmas regras sabia e prudentemente organizadas que “o Congregado deve acima de tudo ser um christão exemplar, conformando perfeitamente a sua fé e os seus costumes com o que ensina a Santa Igreja Catholica, louvando o que ella louva, e reprovando o que ella reprova, sentindo como ella sente em todas as coisas, não se envergonhando nunca, seja na vida particular, seja na publica, de proceder como filho obediente e fiel”.

E “a vida do congregado ha de ser primeiramente a vida do bom christão”.

E' o que nos ensinam as regras.

E, particularizando agora, é isto o que procura fazer no nosso meio a "Congregação Mariana Academica", em cujo nome eu vos falo agora como seu representante humilde.

"Perdoae-me que eu vos fale do meu grupo, da minha Congregação. Mas a sua influencia na Bahia é notavel.

Numa carta do nosso Director, publicada na revista "Cartas Edificantes", referindo-se aos seus filhos espirituaes, que lhe ouvem com amor e dedicação os conselhos e as lições magnificas, diz: .

"O conceito em que esses rapazes são tidos no meio academico não é menos para consolar.

Nas escolas muita vez se verificou que rapazes de conversa livre e desenvolta respeitam os congregados, pelos menos negativamente, e mudam de conversa ao verem-nos aproximar-se".

É um presidente da Congregação, então quinannista de medicina, hoje formado, tratando do mesmo assumpto, affirmou:

"Ha um ponto que já é assente: os nossos collegas respeitam-nos.

Esse tal ou qual sorriso de mofa, que era de estylo antigamente para os que elles alcunhavam de beatos, apagou-se nos labios aos mais adversos".

Noutra occasião, arguindo a these de doutoramento de nosso consocio Florencio Gomes de Sá Netto, antigo secretario da Congregação Mariana Academica, referindo-se ao trecho do arguido, que, em prefacio ao estudo clinico apresentado, agradecia á mesma congregação, a quem muito devia pela formação moral della recebida, o Professor Alfredo Ferreira de Magalhães, faz áquelle nosso companheiro os mais francos elogios e diz: "Não se trata de uma simples adhesão ás doutrinas catholicas. Essa é hoje por tal forma a orientação da intellectualidade contemporanea que até se póde temer queira alguém dizer-se catholico só para mais se infileirar com os intellectuaes. Mas, nesse trecho refere-se o doutorando á Congregação Mariana Academica; e essa instituição é daquellas cujos membros não ficam numa adhesão platónica ás.

doutrinas, mas concretizam a theoria na pratica e realizam-na corajosamente na vida". (4)

E assim vae a Congregação Mariana Academica fixando o seu conceito na opinião publica, como fóco de formação que é.

Sabemos que o moço entrado que seja numa escola de ensino superior, soffre a influencia do meio descrente e dos companheiros vindos de toda a parte, sem firmeza n'os principios, por vezes até sem noção ao menos de formação religiosa.

Nas Congregações encontra o moço condições de vida mais perfeitamente organizadas. e um meio onde mais facilmente poderá aperfeiçoar o espirito, aperfeiçoando a instrucção religiosa.

E por isso é a Congregação não sómente fóco de iniciativa mas tambem fóco de apostolado e de formação.

E a nossa Congregação Mariana Academica tem disso frisanste exemplo nas secções que a compõem.

São ellas:

APOSTOLADO DA ORAÇÃO E EXERCICIOS ESPIRITUAES. Do Apostolado da Oração estou naturalmente dispensado de falar por ser conhecedissimo no mundo inteiro pelos beneficios incalculaveis que espalha.

Os Exercicios Experimentaes são, como o nome está a indicar, uma verdadeira gymnastica do espirito, que um collega meu appellidou com muita graça e ao mesmo tempo com muito acerto de *arte de fazer santos*.

De facto quem já teve felicidade de tomar parte num dos turnos de Exercicios Espirituaes de S. Ignacio ha-de ter sentido que o intuito do Santo é sempre o mesmo: santificar, isto é, tornar cada exercitante, não só um bom catholico praticante, mas tambem um batalhador insigne no serviço de Deus.

E ao percorrer todas as meditações, uma a uma, desde o *fundamento*, em que Santo Ignacio nos incute a total dependencia de Deus, pela analyse vigorosa do fim para que fomos creados e pela

(4) Citado na Chronica da C. M. A. "Archivo Mariano Academico". I vol.

resposta que nos obriga a dar a estas perguntas: — Donde venho? — Para onde vou? — Por onde vou?—De Deus, para Deus, por Deus —, vemos que a intenção do autor é sempre a mesma.

Se venho de Deus e vou para Elle, sou d'elle e não tenho o direito de marchar senão pela senda por Elle traçada. Não devo, porém, fazer dos meios fins, nem dos fins meios. E ensina o santo: enquanto não sei qual a vontade de Deus a meu respeito, não quereirei deliberadamente preferir tal meio a tal outro, ainda que o criterio do agrado possa ter suas inclinações; como seriam: para a saúde antes que para a doença: para a riqueza antes que para a pobreza.

Sublimes ensinamentos!

As sciencias experimentaes não têm no seu dominio as causas primarias. O objecto dellas são as forças instrumentaes de que a força primaria se serve. Esta como toda a causa suprema, em qualquer ordem que seja, é o dominio proprio da philosophia.

A felicidade que se experimenta ao fazerem-se esses Santos Exercícios, a paz, que se apodera immediatamente de cada um, enche-nos a alma de admiração e amor por esse homem admiravel que, de fidalgo e guerreiro em Loyola, Valadolid e Pamplona, passou a asceta intellectual e apostolo em Manresa, em Paris, em Roma e por seus filhos no mundo todo.

E se tal é a efficacia logo no primeiro alicerce dos Exercícios, que direi do seu ponto culminante, quando chega o momento da eleição do estado? Só quem já cursou essa escola de solido bom-senso, fina psychologia e orthodoxia integral, só esse poderá dizer a logica irresistivel da parabola dos tres binarios tão bem conhecida como o suadouro dos Exercícios, por collocar entre a espada e a parede os subterfugios cobardes com que alguém quizesse talvez furtar-se á generosa entrega de si mesmo a Deus.

Vem, porém, como fecho de ouro, como abobada magnifica ao edificio construido naquellas quatro semanas, para nós reduzidas a cinco dias completos, de completo silencio e vida interior intensa com o maior recolhimento, a meditação sublime do Amor.

E o Santo adianta-se a prevenir-nos que o Amor consiste mais nas obras que nas palavras; que o amor verdadeiro consiste na

comunicação reciproca com que um dá ao outro o que tem, ou do que tem.

E' o que faz Deus com os homens. Tudo quanto temos foi-nos dado por Deus. Desde o atomo, a cellula, a fibra, o tecido, o orgão, ao corpo; o ar, os valles, os montes, os oceanos, as arvores, os rios, tudo! O perfume da flor e a belleza das aves; o conselho das mães e a lição dos sabios; e a educação da Egreja; e a graça dos sacramentos.

Depois, o autor dos Exercicios não contente com vêr, nos seres que nos beneficiam, as prendas de Deus, vê nelles os reflexos de Deus, habituando-nos a alma a elevar-se da verdade parcial, disseminada por todas as sciencias, á verdade infinita ou a *Deus-Sciencia*; da belleza participada, que a nevoa infinita embacia, á belleza increada ou a *Deus-Formosura*; da bondade derivada, que antes imperfeições maculam, ao brilhar sem macula ou a *Deus-Amor*!

E depois desses cinco dias de recolhimento, fica-se com saudade dos exercicios. Sente-se que elles fazem bem.

E são tão admiraveis os frutos nesse trabalho sincero, illustrado e generoso que os inimigos da Egreja procuram todos os meios de combatê-lo, pretendendo ver nelle unicamente a maneira mais facil de augmentar o numero de vocações sacerdotaes. Em primeiro logar, se assim fosse, contanto que a propaganda fosse leal pelos motivos da razão illuminada pela fé, e não por industrias capciosas, não teriamos senão mais uma razão para encarecermos o valor dessa pedagogia forte e sadia.

O mundo quanto mais se paganiza pela descatholização, tanto mais precisa de Padres que o tragam de novo a Jesus Christo, como o trouxeram os primeiros doze sacerdotes do Collegio Apostolico nos tempos da Roma pagã. •

Por isso nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Belgica, na Allemanha e em tantas outras nações, tão longe estão os bem pensantes de assustar-se com o recrutamento sacerdotal dos turnos de Exercicios, que a elevada porcentagem dos que em cada retiro se recolhem aos seminarios das dioceses e aos noviciados das ordens religiosas são motivo de elogios rasgados com que

se felicitam sem rebuços, na palavra publica, em Conferencias e palestras e nas columnas da imprensa diaria, em artigos e noticiarios.

Não se cuide, porém, que os processos a que os exercitantes são sujeitos tenham qualquer segredo ou mysterio inconfessavel, ou qualquer phantasmagoria illusoria de mysticismos desequilibrados.

Vem a proposito o caso pittoresco de D. Rodrigo de Menezes, moço da alta nobreza de Portugal, quando iniciavam em Coimbra os Exercicios Espirituaes, ainda em vida de seu autor. D. Rodrigo foi fazer os Exercicios com mais alguns companheiros. Naquelle epoca em Portugal a Companhia de Jesus atacada em cheio pelos dardos inimigos e talvez mais ainda pelos preconceitos dos suspeitosos, afigurava-se a muitos, alguns delles dos melhores, como o Cardeal D. Henrique, mais tarde rei em consequencia do desastre de Alcacer Kibir, afigurava-se, digo, a Companhia de Jesus uma sociedade secreta, onde se machinavam nas trevas quem sabe se planos infernaes!

E ainda mais aquella historia de Exercicios fechados, em que os exercitantes passavam trinta dias de cabeça baixa, sem falar! Qual! Era feitiçaria; era arte do demonio!

E os commentariõs choviam em torno. Reuniu-se então uma commissão para averiguar a respeito dos taes Exercicios e saber afinal o que aquillo era.

Dentre as perguntas formuladas para serem feitas aos exercitantes, uma a um diante do tribunal, havia uma engatilhada como uma armadilha, era a seguinte:

— “Teve alguma visão?”

Chegou a vez de D. Rodrigo de Menezes. Fizeram-lhe a pergunta tantas vezes repetida e até áquelle momento com a mesma resposta negativa.

D. Rodrigo respondeu:

— “Confesso que tive uma visão!” Espanto geral, troca de olhares, testas franzidas, anciedade.

O presidente dá ordem ao escrivão para tomar nota, com todas as minucias, para nada se perder.

— “D. Rodrigo, lhe disseram, vae referir com lealdade, sob pena de peccado, a visão que teve”.

E D. Rodrigo respondeu:

— “Nenhuma razão tenho para occultá-la. Tive, Senhores, uma visão e foi a seguinte: — Vi-me a mim mesmo, e por signal que me vi muito mais feio do que pensava”.

Realmente, quem faz os exercicios tem esta impressão exactissima de se vêr a si mesmo. Dahi os frutos admiraveis que todos colhem.

* * *

Vem em seguida a secção de Circulo de Estudos, funcionando com estatutos e vida propria. Realiza sessões mensaes, onde são tratados e desenvolvidos os mais interessantes themas, todos opportunissimos, como sejam:

Philosophia, Medicina, Direito, Arte, Commercio, Agricultura, Moral, Ascetica, Problemas sociaes e Critica.

Assim é que destaco de Herbert Fortes, os “Estudos de Por-de Leão Sampaio; “Da Influencia do Christianismo sobre a Arte”, de Guilherme de Azevedo Ribeiro; “Dante Alighieri”, de Luiz de Guilherme de Azevedo Ribeiro; “Dante Alighieri”, de Luiz Ribeiro Senna; “Os Estudos de Agricultura”, de Antonio Azevedo; “O Darwinismo”, de José Monteiro Sampaio e a “Influencia dos Jesuitas”, de Anisio Teixeira.

E’ certo que o “Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica” tem sido uma escola magnifica, admiravelmente dirigida por esse singular cinzelador de intelligencias que é o Padre Cabral.

Escola de pensamento, escola de estylo, de instrucção, de patriotismo, de amor, de iniciativa, e o que é mais, escola de catholicidade e apostolado.

Quem negará que nesta sua segunda secção, tambem a Congregação Mariana Academica favoreça, pela alta cultura catholica, a obra das Vocações Sacerdotaes?

A secção de “Gabinete de Leitura” é também de grande alcance e importância.

Dispõe a Congregação para isso de numerosas revistas de todas as categorias: literarias, artisticas, philosophicas, de Medicina, Engenharia, Dierito e Religião, jornaes, monographias e muitos outros materiaes de publicidade, em livros, folhetos ou periodicos.

* * *

A secção de “Correspondencia e Redacção do Archivo Mariano Academico”, encarrega-se de manter, por cartas, relações não somente com as diversas Congregações congeneres, mas também com os socios ausentes. Além disso redige a historia annual da Congregação e trata do trabalho material do Archivo Mariano Academico, volume de publicação annual onde se encontram todos os trabalhos escriptos e lidos por Congregados no Circulo ou na Congregação.

* * *

A secção do “Pensionato Mariano Academico” trata dos interesses do mesmo Pensionato, destinado á habitação dos Congregados, cujas familias residem fóra, não os privando assim de um meio são por todos os titulos, e onde se encontra a maior cordialidade e bom exemplo.

* * *

A commissão de Catequese, Instrucção e Assistencia ás Creanças pobres, funcçiona regularmente com optimos resultados na educação e instrucção aos pobrezinhos, preparando-os para a primeira communhão e fornecendo-lhes roupas e livros.

* * *

Não menos soccorros tem prestado a Secção de Assistencia e Visita aos pobres pela Conferencia Vicentina, assim como a As-

sistencia aos enfermos no Hospital, e por ultimo as Aulas nocturnas gratuitas a operarios, com frequencia regular e optimo proveito.

* * *

Tenho mostrado em traços rapidos o que faz na Bahia a Congregação Mariana Academica, cujo circulo de acção tem o raio cada dia augmentado.

A Congregação Mariana Academica representa a intellectualidade dos novos, que tem procurado voltar-se para a religião, para o catholicismo. Vemos por toda a parte esse regresso á fé. Citarei a França, onde as conversões augmentam sempre de numero, e os convertidos publicam com todas as tintas a historia da sua volta.

Descrevem todo o caminho percorrido erradamente até ali, e o meio que os levou a tomarem rumo certo.

“Os bons exemplos são contagiosos”. E o grupo vae augmentando. Logo após a conversão, André Bavier disse que aquillo que o impressionava mais entre os catholicos da élite era a intelligencia, a comprehensão da vida interior.

Ha no catholicismo, affirmou depois, uma verdadeira sciencia da vida religiosa que o protestantismo ignora por completo.

De facto a intelligencia não basta. Não bastam as leituras philosophicas, nem os artigos eruditos.

E’ necessaria a pratica da piedade e da oração. E a oração é bem o traço de união entre o céu e a terra, entre Deus e o homem.

E quem duvida acaso da força da oração?

Napoleão I, durante a retirada da Russia, tinha por habito levantar-se á noite para traçar na mente os planos de combate do dia seguinte.

Uma noite brumosa passeiando em torno do acampamento, o Imperador avistou atravez do denso nevoeiro uma luzinha.

Mandou que uma das sentinellas fosse vêr quem estava acordado áquella hora. E a resposta não tardou:

—“E’ o coronei Drouot que trabalha e faz oração”.

No dia seguinte, não passou despercebido a Napoleão a **valentia** daquelle official, que combateu heroicamente.

Napoleão fingiu nada ver. E algum tempo depois Drouot **era** general e ajudante de campo do grande Imperador.

— “Drouot, sois energico”, respondeu Napoleão aos **agradecimentos** do novo general.

— “Senhor, tornou este, não temo nem a morte nem a **po-breza**; só temo a Deus; dahi a minha força”.

Este exemplo magnifico de Drouot faz-me lembrar outro e este da ultima guerra.

Um batalhão francês chegava a uma pequena aldeia. O general prohibiu que os seus soldados assistissem á missa do dia seguinte que era domingo. Soube, porém, depois que a ordem não fôra totalmente cumprida e mandou chamar o coronel a quem pediu o nome dos desobedientes. Este, porém, calmo e altivo, respondeu com voz firme:

— “General, durante todo o tempo da missa não olhei nem uma vez para traz; por essa razão não sei quaes os soldados que lá estiveram tambem”.

Esses exemplos são raros. Delles é que precisamos, nós, os moços.

* * *

Encerrando estes commentarios a proposito das Congregações Marianas, quero lançar um convite a todos os jovens que cursam as diversas Faculdades superiores da Bahia para unidos convosco na Congregação Mariana Academica trabalharmos na grande obra de christianizar o Brasil, auxiliando assim ao sacerdote que no dizer de Amelia Rodrigues, cuja magnifica citação me apraz repetir, como chave de ouro: é o ponto inicial, o alpha e o omega, o principio, o meio e o fim da vida christã, que sem elle não existe. E é o maior thesouro que a terra contem porque sem elle Jesus não desce ao tabernaculo, não se sacrifica no altar, não alimenta as almas!... sem elle não ha Igreja, não ha fé, não ha sacramentos, não ha céu!...

CONCLUSÕES

Seria de grande alcance pratico a fundação de uma casa de Exercícios Espirituaes onde algumas vezes por anno fossem feitos os *Retiros fechados*, por grupos pouco numerosos, e tão homogeneos quanto fosse possivel.

Tambem seria de grande resultado a fundação de Congregações Marianas tambem homogeneas, para as diversas classes sociaes, mormente nas Freguezias.

Bahia, Setembro de 1926.

Octacilio de Carvalho Lopes

Academico de Medicina

“A Falta de Sacerdotes no Sertão”

PELO ACADEMICO DE ENGENHARIA

Joaquim de Araujo Lima

21 DE SETEMBRO DE 1926

Conferencia pronunciada na sessão masculina de Estudos, do 1.º Congresso das Vocações Sacerdotaes, reunida no Gabinete Português de Leitura; cujas conclusões foram lidas pelo autor na Sessão Solemne dessa noite na Egreja Cathedral.

NOTA: As conclusões que se seguem a esta conferencia foram transcriptas pelas “Vozes de Petropolis” em seu numero de 1 de Março de 1927.



“A Falta de Sacerdotes no Sertão”

Exmos. e Revmos. Srs. (1)

Venerando Clero,

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Indigitado como fui ha mezes, pelos benevolos collegas de labuta, para orador desta nobilissima agremiação que é a Congregação Mariana Academica, e desejando alguma cousa fazer para bem seu e proveito de minh'alma, esqueci que, quem se dedica aos numeros buscando illustração nos nomes immortaes de Descartes e Leibnitz, não póde attender devidamente aos primores da syntaxe e ás flores da Litteratura.

Sciente, porém, aqui, da catholicidade paciente dos que me vão ouvir, a tanto me atrevo, feliz por trabalhar pela Congregação Mariana, penalizado embora, pela convicção de que vos vou martyrisar por alguns longos minutos. Resignae-vos, e offerecei mais este sacrificio pelas intenções do nobre Congresso que aqui me traz.

(1) Senhores Bispos de Aracajú e de Santa Maria.

Adivinhando nas vossas physionomias o esboço de duas justificadas interrogações a meu respeito, — “de onde vens” — “que queres” —, devo fazer desses dois topicos o assumpto da minha these.

Assim, pois, dividirei o meu pequeno trabalho em duas partes, dizendo na primeira “*donde venho*”, justificando na segunda “*para que venho*”: o motivo do meu discurso... Julgo conveniente obedecer aqui a uma progressão arithmetica crescente, unica no genero por não ter razão.

Fixo-lhe como primeiro termo uma quantidade de valor infinitamente pequeno, atomica, desprezivel a bem dizer, pela sua acção; como ultimo termo um valor infinitamente grande, tão grande que domina os ceus.

Não leveis a mal que faça entrar aqui a pessoa de quem vos fala. A isso me leva a sensibilidade de catholico deante do grandioso scenario que a Bahia prepara, para que nelle se desenvolva com a assistencia do mundo o drama da prophylaxia moral do nosso Brasil, iniciado por um Congresso.

Falo como o primeiro termo da progressão, trazendo com o meu desvalioso apoio o pequenissimo concurso de uma alma ser-taneja.

Que as settas rusticas de minhas palavras, ferindo a delicada membrana dos vossos ouvidos, consigam resvalar directas ao coração para ahi deixarem gravadas as idéas que quero frisar e que não sei revestir com as attrahentès elegancias do estylo. Espero que a vossa intelligencia benevola saberá discernil-as, assimilando-as.

Quero ainda, como bahiano e catholico, felicitar a Bahia, que serena ergue a fronte para receber de Deus um beijo, que, crystallizado, qual diamante da mais pura agua, attrahirá para si com a seducção de seu brilho, almas varonis que militem sob o mesmo estandarte da fé, empunhando a mesma espada, — uma cruz.

Venho ainda por mim, prevendo as necessidades futuras, quando em trabalhos de campo precise de algum auxilio espirital — quiçá em caso extremo, dos ultimos sacramentos — sem ver ao lado um braço amigo que me aponte as regiões do além... Ha

bem pouco tempo estava eu em periodo de ferias a cerca de 93 kilometros da nossa velha cidade do Salvador.

Precisei estar com um sacerdote e não tive difficuldade em atirar-me ao dorso dum animal para vencer 24 kilometros. Invernava, e as estradas entregues ás bategas quotidianas da chuva, apresentavam-me aqui e alli, obstaculos á viagem. Quatro vezes sentiu o animal faltar-lhe a rigidez do solo, sendo necessario concentrar todas as forças para dominar a lama.

Numa dellas, os primeiros esforços foram improductivos, (tal a intensidade da immersão) sentindo o cavalleiro a necessidade de deixar sua montada, mettido tambem no lodo até ao joelho, para aliviar a carga do animal que se debatia em vão.

O sól, como se não quisesse presenciar a scena, escondia-se já no occaso. Não fosse a potencia herculea, aliás reconhecida daquelle animal, e passaríamos allì os dois semi-enterrados, uma noite horivelmente fria.

Chegando á méta, tive a surpresa de não encontrar o Vi-gario que na vespera sahira como missionario para uma viagem de cerca de 30 léguas. Tenho pois razão de ter fallado por mim.

Mas, não é somente por mim. E' tambem pelo Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica.

Tambem elle vibra de enthusiasmo ouvindo a musica celeste do nosso Congresso.

Mas, deixemos a parte pelo todo.

O Circulo Catholico de Estudos é uma das dez secções da Congregação Mariana Academica. Acariciado desde o berço por u'a mãe, zelosa em lhe revelar as verdades que mais importam, solicita por ver o seu engrandecimento intellectual, não se desviará do Circulo, como ainda se não desviou, da meta a que se dirige.

Mas, do grande machinismo que regula de modo tão preciso o equilibrio moral da juventude catholica, o circulo é apenas um circulo, rodazinha minuscula em complexa engrenagem.

Mais vasta é a Congregação Mariana Academica, a qual como o seu proprio nome o diz, congrega os academicos para Maria.

Não deve ser de todo desconhecida para vós a acção benefica da Congregação Mariana Academica.

Se, porém, nos collocamos no ponto de vista especial deste Congresso de Vocações Sacerdotaes, a aureola que circunda a fronte da Congregação não tem ainda relativamente aos annos o fulgor que merecia, pois nella brilham apenas cinco estrellas insufficiente numero para illuminar o immensuravel ceu da nossa terra; apenas cinco florinhas, reduzidissimo numero para adornar o grande canteiro do mundo que é o Brasil. Falo das vocações sacerdotaes na Congregação. Não é seu fim primario fomentar-as, o que não a impede porém de velar discretamente pela alma nobre que se queira entregar ás luctas pela Igreja.

Quando porém, pela terra se estendiam preces ao Altissimo pedindo jardineiros de flores espirituaes, á vóz da Igreja se juntava sempre o echo unisono da Congregação Academica de Maria.

Bem o vêdes; aqui estamos, membros seus, cohesa a nossa vóz (que é a vóz della) com o clamar vibrante do Primeiro Congresso das Vocações Sacerdotaes.

Seja este clamar proficuo, e consiga a Congregação, augmentando em numero, augmentar tambem o numero dos soldados de Christo.

Mas, continuemos a nossa progressão, cedendo logar agora ao grande Sertão da Bahia. A terra é fertil, o povo é naturalmente bom. Se por vezes no alto sertão tardam do ceu as chuvas da graça, deixando empedernir as almas, tempos depois enchentes de bençams cumulam-nas de bens. E' que os poucos missionarios não conseguem levar de vencida a multidão enorme de localidades, distanciadas entre si dezenas de kilometros ligadas as mais das vezes por trilhos de caminho, que mal permitem o transito para um peão.

De raro em raro vem uma Santa Missão recolher as ovelhas esquecidas já do pastor. Passa então ligeira briza de bem estar, tocando a sensibilidade da alma sertaneja. Ao retirar-se, porém, desloca o Sacerdote e leva após si quasi toda essa briza que trouxera, pois que a mentalidade inculta da grande maioria do sertão não sabe reter as instrucções que a estadia perma-

mente d'um pastor zeloso, ou d'um religioso devotado poderia trazer.

Para sanar este mal, só ha um meio e é fazer o Senhor que os poucos Sacerdotes de que dispõe o Brasil passem por milagre identico ao dos pães e dos peixes, de poucos a muitos, para acudirerem á penuria de tantos que pedem o pão da palavra divina. Disso necessitam os proprios evangelisadores. De facto, um sacerdote entregue ao ermo do sertão, isolado da communhão de idéas e de acção dos seus irmãos de habito, com quem poderia desabafar o peito oprimido, difficilmente conservará os preciosos thesouros de sua alma. Se por ventura cae em falta, deslustrando o brilho de seu nome, dardejão sobre elle as settas dos inimigos da Igreja, sem se attender a que a fragilidade do barro em que a alma se encarcera neste mundo de misérias, necessitaria de mão amiga e peito irmão, que, pela benção do perdão, pelo estímulo do bom conselho, pela lição do exemplo, impedisse a repetição das quedas e o callejar da consciencia. E soffre a Igreja, e soffre o Sacerdocio, e soffre o sertanejo. Nos grandes centros as ordens religiosas supprimem de algum modo o numero ainda diminuto das vocações sacerdotaes. Nos sertões porém, quanta vez o peccado anda á solta, em terreno proprio, em lucta aberta, com milhares de almas, e almas boas! atirando-as ao calabouço, sem que um braço venha detel-as, subjugal-as. E é sabido no entanto a que grão pôde chegar a generosidade do sertanejo. Os nossos bons camponios suspiram por um padre, a quem cercam das maiores considerações. Effectivamente têm razão para tal. O padre é um elemento necessario á construcção do grande edificio — a civilisação das massas. Fazendo reviver o passado, poderemos ver a desorganisação social que reinava nas velhas sociedades pagãs da Grecia e de Roma. São-nos della testemunhos, Platão, Aristoteles, Aristophanes, Tito Livio, Tacito, Juvenal, Suetonio, Platurco, Séneca, que deixaram em letras inapagaveis os horrores da moral gentia.

A grande maioria dos homens era dividida em quatro classes: escravos, gladiadores, pobres e artistas. O escravo não era um homem mas uma cousa.

Varrão o conta como instrumento de trabalho, dizendo que os boís mugem, os escravos falam e que a charrua nada diz: “Dí-reitos não lh’os reconheciam: *“servus nullum jus habet”*”.

Os gladiadores matavam-se aos milhares para diversão de imperantes e imperados, em circos onde os levavam. O “*panem et circences*” é uma synthese desses horrores.

Quanto aos pobres e infelizes, digamos apenas que Marco Aurelio, apesar dos frequentes lampejos de bom senso com que a philosophia o illuminava, fazia ver ao seu povo: “Condoer-se da infelicidade e chorar com os que choram, é fraqueza”. E Seneca diz que a misericordia é um vicio do coração: “*misericordia animi vitium est; boni misericordiam vitabunt; sapiens non miseratur*”. “Dar de comer a um pobre, dizia Plauto, é uma dupla loucura: para si, é perder o que se dá; para elle é prolongar a sua miseria” — Em Athenas como no Egypto o homem que não tinha pão e que o pedia, era punido de morte pela lei.

Os artistas, esses que pela indigencia se viam necessitados de trabalhar para adquirir o sustento, não mereciam attenção, porque o trabalho era objecto de desprezo. Aristoteles dizia ser o trabalho indigno do homem livre; e nessa insensatez repetia o pensar de Platão, e era apoiado por Herodoto, Xenophonte, Cicero e Seneca.

A molecula da sociedade — a familia — chegou ao superlativo da degradação.

A esposa era um ser inferior. Tanto pela sua origem como pelo seu destino, era um verdadeiro escravo, abjecto e máo. Dahi a polygamia com o seu cortejo de miserias, dahi entre os Gregos e os Romanos a praica habitual do divorcio, pelos motivos mais frivolos e mais vis. Os maridos compravam as suas mulheres, sobre quem tinham o direito de vida e morte.

A creança não era melhor tratada. Em Roma, estendiam o recém-nascido aos pés de seu pae. Se este o tomava nos braços era-lhe permittido viver — “*suscipere liberos*”. Se ao contrario elle o deixava por terra, davam á innocente creança a morte immediata. Era mister que Tertuliano tivesse a convicção de não ser desmentido, para ousar dizer dos pagãos de seu tempo: “Entre os

que nos atacam, e têm sede do sangue dos christãos, mesmo entre vós auteros magistrados, tão rigorosos connosco, quem não deu a morte ao seu proprio filho?” Dizia o grave Quintiliano que “matar um homem é muitas vezes um crime, mas, matar seus proprios filhos, muitas vezes é uma bella acção”.

E era esta a bitola em que marchava a sociedade pagã. O christianismo porém, veio com os seus sacerdotes fazer ponto final a este periodo de atrazo.

O *non licet* dos apostolos continuou-se energico nas lições educadoras dos Pontifices, dos Bispos, dos presbyteros e dos diaconos. Essa missão do Clero continuou-se através das idades. Pelo clero é que a Egreja foi a grande educadora da Meia-edade. A Historia da colonisação do Brasil e a sua formação ethnica enriqueceram com um dos seus mais formosos capitulos a obra gigantesca em que se documenta essa benefica acção do clero. Mas para que recorro eu á documentação da Historia Universal e nacional? A quasi totalidade do povo sertanejo sem folhear requer as paginas da historia, sabe-o muito bem, razão porque pede, supplica e aguarda pastores devotados. Acha-se elle sem forças para levantar o pesado escudo dos dez mandamentos, e sem o auxilio do padre, as mesmas taboas da lei de Deus o esmagarão num castigo tremendo. E a soberba, e a avareza, a luxuria, a ira, a gula, a inveja, a preguiça, a murmuração, a mentira, a traição, a calumnia e a hypocrisia irão dominando a terra ao som do “veni, vidi, vici”, de novos Cesares sem a estatura epica do Cesar Romano, mas com egual prepotencia, nas tyrannias de sua politica sem escrúpulos. Iriamos então passar por uma nova phase de desordens por falta dos que têm por lemma combater pelo bem commum e sacrificar-se por elle.

— Os sacramentos, por falta de quem os administre serão substituidos por quaesquer actos de superstição, num culto puramente exterior ou differidos para uma occasião incerta que não acaba de chegar. Dahi, um sem numero de creanças a quem tardam e ás vezes não chegam os doces effluvios do banho baptismal; dahi a falta de confirmação da fé, baixada do ceu numa imposição de mãos, trazendo aos fieis a graça divina no chrisma; dahi o não

se poder agasalhar no peito o Autor da natureza, o confortador da nossa debilidade, o consolador dos horas tristes, estreitado conosco no abraço da Eucharistia; dahi, innumerados condemnados que se lastimam porque não acham quem lhes apague as nodoas da consciencia pela confissão; dahi o verem-se tantos no ocaso da vida, nos ultimos arrancos da luta contra a morte, derramando lagrimas que pungem, sem levar da terra a consolação de ter recebido com a absolvição das culpas e o sagrado Viatico, o sacramento da Extrema Uncção; dahi tantos jovens que trazem na frente a estrella do sacerdocio, e que, ou por falta de recursos, ou por falta de quem os dirija, sentem desaparecer a luz da graça, sem honrarem o mais elevado dos ministerios — a Ordem; dahi, finalmente, a polygamia desassombrada, o concubinato natural, por não se ter chegado á clara concepção dos effeitos abençoados de uma união perfeita aos pés do Santo Altar, no sacramento do matrimonio. E tudo, porque não se enchem os Seminarios de levitas, nem abrem as suas portas a sacerdotes numerosos, devotados á salvação das almas, á glorificação de Deus, e á honra da sua Igreja.

Para se ter uma nitida idéa da carencia de padres no interior, mister se faz que haja uma viagem de estudo por todas essas localidades que povoam o nosso sertão, aos grupos de quatro e mais sob os cuidados de um só Vigario que deve attender a todos, em léguas de percurso, tendo como unico meio de transporte o dorso dum animal.

Mas o proprio clero sente hoje os effeitos dessa falta. Não ha obreiros para as obras do Senhor, e nos claros abertos entre as fileiras dos soldados de Christo, quer e espera o Congresso das Vocações Sacerdotaes multiplicar sacerdotes “zelosos e santos” para bem da Igreja e salvação do Brasil.

Se, crescendo ainda a santificação do clero, crescesse tambem o seu numero, de modo proporcional á grandeza de nossa terra, teriamos certo o engrandecimento moral do nosso povo.

Meus Senhores, ahí vão mais dois termos da progressão de que vos falei: o clero que necessita de membros, a Igreja que necessita de militantes.

Concentremo-nos, e formulemos do intimo do coração preces effusivas que mereçam o deferimento do Omnipotente.

Seja Elle o ultimo termo da progressão que escolhi para maior facilidade da retentiva.

O divino rei da seara das almas, que lançou á terra o “Si vis perfectus esse, vade, vende quae habes, et da pauperibus, veni et sequere me” tem justa razão para esperar da generosidade desinteressada de seus filhos o “Tomaes Senhor quanto tenho e quanto sou”.

Cabe agora aos paes christãos o medirem desapaixadamente a responsabilidade tremenda que lhes peza sobre os hombros ao dizerem — não — quando os seus filhos instam para abraçar o sacerdocio, dissuadindo-os, tentando provar que o apostolado leigo surte tão bons resultados como uma vida inteira dedicada ao serviço exclusivo da salvação das almas.

E se tal jovem se extravia por não saber vencer as difficuldades de sua casa, perde-se talvez uma familia, por não ter em seu seio um anjo do lar, perde-se numa serie incalculavel desde hoje até o fim do mundo um sem numero de almas, que dependiam de um sim que se lhe negou sempre.

Terei eu esquecido o meu thema deixando passar tão de largo a voz do meu sertão?

Não, meus Senhores, porque em cada prece que se faça, está incluso o sertão. Cresça o clero, tenha a Egreja apostolos e terá tambem elle jardineiros que colham estas florinhas do campo para offertal-as ao Senhor.

Mas prometti justificar na segunda parte do meu pequeno trabalho o motivo que aqui me traz. Já não será necessario repetil-o; ha falta de padres, os padres formam a Egreja. Ora, em todos os tempos, foi sempre a Egreja Catholica a evangelisadora dos povos.

Jamais se conseguiu cousa alguma de bem moral para as classes, que não fosse forjado na fragua cujas labaredas são as do amor de Deus.

Para se comprehender o mal que póde vir a um povo pela

falta de quem o dirija espiritualmente, basta sem paixão alguma examinar o homem e saber o papel do padre.

Nasce o homem, vive por alguns annos, morre, deixando um pouco de materia para alimentação dos vermes, algum trabalho que as leves ondas do tempo, vão carcomendo, desmoronando. Que resta pois do homem? Somentemente a alma.

Existirá ella e merecerá alguma attenção?

Se existe e se merece attenção que importancia vos parece terá o sacerdote a cujos cuidados a alma foi entregue?

Deixaria de haver razão para tudo o que vou dizendo, se a alma não existisse; mas affirmou-nos Jesus Christo que a alma humana não morre com o corpo, quando ao fallar a seus discipulos das perseguições: “Não temais, disse, os que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma; temeí sim a Deus que pode condemnar a alma e o corpo. “Aos Saduceus que negavam a immortalidade de alma, e a consequente resurreição, disse tambem: “Deus não é dos mortos, mas dos vivos, “aludindo ao texto da Escriptura que diz: “Eu sou o Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob”. Ora, estando os corpos desses patriarchas desfeitos em pó, para que Deus fosse Deus dos vivos, era necessario que sobrevivessem as suas almas á morte corpóral.

Observou alguem, que a luz da razão está para a revelação, como a chammazinha do azeite está para o fóco do arco voltaico. Não neguemos porém valor ás investigações da philosophia. Philosophicamente é a alma o primeiro principio activo pelo qual o homem vegeta, sente e entende.

Mas será ella distincta do corpo?

A alma humana é o primeiro principio pelo qual o homem vive; ora, o primeiro principio de vida não pode ser corpo, logo a alma distingue-se do corpo. Se o primeiro principio de vida fosse o corpo, todos os corpos viveriam, pois seriam a si mesmos principio de vida, o que é absurdo. Em segundo logar, se a alma humana não fosse distincta do corpo, deveria estar sujeita a todas as vicissitudes e mudanças corporaes. Mas isso não se dá, logo, a alma distingue-se do corpo. E' claro que ao passo que o corpo soffre

pelas leis da assimilação de 8 em 8 annos no maximo, continuas mudanças, a alma, principio de vida fica sempre a mesma.

Existe, pois, em nós este outro ser que se distingue do corpo, a que chamamos alma. E notae, Senhores, que esta argumentação que resumi agora, vale igualmente para demonstrar a existencia da alma sensitiva dos irracionais e da alma vegetativa das plantas, principio de energia, vital, posto que não espirito.

Subamos mais um grão e digamos da alma intellectiva do homem. Será ella espiritual? Podemos proval-o pelas operações da intelligencia, e até pelo modo como percebemos os proprios objectos materiaes.

A nossa intelligencia conhece objectos meramente immateriaes ou espirituaes, como sejam, Deus, virtude, ordem; ora, se ella fosse organica não poderia conhecê-los; logo ella é espiritual.

Os mesmos objectos materiaes conhecemol-os de um modo espiritual; o que não se daria, se ella fosse organica.

Tomemos agora as operações da vontade. Nossa vontade deseja bens espirituaes: virtude, sciencia, posse de Deus, logo é espiritual áliás teria tendências superiores á sua propria natureza. A alma é impressionada pelo inorganico e espiritual, logo é inorganica ou espiritual.

Se a vontade fosse faculdade organica não poderia dominar a materia, pois repugna que o instrumento domine o agente que o move. Logo, a nossa vontade e a alma, em que a vontade se radica, é espiritual.

Provasdas a existencia e a espiritualidade da alma, resta-nos saber se é ella immortal. Certos que estejamos de sua immortalidade e dependencia de Deus, nada mais nos resta que reconhecer o alto encargo daquelles aos quaes está entregue eo laborioso mister de salvá-a.

A morte é a corrupção, a dissolução dum ser vivo; um ser será immortal logo que seja incorruptivel.

Mostrarei em primeiro logar que a alma é naturalmente immortal, e em segundo logar, que de facto viverá sempre.

Todo ser espiritual, é por sua natureza immortal: ora, a alma é um ser espiritual, logo, é um ser immortal.

O ser espirital, não é, digo, sujeito á morte. Primeiro, elle não traz em si principio algum de corrupção, de dissolução; não sendo composto de partes, não pode desagregar-se, desfazer-se, morrer.

Alem disso, cousa alguma a destruirá. Nenhuma força natural é capaz de aniquilar um atomo de materia; necessariamente menor influencia pode ter sobre o que é immaterial.

Deus não a destruirá. Seria uma contradição que repugnaria á Sabedoria infinita, o crear uma alma naturalmente immortal, para aniquilal-a depois.

Sendo o nada absolutamente inutil, seria uma acção sém intento a aniquilação; ao contrario a alma immortal póde chegar a alcançar o fim ultimo da creação, procurando sem cessar a gloria de Deus, ou seja louvando-o nos esplendores da felicidade eterna, ou proclamando a sua justiça nos abysmos.

Mas a alma humana depende de Deus. Não é necessario sabermos as maravilhas da astronomia para chegarmos com a unica lanterna da razão á convicção absoluta da existencia de Deus. Sendo Deus o Senhor supremo de todas as cousas, é tambem Senhor da alma humana, logo ella d'Elle depende. Como Senhor que é, estabeleceu Deus preceitos. "Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente".

E' este o maior e o primeiro dos mandamentos. Outras ordens, outros mandamentos foram impostos por Deus ás suas creaturas.

Mas então, esqueci-me da importancia do ministerio sacerdotal? Não. Estamos entregues aos cuidados dos pastores de Deus. "Assim como o meu pae me enviou a mim, assim eu vos envio a vós. Ide, percorrendo o mundo, prègar o Evangelho a todas as gentes. Quem crer e fôr baptisado, será salvo; quem não crer será condemnado". Ide, pois, instruir a todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; ensinando-lhes a observar tudo quanto eu vos mandei. Dahi a obrigação restricta de attenderem os homens á voz da Igreja pelos seus apostolos. Sendo o nosso principalissimo negocio a salvação da alma, que mal enorme virá á terra por falta de quem cuide da alma?

Temos alma immortal, que ha de ser para sempre feliz ou infeliz; portanto são indispensaveis os que tratem della; logo é necessario sem restricções o Padre.

Isto o que diz respeito á vida eterna. Para a vida terrena não é menos indispensavel o sacerdote. Têm em vista os apóstolos preparar os homens para Deus, baseados nos dez mandamentos de Sua lei.

Ora, preparados estes devidamente, deixará de haver além das irreverências para com Deus, quem deshonne os seus paes, quem mate, quem esqueça a honestidade, quem furte, quem levante falso testemunho, quem deseje a mulher do proximo, quem cubice as cousas alheias.

Homens assim formados, sociedades de taes homens, onde não reina o orgulho, a inveja, a maledicencia, a perversidade, seria o ideal da formação moral, o apogeu da felicidade humana. Por isso, é mister clamar pelos obreiros desse futuro de paz, unicos agentes que poderão arrancar do lodo de uma sociedade pervertida, um escol de homens superiores que comprehendam o seu mister, que trabalhem com toda lisura pela felicidade de seus irmãos.

Tentei demonstrar aqui a necessidade de termos Padres. A pouca experiencia da vida porém, nega-me argumentos mais vincadamente convincentes, com que possa demonstrar a este escol do Brasil o fim que aqui me traz. Disse na primeira parte do meu pequeno trabalho — por quem vinha: tentei dizer na segunda — para que vinha.

Deve-se concluir dahi, que quem me envia pede padres; quem pede é porque não os dispensa, e não os dispensa porque reconhece nelles os salvadores de almas, esse tudo que possuímos em nós.

E agora, que sinto a necessidade de pôr o ponto final ao vosso martyrio causado por mim, acho prudente recolher-me novamente ao meu pequenino quarto de estudante onde me aguardam os logogrifhos da mathematica.

E embora tenha passado tão de leve, quai ligeira brisa, sobre as plagas do sertão, permaneço na expectativa de, satisfeitos os ideaes do Primeiro Congresso das vocações sacerdotaes, ver

um punhado de apóstolos, homens de acção e de oração, palmilhando o interior da nossa terra, com a convicção de quem faz o bem; colhendo flôr a flôr as almas sertanejas; juntando-as uma a uma no mais bello ramallete espiritual; tecendo de flôres o coração do Brasil, pois que este coração é justamente o conjuncto de almas nobres que povoam o interior da nossa terra.

E assim julgo cumpri-da a minha missão.

Tenho dito.

Bahia, 21 — 9 — 921.

(G. P. de Leitura).

Joaquim A. Lima.



Conclusões lidas na sessão solemne do Congresso na Egreja Cathedral

Devendo apresentar-vos em ligeiros traços um esboço do meu já pequeno trabalho acerca da falta de padres no sertão, tento aqui reduzir a duas palavras o que lá ficou na secção de estudos.

Intencionei dizer quem me enviára, começando pela atomicidade do meu sêr, tomando a seguir o primeiro degráu — o Circulo de Estudos, passando ao segundo — a Congregação Académica, subindo ao terceiro — o nosso Sertão, descobrindo o quarto — o nosso Clero, galgando o quinto — a Egreja Catholica, para finalmente alcançar o throno da Majestade divina, o Soberano Senhor do Universo.

Mas o meu thema se restringe á carencia de padres no sertão, á falta dos que labutam pela evangelização das almas sertanejas.

Ora abstracto na contemplação serena do seu solo, ora manso apascentando o seu rebanho, ora ligeiro sobre o dorso do seu cavallo de campo, negando aqui e ali o corpo ás emboscadas do cipoal, ora carregando o sobrolho, arrancando os dentes, retezando os punhos na posição de quem defende um direito ultrajado, o sertanejo é sempre o mesmo: incapaz de uma offensa sem razão, de um desrespeito, de uma quebra da palavra, de uma desatenção mesmo a qualquer forasteiro: sacrifica-se antes

com a naturalidade de quem cumpre um dever sem outro interesse que não o de fazer o bem.

Quando amigo, é um defensor acerrimo, em qualquer tempo e lugar, prompto a enfrentar qualquer ataque, mesmo do mais feroz dos inimigos.

Character são, indole bôa, alma docil, prima o sertanejo pela delicadeza do trato. Tão meigo e sensível como a mais bella florinha de suas terras, merece bem o desvelo, a dedicação dos jardineiros das flores do céu.

Sei bem que a Igreja, mãe carinhosa, não esquece os filhos que vivem em incansavel labuta, e para quem tanta vez a impedida sociedade não tem um olhar de carinho, um gesto de atenção. Mas que fará esta mãe, faltando-lhe precisamente os braços que poderiam elevar aos céus os seus queridos filhinhos? que fará si tantas terras no interior só de longe em longe ouvem a voz amiga dum sacerdote?

Para se ter nitida idéa da carencia de padres no interior, mistér se faz que haja uma viagem de estudo por todas essas localidades que povoam o nosso sertão, aos grupos de quatro e mais, sob os cuidados de um só vigário que deve attender a todos, em leguas de percurso, tendo como unico meio de transporte o dorso dum animal.

Novo ainda, pois nem sequer comecei a comprehender as difficuldades da vida pratica, posso comtudo contar-vos, relacionada com a carencia de sacerdotes no sertão, uma historia de que fui protagonista.

Ha bem pouco tempo, estava eu em periodo de ferias a cerca de 93 kilometros, apenas, da nossa velha cidade do Salvador.

Precisei estar com um sacerdote, e não tive difficuldade em atirar-me ao dorso de um animal, para vênir os 24 kilometros que me distanciavam da parochia vizinha.

Invernava, e as estradas, entregues aos banhos quotidianos da chuva, apresentavam-me, aqui e ali, obstaculos, á viagem. Quatro vezes sentiu o animal faltar-lhe a rigidez do solo, sendo necessario concentrar todas as forças para dominar a lama,

Numa dellas, os primeiros esforços foram improductivos (tal a intensidade da immersão) sentindo o cavalleiro a necessidade de deixar sua montada, mettido tambem no lodo até ao joelho, para alliviar a carga de quem se debatia quasi em vão. O sol, como si não quizesse presenciar a scena, escondia-se já no occaso. Não fosse a potencia herculea, aliás reconhecida, daquelle animal, e passaríamos ali os dois, semi-enterrados, uma noite horivelmente fria. Chegando á méta tive a surpresa de não encontrar o vigario, que na vespera sahira como missionario para uma viagem de cerca de 30 kms.

E não poderá acontecer, senhores, que um dia eu venha a ter absoluta necessidade de algum auxilio espiritual, e talvez em caso extremo dos ultimos sacramentos, sem ver ao lado um braço amigo que me aponte as regiões do além?

Dadas as circumstancias de escassez do clero, posso affirmá-lo — sim.

Não é necessario fazer presentes as tristes scenas das velhas sociedades pagans da Grecia e de Roma, para tornar palpavel a benefica transformação operada pela Egreja com os seus sacerdotes, no seio das diversas classes.

Platão, Aristoteles, Aristophanes, Tito Livio, Juvenal, Suetonio, Plutarco, Seneca, legaram-nos em letras inapagaveis os horrores da moral gentia. Punia-se de morte por lei a quem a necessidade levava a estender a mão para mendigar o pão, — e a Egreja nos ensina a vestir os nus, dar de beber a quem tem sede, dar de comer a quem tem fome. Enquanto Seneca nos diz que a misericórdia é um vicio do coração, “*miseritordia animi vitium est, boni misericordiam vitabunt: sapiens non miseretur*”; — Jesus se diz manso e misericordioso.

O pouco tempo que me é dado, não permite traçar com mais nitidez o rumo em que marchava a sociedade pagan. O christianismo veio, com os seus sacerdotes, fazer o ponto final a este periodo de atrazo. O *non licet* dos apostolos continuou-se energico nas lições educadoras dos Pontifices, dos Bispos, dos presbyteros e dos diaconos. Essa missão do clero continuou-se através das

idades. Pelo clero é que a Egreja foi a grande educadora da Meia idade. A historia da colonisação do Brasil, e a sua formação ethnica, enriqueceram com um dos seus mais formosos capitulos a obra gigantesca em que se documenta essa benefica acção do clero. Mas para que recorro eu á documentação da Historia Universal e Nacional? A quasi totalidade do povo sertanejo, sem folhear sequer as paginas da historia, sabe-o muito bem, razão por que pede, supplica e aguarda, pastores devotados. Acha-se ella sem forças para levantar o pesado escudo dos dez mandamentos, e, sem o auxilio do Padre, as mesmas taboas da lei de Deus a esmagarão num castigo tremendo. E a soberba e a avareza, a luxuria, a ira, a gula, a inveja, a preguiça, a murmuração, a mentira; a traição, a calumnia e a hypocrisia irão dominando a terra ao som do "veni, vidi, vici" de novos Cesares, sem a estatura epica do Cesar Romano, mas com igual prepotencia nas tyrannias de sua politica sem escrúpulos. Iriamos então passar por uma nova phase de desordens, por falta dos que têm por lemma combater pelo bem commum e sacrificar-se por elle. *Iriamos* é condicional, refiramo-nos ao futuro.

Os sacramentos, por falta de quem os administre, serão substituidos por quaesquer actos de superstição num culto puramente exterior, ou differidos para uma occasião incerta que não acaba de chegar.

Dahi um sem numero de creanças a quem tardam e ás vezes não chegam os doces effluvios do banho baptismal; dahi a falta de confirmação na fé, baixada dos céus numa imposição de mãos trazendo aos fieis a graça divina no chrisma; dahi o não se poder agasalhar no peito o Autor da natureza, o confortador da nossa debilidade, o consolador das horas tristes, estreitando-o commosco no abraço da Eucharistia; d'ahi, innumerados prevaricadores que se lastimam, porque não acham quem os habilite a pagar as dividas da consciencia pela confissão; dahi o verem-se tantos no occaso da vida, nos ultimos arrancos da luta contra a morte, derramando lagrimas que pungem, sem levar da terra a consolação de terem recebido, com a absolvição das culpas e o sagrado viati-

co, o sacramento da Extrema Uncção; dahi, tantos jovens que trazem na frente a estrella do sacerdocio, e que, ou por falta de recursos, ou por falta de quem os dirija, sentem desaparecer a luz da graça, sem honrarem o mais elevado dos ministerios — a Ordem; dahi finalmente a polygamia desassombrada, o concubinato natural, por não se ter chegado á clara concepção dos effeitos abençoados de uma união perfeita aos pés do Santo Altar, no sacramento do Matrimonio. E tudo porque não se enchem os seminarios e levitas, nem se abrem as suas portas a sacerdotes numerosos, devotados á salvação das almas, á glorificação de Deus e á honra de sua Igreja.

Em tal abandono, é de esperar que os filhos do sertão esqueçam os proprios dez mandamentos, fomentando as irreverencias para com Deus, deshonorando os paes, matando, esquecendo a honestidade, furtando, levantando falsos testemunhos, desejando a mulher do proximo, cubiçando as coisas alheias. Assim, naturalmente esquecerá o sertanejo que tem alma immortal, deixando-a penetrar no lodaçal dos peccados, comprando uma eternidade de dores e supplicios.

E homens assim formados, sociedades de taes homens, presididas pelo orgulho, pela inveja, pela maledicencia, pela perversidade, seriam uma escoria de formação moral, o aniquilamento da felicidade humana. Por isso, é mistér clamar pelos obreiros desse futuro de paz, unicos agentes que poderão arrancar do lodo de uma sociedade pervertida um escol de homens superiores que comprehendam o seu mistér, que trabalhem com toda lisura pela felicidade de seus irmãos.

E' necessario, sem restricções, o padre.

Que volva Jesus o olhar piedoso para essa babilonia que continua a ser a terra, e que brotem de seus olhos, pela voz do coração, o coração que mais amou ao homem e mais comprehendeu sua fraqueza, lagrimas de commiseração, que, subdivididas indefinidamente através do azul que nos véla o céu, venham cahir em orvalho de bençãos sobre essas florinhas campestres, os mais delicados adereços de nossa terra.

Que possam finalmente os enviados de Deus, em metamorphose admiravel, transformar flores em aves, aves em anjos que em debandada pela amplidão azul, rumo ao céu, vão aureolar a fronte do Rei da eternidade, entoando, com a resplandecencia de quem partilha da felicidade eterna, o mais bello "Hosanna!" que jamais se ouviu o mais brilhante "Gloria in excelsis Deo".



A Proposito de Indianologia e Toponymia do Brasil

Leitura feita no Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica,
no Collegio Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, na Bahia

AOS 29 DE JULHO DE 1927

PELO

Dr. Theodoro Sampaio

DEPUTADO FEDERAL

Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia



A Proposito de Indianologia e Toponymia do Brasil

Meus caros consocios do Circulo Catholico de Estudos.

Promessa, meus bons amigos, é uma divida e divida retardada, como é a minha para comvosco, difficilmente se resgata a contento de quem a paga. E' o meu caso na hora presente.

Ha já uma anno ou mais do que isso, que vos fiz a promessa de uma palestra neste Circulo, sobre assumpto interessando estudos patrios, alguma cousa assim como a indianologia ou a toponymia nacional. Não me consentiram realizar a promessa difficuldades sobrevindas, independentes do meu querer. Entretanto, eu tinha que cumprir com o promettido e vós, diga-se a verdade, sois irresistiveis e tendes a pertinacia dos cobradores desalmados.

Eis-me, pois, diante de vós a pagar essa divida. Não sei si vol-a pagarei em bôa moeda, ou em prendas, como o mereceis de mim, pois estou receioso de não poder dar-vos o que o meu coração pede que vos dê. Reconheço que é a minha divida de difficil resgate, pois, a saldal-a, teria eu que me estender a mais do que me fôra d'allo aqui fazer, e que eu julgo ser o que vos devo em consciencia.

Escolhendo esse assumpto de indianologia e de toponymia brasileira, devo primero dizer-vós porque o fiz, e que razões me

levaram a preferir esse thema, em momento como este, em que falo a esta mocidade, ávida de saber, assistida de fé e de patriotismo, prestes a lançar-se na lucta pela vida, a alma nutrida do ideal, e desse sadio optimismo tão proprio da sua idade. No espirito dos moços subentende-se tudo quanto possa relacionar-se com a grandeza da Patria a que vão servir. Doura-lhes a imaginação esse bom optimismo dos que encaram o amanhã como um dia de triumpho.

Está nisto o segredo do futuro.

O sadio e intelligente optimismo da juventude é o que nos impelle a todos nós para diante. A sociedade move-se com ella, e por ella é que sente que o dia de amanhã é um dia a melhor, é um passo adiante na grande senda do futuro. Ha, pois, grande responsabilidade no alcançar esse futuro que os moços precisam bem comprehender e sentir.

E' amando a sua terra e a sua gente que esse sentimento da responsabilidade se firma e se define; é amando a patria e as suas tradições que o moço de hoje se faz o continuador dos que o precederam na senda gloriosa que a nossa Nação vem trilhando através da Historia.

Bem amar tem, entre muitas das suas formas, esse respeitoso carinho com que guardamos, estimamos e nos deixamos compenetrar pelo passado, patrimonio immutavel que serve a nos caracterisar e que molda o que poderemos ser um dia no futuro.

O passado devemos amal-o, livre de preconceitos, de prevenções e de injustiças; devemos amal-o com a verdade por guia e a justiça serena por finalidade.

A indianologia e a toponymia brasileira, objecto desta palestra, offerecem-nos aqui ensejo de dizer como esse amor do passado nos póde inspirar no presente e no futuro.

A indianologia, estudando o homem primitivo da nossa terra, nos ensina, por uma forma abstracta, como devemos acceitar do povo selvagem, que nos precedeu, a contribuição de sangue, de ideas e de sentimento na formação da nossa raça. Elle nos dirá o que póde ser o *indianismo*, como forma litteraria, e como

o culto do passado, neste particular, pôde revelar-nos umas tantas causas que ignoramos ou o porquê do muito que somos como sentimento, como indole, como crença ou superstição, e como ideal de raça.

O sangue do indio da America, do *amerindio*, como já o chamam agora nos congressos scientificos pan-americanos, sabe-se como contribuiu poderosamente para a formação da sub-raça que é a nossa e lhe deu character proprio.

Misturado com o sangue do europeu, que o Portuguez para aqui generosamente transfundiu, o sangue do indigena provou não perder na mistura; conservou as suas qualidades boas e fez sobressair outras acaso adormecidas no seu nomadismo primitivo. Provou bem na Historia esse caldeamento dos dous sangues. Homens robustos, resistentes ás intemperies, ousados conquistadores dos sertões occidentaes, foram o fructo desse caldeamento das duas raças em presença. Feitos dos de maior vulto de dous seculos da nossa Historia procederam do esforço e genio dessa gente mesclada, caçadores de indjos, descobridores de minas, batedores de sertões, affeitos ás asperezas do deserto, e respirando, no amplissimo horizonte dos *aravás*, a largos haustos, a indomita liberdade.

O *indianismo* que vem desse passado heroico só pôde elevar-nos, agigantar-nos os ideaes, ensoberbecer-nos aos nossos proprios olhos.

A poesia, o conto, a lenda, a tradição, os herdados costumes, a mythologia selvagem, a lingua, tudo enfim, á sombra desse indianismo, nos leva a conceber uma raça de gigantes como aquelles da longinqua tradição do mundo antigo.

Esse indianismo tem, entretanto, que ser sadio, elevado nos propósitos e designios. Um indianismo, sim, que não deprima este para tornar mais alto aquelle, a quem a nossa preferencia elegeu; indianismo que saiba honrar nos factores da nossa raça aquella nobre estirpe que nos deu os ideaes de civilização e esse rude e forte tronco selvagem que é o fundamento dessa mesma raça.

Gonçalves Dias, Domingos de Magalhães, José de Alencar e outros, ha mais de meio seculo assim o comprehenderam e o fizeram entendido nos seus poemas e romances. O *Yjucapiramia*, a Confederação dos Tamoyos, Iracema, Ubirajara, O Guarani, são typos desse indianismo sadio, intelligente, como deve ser o nosso nativismo patriotico.

O nativismo verdadeiro, banhado das auras americanas, não menoscaba os factores patrios. Sabe ver no colono lusitano transplantado, o representante legitimo da raça dos navegadores para quem o mar não tem segredos, “daquella gente ousada mais que quantas no mundo commetteram grandes cousas’... Vencedor dos mares nunca dantes navegados, o portuguez não fraqueou jamais ao rasgar, na America ignota, um dos imperios mais vastos do mundo, e fel-o, senhores, em terras virgens, que nenhuma civilisação anterior tinha amanhado; fel-o com esforço maior do que lhe permittia a força humana, porque em climas bem diversos do do seu natural. E o Portuguez resistiu, venceu, logrou firmar os da sua estirpe debaixo da Equinocial e entre os Tropicos, nos mesmos climas em que outros da mesma raça não tinham podido resistir.

Não fôra o Portuguez, meus senhores, o europeu a estabelecer-se neste paiz, e o Brasil não teria existido como uma projecção da raça branca.

A resistencia heroica no mar bem como a que elle tão rijamente offereceu ás agruras do clima torrido do Brasil, sagram-no, por sem duvida, um dos typos mais excellentes da sua raça, e os sacrificios que lhe teria custado de vidas e fortuna para povoar este Brasil e civilisal-o nunca a Historia os esquecerá, como a Brasileiros não é licito desconhecer e deixar de orgulhar-se dos seus heroicos antepassados.

Para os que estudam com amor a nossa Historia, o Brasil é demonstração authentica do genio emprehendedor e criador dos Portuguezes.

O nativismo nosso terá que respeitar isso, se quizer ser tomado a serio entre as manifestações da nossa vitalidade nacional.

E’ esse nativismo justo, sincero, que se instrue, que se do-

8-12-1927



*Grupo da Congregação Mariana Acadêmica
(1927)*

cumenta em torno da verdade ou dentro della, que desejo se conjugue com aquelle indianismo de que acima vos fallei e com elle se encarne na grande obra moral com que se edificam as nacionalidades.

O pouco que eu pudesse aqui dizer-vos, meus senhores, em indianologia, isto é, da natureza do homem selvagem americano, da sua raça ou procedencia, da sua distribuição pelo territorio nacional, da variedade ou diversidade das nações, dos seus costumes, das suas linguas, das diversas tentativas de classificar-as, e principalmente da nação dos Tupis, numerosa gentilidade dos povoadores da costa brasilica, de tudo isso que eu vos diria, se me sobrara tempo para fazel-o, o que fica e o que resalta se hade prender ao mesmo ponto de vista que vimos observando, isto é, esclarecer para amarmos ainda mais a nossa terra e a nossa gente.

Considerae, senhores, que immenso labor não foi esse de civilisar o barbaro do Brasil. Era barbaro de nivel mais baixo do que o do africano da costa atlantica fronteira. Nenhuma noticia havia na Europa desse povo americano; nenhum conhecimento da sua lingua e dos seus costumes. Era tudo novo, desconhecido, para o europeu que se abalançava para esta banda do Occidente.

Para civilisar o barbaro todos os meios falharam e só um, entretanto, o do Evangelho, poudo vingar, e provou, á maravilha, que era mesmo o unico que o homem branco já encontrou para civilisar povos.

O Evangelho nas selvas do Novo Mundo realisou o seu mistér augusto; reuniu e consagrou em santidade os seus apostolos abnegados.

Os Padres da Companhia de Jesus podem apontar, com legitimo orgulho, nas paginas da nossa Historia os vultos aureolados de Manoel da Nobrega e de José de Anchieta, de Leonardo Nunes e de Aspilcueta Navarro, de Luiz da Grã e de Fernão Cardim, de Francisco Pinto e de Luiz Figueira e o dessa inconfundivel individualidade que foi o Padre Antonio Vieira, luz e gloria da sua Ordem e do seu tempo.

O que hoje somos, como povo civilizado e christão, vem da sementeira daquelles abnegados apóstolos desta terra nova.

O que hoje sabemos da lingua da gente redimida, do incola primitivo, devemol-o aos Padres da Companhia de Jesus.

O Padre civilisou e preservou a lingua. Grammatica, vocabulario, catecismo, drama religioso, canções, nessa lingua barbara, tudo devemos ao Padre, ao missionario catholico na sua faina civilisadora.

Quem ainda não viveu entre as tribus dispersas no sertão, restos da primitiva gentildade, que dominou este continente, decerto só poderá conhecer a lingua que lenta e inevitavelmente desaparece, pelos livros que nos legaram Anchieta, Figueira e Antonio Vieira, no Brasil, e Restivo e Montoya entre os guaranis do Paraguay.

Ao europeu invasor, para logo se lhe deparou no Brasil uma lingua que elle considerou *geral*, porque falada em quasi toda a extensão da costa, do dominio de Portugal. Não era ella a unica, já se vê, porque innumeras em verdade, eram as que contavam através do continente; mas era a mais generalisada e tambem a menos aspera de quantas se contavam nesse interior além.

Estudaram-n'a mais especialmente os Padres da Companhia, para fazel-a instrumento da sua doutrina, e propagarem a fé, e estenderem a acção das autoridades entre os barbaros e foram elles assim os benemeritos fundadores da nossa nacionalidade, pois que mais do que elles ninguem jamais aqui trabalhou no ensino da religião, na melhoria dos costumes, na obediência ás leis, na fixação da gente nomada em populações permanentes, na defesa da terra conquistada, no ensino das artes, das lettras entre o povo.

Falou-se o *tupi* por toda a parte onde os Portuguezes assentaram o seu dominio na America, Foi elle, o *tupi*, a *lingua geral* por todos entendida.

O contacto diuturno do *tupi* com o portuguez, na vida domestica, deu-lhe, porém, aspecto novo. Não foi somente inter-

cambio vocabular o que para logo se produziu; foi a propria vocalisação do tupi que se alterou.

Na prosodia da lingua primitiva, as palavras deparavam-se indistinctas, pela difficuldade de se lhes apprehenderem as muitas consoantes surdas, proprias dessa lingua. O Padre Antonio Vieira disse mesmo se queixava nos seus escriptos, pois que, como dizia elle, “nem mesmo com o ouvido applicado á boca do bar-
baro, lograva apprehender-lhe as consoantes”.

A’ sombra do portuguez, o tupi ganhou em vocalisação. As palavras tornaram-se-lhe mais nitidas, as syllabas mais distinctas e menos nazaladas do que no idioma primitivo.

A *lingua geral*, de que a Grammatica do Padre Figueira é a representação escripta mais autorisada, já é bem differente do *tupi* do primeiro seculo da conquista do qual nos legou Anchieta grammatica e vocabulario.

O tupi, que hoje se fala no valle do Amazonas, comquanto muito inçado de neologismos, ainda conserva resquicios do primitivo idioma que o contacto com o europêo modificou.

Mostrarei aqui, com alguns exemplos, até onde foi essa modificação no vocalisar.

Assim, por exemplo, no tupi primitivo, para se dizer — comer, beber, alimentar-se — dizia-se *uara*, para significar — comedor, demoxador, o que se alimenta;—dizia-se *uáua*, para exprimir a comida, a bebida, o alimento. Na *lingua geral*, porém, a que mais experimentou os effeitos do contacto do portuguez, já se passou a dizer *gu*, *guara*, *guaba*, respectivamente. A letra *g* entrou então como inicial por melhorar a dicção. O adjectivo *uaçú*, grande, passou a pronunciar-se *guaçú*; o substantivo *uirá* passou a *guirá*.

A letra *-b-* entrou a substituir o *-u-* indistincto no meo dos vocabulos tupis. Assim, em vez de se dizer *auá* para significar—homem, pessoa, passou-se a pronunciar *abá*, e por vezes *avá*.

O suffixo substantivador *auá* passou a ser *aba*, melhorando consideravelmente a pronunciação dos vocabulos e assim em lugar de *sorocáua*, *piracicáua*, *porangáua*, passou-se a dizer respectivamente—*sorocaba*, *piracicaba*, *porangaba*.

As consoantes nazaes, frequentes nessa lingua, como *mb*, *nd*, *nt*, assim escriptas pelos autores da grammatica tupi, para exprimir *b*, *d*, *t*, com um leve som nasal, desapareceram na *lingua geral*, ou se desdobraram nas consoantes simples. Em vez de dizer-se, por exemplo, *mbae*, a cousa, entrou-se a pronunciar *bae*, ou *mac*; em vez de *mboy*, a cobra, passou-se a dizer *boy*, ou *moy*.

Os sons nazaes do fim dos vocabulos tupis transformaram-se em sons agudos, e se disse então—*paraná*, *guayaná*, *pitá* em lugar de *paranã*, *guayanã*, *pitã*, como no primitivo.

O som do *y* grego, como o *u* do francez, desdobrou-se em *i* e *u* simples, como se verifica no suffixo *tyba*, que entra na composição vocabular para significar—abundancia, multiplicidade, frequencia, sitio, e passou a pronunciar-se na lingua geral—*tiba* e *tuba*.

Dahi o dizer-se, em vez de *Imbetyba*, que vale dizer—*sitio dos imbés*, ora *Imbetiba*, ora *Imbetuba*; em vez de *Ubatyba*, que significa—sitio das flechas, ou onde as flechas abundam, *Ubatuba* ou *Ubatiba*.

No tupi, não havia as consoantes *f* e *l*; havia o *r*; nunca, porém, *r* forte, nem mesmo no começo das palavras. Os vocabulos *rangaba*, *recê rêra*, *riry*, e outros iniciados em *r* têm-no sempre brando.

Inevitavel era a infiltração vocabular reciproca das duas linguas em presença, o portuguez e o tupi, este, já agora modificado e denominado *lingua geral*. Novas idéas, novas expressões. Soffreu o tupi a intromissão de algumas palavras portuguezas, as de sentido religioso principalmente, e as de denominação de animaes e objectos importados. O portuguez recebeu o rico vocabulario da Flora e da Fauna selvagens e da vida doméstica.

Tão grande foi o trabalho do Jesuita no organizar grammatica e vocabulario dessa *lingua geral* que até chegaram a lhe attribuir a propria autoria della, como se lhe fôra dado criar um idioma novo para toda a população costeira do paiz daquelle tempo. Innegavel, entretanto, é a acção do Padre no crear ou affeição palavras dessa lingua a traduzirem as novas idéas do Christianismo, accessiveis ao espirito rude do catechumeno.

Como, por exemplo, fazer comprehender ao indio, a idéa de uma cousa *santa*, essencialmente pura, perfeita?

Não havia na sua lingua palavra para isso, porque tambem não havia essa idéa no espirito do barbaro. Foi mister affeição o vocabulo *carahyba*, já empregado nas praticas feiticeiras dos *pagés* e dar-lhe o sentido catholico por meio habil que o catechista sabia explicar, e não obstante isso, adoptou-se o mesmo vocabulo portuguez—*santo*, a. Dizia-se então no ensino da doutrina: “*Tupã, Trahira, Espirito Santo rêra pupê*”, que se traduz: —“em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo”. Dizia-se na oração—*Santa Curuçá*, por—*Santa Cruz*—e se persignavam, dizendo: *Santa Curuçá rangaba recê*, isto é, —Pelo signal da Santa Cruz”.

Se queriam, porém, traduzir—a agua benta ou agua santa, diziam—*y. carahyba*; e o anjo, como mensageiro divino, era o santo que vóa—e se traduzia—*carahyba uêuê*.

Soube assim o missionario catholico vencer todas as difficuldades encontradas, até poder ensinar ao indio, na sua propria lingua, os mysterios da nossa fé christã.

O tupi, falado no Brasil, era uma lingua ainda no periodo de agglutinação. Nelle as palavras ainda conservavam, como phrases que eram, os seus elementos componentes, faceis, as mais das vezes, de se destacarem.

Na *lingua geral*, ou tupi modificado, esse caracter de agglutinação não se alterou.

O tupi do Paraguay e sul do Brasil, tambem conhecido por guarani, já é lingua um pouco mais evoluida. A agglutinação tende, por contracção dos elementos, a desaparecer. Assim é que, por exemplo, no tupi brasileiro se diz *yauara* (*ya uara*); os elementos da palavra agglutinada estão ainda bem distinctos e se separam facilmente. No tupi paraguay diz-se, porém, *yauá*, vocabulo mais contracto, perdida a ultima syllaba da componente final.

Os guaranis do Paraguay e sul do Brasil chamavam a sua propria lingua—*abanheenga* que é o mesmo que dizer—lingua de

gente. — Os nossos indios do Amazonas, os da raça dos tupis chamavam a sua *nheengatú* que significa—língua boa. E' tudo a mesma lingua com ligeiras variações dialectaes.

Mas da *lingua geral*, tupi modificado pelo contacto do portuguez é que procede, meus senhores, essa esplendida toponymia nacional, tão rica, que a Geographia nos depara em extensão tão vasta, a testemunhar o valor da lingua desaparecida, ou prestes a desaparecer.

As denominações geographicas tem aqui o seu cunho eminentemente nacional. São expressões sonoras, as mais das vezes bonitas, com significação attinente á característica local, o que o indio, mais do que ninguem, sabia reconhecer com o seu instincto apurado de selvicola.

Os nomes indigenas das nossas montanhas, dos nossos rios, das nossas diversas localidades são, de ordinario, phrases explicativas da feição dominante de cada uma.

O conhecimento do significado desses nomes não pôde deixar de interessar a brasileiros e a quantos têm a avidez do saber.

Amamos, mais e melhor o que mais de perto sentimos e comprehendemos.

Pronunciar o nome indigena de uma localidade, de um rio, de um monte, e saber-lhe o respectivo significado é certamente demonstrar amor pelo que é nosso e nos interessa; é haurir no passado a razão de ser das cousas, na terra que habitamos e a que o nosso patriotismo exige lhe cultivemos o espirito com mais carinho.

Mercê de Deus, sente-se já, no Brasil, que esse cultivo vae despertando sympathias e comprehensão mais intelligente. Os que estudam a toponymia nacional procuram hoje com interesse os livros que disto tratam, e em edições já esgotadas.

Nomes indigenas das localidades, exhumados dos archivos, restauram-se por toda a parte. Sem conta são as consultas que recebo a proposito de vocabulos da lingua geral, como tradução de denominações portuguezas.

Bem accentuada é , portanto, a tendencia brasileira de *tupinizar* ainda mais a toponymia, forma intelligente de nativismo que só applausos merece.

Não quero aqui furtar-me ao desejo de vos apresentar alguns exemplos, colhidos dessa toponymia nacional, ainda que sintta já prolongada esta palestra para muito alem do que consente a vossa paciencia em me ouvir.

Mas esses exemplos illustram o que acabo de dizer-vos de sua importancia e das razões da preferencia popular.

Que é o que nos quiz dizer o selvagem quando denominou—*Paranapiacaba*—aquelles montes paulistas, a cavalleiro do porto de Santos?

Quiz significar simplesmente que do alto daquelles montes se avista o mar. O nome indigena é uma phrase composta de dous termos—*Paranã - apiacaba*—que se traduzem—*vista do mar*, alterada apenas a ordem vocabular na traducção. O Portuguez tinha chamado a esses mesmos montes—*Serra do Mar*.

O indio, porém, não especialisava o nome sobredito só a aquelles montes; costumava chamar—*paranapiacaba*—as cristas eminentes de uma serra de onde se pudesse avistar o mar ao longe.

Por que motivo chamaria o selvagem, tão bom observer, —*Guaratinguetá*—aquella cidade paulista do valle do Parahyba? Fel-o assim, porque, em tempos idos, era esta localidade frequentada por innumeras garças, aves brancas que elle, na sua lingua, chamava *guaratinga*. Ajunte-se a esse vocabulo o suffixo *etá*, symbolo do plural no tupi, e teremos o nome *Guaratinguetá*, explicado e, traduzido, dando simplesmente—as garças.

Na toponymia bahiana, encontro o nome indigena—*Itapecurú*—daquelle rio que desce dos montes da Jacobina para o mar, onde desemboca alem, para o Norte, desta bahia de Todos os Santos. Porque assim o denominou o selvagem? Porque, bom observer, como era, notou-lhe, no leito a secco, as rochas de conglomerado, em lages encaroçadas, protuberantes, lages que elle, na sua lingua, chama *itapecurú*.

Vem aqui de molde explicar como esse nome é uma phrase inteira exprimindo uma idéa complexa. Na verdade, o nome sobredito é um agglutinado de tres partes vocabulares:—*ita-pe-curú*, das quaes tão somente a do meio soffreu contracção no agglutinar-se.

Veamos agora cada uma de per si:

Itá é o substantivo para exprimir—*pedra*, *pé* é resquicio do adjectivo *pêua* ou *peba*, que quer dizer—chato, plano. A agglutinação fel-o perder a syllaba final; *curú* é o adjectivo com a significação de aspero, carocado, protuberante.

Assim, esse conglomerado a que o selvagem chamou—*itape-curú*—é uma pedra chata, uma lage, cheia de caroços, isto é, de seixos rolados, ligados por um cimento natural. A denominação indigena tem, pois, cabimento.

Nesta nossa bahia de Todos os Santos desemboca, na sua parte occidental, o rio *Paraguaçu*, nome que é do tupi, significando—*rio grande*. Mais ao sul e da mesma banda, desemboca na mesma bahia o rio *Jaguaripe*, nome cuja composição e significado vale a pena aqui explicar a servir de exemplo.

Jaguaripe é tambem um agglutinado, constituindo phrase na lingua geral, e consta de tres partes: *jaguar - y - pe*.

A disposição dos elementos componentes é aqui caracteristica na lingua, e traduzidos na mesma ordem em que se apresentam, temos a seguinte: *onça - rio - em*, que em bom portuguez quer dizer—*em o rio da onça*.

A disposição para nós invertida dos termos daquella phrase tupi—*jaguar - y - pe* me offerece aqui ensejo para mostrar-vos uma das originalidades dessa lingua. Numa phrase, como esta, em que ha um possuidor, uma cousa possuida e uma preposição regencial, exige a syntaxe da lingua que o nome do possuidor (*jaguar*) occupe o primeiro logar na phrase; o nome da cousa possuida—*y*—rio, agua, occupe o segundo; e no terceiro e ultimo fique a preposição (*pe*), pois que as preposições, nessa lingua, ficam sempre no fim: não são propriamente preposições, mas posposições.

Mais um exemplo do que vos acabo de dizer e a explanação ficará completa.

Como dizer na *lingua geral*—“Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo”?

Teremos primeiro que dar á phrase uma disposição inversa, collocando os termos da seguinte maneira: *Padre, Filho, Espirito Santo nome em*. A tradução para a *lingua geral* far-se-á então *verbum ad verbum*, dizendo-se: *Tupã, Tahira, Espirito Santo rêra pupê*.

A preposição *pupê* no fim, como verdadeira posposição que é nessa lingua.

Preciso, porém, terminar, pois já vae longa esta desalinhada palestra:

O estudo das cousas patrias vae-se, dia á dia, alargando e interessando a mocidade brasileira, avida de saber, como vós, meus carós consocios do Circulo Catholico.

Lê-se hoje e se investiga com mais amor o passado.

O desejo de esclarecer, de documentar, de apurar o verdadeiro e o justo já se demonstra com uma pleiade brilhante de investigadores apaixonados, jovens entusiastas, cheios de confiança no futuro da Patria e cheios de fé na marcha ascencional da nossa gente.

Neste Circulo Catholico, sobre que paira a memoria esplendente de Antonio Vieira, ás vistas de sabios mestres e eximios educadores, obsérvo, com prazer, nos jovens doutores, que o compõem, o mesmo gosto, as mesmas tendencias que vem distinguindo aquella pleiade de luctadores convictos.

Nesta casa, onde se guardam as tradições de abnegados apostolos e tão galhardamente se lucta em prol do saber, naquella mesmo espirito de devotamento com que a Companhia de Jesus se fez a benemerita fundadora dos estudos no Brasil, possa a memoria gloriosa de Vieira deparar-vos estímulos para os triumphos na vida, e proveitos e laureis como se desejam aos discipulos bem amados.

Bahia, 29 de Julho de 1927.

O Padre Torrend e o Livro

Allocução do Presidente do Circulo Catholico de Estudos da
Mocidade Academica,

Doutorando Octavilio Lopes,

por ocasião da Conferencia do R. P. Camillo Torrend S. J.
sobre “Idéas que matam e idéas que vivificam”

4 DE AGOSTO DE 1927

N. B. — Não pudémos ter o prazer e a honra de publicar no
“Archivo” a esplendida Conferencia do R. P. Torrend por ter
sido extrahida de um artigo mais extenso que o auctor destinava
á *Broteria*, onde será publicado. Deixamos consignado aqui o
nosso agradecimento ao distincto scientista por ter querido dar-
nos as primicias desse seu trabalho.



O PADRE TORREND E O LIVRO

Luciani, o grande physiologista italiano, definiu a dôr como uma sensação que uma vez experimentada não a queremos repetida. De facto parece uma definição perfeita, olhada de relance, sem uma analyse vagarosa e menos superficial. Muito bem no ponto de vista particular de que á nossa carne repugna experimentar sensações desagradáveis; de que o nosso corpo tem horror ao soffrimento. Do ponto de vista simplesmente natural, se não estamos em presença de uma rigorosa definição, pelo menos poderíamos ter essas palavras como uma affirmação verdadeira. Vista porém á luz sobrenatural, aquelle *não a queremos repetida* afasta-se do espirito christão, que vê na dôr um dos maiores bens da vida; que vê na dôr uma necessidade, e que a deseja, e que a procura, e que a quer repetida a cada passo, e sorri com a dôr, e acha que ella é boa. E' porém essa a visão sobrenatural: a sensação da dôr é desagradavel ao corpo; o espirito é que pôde desejá-la repetida. Nesse ponto bemdigo eu a escola do optimismo sadio que tem entre nós como exemplo vivo, esse espirito moço do P. Camillo Torrend, que não se cansa de transmittir aos que d'elle se approximam, essa idéa bemdita que fez a conversão de François Copée, o autor maravilhoso desse livro que tão bem lhe traduz os sentimentos: *Bonne Souffrance*.

Esse optimismo sadio e equilibrado é a força que impelle

o espirito de apostolado do P. Torrend a continuar sempre constante a sua obra de zêlo, cujo alcance social ainda não é conhecido como devera. Poucos sabem que o P. Torrend sacrifica diariamente muitas e muitas horas da sua actividade intellectual de cientista, para um trabalho material fastidiosissimo de propagar as boas leituras, tornando-se aqui um como agente de Livrarias, e tudo isso—é preciso que se saiba—sem o menor interesse remunerador.

Todos nós sabemos quanto é perigoso o livro que envenena. O seu fruto é conhecido. As más leituras são a causa das anarchias que esphacelam a familia e as sociedades.

Gerrase Bondie, guilhotinado em Moutiers, escreveu antes de ser executado: “Não tenho obrigação de lembrar os deveres de ninguém. Tenho porém de dizer que sem os máos livros eu não me tornaria criminoso.”

Depois, ao subir ao cadafalso, reafirmou aquella idéa nas palavras de arrependimento com que se despediu dos que assistiram á scena tetra da sua execução.

“Vou apparecer deante de Deus... Sirva-vos eu de exemplo. Retirai-vos a tempo das más companhias; não vos deixeis enthusiasmar e prender pelas leituras perigosas...”

E Rousseau, falando dos seus proprios livros, disse: “Não olho nenhum dos meus escriptos sem tremer; em lugar de instruir, corroppo; em lugar de alimentar, enveneno; não sou mais do que um sclerado”.

Não sei se esse auctor teve muitos minutos dessa lucidez, que demorada seria a sua salvação.

E acontece exactamente que são os livros menos recommendáveis os mais lidos e procurados.

Não me canso de lembrar e de repetir a tristissima reposta dum editor sulista a um escriptor bahiano que desejava publicar uma obra poetica:

“Faze um romance sobre banditismo, em que haja muita proeza e sangue, um enredo como nas fitas americanas. Depois, lê á creada da tua casa, melhor se for analphabeta. Se ella gostar, manda, que te pagarei bem pago.”

Como combater essa intellectualidade formada, desenvolvida em ambiente verdadeiramente pathologico? Applicarei a maxima da allopathia *Contraria contrariis curantur?* ou aquelloutra da homeopathia, *Similia similibus curantur?* Uma combinação das duas: O remedio, encontramos-lo no proprio livro. Será o livro contra o livro: *similia similibus*. Mas havemos de combater o livro mau com o livro bom: *contraria contrariis*; mostrando as vantagens das boas leituras sobre as más, em qualquer ponto que as consideremos.

E' ó que realiza, na Bahia, o P. Torrend. Fez-se propagador da bôa semente. Implantou o livro bom. E dia a dia cresce o grupo que se alimenta dessa bôa seiva que nutre o espirito e o corpo.

Franck Thomas, no seu livro *Bonheur et Mariage*, para mostrar que o mal deve ser combatido com o bem, e nunca com outro mal, recorda a seguinte narrativa de um Pae:

"O meu filhinho apoderou-se de uma faca de lamina aguda. Gesticulava e brincava com ella sem imaginar o perigo que estava correndo. Sua ingenuidade innocente, sua perfeita inconsciencia do perigo tornavam-no mais proximo d'elle. Que fazer para tomar-lhe a faca? Arrancá-la? Seria precipitar o desastre. Ralhar com elle? Reprehendel-o? A sua idade não lhe permitiria que comprehendesse. Fiquei um momento hesitante. Veio-me porém uma idéa: tomei duma laranja e offereci á creança em troca da faca! O effeito esperado não se fez demorar: á vista da laranja a creancinha deixou expedito o instrumento perigoso para receber contente o fruto."

E' o que faz o P. Torrend. Muitos têm sido os obstaculos encontrados. Muitas serão as difficuldades que ainda encontrará. Mas lá diz o poeta: "todo sorriso é feito de mil prantos". E se os espinhos atemorizam os fracos, nem por isso deixarão de marchar os fortes, e de enfrentar com coragem a dôr que tambem é bôa. E eu sei que assim pensa o P. Torrend, sei que a dôr lhe apraz, sei que elle a procura e muita vez quer vê-la repetida, numa prova integral de catholicidade verdadeira.

Vou concluir. Nestas palvaras de homenagem e de agradecimento ao P. Camillo Torrend, pela honra que deu ao **Cir-
culo** de Estudos, em nome de quem vos falo, com a brilhante
conferencia de hoje — *Ideas que matam, Ideas que vivificam*
— fique bem patente o apoio e a solidariedade desta nossa aggre-
miação, na obra de tão alto alcance que vem realizando.

Bahia, 4 de Agosto de 1927.

OCTACILIO LOPES.



O PADRE TORREND E O LIVRO

Luciani, o grande physiologista italiano, definiu a dôr como uma sensação que uma vez experimentada não a queremos repetida. De facto parece uma definição perfeita, olhada de relance, sem uma analyse vagarosa e menos superficial. Muito bem no ponto de vista particular de que á nossa carne repugna experimentar sensações desagradaveis; de que o nosso corpo tem horror ao soffrimento. Do ponto de vista simplesmente natural, se não estamos em presença de uma rigorosa definição, pelo menos poderíamos ter essas palavras como uma affirmação verdadeira. Vista porém á luz sobrenatural, aquelle *não a queremos repetida* afasta-se do espirito christão, que vê na dôr um dos maiores bens da vida; que vê na dôr uma necessidade, e que a deseja, e que a procura, e que a quer repetida a cada passo, e sorri com a dôr, e acha que ella é boa. E' porém essa a visão sobrenatural: a sensação da dôr é desagradavel ao corpo; o espirito é que pôde desejá-la repetida. Nesse ponto bemdigo eu a escola do optimismo sadio que tem entre nós como exemplo vivo, esse espirito moço do P. Camillo Torrend, que não se cansa de transmittir aos que d'elle se approximam, essa idéa bemdita que fez a conversão de François Copée, o autor maravilhoso desse livro que tão bem lhe traduz os sentimentos: *Bonne Souffrance*.

Esse optimismo sadio e equilibrado é a força que impelle

o espirito de apostolado do P. Torrend a continuar sempre contente a sua obra de zêlo, cujo alcance social ainda não é conhecido como devera. Poucos sabem que o P. Torrend sacrifica diariamente muitas e muitas horas da sua actividade intellectual de cientista, para um trabalho material fastidiosissimo de propagar as boas leituras, tornando-se aqui um como agente de Livrarias, e tudo isso—é preciso que se saiba—sem o menor interesse remunerador.

Todos nós sabemos quanto é perigoso o livro que envenena. O seu fruto é conhecido. As más leituras são a causa das anarchias que esphacelam a familia e as sociedades.

Gerrase Bondie, guilhotinado em Moutiers, escreveu antes de ser executado: “Não tenho obrigação de lembrar os deveres de ninguém. Tenho porém de dizer que sem os máos livros eu não me tornaria criminoso.”

Depois, ao subir ao cadafalso, reaffirmou aquella idéa nas palavras de arrependimento com que se despediu dos que assistiram á scena tetrica da sua execução.

“Vou apparecer deante de Deus... Sirva-vos eu de exemplo. Retirai-vos a tempo das más companhias; não vos deixeis enthusiasmar e prender pelas leituras perigosas...”

E Rousseau, falando dos seus proprios livros, disse: “Não olho nenhum dos meus escriptos sem tremer; em logar de instruir, corroppo; em logar de alimentar, enveneno; não sou mais do que um sclerado”.

Não sei se esse auctor teve muitos minutos dessa lucidez, que demorada seria a sua salvação.

E acontece exactamente que são os livros menos recommendaveis os mais lidos e procurados.

Não me canso de lembrar e de repétir a tristissima reposta dum editor sulista a um escriptor bahiano que desejava publicar uma obra poetica:

“Faze um romance sobre banditismo, em que haja muita proeza e sangue, um enredo como nas fitas americanas. Depois, lê á creada da tua casa, melhor se for analphabeta. Se ella gostar, manda, que te pagarei bem pago.”

Como combater essa intellectualidade formada, desenvolvida em ambiente verdadeiramente pathologico? Applicarei a maxima da allopathia *Contraria contrariis curantur?* ou aquelloutra da homeopathia, *Similia similibus curantur?* Uma combinação das duas: O remedio, encontramos-lo no proprio livro. Será o livro contra o livro: *similia similibus*. Mas havemos de combater o livro mau com o livro bom: *contraria contrariis*; mostrando as vantagens das boas leituras sobre as más, em qualquer ponto que as consideremos.

E' o que realiza, na Bahia, o P. Torrend. Fez-se propagador da boa semente. Implantou o livro bom. E dia a dia cresce o grupo que se alimenta dessa boa seiva que nutre o espirito e o corpo.

Franck Thomas, no seu livro *Bonheur et Mariage*, para mostrar que o mal deve ser combatido com o bem, e nunca com outro mal, recorda a seguinte narrativa de um Pae:

"O meu filhinho apoderou-se de uma faca de lamina aguda. Gesticulava e brincava com ella sem imaginar o perigo que estava correndo. Sua ingenuidade innocente, sua perfeita inconsciencia do perigo tornavam-no mais proximo delle. Que fazer para tomar-lhe a faca? Arrancá-la? Seria precipitar o desastre. Ralhar com elle? Reprehendel-o? A sua idade não lhe permittiria que comprehendesse. Fiquei um momento hesitante. Veio-me porém uma idéa: tomei duma laranja e offereci á creança em troca da faca! O effeito esperado não se fez demorar: á vista da laranja a creancinha deixou expedito o instrumento perigoso para receber contente o fructo."

E' o que faz o P. Torrend. Muitos têm sido os obstaculos encontrados. Muitas serão as difficuldades que ainda encontrará. Mas lá diz o poeta: "todo sorriso é feito de mil prantos". E se os espinhos atemorizam os fracos, nem por isso deixarão de marchar os fortes, e de enfrentar com coragem a dôr que tambem é boa. E eu sei que assim pensa o P. Torrend, sei que a dôr lhe apraz, sei que elle a procura e muita vez quer vê-la repetida, numa prova integral de catholicidade verdadeira.

Vou concluir. Nestas palvaras de homenagem e de agradecimento ao P. Camillo Torrend, pela honra que deu ao **Circulo** de Estudos, em nome de quem vos falo, com a brilhante conferencia de hoje — *Ideas que matam, Ideas que vivificam* — fique bem patente o apoio e a solidariedade desta nossa aggre-miação, na obra de tão alto alcance que vem realizando.

Bahia, 4 de Agosto de 1927.

OCTACILIO LOPES.

Ao R. P. Camillo Torrend, S. J.

Allocução do Presidente da C. M. A.,

DOUTORANDO

Thales de Azevedo

na sessão de 4 de Agosto de 1927



AO R. P. CAMILLO TORREND, S. J.

Exmas. Senhoras.

Meus Senhores.

A "Congregação Mariana Académica" não podia encontrar mais propícia occasião para, de publico, manifestar ao Revmo. Padre Camillo Torrend S. J. a grande amizade que lhe dedica e a gratidão muito sincera que lhe deve.

Nem é de agora, nem de recente data, que os moços da "Congregação Mariana Académica" lhe consagram a sua estima e a sua admiração. S. Revma. de ha muito se vem impondo, de maneira irresistivel, á admiração da Bahia, e seria inacreditavel que aquelles jovens, num contacto relativamente intimo e frequente com elle, não participassem dessa influencia geral.

Scientista e apostolo, prégador e mestre, o Padre Torrend revela um conjuncto de qualidades que o fazem um desses typos inconfundiveis e salientes na esphera de suas actividades. Parodiando Euclydes da Cunha, quando falava do sertanejo, podemos dizer com justeza indubitavel que o P. Torrend "é antes de tudo um forte". Forte na fé, primeiramente, porque parece que naquella terra onde campeia a estatua gigantesca de Nossa Senhora de França, tambem as almas são caldeadas como na Bretanha pela fé do bretão que o caracteriza; contudo não lhe falta o auxilio vigoroso da theologia, da philosophia e das suas predi-

lectas sciencias naturaes. Crê na verdade com a espontaneidade e a despreocupação dos simples; mas comprehende e raciocina com a segurança de quem tem a seu favor o depoimento insuspeito da investigação scientifica.

Notavel nos arraiaes da historia natural, afamado pelos seus apurados estudos sobre as algas (myxomycetas), S. Revma. cada dia cresce na fé e na religião, não vendo conflictos nem antagonismos entre os batalhadores do exercito divino e os trabalhadores das officinas da sciencia.

Forte, em segundo logar, na vontade. Convicto de que o ideal é uma força, alimentado pela seiva vivificante do optimismo, o P. Torrend é um exemplo de infatigabilidade sem par. Nada o quebranta, nada o desalenta. No seu vocabulario, "impossivel" é palavra que não existe; "difficil" é palavra de pouco emprego. Tudo nelle é moço: — as idéas, os methodos, a impetuosidade e a confiança. Não ha cousa que lhe custe, não ha empreza que lhe pareça irrealisavel. Demais, nã olhe falta esse outro elemento **valiosissimo: a persistencia, a constancia.**

Se o achamos virtuoso pela fé, irresistivel pela confiança, que dizer da sua tenacidade? A resposta temol-a nos fructos das suas luctas. Ah! estão para attestal-o a "*Liga para Restauração dos Ideaes*" e a "*Liga das Bôas Leituras*"; uma de cõlegiaes, fundada para arrancar da futilidade as preoccupações dos jovens, outra de senhoras, para diffundir a litteratura constructora de ideaes. Estão ambas a dizer bem alto, as duas ligas, o valor do seu esforço e a nobreza do seu character, porque S. Revma. vive devotado á obra magestosa do bem, á obra divina do Catholicismo integral.

Elle está realizando na Bahia, o que em Paris commette aquelle intrepido e heroico Padre Bethléem: — combate a dissolução dos costumes, a mesquinhez de aspirações, a anarchia, combatendo sem treguas o seu vehiculo mais poderoso e mais espalhado, o mau livro e o mau jornal. Senão, percorrei a sua bibliotheca, de onde se tem espalhado centenas de livros, e só vereis paginas de Hello, Rouzic, Eymieu, Marchal, Guibert e tantos outros, a gritarem, eloquentes e indignadas, contra o pessi-

mismo, que gera o desanimo, o desespero e a ruina; vereis paginas desse scientismo sadio de Moreux, Surbled, que ensinam a encontrar Deus em a natureza, a descobrir motivos de crer nas leis da physica, nos mysterios da astronomia e da biologia.

Mas tudo isso, o P. Torrend distribue com todos que delle se acercam; com todos que lhe vão pedir conselho; são thesouros que elle reparte com intimos e extranhos, do pulpito, da tribuna, da cathedra e da columna do jornal.

A "*Congregação Mariana Academica*", porém, o estima ainda mais, pelo que a favor della tem feito esse pioneiro incansavel do bem. Ha pouco mesmo, em fins de Junho, foi elle quem nos deu o 8.º turno de Exercicios Espirituaes Fechados. Impedido de fazel-o, o nosso querido P. Cabral recorreu á sempre vigilante solicitude de S. Revma., e naquelles cinco dias de felicidade, prègou-nos o P. Torrend mais de perto, num quasi segregar discreto, o seu risonho e vigoroso evangelho de esperanças, e gravou em nossos corações, com palavras, as verdades que já nos ensinava com o exemplo de sua vida.

E revelou-nos as extraordinarias riquezas de energia e possibilidades que se encerram na fibra moça dos nossos corações, na contextura sadia e pura das nossas almas, educados como somos na escola disciplinada do Catholicismo.

E' principalmente essa lição de optimismo, escudo que nos abriga contra o medo e o desanimo, que a C. M. A. desejava agradecer, em publico, ao seu tambem querido P. Camillo Torrend S. J.

Deus se digne favorecê-lo continuamente, com abundancia de forças, para que muitas vezes mais venha secundar com a dynamica poderosa da sua virtude de apostolo, a extraordinaria operosidade de exemplo e de acção desse que é grande na caridade e no saber e impar na veneração dos seus filhos das Escolas Superiores da Bahia, o P. L. G. Cabral S. J.

Bahia, 4 de Agosto de 1927.

THALES DE AZEVEDO,
Presid. da C. M. A., 1927.

O Ceará e os Cearenses

Dissertação do Academico de Medicina

João Baptista Saraiva Leão,

na sessão do Circulo, em 13 de
Agosto de 1927



O Ceará e os Cearenses

Sr. Presidente do Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica.

Minhas Senhoras, meus Senhores.
Collegas.

Não fôra a insistencia, a imposição mesmo, a que me não pude esquivar, do presidente deste Circulo, doutorando Octacilio Lopes, e não me terieis aqui a palestrar convosco.

Senhores.

Contam de um poeta inglês, que quando alguém ria de sua deformidade physica, pois era côxo, elle, sem colera, mas triste, dizia: "I am born so". Nasci assim.

Apoucado de intelligencia, não é muito que, a cada passo, no tramite desta conferencia claudique e vos mova ao riso. Mas, como o poeta inglês eu vos digo. Nasci assim.

O assumpto desta palestra, que deve de ser ligeira e chã, como se estivera em familia, não sei se agradará a todos: "O Ceará e os Cearenses".

Ainda aqui, na escolha da materia, anda a mão de Octacilio. Fôï elle quem m'o insinuou.

E, por ser o Ceará uma fracção desta grande unidade, que é o Brasil, e a sua historia, uma pagina de historia patria, não achei

fora de proposito vir dizer-vos, aqui, alguma cousa daquella terra e daquella gente.

Abraamos uma carta geographica da nossa patria, e juntos passeemos os olhos por ella.

E logo (feliz coincidencia!) se nos depara do feitio de um coração enorme, no peito mesmo do Brasil, — o Ceará.

E' symbolica a conformação daquella terra. Não é Srs., que eu pretenda apresentar-vos o meu Estado natal como repartindo pelo Brasil a sua seiva vital. Não. O Ceará não tem, nem poderia ter a veleidade de julgar-se o nutridor deste corpo gigante.

Mas o coração é, tambem, symbolo da dor, symbolo da angustia, symbolo do soffrimento!

E vós não ignoraes que o Ceará de todos os tempos, até os nossos dias, e até sabe Deus quando,—até que “haja quem faça o Ceará, captando as suas aguas, como teve a Hollanda quem a fizesse, repellindo os seus mares”, o Ceará foi, é e será, provavelmente, o martyr, o soffredor supremo das seccas.

E esse flagello tremendo, parece congenito. A sua primeira victima, conhecida foi Pero Coelho de Souza, o que, segundo o historiador João Brígido dos Santos, internando-se pela terra a dentro, ao cabo de muita luta, extenuado e faminto, triste e desiludido, agonisa nos braços de D. Thomasia, sua heroica mulher. E, accrescenta o historiador: E' o primeiro nome do Ceará e, justamente, o primeiro martyr da sua causa.

* * *

AS SECCAS

A causa das seccas, tão multiplas são e controversas as opiniões dos investigadores, — não está assentada, nem scientificamente provada.

O que é certo é que a chuva nos falta, e nem uma nuvemzinha, por meses, se vê no céu brunido, limpo e azul.

Um dos maiores tribunos sacros cearenses o Padre Valmediro,

que Deus haja, referindo-se ás seccas, assim se expressa: “Revoltam-se os elementos, transtorna-se a natureza, a athmosphera incendeia-se, na superficie concava do firmamento de bronze rutila, faiscante, o sol abrasador, e uma chuva de raios comburentes cae sobre a terra inditosa: — estancam-se as fontes, queimam-se as arvores, estorricam-se os campos, crostam-se as lavras e tudo morre: arvôres, animaes, homens!”

Não podeis, meus senhores, vós que, por mercê de Deus, nunca assististes a scenas iguaes, não podeis, nem a fantazia pode calcular, imaginar, idealizar o que seja o flagello das seccas.

Eu, que vivi a minha mocidade toda no Ceará, e que só através das histórias, que me contavam os meus avós, histórias tremendas de 1877 e dos tres 8 (assim é que ainda hoje se chama a secca de 1888), historias dos horrores da fome, daquelles campos despidos de vegetação, e juncados só de ossadas brancas; eu, que, então, só conhecia o Ceará pelo seu lado bom, que só conhecia os seus campos floridos e recheiados de nédios rebanhos; que, todos os annos, na estação chuvosa, frequentava os sertões e lhes sabia a abundancia dagua; eu, senhores, achava exagerada, atroz, quase fabulosa, dantesca, aquella téla, que me pintavam de cores tão carregadas!

Infelizmente, porém, tive de assistir, no seu apogeu, no mais forte de sua intensidade, á secca de 1915. A canicula, impiedosa, ardeu por 14 ou 15 mêses a fio. Todo o Ceará era uma fornalha immensa. Crestaram-se os campos. Animaes, sedentos e famintos, sahiam, exanimés, á beira dos caminhos!

E, inevitavel, foi o exodo! O exodo, senhores! A mais tremenda coisa que meus olhos jamais viram!

Paremos aqui. Minha penna é impotente, fraquissima, para mostrar-vos o que foi aquillo.

Que o Pãdre Antonio Thomaz, o principe dos poetas cearenses, e que, de certo, conheceis, em seus versos lapidares, vos dê uma idéa daquellas horas desesperadas;

EMIGRANTES

Sentindo a vida incerta e mal segura
Nos seus campos nataes, de quando em quando,
Os pobres cearenses vão deixando
Os lares sem conforto e sem ventura.

Já por plagas mortíferas procura
Dos filhos de Iracema o triste bando,
O que na patria se lhe vaé negando
Por uma lei fatal da sina dura.

Ah! despedaça o coração da gente
Ouvir-se, no momento da partida,
O extremo adeus, num suspirar dolente;

E pensar que essa misera cohorte
No duro empenho de buscar a vida,
Vae, sem saber, seguindo para a morte...

Assim, acoissados de fome e de penuria; batidos, em cheio, pela dor, mas sempre fortes, sempre resignados e sempre alegres (notaé bem a disparidade — sempre alegres — por que o cearense, muito ao contrário do que lhe chama Viriato Corrêa — um povo triste —, é essencialmente, grandemente, nimiamente um povo alegre, que até na desgraça é alegre), assim, os cearenses abandonam a terra querida do seu berço!

Estou vendo, Srs., nitidamente, em vossas pupilas a estranheza do vosso pensar, neste instante:

— “Ou o que estou ouvindo não é verdade, ou esse povo não tem bom senso, dizeis no intimo.

Não é assim.

Vou provar-vos.

Já um escriptor patricio, em um discurso, na Camara Federal, disse:

“O cearense, apesar de o seu coração viver caldeado nos reveses e no soffrimento, ama com alacridade a alegria”.

E o que vou contar-vos, mostrar-vos-ha de sobejo, a tempera de aço daquella gente.

Quando foi do flagell ode 1915, a que já alludi, levas e ievas de *retirantes*, — homens, mulheres, crianças, em trapos, pelle sobre os ossos, famintos, numa procissão macabra, invadiram a capital do Estado.

Vinham aguardar o navio que os havia de levar para outras paragens. O governo ajuntou-os em uma praça arborisada da cidade, onde, em profusão, se distribuíram viveres.

E, em pouco tempo. — metamorphose surpreendente! — a linda praça de Fortaleza tinha a feição perfeita de uma aldeia de indios, transplantada para o centro da cidade.

Fogos aqui e ali, onde, entre pedras, ferviam panellas; rêdes, rêdes de todos os tamanhos e de todas as cores, armadas nas arvores, nos combustores, cruzavam-se e entrecruzavam-me em todas as direcções. E, ao deredor, a multidão curiosa pasmava do espectáculo doloroso.

Mas, qual não foi o espanto quando, após a grosseira refeição, um *flagellado*, tirando do sacco uma viola, começou alegremente, a tocar e a cantar!

Grande razão teve aqui, Viriato Correia, quando falando do cearense: “Todo elle, disse, são musculos de aço no corpo, musculo de aço no espirito. Tem forças materiaes para deitar uma torre abaixo, como tem energia e tenacidade maiores para erguê-la.

“E, cousa singular! escreve um cearense illustre, quando a desgraça nos empolga nas suas garras aduncas de monstro carniceiro, e nos trucidá, e nos mata, e nos devora, é das cinzas da miséria e da morte que nós resuscitamos mais vigorosos, mais promptos para as grandes lutas do progresso, mais aptos e mais ousados para os grandes commetimentos sociaes”.

* * *

E é por isso, Srs., que as paginas da historia da minha terra são um campo vastissimo, onde, a esmo, podeis colher as mais variiegadas flores de heroismo, de valentia, de tenacidade.

Percorramo-las nos seus factos mais importantes.

Qual de nós desconhece o Acre, área riquíssima de terra, apensa ao Estado do Amazonas, territorio federal hoje, amanhã, Estado como este e os demais?

E quem, afrontando as intemperies, não temendo as feras bravias, desbravando aquelle “inferno verde”, guerreando os autoctones, levando de vencida, sós, sem auxilio do governo, os bolivianos cubiçosos, e, na phrase feliz de um patricio meu, “cançando as doenças”; quem, Srs., fez daquelle territorio patrimonio da Nação?

Haveis de convir que foram os meus, os nossos irmãos flagelados. E sabeis á custa de que? A’ custa de mais de “300 mil vidas, que desapareceram na voragem dos rios, no seio das immensas florestas”.

Carlos de Vasconcellos, illustre engenheiro e applaudido escriptor cearense, poucos annos ha morto no Rio, por desastrada explosão de uma machina, no seu livro “Deserdados”, embora com exaggero, fala, á saciedade, dos soffrimentos, do verdadeiro circulo infernal em que, lá, vivem os seringueiros cearenses.

E a proposito, occorre-me á mente o que se conta de um cabôclo, que para lá foi tangido por uma dessas crises climatericas, e que, ao cabo de muita luta, de muito trabalho, conseguiu fazer certo peculio, e quiz baixar (baixar é voltar á sua terra, vir, peio menos, até Manaus). O dono do seringal oppoz-se.

Não quiz que o desgraçado lhe levasse os cobres, tão honradamente ganhos. O cearense insistiu, zangou-se, insubordinou-se.

Foi amarrado de pés e mãos a um toro de madeira, ao rento.

Um dia todo de sol, uma noite inteira sugado dos carapanaus, e elle calado, sem uma queixa!

Approxima-se o patrão e pergunta-lhe? Está arrependido? Soffreu muito?

— Qual, patrão! Desgraça pouca é *tiquim*. Eu sou de uma terra onde só se mede desgraça de arrôba *pra riba*!

A par disso, os cearenses são aventureiros, no sentido bom

da palavra. Não é só no territorio nacional que procuram meios de subsistencia. As desditas de sua terra os levam máis alem.

Encontram-sê cearenses em toda parte do mundo. Não é exaggero, Srs., em-toda parte do mundo. São testemunhos de fé que assim o affirmam. Antonio Bezerra, escriptor e abolicionista cearense, narra que Monsenhor Pinto de Campos, em seu livro "Jerusalem", diz que relegou, no bairro, os burricos para ir ás piramides, a um cearense, que talvez tivesse ido para ali á procura de trabalho nas obras do canal de Suez".

"A Gazeta de Noticias", do Rio, faz tempos, publicou uma correspondencia do Barão de Sant'Anna Nery, na qual contava que, estando uma noite, com outros companheiros, em um hotel em São Petersburgo, ouvira, casualmente, naquella babel de linguas, uma palavra portugûesa.

Indagando, soube que alguém, no hotel, palavra portugûes.

E immediatamente foi trázido á sua presença um rapaz moreno, forte, bem disposto, e que era creado do hotel. O Barão perguntou-lhe, diz a gazeta:

— O Sr. é portugûes? — Não, senhor. — E' brasileiro? Sim senhor. — De que logar? — Do Aracaty, no Ceará.

Mas, Senhores, uma observação. A gazeta ou o Barão, um dos dous, de certo, garanto, modificou a palestra com o caboclo cearense.

Não creio, conheço muito bem a minha gente, não creio que um caboclo do Ceará, lá naquelles confins do mundo, se limitasse a esses — sim, senhor; não, senhor.

A' primeira pergunta: O senhor é portugûes? elle responderia, incontinenti: Não senhor, eu sou do Aracaty, lá no Ceará, e não, deixaria mais o Barão falar, por que haveria de contar-lhe a vida toda, até aquelle dia.

Outro, o Dr. Magalhães Gomes, medico, diz que, na Suissa, em visita a uma mina de cobre, encontrou-se com um cearense, operario da mina.

E para ponto final, neste particular, baste dizer-vos que até na China foi encontrado cearense!

REVOLUÇÕES

De 1817 é que começaram a distinguir-se, por suas qualidades guerreiras, os cearenses.

“Só com a revolução de 1817, disse Oliveira Lima, aprendeu-se, no Brasil, a morrer pelos ideaes”.

“O que anteriormente tinha havido de mais culminante, e creve, ainda Viriato Correia, era a inconfidencia mineira. Mas a inconfidencia mineira foi, salvo a extravagancia da comparação, uma especie de rabanete da nossa historia liberal, vermelho por fóra e candidamente branco por dentro.

Por dentro, como miolo, nada mais foi que um lindo sonho civico de ir até ao sacrificio da vida.

E a prova é que, de todos aquelles idealistas mineiros, só um soube morrer, justamente o que não sabia dar forma rimada aos seus sonhos — Tiradentes. As revoluções nunca se fizeram com poetas, fizeram-se com aquelles que sabem que a vida é o melhor pasto das revoluções”.

Consocios. A revolução que rebentou em 1817, em Pernambuco, e que vinha sendo preparada desde 1813, foi o prodromo da nossa independencia.

De Recife foi enviado ao Ceará, pelos revolucionarios, o jovem diacono José Martiniano de Alencar, que, no Crato, com o apoio de sua familia, a 4 de Maio, proclamou o governo revolucionario.

“Trahidos, Alencar, sua mãe D. Barbara, seus irmãos, o pobre Carlos José dos Santos e Tristão Gonçalves Pereira, que, mais tarde, vereis como um dos maiores protagonistas da revolução de 1824, foram presos, enviados para a capital e depois aqui para a Bahia, onde permaneceram até a anistia de 1821”.

D. Barbara, Senhores, é o tronco glorioso dos Almares da minha terra. E' a mulher varonil que, denodadamente, combateu pelos ideaes da independencia, afrontando a morte, destemida e altiva. E ainda hoje, medram lá pelos Corirys ramos virentes dessa velha arvore.

Aqui mesmo temos a Mozart de Alencar, estudante de

medicina, membro dessa família illustre, moço habilissimo, poeta primoroso, e por que poeta, segundo o Sr. Viriato Correia, certo não herdou o espirito bellicoso dos seu avós; não poderá nunca ter a fibra de revolucionario.

* * *

Em 1824 surge, então, a revolta da Confederação do Equador, uma das paginas mais sangrentas da historia do Ceará, e mais refertas de martyres.

“Na revolução do Equador, diz um notavel homem de letras, nada houve que deslustrasse a dignidade de um movimento liberal: nenhum dos proceres a delatou, nem a trahiú, nem a negou”.

Foi uma revolução, Srs., de ideal muitò alevantado. Não eram separatistas os seus promotores. Não queriam desmembrar a sua patria.

Periclitava, naquelle momento, a independencia do Brasil, que já estava feita, com a dissolução da Constituinte.

O Brasil retrogradaria a colonia?

E o homem livre, Srs., que se vê na imminencia de perder a liberdade, luta, pejeja, morre por assegurá-la.

A historia, parece, é feita de coincidencias, de acasos.

Aqui, é ainda um Alencar que, membro da Constituinte dissolvida, parte do Rio, em companhia de outros *dissolvidos*, chega a Recife, “assiste á sessão extraordinaria do Grande Conselho, que elegeu Manoel de Carvalho Paes de Andrade presidente de Pernambuco”, vae ao Ceará, e atéa o fogo da revolução.

Eu não vou, Srs., contar-vos a revolução de 1824. Seria martyrisar-vos demais.

Não assistiremos á assembléa extraordinaria em Campo Maior de Quixeramobim, onde clero, nobreza e povo, protestam contra o acto de Pedro I, e querem um governo republicano. Não presenciaremos, em Fortaleza, a eleição que faz de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, presidente da então provincia, nem compareceremos á cerimonia solemnisima, tocantissima em que o Presidente, Padre Mororó, Filgueiros, Antonio Bezerra, e mui-

tos outros mais, fizeram este juramento: “Juro aos Santos Evangelhos, voluntaria e solennemente, defender e guardar a religião catholica, apostolica, romana; juro dar a ultima gotta de sangue para manter e ser fiel á Confederação do Equador”.

Não acompanharemos a Tristão Gonçalves, que, entregando o governo a José Felix de Azevedo e Sá, segue ao encontro das forças imperialistas, que se avizinham da cidade.

Não assistiremos aos combates tremendos, em que se empenha, tombando, gloriosamente, em um delles, ás margens do Jaguaripe.

As façanhas de Filgueiros e Antonio Bezerra passar-nos-ão despercebidas. Não nos importa a Comissão Militar que condemnou e executou, após a derrota dos revoltosos, o Padre Mororó, João de Andrade Pessoa Anta, Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luiz Ignacio de Azevedo Balão, e Feliciano José da Silva Carapinima.

Mas, Srs., acompanharemos desde o carcere até á praça dos Martyres, onde foi fusilado, o Padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, a figura mais sympatica da revolução.

Cedo a pena a illustre historiador nacional, que, melhormente, vos narrará tão comovente scena:

“A cidade inteira, naquella manhã de 30 de Abril, acordou para assistir á execução do padre e do coronel (o coronel era João de Andrade Pessoa Anta).

Sabia-se de vespuras que iam ser fusilados. O governo tinha mudado o genero da execução dos republicanos.

Não morreriam na corda da fôrça, como o tribunal sentenciara e, sim, ao estampido das balas das carabinas.

Para honra da terra cearense não se havia encontrado quem quizesse servir de carraço.

As ruas fervilhavam. Era um espectáculo novo a que a cidade, de alma dilacerada, queria assistir. Por uma dessas ironias da fatalidade, aquella manhã de Abril nascera mais fulgente e mais linda que todas as outras manhãs daquelle começo de anno.

Havia um sol de allucinar; havia um céu maravilhosamente lavado de sol.

O governo preparára tudo de vespera, para que nada faltasse no momento da execução. Sob aquelle estonteante sol do norte, Fortaleza espera a justiça imperial.

São sete horas da manhã. Na praça do quartel, apinhada de povo, os réos apparecem. Quase ninguem conhece o Padre Mororó, que está ao lado de Andrade Pessoa. Naquelles poucos mêses de cadeia, os seus bellos cabellos pretos tinham ficado como uma pasta de algodão.

A brigada, sob o commando de Queiroz Carreira, forma em quadrado para despir Andrade Pessoa das honras militares. No meio do largo ha um oratorio, onde se vae fazer a desautoração das ordens sacerdotaes de Mororó. O padre recusa-se: troquem-lhe apenas a batina pela roupa de réo. Vestem-lhe, então, a alva dos condemnados. A camisola não lhe vae além dos joelhos.

Mororó olha, demoradamente, a vestimenta, ageita-se dentro della, puxa-a para baixo o mais possível para cobrir-lhe os joelhos, e vendo a figura ridicula que fazia com alva tão curta, diz com um sorriso de ironia cortante... — *Louvado seja Deus, que até a ultima camisa que me dão é curta...*

Ruflam os tambores, sôam as cornetas. Vae começar a marcha em rumo do logar escolhido para a execução. O padre está de uma serenidade que a todos assombra. Ao seu lado, Andrade Pessoa vae dar os primeiros passos. Naquella hora horrível de sua vida, Mororó não se esquece de que é um homem educado — dá a direita a Andrade Pessoa. — Ladeados pelos padres, os dois republicanos, no quadrado das tropas, seguem. As ruas cada vez mais se enchem. Nas janellas, as familias se apinham. Ha gente até trepada nas arvores e nos telhados. Mas toda aquella multidão está silenciosa e aterrada.

O prestito caminha para a capella do Rosario. Os sinos de todas as igrejas tanger a finados, entristecendo o fulgor daquelle esplendente manhã de sol. — Ouve-se a missa, que frei Luis do Espirito Santo Ferreira celebra. Segue-se, depois, lentamente, a caminha da praça do supplicio: No meio do largo, num cajueiro

ha um grupo de creanças trepadas. A carga é tão grande que, no momento em que os condemnados passam, parte-se o galho, em que estavam, e todo o grupo vem ao chão!

O Padre Mororó estaca por um instante. Embora marchando para a morte, é o primeiro a rir do trambulhão do pessoal do cajuero, e exclama: que gente curiosa!

Na praça em que se vae dar a execução, a multidão é tanta que, a custo, as tropas conseguem abrir passagem.

Mororó é collocado na columna de morte. Um soldado trás a venda para lhe pôr nos olhos.

— *Não*, respondeu elle, *eu quero ver como é isto.*

Vem outro soldado para collocar-lhe sobre o coração a pequena roda de papel vermelho, que vae servir de alvo. — Detém a mão do soldado:

— *Não é necessario. Eu farei o alvo!*

E cruzando as duas mãos sobre o peito, grita arrogantemente para os soldados:

— *Camaradas, o alvo é este!*

E, um tom de riso, como se aquillo fosse uma brincadeira:

— *vejam lá! Tiro certo, que me não deixe soffrer muito.*

Houve na multidão um instante de cruel ansiedade. Tinha sido ordenada a pontaria. Todo o vago rumor do povo cessou completamente.

— *Fogo!* disse elle.

A descarga atroou. O Padre tombou sem vida. A seus pés tinham-lhe cahido tres dedos da mão, que as balas deceparam!"

Fica ao vosso criterio, Srs., o commentario e a apreciação deste facto.

Ainda merece commentado o barbaro e cruel fusilamento de Luis Ignacio de Azevedo, que, por ser preso em Santa Rosa, combatendo ao lado de Tristão Gonçalves, foi condemnado.

E sabeis quem era Luis Ignacio? Um bahiano. E foi elle um traço de união, traço rubro de sangue entre os dois povos irmãos.

A Bahia, apesar de não ter participado da luta, teve um filho martyr da mesma causa, pela qual morreram Tristão, Mororó, Anta e outros.

Em as paginas da historia do Ceará, em letras de ouro, indeleveis, inolvidaveis, permanecerá através dos tempos o nome do filho desta terra!

Ainda em 1825, após a execução desse punhado de bravos, teve a revolução, para epilogo, a aureola do milagre.

Milagre sim, senhores. Por que o facto que vou contar-vos, se se passou, como assevera a historia, não pode deixar de ser milagre assombroso, milagre dos maiores que se podem registar.

É o historiador, de cuja fonte fui colher estes dados, assim se expressa: “A classifica-lo como lenda é necessario assentar-se que, em historia, o testemunho dos coevos e os documentos da passado nada exprimem, nada valem”.

É um milagre do Senhor do Bomfim. É vós que, aqui, os tendes tido, muitas vezes, não podeis duvidar.

Ouvi-me.

Foi na cidade do Icó, lá no amago do meu sertão.

Antonio de Oliveira Pluma, por participar tambem da revolta, é condemnado á pena ultima.

Eis o que nos conta a historia:

“É” na manhã dramatica do sacrificio. Oliveira Pluma, na sua camisola de condemnado, está á espera da descarga dos fuzileiros. — Fogo! — berra o commandante do pelotão. Oliveira Pluma brada com toda a energia dalma: — Valha-me o Senhor do Bomfim!

Estronda a descarga. Mas, caso curioso! nenhuma das balas se foi cravar no peito do martyr. Cravaram-se todas no angulo da cadeia. — Nova ordem de descarga se ouve. Novo brado do condemnado estruge vibrantemente.

— Valha-me o Senhor do Bomfim!

Para onde teriam ido as balas!

O suppliciado lá está de pé, vivo, intacto, incolume. — O commandante está tremulo, estupefacto. — É é gaguejante que elle dá novas ordens, que exige pontaria melhor. — Fogo! grita.

— Valha-me o Senhor do Bomfim! brada Oliveira Pluma pela terceira vez.

Estoura e flameja a descarga. As balas foram todas, todas ao peito do condemnado.

E ah! surpresa! oh! milagre! Oliveira Pluma está de pé, ri-sinho, como se lhe tivessem atirado apenas um punhado de rosas.

Vae ser novamente ordenado outra descarga. Nesse momento a multidão intervem. A justiça não podia ter mais direito sobre aquelle homem. E arrebatá-o, e leva-o carregado respeitosa-mente para a capella proxima, a capella do Senhor do Bomfim.

E só muitos annos depois Oliveira Pluma morreu”.

E Viriato Correia commentando esse acontecimento diz apenas: “Entre o céu e a terra ha, certamente, muita e muita cousa que está acima da comprehensão humana”.

E poderia haver, Srs., fim mais feliz para uma revolução, que, parece, teve a bençã de Deus?!...

Mais coisas poderia dizer-vos dos cearenses no Paraguay, em Canudos, no reducto Santa Maria, no Paraná, onde a figura inconfundivel de Potiguara venceu e anniquilou o jagunço audacioso e valente.

* * *

Senhores.

Peço-vos perdão da minha delonga. Mas, sentir-me-ia com remorso se me calasse aqui, e vos não lesse uma das paginas grandes e brilhantes, senão a mais fulgurante e maior da historia daquelle povo, que já conheceis: a abolição dos escravos.

Foi do Ceará, todos vós sabeis, que partiu o primeiro grito de liberdade para os miserandos negros. Oito annos antes de abolida a escravidão, em Fortaleza, João Cordeiro, Justiniano de Serpa, José do Amaral, Rodolpho Theophilo e Antonio Bezerra, parente do republicano do Equador, organisaram a Libertadora Cearense.

Transcrevo para que não nos enfadeis muito, o que a respeito diz o Dr. Bezerra Filho, cearense, que, hoje, vive em São Paulo:

“A sessão inicial da Libertadora teve a sinistra solemnidade

de uma epopeia dentro do scenario apavorante de uma tragedia. São homens de outro seculo, figuras de idade antiga, heroes de uma civilisação que elles proprios transformaram.

Chamando á memoria a cerimonia inicial da Libertadora, a gente experimenta a vibração secular de uma pagina revivida da historia medieval, uma façanha formidavel dos lendarios Cavalleiros da Tavola Redonda, jurando pro seus brios algum compromisso tremendo de que ninguem recuará.

A' noite, numa sala escura da Praça José de Alencar, o presidente escolhido fecha portas e janellas. Ao centro do aposento, uma larga mesa coberta de um panno preto, duas lanternas na extremidade e vinte cadeiras em derredor... E' a sala de Aço. João Cordeiro, abrindo o *palitot*, tira da cava do collete o punhal bruido e ferozmente o crava no centro da mēsa. A' luz das velas, aos lampejos da lamina que oscilla, o presidente chama pelos seus companheiros e aquelles que tiverem ligações com o governo, respeito de religião, obrigações de familia mais fortes que o ideal da libertação dos escravos, esses podem retirar-se, que se vae fazer a' um juramento terrível de vida e de morte.

Onze companheiros se acovardam e sahem. Nove ficam acolá e juram os estatutos da liberdade cearense em um artigo e um parographo só: — *Um por todos; todos por um. — A liberdade dos captivos, por todos os meios.*

E a campanha cyclopica logo se trava. E os libertadores vencem os interesses escravagistas, dominam o governo que os sustenta, ganham a causa da Liberdade!...

Em 1882, já ha municipios cearenses livres do captiveiro; no porto do Ceará não embarcam mais escravos, e a figura esquilina do jangadeiro cearense, impedindo no littoral o trafico dos negros, alevanta-se na historia da liberdade humana em traços desconformes, repontando de entre todos o vulto collossal de Francisco José do Nascimento, chefe dos jangadeiros, inextinguivel na coragem, no destemor, na constancia heroica e indomavel, ao lado do direito de seus irmãos captivos.

No dia 25 de Março de 1885, o Ceará era uma terra de homens livres, asylo inviolavel da liberdade e do trabalho, onde po-

dia refugiar-se o bando universal de todos os captivos, os desgraçados do paiz inteiro”.

E no congresso nacional, pouca gente sabe disso, Pedro Pereira, cearense, poeta e escriptor, que escreveu, em Aracaty, prosa e verso pro-abolicionismo, foi o primeiro que apresentou o projecto abolindo os escravos. Não foi acceito. Reincidiu, passado algum tempo. Vaiaram-no.

E, antes de deixar o mandato, apresentou, teimosamente, pela terceira vez, o seu projecto.

E, coisa risivel, um seu collega, interessadissimo pelo caso, receioso de que, desta vez fosse acceito, o que lhe traria serios prejuizos, sem poder conter-se, exclamou:

— “Mas que hei de eu fazer de 300 *crios* que tenho em casa?!...”

* * *

Não temêra, senhores, abusar de vossa benevola attenção. e me alongaria em considerações sobre o Ceará, nos seus filhos intellectuaes. Não temaes, que não irei muito além. Estamos a dois passos só do fim.

Os cearenses se têm distinguido, tambem, nas sciencias, na litteratura, na arte.

Moura Brasil, o pae da ophtalmologia brasileira, que a Academia de Medicina Nacional chamou — *Preceptor magnus*.

Clovis Bevilaqua, o *primus inter-pares* da nossa litteratura juridica; Farias Brito, o maior philosopho da America, “que dotou este continente com uma philosophia propria; José de Alencar, na escola em que escreveu, o maior romancista que tivemos; Araripe Junior, critico literario, que não conhece emulo; Capistrano de Abreu, o narrador maximo da nossa historia, todos, todos esses nomes, Srs., são pedestaes marmoreos, em cujo cimo, inabalavel, indestructivel, repousa a gloria de um povo.

Mais nomes podia citar-vos, se o adeantamento da hora não me convidasse a fazer ponto final.

Senhores.

Glorias, historia recheiada de heroismo, de abnegação, de coragem, homens illustres tantos e tão grandes, cujos nomes enchem o Estado todo, trasvasam, invadem o paiz inteiro. transpõem os mares e se vão celebrar por todo o mundo, bem sabeis que tendes vós, filhos da Bãhia.

Ruy Barbosa, nome que por si só bastaria para nosso maior orgulho; Francisco de Castro, de quem disse Ruy ser “a mais peregrina expressão da cultura scientifica entre nós”; Leonel Franca, cultura polimorpha; philosopho, chimico, polemista, etc.; Carneiro Ribeiro, o educador primoroso, o philologo de pulso, um dos maiores conhecedores da nossa lingua; Castro Alves, o maior poeta de sua epoca; Theodoro Sampaio, o historiador, o indilogo afamadissimo; e Pirajã da Silva, o parasitologista, citado já, como autoridade, nos tratados de parasitologia europeus, e que, hoje, militam convosco neste Circulo, esses expoentes grandissimos da intellectualidade brasileira, cujas fronte estão cingidas pelo halo da immotalidade, esses, Srs., são patrimonio vosso.

E, agora, meus senhores, resta-me apenas o dever de agradecer-vos, com todas as veras a attenção grande que me dispensastes nestes longos e enfadonhos quartos de hora.

Muito obrigado.

Bahia, 10 - 8 - 927.

AU R. P. YVES DE LA BRIERE S. J.

Avant sa Conférence du 21 Septembre 1927, au Grand
Salon du "Gabinete Português de Leitura"

BAHIA



Au R. P. Yves de la Brière S. J.

Faut-il que ce soit un Jésuite qui présente un autre Jésuite à cette élite de la Société intellectuelle de Bahia?

D'aucuns trouveraient peut-être la présentation et l'éloge tant soit peu suspects.

Le moyen cependant de m'esquiver à cet honneur, alors que la brillante Jeunesse de nos Écoles Supérieures en faisait une question fermée?

Voici bientôt dix ans que je me suis tellement identifié avec leurs œuvres religieuses, scientifiques, littéraires et sociales, ainsi qu'avec leur progrès intellectuel et surtout leurs intérêts spirituels, que je me fait l'illusion de n'être qu' *un* avec eux, au point de me croire moi-même un des jeunes, malgré ma soixantaine passée.

Et puis, la suspicion du préjugé fraternel n'a plus de raison d'être, quand il s'agit de quelqu'un dont le mérite a dépassé les limites moyennes et dont la réputation n'est plus du domaine restreint d'une Société: mais qui a franchi les frontières nationales, pour s'imposer au respect et à l'admiration des hommes de valeur de quelque pays que ce soit.

Je sais, mon Révérend Père, que votre modestie s'accommodera difficilement de cette rondeur de franchise.

Il n'en est pas moins vrai qu'il m'est doux de pouvoir parler ainsi, avec l'assentiment de tous ceux qui m'écoulent.

Je le fais de gaieté de cœur, pour l'honneur de ma famille

religieuse, qui a le droit de se réjouir de la force imposante de votre autorité et de l'éclat de votre parole;—de gaieté de cœur aussi, pour me désobliger de ma dette personnelle de reconnaissance envers votre glorieuse Patrie

C'est à la France, mon Révérend Père, que je dois la majeure partie de ma formation religieuse.

C'est dans vos Scholasticats français que la Compagnie, ma Mère, me tint à son école, par la pédagogie merveilleuse de ses cours philosophiques et théologiques.

C'est grâce à un de vos grands Maîtres de la vie spirituelle que j'ai reçu l'empreinte ascétique, dont elle aime à frapper au coin l'âme de ses enfants.

Et puis le nom du Père Yves de la Brière ne s'identifie-t-il pas en quelque sorte avec la glorieuse Revue des *Études* de Paris?

Voici encore un titre à ma reconnaissance la plus profonde. Je puis dire que c'est aux *Études* que je débutai en 1898 pour mes recherches sur Vieira, qui ont produit plus tard les deux volumes du *Vieira-Prégador*. Ce furent encore les *Études* qui donnèrent le plus grand retentissement à mon humble protestation, adressée à *mon Pays*, au moment où la Province Portugaise de la Compagnie de Jésus prenait le chemin de l'exil.

Je suis donc heureux, mon Révérend Père, de profiter de ce moment, pour vous témoigner à vous, et en votre personne à la France et aux *Études*, mon plus vif remerciement.

Mais je dois me borner, Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs, et ne point prolonger votre attente, pleine d'une impatience sympathique et justifiée.

Vous présenter le R. P. Yves de la Brière est chose facile après le retentissement de ses Conférences à Rio de Janeiro.

Monsieur le Comte de Affonso Celso, dans un article, qui a fait le tour du Brésil, rappelle les titres principaux du grand Écrivain et Conférencier à l'estime et à la saine curiosité des Intellectuels.

Il admire chez lui les qualités-maîtresses de l'éloquence française: la méthode, la clarté, la mesure, l'élégance, la netteté

de l'idée et de la forme; opportunément aussi, la chaleur et l'émotion.

Puis il salue "le Sociologue, l'Internacionaliste, le Jurisconsulte, le Journaliste, le Professeur"; mais surtout "l'homme de pensée et d'action", qui possède à fond les questions sociales contemporaines, auxquelles sa dialectique irréfutable signale, comme unique solution intégrale, la doctrine de l'Evangile, authentiquement proclamée et interprétée par le Saint-Siège.

Il le félicite encore du "tact" et de la "modération", qu'il ne separe jamais de la sainte "intransigeance" en matière de principes, sans jamais se départir de l'exquise "courtoisie d'un vrai gentil-homme" envers ses adversaires.

N'est-ce pas, Mesdames et Messieurs, ce que nous avons pu constater nous-mêmes, pendant ces deux magnifiques banquets de l'intelligence et de l'esprit, auxquels nous a conviés le Père de la Brière à l'Institut Géographique et Historique, et à la Faculté de Droit, aux deux inoubliables soirées du 18 et du 19 courant?

Vous allez l'écouter une fois encore,—malheureusement la dernière de cette série trop courte, où Bahia a l'avantage d'accueillir comme son hôte le R. P. Yves de la Brière, Professeur de Droit International à la Faculté de l'Institut Catholique de Paris, et Secrétaire Général de la Société Internationale de Juristes Catholiques, siégeant à Genève, à côté de la Société des Nations.

Mon Révérend Père.

Permettez à l'humble Directeur du Cercle Catholique d'Etudes de la Jeunesse Universitaire de Bahia, qu'au nom de la Congrégation Académique, dont le Cercle est une dépendance, il vous remercie de l'honneur que vous nous faites, en nous réservant une de vos trois Conférences, et qu'il vous demande, comme une nouvelle faveur, le droit de publier cette troisième conférence dans son volume annuel de *l'Archivo Mariano Académico*.

Le Cercle profite de l'occasion pour remercier la noble Direction du *Gabinête Português de Leitura* de l'offre desintéressée de son magnifique salon.

Monsieur le Président,

Mesdames et Messieurs.

S'il a été vrai souvent de dire que "la parole est d'argent, mais le silence est d'or"; aujourd'hui il me faut bien retourner le mot: Ma pauvre parole ne méritant certainement pas l'épithète d'aucun métal précieux, en me taisant pour qu'on écoute le Révérend Père Yves de la Brière, je pourrai dire au moins que *mon silence est d'argent, puisque sa parole est d'or.*



L'action Catholique et le Rôle des Élites

CONFERENCIA PROFERIDA PELO

R. P. Yves de la Brière

NO

Salão Nobre do Gabinete Português de Leitura

EM 21 DE SETEMBRO DE 1927



L'action Catholique et le Rôle des Élites

Monsieur le Président,
Mesdames et Messieurs.

En remerciant avec, émotion le R. P. Cabral des choses trop flatteuses, que sa charité fraternelle lui a inspirées à mon égard, et des choses si délicates et charmantes qu'il vient de dire sur la France et sur la Revue qu'il honora de sa collaboration, les *Études*, je tiens à marquer mon plus respectueux et affectueux hommage à la magnifique Congrégation Académique de Bahia et à ceux qui la dirigent avec tant de nobles succès apostoliques.

Cette élite intellectuelle et morale de votre bien-aimée jeunesse universitaire, noble espoir et légitime orgueil de la patrie brésilienne, phalange tendrement chère à la sainte Eglise du Christ, a été organisée par le patient labeur de toute une famille religieuse, universellement aimée dans cette ville, et pour qui l'évangélisation du Brésil rappelle les plus saintes et les plus glorieuses traditions d'un passé inoubliable.

Les chers Pères du Collège Antonio Vieira de cette cité illustre de Bahia me permettront de saluer, avec la patrie spirituelle dont ils étendent chaque jour les conquêtes, la patrie temporelle qu'ils ne cesseront jamais d'aimer et dont l'architecture prestigieuse de ce palais enchanté commémore les plus grandes heures d'histoire.

—

Que Dieu la protège et la bénisse à jamais, leur patrie magnifique: terre des saints et des croisés, terre des poètes et des artistes, terre des Rois Très-Fidèles et des grands Navigateurs: le Portugal!

Première Partie

L'Action catholique est la participation corporative et organisée aux tâches de l'Eglise, dans un but d'apostolat, de charité, de contribution à toutes les formes du bien moral et social, d'après l'esprit de l'Evangile et sous la direction des légitimes pasteurs.

Cette Action catholique est, pour les laïques, hommes et femmes, l'un des modes normaux de réalisation du précepte fondamental de la charité pour le prochain. Cette charité corporelle et spirituelle est universellement imposée aux disciples du Christ, dans la mesure de leurs forces et de leurs ressources, comme l'expression certaine et nécessaire de leur amour pour Dieu même.

L'Action catholique devient, pour tous les enfants de Eglise, un devoir plus urgent, quand la détresse des âmes devient plus douloureuse et quand les besoins corporels et spirituels de la société chrétienne appellent des secours plus nombreux, plus spéciaux et plus indispensables.

Tel est, sans conteste, le cas de l'Eglise catholique au Brésil, où le clergé est trop peu nombreux pour l'immensité de sa tâche grandissante, et où l'on est dans la nécessité de créer en peu d'années les organismes sociaux répondant aux besoins temporels et spirituels d'une nation jeune et neuve, en pleine période de croissance exceptionnelle. Les peuples sud-américains, avec leur essor présent et l'afflux constant de l'immigration étrangère, accomplissent dans un court laps de temps une évolution que l'Europe a opérée en plusieurs siècles. Les besoins étant plus multiples et plus urgents, le dévouement des élites chrétiennes est particulièrement nécessaire en de telles conjonctures.

Aux élites intellectuelles, morales et sociales de comprendre pareille union dans toute l'étendue de la charité.

L'Action catholique des laïques s'accomplira par le moyen

des oeuvres. c'est à dire d'organismes juxtaposés aux institutions officielles de la société religieuse ou de la société civile, pour remédier à tel groupe de besoins auxquels ne répondent pas suffisamment les institutions officielles.

Oeuvres *religieuses*, s'il s'agit directement de prière, de piété, de pénitence, de zèle et d'apostolat.

Oeuvres *charitables*, s'il s'agit d'obvier aux infortunes de l'enfance, de la vieillesse, de la maladie, de la pauvreté, des catastrophes publiques.

Oeuvres *sociales*, s'il s'agit de susciter ou de suppléer les organes qui, par leur fonctionnement lui-même supprimeront toute une catégorie de besoins et d'infortunes parmi les hommes, spécialement dans le monde du travail : mutualité, caisses de prévoyance et d'assistance, caisses de crédit, habitations ouvrières, coopératives de production, de consommation et d'achat.

Toutes ces oeuvres religieuses, charitables et sociales, quand elles se rattachent à l'Action catholique, sont "catholiques" par leur objet, par leur recrutement, par leur inspiration et leur direction.

Elles se rattachent, par voie d'obédience et de contrôle à l'organisation diocésaine, sous l'autorité de l'évêque. On évite ainsi les erreurs, les déviations et aussi les doubles emplois; par où les forces peuvent se gaspiller.

Une fédération nationale est souvent utile pour grouper, en un immense faisceau, les oeuvres, ou certaines catégories d'oeuvres de tout un pays, sous la direction de tout son Épiscopat.

Mieux encore : une fédération internationale est réalisable et réalisée dans le monde entier, sous la direction du SaintSiège, pour des groupes considérables d'oeuvres catholiques à base nationale. Telle sera : l'Union internationale des Ligues féminines catholiques, l'Union internationale des Oeuvres catholiques de protection de la Jeune Fille, l'Union *Pax Romana* des associations catholiques d'étudiants, la Fédération des associations catholiques de jeunesse, et même, en un certain sens, la Confédération internationale des travailleurs chrétiens.

Parmi les exemples mémorables d'activité catholique que don-

nent aujourd'hui les élites intellectuelles et sociales de la jeunesse française, quelques faits récents et caractéristiques peuvent être retenus et intéresser la gracieuse sympathie de nos frères du nouveau monde.

Le mouvement catholique des grandes Écoles scientifiques d'ingénieurs est le plus significatif et le plus éclatant de tous. L'importance du fait actuel est grandie par l'expérience du passé ; car le contraste est énorme entre les réalités consolantes d'aujourd'hui et le souvenir de l'incrédulité et de l'impiété qui ont trop longtemps prévalu dans les mêmes milieux. La grande majorité des élèves actuels de l'École polytechnique accomplit publiquement et en corps son devoir pascal, le dimanche des Rameaux, en l'église Saint-Étienne du Mont.

Des centaines d'anciens élèves, parmi lesquels des membres de l'Institut de France, des officiers généraux et des maréchaux, signent la feuille de convocation confraternelle à cette imposante manifestation de force et de piété. Une importante fraction d'élèves actuels des Écoles scientifiques d'ingénieurs participe à des réunions fréquentes de piété et d'adoration eucharistique, d'instruction religieuse et de charité ou d'apostolat catholique.

Une enquête de l'an dernier, instituée chez tous les membres de l'Académie des Sciences, aboutissait à faire reconnaître par toutes les sommités de la science française qu'il n'existe aucune incompatibilité entre les certitudes de la religion et celles de la science, et que l'harmonie est parfaitement réalisable et réalisée entre la science et la foi.

Les Semaines annuelles d'Écrivains catholiques attestent la puissance de l'idée religieuse et de la pratique religieuse dans une nombreuse et jeune élite de notre monde littéraire et artistique. On peut, sans étonner, y recommander la communion fréquente, l'oraison mentale et la retraite fermée, comme exercices familiers à l'élite religieuse de la classe intellectuelle.

Ce mouvement s'affirme dans le monde universitaire lui-même de l'enseignement laïque, où une élite compacte, masculine et féminine, réagit avec une admirable vaillance contre les influences officielles et dominantes. Les journées universitaires ca-

tholiques formées par des laïques sont, chaque année, une manifestation émouvante de l'activité religieuse de cette élite croyante et apostolique.

De toutes manières, le plus décisif des apostolats, par l'intrînement qu'il détermine, en faveur de l'Église, dans le monde des idées et des influences dirigeantes, c'est l'apostolat intellectuel.

Seconde partie

En France, la jeunesse intellectuelle nous donne actuellement un magnifique exemple de ce que peut et doit être le rôle religieux des élites, même dans les milieux les plus profanes et les plus exposés à la contagion du laïcisme.

Le premier fait à retenir est le mouvement religieux dans la jeunesse des grandes Écoles de l'État, notamment dans les grandes Écoles d'ingénieurs, et, plus spécialement encore, à l'École polytechnique, la plus célèbre de toutes.

Longtemps, ce milieu intellectuel fut particulièrement réfractaire aux idées religieuses et aux influences catholiques. Lors de la Révolution de 1830, qui fut encore plus antireligieuse qu'antilégitimiste, ce furent les polytechniciens qui prirent la tête de l'émeute et fournirent les ouvriers révolutionnaires par lesquels furent dressés les barricades de juillet. Pendant les générations qui suivirent, les familles chrétiennes regardèrent l'École polytechnique comme un milieu dangereux où elles redoutaient de voir leurs fils se diriger, par crainte du péril de perdre la foi dans l'ambiance libre penseuse de l'École. Après 1850, lorsque la liberté de l'enseignement permit aux établissements catholiques de faire pénétrer leur élèves à l'École polytechnique et dans les écoles similaires, les polytechniciens formés par les Jésuites de la rue des Postes durent, d'abord, braver la "mise en quarantaine" que leur infligèrent leurs camarades comme signe d'hostilité à leurs convictions et à leurs habitudes religieuses. Au bout de peu d'années, la "quarantaine" tomba en désuétude et le barrage fut franchi. Mais, jusqu'aux premières décades du vingtième siècle,

l'esprit dominant à l'École polytechnique fut celui d'un assez grand scepticisme religieux, au milieu duquel la religion des croyants se sentait plutôt subie et tolérée que considérée avec respect et faveur. On pourrait donc croire qu'à l'heure présente, les influences de l'enseignement public à tous degrés, s'exerçant, au degré que chacun saint, à l'avantage du laïcisme, l'incrédulité s'affirmerait, à l'École polytechnique et dans les autres écoles de l'État français avec une puissance et une pénétration plus étendues, plus virulentes, qu'à aucune autre époque du passé. Néanmoins, le fait incontestable et incontesté est que nous sommes aujourd'hui les témoins d'un phénomène moral exactement contraire.

Chaque année, au dimanche des Rameaux, la Messe de communion pascale des Élèves et Anciens Élèves de l'École polytechnique, en l'église Saint-Étienne-du-Mont, est l'un des événements religieux les plus grandioses de la vie chrétienne dans notre capitale. Une forte majorité des Élèves actuels de la grande École participe à ce accomplissement public du plus grand devoir de l'observance catholique. Si l'on déduit, de la minorité qui s'abstient, les élèves qui appartiennent au culte protestant ou au culte israélite, la prépondérance des croyants et des pratiquants apparaîtra, plus éclatante et plus considérable encore parmi les enfants de la sainte Église catholique. La feuille de convocation à la Messe de communion pascale est signée de plusieurs centaines de noms : ceux de beaucoup d'Élèves actuels de l'École et ceux d'un plus grand nombre encore d'Anciens Élèves, appartenant à toutes les promotions antérieures et voulant s'associer par l'exemple à l'acte de foi de leurs jeunes camarades. Parmi les signataires, on compte ainsi de grands industriels, des professeurs de renom, des membres de l'Institut, notamment de l'Académie des sciences, des officiers généraux, des maréchaux de France. Est-il besoin d'insister sur la portée morale d'une telle manifestation religieuse ?

Néanmoins, la communion pascale, qui est le grand devoir universel et obligatoire, n'est lui-même qu'un *minimum* pour la piété ardente des élites chrétiennes. Outre la majorité d'entre les polytechniciens qui participe à la communion pascale, il faut tenir

compte de la phalange compacte d'élèves de la même École qui participent à des réunions mensuelles ou hebdomadaires de prière, de communion eucharistique, d'instruction religieuse, de zèle et de charité. C'est également une phalange compacte de polytechniciens qui prend part, annuellement, à l'Adoration nocturne du Saint-Sacrement dans la basilique du Sacré-Coeur de Montmartre. Sortis de l'École polytechnique, et devenus officiers ou ingénieurs, les plus fervents catholiques de ce milieu d'élite continuent d'appartenir à des associations de piété chrétienne, dont le règlement a certains actes réguliers de prière, de sacrifice, de charité, d'apostolat, pour perpétuer respectivement dans leur nouvelles conditions d'existence les habitudes religieuses contractées par eux à l'École. Chaque année, une journée de pieuse récollection rassemble un grand nombre d'entre eux, venus de toutes les parties de la France. Voilà ce qui existe présentement à l'École polytechnique, et, proportion gardée, à chacune des autres grandes Écoles de l'État, surtout aux diverses Écoles nationales d'ingénieurs.

De bonne foi, peut-on mettre en doute que pareil fait tra-
duise un magnifique mouvement de renaissance chrétienne dans
les élites de la jeunesse, dans les élites de l'intelligence?

Autre phénomène à rapprocher du précédent. L'année der-
nière, le journal *Le Figaro* institua une enquête à laquelle chacun
de ceux-ci envoya une réponse expresse et motivée. La question
posée était celle-ci: "Existe-t-il, à votre avis, incompatibilité en-
tre le progrès scientifique et le sentiment religieux?" Sous le
nom de "sentiment religieux", chacun comprit que l'on voulait
désigner les croyances chrétiennes et catholiques. Il est bon de ne
pas oublier, d'autre part, que le dogme fondamental de la pro-
pagande lanque et anticléricale dans le personnel primaire de l'Éco-
le publique, de l'École d'État, est précisément, chez nous, l'incom-
patibilité certaine et notoire entre les vieilles croyances démodées
du christianisme et du catholicisme et la religion des temps nou-
veaux, celle du progrès scientifique, celle de la Science moderne,
déesse de l'avenir qui doit supplanter tous les dieux du passé.

Qu'allait donc, sur une telle question, répondre aux enquêteurs l'Académie des sciences ?

D'abord, pas un seul académicien, pas un seul, ne répondit qu'il existât, à son avis, une incompatibilité réelle entre le progrès scientifique et le sentiment religieux. Même les quelques membres de l'Académie des Sciences qui, comme M. Tainlé, appartiennent aux milieux politiques les plus contraires au catholicisme, s'abstinrent positivement et prudemment d'opposer la science elle-même à la religion elle-même. Ils se contentèrent d'une affirmation circonspecte contre laquelle encore objection ne peut, sérieusement, être formulée par personne : "Il y a parfois opposition entre la science et les assertions de certains hommes religieux". Qui pourra en disconvenir et quelle conclusion pourra-t-on déduire d'une observation aussi banale ? D'autant que les hommes antireligieux sont aussi capables que les hommes religieux de parler dans un sens peu conforme aux exigences du progrès scientifique. En conséquence, voilà une observation qui n'a rien de trop inquiétant pour la vérité chrétienne...

Mais si aucun membre de l'Académie des sciences ne prétendit qu'une incompatibilité quelconque existât entre la science et la religion, presque tous déclarèrent formellement que pareille incompatibilité prétendue était irréelle et impossible, la science et la religion constituant deux domaines nettement différenciés de la connaissance humaine, entre lesquels une contradiction ne serait concevable que par une méprise sur l'objet respectif des affirmations de la science et de celles de la religion. Enfin, plusieurs hommes de science, comme M. Fermier, qui sont en même temps des philosophes chrétiens, marquèrent, en termes positifs, l'harmonie et la synthèse de la vérité divine et de la vérité humaine, de la vérité religieuse et de la vérité scientifique.

Quel coup de massue pour l'anticléricalisme officiel et primaire ! Quel témoignage écrasant de l'état d'esprit des élites intellectuelles du temps présent ! Et cependant, l'Académie des sciences est composée tout entière de personnalités parvenues déjà, dans les carrières scientifiques, à de hautes situations qui suppo-

sent un âge déjà mûr. L'influence de la jeune génération intellectuelle des milieux scientifiques, génération dont nous venons de décrire l'intensité de vie religieuse, — ne peut encore se faire sentir que très légèrement dans l'Académie des sciences. Cette observation permet de mesurer mieux encore l'importance du chemin déjà parcouru, dans toutes les élites intellectuelles, par la vérité qui délivre.

Un autre fait contemporain dont il faut tenir compte, dans le même ordre d'idées, est le succès de nos Semaines des Écrivains catholiques, réunies annuellement à Paris depuis 1921.

Sans prétendre qu'on y rencontre, à beaucoup près, toutes les notabilités de la littérature française d'aujourd'hui, le fait incontestable est qu'elles rassemblent un contingent fort appréciable de publicistes, d'hommes de lettres, de professeurs, constituant une fort belle élite intellectuelle et comprenant un certain nombre de personnalités littéraires qui jouissent d'une assez grande notoriété. Or, il est remarquable que cette élite ne se contente nullement d'un christianisme purement esthétique et sentimental, comme celui des générations du romantisme, mais qu'elle professe purement, simplement et totalement, dans la croyance, dans la pratique et dans la vie, le christianisme catholique, apostolique et romain. Cela encore constitue sans conteste l'un des signes victorieux du temps où nous vivons.

La scène la plus caractéristique, à cet égard, fut la séance du lundi de la Pentecôte de l'année 1921, où l'on étudiait précisément *la vie spirituelle de l'écrivain catholique*. Or, les choses que recommandait le rapporteur et auxquelles adhéraient les divers orateurs qui intervinrent dans la discussion n'étaient autres que l'oraison mentale, la communion fréquente, la retraite fermée. Était-ce donc une assemblée de congréganistes, réunie dans un but spécial de piété? — Mais non : c'était une assemblée chrétienne composée d'hommes et de femmes du monde littéraire, du monde professoral, parlant librement de pratiques spirituelles qui étaient manifestement observées par le plus grand nombre des assistants et qui étaient regardées par les autres comme des choses connues, comprises et respectées dans leur milieu social et intellectuel.

Pareil spectacle aurait été inimaginable, à Paris, en de telles conditions, il y a cent ans, il y a cinquante ans, il y a trente ans y a même dix ans. Et voilà qui mesure l'ampleur du mouvement grandissant de renaissance et de conquête religieuse dans la jeunesse intellectuelle, dans les élites intellectuelles, en cette troisième décade de notre vingtième siècle.

On pourrait compléter le même tableau par quelques détails concernant le mouvement catholique dans celui de tous les milieux intellectuels de la France contemporaine où l'on semblerait pouvoir le moins l'attendre : le personnel de l'enseignement officiel et laïque, primaire, secondaire et supérieur, masculin et féminin. Dans cette corporation, laïque entre toutes, dans les écoles normales qui représentent la citadelle du laïcisme, une minorité compacte et courageuse résiste avec ténacité aux influences dominantes, étudie la doctrine chrétienne, fréquente les sacrements, s'adonne aux pratiques les plus excellentes de la piété, de la charité, du zèle, pour garder en soi-même et répandre discrètement autour de soi la flamme sacrée de l'Évangile. Beaucoup de membres de cette minorité d'élite offrent chaque jour leurs prières et leurs oeuvres saintes pour les victoires spirituelles de l'Église et la conversion de l'Université.

Voilà le fait. Dans l'un des grands pays contemporains où fut accompli l'effort le plus puissant et le plus formidable pour la laïcisation des intelligences, le catholicisme est en train de remporter des succès décisifs chez les meilleurs, les plus intelligents, les plus instruits, dans l'élite morale, sociale et spirituelle de la jeunesse, dans tous les milieux intellectuels et cultivés. La grande élite est avec nous.

Deux causes paraissent expliquer cette attirance de l'Église catholique sur les jeunes élites de notre temps. L'Église est sainte. L'Église est maîtresse de certitude.

L'Église est sainte. Elle donne satisfaction à ceux qui aspirent à une vie intérieure plus profonde, à une pureté morale plus entière, à une activité spirituelle plus généreuse.

L'Église est maîtresse de certitude. Elle donne satisfaction à ceux qui cherchent une vérité objective et transcendante au mi-

lieu de l'anarchie des doctrines et des systèmes, à ceux qui veulent retrouver les bases solides de la morale, de la conscience, de la famille, de la vie sociale, de la vie nationale et de la vie internationale.

L'oeuvre merveilleuse de la grâce est que l'élite intellectuelle de la jeunesse contemporaine éprouve ce besoin de sainteté, a besoin de certitude, et qu'elle y trouve la réponse surabondante dans la fécondité spirituelle de l'Églisc et dans le rayonnement doctrinal du catholicisme.

Vive Dieu ! Les signes d'espérance se dessinent dans les astres. Le ciel étoilé guide notre navigation laborieuse vers le port du salut. Comme dans vos belles nuits brésiliennes, au milieu des magnificences de votre ciel austral, je vois resplendir la Croix du sud !



M E R C I !

Discurso do Dr. Antonio Bernardo V. de Queiroz,

para agradecer a Conferencia do R. P. Yves de la Brière no fim da sessão
do C. C. E. M. A. no Gabinete Português de Leitura.

AOS 21 - IX - 1926



MERCI!

La voix du maître s'es tue. L'assemblée, recueillie en elle même, vibre encore d'enthousiasme et d'émotion. Au fond des esprits rétentissent encore ces accents revêtus d'une éloquence si exquise et si raffinée, ces accents doublement impressionnants parce qu'ils sont pleins de science et parce qu'ils sont pleins de foi.

Et je ne sais que trop que ce n'est pas le moment, pour un autre orateur, de venir risquer les dangereux hasards de ce contraste. Mais, Messieurs, je ne suis pas ici pour m'attirer des sympathies ou des applaudissements. Si je m'enhardis à lever ma voix au sein de cet auditoire, aussi distingué qu'étranger pour moi, au risque d'être écouté avec indifférence, voire même avec ennui, c'est que j'ai quelques mots, très brefs d'ailleurs, à dire au Révérend Père de la Brière, et ces quelques mots, de respect et de reconnaissance, je tiens cordialement à les lui adresser parce qu'ils traduisent un sentiment qui est celui de beaucoup d'autres que moi.

Ce sera peut-être en me plaçant dans un ordre d'idées plus étroit que celui pratiqué naguère, mais ce sera certainement plus affectif, et je ne pense pas que, dans un mouvement comme celui que personnifie l'illustre visiteur, mouvement de rappro-

chement, d'entente, de conciliation, il faille bannir le coeur, il faille considérer comme déplacé le sentiment.

Ainsi donc, on a jusqu' à présent considéré l'internationaliste profond, le scientiste remarquable, l'ornement de la chaire et du barreau—non du barreau où se tracassent les intérêts individuels, mais du barreau d'un rang plus élevé, où s'agitent les problèmes des peuples et de l'humanité.

Oui, c'est sous ce jour qu'on a regardé le Père de la Brière. Je vais, moi, le saluer en tant que missionnaire, et en tant qu'ami du Brésil.

Ce seul mot de missionnaire nous rappelle déjà cette vénérable société religieuse des Jésuites, dont la puissance formatrice a donné essor à ces lutes tenaces, dans lesquelles on ne sait ce qu'il faut admirer le plus, de leur culture, de leur courage, où de leur abnégation, et qui partaient, oublieux d'eux mêmes, pour aller aux extrémités du monde connu, se faire les hérauts de la bonne nouvelle.

Ce seul nom de missionnaire évoque déjà, pour nous, brésiliens, les bienfaits innombrables qu'apporta au développement de notre nationalité, depuis les premiers stades de notre histoire, le concours de ces soldats de la foi, de ces combattants pour la bonne cause, qu' en ce temps là on nommait : "*os Santos Padres*".

Et je ne me paie pas de mots. Ce furent des services précieux, positifs, dont foisonnent les livres d'histoire; et il suffit de mentionner la catéchèse des sauvages, pour suggérer, d'un seul trait, tout ce que la mémoire retient dans l'ensemble de ces inestimables bienfaits.

Car vous savez tous comment se constituèrent les premiers noyaux de population chez nous. Les explorateurs parcoururent les côtes, les rêves d'or et les naufrages semant çà et là des habitants isolés; des expéditions furent envoyées, qui marquaient les emplacements et établissaient des forteresses; puis, ce fut le tour des *donataireries*, assai couronné ici de succès, échoué là au milieu de tragiques mésaventures. Et quand tout cela eut passé, quelques centres peuplés jalonnaient de ci de là les côtes interminables, des centres où la vie coulait dans une continuelle alarme,

pressés qu'ils étaient entre un énigme et un danger, entre la mer et la forêt pleine de terreurs et de menaces. Là le colon lutait indéfiniment et sans espoir de mieux, parce que l'imminence des ravages le hantait, la menace des razzia, des invasions, des vengeances de l'indigène.

Mais pourquoi cet état de choses?

C'est qu'il y avait d'un côté une race qui voulait dominer de force; de l'autre une race qui ne voulait pas se laisser faire. Le conquérant, soldat et aventurier surtout, ne savait d'autre moyen de résoudre ses difficultés que l'épée, et insistait à réduire l'indigène en captivité; l'indigène habitué à ses bois et à sa liberté, acceptait tous les sacrifices plutôt que d'y renoncer; et combattait, combattait toujours, reculant quelquefois dans l'intérieur du pays, mais, pour revenir aussitôt, plus nombreux et plus féroce, et pour réaffirmer sa résistance dans ces déprédations formidables qui repandaient parmi les colons l'effroi et le désordre. C'était comme une protestation inconsciente contre la violation d'une loi que la philosophie de l'histoire a dégagée des faits: que l'expulsion d'un peuple par un autre est partout l'exception, et que l'absorption mutuelle est la règle.

Alors le missionnaire vint: la situation s'éclaircit. Il fut le trait d'union entre ces deux partenaires qui se digladiaient inutilement, et de ce fait la conquête devint paisible, la colonisation fit un bond, et notre avancement prit de suite une allure que rien n'autorisait jusqu'alors à espérer. Et la catéchèse déploya ses ressources, s'élargit, prit des aspects nouveaux d'après l'urgence des circonstances, depuis les dévouements héroïques, lors de la confédération des Tamoyos, jusqu'à la forme plus normale de ces fondations régulières, indiscutables foyers de culture, qui s'irradiait aux alentours comme des faisceaux de lumière perçant d'épaisses ténèbres.

Eh bien, Messieurs, le visiteur illustre dont le passage parmi nous va laisser quelque chose comme la trainée d'un astre sur le ciel de l'intellectualité de Bahia, appartient à la respectable société dont je vous entretenais tout à l'heure. Rien que de ce fait,

le nom lui conviendrait de missionnaire, car, vous le savez, cette société a tenu toujours, dès son origine, à renouveler dans les temps modernes les actes des anciens apôtres; et l'on ne sait même pas le quel est plus juste de dire: si Saint François Xavier a été l'Apôtre des Indes, si Saint Paul a été le missionnaire des payens.

Mais ce nom il le mérite par des droits plus directs et plus réels.

Nous parlons souvent d'Anchieta: nous révérons en lui un missionnaire parce qu'il se fit un devoir de rapprocher deux peuples. Eh bien, le Père de la Brière a une tâche plus généreuse, plus grandiose. Au nom du principe de la fraternité universelle, apôtre de la concorde, il poursuit ce but plus large de la conciliation de tous les peuples de la Terre.

C'est donc tout ce qu'il y a de noble comme missionnaire.

Pour l'autre affirmation de ma phrase initiale, c'est à dire que le R. P. de la Brière est l'ami du Brésil, c'est une conviction qui découle naturellement des idées développées tout au long de ses conférences. Pour moi, qui les ai écoutées d'abord à peine avec intérêt'étant donné la renommée de l'orateur, cet intérêt s'est graduellement changé en un profond ravissement, car il a eu des mots qu'on dirait un vrai hymne modulé en l'honneur du Brésil, et qui tombaient comme une rosée rafraîchissante sur mon âme de patriote, tant de fois meurtrie par de navrantes constatations.

Cependant, dira-t-on peut-être, le Père de la Brière est l'homme du droit, l'esprit même de justice, et ses concepts sur le Brésil viennent plutôt de sa solide connaissance des choses et des faits que d'une véritable amitié pour notre pays. Argument d'ingratitude que celui-là. Pour ma part, je ne ferai pas à notre hôte l'injustice de dire qu'il a tissé des louanges sans fondement et débité des flatteries banales. Non, il a dit sa pensée, du haut d'une sincérité, d'une franchise, d'une sérénité qui ne font qu'agrandir notre admiration pour lui. Aussi, ce n'est pas pour avoir dit ces mots, pour avoir prononcé ces vérités qu'il s'est fait, à mon avis, un droit à notre reconnaissance. Mais, en les

disant, il laisse nettement comprendre qu'il a tourné son attention vers le Brésil, qu'il s'intéresse à ses problèmes, qu'il l'a jugé digne de ses élucubrations, et qu'il a daigné l'étudier dans ses moeurs, dans ses penchants, dans son évolution politique et historique, dans ses aspirations et dans son avenir. Et tandis qu'en Europe un nombre considérable de scientifiques ne savent même pas où commence et où finit le Brésil, jusqu'à le confondre, dans leur géographie et leur littérature, avec l'Argentine, par exemple, le Père de la Brière est à même de discourir, et il le fait brillamment comme nous l'avons entendu, sur nos origines et sur nos destinées, sur les gestes de nos relations extérieures et sur les faits les plus intimes de notre politique nationale.

Il est donc l'ami du Brésil; car c'est d'amis ainsi faits que nous avons besoin; et un seul mot du Père de la Brière, au sein d'une de ces assemblées internationales où ses mérites lui font une place, aura fait pour notre avancement plus que l'action du plus efficient négociateur d'emprunts auprès des capitalistes d'Angleterre ou de l'Amérique du Nord.

Je salue le Révérend Père de la Brière en tant que missionnaire et en tant qu'ami du Brésil.

Protestos e Silencio

DISCURSO DO DOUTORANDO

Octacilio de Carvalho,

lido por seu auctor, na sessão commemo-
rativa do 1º Decennio do C. C. E. M. A.

26 de Outubro de 1927



Protestos e Silencio

Affirma-se por ali fóra que o brasileiro é naturalmente discursador. Sente-se bem ao contacto da multidão e não se dispensa do goso intimo que lhe dão as palmas e os applausos. Ha quem queira vêr ao lado dessa vaidade talvez justificavel, o traço vivo de intellectualidade natural da nossa gente. Mas a observação fica: o brasileiro é discursador... E já se falou até na regulamentação dos discursos parlamentares para que dest'arte se combatesse o natural desperdicio oratorio... Quero com essas breves palavras justificar a presença minha nesta tribuna. Além de ser brasileiro, o cargo que os meus compa-nheiros me emprestaram, não me dispensa desse prazer espirital do contacto sempre feliz para mim com a intellectualidade e com o meio social da minha terra.

O Circulo de Estudos faz hoje dez annos de fundado. Ha dez annos vem combatendo em prol da intellectualidade moça das nossas academias. Quer congrega-la numa só força para um ideal seguro e nobre. Quer ser uma pequena parcella de garantia do nosso futuro. E' uma sociedade de moços que estudam, pensam, lutam e têm fé. E' um nucleo que almeja ser influente e poderoso nas lutas intellectuaes e moraes, contra os odios que neste momento se levantam contra todas as nacionalidades, ameaçando-as com o terror da dissolução completa, com o exterminio da paz

social, com o esmagamento das consciências, com o dominio da anarchia.

E' de ha pouco, senhores, a execução tão discutida, cercada de tantos e tão varios commentarios, de três anarchistas, de três communistas que levantaram de todos os continentes, de todos os paizes, gritos de protesto e de revolta contra a barbaridade da pena de morte, incompativel, diziam, com os nossos tempos, com a nossa civilização, com a nossa sensibilidade de modernos.

Ainda agora continuam por toda parte as manifestações de descontentamento, externadas pelas greves interminaveis, pelas greves abusivas a cada passo repetidas, contra tudo que é acto de repressão, contra tudo que é acto de supremacia ainda que seja de justiça e de direito.

Não é seguido o conceito de Spinoza: "Não devemos chorar nem rir em face dos factos humanos; devemos comprehendel-os". Mas não fazemos assim. Somos levados de envolta com a multidão que grita, e gritamos tambem. Protestamos sem saber porque o fazemos. E muita vez, quando sôa a hora em que deviamos apparecer, trememos de mêdo — é a expressão — trememos de covardia, sem iniciativa, á espera de que a dianteira seja tomada por outros.

Quereis um exemplo? Voltae as vossas vistas para a Russia actual. Depois, vêde o Mexico!

Sabeis perfeitamente o que se está passando no colosso europeu. Lá, impera o bolchevismo, o communismo, definido por Jules Renault como *uma forma especial do odio contra toda superioridade*.

"Todas os poderes humanos devem desaparecer... O Christianismo na sua verdadeira significação *destrôe o estado*" foi o grito de Tolstoi.

E' o que se ensina na Russia, onde os escolares longe de se submeterem a regulamentos, ditam-nos aos mestres, e onde as creancinhas são separadas do collo materno para que nellas não se desenvolvam os sentimentos affectivos que podem prejudicar o ideal Sovietico.

Nas escolas, nada de delicadeza de sentimentos, nada de formação de consciencia! Para longe essas velharias enferrujadas! Patria e a familia? São os nossos interesses materiaes...

Madame Lenine, propagandista exaltada dessas idéas, creveu que o unico fim da escola é *formar homens preparados em theoria e em pratica para toda especie de trabalho physico ou intellectual*, como se isso fosse possivel. Ahi está toda a tactica: de facto, um paiz formado de homens capazes de qualquer trabalho physico ou intellectual seria um paz formidavel! Cada homem seria capaz, ao mesmo tempo, de desempenhar com habili-dade e intelligencia todas as profissões: Seria medico, engenheiro, bacharel, agricultor, soldado, pharmaceutico, professor, commerciante, tudo enfim! E qualquer rapaz de 16 annos pode mesmo sem nenhuma instrucção preliminar matricular-se em qualquer universidade russa. Nada mais commodo e promettedor. E tudo ás custas do estado e para todos! Ricos e pobres se confundiriam. E todos os officios seriam aprendidos. O mesmo individuo manejaria todas as machinas, e, diz Ferrer, teria pelo exercicio das mãos sobre a madeira, a pedra, os metaes, o ensino que fala ao cerebro e o ajuda a desenvolver-se".

A estas ideas sedutoras acompanham outras ainda mais suggestivas: a *rotação dos empregos*. Em dado momento os empregados iriam substituir os patrões occupando bellas e macias poltronas e estes passariam pacatamente a occupar o logar de dirigidos até o tempo em que as posições fossem novamente trocadas. Este é certamente um dos mais interessantes aspectos da revolução russa, indiscutivelmente preparada com intelligencia e sagacidade.

"Era preciso fazer da vida um templo onde o homem, livre do enfraquecimento resultante do auxilio divino (sic), forte, corajoso, confiante, altivo, trabalhasse, proclamando, para sempre, a derrota de Deus". (Lunat Charsky).

Na Russia moderna, dezenas de milhares de execuções são effectuadas nos nossos dias sem que appareça um só protesto! Fuzilam-se os catholicos como se fossem cães leprosos. Todos os portadores de doenças infecciosas são tambem por lei execu-

tados. Fuzilam-se familias inteiras que se rebellam contra as misérias do amor livre obrigatorio. Essa situação horrivel foi bem photographada por Maximo Gorki quando affirmou que na Russia se substituiu a autocracia dos canalhas pela autocracia dos selvagens. Mas era esse o desejo de Lenine que em cem bolshvistas entendia que um apenas o fosse por convicção, sessenta porque imbecis e trinta e nove porque sclerados.

E quantas greves já se fizeram no mundo inteiro contra os milhares de fuzilamentos de catholicos na Russia? Quantas manifestações de protesto? Uma só: a que partiu de Roma.

Mas deixemos a Russia, senhores, com os seus crimes e misérias e mais rapidamente olhemos o Mexico ensanguentado. Os caprichos politicos de um homem fizeram saltar a cabeça a centenas de catholicos Sempre a perseguição aos catholicos! Sempre o catholicismo victorioso! Mas si na Russia não houve uma contra-revolução, o Mexico teve-a. A das mulheres.

Eis como Jorge Gram descreve a recepção que tiveram da parte do exercito, as mulheres que em numero de cinco mil foram á praça publica lançar o seu protesto.

Chega o exercito.

Com grande apparato prepara os fuzis. As mulheres não retrocedem, não vacillam e deante dos esquadrões de cavallaria seguem avançando; algumas abrem os braços em cruz para esperar as balas. Uma descarga de fuzilaria... Um grito de espanto da heroica multidão. Revolve-se... Agita-se... Retrocede... porém alguns metros atraz o valoroso nucleo se refaz, volta e avança contra os soldados com maior brio e decisão."

Estas scenas são de agora, são de 1927! E ainda continuam lá os fuzilamentos repetidos. E ninguem protesta! Agora mesmo, um dos ultimos numeros de *La Croix* informa que uma senhorita catholica mexicana foi barbaramente fuzilada depois de crucificada em praça publica.

O Mexico e a Russia, para maior gloria e alevantamento do communismo, podem fuzilar á larga, ás dezenas, aos milhares!

E quem tomou a dianteira no protesto? Qual a nação, qual

o partido que se moveu no interesse dos esmagados pelos despotas?

E os executados não foram três, mas centenas e milhares.

E agora está o mundo inteiro agitado em greves successivas e intolerantes porque a justiça americana executou tres communistas, tres anarchistas declarados!

A carencia de fé religiosa, e a falta de uma finalidade moral, diz Ronald de Carvalho, privaram o homem moderno dessa logica da vida que fez a belleza do hellenismo, e foi a razão de ser da civilisação christã.

Tudo marcha para a realização daquella prophesia de Thiers quando affirmou que de futuro teremos no mundo apenas dois partidos em lucta: o da ordem e o da desordem. "A' frente do partido da ordem estará o catholicismo e se eu vivo fôr nesse tempop, dizia Keller, estarei a elle filiado".

A luta já começa e será do mais forte a victoria final.

Os psychologos modernos já anotaram a accentuada influencia do catholicismo sobre a juventude, sobretudo sobre a juventude intellectual. Esta observação dá-nos mais alento e esperanza da victoria desejada.

Entre tantos soldados denodados na defesa do partido catholico do mundo inteiro peço licença para destacar o nome de Renato Capistran Gorza, presidente da Associação Catholica da Juventude Mexicana, o heroico revoltado contra o presidente Calles.

E' um exemplo salutar para os moços do Brasil. Precisamos de engrossar as nossas fileiras e para isso queremos adhesões. Queremos o apoio da élite intellectual, que cêdo ou tarde dirigirá os nossos destinos. Conquistada a intellectualidade moça, o resto virá facilmente, fatalmente.

Ha dez annos vem o Circulo combatendo a bom combate. Nesta primeira decada já fez alguma cousa pela causa abraçada: muito pouco porém em comparação do que fará daqui para o futuro, um pouco mais experimentado e por isso mesmo, menos vacillante.

A estrada está preparada. Já não vemos, nas nossas Faculdades, assomar aos lábios dos nossos collegas o risinho sardonico com que nós, os catholicos, eramos dantes recebidos. Mudou a intellectualidade em via de catholicização, e o nosso titulo recommenda-nos e nos distingue.

Formemos pois um grupo numeroso e forte que saiba lutar e soffrer, se preciso fôr, auxiliando em tudo a funcção da autoridade, tanta vez injustificada pelo espirito de revolta, em tantas nações pouco a pouco preparado pelas idéas communistas, e provemos ao mundo que Tolstoi errou ao affirmar que o Christianismo destróe o Estado; e que o Estado mais forte, mais progressista, mais unido, mais ordeiro é sem duvida o que tiver o seu traçado de vida identificado com a vida que o christianismo nos traça.

OCTACILIO LOPES.

Bahia, 26—8—927.

BOLCHEVISMOS

DISCURSO PROFERIDO PELO

Doutorando Chales de Azevedo

na sessão commemorativa do 1º Decennio do
C. C. E. M. A. em 26—VIII—1926.



Bolchevismos

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Na opinião dos entendidos em materia de sociologia, o Brasil só tem um problema: — o da educação. Problema que, apesar da sua importancia parecerá talvez de solução facil; e contudo é cada dia mais urgente, é cada momento mais serio e reclama attenção mais cuidadosa dos nossos dirigentes.

A grande agitação moderna repousa indubitavelmente na base da educação popular. Não ha prisma atravez do qual queiramos ver o mundo hodierno, que não nos mostre em tudo correlações com a cultura, com a orientação, com o espirito do povo; muito embora, em innumerous casos, seja a ausencia desses elementos justamente a nota predominante, característica. E se não nos deixamos enganar ou illudir pelas apparencias, no nosso paiz o que ha para lamentar é exactamente a falta de educação popular. As nossas massas são o que ha de mais amorpho em materia de opinião; um inquerito no particular mostraria quanto somos sem convicções, sem directriz certa e determinada, sem meta prefixa. Resolvemo-nos sempre segundo a exigencia do momento; seguimos pelo caminho que, no instante, nos acena com mais

attractivos; conduzimo-nos para onde a conveniencia de cada circumstancia nos convida ou impelle. Falta-nos a consciencia de nós mesmos em politica, em moral, em civismo; não ha, por enquanto, definida em nosso intellecto, gravada em nossos gestos, a distinguir-nos como povo á parte no concerto das nações, uma verdadeira e nitida consciencia nacional. Somos, como dizia Julio Maria, homens sem marca...

É nessa malleabilidade reside o maximo de nossos problemas porquanto nella assentam todos os demais que acaso nos preoccupem.

Se attentarmos na maneira por que nos deixamos influenciar por tudo quanto engendra de pernicioso, fóra de nossos limites territoriaes e raciaes, a humana maldade, havemos de passar da permeabilidade extraordinaria de nosso espirito. De maneira alguma estamos aptos a defender-nos contra a invasão das modernas idéas anarchicas, que andam a querer tornar, numa ruina só, a terra inteira com todas as suas instituições.

Mesmo superficial, uma analyse dos ultimos acontecimentos politicos brasileiros permite ver quanto já nos temos deixado seduzir por esse fogo fatuo de uma liberdade tão malentendida quanto funesta a um povo quasi incapaz de "selfgovernment", usando da expressão dos americanos. A illusão de que o revolucionarismo é a salvação do paiz já vae conseguindo plantar na vibrante alma de nosso povo a triste convicção de que nenhum outro meio é capaz de transformar habitos e propositos em materia de administração publica. E o resultado disso é essa instabilidade e insegurança, em que temos vivido no oito annos passados, comprimidos de um lado pelo ardor combativo, de outro pela defesa armada do Estado, numa situação creada pelo proprio povo na esperança de um proveito, e transformada num objecto de supplicio para o mesmo. E aí de nós, se draconianos, pirrhonicos, intrataveis ou mesmo brandos e amaveis os nossos governos houvessem cedido sequer um passo á insistencia desesperada desses illudidos reformadores de espada e de improperios.

Estudando a inquietação que vae nestes dias pelo Oriente,

conclue Guglielmo Ferrero que a situação se explica pela illegitimidade da maioria dos governos asiaticos.

“Ha ainda, affirma elle, na Europa, na Africa, na America, um certo numero de governos, cuja legitimidade não é seriamente contestada.” “Na enorme perturbação do mundo, varrido por vinte annos de revolução e de guerras, elles formam como que uma pequena elite feliz, unica admittida a gozar dos dous bens supremos da vida: a ordem e a liberdade”.

Mas inda que nos possamos incluir nesse numero de nações ditosas, mister se faz que nos não enganemos e nos supponhamos indemnes dos perigos, que pairam negrões e ameaçadores sobre o mundo inteiro. Aquella inconsistencia da nossa opinião, de que já vos fallei, faz que, mais que em outras partes da propria America, seja aqui grande e lamentavelmente verdadeira a exclamação de Lenine quando dizia que “não são os povos que preparam as revoluções; mas preparam-se os povos para fazel-as”.

E’ preciso que não consideremos por enquanto sedição nada que se relacione com essa momentosa questão do communismo, mormente quando ella nos toca a nós, objecto agora das attentões dos tragicos governantes da Republica Federativa dos Soviets, instrumento da IIIª Internacional do Trabalho. Permitti, pois, que apenas vos mostre um aspecto desse problema talvez desconhecido de muitos aqui,—o da technica bolchevista. Na *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Julho de 1927, um anonymo estuda esse assumpto de um modo extraordinariamente seguro, partindo da seguinte premissa: a technica dos revolucionarios russos é eminentemente *scientifica e militar*.

O primeiro capitulo estudado e que mais interessa hoje ao Brasil é o da preparação ou organização do partido communista. De um modo eschematico, faz-se pelo seguinte processo: *acção sobre as massas*. A—classe operaria. 1.º Educar pela a) imprensa, b) conferencias, c) escolas e cursos de propaganda. 2.º organisal-a desde a juventude; 3.º Tel-a de sobreaviso, a) pela immixção em todos os conflictos do trabalho, b) pelos processos de opinião; 4.º Aguerril-a por manifestações progressivas. B—Classe burgueza; Destruir as influencias burguezas: a) clero,

b) *família*, c) obras burguezas, especialmente de caridade. *Acção sobre o poder*. 1.º Nenhuma participação no poder, mas apoio a toda acção das *esquerdas*; 2.º Em compensação, conquista dos órgãos administrativos, em particular, municipalidades; 3.º Assegurar sua liberdade de acção apoiando-se nas leis burguezas de liberdade de opinião, de imprensa, de reunião e de associação. 4.º Enfraquecer a vontade do poder, conseguindo arrancar-lhe capitulações successivas, em todas as questões operarias, especialmente de greves (não intervenção, amnistia, reintegrações) e habituando-o ás chamadas "manifestações pacíficas". 5.º Enfraquecer o exercito (aumentando a desconfiança entre elle e os governos). Obter sua não intervenção nas perturbações operarias (protesto contra as provocações militares); aniquilar o espirito de iniciativa (acção sobre desengajados, reservistas, mutilados, pensionados).

Eis em traços esquematicos a formidavel technica dos anar-chistas de Moscow. Não vale, senhores, commental-a em si, que já diz bastante da perspicacia e da penetração dos que a traçaram e a querem posta em pratica. Apenas relanceemos o olhar pelo nosso Brasil, procuremos de um golpe apprehender o que nelle se vae passando em sua vida publica, e certo só teremos razões para muito lamentarmos. Desgraçadamente esse tragico programma vae-se, de algum modo, executando em nosso meio sem que bem o percebamos. Basta que vos aponte essa ingrata, essa triste, essa odiosissima tarefa da nossa esquerda parlamentar federal, tomando a si a defesa franca e decidida do communismo, unicamente por espirito de opposição systematica. Não chegamos a convencer-nos que aquelle grupo de agitados brasileiros se capacite do mal que está fazendo á sua terra e á sua gente, por se dar tão cegamente á obra de destruição das nossas proprias instituições, a mais louca empreza que possam commetter. De qualquer maneira, não ha por onde apoiá-los, como applaudil-os, ou lhes dar mão forte. Elles são hoje, infelizmente, instrumentos passivos dos communistas russos, que querem a nossa ruina e a nossa morte, para melhor campearem pelo orbe a sua cavallaria andante de sangue e de lucto.

Elles vêm clara e distinctamente a nefanda empreza a que se dedicaram: ali está por exemplo, á vista sua, a mesma Russia; ali estão o Mexico, a Allemanha, a Asia quasi inteira. Agem com a má fé, com o odio e a renitencia irritantes dos despeitados, dos eternos descontentes, em impetos da mais repugnante falta de senso civico, de responsabilidade publica, de zelo pela conveniencia nacional.

Tivesse o nosso povo a educação que lhe falta e não se deixaria moldar nas suas mãos criminosas, nem mesmo os deixaria subir até onde pudessem de tão alto injurial-o e golpeal-o tão de geito. Evidentemnte, porque se deixa conduzir pelo mais vibrante, pelo mais empolgante, é que soffre o nosso povo affrontas que taes daquelles, a quem cabe defendel-o, a quem compete guardal-o contra tudo que o ameace.

Disse muito bem Miguel Couto que o unico problema do Brasil é a educação popular e foi felicissimo em apontar-nos como paradigma na sua solução o poderoso e respeitado Imperio do Japão. Alli, todas as resoluções, todos os levantes, todos os attentados se têm feito pela educação do povo; não houve mau governador que descesse do poder ao som da fuzilaria, aos gritos da populaça inconsciente, mas tudo se tem conseguido pela cultura, pela instrucção, pelo estudo. Cada japonez que vê ir mal sua patria faz-se um japonez melhor...

E' disso que necessitamos no Brasil. Que os governos se compenetrem do seu papel, se convençam da prudencia dessa politica de educação do povo, e hão de no futuro colher os mais opimos frutos da ordem e da liberdade.

Que todos os brasileiros queiram ser a cada instante melhores que anteriormente, porque só assim teremos reformadas as nossas idéas e os nossos habitos publicos.

A melhor barreira que podemos oppor á onda vermelha da desordem é inilludivelmente a da educação popular. Tambem, dentro de tal programma uma vez mais não nos deixemos illudir pela falacia dos nossos inimigos.

Respeito e acatamento á autoridade, amor á familia e ao trabalho, elevação de ideaes e aspirações, pureza e rectidão de viver,

havemos de encontrá-los dentro do catholicismo; não porém do catholicismo sentimentalista dos modernistas, accomodaticio e facil, vario como cada homem, sem unidade dogmatica, sem disciplina da convicção. E se duvida alguém de que no verdadeiro catholicismo se encerra a maior força contra a marcha deletéria das idéas communistas, basta que lembremos que os profissionaes russos da desordem fazem aberta e impavida profissão de atheismo, como uma das pedras alicerças do seu credo sociologico. Em 1924, num congresso socialista reunido em Paris, houve quem registrasse palavras como estas:

“A familia é uma instituição burgueza inventada pela Igreja. E’ preciso destruil-a. Nenhuma revolução será possível enquanto a familia e o espirito familiar existirem”.

Não precisamos dizer-vos quanto a familia é a base de toda vida christã.

* * *

Quem se opponha, portanto, por acção decidida e corajosa, a essa tremenda ameaça do communismo, não pôde deixar de merecer o apoio sincero, o applauso unanime, entusiasta, encorajador e confortante de todos os brasileiros patriotas, de todos os homens de boa vontade. E’ por isso que só o conhecer a obra do C. C. E. M. A. nesses 10 annos, que tem vivido, é render-lhe o culto da mais decidida admiração. A C. M. A. sente-se orgulhosa de felicitar essa das suas secções, que, vivendo autonoma e por si agindo, em tudo a honra e a dignifica pela magnifica directriz de fé e de trabalho que imprimiu a cada um de seus gestos. Pelo estudo, pela cultura, o C. C. E. M. A. concorrerá e já terá concorrido mais para a grandeza de nossa patria, que toda essa patriotada fatua e balôfa, sem meta, sem fim, sem aspiração. Avante nessa luta titanica pelo bem, firme nas suas convicções catholicas, impavido na consciencia do seu papel. Tudo pelo trabalho, que vencerá um dia; e teremos, sem duvida, justiça e liberdade a consubstanciar em realidade esse fugitivo anseio dos homens todos em busca da felicidade.

Felicitações

DISCURSO DO DOUTORANDO

Octacilio de Carvalho Lopes

lido na sessão do anniversario do R. P. Cabral, promovida conjuntamente pela C. M. A. e pelo C. C. E. M. A.

No 1º de Outubro de 1927



Felicitações

Faz hoje exactamente cinco annos que pelo mesmo motivo eu dirigia ao Padre Luiz Gonzaga Cabral, em palavras singelas e sem côr, pela passagem do seu anniversario, os parabens sinceros daquelle mocidade alegre que formava a Congregação Mariana Academica e o Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica.

Por um acaso feliz para mim, aconteceu que decorrido exactamente um lustro fosse o mesmo o orador que transmittiria ao Mestre queridissimo, as felicitações do Circulo de Estudos. A maior parte talvez daquelles que eu representava em 1922 já aqui não está e contudo é a mesma a mocidade vibrante e estudiosa das nossas academias, que viceja em torno do mestre que carinhosamente lhe aponta o caminho seguro do dever, a meta gloriosa que é mistér galgar.

Grande parte dos nossos companheiros de então espalha hoje por esse immenso Brasil os ensinamentos e a experiencia recebidos aqui, neste recanto modesto da nossa cidade, entre as quatro paredes humildes da nossa saleta de intimas reuniões. Grande parte dos nossos companheiros de então passou; mas a Congregação e o Circulo continuam a receber novos grupos que buscam forças para enfrentar os arripios da vida tumultuosa e inquieta dos tempos presentes.

Em breve esses grupos passarão tambem; mas atraz delles, outros e outros virão, em numero cada vez maior, substituir os que

se despedem da vida universitaria. Ha uma semelhança dessa passagem ininterrupta de grupos successivos pelas fileiras da Congregação e do Circulo, com as aguas mansas do rio que corre sem descanso... Atraz da agua que passa, nova camada de agua vem em marcha, de forma a não perder nunca o rio o mesmo aspecto de enganadora immutabilidade.

Não sei como agradecer aos meus companheiros esta oppor-tunidade de ser o seu interprete neste ultimo anno de camara-dagem feliz, que eu passo no vosso seio, no meio amigo dos meus irmãos de ideal e de luta.

Nesta saudação de parabens, Padre Cabral, vae tambem um pouquinho da saudade que o meu coração começa a experimentar da proxima separação, que prevejo dolorosissima para mim.

Cheguei-me para vós — já lá vão quasi seis annos — an-cioso de verdade, sequioso de ensinamentos e de amizade. E de vós recebi até hoje a minha formação moral e intellectual, e do meu coração jamais se apagará o vinculo forte da vossa paternal amizade que agradeço commovido.

De vós recebi a prova evidente do asserto profundo de um dos vossos irmãos de habito, Rouzic, quando affirmou que a re-ligião tudo santifica e nada destróe, não se oppõe ás affeições na-turaes, antes imprime nellas o sêllo da eternidade.

E assim será, pois assim tem acontecido com tantos e tantos que hoje separados de vós por longes de distancia e de tempo jamais de vós se afastaram pelo coração e pela recorda-ção inapagavel dos grandes, dos immensos ensinamentos, dos in-calculaveis beneficios recebidos.

Padre Cabral, se me fôr feliz a vida, a vós caberá grande parte da minha alegria e das minhas consolações pois me armas-tes para entrar na vida pratica menos temeroso das derrotas e mais confiante na victoria.

Na simplicidade espontanea destas palavras está a sinceridade com que vos fallo.

E o que digo de mim, creio poder generalizá-lo a todos os meus companheiros do Circulo, pois julgo ser um só o nosso sentimento nesse instante.

Talvez, graças a isto, não vos é tão penoso o exílio. Talvez, graças a isso, podereis plenamente contrariar o conceito de Hercúlo quando nos seus versos das “Tristezas do Desterro” diz que em pátria alheia não acha consolo o desterrado nem na oração nem no altar :

“Quando nos luz o sol do céu da pátria,
Embora sobre nós verta a desdita
Torrentes de amargura, ha um consolo :
E’ o altar, é o coração. Ao desterrado
Nem sequer isto resta. O templo alheio
E’ como ermo de Deus; como que param
Nesse craneo de marmore arqueado
Do gigante edificio as tristes preces
Em língua estranha proferidas. Gelidas,
E duras são do pavimento as lageas
Para quem sabe certo não o escutam
Mortos que muito amou; que nesse tecto
Vae bater frouxa uma oração discorde
Entre mil orações’.

Felizmente não é isso verdade para vós. E ao lado da mesma língua, aqui tendes uma outra família que vos rodeia, aqui tendes os vossos filhos espirituaes a quem dedicastes, como se fizessem parte daquelloutra família hoje separada por um atlantico immenso, a mesma inquebrantavel amisade, capaz de suavizar, até certo ponto, as saudades cruciantes da outra pátria e da outra família. Da outra pátria? Sim. Porque esta pátria tambem é vossa. E’ vossa porque é nossa.

Senhores!

Todos vós sabeis que a Bahia tem uma associação de estudos, uma associação intellectual formada de moços academicos. Pois bem, esse “Circulo Catholico de Estudos da Mocidade Academica” fundado e brilhantemente dirigido pelo Padre Cabral, comprehendeu bem, nesse instante que passa, a verdade de Farias Britto :

“De uma cousa poderá estar certo todo aquelle que se mostrar impressionado com a gravidade da situação actual dos espiritos, considerando as incertezas do problema da civilização e a crise por que tem passado o espirito humano, no exercicio de sua função propria e na luta pela realização de suas mais altas aspirações: — é que o momento é de reconstrucção; é que o momento é de revigoração moral; sendo até certo que a epoca de demolição e desmoranamento chegou a seu termo e um ideal novo annuncia as aproximações de sua entrada no mundo”.

E queremos, nós do Circulo, a nossa parte no trabalho de recivilização.

E ninguém negará o auxilio formidavel que representa para a egreja o apostolado leigo intellectual, sobre o qual faz poucos dias discorreu com tanto brilho e erudição o eminente Padre Yves de la Brière na Conferencia realizada sob os auspicios deste mesmo Circulo que tão gloriosamente honrado se sente ainda pela personalidade illustre daquelle professor de Direito Internacional e Jurista Catholico.

E’ essa *élite* intellectual que num futuro pouco remoto ha de dirigir a multidão que ainda hoje se esbate na duvida e na descrença.

Senhores, permitti que eu vos transmitta uma impressão co-lhida nas conferencias que ha pouco realizou entre nós o illustre redactor da revista *Les Etudes* de Paris. E’ que a ella não compareceram os nossos philosophos que mais se apresentam orgulhosos do seu atheismo vaidosamente confessado.

E a minha impressão, não sei se verdadeira, é que elles magnosamente se ausentaram receiosos talvez de que a palavra do grande conferencista podesse de alguma sorte corroer os alicerces das suas annunciadas convicções philosophicas.

Pode ser perfeitamente falsa a impressão, mas fez-me recordar o livro de Lucien Roure, *Un Chrétien*, formado de trechos das notas intimas de um medico bem intencionado, que se impressionou um dia com a velha affirmativa de que está á morte, de que está em agonia o catholicismo, cuja proclamada decadencia era um facto notavel para os sociologos que a annunciavam.

Aquellas palavras prenderam-lhe por largos momentos a attenção curiosa de novidades e elle raciocinou:

— E' interessante; tenho 35 annos e desde que me entendo ouço dizer que está á morte a egreja e ella ainda não morreu! E o seu espirito, creado fora da religião, inteiramente alheio ás coisas de Deus, não poude mais afastar aquella intima interrogação insistente: — morrerá mesmo a Egreja? E a proclamada agenia do catholicismo? Mas não parece... Nunca se falára tanto em religião na França. Livros, revistas, artigos de jornaes, contra e a favor.

Aquella idéa, *catholicismo*, preocupava a todos e elle raciocinava: — Esta longevidade é *desconcertante*; então, uma instituição que ha mais de desenove seculos fôra o centro do pensamento no mundo moderno, e que agora mais do que nunca nos desperta a curiosidade, pode estar a morrer?

Não é possível. E na escola de Medicina o professor de biologia, materialista arraigado, affirmava convicto:

“Senhores, os factos! Não ha senão os factos”. Os sabios só consideram os factos!” E a serie de *factos* transformistas era então apresentada.

Mas na intelligencia daquelle medico bem intencionado, o que permanecia era o facto do catholicismo. E elle atormentado abriu su'alma a um collega notavel pela intelligencia e tambem catholico notavel que lhe respondeu: Tens razão de considerar este facto do ponto de vista biologico. A expressão vida da egreja é corrente e é real. O catholicismo não é uma coisa inerte, não é uma coisa morta. E' sim, como dizem, um organismo vivo.

E o que mais admira é que esse organismo vivo tenha percorrido quasi vinte seculos com a mesma energia e vitalidade sempre crescente, sempre identico a si mesmo embora atravessando epochas em que vicissitudes, crises terriveis abalaram a sociedade.

E pouco a pouco o pensamento daquelle homem voltou-se para a justiça integral do catholicismo consciente, firmado em solidas convicções philosophicas inabalaveis.

Mas os nossos philosophos não consideram os factos.

Como mudar porém essa estranha situação de coisas? Não

vejo motivo para pôr duvidas a que de futuro muitos dos moços que aqui mourejam no convívio íntimo deste "Círculo de Estudos" possam, dedicando-se ao magisterio superior, supprir de alguma sorte a falta, felizmente não muito accentuada no nosso meio, onde alguns cathedráticos se alistaram já no nosso Círculo, de guias seguros da intellectualidade moça, perfeitamente conquistavel para o nosso grupo, que prevejo victorioso e forte.

E a vós, Padre Cabral, caberá integral a palavra das conquistas.

Oxalá que ellas venham para alegria vossa e tambem de todos que por aqui passamos.

Então, gosaremos espalhados por todos os recantos brasileiros, a mesma satisfação da victoria, e virá naturalmente ao nosso espirito o orgulho, perfeitamente justificavel, de termos de alguma sorte concorrido com a nossa parcella para a conquista ambicionada.

São os votos que eu faço de envolta com os parabens sincerissimos dos meus companheiros de Círculo de Estudos, que almejam para a nossa amada Bahia a ventura de, ainda por muitos annos, receber os fulgurantes ensinamentos da vossa palavra sempre esplêndida, que convence e encanta.

Bahia, 1 de Outubro de 1927.

Octacilio de Carvalho Lopes

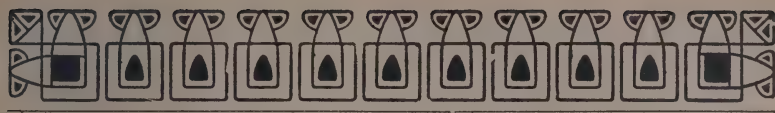
OBRIGADO!

DISCURSO LIDO PELO

Doutorando Thales de Azevedo

Na sessão do C. C. E. M. A. para festejar
o anniversario do R. P. Cabral,

No 1º de Outubro de 1927.



OBRIGADO!

Exmo. e Reverendissimo Senhor Padre Luiz Gonzaga Cabral.

Eu não me sinto bem a gosto, falando-vos, em dia de tantas alegrias, cingido ás exigencias de uma tal solemnidade. E a Congregação Mariana Academica, por quem falo, tem, cuido eu, o mesmo sentir.

Bem desejamos, ella e eu, que muito vos queremos, estar livres das peias da pragmatica, num momento em que a confiança mutua da amizade, que liga filhos e pae, só experimenta satisfação nos conchegos da intimidade.

Não se contenta o homem somente com o que lhe vae na alma. Elle quer ver no corpo, em tudo que o rodeia, o reflexo do que se passa no mais intimo do seu espirito, no mais impenetravel de seu coração. E architecta mil maneiras de se externar, mil modos de transbordar, incontaveis fórmulas de tornar patente o mais recondito de si mesmo.

Cria assim esse ritual magnifico da arte, na musica, na esculptura, na pintura e vae mesmo á liturgia, num anseio eterno de se traduzir em actos e em cousas, que digam com a perfeição relativa que alcançam, aquillo que de outra sorte o reduziria á impossibilidade torturante do Nirvana. E nós, sob a ardencia vivi-

ficante deste sol dos tropicos, menos ainda que quaesquer outros, resistimos a esse apello perenne da natureza, que nos quer ver vibrar com ella em tudo, como não nos achando capazes de sentir sózinhos.

E' uma exigencia da nossa propria essencia que nos faz, humanos, por menos que o desejemos, vincadamente communicativos.

A mocidade, essa então, por pouco que vibre em si um affecto, não consegue nunca trancar-se a sós com as delicias de seu amor: — desdobra-se em gestos, transmuda-se em carinhos, multiplica-se em dadivas, porfiando só em repartir com o exterior a infinidade fecunda do prazer que experimenta.

E' o que faz agora a C. M. A. Do que lhe vae no intimo colectivo nada posso dizer exacto, do que se passa no coração de cada um dos que a compõem, menos ainda direi, porque não acertando dizer por mim, falham-me forças para interpretar o que nenhum me sabe tambem dizer. Quizera que todos que me ouvis podesseis, como o vosso amado Director, perdoar esta incapacidade em achar palavras capazes de dizer mais do que diz esta só: — Parabens! —

Na manhã de hoje viemos trazer-lhe o que nos trouxe elle: — a fé, viva, constructora e intemerata, alicerçada em bases de convicção e de esperanza; viemos com elle receber essa visita magnifica e sublime do Deus verdadeiro, na simplicidade majestosa da Eucharistia. Não sei de presente mais custoso, de mais precioso mimo que lhe podessemos offertar, nem só pelo que vale em si, — o infinito — como pelo preço de sacrificios, de devotamentos, de abnegações que em nós suppõe.

O coração, porém, não satisfeito ainda com dar-se todo — porque em receber o Senhor Eucharistico já por inteiro se confundia com o coração paternal, do seu Padre Cabral, — quiz vir de publico testemunhar-lhe o affecto com que o estima, o respeito com que o venera. E o quiz principalmente para dar ensejo aos que não têm a dita da sua preciosa intimidade, de entreverem ao menos o que essa intimidade tem de precioso,

Eis-nos todos, pois, da C. M. A. num desses instantes em que, não nos sentindo capazes de silencio, preferimos esse tagarelar sem peias, que amontôa palavras e empilha phrases para dizer somente o que ficaria dito melhor... calando. Fique, portanto, condensada, em um objecto que é o nosso mimo, a alegria immensa que sentimos por vermos que mais um anno passou sem que Deus quizesse roubar-nos esse extraordinario Apostolo, insigne pela virtude, insigne pelo saber, que avulta como gigantesco tronco na moitaria mirrada desses seus filhos, que lhe devem seiva, amparo e sombra.

Thales de Azevedo.

Pela Odontologia



Dissertação do Congregado Odontolando Julio Lobo

na sessão do C. C. E. M. A. de 3
de Novembro de 1927



Pela Odontologia

Illmo. e Revmo. Padre Director,
Illmo. e Exmo. Sr. Presidente,
Meus Senhores,
Collegas.

Impellido pelo amor á carreira que abracei e pelo desejo de defender a sua causa é que hoje aqui me vêdes. Tenho notado, desde que sou socio desta aggremação, a raridade das dissertações em prol da Odontologia. No archivo Mariano Academico, vêem-se trabalhos sobre apologetica, historia, literatura, medicina, pharmacía, etc., e a odontologia, coitada, quasi immersa nas brumas do esquecimento.

Não sei porquê, muitos dos que têm abraçado esta carreira, dir-se-ia que se sentem humilhados em fazer ver ao publico o que são.

Alguns, embora não neguem expressamente serem estudantes de Odontologia, contudo, quando alguém lhes pergunta o que estudam dizem ser estudantes de medicina.

Quero crer que o numero destes seja muito diminuto; mas existem, e entendo ser ponto de lealdade dizel-o sem subterfugios; e declarar até, que, justamente por causa destes processos pouco louvaveis de alguns, é que hoje, Senhores, com não pouco sacri-

fio, aqui estou a roubar-vos o precioso tempo, fazendo ligeiras considerações em torno da odontologia. Não penseis em verdes ouvir aqui phrases buriladas ou rasgos de oratoria, não; apenas toscas palavras de um humilde apostolo da carreira que encetou e, que aneia por ser fiel cumpridor de sua missão. Sêde, portanto, benevolos na critica, porque não venho com pretensões de bem fallante, nem com orgulhos de scientista, predicaos estes de que não sou possuidor.

O meu intuito é tão somente contribuir, com a possibilidade de minhas forças, para o progresso da Odontologia, a que lealmente me devotei.

Confiado na vossa gentilissima benevolencia, vou entrar no assumpto.

A odontologia, desde as suas origens, tem sido mal comprehendida, pessimamente interpretada e por muito tempo deficientemente cultivada no nasso paiz. De principio foi ella pouco estudada, porque era tida, como hoje ainda o é por muitos, como cousa de somenos importancia. Quantos em nossos dias ignoram a necessidade do dentista na sociedade?

Dizem até que para ser dentista não são precisos estudos, visto como não faltam tiradentes, que os arrancam, sem terem cursado estudos technicos. Antes de mais nada, é preciso notar que o fim do dentista não é só fazer extracção de qualquer maneira sem obedecer a nenhuma technica, não; elle para bem fazer uma extracção, que aos leigos parece uma operação tão banal, não deve ignorar a anatomia dos dentes para saber se o que vae extrair é uni ou multi-radicular; precisa conhecer a anatomia do maxillar afim de dar os movimentos de luxação segundo a resistencia das taboas, evitando assim a fractura do osso.

Precisa conhecer muito bem a technica, afim de não vacillar, ou mesmo cahir em erros na applicação do forceps, o que traria resultados pouco agradaveis, por vezes até gravemente funestos.

Demais, o dentista não se limita a extracções, como sabemos; a sua esphera de acção é muito mais ampla. Elle tem que ser um scientista e um artista para bem desempenhar o seu papel. O fim do dentista, meus senhores, é retirar da cavidade buccal os elemen-

tos imprestaveis, substituindo-os por artificiaes que dêem a illusão dos verdadeiros, approximando-se o mais que puder da natureza.

Além de retirar e substituir as unidades dentarias, tem elle ainda na sua esphera todas as affecções da cavidade buccal, que não são poucas, e muitas até complicadissimas. Eu quero crer que o serviço do dentista vae desde a creança até ao velho. Não podemos absolutamente dispensar a odontologia, pois a cavidade buccal nos merece particularissima attenção, por isso mesmo que é o receptaculo duma incalculavel multidão de microorganismos que alli estão á espera duma oportunidade (um resfriamento, um enfraquecimento geral, e semelhantes) para agirem funestamente. Se na cavidade buccal houver elementos dentarios em mau estado, dente cariado, por exemplo, maior é ainda o numero de germens ahi encontrados. Precisamos, portanto, cuidar muito e muito da bocca para tel-a sempre em optimo estado de saude, pois sabem.os que do desequilibrio local pode provir o desequilibrio geral.

Os cuidados do dentista, a hygiene dentaria numa palavra, deviam começar no berço, secundariamente nas escolas. A creança é quem mais precisa dos trabalhos do dentista porque geralmente ella cuida pouco do asseio dos dentes, e sua bocca está quasi sempre em mau estado. Se no nosso paiz houvesse nesta materia uma orientação prudentemente progressiva, nenhuma creança seria admittida na escola sem antes apresentar o attestado do dentista, como fazem os paizes mais adiantados. Lastimo que, no nosso paiz e principalmente no nosso Estado, sejam tantos os ramos em que o estacionamento e até o retrocesso se manifestam tão insophismavelmente.

A creança, o homem do futuro, não pode ter o devido aproveitamento nas escolas, com os seus dentinhos a doerem constantemente, a impacientarem-no, a tolherem-lhe a applicação já tão reduzida pela indolencia. Nem se cuide ser isto encarecimento. Quem pensa, quem procura a razão de ser das cousas, verá a exactidão do que affirmo. O mau estado dos dentes da creança traz-lhe grandes inconvenientes para a saude e para o desenvolvimento geral do corpo e da intelligencia. Vemos muitas creanças com um aspecto de quem soffre muito, rachiticas, pallidas, doentias, quando

têm os dentes em mau estado, devido ás dores atrozes que as torturam, ou ao mau estado do estomago, consequencia da mastigação deficiente, ou ainda ás noites de insomnia, etc.

Assim que se faz o tratamento dos dentes nota-se grande differença na physionomia da creança; não tem mais aquelle aspecto morbido que fundamenta as hypotheses mais pessimistas. Esta differença tenho notado num estabelecimento de caridade onde trabalho ha alguns meses. Quando iniciei o trabalho, muitas creancinhas que me appareciam no gabinete davam-me impressão bem desfavoravel.

Pallidas, rachiticas, olhos fundos, desanimadas. A' proporção que fui tratando os dentes daquellas pobres creancinhas, na maioria orphãs, fui notando differença physionomica bem accentuada.

As que me tinham apparecido nos primeiros dias pallidas, quasi cadavericas, pelos tormentos das dores dos dentes infectados e pelo mau estado geral da bocca que lhes causava insomnias, má digestão e outros effeitos, agora vinham satisfeitas, coradas, com o physico mudado, mostrando com isto o quanto tinham melhorado depois da hygiene da bocca.

Estas pobres creancinhas, tanta vez victimas de descaso daquelles a quem estão confiadas, vão definhando aos poucos em razão dos soffrimentos causados pelos dentinhos mal cuidados, privando-as do somno e do bom exito nos seus trabalhos.

E' preciso combater esta ignorancia, a começar pela Capital.

A creancinha com os dentes doendo não pode trabalhar, nem estudar, não póde mastigar bem os alimentos, engolindo-os, portanto, mal triturados, provocando o mau estado do estomago e mais tarde de todo o organismo. E' sabido que o equilibrio local está em relação directa com o equilibrio geral.

Podemos calcular, Senhores, que, se aqui, num centro culto ha tanto descuido na hygiene buccal das creanças, quanto mais nos sertões, nos pobres sertões abandonados onde reina completa ignorancia principalmente deste assumpto. Os governos e os responsaveis pela educação publica, limitam-se tanta vez a annunciarem que melhoraram ou vão melhorar isto ou aquillo, referente á edu-

cação das creanças e não seria menos necessario ir aos sertões, ás povoações mais atrazadas para se scientificarem melhor, do que ha no nosso Estado, do que precisa o nosso povo. O progresso de um paiz, de um Estado, de um logar qualquer, está na relação directa do grão de educação, do grão de cultura dos seus habitantes.

A classe odontologica devia fazer ver a quem de direito, as vantagens da hygiene dentaria das creanças e os graves inconvenientes que resultam da falta della. E' um dever de patriotismo e sobretudo um acto de caridade trabalhar em prol da infancia, assegurando a sua saude do corpo e da alima, se quizermos ter homens no futuro e se não quizermos ver degenerada a nossa raça.

“Entre os bens da natureza, o mais excellenté, o mais util e o mais necessario é aquelle, sem o qual nenhum outro se pode gozar — a saude”. São palavras do grande Antonio Vieira, citadas por Renato Kehl na Biblia da Saude. Ouçamos ainda as palavras do proprio Renato Kehl: “A saude é a maior riqueza que podemos receber ao nascer, verdadeiro ouro com o qual se adquire a legitima felicidade de viver”. Diz ainda o mesmo auctor que “um paiz vale mais pela hygiene do povo que o habita, do que pelas riquezas que possui”. Sem a saude nada poderemos fazer na vida.

Meus Senhores, ponde os olhos nos paizes mais progressivos, como a Allemanha, os Estados Unidos, e tantos outros e vêde se lá se descua, a odontologia? Vêde se lá a hygiene dentaria infantil é tão esquecida como aqui?

Ha quem julgue que o descuido da hygiene da bocca, principalmente da creança, traz inconvenientes só á cavidade buccal pela falta dos elementos dentarios, porem não é só isto. Se a creança tem os dentes de leite (os da primeira dentição) cariados, os da segunda dentição, (os permanentes) ao substituirem os primeiros vêm já lesados. Demais sendo a bocca um optimo meio para a vida dos germen, ali se encontram innumeras especies que estão aguardando um momento opportuno para influenciarem no organismo com sua acção malefica.

O mau estado da bocca das creanças traz-lhes como consequencias rachitismo, entorpecimento das faculdades intellectuaes,

tuberculose, e quasi todas as molestias infecto-contagiosas cujos microbids são encontrados na cavidade buccal.

Ouçamos o grande mestre da odontologia brasileira, Coelho e Souza, a respeito da hygiene infantil: “Tenha-se na mais completa vigilancia a bocca das creanças, desde o momento em que ellas vêem á luz do dia.

As mães precisam ser instruidas nos preceitos da hygiene infantil no que respeita á bocca, porque pela bocca é que os germens da morte invadem quasi sempre os pequeninos sêres.

Deve-se combater com vehemencia o desprezo pela conservação dos dentes de leite, por virem a ser substituidos. Devem-se demonstrar aos paes os perigos, que resultam para as creanças de terem dentes cariados. E' soffrimento que ellas começam já a experimentar com as dôres da pulpíte e pericementite, são as noites de insomnia, que lhes abatem a energia nervosa, são os abcessos que se formam na cavidade buccal, é a infecção que ahi se estabelece como consequencia desses abcessos; é a imperfeita mastigação; é portanto, a dyspepsia que se ensaia, e, por ultimo, é o vicio da articulação temporo-maxillar, a deformação dos maxillares, tão tenros nessa idade. Os paes não medem o alcance desses males, não o sabem avaliar; cumpre-nos a nós esclarecel-os, cumpre-nos a nós criar o que aqui no nosso paiz quasi não existe — *a clinica infantil*”.

Como acabamos de ver, o grande mestre encara o problema desde o berço e eu creio que na escola é que a creança deve ampliar os seus conhecimentos de hygiene, particularmente da bocca. Infelizmente nas escolas publicas, principalmente do interior do Estado, nada se ensina sobre este assumpto, porque os professores sabem tanto quanto os alumnos. E para não julgarem que somente eu digo isto, vou citar um trecho de Prado Ribeiro tirado do seu livro “Vida Sertaneja”, onde na pagina 14 diz: “Os sertões vivem em completo abandono. As escolas primarias, muito deficientes e descuidadas, adoptando methodos propedeuticos atrasadissimos, mal administram a meia duzia de individuos, os rudimentos do A B C. Os professores, mal pagos, individuos, em estado precario, quasi sem illustração, pouca importancia dedicam aos seus

deveres profissionaes. Passam ás vezes annos e annos, sem receberem um vintem. Com as orgias e regabofes, o governo não tem dinheiro para lhes pagar. Os livros adoptados nessas pseudo-escolas publicas alem de matarem a intelligencia da creança, enchem-na de vicios e erros crassos sobre todas as coisa, pois são mal escriptos e defeituosos na sua parte exegetica e didatica.

Ha, alem destas escolas, as chamadas municipaes. Os professores destas são escolhidos entre os galopins da politica local. Pouco importa que sejam analphabetos ou corruptos; o que importa é que sejam amigos da situação e principalmente do chefe politico situacionista.

Não é só de dois ou tres que se pode dizer: Nada ensinam, nada fazem, nada sabem; transformam a escola em residencia particular e decretam feriado o anno inteiro! A instrucção, portanto, em muitos pontos do sertão é completamente nulla. Não ha professores nem escolas”.

Pelo que acabaes de ouvir, podeis calcular o grau de atrazo da nossa população sertaneja. E’ triste dizerem-se tão duras verdades, mas é preciso que se digam.

Pobres sertanejos! Vivem esquecidos, como se não fossem abrigados pelo mesmo pedaço de céu.

A ignorancia envolve-os com o seu denso e negro manto desde o primeiro vagido até o ultimo suspiro. Imaginae agora, Senhores, se a elles não é dado aprender os rudimentos do A B C, quanto mais conhecimentos de hygiene e pratica de clinica dentaria nas creanças. Se aqui na capital a clinica dentaria infantil é tão rara, quanto mais no sertão, **no pobre sertão**.

Deixando a hygiene infantil, entremos na parte geral, naquella que nos interessa a todos igualmente.

A odontologia foi praticada desde a mais remota antiguidade e nos livrões de medicina é que era estudada. Ahi se encontravam indicações de remedios para aliviar as dores de dentes.

Não passou despercebida a Hypocrates, Galeno e Celso a odontologia, a arte dentaria.

Nos seus trabalhos encontram-se capitulos relativos aos dentes e á arte de tratá-los. Em todos os tempos foi a arte dentaria

cultivada, embora muito empiricamente. Todos nós precisamos dos serviços do cirurgião-dentista, ou seja para amenisar uma dôr que nos rouba o somno, originada por exemplo numa pericementite, ou seja para supprir com elementos artificiaes, a falta dos naturaes, que por uma circumstancia qualquer vieram a desmerecer. Então temos que manobrar com a Clinica na cura e tratamento das molestias dos dentes e dos seus annexos, e com a Prothese na confecção de peças artificiaes que dêem a illusão perfeita dos elementos naturaes que elles substituem.

A bocca, meus Senhores, mais que qualquer parte do corpo merece todo o nosso cuidado, por ser ella um asylo propicio á conservação e propagação de germens. E' verdade que entre estes elementos impalpaveis, entre estes seres diminutissimos, muitos ha que são nossos amigos. Mas, como em toda parte, existem mesclados a estes germens amigos, milhares, milhões até que são verdadeiros inimigos do nosso organismo, que alli estão á espera de uma oportunidade para nos damnificarem. E' preciso que vivamos prevenidos contra estes inimigos; é preciso que os expulsemos para longe de nós; e isto só o conseguimos por meio do asseo meticuloso e da hygiene preventiva. E' pela falta de cuidado da bocca e dos dentes que muitos males nos atacam.

Ademais é, como já disse, a cavidade buccal a porta de entrada mais facil para todos os germens pathogenos. Os inconvenientes trazidos á nossa economia pela ausencia dos dentes ou pelo mau estado delles são incalculaveis.

A ausencia das unidades dentarias não só traz perturbação á esthetica facial, á phonação e articulação da palavra, como também — e este é um dos inconvenientes de maior consequencia — á deficiencia na mastigação e, como consequencia desta, seguem-se inevitaveis perturbações para o estomago.

E' desgracioso, quando não fôr comico, o individuo falho de dentes, principalmente faltando-lhe a bateria anterior tão necessaria na articulação da palavra, se é que, ao fallar ou ao rir, um bando de perdigotos desvairados não vão attingir os que o rodeiam.

Quando ha dentes em mau estado, infeccionados, alem do

mau halito que logo se denuncia, obrigando o individuo a passar humilhações, vêm as dores lancinantes da pericementite, da proleite, os abcessos ás vezes tão perigosos, as nevralgias e muitos outros males. Tudo isto são soffrimentos para quem descure o trato necessario dos seus dentes, soffrimentos estes depauperadores do organismo, predispondo-o não raro para danos maiores, para infecções muito mais graves, que podem desfechar na morte.

Diz Souza Caldas que “a bocca como um fóco anti-hygienico é uma cratera expelindo a morte e o terror!”

E’ ainda da alçada do dentista a correcção das anormalias dentarias, ou seja a pratica da orthodoncia, tão bem executada na America do Norte, onde a odontologia tem progredido talvez mais que em nenhuma outra nação.

Infelizmente, apesar da competencia de alguns, entre nós é lamentavelmente descurada e conhecida pouco mais que através das paginas dos livros. Não devera ser assim; antes devia constituir a orthodoncia uma cadeira á parte. Não devera absolutamente ser preterida no curso odontologico a sciencia que tem por fim corrigir a natureza quando ella é madrastra, em vez de ser prodiga.

E’ uma sciencia verdadeiramente bella porque consegue, com seus multiplos processos, corrigir os elementos insubmissos ás leis da natureza. E’ uma sciencia, como diz A. Pont, e não deve ser confundida com os concertos grosseiros feitos inconscientemente, sem noção alguma scientifica.

Com taes concertos não passaríamos de remendões, charlatães boçaes. E’, conseguintemente, conhecendo estas tres sciencias Clinica, Prothese e Orthodoncia, alem das demais que lhes servem de alicerce, que o dentista pode livrar a humanidade de muitos males e defeitos de que ella é victima. Não basta, porem, ao dentista o conhecimento superficial das sciencias odontologicas para que na vida pratica saia victoriosa a sua clinica. Necessario se torna o estudo continuo, a observação dos factos, para ir alargando os horizontes da odontologia com o conhecimento de novas sciencias e a applicação de novos methodos. Cada sciencia nova, que se aprende, diz Mantegazza, é uma chave que nos abre novos mun-

dos, que nos revela novas regiões, que nos enriquece de novas possibilidades.

Collegas, precisamos ter ideal alevantado, precisamos elevar a nossa classe e por conseguinte elevar a nossa terra. Cabe-nos a nós que brevemente transporemos os humbraes da faculdade e entraremos na sociedade, cheios de esperanças, fazer que estas esperanças não pereçam, não desabrochem em meras illusões. Trabalhemos em prol da nossa classe. Não basta visarmos somente o lado material e pecuniario, não. Precisamos ter um ideal, que é justamente a estrella mysteriosa que nos conduz á felicidade, que nos alenta nas lutas constantes da vida. Num dos bellos capitulos consagrados á felicidade, no seu livro intitulado “Bom humor”, diz o Dr. Milton de Carvalho, medico e cirurgião-dentista no Rio de Janeiro, que “para sermos felizes é necessario, antes de tudo, que se tenha um ideal; que se vise uma conquista ou que se afague um nobre desejo. Então, a felicidade já nos seguirá nas suas buscas — quando ella ainda nos ha de falar pelas caricias da sua irmã, a Esperança — e nos inebriará nas suas obtenções, confortando-nos com os braços de vencedor, como para compensar-nos com as dadas das suas graças inebriantes”.

E qual pôde ser o ideal para nós, dentistas actuaes e futuros, senão o alevantamento da nossa classe?! E’ para isto que se precisa da concorrência de todos, alliada á sua bôa vontade.

Não devemos restringir o nossô campo de acção, e sim augmental-o trazendo á classe esclarecimentos de tantos pontos, obscuros ainda na actualidade. Ha tanto assumpto para occupar a attenção dos estudiosos e investigadores, que não vejo razão para cruzarmos os braços como se em assumpto odontologico, nada mais houvesse para descobrir e aperfeiçoar. Nunca falta assumpto e materia de estudo a quem deveras quer ir alem do mediocre nos methodos batidos. Temos a pyorrhéa para descobrir o seu factor etiologico e o seu tratamento, molestia que dizima tantos em nossos dias e apenas della conseguimos colher, atravez dos livros, illusorias théorias, de resultado pouco satisfactorio na pratica. E como este temos inumeros outros pontos carecendo de esclarecimentos; e quem os ha de esclarecêr senão o dentista

que têm amor á sua profissão, que procura tornar pratico aquillo que só é conhecido theoricamente?

Cabe, portanto, aos moços cheios de esperanças e vigor, cheios de brio, e ricos de intelligencia, abordar estes pontos, ou quasi desconhecidos, ou — quando menbs — pouco cuidados entre nós.

Alem de tratar dos dentes e das affecções que atacam os orgãos visinhos, o dentista, presta relevantes serviços á justiça em certos casos de morte ou de falsificação de nomes, com a applicação da Medicina Legal.

E' pelos conhecimentos da Medicina Legal applicada á odontologia, que muitas vezes, com sua ficha dentaria, o profissional vae desvendar mysterios, sobre os quaes o medico se acha desprovido; e vae auxiliar assim a justiça. Numa das suas brilhantes aulas disse o Dr. Estacio de Lima, professor desta cadeira, que é imprescindivel o auxilio, a concurrencia do dentista, na medicina, em taes casos.

Eis ahi, pois, senhores, a importancia do dentista, os serviços que elle pode prestar á humanidade, alliviando-lhe a dor e assegurando-lhe a saude.

Não falo aqui do dentista mediocre e ignorante, do passado, do charlatão boçal que por ahi vemos ainda; mas do dentista douto, amigo e cultivador das sciencias. E' por meio do estudo meticoloso e da observação attenta, que o homem chega ás fronteiras do paiz da sciencia.

E' estudando que se conseguem descobrir os mais reconditos segredos da natureza e desvendar os seus mais enigmaticos mysterios.

Moços, que hoje vos dedicaes ás sciencias de Fauchard, não abandonéis os livros, se quereis algum dia triumphar. Estudae e estudae muito para que não possam amanhã lançar em rosto á vossa classe uma lamentavel inferioridade scientifica, ou quem sabe? radical e funesta incompetencia, em vez do benefico influxo de quem minora os males da humanidade soffredora.

Finalmente deixae que accentue mais uma vez a necessidade do amor á carreira, o desejo de vel-a subir ao nivel das demais elevadas. Só se realiza uma obra com interesse, com desvello,

quando se tem por ella sympathia, quando se tem por ella verdadeira admiração. Justamente é o que precisamos na nossa classe. homens de ideaes alevantados, de espirito nobre e altruistico que trabalhem em prol da nossa classe ainda pouco estimulada entre nós. Embora Charles de Mays dissesse ha pouco tempo, que a odontologia tem feito mais nestes ultimos cincoenta annos que a medicina em cem, comtudo, para que ella galgue ao seu apogeu, necessario se torna o duplo do que se tem feito.

Collegas, alentae-vos para a lucta, trabalhae sem cessar e brevemente triumphareis. Não sejaes nunca do numero daquelles que seguem a carreira odontologica por ser ella a que menos annos de estudo exige e a que mais depressa nos pode fazer ganhar dinheiro. Sêde dentistas por vocação, por amor a este ramo de sciencia, que tantos mysterios tem ainda por desvendar, porque, do contrario, serieis tachados de charlatães. Amae a vossa carreira, com um amor desinteressado e sincero, se quizerdes ter uma vida profissional menos amargurada.

Somente o amor illustrado e profundo, o amor altruistico e bemfazejo, nos pode dar o enthusiasmo sagrado que faz os abnegados e os benemeritos, a quem a sociedade applaude, a Patria exalta e Deus premeia como a generosos cumpridores do dever.

Tenho dito.

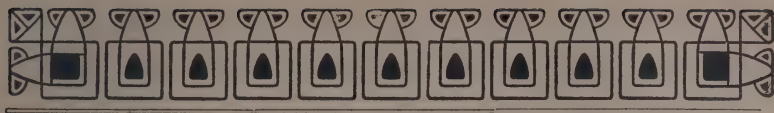
A' Memoria de João Martins Carvalho

ALLOCUÇÃO DO ENGENHEIRO

Antonio Araujo Aragão Bulcão Junior

Inserimos neste 2.º tomo do nosso "Archivo", a seguinte allocução, que deveria têr entrado no 1.º; e cujo original só nos foi entregue depois de concluida a impressão delle.

Ao nosso presado Socio do Circulo, Engenheiro Antonio de Araujo Aragão Bulcão Sobrinho, agradecemos estas paginas, com tanto sentimento pronunciadas por elle em sessão do C. C. E. M. A. quando ainda Academico na Escola Polytechnica, em 1918, por occasião da perda do nosso saudoso Socio, João Martins Carvalho.



A' Memoria de João Martins Carvalho

Sr. Presidente.

Presados Collegas.

A minha humilde palavra, que a dôr opprime, a muito custo vos póde dizer que desde 8 de Maio João Martins Carvalho já não existe!

Nunca pensei que esse distincto collega a quem tive a ventura de conhecer nos bancos inesqueciveis do Gymnasio da Bahia, onde era meu companheiro de serie, tão moço, tão cheio de esperanças no futuro — bem cêdo deixasse de existir, abrindo uma grande lacuna na classe a que pertencia e de que elle era sem lição, uma das mais fagueiras esperanças!

No Gymnasio da Bahia, onde cursou de 1911 a 1913, respectivamente o 2.º, 3.º e 4.º anno do curso gymnasial, deu sobejas provas do seu grande talento e do seu amor aos livros, obtendo sempre os melhores votos de approvação, gozando a sympathia dos mesires e a admiração dos collegas.

Ali, Sr. Presidente, tive o prazer de fundar com Martins Carvalho o "Gremio Manoel Victorino", composto de alumnos do Gymnasio, o qual teve curta duração, devido á nossa sahida daquelle estabelecimento. Depois fundando o periodico "A Distracção", órgão litterario e noticioso, tive em Martins Carvalho um dos meus principaes e mais valiosos auxiliares. Quem se dê ao trabalho de manusear a collecção daquelle jornalzinho, lá encon-

trará a secção intitulada “Commentando”, em que a modestia de Martins Carvalho se occultava sob a belleza do seu estylo; ahi verá o seu grande anseio em ser util á nossa Patria, occupando-se dos seus mais momentosos interesses.

Em 1915 deixámos os bancos do Gymnasio da Bahia, de tantas e tão gloriosas tradições e nos matriculamos na Escola Polytechnica, onde elle foi continuar a brilhante trajectory de sempre.

Do “Gremio dos Alumnos” da Escola Polytechnica foi, após renhida eleição, eleito 1.º Secretario, cargo em que prestou relevantes serviços áquella instituição e ainda se achava em exercicio quando falleceu.

No nosso Circulo, quando em formação, elle tomou parte saliente na discussão dos nossos Estatutos, deixando na acta de sua fundação o seu nome como “socio fundador” e não o tivesse esta morte prematura arrancado ao nosso convivio, aqui estaria ao nosso lado, trabalhando pela mesma santa causa, que ardorosamente proseguimos.

Filho da futura cidade de Alagoinhas, da qual se lembrava a todo instante, alimentando sempre a esperanza de lhe ser util um dia, para lá partiu em busca de melhoras para sua saude combatida, e alli no seio dos que lhe eram caros, na terra querida, foi descançar o seu corpo inanimado.

Sua vida foi curta, pois, desapareceu aos 23 annos, mas nem por isso deixou elle de ser uma das mais lidimas esperanças da Bahia.

Assim, Sr. Presidente, por ter sido elle, como já disse, socio fundador desta nossa util sociedade, é que tomo a liberdade de apresentar á vossa approvação e dos Srs. socios, uma Moção de profundo pezar. Antes, porem de enviá-la para a mêsá, não posso deixar de mais uma vez tornar saliente a dôr amarga que me acabrunha, a saudade sincera que domina o meu espirito, não somente como amigo que lamenta a perda de quem lhe era querido, mas ainda como collega de quem nos deixou formosos exemplos de bondade, de amôr ao trabalho e sobretudo de grande energia de caracter.

O FEMINISMO E O LAR

CONFERENCIA PRONUNCIADA EM 27 DE OUTUBRO DE 1921
PELA SAUDOSA POETIZA BAHIANA

D. Amelia Rodrigues

no Salão Nobre da “Associação dos
Empregados no Commercio”, por
ocasião do brilhante festival pro
movido em beneficio da C. M. A
pela Comissão de Senhoras pró
Marianos Academicos.

N. B. — *Esta formosissima Conferencia tambem devia ter appa-
recido no 1.º tomo do “Archivo Mariano Academico”.
Um equivoco na entrega dos originaes á imprensa per-
mittiu-nos dar a este 2.º tomo tão maravilhosa chave
de oiro.*





O Feminismo e o Lar

Exmas Senhoras,
Senhores.

Na multidão dos seres materiaes que nos rodeiam, não fica inutil, grão de areia, gôta dagua, fôlha morta, raio de sol; tudo são parcellas da grande somma de vida, fôrça e belleza que se desdobra aos nossos olhos, traçando, colorindo, creando o painel da natureza, em cujo centro o homem se ergue soberano, e o céu illumina o homem.

Tambem nas feituraes da arte apparece o elemento humilde, mas indispensavel na sua pequenez.

Alhambras e cathedraes, minarêtes e agulhas que se atiram para o alto, estampando rendas de pedra no azul radioso do firmamento, são grandezas feitas de cousas minimas, — poeiras e linhas que, isoladas e por si, nada valem, mas, unidas na harmonia do conjuncto, valem tudo, porque sem ellas o plano do artista não se executa, a sua idéa não se corporifica.

Na ordem moral tambem não ha ideal a realizar-se que não careça da collaboraçoão dos pequenos, tanto quanto da inspiraçoão dos grandes. Cada individuo leva o seu contingente para o montão commum de esforços, e a obra surde, representando um producto de tantos factores, quantas são as intelligencias que mandam e as vontades que obedecem.

Por esse aproveitar de cousas minimas, ou de valor só relativo, é que emerge novamente agora, da justa sombra que a envolve, a minha apagadissima palavra; palavra tão pouco interessante que estou disso convencida. só o movel de contribuir, com os mimos do vosso bem fazer, para uma obra santa, vos teria impellido ao sacrificio intellectual de ouvil-a,

Mas bemdito seja Deus! que não recusa prestimo ao grão-zinho de pó, e para os triumphos da luz chega a servir-se até de uma accendalha de erva. ou da gôta de óleo, no fundo da mais humilde lampada.

Quero dirigir-me de preferencia a vós, senhoras, e mais especialmente a vós, mães.

Se me faltam gemmas literarias para atiral-as sobre as vossas cabeças, que tanto as merecem, trago-vos, ainda assim, na concha tôska do meu dizer, não uma perola, mas um collar de perolas... as mais preciosas de todas as perolas...

Lembra-vos Cornelia, a mãe dos Gracchos? Apontou ella ás amigas, que lhe falavam de braselêtes e arrecadas, seus dois filhos, Tiberio e Caio. Eram as suas joias, saphiras e rubis, cujo fulgor não soffria comparação com o dessas aluminas coloridas. tão attrahentes pela belleza da crytallisação e tão valorisadas pela vaidade dos opulentos.

Tomando de emprestimo á nobre romana o symbolico da expressão e o delicado da imagem, eu vos apresento um grupo de jovens, vindos de varios pontos do nosso paiz, a beber nas torrentes da sciencia que a Bahia offerece. Esses jovens, seleccionados pela escôlha judiciosa que fizeram do melhor caminho para a melhor conquista do futuro, se reclinam sobre o peito amavel de um sacerdote, a quem a Bahia tributa singular e respeitosa admiração, — o Exmo. Sr. Padre Luiz Cabral, da Companhia de Jesus.

Outra mentalidade, que não a minha tão curta, acharia copiosa mina de inspiração, para deliciar-vos, nessa alliança do grande representante da vida divina com os representantes da vida em flor, que em tórno d'elle formam linda grinalda primavera. Eu, ignorante, mal posso apanhar um rapido aspecto dessas relações,

que se desenrolam em maravilhas multiplas, e vão attingir alturas inacessiveis á minha fraquissima visão.

Todavia, não emmudeço.

O digno Filho de S. Ignacio, cuja presença na Bahia tanta honra nos dá, quer tecer aqui, para esses jovens sedentos de virtudes, um ninho que, embora não podendo ser nunca tão grande como o seu coração, seja, entretanto, maior do que os seus braços, e conta com o auxilio das senhoras bahianas para levar ávante idéa tão feliz.

Eu, de mim, sou o grão de areia, a fôlha morta; mas vós, senhores, sois o raio de sol que faz abrir-se em fructos a planta anemica por nascida á sombra; possuis a varinha magica do amor d'onde brotâm prodigios.

Maternalmente generosos, completareis com a finura do vosso espirito o que falta á minha palavra para ser persuasiva, e rematareis com o coração o que eu deixo aqui sem remate, e que sem vós não se rematará nunca: — a obra da juventude catholica na Bahia, obra urgente e patriotica, obra impulsionada e querida por um dos maiores luminares da eloquencia e da sciencia christã que têm refulgido em terras brasileiras.

* * *

Imaginae, patricias minhas, um fundo negro, muito negro. de vasto horisonte.

Nesse fundo, um recorte azul-claro de montanha distante, que se arroja procurando o infinito, a scintillar d'oiro e pedrarias, coberta de nevoa branco-rosa, com franjas de sol.

Debaixo da montanha, em caverna tenebrosa, imaginae um dragão, — fauces abertas vomitando cólera, garras aduncas, tateando prêa tenra para festim do seu dono... garras que se multiplicam, e se alongam e saem do covil, e atravessam o mundo, como filamentos imperceptiveis, porém, vivos, palpitantes, intelligentes...

O bafo do monstro é insupportavel; empêsta o ar e gera a

morte, enquanto no pincaro, em cima, tudo é perfume tudo alegria tudo resplendor.

Qual a interpretação desse quadro?

O horisonte negro sem fim, symbolisa o nosso futuro escondido, distante, a entrar no mysterio da eternidade.

A grande montanha azul, estrellejada de oiro e pedrarias, é o Bem, a felicidade verdadeira, que nos acena ao longe, risonha, com todas as seducções da formosura e do amor.

As nevoas rosi-brancas figuram as nossas aspirações e desejos que sóbem... que fluctuam... que anseiam por chegar ao cimo resplandecente.

E o monstro assanhado e pestilente symbolisa o mal... uma fôrma impalpavel, um novello de treva, que estende por toda parte garras letaes, ora em lamina cortante, ora em teias subtis, e se enrola, traidor, debaixo d'aquelle tôlido riquissimo, e se acosta, falsario, áquelle montanha que não é sua, para que a elle se vá, por engano, julgando ir para o Bem e para a felicidade.

O poeta allemão, Schiller, pôz em lindissimos versos, cuja leitura sempre repito com prazer, a lenda medieval do "Dragão de Rhodes", mixto de bôa e crocodilho, que devorava pastores e rebanhos, e foi morto por um valente Cavalleiro da Ordem Militar e nobilissima de Maim.

Ao dragão de Rhodes alfim o exterminou a espada de um bravo; esse de que vos falo só morrerá quando o mundo morrer.

E que Protheu ardiloso e sagaz que é o mal! Ora passa junto de nós, cosido com a sombra, a espiar-nos de esguêlha; ora impudente, em plena luz, florindo sorrisos, desafia inimigos e olha, da altura do seu triumpho, para os adversarios vencidos; ora cucta a fingir-se lirio, ora serpente a enlaçar Laocoontes.

Mata-se o desgraçado, e elle renasce, como a hydra; foge-se-lhe ao contacto, e elle persegue os fugitivos; busca-se o caminho do Bem, e elle se posta no flanco da montanha sagrada, lançando bótes, mais ou menos bem succedidos, a quem sóbe feliz; e se enrosca na alma, e morde o coração, e infiltra veneno nas veias de tal modo, que em muitos a energia se extingue e não logram chegar ao cimo que os attrahira.

Todo esse architectar de imagens vem para recordar, senhores, que, em ultima analyse, no campo de batalha do mundo, só existem dois exercitos a enfrentar-see: o dos que seguem as inspiraões e defendem os direitos do Bem, e o dos que seguem as inspiraões e semeam a desgraça do mal.

Todos nós temos que optar por um dos dois e combater pelo seu respectivo ideal. Neutralidade em face delles não ha. O que ha, e em barda, é gente fraca, indecisa, dobradiça, que ora se bandeia para um, ora para outro; gente que não escolhe bandeira, e só visa o sôldo e os galões do momento; gente que não sabe ou não quer saber onde está a verdade, e não se dá ao incommodo de procural-a.

Em compensação brilhantissima, porém, vemos em todo o orbe christão a phalange esforçada dos partidarios da bôa causa, — a causa de Deus e da virtude, revestidos de aço, a abraçar escudos, a levantar guiões, a ferir pelejas com denodo e valor.

Escutae... não ouvis?... Sôa o clarim; vibra o canto da guerra... tinem as espadas... acalora-se a refrega... — Avante!.. bradam os generaes!.. Avante por Deus, pela patria e pela familia!.. E' preciso que o bem triumphhe, e que ao mal não se dê quartel!..

E quem fórma o grosso das fileiras de luz, quem combate com mais brio, e conquista mais laureis nessa lucta, sempre antiga e sempre nova, é a mulher christã, é sobretudo a mulher mãe, a heroína do amor e da dedicação. E' ella, — a Joanna d'Arc sempre rediviva, erguendo o seu estandarte branco, onde a cruz se desenha, onde a cruz fala e anima, onde a cruz se levanta, toda de oiro, cantando o alleluia da victoria, embora... que importa?... embora a gotejar, lentamente, o sangue do martyrio e dos sacrificios, por toda a sua historia de vinte seculos.

* * *

Percorre o mundo civilizado, bem o sabeis, minhas senhoras, uma agitação nova, no meio de tantas agitações antigas, tão deramadas e tão visceraes. E' um como oscillar de ramos, um despetalar de flores, um arrancar de fructos da arvore social.

Esse movimento vae-se avolumando, vae-se chegando para nós. Começou pequenino. Foi recebido a gargalhadas; foi desprezado. Por isso mesmo cresceu, e agora invade todos os paizes que **almejam** progredir.

E' o feminismo. Por feminismo entende-se geralmente a participação da mulher nos negocios publicos, a equiparação de seus direitos politicos aos do homem, finalmente, a sua emancipação completa, o que vale dizer libertal-a dos moldes estreitos em que andava encerrada.

Muito largo o assumpto para que possa eu destrinçar-lhe os meandros nesta palestra; mas não logrei resistir á tentação de falar-vos delle, embora muito pela rama, porque parece ficará bem enquadrado nesta occasião, em que os olhos do nosso espirito se fixam num grupo de rapazes catholicos, e porque o futuro da juventude em toda a parte estará forçosamente ligado aos problemas do feminismo e do lar.

A evolução feminina realizou-se paulatinamente, sem estardalhaço, e cada dia se accentua, mais e mais, em toda a linha. Foi uma consequencia logica da democracia e da cultura mental.

Durante longos seculos, ninguem o ignora, a filha de Eva não foi mais do que uma flor, que o homem trazia á lapella por vaidade, ou encerrava na estufa, por zelo ou ciume; flor que se vendia ou se dava, arrastada no enxurro ou nos salões doirados, mas sempre á vista do dono, para lhe perfumar a existencia, ou envenenar-lh'a, não raro.

A menos que se chamasse Semiramis da Babylonia, Catharina da Russia, Maria Teresa d'Austria ou Victoria da Inglaterra, outra sorte não tinha se não a que os homens lhe queriam dar, — a sorte de escrava mais ou menos brilhante.

E na antiguidade barbara e pagã... como desceu, desceu a personalidade feminina! A mulher era simples animal de carga. Só entre os hebreus a respeitavam, e, todos, o sabem, só ao Christianismo, só á Igreja Catholica e aos summos Pontifices, ella deve a sua elevação social.

Entretanto, se os tempos passados registam grande numero de mulheres notaveis pela cultura do espirito é certo que o nosso

sexo, em geral educado sem idéas e sem ideaes, não foi contado nunca como parcella na sombra dos valores moraes de um paiz ou de uma raça.

Depois, foram as cousas mudando de aspecto. A mulher sahio da sombra, devagarinho, mas valente, armada de ponto em branco, como a Minerva mythologica dizem que sahio da cabeça de Jupiter, seu pae.

Desatou-lhe o homem os primeiros liames dando-lhe instrução. A escola foi para ella o nascer de um sol que nunca lhe havia clareado o caminho. Frequentou os cursos primarios, depois os secundarios e finalmente os superiores. Remexeu livros, entrou pelo reino intellectual do sexo forte, e tomou-lhe as alturas. Em seguida, olhou para si, comparou-se e estremeceu. Não era para menos!

Vendo a sua figurinha sumida no meio dos gigantes, vibrou de indignação, e, nervosa, bateu o pé:

— Ah! elle é isso? Pois agora vou mostrar que tambem eu tenho cerebro e tenho pulso.

E mostrou. Ergueu a cabecinha atoa e seguiu para a frente. A educação dos sports, ao ar livre, fóra da penumbra domestica, virilizou-a. Não se contentou com a litteratura, com arte, com as fulgurações do proscenio, quiz ser medica, advogada, engenheira, telegraphista, tudo o que o homem póde ser na luta pela vida.

Estava no seu direito. Ninguem, razoavelmente, lh'o poderia impedir.

O peor é que, a sonhar conquistas novas fóra dos corações, passou os limites assignados pelo bom senso. Creou o feminismo avançado, o suffragismo á Panckurst, a effervescencia de mulheres arruaceiras e sem compostura, que em Londres, por exemplo, são chamadas á ordem pela policia correccional. As menos exaltadas, mas, embebidas da impiedade ambiente e agitadoras ainda mais perigosas, investiram contra os costumes. Prégaram a dissolução da familia, o odio ao homem como senhor e chefe, a união livre... a quéda, emfim, de todo esse edificio luminoso e divino, que é uma ilha de amor e de doçura no meio

do oceano esbravejante das paixões e dos odios, — o lar christão.

Elisa Farnham, Luiza Michel e Maria Deraisme, pioneiras destas innovações libertarias, foram ainda mais longe do que os mais desabusados iconoclastas do lar.

Maria Deraisme durante 20 annos encarnou as suas doutrinas, e, para as propagar, fez e presidiu congressos e creou o jornal intitulado “Droit des femmes”.

Elisa Farnham não tinha mãos a medir em audacias.

“Chegou a época — escreveu ella num de seus pamphletos incendiarios que já noutro logar citei — chegou a época em que os homens, raça grosseira e brutal de usurpadores, devem ceder ás mulheres essa dominação que elles até hoje têm exercido para o maior mal da humanidade”.

E a propaganda continuou, mais ou menos intensa, e vae mundo em fóra, mais ou menos desarrazoada.

Para cumulo de extravagancia, ha pouco, na Inglaterra, uma certa Miss Royden appareceu paramentada no pulpito duma egreja (protestante, já se vê) reclamando o direito de prègar, e dizendo que as mulheres querem ter mulheres como sacerdotes. Faz rir, mas se o protestantismo dá tanto panno para mangas de liberdade, não admira que o feminismo consiga talhar nelle as suas tambem.

Espalhada pela imprensa, trazida por emissarias europeas e americanas, a nova onda chegou ao Brasil.

Quem pensaria que as mulheres brasileiras dessem ouvidos á voz das anarchizadoras do lar?... Pois déram.

De 3 annos para cá tem-se fundado no Rio de Janeiro diversas aggregações desse genero: a “Legião da Mulher brasileira”, a “Girl-Guides”, o “Partido Pró-Emancipação Feminina”, a “Liga para a Emancipação da Mulher brasileira”, e não sei o que mais. Algumas dellas propinam ás nossas jovens conterraneas, em conferencias e artigos na imprensa, o que ha de mais horripilante.

Certa associada, — e professora de pedagogia numa Escola Normal do Sul!... fez diversas conferencias no Rio, o anno passado, combatendo a organização actual da familia e da socie-

dade. Esta não quer a masculinização da mulher, nem mesmo a sua victoria sobre o homem. Prefere “concessões mutuas”, diz ella, “sem o inconveniente moral e legal do casamento”. Condemna todas as religiões que preceituam a obediencia da mulher ao marido, e leva a ousadia do seu arrôjo a taes extremos, num fragor de linguagem tão sensacionalmente despejada, que nem eu me atrevo a reproduzila, nem vós a ouvirieis de-bom grado.

Escoimando a parte bôa, da parte má, nessa campanha de nivelamento dos dois sexos, dividiu o sabio francez Brunetière o movimento feminista em duas categorias bem distinctas: o feminismo revolucionario e o feminismo christão.

Do primeiro não querem saber as mulheres de juizo são e verdadeiramente honestas; o segundo é razoavel, é justo, deve triumphar.

Num parallelismo consciencioso de direitos e deveres, o feminismo christão aspira a fazer voltar ao caminho recto o que o homem, exorbitando o seu poder, pôr leis e costumes de origem sua e não de mandamentos divinos, tem extraviado.

Deus legislou que a esposa obedecesse ao esposo, nâs cousas licitas, porém não que o homem esmagasse a mulher.

E essa mesma sujeição não é sem mutua interdependencia, claramente promulgada por S. Paulo, quando affirma o poder do marido sobre a mulher, e da mulher sobre o marido.

Resalvado, porém, este grande ponto da lei divina, resta á mulher ainda um largo espaço para a sua acção reivindicadora.

O ideal do bom feminismo, portanto, se desenha nitido, bello, sem confusão possivel com o outro: é dar meios de existencia menos dolorosa ao sexo feminino, sobretudo ás pobres desamparadas, que precisam ganhar o seu pão como operarias, e cujos direitos tem sido postergados até hoje, numa injustiça que admira e revolta.

A cobiça do mais fôrte as esmaga, e ellas morrem de abandono e de fome, ou são vendidas num horrivel trafico, porque a miseria as marcou com o seu sinêto de dôr, e ellas não têm para quem appellar, nem a quem pedir a salvação.

* * *

Que as mulheres possuem fibra bastante para o labor social, provam-n'os factos recentes e amplamente divulgados.

Nos dias horribéis da conflagração, quando a Europa gemeu sacudida pelo guante da guerra, passou pelos nervos do mundo um fremito de assombro, deante da attitude varonil e formosamente épica das mulheres européas e norte-americanas. Ninguém as julgava capazes de tamanha força, e o seu apparecimento na scena do mundo foi uma revelação.

Em quanto os homens válidos corriam á fronteira, substituíam ellas, galhardamente, o braço masculino. Dirigiam trabalhos agricolas, officinas, telegraphos, correios, ambulancias; conduziam vehiculos, pilotavam aeroplanos; fabricavam munições de guerra, serviam em estradas de ferro, até envergaram fardas e fizeram exercicios militares.

E além desse desdobrar de actividade physica, revelaram de modo egualmente assombroso energia maxima da vontade, espertana coragem, dedicação sem limites, quer nos hospitaes de sangue, quer em emergencias difficeis, que não raro surgiam.

O caso de Mme. Macherez, o “Maire de Soissons”, vem relatado com muita graça num dos fasciculos da publicação “France héroïque” num artigo de Paul Vernét.

Installa-se a valente burgueza na Camara Municipal, cujos funcionarios tinham desaparecido; desfralda a bandeira da Cruz Vermelha, e, quando os allemães se apresentam, é ella que os recebe.

O commandante do destacamento fica vermelho como um tomate.

— Pedi para falar ao “maire” e trazem-me a uma enfermeira!

Dias depois chegam os reforços inimigos e faltam os viveres.

Corre o commandante á casa da Camara. Elle não admittia que o funcionario responsavel houvesse desaparecido assim.

— Dou 24 horas para me apresentardes o verdadeiro “maire” madame; se o não achardes, sereis todos fuzilados.

— Neste caso é inútil esperar 24 horas, respondeu Mme. Macherez com toda calma; fuzilae-nos immediatamente.

O general ficou pasmado, cedeu, e... não se fuzilou ninguém.

* * *

Esse caminhar passo a passo, mas triumphal, do nosso sexo. minhas senhoras, para o apreço e a confiança do outro, em materia de capacidade intellectual e pratica, deu o resultado que era de esperar: a importância da mulher se impõe, porque está provada, e a sua igualdade civil e juridica ao homem já não é phantasma de vaga roupagem, mas uma fórmula realisavel da justiça, no pensamento moderno.

Uma das modalidades mais salientes e fecundas do exercicio dos direitos concedidos e a concerder-se á mulher é o voto eleitoral.

O voto eleitoral!... que absurdo!... pensarão, talvez, algumas de vós.

Tambem eu pensava assim; mas, absurdo ou não, impossivel é entravar as rodas do carro do progresso, que nos leva para diante.

Desde muitos annos, em alguns Estados da Norte America, as mulheres votam; de 1913 para cá o feminismo politico tem feito larga carreira.

Na Allemanha republicana, na Hollanda, na Austria, Dinamarca, Suecia, Noruega, Belgica, até em Costa Rica e Nova Zelandia a cidadã concorre ás urnas.

E na Belgica ultimamente, foi um bello espectaculo a votação feminina. Mesmo as freiras clausuradas sahiram dos conventos para votar, — cousas que o mundo viu pela primeira vez, julgo eu.

A rainha Isabel, em trajo simples, esperou a sua vez pela ordem, embora fosse convidada a votar primeiro. Ao depôr a cedula, deram-lhe um viva. Ella agradeceu, sorrindo, e disse, á despedida:

“Au revoir!” como significando; Cá estarei na proxima eleição!

Nosso Brasil imita sempre o que os outros civilizados fazem: (oxalá que só os imitasse nas cousas boas) e no anno passado o Sr. Justo Chermont apresentou ao Senado Federal um projecto, concedendo ás brasileiras o direito do voto. Mas o projecto cahiu. Este anno voltou á carga o Senador Fontes Junior, no Congresso Constituinte de S. Paulo, e não foi mais feliz.

Entretanto a idéa está lançada, e mais dia menos dia receberemos a funcção eleitoral, fiquemos certas disso.

O voto feminino foi combatido com ardor, se não publica e francamente sempre, ao menos em arenas estreitas e de pouca repercussão; cahiram-lhe em cima petardos e balas de todos os calibres, em fórma de objecções.

No parecer, favoravel, dado pela Commissão que estudou o projecto no Rio de Janeiro, e da qual foi relator o Sr. Lopes Gonçalves, vem algumas dessas objecções. Começando por allegar que, outorgadas á mulher brasileira faculdades politicas sem as obrigações correlatas, ella terá mais uma vantagem sobre o sexo masculino, diz o relator:

“Poderá a mulher ser chamada ao serviço do Exercito e da Marinha, combater em defesa da Patria no tombadilho ou na torre dos navios, nas fileiras da Cavallaria, da artilharia e da Infantaria como de todo brasileiro exige o art. 86 da nossa Constituição?

“Poderá, montada a cavallo... subir e descer pelas rochilas, vadear rios e lagôas... e dar uma carga cerrada, o mais perigoso e difficil dos movimentos de cavallaria?

“Poderá manobrar os pesados engenhos ou peças de artilharia... operar com os formidaveis “tanks”?

“Poderá ainda, de calça ou de saia, mochila ás costas, pesado fusil ao estreito e debil hombro, pernas apertadas com sapatos de couro grosso, duro “kepi” a resguardar sedosos cabellos, caminhar... ao rigor do sol e da chuva... padecendo muita vez o supplicio da sede e o flagello da fome?

“Mais ainda: conforme o n. 3 do art. 70 da Constituição, o homem soldado, a praça de pret não é alistavel como eleitor. No entanto a mulher, que não poderá pagar nas fileiras do Exercito

e da Marinha, o tributo de sangue... gosará, em toda a sua plenitude, desse direito?

“Nestas condições a idéa em discussão... não será anarchisadora e violenta?”

A essas objecções, que aliás se resumem n'uma só: — a mulher não pode ser soldado —, dá o autor do parecer, como resposta unica, o exempló dos paizes estrangeiros, que crearam leis ou reformaram a sua Constituição, para nella introduzir esse alargamento moderno.

Mas o autor do magnifico livro *Feminismo e acção feminina*, (que aliás não é senão uma adaptação a Portugal e uma reproducção dos argumentos do livro de Max Turmann “Initiativas femininas” replica mais vantajosamente á objecção citada, de que a mulher, não podendo pagar o tributo de sangue, não deve ser agraciada com o direito de voto.

“Prefiro perguntar, diz elle, se a maternidade não pode e não deve ser considerada, sob o ponto de vista patriótico, o equivalente do serviço militar, e se não deve haver-se por quite do tributo de sangue quem, no meio das dores, gera os futuros soldados da Pátria. E ainda ousa perguntar se o direito do suffragio deriva do pagamento daquelle tributo; então ha que recusalo a todos os que não passaram pelas casernas.

“Não se recusa o eleitorado ao enfermo, ao estropiado, ao inutil, e recusa-se á mulher?...”

Outra objecção de valor seria a desfeminilisação da mulher, e a desordem que causaria, no lar, o seu comparecimento ás urnas.

Responde a esta, a brilhante “Revista Feminina”, de S. Paulo, que tereis lido:

“O acto simples... de levar uma cedula a uma urna eleitoral não vae, por certo, na meia hora que requer, anarchisar o lar e a familia. E entretanto, aquelle acto simples, — que se recusa ás mulheres, por mais illustradas que sejam, e que se concede a qualquer matuto, ao qual seu chefe politico ensina a geratujar o nome em troca de um par de sapatos ou de um terno zuarte, tem em mãos de espiritos que pensam e sabem discernir, a eficiencia

das forças occultas, que, sem se deixarem perceber, são capazes das mais imprevistas mutações de scena.”

Chamo a vossa intelligente attenção, minhas patricias, para o final deste topico. Ahi está o amago da questão, a razão de ser da importancia do voto feminino na epocha actual.

Das urnas eleitoraes sae o governo, sae a lei, sae o destino das nações, no dominio da paz.

A eleição é, portanto, uma responsabilidade tremenda e não simples jogo de astucias politicas.

Nas eleições trata-se de construir ou de conservar, ou de reconstruir a Patria.

Por isso admirei a largueza de vistas com que o Sr. Woodrow Wilson, nos Estados Unidos encarou a questão feminina, dando-lhe o seu apoio, e “precipitando assim a corrente em prol das propagandistas americanas”, como nota muito bem o Sr. Lopes Gonçalves.

“Li vossa mensagem com o mais vivo interesse, disse elle ao Senado em 1919, e felicito-me desta oportunidade para expressar, sem reservas, que a plena e sincera reconstrucção democratica do mundo, pela qual combatemos e que estamos resolvidos a levar até o fim, custe o que custar, não será completa ou adequadamente attingida sem a admissão da mulher ao suffragio, e que unicamente com esta medida poderão as nações realizar, em beneficio das gerações futuras, a plena força ideal da opinião, ou a plenitude das acções humanas!”

Esta sim, minhas senhoras, que é uma razão fulgurante e altamente honrosa para nós.

“Em nossa visão dos negocios, continua Wilson, necessitamos, como nunca temos necessitado, da sympathia e clarividente instincto moral das mulheres do universo”.

Elle diz “do universo”; portanto... nós tambem estamos incluídas nesse grupo.

“... Acredito (é ainda Wilson que fala) que a nossa segurança, nestes dias agitados, tanto quanto o comprehender dos assumptos que affectam profundamente a sociedade, dependerão da participação directa das mulheres, e da sua autoridade em nos-

sos conselhos. Precisamos do seu criterio moral para prescrever o que fôr justo, delicado e digno, em nosso systema de vida, assim como para descobrir algo que deva ser reformado e purificado. Sem os seus conselhos a nossa sabedoria não será completa.'

E esta? ... Sempre os "yankees" a aturdir o mundo com a ousadia das idéas novas... e em primeira mão!

Seja como fôr, não se pode levar mais longe o apreço á mulher. Exageração do estadista da Casa Branca? Talvez. Mas elle deve conhecer bem a norte-americana. E, agora, já não é a cidadã que pede, é o governo de um paiz liberrimo, que acha indispensavel o seu concurso para governar com acerto.

E nós, minhas patricias? Ah, nós ainda tomamos o caso por brincadeira. Rimos um pouco e buscamos mais que fazer.

Digamol-o com humilde franqueza; as brasileiras não estão preparadas para o exercicio do voto, se o voto vier. Quantas dellas, exactamente como alguns politicos barbados, não comprehenderão, tão cedo o valor das urnas para o levantamento da Patria?

E, quando formos eleitoras, ha de reinar tambem o systema da amisade, o partido dos amigos, não é provavel?... Estou a ver as nossas melindrosas, cabecinha annelada e faces côr de rosa, a perguntar aos namorados: — Em que candidato é que você quer que eu vote?

Outras sombras, ainda, pairam no meu espirito em relação á seriedade, á independencia, ao criterio da acção feminina brasileira em face das urnas; , como catholica sincera que me preso de ser, ao pensar nisso, vem refferver-me nos labios uma interogação angustiante: — Que vantagens trará aos interesse religiosos no Brasil, a entrada das mulheres na politica?

Trata-se de reconstruir a sociedade, mas impossivel é reconstruil-a sem Deus, e vejo claramente, muito claramente duas cousas: — 1.^a, que as senhoras catholicas piedosas entre nós, não se preocupam com os assumptos sociaes, e muito menos com a acção politica; 2.^a — que os ideaes feministas, aqui propagados e póstos em pratica, visam a terra, limitam-se á terra, começam

e acabam na terra. Quem ha de preparar o logar de Deus, — o Poder absoluto e supremo, — nesse novo dividir de lugares para o poder caduco e relativo, se nem umas nem outras se occupam disso, por descuidadas ou por hostis?

Esperam alguns que a concorrência da mulher ás urnas contribua para victorias do catholicismo, porque ella é mais religiosa que o homem. Ultimamente na Belgica, vimos o voto feminino dar grande maioria ao partido catholico.

Será sempre assim? A impiedade lavra, e a mulher a assimila, infelizmente, como assimila tudo. Não ficará impia tambem, não o está ficando já, para seguir a moda? Nós gostamos tanto de modas!

Todavia, não desanimar! Nunca os desanimados venceram, e nós, partidarios do Bem, precisamos de coragem para promover o triumpho do nosso ideal.

* * *

Depois da guerra parecia a todos que o mundo ia estender os membros fatigados num leito de paz e curar as suas feridas Engano. O mundo ainda não está farto de sangue e de revoluções. A corrupção enlameia tudo. Que fazer?

“Para grandes males, grandes remedios”, diz o brocardo popular. O grande remedio é a rechristianisação social. Se não a fizermos, cahiremos victimas de todas as miserias moraes que Satanaz inventa para escalavrar as nações que o Evangelho solidificou.

Referindo-se á religião como meio de solucionar os problemas actuaes da sociedade, fez o vigoroso jornalista carioca Soares d’Azevedo, na excellente revista “Vozes de Petropolis”, uma especie de resenha de opiniões abalisadas e doudas sobre quaes são as melhores armas a empregar. — A imprensa, dizem uns; a mocidade, affirmam outros; a familia; a mulher; o ensino do catecismo; os governos; cada qual indica o que lhe parece mais opportuno.

E o jornalista pondera: “Todas as boas armas servem, conforme as circumstancias”.

E' certo. Mas, em meu humilde entender, hoje como desde muitos annos, a mulher christã será a mola real do movimento salvador, se ella o quizer.

Está provado que a mulher é uma força; está provado que uma parte das mulheres intelligentes está-se a desviar do bom caminho; porque não cuidará a outra parte, a bôa, a sã, a catholica, que ainda felizmente é a maioria, de travar combate contra os 'elementos máos que corroem a sociedade, e impedil-os de predominar?

Porque não usará dessas armas, que Deus lhe metteu nas mãos, não para ficarem immoveis, como um trophéo pregado á parede, mas para defender, na acção, a causa do bem? Eis ahi o optimo feminismo!

Familia, catecismo, imprensa, mocidade, governo, tudo é dominio da mulher. Da familia é mãe e rainha; do catecismo deve ser mestra; da imprensa bôa pôde ser propagandista; da mocidade é e foi sempre educadora; dos governos pôde ser e muitas vezes tem sido intima conselheira. E, se fôr chamada á politica, maior campo se abre á sua influencia incontestavel.

Oh, eu quizera despertar todas as brasileiras catholicas, sacudir-lhes os nervos frouxos, arrancal-as á sua apathia criminosa e bradar a seus ouvidos: Levantem-se, minhas senhoras! levantem-se! venham lutar! Vamos reagir!

Não adeantaria nada com isso, bem sei. As velhas, incapazes de movimento, responderiam, gemendo as dores do seu rheumatismo: — Qual! não posso mexer-me! Que me importa a mim o dia de amanhã e o destino dos outros?... Já fiz o meu tempo! Sou bananeira que já deu cacho!

As moças, a saltitar, despreoccupadas, gorgeariam: — Ora! o que me ferve na cabeça não é feminismo bom, nem máo, nem cousa alguma destas. Cantanto que eu tenha um noivo... e bailes para dançar... e torça em partidas de foot-ball, não preciso de mais nada. Venha o mundo abaixo que pouco importa!

Natural. A cabeça das velhas pesa e se inclina para o tumulto, como a espiga cheia, esperando a foice do segador; a

cabeça das raparigas levanta-se ondulante, como a espiga vasia, que o vento faz girar para um lado e outro. Natural.

Resta a cabeça das mães, — a cabeça das boas mães, que pensam no futuro de seus filhos e desejam um lar para suas filhas.

Se as theorias contra Deus vencerem, esse lar não virá. Virá o divórcio, o amor livre, a mulher sem pudor, o homem sem delicadezas, a sociedade em frangalhos, tudo sem honra, porque tudo sem freio, e tudo sem freio porque tudo sem fé.

Semelhantes ao pilôto experimentado, enxerguemos a nuvem-zinha de tempestade que ameaça o azul do nosso destino; estudemol-a, não com desfalecimentos portadores de derrota, mas também sem illusões mentidamente tranquilisadoras.

Se nos quizermos alistar no feminismo, escolhamos o feminismo bom; aquelle que, promovendo interesses da vida material, não esquece os da vida moral.

Abram-se á mulher todas as carreiras compatíveis com as suas forças; dê-se-lhe a facilidade de preparar um futuro pelo trabalho bem remunerado, mas... oh!... que ella defenda o seu lar, como as abelhas defendem sua colmeia.

O lar!... o sacrario do puro amor!... a mais bella creação de Deus no Paraizo! a concha dessa perola que é a alma! escriptorio que guarda as tradições da familia e cujos sedimentos, crystallizados, são as tradições da Patria!...

A chave do lar é o espirito christão, que conserva, que purifica.

Ponde as figuras n'um quadro da familia, Senhores, como até hoje a temos visto: o pae, a mãe, as creanças, o avô, a avó... a mesa grande, pra dar logar a todos... as festas natalicias... as bodas de prata e de oiro, o aconchego, o cuidado, o carinho... Tudo isso desaparecerá, se o espirito christão desaparecer. Perca-se tudo, oh, sim! perca-se tudo, mas salve-se o lar!... salve-se o amor!...

Não precisamos de ser poetas para entender, para sentir a poesia da mulher, verdadeiramente mulher, com uma creança nos braços.

E' o maior encanto deste valle de lagrimas.

Não posso perdoar ao feminismo revolucionario a infeliz idéa de masculinisa-la, tirando-lhe a graça mimosa, a meiguice infantil, a innocencia angelica, fazendo della um arremedo do homem, um ser hybrido, quasi monstruoso. Isso é mutilar a alma social, e commetter uma profanação. Mais valeria pegar de um martello e partir as obras-primas da estatuaría e da pintura, despedaçar todos os primores da arte n'um vandalismo barbaro, do que privar a mulher dos seus encantos. Porque?... porque ficando poupada a casta belleza feminina, intacta ficaria a maior fonte humana de inspiração, e novos artistas surgiriam a repovoar de telas e marmores os salões e museus devastados, ao passo que nada poderia reanimar as estatuas vivas, que o mal entendido progresso social destruisse.

Depois de apagar a graça da mulher, o feminismo insensato apaga a doce figura da creança nos braços de sua mãe.

A creança!... Que destino será o seu, meu Deus, nos escombros do lar despedaçado!... Quem lhe porá estrellas de beijos na cabecinha irrequieta, quem a ensinará a amar, se o amor casto e firme desaparecer, ficando em logar delle... um interesse brutal e passageiro!...

Por amor á creança devem cahir os castellos todos de ambições femininas, por mais mirabolantes que possam ser.

E' no regaço da mulher que está o mundo de amanhã; ou o mundo esphacelado, ou o mundo reconstruido.

Essa reconstrucção não se fará, como julgá Wilson, unicamente pela democracia, mas principalmente pelo espirito christão; e, se querem o governo do povo pelo povo, não esqueçam que o christianismo é a mais segura e perfeita das democracias.

Defenda a mulher seus direitos legitimos e justos, muito bem; cerque-se de garantias, porém que tudo isso tenha um eixo fixo—a fé religiosa; uma recta geratriz:—o seu dever de companheira do homem e mãe de familia, missão para a qual Deus a creou.

Ouvindo ha pouco tempo uma pianista a fazer variações

sobre não sei que thema classico, disse ao meu ouvido alguém, **com muito humorismo:**

—Se ella não accentúa a nota principal faz barafunda. }

Mas a pianista accentuou o thema.

Assim, nas variações da vida humana, deve soar limpida, inconfundivel, mais forte que as outras, para ser ouvida distinctamente, a nota principal, que é a da lei divina, superior a todas as leis; a lei que fez o lar e que não quer a sua destruição!...

* * *

Ficaria incompleto o assumpto desta palestra, em que a vossa paciencia colhe mais um ramo de loiros, senhoras, se deixasse em silencio a face da esperanza, depois da face das inquietações e receios.

Para concluil-a, demos um rapido olhar a esse lado confortador.

E' a visão encantadora que ha pouco entrevinios... a figura radiosa da esposa e da mãe christã, a erguer-se, a subir, toda de oiro, d'entre as caligens sociaes...

O' tu, que guardas no seio a mais rica de todas as riquezas, a vida, a alma da humanidade, sê bemdita, esposa e mãe!...

Que sublime que és, ainda mesmo dentro dos farrapos da pobreza, e tanto mais sublime quanto mais sacrificada!... Choras? Teu pranto é um orvalho que Deus faz cahir, gôta a gôta, sobre as pedras do mundo, para que dellas rebentem flores.

Bemdita sejas, mãe christã!...

E a visão sóbe ainda mais... e se destaca mais resplandecente, mais soberana, e toma fórmas celestiaes. Saudae-a de joeihos, senhoras! é a Rainha das Mães, que sustenta nos braços a Crença Divina, e a ergue acima das edades, acima do universo, e diz:

—Eis aqui o Senhor das Nações! Vinde a Elle, porque só Elle pôde salvar!...

Olhemos para os seculos preteritos. Aclara-os todos a mesma

visão deslumbrante. Grandes mulheres, glorias do lar, florões immortaes da Egreja Catholica, passam ali magêstosas, n'uma procissão de luz. Vêde-as, aclamae-lhes os nomes: Symphorosa, a mãe de sete martyres; Monica, a mãe de S. Agostinho; Branca de Castella, a mãe de S. Luiz, rei de França; Margarida, a mãe de D. Bosco; a mãe de Lacordaire, a mãe de Lamartine, a mãe de Gounod; a mãe de Pasteur...

Impossivel contal-as. Ninguém conta as estrellas!

Desçamos a altura das celebridades historicas e gloriosas. Em redor de nós, quantas brasileiras, matronas da antiga tempera, simultaneamente austeras e meigas, não têm dado ao Brasil grandes filhos, — grandes pela virtude e pela honra!...

Oh, forte ensino antigo, ainda não estragado pela futilidade e indifferença! Oh mães venerandas, em cuja alma se depositara, como em redoma de crystal, residuo da fé, trazida d'aquelle christianissimo reino e nação, cujo sangue lhes enrubescia as veias — o sangue portuguez!...

Mergulhar em Deus é levantar-se para ás culminancias do bem, e o homem que se inspira no alto não se rebaixa nunca ao misero papel de alavanca do mal; bata-lhe a onda da paixão, embora! mantêm-se firme, de cabeça erguida, em cima da rocha dos principios eternos, que conhece, que adopta e que ha de respeitar até á morte.

E quem implanta esses principios é, antes dos mestres, a mãe; ella é que os cultiva e resguarda, para que ninguem se atreva a arrancal-os.

Tão claramente o comprehenderam as seitas adversas á Egreja Catholica que um dos seus adeptos exclamou, em certa reunião em que se concertavam meios de combate: "Em quanto não conseguirmos fechar a bocca ás mães christãs, não acabaremos com o christianismo."

Fechar a bocca ás mães christãs!... Não! ellas hão de falar, até que deem o ultimo suspiro.

Calam-se, é verdade, algumas medrosas ou simplesmente levianas, porém ha modernas heroínas do dever que igualam as antigas na resistencia aos inimigos de seus filhos.

Quereis exemplos? Temol-os de hontem. Ao troar da guerra, nessa nobre terra gauleza, onde as almas femininas parecem talhadas em bronze, houve factos comoventissimos de fortaleza maternal, dignos de immorredoura lembrança.

Certa instituição, (lemos no jornal "La Croix") sob o título "Fraternité Franco-américaine" distribuia soccorros.

Viuvias pobres, cujos maridos tinham cahido nas linhas de fogo, recebiam cartas, mais ou menos do teor seguinte: "Madame, se quereis soccorros da Fraternité-américaine des enfants de France, retirei vossos filhos da escola christã e mandae-os á escola leiga".

Porém ellas, heroicas, respondiam: Não mercadejamos com alma dos nossos filhos!..." E ficavam sem os soccorros, de que tanto careciam.

Na Italia é a Marqueza Patrizi, que em nome das senhoras italianas levanta um energico protesto contra as injustiças atiradas ao Santo Padre, por causa da invocação Regina Pacis, introduzida nas Ladainhas laurentanas, e diz o Sr. Orlando, presidente do ministerio:

"A "União geral dos professores italianos" diffundiui umas listas para serem assignadas pelas mães italianas, reclamando contra os jovens arditosamente subtrahidos á guerra. Adherimos a essa reclamação... porém o que vem ahi a mais rejeitamos-o.

Ahi se impropera o Soberano Pontifice, desacata-se a Igreja Catholica, inserem-se allusões sacrilegas ao nosso divino Redemptor.

Protesto contra isso, em nome das mães italianas que são crentes.

As mães italianas catholicas, e são milhões, cumpriram, cumprem e cumprirão o seu dever, até os sacrificios mais doloços: não toleram, porém, que se erga um punhado de sectarios a falar em nome dellas, attribuindo-lhes sentimentos em tudo opostos aos que as animam".

Isto é o que se chama falar sem medo. Eis ahi a mulher christã, de pé firme e rosto desassombrado, velando pelo thesouro inestimavel que Deus lhe confiou: a alma de seus filhos!...

* * *

Vinde agora vós, corações de mães bahianas, não menos nobres e valorosos, vindo unir a vossa energia a essa corrente de energias maternas.

A vós, no ultimo resoar desta descolorida palestra, e a todos os amigos do bem que trouxeram a fidalguia de sua presença e a gentileza da sua dadiva para a Congregação Mariana Acadêmica, um sincero render de graças por tão nobre gésto, e, a seguir, um appêllo ardente, desses appêllos que tanto mais reforçados brotâm quanto maior é a confiança que os enseivã.

A Congregação Mariana Acadêmica... deixae que o repita, é um collar de perolas!... é uma grey de cordeiros mansos, que amoroso pastor leva a retouçar em pradarias avelludadas e reconduz depois á herdade, contentes e sem remorsos.

E quem arranca essas perolas ao fundo do mar, quem leva esses cordeiros á leziria divina?...

Os benemeritos Padres da Companhia de Jesus!

E aqui tendes agora, no final do meu discurso, uma barra de luz viva, como a purpura em chama do sol-pôr, batendo em vidraça de velha ruína...

Os Padres da Companhia! Haverá brasileiro culto e digno de sua patria, que não se curve respeitoso e grato deante desses gigantes, que de novo trazem ao Brasil a riqueza nababesca de suas virtudes, cada vez mais emmolduradas na corôa de espinhos do soffrimento?

Inesperada borrasca atirou-os do Tejo para as nossas plagas hospitaleiras. Pisaram terra extranha? Não! terra conhecida, terra amiga, terra irmã da que deixavam. E porque portuguezes, e porque jesuitas, encontraram no coração brasileiro as mesmas vibrações que traziam no seu, para o acorde harmonico do affecto vincadamente fraterno.

Que saudade que a Bahia teve delles por um largo seculo!... Tudo nos recordava o seu nome; a augusta Cathedral, que foi o collegio onde ensinaram; os templos que ajudaram a construir: os pulpitos d'onde Vieira arrojava o seu verbo de fogo, a pro-

pria cadeira modesta em que Vieira se sentou, e a pequena pedra, encarregada, ha poucos annos de falar d'elle aos que passam.

Interrogue o sertão... até os confins do paiz... as grotas do Amazonas ou do Paraguassú... quem sabe se lá não echôa ainda o gemido plangente dos primeiros bandeirantes da cruz, que lhes romperam a escuridão?...

Na lombada das serras, nalgum valle que tenha sido taba gentilica, nalgum tronco de arvore secular, nalguma frecha enterrada no solo ou conservada em qualquer museu, examinae se não ha, decifraaveis ainda, marcas de suor e de sangue... suor e sangue da Companhia de Jesus, derramados pela civilização do Brasil?

Nada achareis, talvez, na gleba insensivel, que o sol resécca e a chuva lava, que não tem memoria nem voz.

Mas no coração dos brasileiros, que tem memoria e tem voz, achareis insculpido o nome da *Companhia de Jesus*, — vulto beneficamente principal em nossas tradições historicas, como chronologicamente primeiro foi o da milicia Franciscana, cuja mão gloriosa elevou, entre o verde selvagem dos nossos palmares, a brancura da Hostia Sacrosanta.

Agora regressaram á Bahia os Filhos de S. Ignacio. Em vez da setta ervada, que os espreitava por traz dos ramos, são braços amigos que os acolhem; são creanças que tagarellam a seus ouvidos e lhes querem bem; é uma pleiade amavel de rapazes que bebem de seus labios o ensino da verdade; é um grupo de mestres e cultores da sciencia que os admiram, e lhes apertam as mãos em cordeal sympathia.

E peço venia para notar que, nessa aproximação espon-tanea, dão os scientistas bahianos a medida do alto valor moral, que lhes realça o brilho.

Fossem pequeninos, e um dárdo de inveja haviam de cravar no peito dos que entre elles se atravessera a refulgir. Oh, mas são grandes e, como taes, sabem avaliar e horrar a grandeza alheia, mesmo escondida na humildade de uma tunica Sacerdotal.

Formaram, pois, os educadores Jesuitas na Cidade do Salvador um laboratorio celeste, em que, alchimistas felizes, conseguem fazer ouro nas almas de seus jovens amigos: o ouro da virtude, o ouro do character, o ouro da coragem para as luctas titanicas da vida.

Deixando ás outras obras em favor da juventude, aqui felizmente prosperas, um ambito de alistamento mais vasto, a associação que tem por séde o Collegio Antonio Vieira attrae de preferencia os Estudantes das nossas Escolas Superiores, que procuram a sciencia da terra, e a quem o director da Congregação Marianá atira em cheio na sciencia do céu.

Ser obra de grande alcance e inadiavel oportunidade, não o contesta ninguém. Está crescendo, e moralmente já tem dado fructos esplendidos, mas... faltam-lhe os meios materiaes para fazer um bem maior. Deseja adquirir um predio, que sirva de nucleo central aos academicos marianos: pensão que os isole de companhias perigosas; salas de estudo e recreios; bibliotheca, um pequeno terreno para jogos e exercicios physicos, tudo, emfim, quanto a juventude requer para o seu desenvolvimento integral, equilibrado e feliz.

Uma *Associação de Senhoras Pró-Marianos Academicos* está á frente dessa campanha difficil. Difficil, porque nem todos a comprehendem. Julgam-n'a, á primeira vista, uma obra de protecção vulgar, e até desnecessaria. Todavia, o Comité de Senhoras não esmorece. Tendo por presidente Mme. Baptista Marques, vice-presidente Mme. Theophilo Falcão, thesoureira Mme. Maria Olympia Matheus dos Santos e por auxiliares vinte e tantas senhoras da nossa boa sociedade, espera obter pouco a pouco os recursos indispensaveis para chegar ao fim collimado.

Será utopia acreditar na realização dessa idéa, que o Exmo. Sr. P. Cabral, director da Congregação, entrega, cheio de confiança, ao coração piedoso das senhoras bahianas?

Será possivel que a *Bahia-mater*, sempre magnifica até o heroismo, deixe cahir no vasio, sem resposta, o desejo do Sr. P. Cabral, que ama a juventude bahiana como as pupillas de seus olhos?

Haverá coração de mãe que se enterre em gelo, e recuse a honra de concorrer para essa obra preservadora?

Não! nós, que aqui estamos, somos a prova-viva de que não sómente applausos e palmas queremos dar ao grande orador, mas também auxilios praticos á sua empresa especialmente querida.

E agora o meu appello ardente, a vós, senhoras, e sobretudo a vós, mães!...

Fazei a propaganda efficaz da obra excellente que hoje viestes proteger. Communicae-a ás vossas amigas. Dizei-lhes o nome acatado da nossa digna Thesoureira,—D. Maria Olympia Matheus dos Santos, que agradecida receberá qualquer moedinha, portadora de esperança. E' verdade que os tempos correm desagradaveis, mas o merito do bem está na razão directa do sacrificio.

Lembrae-vos da caverna onde o monstro do mal estende os seus tentaculos de polvo, para sugar o sangue fresco e vivo da juventude,—essa *jeunesse dorée* que está pedindo que a devorem.

O dragão lá está, horrendo, glutinoso, insaciavel. Elle quer o sangue, a vida, a alma do commercio, a alma do governo, a alma do lar, a alma das almas—a fé christã!...

Porém nós mulheres catholicas, não devemos consentir que elle devore a geração nova de nossa terra!...

Mães amorosas, isso é tarefa perfeitamente vossa. Como defendeis a existencia physica de vossos filhos!... como choraes quando elles choram! como agonisaes quando elles agonisam! como morreis de dor quando elles morrem!...

Collocou Deus junto de nós um espirito de luz invisivel, que a pintura e a esculptura representam sob a forma de um bello adolescente, largas azas brancas... olhos alerta... mãos estendidas... detendo uma creança,—a alma humana—a cujos pés se rasga um precipicio fundo,—a caverna do mal.

Em forma visivel, para o menino, o Anjo da Guarda é a sua mãe; para o joven, já fóra do abrigo materno, á beira dos abysmós do mundo, o Anjo da Guarda é o sacerdote, é o Director, —qualquer que lhe seja o nome,—de uma Congregação Mariana; é a voz de Deus na bocca de um homem, revestido da auctori-

dade divina, sim, porém homem também, capaz de entender o coração do joven, de ouvir-lhe segredos que ás vezes sua propria mãe não pôde ouvir... de mostrar-lhe ciladas que a sua mãe nem sempre lhe pôde mostrar, porque não as conhece.

Oh, se a mãe conhecesse todos os perigos que ameaçam seus filhos, como lh'os evitaria corajosa, mesmo á custa da propria vida!

Não me pôde esquecer o lance maravilhoso d'aquella camponeza florentina, historia ou lenda, não sei, mas linda, linda e commovedora.

Passava pelas ruas da cidade das flores um leão solto da jaula. Passava feroz, irritado, guloso, de bocca escancarada. Fecham-se portas, corre o povo, espalha-se o panico, é tudo terror. E o leão salta, esbravejante, de olhos vermelhos, sacudindo a juba. Eil-o que desemboca n'uma rua, cheia de gente. Fuga, correria, alarido... Vem uma pobre mulher com um filho nos braços. Na precipitação da fuga, tropeça, cae, larga dos braços o menino; o leão dá um pulo, agarra-o nos dentes e corre.

O povo estremece e fecha os olhos, n'um arrepio de horror.

Mas a mãe não calcula o perigo de ser victima também; corre atraz do leão... adeanta-se... põe-se-lhe em frente... estira os braços e grita, louca de dor:

—Leão, solta meu filho!... solta meu filho, leão!...

E agarra a juba da féra com os dedos nervosos...

O leão estaca... o povo todo treme, offega, nesse momento de suprema expectação. E, como domado, o leão abre as fauces, deixa chir no chão a creança, e depois, de cabeça baixa, continua a fugir.

Florença inteira devia ter vibrado, acclamando esse prodigio de amor maternal, que scintillou como fogo nos olhos de uma fraca mulher e hypnotizou e venceu o appetite voraz do animal sanguisedento.

Assim também arrancam as boas mães ao perigo da morte a alma de seus filhos.

Rainhas do lar bahiano, senhoras intelligentes de minha

terra, ahí tendes um ramo do feminismo são e patriótico,—a obra da preservação da mocidade e da família futura.

Em quanto rugem lá fóra o feminismo desenfreado e o bol-schevismo destruidor da ordem social, o vosso coração é aqui, na Bahia, uma arca de oiro, a fluctuar nas aguas desse diluvio de males, guardando em si o deposito do antigo amor *purissimo* e das virtudes domesticas de nossas venerandas avós.

Pois bem! nada mais opportuno, nada mais util, nada mais bello do que ajudardes a cinzelar almas juvenis, na grey dos Marianos Academicos.

Quem sabe se entre elles, hoje, amanhã, ou d'aqui a dez annos, não se contarão filhos vossos?... Protegei-os, senhoras, porque, homens de sciencia e de character sem jaça, elles em breve serão outros tantos blócos de marmore e granito e bronze para o monumento da grandeza da patria querida, para reconstrucção moral do Brasil!







3 0112 044107719